

REVISTA LUSITANA

Arquivo de estudos filológicos e etnológicos
relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Director do Museu Etnológico Português

SUMÁRIO

Artigos desenvolvidos:

Introdução a lições de Filologia portuguesa — por D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, 5.

Retalhos de um adagiário — por José Maria Adrião, 31.

Amostra de toponímia portuguesa — por J. Leite de Vasconcellos, 58.

Tradições populares de Santo Tirso (continuação) — por Augusto C. Pires de Lima, 64 e 223.

Textos antigos portugueses — por J. J. Nunes, 89.

«Ex-Libris» manuscritos — por J. Leite de Vasconcellos, 146.

Falar do povo — por Claudio Basto, 209.

O trovador Martin Soares e sua família — por Pedro d'Azevedo, 246.

Turquel folclórico — por José Diogo Ribeiro, 280.

Enquisas onomatológicas — por J. Leite de Vasconcellos, 318.

Miscelanea:

Sobre «cabaça», «calabaza» — por Vicente Garcia de Diego, 262.

Epitáfio gracioso — por J. Leite de Vasconcellos, 203.

«A fé é que nos salva e noção o pau da barca» — por José Monteiro, 337.

Casos de prolepse fonética — por João da Silva Correia, 338.

Alguns espécimes de calão académico — pelo mesmo, 339.

Bibliografia:

- I. Livros: — *Sintaxe histórica portuguesa*, 204. — *Aula da natural invenção*, 000.
II. Várias quedam: — *Convergentes e divergentes*, 208. — *Crónica da ordem dos frades menores*, 208. — *Notas Vicentinas*, 346. — *O laço «Leonoreta, fin rosetas» e as origens do «ufj. «fin»*, 346. — *Notas sobre cantares e vilancetes peninsulares, e a respeito de Encina*, 346. — *Formação popular de nomes de unidade*, 346. — *Tres cartas de Camilo*, 346. — *A linguagem de Fialho*, 347. — *Características da literatura portuguesa*, 347. — *História da literatura clássica*, 347. — *História da crítica literária em Portugal*, 347. — *Estudos de literatura*, 347. — *A poesia etíopea*, 347. — *Francisco de Rimini*, 347. — *O livro do Profeta Amós*, 347. — *A vingança de Agamemnon*, 347. — *Aula do físico de J. Ribeiro*, 347. — *Livro da Montaria» de El-Rei D. João I*, 347. — *Contribuição para o estudo antropológico dos indígenas de Moçambique*, 347. — *O vilancete de Camões d. «Senhora dos olhos gonzalves»*, 347. — *A viagem de Anter. d. America*, 347. — *Pequena Antologia clássica*, 347. — *Alexandre Herculano*, 348. — *A Marquesa d'Alorna*, 348. — *Collecção de mss. inéditos da Biblioteca Municipal do Porto*, 348. — *O Renascimento em Portugal*, 348. — *A estrofe lúrica*, 348. — *Vida de Agripa de Tacito*, 348. — *História do Padre Antonio Vieira*, 348. — *Documentos inéditos sobre João de Barros*, 348. — *Estudios gallegos*, 348. — *Diccionario gallego-castellano*, 348. — *Elementos de gramática histórica gallega*, 348. — *Estudio critico-hist. de Galicia*, 348. — *Os mirages de Santiago*, 348.

LISBOA

LIVRARIA CLASSICA EDITORA

DE A. M. TEIXEIRA

17, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 17

1918

Outras obras de J. Leite de Vasconcellos

Tradições populares de Portugal, Porto, 1891	\$50
Poesia amorosa do povo português, Lisboa, 1890	\$40
Religiões da Lusitania, 3 volumes 1897-1913	8\$00
Ensaíos ethnograficos, 4 volumes 1891 (1911)-1910	3\$10
Esquisse d'une Dialectologie Portugaise, Paris, 1901	\$60
Estudos de Philologia Mirandesa, 2 volumes, Lisboa, 1900-1901	3\$00
Textos archaicos, 2.ª edição (esgotada).	
O Dr. Storek e a Litteratura Portuguesa, Lisboa, 1910 (esgotado)	1\$00
Lições de Philologia Portuguesa, 1 volume cartonado, Lisboa, 1911	2\$40
De Campolide a Melrose, relação de uma viagem de estudo (Filologia, Etnografia, Arqueologia), 1 volu- me, com muitas estampas, Lisboa, 1915	\$70
Historia do Museu Etnologico Português (1893-1894), 1 volume, com muitas estampas, Lisboa, 1915)	1\$20

A «Revista Lusitana» publica-se aos fasciculos, e saem qua-
tro por ano (21 a 22 folhas).

Preço da assinatura anual: Portugal e Hespanha 3\$00

Toda a correspondencia litteraria deve ser enviada ao dire-
ctor, **J. LEITE DE VASCONCELLOS**, R. de D. Carlos Mascare-
nhas, 4, Lisboa.

Toda a correspondencia relativa a assuntos economicos
(compra e assinatura) deve ser enviada ao editor, **A. M. TEIXEIRA**,
Praça dos Restauradores, 17, Lisboa.

REVISTA LUSITANA

TIPOGRAFIA DE «SEQUEIRA»

114, Rua de José Falcão, 122

— PORTO —

REVISTA LUSITANA

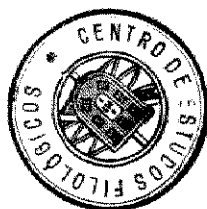
Arquivo de estudos filologicos e etnologicos
relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Director do Museu Etnologico Português



VOL. XXI

LISBOA
LIVRARIA CLASSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA
17, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 17
1918



REVISTA LUSITANA

VOL. XXI

1918

N.^{os} 1-2

INTRODUÇÃO

A

Lições de Filologia Portuguesa

NA

Universidade de Coimbra

Curso de 1917-1918

I

Na série de prelecções que terei de fazer nesta aula (às segundas e terças-feiras, das duas para as três da tarde), para os estudantes e estudentas do primeiro ano, tratarei, conforme sabem, de *Filologia portuguesa*. Mais exacto, mas menos aparatoso, seria dizer *da língua portuguesa* — visto que a história da *literatura* — essa talvez melhor das cinco belas artes — que constitue parte igualmente importante da *filologia portuguesa*, é ensinada separadamente. — A vastidão da matéria obriga a tal bipartição, aqui e em todas as Universidades. E exige (ou exigiria) que não se dedicasse a cada uma das partes, apenas *um* ano, de escassas sessenta horas. Para que o professor expusesse, concisamente, os assuntos principais, seriam precisos, pelo menos, três anos sucessivos. Nisso concordam todos os lentes e todos quantos estudiosos já terminaram o seu Curso. Mas por ora o Govêrno não quis saber de reformas e mantém os programas que foram elaborados quando se criou a Faculdade de Letras. Será preciso caminharmos muito de pressa, trabalharmos muito, para num ano tratarmos da história, as origens, as fases e as tendências da língua ¹.

¹ P. S. Quanto à *literatura*, já se emendou o *erro*; quanto ao ensino da *língua*, está a tratar-se de o modificar.

Sua *língua pátria* — a *língua materna* de todos quantos frequentam estas aulas.

Não me surpreenderia que muitos, que mesmo todos estranhassem o meu modo de ver, e considerassem a principio desnecessária a reaprendizagem ou a continuação da aprendizagem de uma língua que falam desde o berço e que já os ocupou, indirecta e directamente, durante longos anos, em aulas primárias e secundárias.

Vou tentar dizer-lhes hoje, em duas palavras, em que sentido eu julgo útil, necessário mesmo — e o conselho de Instrução também julga necessário — que os *Acadêmicos* continuem a occupar-se da delicada e bela língua vernácula que em sete séculos de vida literária produziu obras-primas, em prosa e em verso, desde as singelas *baladas* em estilo popular de *Sancho o Velho* — pela *Menina e Moça* de Bernardino Ribeiro e a *Epopeia Nacional* — até os versos líricos de João de Deus, e os filosóficos de Antero de Quental.

*

Quem sai do Liceu e entra na Universidade, com o fim de passar de estudante a *mestre*, precisa de reaprender português por um processo muito diverso do que empregou até hoje; e com fins diversos também.

Até hoje os senhores se occuparam da língua pátria, *empiricamente, praticamente*. — Sem objectivo *científico*.

Em pequeninos a aprenderam pouco a pouco, imitando, reproduzindo a custo e de vagar, balbuciando, e sem consciência, aquilo que ouviam da boca da ama ou da mãe, suas protectoras e mestras naturais.

Depois, nas aulas (quer particulares, quer públicas) cultivaram a fala materna *sistematicamente*, isso sim, mas também só *empiricamente*. Por meio de leituras e de exercícios de redacção, consultando dicionários (êsses campos santos das línguas, tão cheios de vida) afim de conhecerem termos novos, mas sobretudo decorando regras gramaticais a respeito de géneros, plurais, gradações, e fixando *paradigmas* verbais e nominais é que alargaram cada vez mais seu tesouro vocabular e familiarizaram-se com as construções sintácticas mais complicadas, empregadas em obras literárias. Alguns chegaram seguramente a escrever bem, estilizando com arte e engenho, erguendo a pequenas obras-primas a expressão dos seus pensamentos e sentimentos.

O estudo de línguas estrangeiras, sobretudo do *francês* e do

latim, que são (como os professores lhes disseram ou como individualmente reconheceram) intimamente aparentados com o português, contribuiu também para chamar a sua atenção para alguns problemas linguísticos.

Em todo o caso, o ensino escolar, tanto primário como secundário, foi e é sempre e em toda a parte (porque deve sê-lo) essencialmente *prático* e *pedagógico*.

Nele determina-se sobretudo o que se deve dizer — e o que se não deve dizer hoje em dia — por convenção dos sábios e segundo o exemplo dos bons autores.

Encarada assim a *Gramática*, o estudo da língua é árido; parece ser uma colecção de regras arbitrárias, restringidas por excepções mais arbitrárias ainda. Não é verdade?

Bem sei, que há mais de uma gramática pedagógica, de ensino secundário, que não se circunscrevendo em mera fixação de regras, passa a motivá-las, por ex. a de Epifânio da Silva Dias, e também a do Director da nossa faculdade; mas ambas são pouco usadas nos liceus.

Pois bem, nesta terceira fase da sua aprendizagem do português, proceder-se há de modo diferente. De *pragmático*, *empírico*, *prático*, o ensino passará a ser científico; isto é, *documentado*, *comparado*, *histórico*, *evolucionista*.

Retrocedendo aos primórdios da língua, à fase mais arcaica em que se escreveu, e às fontes do vocabulário e da morfologia, procuraremos a razão de ser de cada regra e de cada excepção, a origem ou *etimologia* — isto é a forma matriz e o significado verdadeiro de cada vocábulo.

Lendo textos dos primeiros séculos da língua afim de os senhores conhecerem êsse estado originário e os estados intermédios entre a língua latina e o moderno português; vertendo êsses textos, ora para latim (bárbaro e vulgar embora), ora para os modos de dizer de hoje; transcrevendo-os, primeiro diplomaticamente, sem alteração, e depois criticamente, resolvendo as abreviaturas, separando os vocábulos e pontuando racionalmente as proposições não elucidadas por êsse auxilio nos pergaminhos vetustos; passando em seguida a intepretá-los, fixando tanto as evoluções fonéticas como as transformações de sentido e de função, por que grande parte do vocabulário latino, ou de origem não latina, passou; apurando a razão porquê certa minoria quási se não alterou (minoría composta de vocábulos de construção singela e sólida, e de significado também singelo e permanente); considerando, numa palavra, os fenómenos linguísticos

sob o duplo aspecto que a linguagem humana tem: o *fisiológico* (acústico, mecânico ou material), e o *psicológico, ideológico* ou *espiritual*, é que insuflaremos vida nova, alma nova à velha Gramática.

Quanto ao português, chamo desde já a sua atenção para isto: que os legítimos textos arcaicos não são uma floresta *oscura, selvaggia ed aspra e forte*, uma série de vocábulos raros e complicados, entrelaçados em construções bárbaras, como aquelas *Relíquias* apócrifas e artificiosíssimas que durante séculos passaram por obras dignas de fé, de um Egas Moniz Coelho e Gonçalo Hermiguez.

Numa balada de Sancho I, composta antes de 1200, uma das mais antigas poesias trovadorescas de Portugal, de deliciosa cadência rítmica, há apenas umas vinte e tantas palavras diversas, todas elas singelas quanto à forma e quanto à essência, e que todas já eram então o que são hoje. É um fenómeno notabilíssimo, talvez único, não só quanto ao português, mas também em todos os idiomas neo-latinos.

Reparem bem! — Ela diz:

*Ay eu coitada! — Como vivo
en gran cuidado por meu amigo
que ei alongado. Muito me tarda
o meu amigo na Guarda!*

*Ay eu coitada! Como vivo
en gran desejo por meu amigo
que tarda, e non vejo! — Muito me tarda
o meu amigo na Guarda!*

*

Pelas evoluções históricas, que o método comparativo nos patenteará, havemos de reconhecer também as tendências características, os traços privativos, as criações nacionais do belo idioma, que nos serve de veículo, e é como sabem, um dos diversos descendentes ou ramos do latim. Ou melhor: uma das fases modernas da linguagem da antiga Roma, tal como a nação latina a empregava, familiarmente, quotidianamente, ou vulgarmente.

De meros *faladores e escrevedores*, os senhores devem passar a ser conhecedores e investigadores da língua portuguesa, e sobretudo (se eu conseguir o que pretendo) *amadores* dessa he-

rança preciosa dos nossos ascendentes e em geral da fala humana. Isto é *filólogos*.

Porque *filólogo* quer dizer isso: *amador da fala*, como expressão de ideias, desse património lentamente adquirido, que é o distintivo supremo do homem.

A êsse respeito convêm que eu dê uma breve explicação.

Filólogo e *filologia* são, como todos os termos gramaticais e a própria *gramática* (ou em geral, como toda a terminologia científica das linguas cultas), vocábulos gregos, compostos de dois elementos, ou de dois radicais. No nosso caso há os radicais *filó* e *lógos*. *Fil-* (phil- φιλ-, é raiz do verbo φιλεῖν=amar. *Log-* (λογ-) é raiz do verbo λεγειν= dizer, falar, e significa *palavra, fala*; mas principalmente a essência, a alma da palavra: a *ideia*, o *pensamento*, o *raciocínio*, o *intelecto* e o *espírito* ¹.

Mas já na Grécia—cinco séculos antes da era de Cristo—*filólogo* e *filologia* tinham evoluído. Tinham chegado a ter dois sentidos; um, *lato*; e outro *restrito*.

Em sentido restrito, que era o primitivo, anterior a Platão e seu mestre Sócrates, *filologia* era o mero amor da palavra, o gosto de falar, de conversar, ou de discutir. Em especial o amor da conversação e da discussão culta e espirituosa, como aqueles dois filósofos idealistas a praticavam, e com êles todos os Atenienses, os Atticos. A *filologia* deles estava portanto em oposição à *braquiologia* ou seja ao *laconismo* da gente de Esparta, ou da *Lacônia* ou *Lakedemônia* inteira.

Em sentido lato e derivado, que hoje todo o mundo liga à *filologia*, mas que também já lhe ligavam às vezes os dois Hele nos citados (427-547), *filologia* era *amor do logos* ou das sciências (todas) do espírito (*Geistes-wissenschaften*).

Praticamente *Filologia* é hoje aquela Faculdade ou Disciplina, ensinada nas Universidades, que em oposição à *Jurisprudência*, *Medicina* e às Sciências exactas, e a par da *Filosofia* e *Teologia*, abrange as manifestações do intellecto humano, *históricas* e *artísticas*, mas principalmente se cifra no estudo das falas humanas, dentro e fora das literaturas, êsses maiores e mais significativos monumentos de arte que o espírito do homem criou, e a melhor imagem dele.

Sciências *espirituais* no plural. — Tomem nota de que num admirável Manual moderno de *filologia* classica, seu autor, fran-

¹ P. S. Claro que dei exemplos de *filo-* e de *-logia*, citando e explicando *fil-an-tropia*, *filautia*, *hispano-filo*, *luso-filo*; *antro-pologia*, *ana-logia*, *fono-logia*, etc.

cês de nação, e hebreu etnicamente—, trata não sómente das línguas e literaturas da Grécia e de Roma, mas também inclui como sciências auxiliares a Bibliografia, a Epigrafia, a Paleografia, a Numismática, as Artes plásticas e pictóricas, a Arqueologia, a Topografia, Geografia, História política e a Música! Isto é: o conjunto do que entre nós, e em França, designam bem, embora vagamente, pelo nome de *Letras* ou *Belas Letras*—separando delas as *Sciências Históricas* e *Geográficas* que Salomão Reinach não separa delas ¹.

O primeiro cultor de sciências de espirito, que na antiguidades e deu a si próprio o nome de «Philologos», foi naturalmente um *Heleno*.

Talvez já conheçam o seu nome, pelo menos uma das suas invenções aritméticas: a tabela dos números primos (indivisíveis), porque é costume chamá-la *Cribrum Eratosthenis*.

Em Roma, onde os letrados adoptavam, imitavam e nacionalizavam admiravelmente tudo quanto os Gregos tinham inventado, o primeiro *letrado* que quis para si o título de honra de *Philologus* foi o Gramático *Ateius Praetextatus* ², mestre e amigo do historiador Salustio (2. P.)—Outros houve depois, em todos os grandes centros de cultura da Antiguidade. Sobretudo em Alexandria, refúgio dos perseguidos, como em tempos posteriores o foi a Holanda, e temporariamente a Inglaterra e a Suíça.

Nos tempos modernos houve eruditos, desde que, na época do Renascimento, se renovou o estudo das línguas classicas; isto é, depois de numerosos Gregos cultos terem emigrado para a Itália, fugindo de Constantinopla (Bizancio), quando os turcos a invadiram em 1453. Eles não se chamavam todavia *Filólogos*, tiveram e teem o nome de *Humanistas*: *homines humaniores*, segundo uma expressão de Cícero, porque se ocupavam do que é superior e distintivamente humano: o espirito exteriorizado.

Como disciplina e quinta Faculdade universitária, a Filologia não entrou nas Universidades senão muito mais tarde. Nesta nossa *Alma Mater* só entrou há seis a sete anos. Mas nos países cultos lá de fóra, tem já um século de idade.

¹ Salomon Reinach, *Manuel de Philologie Classique*, Paris, 1879 e 1907.

² Vid. Max Schmidt, *Realistische Chrestomathie* § 14 e 83, (1900). Esse *Eratóstenes* (375-194-A), bibliotecário do Museu de Alexandria, tinha entre os coevos vários cognomes honoríficos. O primeiro é *Segundo Platão*; outro é *Beta* (a segunda letra do alfabeto), por ele ser segundo—imediate ao primeiro—em todas as sciências que cultivava. Em terceiro lugar apelidaram-no *Pent-athlos*: atleta em cinco artes: *matemática, geografia, astronomia, filosofia e história*. Um verdadeiro *poly-histor*.

Ele matou-se estoicamente à fome, quando na velhice se viu ameaçado pela cegueira, como fez posteriormente Attico, o amigo de Cícero.

Foi em 1777 que na Alemanha, um estudante, que ulteriormente foi um dos cultores mais excelsos da Antiguidade Classica (*Friedrich August Wolf*, o que tratou do Problema **homérico**), se matriculou ou inscreveu em Goettingen, espontaneamente, como *Studiosus Philologiae*.

Na idade-média a lingua e a literatura *latina*, única que se estudava, constituíam tres das *Sete Artes Liberaes*.—Lembram-se seguramente de que a Música, a Astronomia, a Dialectica e a Rhetorica constituíam o chamado *Quadrivium*, ensinado depois da absolvição do *Trivium*, composto da Gramática, Aritmética e Geometria. A Gramática, a Dialectica e a Rhetorica, levavam o estudioso a ser bom *Latinista*.

Até 1800, claro que não houve senão *filologia* clássica: *greco-latina*. Desde então, desde o descobrimento espiritual da Índia, realizado pelos irmãos Schlegel (materialmente bem sabem que ela fôra descoberta cêrca de 1500 pelos Portugueses) é que principiou a *filologia* comparativa das línguas *áricas* ou *indogermanicas*, hoje um dos ramos mais importantes das sciências *espirituaes*. E com ela começou a moderna linguística ou glotologia geral. Pouco depois iniciou-se também a *filologia germanica* ou *Germanistica*, a *filologia cêltica* e a *Romanistica*—de que a *filologia* portuguesa é apenas uma oitava parte—mas para nós importantissima.

A *linguística* geral ou *glotologia*, avulta, como complemento *superior* do estudo especializado *das línguas*, agrupadas em famílias, ou de cada lingua por si. Seu assunto é a *fala humana*, suas *origens*, suas *evoluções*, sua *natureza* e suas *leis*, como distintivo supremo do homem; como criação artistica mais antiga, mais espontanea e mais constante do seu espirito, o qual elaborando-a, fazendo-a desabrochar e frutificar germes *inatos*, se fez colaborador da Providência.

É uma sciência relativamente *nova*, considerada como sciência *natural*, ao passo que a *filologia* ou *sciência das línguas* é histórica.

*

A respeito da fala humana, costume também apresentar aos meus alunos, na *Lição Inaugural*, algumas considerações: um breve resumo dos resultados a que os investigadores antigos e modernos chegaram. Dando-lhes assim uma vaga ideia da importância enorme da fala e da *escrita*, sua irmã mais nova como exteriorização por meio de senhas, de pensamentos e sensações

de alma, desejo despertar a sua curiosidade, chamar a sua atenção para os grandes *Enigmas* relativos ao mundo e ao universo. Com êsse mesmo fim dou ao fenómeno o nome de *Milagre do Verbo*¹.

Milagre, não o tomo no sentido de facto sobre-natural, *revelado* ou *inspirado*, mas no de *maravilha* e de *mistério*, ou de coisa de valia transcendental, [embora os germes da *palavra*, como tudo quanto existe, tenha, já o disse, origem *divina*.

E *Verbo*, tomo-o no sentido lato, em que por ex. na *Biblia* o empregou o tradutor do Evangelho de S. João, dizendo: *In principio erat Verbum—et Verbum erat apud Deum—et Deus erat Verbum*. Como tradução portanto do grego ἐν ἀρχῇ ἦν λόγος. Porque êsse *logos*, já o disse na explicação de *filologia*, significa o *raciocínio*, o *intelecto*, o *pensamento*, a *ideia*, o *espírito*. *Espírito* em oposição à *matéria*, ou como a qualidade mais sublime, a essência, a irradiação mais etérea e mais *divina* da natureza.

Ao *Milagre do Verbo*, à *exteriorização* de pensamentos e estados de alma, ligam-se naturalmente numerosos problemas, a que talvez nunca se darão soluções satisfactorias completamente, porque mesmo as mais fundamentadas não passam de conjecturas.

*

Quando, onde e como principiou o homem a *falar*? Existe a fala desde que existe o homem? Será ela verdadeiramente êsse milagre de Deus, tão poéticamente narrado na *Biblia*?—Será possível que dos nomes que Adão deu às cousas no paraíso, derivassem os dois mil idiomas que a humanidade hoje emprega? De que espécie é o nexo entre a coisa e o seu nome?

Já houve na antiguidade, na Judeia, e na Grécia sobretudo, pensadores que reflectiram sôbre êsses enigmas. E algumas das suas definições são dignas de nota, cheias de engenho e arte.

Platão, o filósofo idealista, que quinhentos anos antes da era de Cristo, dedicou um Diálogo inteiro aos problemas linguisticos — *O Kratylos* — acreditava num simbolismo natural dos fonemas: o *v* por ex. caracterizava o movimento *volante*, o *l*, coisas e seres escorregadiços, labeis e *glissantes*.

Para Aristoteles os vocábulos eram *gestos audíveis*.

Heraclito tinha-os em conta de sombras das coisas, seu reflexo, sua projecção.

¹ Os autores principais que se occuparam de linguística são: *Humboldt* (Wilhelm von), *Geiger*, *Steinthal*, *Renan*, *Max Müller*, *Whitney*, *Saussure*.

Segundo Demócrito, êles são a resultante de mera convenção entre os homens (*thesis*).

Epicuro via na fala uma faculdade física tão natural e própria do homem (*physis*) como o ladrar é próprio dos cães, o cacarejar das galinhas, o mugir da vaca, etc.

Sócrates era de opinião que metade das palavras eram um eflúvio natural das coisas — sombra, símbolo, reflexo e imagem, — a outra metade era devida ao capricho do homem.

Os modernos entendem que o nexo entre o *sentido* e a *forma* é nunca necessário (nem mesmo sempre nas *onomatopaicas*, visto que elas são diversas nas diversas nações); mas nunca *arbitrário*, sempre *motivado*.

Definem a fala (conforme já disse) como exteriorização de pensamentos e sensações, por meio de sons.

Sendo *audível* e produto dos órgãos fonadores do homem — êsse *bicho da terra* vil, que fisiologicamente pertence ao reino animal — é portanto (dizem êles) um fenómeno natural, *fisiológico*.

Mas como o assunto consiste em pensamentos, ideias, sensações, estados de alma, e visto que os sons articulados que saem da boca humana e ferem o sentido da *audição*, impressionam certas células do cérebro que de novo os transforma em ideias, a fala é ao mesmo tempo um fenómeno espiritual, *psicológico*. — Um fenómeno físico-psicológico, e ao mesmo tempo uma instituição social de incomensurável alcance. Por meio dele entramos em comunhão com os nossos semelhantes. E transposta em escrita a fala é a memória do mundo, a base de toda a civilização.

Logo que houve *pensamento*, houve também fala, rudimentar embora. Um sem a outra, quer realmente enunciada, quer meramente *interior*, é impossível.

Mas para que houvesse ambos êsses fenómenos, foi preciso que no corpo humano, o cérebro tivesse chegado a um altíssimo grau de desenvolvimento; e êste só o pôde alcançar o homem depois de longamente haver praticado o andar erecto que o distingue do animal.

Todos êsses distintivos são o fruto de uma evolução lentíssima; são muito posteriores ao advento do *Homem* neste globo terráqueo.

Há respostas poéticas, teológicas, religiosas, e há respostas scientificas às perguntas sobre êsse *Advento*. — Mas umas e outras concordam num ponto: o *Homem* é a corôa da criação; é o último dos seres orgânicos que surgiram nesta terra.

Segundo a Biblia foi, ao cabo de seis dias de actividade criadora, que um acto espontaneo de Deus colocou Adão, pronto e perfeito, num jardim paradisiaco e ordenou-lhe que desse nomes às coisas. Segundo os elementos ministrados pela sciência moderna, que considera os dias do belo poema da criação do Mundo como simbólicos, o Homem surgiu num estado pouco mais que animalesco, rude e mudo, centenas de milhares de anos depois da existência do Cosmos.

É a concepção *evolucionistica*, esboçada por naturalistas eminentes como Lamarck, Lyell, Darwin; e elaborada pelo trabalho comum da anatomia comparativa e da embriologia, da geologia e paleontologia e da arqueologia, mas sobretudo da modernissima *sciência da enxada*.

Cuvier, o criador da anatomia comparativa e da paleontologia (1832), no século passado ainda dissera: *L'homme fossile n'existe pas*. E o grande antropólogo alemão Virchow não quis reconhecer ossos do Homem primitivo nos fragmentos de esqueleto, que nos seus dias, em 1856, foram encontrados num vale rhenano (Neander-Thal).

Mas quando, depois de excavações e achados casuais, se fizeram explorações metódicas das camadas sobrepostas que formam a crosta do nosso globo, o material demonstrativo da existência do homem, e da sua actividade em épocas remotas de que ninguém sonhava, multiplicaram-se constantemente.

Arrecadados em museus especiais da Alemanha, Inglaterra e França, foram estudados com tal persistência que a Sciência do Homem *prehistórico*, tem hoje cadeiras em numerosas Universidades dos países que citei, mas também na Bélgica, na Suíça e na América do Norte.

Os nomes do Belga Rutot, do Suiço Hauser, dos alemães Wilser, Klaatsch, Schwalbe, talvez sejam os mais conhecidos.

Os materiais colleccionados são plantas fósseis ou petrefactos, ossos de animais prediluvianos; pégadas deles, como vestígios da sua passagem por certos terrenos; fragmentos de esqueletos humanos; (esqueletos inteiros não apareceram ainda) instrumentos rudimentares de pedra e de osso (pontas de flecha, raspadeiras, martelos); outros de bronze e de ferro; e encontradas em camadas mais recentes, verdadeiras obras de arte pictórica.

As regiões exploradas com mais êxito, são na França, a *Dordogne*; na Alemanha o *Neanderthal* e *Heidelberg*, na Inglaterra o *Sussex*. As camadas geológicas de que se desenterraram ossos humanos pertencem todos à última das quatro épocas ter-

restres que os geólogos distinguem. — Mais exactamente à primeira metade dessa época *quaternária*, chamada interglacial, diluvial ou *Diluvium*, em que o aspecto do mundo era diferente do de hoje, o clima diverso, e diversa a fauna e a flora.

Na época anterior, *terciária*, de clima trópico, em cujo último estádio viveram o mastodonte, o mamute e mais animais monstruosos prediluvianos, ainda não se encontram vestígios humanos; mas muitos eruditos supõem que ainda se hão de encontrar.

Os cálculos sobre a duração de cada uma das quatro fases evolutivas do nosso globo, claro que não tem rigor matemático. Há até divergências notáveis entre erudito e erudito. Os mais moderados, dão às regiões dos esqueletos mais primitivos a idade de 25.000 a 150.000 anos, a que outros dão 700.000. As obras artísticas (pinturas em cavernas e sobre ossos de renas (rangíferos), feitas na idade neolítica, dão 10.000 anos, e desde já seja dito que os admiráveis artistas a que elas se devem, *pensavam* e *falavam* seguramente de há muito, e tinham um craneo volumoso, e dentro um motor de grande energia. Eram do tipo *Homo Sapiens* e não o *Homo Priscus* de Neanderthal e Heidelberg.

Todos quantos cultivam a Ciência do Homem Pre-histórico concordam em que esse, conquanto relativamente novo, e como já disse, último dos seres orgânicos, e até hoje ponto final nas evoluções cósmicas, é muitíssimo mais antigo do que se pensava até meados quasi do século passado. Os escassos 4.000 anos do Homem histórico e da sua cultura, foram precedidos de muitos milhares de anos do Homem pre-histórico. Se mesmo as obras da sua indústria e da sua arte, que a arqueologia pre-histórica revelou, são anteriores seis séculos pelo menos às pirâmides do Egito e aos paços dos reis babilónicos.

Com relação às épocas geológicas, vou transmitir-lhes um simile retórico de um naturalista insigne, que impressionou os meus alunos de anos passados!

A idade terciária toda, dos paleotérios monstruosos, em que talvez o homem surgisse, é apenas a quinquagésima parte do tempo que já decorrera desde que a vida orgânica apontara nesta nossa minúscula parcela do Universo. E essa vida orgânica, vegetal, por sua vez—que era *conditio sine qua non* da vida animal—não representa, conferida com a anterior, anorgânica, senão uma camada do nosso globo tão delgada como a névoa fina, ou nuvenzita, que cobre uma ameixa bem madura, névoa que o nosso dedo desfaz com um levíssimo movimento. Isto é

num momento, porque *movimento* e *momento* são dois estados diversos do mesmo vocábulo.

*

II

Quanto às ossadas humanas da época quaternária, a ciência e a arte, de mãos dadas, tentaram naturalmente completá-las e revesti-las de carne.

Até agora os paleontólogos distinguem cinco tipos diversos, de períodos sucessivos. Um sexto tipo estava para ser fixado, quando a abominável guerra interrompeu os trabalhos do Germano-Suiço Hauser na Dordogne francesa.

Alguns artistas, scientificamente educados, construíram com fantasia perspicaz (mas evidentemente sem acertar por completo) segundo os dados ministrados por catedráticos competentes, as figuras e as fisionomias do Homem verdadeiramente primitivo e de seus sucessores pre-históricos da idade paleolítica e neolítica, da de cobre, de bronze e de ferro, dando-lhes traços raciais e de inteligência muito diferenciada.

O mais rude e selvagem é o tipo de *Heidelberg*, carnívoro, e o de *Neanderthal*, apto para trepar às árvores, onde talvez habitasse. O mais culto é o de Cro-Magnon (na Dordogne, caçador de renas e já apto para desenhar em cavernas escuras como a da *Madeleine* e de *Altamira*) ou sôbre ossos e bocados de marfim, com virtuosidade espantosa — animais de réalismo estranho, e figuras humanas curiosamente estilizadas.

Esse tipo passa por ser o verdadeiro antecessor do *Homo Europaeus* — *Homo hodiernus* — *Homo Sapiens*.

Eu trouxe como ilustração do que lhes estou expondo algumas gravuras que representam tentativas plásticas recentes (de 1911 a 14). Uma, alemã, é uma estátua do tipo de Heidelberg, feita *in loco* por um escultor (Ernst Gustav Jaeger), segundo as indicações e medições do professor de paleontologia da Universidade de Heidelberg (Dr. Ludwig Wilser). Vid. *Weltspiegel* de 1911, n.º 16¹.

A outra, inglesa, mostra dez bustos ou meios-corpos escul-

¹ Há publicações valiosas de Wilser como *Die Rassengliederung des Menschen, geschlechts*, 1907 e *Stammbaum der indogermanischen Völker und Sprachen*, 1906.

pidos segundo as indicações do belga Rutot pelo escultor Louis Maré. É dos *Illustrated London News* de 1914 (13 Jan.) — Outras tentativas se fizeram, plásticas umas e pictóricas outras; e muitos artigos descritivos saíram na mesma Revista, mas não consegui juntá-los ¹.

As amostras que lhes apresento e deixo aqui sôbre a mesa para as examinarem, chegam contudo para dar aos senhores e às senhoras estudantas uma ideia aproximada do que seriam os nossos antecessores — o nosso bisdono, o verdadeiro Adão. — Não o formosíssimo companheiro de Eva, imagem de Deus que no paraíso deu nomes às coisas, como os artistas da Renascença, cingindo-se ao *Genesis* hebraico, o pintaram, tomando como modelos os mais perfeitos exemplares indo-germânicos do século xv ou xvi da era de Cristo (Rafael, os da Itália; Dürer, os da Germania). Mas sim, o Adão pre-histórico que vivia nu em cavernas ou sôbre árvores há 25.000 a 150.000 anos. Esse era de estatura pequena. Tinha um cráneo chato, de pouca capacidade; uma testa que foge para trás. E dentro dela um pequeno motor de pouca energia ainda, mas vivo, mas capaz; oh maravilha! de ser reforçado pouco a pouco. Arcos osseos massiços estão como um telhado saliente, um alpendre protector sôbre as cavernas dos olhos perspicazes. As mandíbulas, sem queixo humano, eram fortes, feitos para quebrar ossos e rasgar carnes cruas. Os braços enormes serviam para apertar com força mortífera o inimigo, quer humano, quer animal. O *femur* e os pés não admitiam ainda um andar erecto muito firme e constante, nem um porte nobre, muito embora exactamente êsse *femur* e êsse pé já distanciasse o *Homem primitivo* das espécies animais mais aparentadas ¹. Por ex. do *pitec-antropos* encontrado por Dubois em Java, que tanto impressionou os Darwinistas.

A respeito dêsse *andar erecto*, importantíssimo, a que já aludi várias vezes, deixem-me lembrar-lhes em parêntese as palavras de um poeta romano, do século aureo de Augusto, que talvez lessem muitas vezes, sem a devida atenção.

Referindo-se ao *Demi-urgos* criador, ou à Natureza provi-

¹ Quem quiser e puder, procure os n.ºs relativos a 28 de Dezembro de 1912 (pág. 678); 17 de Maio de 1913 (pág. 679) *The Man of Sussex: restorations of the Pitdown Skull*; 16 de Agosto de 1913 (pág. 241) *The Pitdown Man after Prof. Keith's Reconstruction* (o cráneo de Pitdown é, nos olhos de Woodward, o único cráneo de mulher, descoberto até hoje); 23 de Agosto de 1913, (pág. 297) *Periods of Prehistoric Man Pleistocene Types Weapons and tools*; 19 de Abril de 1913 (pág. 516); *The Halling Man*.

¹ Vid. *Der diluviale Mensch in Europa*, 1903, assim como os estudos de Piette, Mortillet, Bertrand.

dencialmente dotada de força criadora, divina, Ovídio diz nas *Metamorfoses*, com respeito ao Homem comparado ao animal:

*pronaque cum spectent animalia coetera terram,
os homini sublime dedit, caelum tueri
iussit et erectos ad sidera tollere vultus.*

Em perífrase francesa:

*Et lorsque de l'instinct la brute tributaire
courbe une tête esclave et regarde la terre,
doué de la raison et presque égal aux dieux
l'homme élève un front noble, et regarde les cieux.*

Ou em português chão, literalmente traduzido:

*Ao passo que os outros animais olham humildes para o
chão, ao homem foi dado erguer a testa e levantar aos astros os
seus olhos sublimes.*

É significativo e sugestivo, não é verdade?

Em resumo: êsse porte *erecto*, caracteristicamente humano e com tendências ao divino, porque todos nós levantamos, ai quanta vez, os olhos ao ceu, cheios de ânsia, nunca satisfeitos de indagar de onde viemos, o que somos, e para onde vamos — êsse porte *erecto* produziu, pouco a pouco, um desenvolvimento assombroso, não só das pernas e das mãos, mas em particular do cérebro, da massa encefálica e do aparelho fonador, dos dois focos do pensamento e da fala portanto.

A ideia bíblica, poética, religiosa, teológica, que a Terra saiu do caos, e que o Homem surgiu, pronto e perfeito, apto para pensar e falar e dar nomes às coisas das mãos do Todo-poderoso, em virtude de um *Fiat Lux*, a Ciência substituiu-a pela prova de que o *Homo Sapiens* é o produto de outra espécie de trabalho divino, talvez mais admirável ainda: o *evolutivo* em que o Homem é colaborador de Deus. E essa convicção que êle *evoluciona*, lentamente e dolorosamente, em constante luta pela vida, sob a acção de energias exteriores, e de energias interiores, contidas no germe primitivo ou na célula primitiva — graças a um sôpro *divino inicial*, eu não a acho menos grandiosa do que a primeira.

Lentamente e dolorosamente, em linha sempre ascendente, ondulante embora, apesar do que em tempos de cataclismo como os de agora pensam os pessimistas.

O *Homo Priscus*, *Primigenus* ou *Primigenius* de Wilser e de Haeckel, testemunho do dilúvio, *diluvii testis*, não tinha fala. Era mudo ainda: *Homo alalus*, capaz apenas de produzir sons inarticulados e isolados como os animais: um *ai* dolorido; um *oh* de espanto; um *ah* de surpresa agradável ¹.

Em outra ocasião tentarei explicar-lhes como, segundo as conjecturas mais plausíveis dos glotólogos mais peritos, êle chegou a ser *Homo Sapiens* criou palavras como exteriorização de sensações, estados de alma, pensamentos e ideias.

Hoje baste dizer que para chegar à convicção que a fala não é fruto de artificios, nem invenção voluntariosa, mas sim, o produto natural do desabrochar gradual da razão, ou por outra a encarnação de ideias — os glotólogos aproveitaram de um lado todos os achados de um passado longínquo e pelo outro lado todos os indícios que a actualidade lhes ministra.

Observaram e analisaram os idiomas de povos selvagens. Observam e analisam sobretudo, com especial cuidado, o que se passa diáriamente, perto de nós, em família, onde sempre de novo entes irracionais, que não andam erectos, nem falam, nem pensam, se transformam de vagarzinho e dolorosamente (repito-o) em entes racionais que andam, falam e pensam ².

E os resultados destas suas observações repetidas convenceram os cientistas de que a criança (—o e a *infante*) não passa só embrionologicamente, fisiologicamente, mas também psicologicamente, espiritualmente pelas mesmas fases por que a Humanidade passou na sua infância, há centenas de milhares de anos, de *Homo alalus* a *Homo Sapiens* (que é sempre também um *Homo faber*, inventor de instrumentos).

E esse *Homo Sapiens* pode subir e sobe às vezes à altura genial de um Homero, de um Platão, de um Sócrates, de um Shakespeare, de um Goethe, de um Beethoven, de um Jesus Cristo. Ou em outros campos de acção às dimensões de um Napoleão, um Júlio César que foi estratega, legislador, orador e escritor, um Miguel Angelo que edificava, esculpia, pintava e poetava, ou um Leonardo de Vinci que, além de nos legar como pe-

¹ *Alalus* é vocábulo grego com forma latinizada. Compõe-se do prefixo negativo *a* (*in* ou *não*) e da raiz nominal *lal*, onomatopaica, indicadora de tentativas infantis de fala, balbuciante. Em alemão subsiste o verbo *lallen*—falar assim balbuciando, indistintamente. Em latim corresponde-lhe *in-fans*—o que não fala.

Para introdução podeis ler a obra de Max Mueller (alemão inglesado) sobre *Science of Language*, em inglês ou na tradução francesa.

² Vid. W. Preyer, *Die Seele des Kindes* (4.^a ed. 1895).

nhor quadros como a *Joconda Monna Lisa* e a *Ceia do Senhor*; era engenheiro, matemático e físico distinto.

*

Passo às últimas das minhas notas preliminares. E aqui faço um empréstimo, ajudando-me do *Roman Merveilleux*, o Romance milagroso da Vida humana ou da Vida da Humanidade, de uma escritora que venero: Olga de Vicouline, Pierre de Coulevain com o seu nome de guerra.

A fala humana compõe-se de *palavras*: parábola é comparação, *Gleichniss*. Ela é um parágrafo, uma *alegoria*, um *símbolo*, uma *senha*.

Palavras! palavras! — no sentido de *meras* palavras — *Words! words! words!* diz desdenhoso o *Hamlet* de Shakespeare, num acesso de *spleen* ou misantropia, tomando o vocábulo depreciativamente como contra-nome de *actions* (=acções ou *actos*). E é um *facto* que imensas vezes as nossas *palavras* tem pouquíssimo valor e que com razão desprezamos as que não teem sentido elevado nem são eflúvios de *almas* rectas.

Mas abstraindo de tais abortos o poderio da *palavra* é imenso. Quási sobrenatural ¹.

Há palavras que nos trespassam de terror, não é verdade? Oxalá nunca as ouvissem ainda! Com palavras actuamos em espiritos alheios. Entramos em comunhão com os nossos semelhantes. Falamos com Deus. Palavras servem para namorar. Exprimem ódio. Fazem bem. E fazem mal. Movimentam as massas. Conduzem à morte, à victória ou à derrota. Aumentam a força dos braços e o vigor dos corações, ou aniquilam-nos num momento.

Há ditos imortais: ditos que acariciam e consolam; ditos que mordem ou queimam, ou corroem como o rádio. Ditos que matam. Ditos que vivificam. Pensem nas beatificações do *Sermão da Montanha* do Evangelho de Mateus (v-vii) e Lucas (vi), com que Jesus Cristo principiou os seus ensinamentos sublimes.

É por meio de palavras que os Poetas nos conservaram o passado e immortalizaram *Troia*, *Aquiles*, *Hector*, *Helena*, *Agamemnon*, *Electra*, *Orestes*, *Ifigenia*, *Antigone*, *Edipo*, *Medea*.

¹ Li o *Roman Merveilleux* neste verão e desde então faço-o circular. Entre muitas reminiscências as que me ficaram, naturalmente as mais vivas, são as que dizem respeito ao homem pré-histórico e à fala humana.

Com palavras é que o Dante captou a alma da idade média.

Com palavras criou Shakespeare em Romeu e Julieta uma atmosfera de amor que fez e faz vibrar ainda muitos seres; e uma atmosfera de terror que sugestiona em *Macbeth*, *King Lear* e *Richard the Third*.

Com palavras de imorredoura beleza criou o seu *Fausto* o poeta alemão Goethe, o mais completo *Homo humanior* ou *humanissimus* e o mais sincero conquistador da verdade.

O *Milagre do Verbo* seria incompleto sem a *Escrita*. Porque seria passageiro. A *Escrita* e a *Imprensa* perpetuam a *fala*: são a memória do mundo e base de toda a civilização, repito-o.

Para nós, Europeus modernos, a arte de falar é quasi inseparável da de escrever. Aprendemos a primeira bem, só quando aprendemos a segunda. O *analfabeto* inspira-nos compaixão. Os efeitos da palavra escrita são iguais, às vezes superiores aos da falada.

Pensem um instante nas comoções, nos alvoroços psíquicos que uma carta, um mero telegrama de poucas palavras pode provocar; pensem nos actos de entusiasmo ou de desespero que a escrita é capaz de inspirar. Estremecemos lendo umas poucas de linhas, lançadas no papel por mão alheia, amiga ou inimiga, um simples *não* fulminante a um pedido. As nossas faces coram ou empalidecem. As pálpebras batem; o pulso lateja; as narinas dilatam-se; nossa testa cobre-se de suor frio; as pernas mal nos sustentam. Caimos fulminados por terra.

Tão completa transformação se produz pelos misteriosos reflexos que uma *palavra* evoca nas células do nosso cérebro. E digam-me agora se, afim de despertar o seu interesse pela filologia, tenho razão para falar aos meus alunos do *Milagre do Verbo*.

III

Nas duas Lições da semana passada tentei despertar a sua curiosidade por meio de ideias gerais relativas à fala humana.

Hoje vou dar-lhes uma breve orientação a respeito do aspecto *fisiológico* da língua.

Preciso ser tão breve e tão superficial como naquelas, porque não há tempo para mais. Tanto o assunto das primeiras, como o das segundas preenche um ano lectivo inteiro nas Universidades europeias e americanas.

A *fonologia* ou sciência dos sons articulados e a análise da sua produção, é uma sciência moderna, difícil e subtil, que só

pode ser ensinada com vantagem onde haja os complicados aparelhos de observação que para esse fim foram inventados e são utilizados lá fora ¹.

As obras mais antigas, relativas à fisiologia dos sons, são do decénio que decorreu de 1860 a 1870. De aí em diante estudou-se e publicou-se imenso. Mesmo entre nós houve beneméritos que se interessaram pelo assunto. O primeiro português que se ocupou de fonologia, era então estudante de medicina, e sabia portanto de anatomia. É o Dr. José Leite de Vasconcelos, filólogo, etnólogo, e actualmente Professor da Universidade de Lisboa. A sua dissertação, escrita em 1886, versa sobre a *Evolução da Linguagem*. É obra meritória, embora naturalmente hoje já não esteja de todo à altura da ciência, que progride de ano para ano ².

O segundo nome, que devem conhecer, é o de *Gonçalves Viana*, poliglota e fonetista ou foneticista de grande talento. Falleceu haverá dois anos. Entre as numerosas publicações, relativas à língua pátria, que deixou, há uma *Exposição da Pronúncia Normal Portuguesa para uso de Nacionais e Estrangeiros*, destinada a um Congresso Internacional de Sábios e que nele foi devidamente apreciada (1892). Ela pode ainda prestar óptimos serviços a quem investiga a especialidade. De ouvido finíssimo e de grande poder de análise, não dispunha, infelizmente dos aparelhos registadores e inscriptores de sons a que aludi. Por isso os resultados colhidos não são aceites por todos os fonetistas internacionais, como rigorosamente exactos.

Em 1900 foi o Gram-Mestre e fundador dos estudos filólogos em Portugal, *F. Adolfo Coelho*, que depois de os haver abandonado quasi, recomeçou a tratar novamente de fonética, com o profundo saber pedagógico e psico-filológico que no entretanto colhera nas melhores e mais recentes obras dos especialistas alemães, franceses e ingleses.

Colocando-se num ponto de vista elevado, Coelho abrange um vasto horizonte. Quem quizer inteirar-se dos resultados a que se chegara lá fora até a data indicada, e também dos problemas importantes que se ligam à Fonética, assim como da Bibliografia, avultada, de livros em que pode instruir-se, deve recorrer aos artigos dele, publicados no *Instituto de Coimbra* (nos

¹ *Rumpelt, Brücke, Czermak, Sievers*, iniciaram a fonologia na Alemanha. O P.^o *Rousselot* representa hoje na França a fonologia experimental.

² Superior à *Evolução* é o que autor publicou, tempos depois, na *Revista Lusitana*, IV, e na *Philologia Mirandesa*, I.

vols. 47 e 48) com o título *Diferenças Fonéticas da Língua e Diferenças anatómicas dos órgãos da fala*. São os primeiros de uma série planeada, relativa ao magno problema das *Influências étnicas na transformação das línguas*. Nela o autor tencionava examinar e documentar a tese, à primeira vista evidentíssima, que a língua latina se dividiu nas cinco, sete, oito ou nove línguas romanicas, pela simples razão de ter passado na península em que estamos, pela boca de Iberos e Lusitanos de um lado, e pelo outro lado pela boca dos Galos ou Gauleses na França, pela dos Recios no Norte da Itália, a de Rumenos e Dalmatos na península balkanica, e à dos Sardos-ibéricos e fenícios, na Sardenha.

É lamentável que os sete estudos prometidos não saíssem.

Os três Filólogos nacionais que citei: Leite de Vasconcelos, Gonçalves Viana e F. A. Coelho são de aqueles que os estudantes de filologia portuguesa devem conhecer. Em todas as obras escritas por esses três corifeus, mas também nas de J. J. Nunes e em geral nas dos colaboradores da *Revista Lusitana*, é que podem colher informações seguras. Um livro de consulta, prático, é a *Crestomatia Arcaica*. Outro que recomendo, são as *Lições de Filologia Portuguesa* de Leite de Vasconcelos.

Para estudo geral de Romanística comparativa, podiam adquirir Bourciez, *Éléments de Linguistique Romane*. Mais vasta, mas também menos simples, é a *Introdução ao Estudo da Linguística Romanica* de W. Meyer Lübke, o maior dos Romanistas vivos, que depois de haver brilhado na Universidade de Viena de Austria ocupa agora a cadeira de F. Diez, o fundador da Filologia Romanística, em Bonn. Há uma excelente tradução castelhana de Américo Castro (Madrid, 1914), e feita sobre esta ¹, uma portuguesa de António da Guerra Júdice, Professor do Liceu de Faro, Lisboa, 1916.

Quanto ao *aparelho fonador* do homem, em todas as obras citadas (menos nas de J. J. N. e M. L.) há breve descrição.

Ele está dentro da caixa torácica, do pescoço e da cabeça.

Os órgãos, de que ele se compõe, parte interiores e parte periféricos, vão dos *pulmões* aos *beijos*. Interiores, *expiratórios* ou da *respiração* são os pulmões, a traqueia e a laringe. *Ressonadores* são a faringe com o véu palatino e a úvula (campainha), a abóbada palatal e as cavidades nasais. *Articulantes*

¹ P. S. É lástima que obra tão útil seja viciada pelo silêncio que o autor guarda a respeito do romanista castelhano, a quem tanto deve!

são as partes da bôca: os dentes, os lábios, mas sobretudo a *língua* com a sua grande motilidade.

É importantíssimo o *não* possuir o homem órgãos especiais para a *fala*: os animais mais aperfeiçoados, mais próximos do homem na sua estrutura, tem também *pulmões*, *traqueia*, *laringe*, *língua*, *dentes* (*beijos* só os têm alguns quadrúpedes). E esses órgãos servem, no homem como no animal, a outras funções importantes, mas puramente animais: respiratórias e digestivas.

As modificações finíssimas por que passaram sobretudo os órgãos periféricos, e em especial a *laringe*, a sua adaptação para a articulação fonética, isto é, para a produção rápida de sons seriados e intimamente ligados, são evidentemente uma aquisição lenta do homem.

Num gabinete de *fonética experimental* bem guarnecido, deveria figurar a *laringe* do homem ao lado de *laringes* diversas de *quadrúpedes*; e assim mesmo maxilas, linguas, dentes, etc.

Quanto às observações que fiz na semana passada sobre os efeitos causados pelo andar erecto do homem, acrescentarei agora que esse andar lhe comunica também grande *mobilidade* do pescoço. E perguntarei como F. A. Coelho, se é, ou não é curioso que nas *avezinhas* a andadura *bípede* e o fácil baloiço da cabecita se case com a laringe canora de muitas espécies (particularmente do rouxinol) e até com a imitação da palavra por algumas?

E com relação ao desenvolvimento e ao aperfeiçoamento que o uso e a hereditariedade produziram pouco a pouco na disposição adquirida, devo notar que conjuntamente com ela se desenvolveram no cérebro certas regiões como locais da *faculdade de falar*: órgãos especiais da fala. Eles estão na 3.^a *circunvolução* frontal esquerda dos miolos, e chamam-se *centro de Broca* (*Brocasche Windung*), porque foi esse notável médico, cirurgião e antropólogo francês, falecido em 1880, que os descobriu (1861 e 1864). É o fundador da *Sociedade Antropológica de Paris*.

Quando esse órgão linguístico está paralizado, por lesão, quer congénita, quer accidental, há *afásia* (*afasia*) ou também *alalia* (= impossibilidade de falar, de *fare* = falar que é o radical de *infans*; e de *lalus* balbuciante): perda total ou parcial da fala. A integridade do centro de Broca é necessária ao funcionamento integral da linguagem articulada, ou humana.

Popularmente, falando chamente, podemos classificar o

aparelho tonador do homem como instrumento de música: instrumento de *sôpro* ou de *vento*. Como todos êsses instrumentos, êle consta de um fole, de um tubo com orifício (bocal, ou embocadura) e de um ressonador. O pulmão é o fole. A traqueia é o tubo, ou cano condutor da corrente de ar que entra e sai dos pulmões. A laringe é o bocal. Já disse que a bôca com a porta dos lábios ou beiços e as cavidades nasais são *ressonadores* e condutores do som.

A laringe (*der Kehlkopf*=a *cabeça da garganta* como diz a curiosa nacionalização alemã do termo grego) é, repito, a parte mais valiosa e mais complicada do aparelho.

Ela compõe-se de um esqueletozinho de cartilagens que circundam uma cavidade e são revestidas de *mucosas*, *ligamentos* e *musculos* que servem para movimentar o aparelho. Para a frente há um *orifício* estreito, o *istmo* da garganta, chamado *glote* (*glote* é como laringe, vocábulo grego, intimamente aparentado com *glotta* ou *glossa*=linguagem, elemento primeiro de *glotologia*). Essa *glote* tem bordas fortes, mas muito elásticas que se chamam *cordas vocais* (*Stimmbänder*=fitas vocais da voz).

Realmente, essas *cordas* são *pregas* ou *rufos* irregulares das mucosas, das cartilagens, isto é, das *membranas humedecidas* por um líquido mucoso.

Em estado de repouso, a *glote* com as cordas tem forma triangular.

Móveis e contrácteis, as cordas tomam todavia formas variadas, alongando-se e estreitando-se, opondo assim obstáculos diferenciados, caminhos diversamente traçados à corrente de ar que dos pulmões sobe à garganta e forma a voz.

Na sua passagem as cordas *vibram* e produzem sons.

Alongadas produzem sons *graves*.

Estreitadas produzem sons *agudos*.

As grandes divergências que há entre as vozes diversas dos sexos, das idades e dos individuos baseia-se em geral nas dimensões da laringe. Não é preciso lembrar-lhes a notável diferença que há entre a voz *infantil*, tão fresca como laranjas um pouco azedas, até a idade da mutação, e a voz viril de um lado, e pelo outro lado entre vozes *masculinas* (*tenor*, *barítono*, *baixo*) e vozes *femininas* (*soprano* e *contralto*).

Estou a falar do *belcanto*, porque, quando é apenas a laringe que funciona, é vogal cantada o que se produz.

Pelo contrário, quando falamos exclusivamente com a bôca, sem vibração laringica, é vogal cochichada o que se produz.

A verdadeira vogal falada é resultante da acção combinada da *laringe* e da *bôca*. E não só a vogal; é toda a fala articulada de que isso vale. A combinação de vogais e consoantes, resulta da combinação de numerosas articulações, realizadas pelos órgãos auxiliares periféricos da bôca, especialmente pela *língua*. Essa grande *palradeira* está em repouso, indiferença e posição normal, só quando não falamos.

Embora imóveis, os outros órgãos periféricos da bôca colaboram também poderosamente nos fenómenos fónicos, tanto os dentes como o *palato* (ou *ceu da bôca*), duro e mole. Móvel, pouco embora, é a sua parte mole e traseira, chamada *velum palatinum* (*veu palatino*) com aquele seu apêndice em forma de bago de uva (por isso chamado *uvula*) e vulgarmente *campainha* (badalo de campainha) a que já me referi. Como divisória músculo-membranosa, êle separa o tubo bucal das cavidades nasais. Quem o tiver muito desenvolvido, falará pelo nariz, com voz fahnosa, nasalando.

Quem não tem dentes, também não fala claro. Não enuncia bem todos os sons, a não ser por longa prática metódica, acostumando outras partes da bôca a exercer funções vicariantes. A criança começa a produzir sons articulados só depois de ter dentes. E os velhos que já os perderam, articulam mal ¹.

*

Antes de entrar em explicações sobre o grupo de línguas humanas a que pertence o português, vou dizer algumas palavras a respeito das duas classes de sons que constituem a fala humana, isto é, *sons musicais* de um lado, (*Klänge* em alemão) e meros *ruidos* pelo outro lado, ou sejam *vogais* e *consoantes*.

Ambos constituem, agrupados, *sílabas*, *palavras* e *orações*.

Orações, *proposições* ou *frases* são exteriorizações de pensamentos completos, quer constem fisiologicamente de uma só palavra (forma verbal), quer de uma série mais ou menos extensa de *palavras*, ou seja de grupos de sons, de intensidade muito variada, que estão entre si mais ou menos ligados, ou se assim quisermos, mais ou menos separados por pausas.

Palavras são grupos menores de sons, individualizados pelo *acento*, essa fôrça vital que é costume considerar como alma dos

¹ Mostrei reproduções da laringe, plásticas e gráficas.

vocábulos, ou seu centro de gravidade. De construção diversíssima as palavras constam de uma sílaba, ou de várias. São *monossilábicas* ou *polissilábicas*.

Em português há bastantes palavras monossilábicas, ou sílabas-palavras. Algumas constam mesmo de um *único* som, quer átono como o da conjunção copulativa *e* (*et*), ou dos artigos definidos *o a*, quer tónico como *à* (fusão de *ad illam*, ou 3 p. s. do pres. de haver), *é* (*est*), *i* (*ibi*), *u* (*ubi*). Outras constam de um ditongo como na conjunção alternativa *ou*, e na forma verbal *ei* (*habeo*); ou de dois sons diversos (cons. e vog. ou vog. e cons.): *dó, nu, ar, ir*; ou de três em ordem variada, como *dar, mar, sal, sol, boi, cru, cré, meu, teu, seu*; ou de quatro: *praz, cruz, traz*.

A maior parte dos vocábulos portugueses tem, contudo, várias sílabas, de ritmo grave (descendente, *trocaico*, constante de longa-breve, como em *grave, parte, tudo, terra, bola, lindo, triste*).

Não faltam todavia de todo os vocábulos de ritmo agudo, iambico, ascendente (breve longa) como por ex. os infinitivos todos: *amar, mover, ouvir; andou, moveu, ousou, leal, real*. Nem tampouco os de ritmo esdrúxulo ou dactilico: (*tímido, prático, púcaro, sílaba* (longa-breve-breve).

O ritmo de palavras de tres *sílabas* pode ser também *anapestico* (breve-breve-longa) ex.: *arraial*; ou *amphibrachico* como em *bodega* (breve-longa-breve) ou de quatro, mas não os quero enfadar com minúcias prosódicas. Quando há mais de quatro sílabas há também mais do que uma sílaba acentuada, conquanto só uma tenha o acento principal. Medem-se por isso por *pés*.

O vocábulo mais extenso da língua portuguesa é, como sabem, *inconstitucionalissimamente*, de onze sílabas. É todavia formação artificial, feita *ad hoc*, e não empregada, a não ser por brincadeira.

As palavras monossilábicas são em regra meros temas (radicais ou raízes) como *ar, ir, mar, sol*. As de duas sílabas tem raiz e desinência: *terra, pôrto*.

As polissilábicas são sempre *temas* já alargados por *afixos* (prefixos, sufixos, infixos), ou por composição; e por desinências, quer verbais, quer nominais.

*

Quanto ao significado e às funções que exercem, a parte mais importante do *léxico* (do português e de qualquer outro idioma)

compõe-se de verdadeiros *vocábulos*; isto é de denominações de objectos, de pessoas, actos ou qualidades. Claro que todos êsses são de valor substancial e de carácter objectivo.

A outra metade (menor) é formada por palavras de carácter indeterminado, flutuante, subjectivo.

No primeiro caso são substantivos e adjectivos, ou seja *nomes* (ou pronomes pessoais e determinativos), ou *verbos*. Todos êles, quanto ao valor, são lexicográficos; quanto à forma, sujeitos a flexões diversas, que indicam relações, segundo as funções que exercem na proposição. São *variáveis* portanto.

As palavras subjectivas, pelo contrário, são elementos puramente gramaticais; sempre dependentes; e *invariáveis*, sem flexão. Quer sejam advérbios, como *cá, lá, mal, bem*, quer preposições e conjunções; ou interjeições.

Silabas, são em regra parcelas de vocábulos. Excepcionalmente são também vocábulos verdadeiros (*ar, ir, mar, sol, ha, é, são*) ou particulas, (*por ou e*) como já vimos. Elas constam de tantos sons quantos, seriados e intimamente ligados, a voz humana pode articular com uma só emissão de ar.

Para êsse fim é indispensável que entre os sons agrupados haja um de carácter musical e que vozeie: *uma vogal*.

As diversas línguas variam muito quanto ao número de sons de que sabem fazer unidades.

Numas predomina o elemento vocálico; noutras o consonântico. E se olharem para o alfabeto em que há apenas cinco vogais, e quatro vezes cinco consoantes, aparentemente estas devem estar na maioria. E estão. Mesmo na língua italiana, a língua do *belcanto*, em que todas as palavras terminam em vogal, há nos 14 versos de um Soneto qualquer (termo médio) 185 vogais e 221 consoantes. Em português contei 174 vogais e 203 consoantes.

Em alemão há um esqueleto consonântico mais robusto. Temos silabas com cinco sons consonânticos, por ex. em *pflückst, pflügst, schlägst, drückst, bringst*.

Em português êle é mais brando e reduzido do que em qualquer outra das línguas neo-latinas, em virtude da queda de *l, n, d, g* intervocálico, como verão nas análises práticas das terças-feiras. O ouvido e a língua nacional amam a simplicidade; tendem à maior comodidade em forma e beleza possível, e ao menor esforço possível; ao emprêgo da *vis minima*.

Quási todas as silabas constam de dois ou três sons. Temos dois em *dá, li, vi, dê, sé, fé, pé*. Temos três em *vai, lei, rei, meu,*

teu, seu; apar de duas vogais uma consoante, ou mais exactamente apar de uma consoante uma vogal e uma semi-vogal que juntas constituem um ditongo. Em outros casos agrupa-se com a consoante explosiva (*p-t-k* ou *b-d-g*) uma líquida ou uma vibrante por ex. em (*crê, prá(do)* etc.). O máximo são quatro sons: duas consoantes iniciais agrupadas, vogal, e uma consoante final (nasal, líquida, vibrante ou sibilante) por ex. em *três, cruz, prol, traz, grei, frei, greis, freis*.

Creio que não há nenhuma com mais de cinco sons. E mesmo entre essas, em que há portanto quatro consoantes, mal haverá uma que seja popular. Só me lembro de *trans* em *transpôr transparente*. Mas tais sílabas, o povo quando as emprega, alivia-as, dizendo *traspôr*, ou cortando-as em duas dizendo *estra* (ou *estram*). A minha lavadeira, que é de Paranhos, diz sempre *estramparente*. E todos nós, apesar das nossas pretensões de gente culta, dizemos por ex. *estra-viar* em vez de *transviar*. E todos nós procedemos de modo semelhante com os vocábulos que em latim principiam com o grupo *sp st sk* (s impurum). Em vez de *scutu* dizemos *es-cu-do*; *es-tu-do* em vez de *studium*; *es-po-so* em vez de *sponsum*. Os três sons *sku, stu, spon* eram compactos demais para o ouvido musical dos Portugueses.

Dêsse facto de a sua tendência comodista ter levado o Português a uma nova separação e constituição das sílabas terei de lhes falar ainda frequentes vezes.

*

O som articulado, como unidade mais pequena das sílabas, palavras e orações da fala humana, tem o nome científico de *fonema*. É pronuncia latina do grego *φωνημα*. Pronuncia *nacionalizada*, visto que a prosódia romana não admitia que sílabas *curtas, átonas*, tivessem *vogal longa*, ao passo que os Gregos o admitiam.

Fonema é derivado da raiz *φων* que significa *som*. Da mesma raiz deriva também *fonética, fonologia, fonação, fonador áfono, afonia*. Ela é também um dos elementos dos compostos modernos *fonógrafo, telefone gramofone, grafofone*, termos científicos, internacionais que todas as nações usam, compostos de elementos gregos. E dela deriva, como logo lhes mostrarei, o nome grego da vogal e da consoante.

Já ficou dito que os fonemas são de duas espécies: *sons musicais*, ou meros *ruidos*: vogais e consoantes. Isso vale de to-

das as duas mil línguas faladas neste globo terráqueo, muito embora nenhuma utilize a escala completa dos sons articulados possíveis nas duas categorias.

Vogal representa o latim *vocale*. *Vocale* é o acusativo popular de *vocalis*, no qual o vulgo suprimiu, por frouxeza de articulação, o *m* final. Tomem desde já nota que o vulgo reduziu os casos a *dois*: o recto ou caso-sujeito ou *nominativo*, e o obliquo, caso complemento ou *acusativo*. E a queda do *m* do *acusativo* igualou ainda êsses dois. Pode-se portanto dizer que o acusativo era o único caso de que o povo se servia na sua tendência de simplificar e uniformizar a difícil fala latina.

Nós teremos por isso de indicar, em todas as etimologias de nomes que fixaremos nas *Lições Práticas*, como forma-mãe o acusativo latino, suprimindo o *m* final.

A forma mais curta e clara é a seguinte: *padre* < *patre(m)*. O sinal matemático de igualdade < significa em linguística: é equivalente de; ou melhor *provém de*. Invertendo-o: > claro que teremos de lêr de modo oposto *patre(m)* > *padre* dizendo: *patre* dá *padre*.

Vocale é derivado de *voce* (vox, vocis). Mais exactamente deveríamos dizer *voks vokis* com pronúncia clássica, sem a qual não se compreende nem o *g* (gutural brando) do substantivo popular *vogal*, nem o adjectivo oulto *vocal* *vocálico*, e mais derivados.

Vox vokis era, e *voz* é em português o nome geral de todos os sons audíveis: não sómente dos articulados e inarticulados que saem da bôca humana ou da bôca de animais, mas também dos que provêm de outros fenómenos naturais; e além disso dos que são artificialmente evocados de instrumentos de música.

Os termos derivados, *vocales* em latim, *vogais* em português, designam, pelo contrário, unicamente sons articulados e vozeados pelo aparelho fonador humano, ou por outra, os fonêmas produzidos por expiração do ar, cuja corrente, até sair dos lábios, não encontra obstáculo algum, resistência nenhuma.

Eles são produzidos portanto sem que a língua articuladora se ponha em contacto quer com o palato, quer com os dentes.

Ainda assim a posição dessa móvel lingueta, e a dos lábios, é naturalmente outra, quando dizemos *a*, outra quando dizemos *i*, e assim por diante.

É mesmo nessa posição diversa da língua e dos beiços que se baseia a diversidade dos sons vocálicos.

Os curiosos, que façam experiências diante do espelho, porque só assim compreenderão a teoria.

As vogais são, em virtude da sua produção, sons livres, sons independentes, sons *senhoris*. *Selbst-laute* (como dizemos em alemão), *auto-sons* ou *auto-fones* (à grega ou greco-latina).

São o elemento musical da fala humana, que podemos prolongar e modular *ad libitum* e *ad infinitum*.

Sem vogal, não há canto, nem fala. Cada sílaba contém uma ou duas (ditongos).

Consoantes são, pelo contrário, conforme já disse, ruídos que provêm de resistências opostas à livre corrente da passagem do ar pelos diversos órgãos da fala.

Essa resistência é, ora um contacto completo de dois órgãos (da língua contra o pálato, da língua contra os dentes, ou dos dois lábios entre si), ora aproximação apenas, mas aproximação tão estreita que produz *fricção*.

Do contacto completo de dois órgãos e da sua repentina anulação saem ruídos que o foneticista chama *explosivos*, *occlusivos* ou *momentaneos*. Do contacto incompleto saem ruídos *prolongáveis*, *contínuos* ou *fricativos*.

Afim de *soarem*, as *con-soantes* claro que precisam encostar-se, cingir-se, unir-se a uma *vogal*.

É essa necessidade que lhes deu o nome. Em latim, e nas línguas modernas, temos *con-soante*, a que soa conjuntamente, com quem? com a vogal. Em alemão dizemos em tradução fiel: *Mit-laute*. Ambos os termos são de origem grega, tradução de um nome grego, como toda a moderna terminologia científica.

A vogal chama-se em grego τὸ φωνήεν plural: τὰ φωνήεντα. φωνήεν é adjectivo, o soante, da raiz φων, da qual já lhes falei, quando expliquei o vocábulo *fonêma* e *fonética*, etc. A princípio acompanhava o substantivo τὸ γράμμα (pl. a letra, as letras) e e posteriormente substituiu-o.

Em harmonia com essa denominação, os Gregos tinham dado à consoante o nome de τὸ συμφωνον, plural τὰ συμφωνα.

O prefixo *sym* (ou *syn*, antes de não labiais) que temos em *sym-phonia* *sym-phonon* significa *com* (*con*, *cum*, *cun*). Por isso mesmo é que a tradução latina diz *con-soante*.

Se isolarmos as consoantes, se tentarmos enunciar, isolados, os ruídos explosivos, quer os surdos *p-t-k*, quer os sonoros *b-d-g*, veremos que é impossível.

Apenas, e mal, poderemos cantarolar os prolongáveis, por ex. a sibilante *sssss*, as labiais *mmm*, *nnn*, *nh*, *f*, *v*, *j*, a vibrante *r*, e as líquidas *l* e *lh*, isto é, aquelas que mais se aproximam das vogais quanto à sua produção.

Por isso mesmo os antigos, os greco-latinos, consideravam todas as continuas como *semi-sons* ou *semi-vogais*, e portanto só como *semi-consoantes*.

E entre os filólogos modernos há muitos que adoptam essa denominação.

Todos, absolutamente todos tratam *v* como *u* consoante; e *i-j* (*jota*) como *i-consoante*.

Durante os nossos estudos comuns, os meus ouvintes encontrarão muita vez esses semi-sons em função de vogal e outras vezes em função de consoante.

CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELLOS.



RETALHOS DE UM ADAGIÁRIO

(Vid. REVISTA LUSITANA, vol. XX, pág. 298-315)

XXIV

Dia de S. Martinho, || prova teu vinho

Variantes:

- a) Em dia de S. Martinho || na adega prova teu vinho.
- b) Por S. Martinho, || prova teu vinho; || no cabo do ano || já te não faz dano.
- c) Pelo S. Martinho, || espicha o teu vinho.
- d) Em dia de S. Martinho, || lume, castanhas e vinho.
- e) Em dia de S. Martinho, || faz magusto e prova o teu vinho.
- f) No S. Martinho, || fura o teu pipinho (Beira-Alta) ¹.
- g) Em dia de S. Martinho, || mata o teu porco e prova o teu vinho.

Franceses: a) *A la Saint-Martin, on boit le bon vin*; b) *A la Saint-Martin, il faut goûter le vin*.

Italianos: a) *A S. Martino, è vecchio ogni vino* (Toscana); b) *A S. Martì l'è vèc töt ol vi* (Bérgamo); c) *A San Martinu, ogni mustu è vinu* (Sicília) ².

Galegos: *Depois de S. Martiño, deixa a auga e bebe o vinho*; b) *Dia de S. Martiño, proba o teu vinho* ³.

Latino: *Festo Martini depromitur amphora vini* (B. Pereira).

Entre as muitas crenças apócrifas que o nosso povo amorosamente conserva, como preciosas reliquias, na arca-santa das suas poéticas ficções, avulta, sem dúvida, a que se refere a S. Martinho—o virtuoso bispo de Tours, o santo taumaturgo, cuja festa ocorre a 11 de Novembro, no calendário cristão.

A ficção popular, transmudando aquele severo e rígido asceta num verdadeiro Baco do Cristianismo, palmeando-o como

¹ Leite de Vasconcelos, *Ensaios Etnográficos*, vol. IV.

² Estes três provérbios veem em F. R. Marin, *Cien Refranes Andaluces*, pag. 26.

³ Veem ambos na *Biblioteca de las tradiciones populares españolas*.

beberrão emérito e venerando-o como patrono dos borrachões encartados, criou a locução, ainda corrente, *ser da confraria* (ou *da irmandade*) de São Martinho, e caiu no domínio das tradições infundadas que povoam o vasto campo das lendas populares.

Todavia, não há na vida de S. Martinho facto algum que justifique semelhante juízo a seu respeito; não tem base séria a tradicional popularidade pagã que rodeia aquele invencível herói da fé, e o transforma, de varão exemplarmente sóbrio, austero e virtuoso, em fabuloso Baco, ébrio e devasso.

*

S. Martinho morreu em Novembro, pelos anos de 397 a 400, na Gália, sua pátria, e berço do seu culto, onde aquele mês se festejava por ser a época dos vinhos novos. Os lavradores celebrariam, com regosijo necessariamente um tanto grosseiro, o mês de Novembro, que era um dos momentos de maior actividade da vida agrícola, para a viticultura Gália.

Nada mais natural — diz a senhora D. Cecília Schmidt Branco ¹, do que escolherem para patrono daquele importante processo anual, e, naturalmente, também para presidente das festas orgiásticas com que lhe celebrariam a feliz conclusão, aquele santo, tão grande, tão amado já do povo entre o qual vivera, e o imenso brilho de cuja autoridade eclipsava e absorvia o de todos os demais santos que com elle ocupam o calendário na mesma estação ².

Não é, pois, de admirar, que os devotos de Baco, desejando ardentemente o dia de S. Martinho, para provarem os vinhos da nova colheita, invocassem o santo como seu protector, venerando-o e turbulando-o nessa qualidade, e acabando por lhe outorgarem o diploma de confrade-mor, que o pobre santo, na sua letal mudez, não pôde devolver de envolta com um anátema de justificada indignação.

Na opinião da senhora D. Cecília Schmidt Branco, não se deve buscar a interpretação da lenda que rebaixou S. Martinho à esfera de beberrão vulgar, nem na sua história, nem na sua

¹ Da origem de um símbolo popular na festa de S. Martinho, in *Rev. Lus.*, t. 1, pág. 291.

² Esta invocação de S. Martinho tem, em França, a sua versão anecdótica: diz o dicionário de Bescherelle, que numa refeição a que o santo assistia, o imperador Máximo lhe mandou entregar a taça, para seguidamente a receber da sua mão, e que d'isto resultou ficar o santo considerado como patrono dos bebedores.

lenda autêntica, nem nas variantes populares. Mais probabilidade haverá, disse aquela escritora, de lhe achar a raiz cavando no terreno pagão, êsse terreno fértil de que brotaram quasi todos os costumes similares, pois que pagã é, com efeito, toda a festa de S. Martinho.

Numa das notas ao seu estudo ¹ diz a referida escritora:

«Uns versos alemães, ornados de ~~latim de cozinha~~ — porventura obra de algum estudante adorador do santo — dizem que S. Martinho era bom homem; gostava de cerveja, e quando não tinha dinheiro para pagar, empenhava a túnica.

*Sankt-Martin war ein braver Mann
Er trank gern cerevesiam
Und hatt' er kein pecuniam
So liess er seine tunicam.*

Aqui, a túnica é evidentemente um eco vilificado do formoso e tocante episódio da vida de S. Martinho, em que êle, guerreiro ainda e pagão, reparte com um mendigo a capa, aquela capa tão famosa que no tempo dos reis merovíngios era levada nas batalhas, à frente do exército, como verdadeiro paládio da França».

*

Noutros tempos, a festa de S. Martinho era entre nós celebrada, geralmente, de copo em punho, com fervor digno de Baco. Os nossos antepassados, depois de terem festejado o santo nos templos, iam também solenizar o seu dia em casa, à mesa, e essa prática ainda não foi de todo banida dos costumes populares.

As nossas antigas leis determinavam que os vinhos novos só pudessem ser postos á venda, para consumo, do dia de S. Martinho em diante — e isto serviu para conservar a popularidade altamente pagã dêsse virtuoso bispo, transformado pelo sensualismo popular numa espécie de Baco cristão.

Nos nossos tempos, ainda se encontram vestígios dessas leis em diversas posturas municipais, como por exemplo, nas do concelho do Cadaval, que vigoraram desde 1859 até 1891 e nas quais se prescrevia: «Art. 11.º — Todo o taberneiro, ou lavrador, que vender atavernado, vinho novo ou vinho velho, misturado com novo, antes do dia de S. Martinho, pagará de multa cem reis por cada canada de vinho».

Em Hespanha existiram idênticas disposições, como se vê do

¹ Aludo ao artigo referido na nota 1 da pág. 34.

seguinte trecho de um conto de António de Trueba: «Una hermosa tarde del veranillo de San Martín, que es precisamente cuando la justicia permite poner ramo para la venta de los vinos nuevos...»¹.

XXV

Deitar pérolas a porcos

Variante:

Deitar pedras preciosas a porcos².

Dizer coisas sensatas e úteis a quem as não sabe compreender ou apreciar, ou a quem as não aproveita. || Obsequiar quem não sabe agradecer:

— «Almas que sonhando andais
O muito não no troqueis
Por nada como o trocaís,
As pérolas Orientaes
Aos porcos não nas lanceis».

(Sá de Miranda)³.

Em D. Francisco Manuel de Melo, *Apólogos dialogais*, pág. 141: «Porque eu nunca *esperdicey Margaritas a porcos*».

A locução *deitar pérolas a porcos* (cfr. a fábula romana do galo e do monturo⁴), é tirada do *Evangelho de S. Mateus*, VII, 6, onde se lê: *Nolite dare sanctum canibus: neque mittatis margaritas vestras ante porcos*.

Franceses: a) *Jeter des perles à un pourceau*; b) *Jeter des marguerites devant les pourceaux*; c) *Perles sont perdues entre pieds de pourceaux*; d) *Il ne faut pas jeter les marguerites devant les pourceaux*; e) *Jeter des roses aux cochons*.

Inglês: *To cast pearls before swine*.

Italianos: a) *Gettar le margherite ai porci*; b) (Veneziano) *Darghi confetti ai porchi*⁵.

Holandeses: a) *Paarlen voor de varkens strooijen*. (Deitar

¹ Transcrevo de *La Ilustración Española y Americana*, ano XIX, n.º 31.

² Bento Pereira.

³ *Obras*, ed. de António Leite, 1677, pág. 208.

⁴ Fedro, *Fabulas*, «pullus ad margaritam».

⁵ Joaquim de Araújo, *Provérbios Venezianos*, in *A Tradição*, IV, 12.

pérolas a porcos); b) *Sirooit geen rozen voor varkens*. (Não deites rosas a porcos) ¹.

Diz uma locução japonesa: *Dar uma moeda de ouro a um gato* ².

Os Romanos diziam, no sentido da nossa locução: *Asinus in unguento*.

XXVI

Da galinha, a preta; da pata, a parda

Variante:

Da galinha, a preta; da pata, a parda; || da mulher, a sarda.

A galinha preta tem alguma coisa com feitiçaria.

Assim: a) Galinha preta em casa, livra o dono de ser *abran-gido pelo Diabo* (Paços de Ferreira) ³; b) É bom ter galinha preta, ou galo preto, porque as *coisas ruins* ou malefícios, entrando em casa, *acanhão* as aves negras e não as pessoas (Minho) ⁴; c) As galinhas pretas põem ovos de duas gemas, que teem grande virtude para certas doenças ⁵; d) O melhor caldo para as recém-paridas é o de galinha preta ⁶; e) Na Beira-Baixa há o costume de aplicar sobre o estômago dos enfermos afectados de doenças pulmonares, uma galinha preta, aberta ⁷. Existe a mesma crença em Monferrat, onde o povo aplica a galinha preta, aberta, no sítio da dor ⁸.

O provérbio *galinha que canta de galo, quer em breve o amo no adro*, traduz ~~a crença popular segundo a qual~~ é de mau agoiro a galinha cantar como o galo, devendo ela, por isso, ser morta. Mas em Sabrosa (diz T. Gomes na *Enciclopédia das Famílias*, 14.^o ano, pág. 447), se a galinha fôr preta, não há no seu

¹ Bohn, *A polyglot of foreign proverbs*.

² Venceslau de Moraes, correspondente do *Comércio do Porto* no Japão, numa carta para aquele jornal (V. *Almanaque Bertrand*, 1906, pág. 53).

³ Leite de Vasconcelos, *Trad. pop. de Portugal*, § 286, f).

⁴ D. Maria Peregrina de Sousa, *Trad. pop. do Minho*, in *Rev. Lus.*, vi, 134, e *Rev. Univ. Lisb.*, iv 267.

⁵ Consiglieri Pedroso, *Superstições populares portuguesas*, in *Positivismo*.

⁶ Consiglieri Pedroso, *loco citato* na página anterior, nota 6.

⁷ Ladislau Piçarra, in *A Tradição*, iii, 177.

⁸ Gubernatis, *Mythologie Zoologique*, ii, 304.

canto mau agoiro, e a ave não deve ser morta, nem mesmo maltratada.

Em França existe, também, a superstição sôbre o poder mágico da galinha preta.

Em Beauce, Gâtinais e Côte-d'Or, ter uma galinha preta é possuir o segrêdo de nunca sentir falta de dinheiro ⁴. No departamento de Creuse, a galinha preta é uma encarnação diabólica ao serviço de uma pessoa que se entregou ao Diabo ⁵.

Em Rouvray, todo o feitiçeiro anda acompanhado de uma galinha preta, que não é senão o Diabo ⁶.

Na Alta-Bretanha, as galinhas pretas são fadas ou feiticeiras ⁷.

*

Agentes de magia não são só as galinhas pretas, mas, em geral, todos os animais domésticos dessa côr, como gatos, cães, aves, etc.

As Bruxas devem recolher-se antes da meia-noite, porque a essa hora canta o galo preto e, apenas êle canta, acabam-se-lhes o encanto e o poder.

Assim, muitas teem morrido por esses mares de Cristo ⁸. Entre as Bruxas corre o prolóquio: — *Galo branco? não me espanto; galo preto? não me meto* ⁹.

N-O *Pantheon*, 1, pág. 256, leio que para se operar o desencanto das Moiras, deve ir um padre a ler num livro, um galo preto e nove Marias. Se o galo cantar, é sinal de bom êxito. Faz-se isto no Penedo da Moira, concelho de Felgueiras, sítio onde há uma cavidade a que chamam pègada de S. Gonçalo. No Pôrto realizam-se as mesmas cerimónias, e o galo deve ser enterrado com a cabeça de fora e cantar à meia-noite, diz ainda aquela publicação, no local citado.

O gato preto entrava nos sortilégios do século xvi, como se vê do *Auto das Fadas*, de Gil Vicente, e da *Prática dos Compadres*, do Chiado.

⁴ E. Rolland, *Faune populaire de la France*, vi, 100.

⁵ Idem, *ibid.*, 101.

⁶ Idem, *ibid.*, 101.

⁷ Paul Sébillot, *Traditions et superstitions de la Haute Bretagne*, II.

⁸ Garrett, *D. Branca*, nota A ao canto III.

⁹ *Alm. de Lemb.*, 1888, pág. 267.

No Minho há a crença de que, nas casas em que houver um gato preto, não entram espiritos maus ¹.

Em Cabo-Verde, o remédio mais eficaz contra os feitiços, é queimar o estrume de porcos pretos e defumar com êle a pessoa enfeitiçada ².

Todas estas superstições se relacionam com a crença, universalmente espalhada, de ser a côr preta um específico contra as influências malélicas.

Entre nós, deve ser enfiado num cordão de seda preta o talisman que se põe ao pescoço das crianças, para as livrar do quebranto, e que se compõe de um signo-saimão, uma moeda de três vintens em prata (furada), uma figa, uma meia-lua, um dente de lobo e uma argola.

J. Tuchmann ³ dá, a respeito da influência da côr preta contra malefícios e coisas ruins, curiosas informações, entre as quais as seguintes:

Os antigos empregavam a ferrugem para preservar as crianças do mau-olhado. Na Prússia oriental, as pessoas que teem os cabelos pretos não podem ser enfeitiçadas; preserva-se uma terra de todo o maleficio lavrando-a com duas vacas pretas. Em Berlim e seus arredores convêm que haja um animal preto em cada espécie de animais domésticos que se possuem, como, por exemplo, um cão preto, uma vaca preta, etc. Entre os Sérvios, quando uma criança é bonita e robusta, mascarram-lhe o nariz com carvão. Na Grécia faz-se atrás da orelha da criança uma mascarra com o negro-de-fumo tirado de uma caldeira ou de uma frigideira.

Numa grande parte da India, a côr negra livra do mau olhar; quando um objecto apresenta uma mancha preta, é sobre esta que recai o olhar e, assim, é desviado o maleficio que se queria produzir.

No Khonkhan tisna-se com o negro-de-fumo a testa das crianças e, muitas vezes, até a dos adultos. Em Pendjab, applica-se o negro-de-fumo sobre o rosto das crianças, ou, quando

¹ *Aim. de Lemb.*, 1870, pág. 139.

² *Idem, ibid.*, 1875, pag. 292.

³ In *Méusine*, VIII, 179 (Paris, 1897).

estas ainda não podem andar, na planta do pé esquerdo, porque, segundo os indígenas, *little black keeps of the evil eye*.

Na ilha de Ceilão, quando se passeiam crianças, faz-se-lhes, para as preservar do mau-olhado, um traço preto entre as sobrancelhas. Os malaioes mascarram o nariz, o queixo e as pestanas do recém-nascido e desenham-lhe na testa uma estrêla da mesma côr.

XXVII

**De Hespanha, nem bom vento,
|| nem bom casamento**

Variante:

De Castela, || nem viúva, nem donzela.

Em Delicado: *De Castela, nem vento, || nem casamento.*

Leite de Vasconcelos ¹ considera o provérbio *De Hespanha, nem bom vento*, etc., como eco de uma tradição espalhada, e não como expressão de um facto particular.

Eu penso, como Adolfo Coelho ², que o provérbio foi provocado pelas nossas dissensões com Castela, sem que possa marcar-se-lhe a época de produção.

Essas dissensões — hoje desaparecidas — ainda sobrevivem na tradição popular de Trás-os-Montes, onde se diz que «os Hespanhóis são como os Portuguezes, menos na alma», isto é, são entes irracionais. Em alguns pontos, mesmo, a afirmação torna-se um pouco mais dura ³.

A respeito de casamentos entre indivíduos das duas nações, já Garcia de Résende, na sua *Miscelânea*, depois de aludir à triste retirada da princesa D. Isabel para Castela, após o falecimento do príncipe D. Afonso, escreveu:

Portugueses, Castelhanos,
Não hos quer Deus juntos ver.

Em todos os ditados que se referem a ventos — diz *El Folk*

¹ *Rev. de Estudos Livres*, 2.º ano, pág. 414.

² *Pedagogia do povo português*, in *Portugália*, 1, 495.

³ Assim o ouviu Leite de Vasconcelos, como afirma no seu opúsculo *Numismática Nacional* (Lisboa, 1888) pág. 24.

Lore Betico-Estremeño, pág. 144 ¹—é regra constante que cada povo tem má disposição contra o que está do lado do vento que mais nocivo lhe possa vir para a saúde pública e para a agricultura. Efectivamente, em Portugal, os ventos que sopram do norte a sul pelo quadrante este, são secos, especialmente o nordeste, o pior de todos, que não costuma provocar chuvas mas que, quando as dá, são sempre frias. (Cf. o ditado *mau vento é nordeste*).

Creio, porém, que o provérbio nasceu da má vontade que durante séculos mantivemos contra Castela, e convenço-me de que, tendo a sua forma obedecido, em parte, à regra apresentada por *El Folk Lore Betico-Estremeño*, não deixa, contudo, de envolver uma clara alusão áquele histórico ressentimento.

Os Franceses dizem dos seus vizinhos Ingleses: *D'Angleterre ne vient ni bon vent, ni bonne terre*.

De Hespanha conheço os seguintes ditados análogos: a) *De Jerez, ni buen viento, ni buen casamiento, ni mujer que tenga asiento* ²; b) *El viento y el varón, no es bueno de Aragón* ³; c) *El viento gallego es la escoba del cielo* ⁴.

XXVIII

De uma faisca se queima uma vila

Dinamarquês: *Af liden Gnist kommer ofte stor Ild*. (Um grande incêndio provém, muitas vezes, de uma pequena faisca) ⁵.

Hespanhóis: a) *Con chica brasa, se enciende una casa*; b) *De pequeña centella, grande hoguera*.

Francês: *Petite étincelle engendre grand feu*.

Holandês: *Van de vonken brandt't huis*. (De uma faisca se queima a casa) ⁶.

¹ Apud Teófilo Braga, *O Povo Português*.

² Recolhido em Frégonal, provincia de Badajoz (*El Folk Lore Andaluz*, Sevilla, 1882-83)

³ Idem, *ibid.*

⁴ *El Folk Lore Betico-Estremeño*, pág. 85.

⁵ Boht, *A polyglot of foreign proverbs*.

⁶ Idem, *ibid.*

Inglês: *A spark is sufficient to kindle a great fire.*

Italiano: *Piccola scintilla può bruciare una villa.*

Latino: *Parva scintilla magnum excitat incendium.*

No *Eclesiástico*, xi, 34: *A scintilla una augetur ignis.*

Cf. *De pequena candeia, grande fogueira.*

XXIX

Filho das ervas

O filho de pais incógnitos ou de pais de humilde condição.

Canção popular:

Já não tenho pai nem mãe,
Nem nesta terra parentes;

Sou filho das tristes ervas,
Neto das águas correntes¹.

Do *totemismo* — crença das sociedades selvagens, segundo a qual não existe demarcação muito nitida entre os seres animados e as coisas inanimadas — deriva a ideia das plantas *antropogénicas* ou *produtoras de homens*, a que se refere desenvolvidamente Pedro Saintyves, no seu livro *Virgens depois do parto*, do qual extraio as seguintes informações:

No *Bundehesh*, o primeiro casal — Mashia e Mashyana — teria nascido sob a forma de um pé de ruibarbo. Na *Eda*, sai de um freixo e de uma faia. No *Vishnu-Purana*, uma ninfa é chamada filha das árvores.

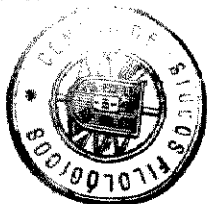
No século xiv, Odorico de Frioul, chegando ao Malabar, ouviu falar de certas árvores, que, em vez de frutos, produziam homens e mulheres. O coronel Yude encontrou a mesma tradição entre os árabes.

Entre as tribus de Melbourne, conta-se que o primeiro homem nasceu da mimosa.

Em França, as crianças pensam que saíram de uma couve. Na Inglaterra julgam terem saído da salsa.

Bastava, muitas vezes, uma mulher sentir o aroma de uma

¹ Pedro Saintyves, na obra citada, no texto, cap. II, afirma que poucos cultos estiveram tão espalhados como o culto das águas: não há nascente, não há regato, não há rio, que não fosse considerado um deus, e, entre as virtudes que lhe atribuíam, a primeira era a da fecundidade. E cita várias lendas.



flor, para ficar grávida. Foi o que succedeu à filha de Abraão, por ter cheirado uma flor da «árvore da sciência do bem e do mal».

Segundo uma lenda da idade-média, Isolda quer ver Tristão, depois de este ter sido ferido com uma lançada pelo rei Marcos, num transporte de ciúme. Os dois amantes derramaram lágrimas e destas lágrimas nasceram as flores de lis. Cada mulher que as come — diz a lenda — fica logo grávida. E a rainha Isolda comeu-as, por seu mal.

Entre os Hotentotes há uma dupla lenda do seu herói Heitsi Eibib.

Segundo a primeira versão, tendo uma rapariga chupado o suco de uma planta gordurosa, chamada *hobega*, encontrou-se subitamente grávida, sem haver tido comércio com qualquer homem. A outra versão diz que uma vaca, por ter pastado certa erva, ficou prenhe.

«Pretende-se — diz Plínio — que o *théligónon*, *mercurialis perennis* macho, faz conceber as raparigas que o tomam como bebida. E é também de notar que se diz que o *arsénogónon*, *mercurialis perennis* fêmea, tomado como bebida, faz igualmente conceber os rapazes.»

Marjata, a virgem do Kalevala, ficou grávida, sem deixar de ser virgem, unicamente por ter engulido uma certa *baga*.

Segundo uma canção asturiana, há nos campos uma erva chamada *borragem*, e a mulher que a pisa fica logo grávida.

A princesa Chand Rawaiti, ao banhar-se no Ganges, viu uma flor que flutuava sobre a água. Apanhou-a, comeu-a e ingeriu ao mesmo tempo o *sperma genitale* que nela tinha deixado cair accidentalmente um rishi. Tendo logo ficado grávida, deu à luz um filho.

Na China, a virgem Ching Mu concebeu por ter comido uma flor de Lien-Hoa, *lótus*, que encontrara nos seus vestidos no sitio onde se banhava.

Refere ainda Saintyves que, segundo Noel Leconte, alguns autores pretendem que Juno foi um dia convidada a jantar, por Apolo, no próprio palácio de Júpiter. Entre as iguarias figurava um prato de alfaces selvagens. Tendo-as comido, Juno, que fôra estéril até ali, encontrou-se subitamente grávida, dando depois à luz a deusa da juventude, a seductora Hebe.

Estas lendas — diz Saintyves — como todas as outras em que as pedras, a água ou as plantas substituem o homem, parecem ser frutos da apologia ou, pelo menos, da exegese de ritos antiqüíssimos.

XXX

Galinha que canta de galo || ~~quer~~ em breve o amo no adro ¹

Variantes:

- a) **Galinha que canta como galo, || põe o dono a-cavalo.**
 b) **A mulher que assobia como homem e a galinha que
 canta como galo, || faca no gargalo ².**

Estes provérbios são o eco de uma das muitas superstições populares acêrca dos agoiros das aves ³.

*

A superstição a respeito da galinha que canta como o galo está muito espalhada na Itália, na Alemanha e na Rússia, e existe também na Pérsia (Gubernatis, *Myth. Zool.*, II, 299). E também vive na Turquia, como se vê do provérbio turco, citado por A. C. de Méry, na sua *Histoire générale des proverbes*, II, 120: *Se a galinha quere cantar como o galo, é necessário cortar-se-lhe o pesçoço.*

Na Alta-Bretanha, a galinha que canta de galo pressagia desgraça, pois canta a morte do seu dono; deve ser morta, para se conjurar o presságio:

Quand un poule chant le co',
 Il faut la tuer aussitôt,
 Ou elle crève comme un pot.

¹ Antigamente enterravam-se os cadáveres nos adros das igrejas.

² Ouvi esta variante a um indivíduo de Angra do Heroísmo. Na Alta-Bretanha (em Ille-et-Vilaine) há esta forma correspondente: *Fille qui «gubèle» (siffle), vache qui heille (beugle comme un taureau), poule qui chante le coq, sont trois bêtes qui méritent la mort.* (Paulo Sébillot, *Traditions et superstitions de la Haute-Bretagne*, II.)

³ A galinha que canta de galo é, ordinariamente, de natureza turbulenta e rixosa: mas não é por isso que o povo a condena. E' crença geral, no país, que a galinha que canta como o galo pressagia a morte do dono, ou outra desgraça próxima, e deve, por isso, ser morta e vendida, trazendo-se o seu produto de rastos, isto é, empregando-o em calçado, para assim andar pelo chão. (Cf. Consiglieri Pedroso, *Trad. pop. portuguesas*, in *O Positivismo*, IV, 280). Em Cidadelha, a galinha que tem tal defeito também não deve ser dada nem comida, mas sim ter aquela aplicação (A *Tradução*, III, p. 77).

Em Sabrosa subsiste a mesma crença, mas com esta modificação: se a galinha que canta de galo for preta, não há mau agoiro, e, por isso, não deve ser morta, nem mesmo maltratada (T. Gomes, in *Enciclopédia das Famílias*, 14.º ano, p. 447).

No Doiro, ao matar-se a galinha que assim canta, diz-se:

Agoiro
 Venha pelo teu coíro.

(Leite de Vasconcelos, *Trad. pop. de Portugal*, § 286 d.)

Assim escreve Paulo Sébillot, nas suas *Traditions et superstitions de la Haute-Bretagne*, II, onde afirma que esta superstição é também conhecida na Normandia, no Poitou, nos Vosgues, no Franche-Comté e no Berry. Mas a crença é geral em toda a França, segundo Eugène Rolland (*Faune Populaire de la France*, VI, pag. 85), que relata assim a crença no Poitou: «Il faut la tuer (a galinha) sur-le-champ, si on ne veut pas s'exposer à un malheur, la mort même. Cette poule pondrait le cocatru (appelé vulgairement œuf de coq), et du cocatru naîtrait un serpent redoutable pour tout le monde.»

Em Sevilha «cuando una gallina canta como el gallo es señal de que morirá alguna persona de la casa». (*Biblioteca de las tradiciones populares españolas*, II, pag. 222.)

Sobre a superstição em Hespanha, diz *La Filosofia vulgar*, de Juan de Mal Lara ¹, pag. 244 v.: «... y assi dizen por acá las viejas, q en cantando la gallina la maten luego, aunque es supersticion á la letra, segun los que tratan largo, ó porque está gorda mandan que la comã».

Da superstição veneziana fala D. G. Bernoni, *Credenze popolari veneziane*, Venezia, 1874, pag. 21: «Quando la galina canta de galo, la ciama disgrazie o morte, e bisogna tirarghe subito il colo.»

Uma crença árabe determina também que seja morta a galinha que canta como galo (*The Folk-Lore Record*, III, parte I, pag. 70).

XXXI

**Em janeiro, || põe-te no oiteiro: || se vires verdejar,
|| põe-te a chorar;
|| e, se vires terrear, || põe-te a cantar.**

Variantes:

- a) Em janeiro, || sobe ao oiteiro: || chora se vires verdejar, || canta se vires terrear.
- b) Em janeiro, || sobe ao oiteiro: || se vires luzir, || põe-te a rir; || se vires verdejar, || põe-te a chorar.

¹ Edição de Juan de la Cuesta. Madrid, 1618.

c) Em vindo janeiro, || sobe ao oiteiro: || se vires terrear, || podes cantar; || se vires verdejar, || deves chorar.

d) Janeiro, janeiro, || põe-te no oiteiro: || se vires verdegar ¹, || põe-te a chorar; || se vires terrejar, || põe-te a cantar.

e) Em janeiro, || sobe ao oiteiro: || se vires verdejar, || põe-te a orar; || se vires terrejar, || mete-te a cantar.

f) Em janeiro, || vai ao oiteiro: || se vires verdejar, || põe-te a chorar; || se vires alquévar, || põe-te a cantar ².

g) Em janeiro, || sobe ao oiteiro: || se vires verdegar, || põe-te a chorar; || se vires negrejar, || põe-te a cantar (Vila Rial) ³.

Na *Tradição*, vol. I, pag. 192, vem esta variante alentejana, referente ao mês de fevereiro: *Em fevereiro, || vai acima ao oiteiro: || se vires verdejar, || põe-te a chorar; || se vires terrear, || põe-te a cantar.*

Hespanhóis: a) *Si por Enero bieres terreguear, échate á cantar; y si bieres berdeguear, échate á yorar* (Andaluzia) ⁴; b) *En xaneiro, vaite a outeiro: si ves verdegar pont'a chorar; si ves terrexear pont'a cantar* (Galiza) ⁵.

Teófilo Braga, no seu *Parnaso português moderno*, apresenta a forma galega: *No mes de Janeiro vaite ó outeiro: se ves verdejar, ponte a chorar; se ves negrejar, ponte a bailar.*

Italiano (Fabriano): *Gennaro, salì'l monte e mira'l piano: puoco vedi, molto spera; molto vedi, puoco spera* ⁶.

XXXII

**Em tal signo nasci, || que mais quero para mim,
que para ti.**

Segundo a astrologia, o carácter, as aptidões, o destino e a inclinação dos individuos, eram regulados pelo signo correspondente à época do seu nascimento.

¹ Cândido de Figueiredo, no seu dicionário, regista *verdegar* como forma popular de *verdejar*.

² As variantes d) e) f) são do Alentejo e foram recolhidas por A. T. Pires, na *Rev. Lus.*, II, 120.

³ A. Gomes Pereira, *Tradições populares de Vila Rial*, in *Rev. Lus.*, X, 221.

⁴ F. R. Marin, *Cien refranes andaluces*.

⁵ *Biblioteca de las tradiciones populares españolas*, vol. IV.

⁶ F. R. Marin, *Cien refranes andaluces*.

Lá diz Gil Vicente, n-*O Clérigo da Beira*:

Já nós somos sabedores	E queríamos saber
Que é muito teu poder,	Planetas d'alguns senhores,
E sinos de seu nacer.	

Assim, segundo a predição dos astrólogos, o signo de *Aquário* era, moralmente, o principio activo da alegria. O signo de *Aries* inspirava o orgulho e a cólera. O *Toiro* denotava audácia e robustez de carácter. O signo dos *Gêmeos* inspirava as amizades sinceras e duradoiras. O *Caranguejo* provocava as decepções e as demandas, etc., etc.

Foi por ter nascido sob o signo da *Balança*, que Luis XIII, de França, foi cognominado o *Justo*, logo no momento em que veio ao mundo ¹.

Nas poesias de Juan Roiz, que existiam na biblioteca de el-rei D. Duarte e cuja tradução Teófilo Braga attribui a este monarca, há as seguintes estrofes:

Os estrologos antigos	Esto dise Tholomeo
dizê em a sciencia,	e assi o dise pratão,
eu digo da astrologia	e outros grandes mestres
que é mui nobre sabença;	todos n'este acordo som;
que o homem quando naçe	qual é o açidente
logo na sua nacença	e a sua costellaçom
o ssino em que elle naçe	daquelle que naçe, tal he
aquel o julga por sentença.	seu estado e o seu dom ² .

Os doze signos do Zodiaco, tão utilizados nos presságios, eram regidos por outros tantos deuses, e em cada mês formavam três décadas, sôbre cada uma das quais reinava uma estrêla chamada *deus conselheiro*.

Não menor influência do que os signos exercia sôbre o in-

¹ Bonillet, *Dictionnaire Universel d'Histoire et Géographie*.

² Estas estrofes, publicadas por Teófilo Braga, no seu artigo *Monumentos da literatura portugueza*, in *Era Nova*, I, 320, foram extraídas dos fragmentos de uma tradução portugueza das poesias de Juan Roiz, mais conhecido pelo nome de Arcipreste de Hita. Diz Teófilo Braga que a collecção daquelas poesias—obra considerada perdida—existia na opulentissima biblioteca de el-rei D. Duarte, cujo catálogo appareceu pela primeira vez nas *Provas da História Genealógica*, tomo I, pag. 54, com o título *Memo-ria dos Livros de uso de El-Rei D. Duarte, a qual está no livro antigo da livreria da Cartuxa de Evora, d'onde a fez copiar o Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes*. Teófilo Braga attribui a tradução áquelle monarca e afirma que os citados fragmentos constam de um pergaminho existente na biblioteca pública do Pôrto.

[Da tradução portugueza deu nova e melhor edição A. Solalinde na *Rev. de Filolog. Españ.*, I, 162 ss.—J. L. de V.]

divíduo o planeta que imperava à hora do seu nascimento, conforme êsse astro era, então, benéfico ou maléfico.

O indivíduo nascido sob a influência benéfica do sol — diziam os astrólogos — era bom, justiceiro, piedoso, casto, dedicado às sciências, cioso das honras adquiridas pelo trabalho, extremoso pela família; ao passo que o nascido sob a influência maléfica do mesmo astro, manifestava sentimentos completamente opostos.

A influência benéfica de Vénus inspirava doçura, piedade, misericórdia, alegria e sociabilidade; da sua influência maléfica derivavam a timidez excessiva, a efeminação, a impudência, o carácter mentiroso e hipócrita, a volubidade no amor.

Todos os outros planetas tinham, sôbre o carácter, a aptidão e a inclinação dos individuos, uma influência benéfica ou maléfica, segundo a hora em que êstes houvessem nascido.

Os astrólogos aconselhavam que ninguém escolhesse a profissão de seus filhos sem que se lhes tirasse o horóscopo pela conjunção astral sob que tinham vindo ao mundo. Aconselhavam, também, que se não empreendesse viagem nem se praticasse acto de importância, sem prévia observação do planeta imperante no momento de se encetarem tais emprêsas.

Foi baseado nesta crença que Gil Vicente estabeleceu para a sua tragicomédia *Côrtes de Júpiter* o tema: «Que o Senhor Deos, querendo fazer mercê á dita Senhora (a infanta D. Beatriz), mandou sua Providencia por mensageira a Jupiter, Rei dos Elementos, que fizesse Côrtes, em que se concertassem Planetas e Signos em favor da sua viagem»¹.

Na selecção entre astros benéficos e astros maléficos, viu Oliveira Martins² uma herança do animismo.

Segundo Emilio Laurent e Paulo Nagour, no seu livro *O amor através dos tempos*³, um alquimista célebre, Artéfius — do qual Chevreul nos conservou um curioso tratado — é da mesma opinião, pois que na sua *Clavis majoris sapientiae* declara que a influência de um astro sôbre um objecto terrestre é determinada «conforme o principio das semelhanças com a natureza do astro»

¹ *Obras de Gil Vicente*, Lisboa, 1882, II, pag. 332.

² *Sistema dos Mitos Religiosos*, Lisboa, 1895, pag. 125.

³ Edição da *Biblioteca de Educação Moderna*, tradução de Moraes Rosa, Lisboa.

e indica de que modo se pode fazer descer a luz e o espirito de um planeta sôbre um ser terrestre.

A astrologia — que nasceu na Caldeia e era, por excelência, a sciência adivinhadora — foi primitivamente interpretada pelos sacerdotes, na época em que se confundia com as teorias religiosas.

Dizem Emilio Laurent e Paulo Nagour, na obra acima citada, cap. VIII, que os magos Caldeus consultavam o céu como se êle fosse um grande livro, onde cada estrêla, tendo recebido o nome e o valor de uma das letras do alfabeto hebraico, traduzia os destinos dos reis, dos homens e dos impérios submetidos à influência dos astros. O joven Simeão ben Bochai, ao qual se attribui o célebre livro de Zohar, conseguira — a dar-se crédito à tradição talmúdica — possuir um conhecimento tão absoluto dos mistérios do céu, que podia ler nele as leis de Jeová, antes de elas serem patentes sôbre a terra.

Segundo essa doutrina, todos os países, todos os homens, todos os animais, todos os vegetais, estavam colocados sob a influência dos astros.

Os sete planetas conhecidos dos antigos e os doze signos do Zodíaco, constituíam os elementos do sistema. Cada planeta, cada constelação, governava uma parte do corpo, ou um homem, ou um reino, ou uma cidade, ou um dia.

*

A crença na influência dos astros sôbre os destinos, as aptidões e a índole das pessoas, foi geral entre os antigos, e chegou aos nossos dias, pelo menos em locuções de uso habitual, como: *Confiar na sua estrêla. Estar em bom planeta. Ler nas estrêlas. Nascer em boa (ou má) estrêla. Nascer debaixo de bom planeta. Ter uma boa estrêla.* Diz-se, ainda, *estrêla propícia, estrêla funesta*, para designar a boa ou a má sorte. Foi, certamente, uma *boa estrêla* aquella que, segundo o *Evangelho de S. Mateus*, cap. II, guiou os três reis magos a Belém, para adorarem o filho de Deus e oferecerem-lhe oiro, incenso e mirra.

Deve ter sido também uma *boa estrêla* a referida na lenda que se conta na Beira-Baixa a respeito da Serra da Estrêla, e que Leite de Vasconcelos insere nas suas *Tradições populares de Portugal*, § 54: «Ánda em livros antigos memória de ter havido uma cidade perto da *Lagoa Escura*, e que aí viveu um pastor muito afortunado, que viajou por muitas terras, *guiado por*

uma *estrêla*, que foi o que deu nome à serra, e que o pastor, voltando, foi aí rei, e deu grandes festas com cavalhadas e jogos de canas e andaram embarcados nas lagoas e vieram aí muitos príncipes estrangeiros.»

Afirma-se que Napoleão tinha, positivamente, fé na sua *boa estrêla*.

Na Bretanha há a seguinte superstição, de que não conheço similar entre nós e de que fala Vicente Vera, num artigo intitulado *El culto á los astros*, publicado na revista madrilena *La Ilustración Española y Americana*, ano LV (1911), pag. 7: «En la alta Bretaña, cuando un niño nace de noche, la gente sale de la casa para ver la estrella que en aquel momento se encuentra sobre la chimenea de la vivienda. Si la estrella es brillante, el recién nacido será feliz, pero si es pálida, se augura mal de su fortuna.»

XXXIII

Em má hora nasce, quem má fama cobra

Em Jorge Ferreira de Vasconcelos: a) *Mal vai quê má fama cobra* (Ulyssipo); b) *Guay de quem má fama cobra* (Eufrosina).

A crença popular divide as horas em *boas* e *más*.

De entre as primeiras, ocorrem-me as *horas felizes*, as *horas de Deus* e as *horas bentas*. A estas últimas se refere António Prestes (*Autos*, p. 29):

Alto sus, em *ora benta*
seja esta obra começada.

Nasceu em boa hora — diz-se de quem é ditoso e a sorte lhe corre bem.

Veio a boa hora, ou *em boa hora*, isto é — a propósito, oportunamente, a tempo, no momento em que pode ser servido.

Cantigas populares referentes à *hora de Deus*:

- | | | | |
|----|---|----|---|
| a) | Na <i>hora de Deus</i> começo,
na <i>hora de Deus</i> , amen:
Quem na <i>hora de Deus</i> anda,
Sempre lhe acontece bem. | b) | Na <i>hora de Deus</i> começo
Padre, Filho, Espírito Santo:
É hoje a primeira vez
que neste auditório canto. |
|----|---|----|---|

A igreja católica venera o Senhor e a Senhora da *Boa Hora*.

*

Das *más horas* o povo faz, entre outras, as seguintes distinções:

a) *Horas minguadas*: «A desditosa nascera em hora minguada (Camilo, *Mistérios de Fafe*).

«N'uma infeliz madrugada,
Antes que o sol esclareça,
Mettido em pobre caleça,
Puz peito, senhor, á estrada:
Sahi em hora minguada,

Pois negra traição me espera;
Homens, com genios de fera,
Me atacaram sem motivo;
Por milagre fiquei vivo,
E devo pesar-me a cêra.»

(Nicolau Tolentino, *Obras completas*, Lisboa, 1861, pág. 298.)

Cf.: a) *Deus nos livre de moça adivinha, de mulher latina, de hora minguada e de gente que não tem nada.*

b) *Horas aziagas.*

c) *Horas do diabo.*

d) *Horas danadas.*

e) *Horas arrenegadas.*

f) *Horas negras*: «Uma hora, em certa noite, dezassete anos antes... hora negra essa que lhe innoitou a vida inteira.» (Camilo, *Brilhantes do Brasileiro*). — «Pouco ha que nos rimos sobre a vossa pelle, & então má ora, & negra lho eu disse...» (Jorge Ferreira de Vasconcelos, *Eufrosina*).

g) *Horas infelizes ou infortunadas*: «Tem outros muitos agouros, em tanto que nas horas que achão serem infortunadas não querem receber dinheiro, ho que abasta quanto a cerimonia.» (Damião de Góis, *Crónica de D. Manuel*, parte 1, cap. 42) ¹. Há a locução *nascer em boa* (ou *má*) *hora* e os esconjuros populares *má hora vá contigo; em má hora venhas*. Em contrário dêstes esconjuros, diz-se: *em boa hora vás; em boa hora venhas*.

O povo dos campos, para saudar quem encontra pelos caminhos, tem as expressões: *Vá em boa hora e vá nas horas de Deus*.

De quem morreu, diz-se: *chegou a sua hora* (isto é, *a má hora*) ou: *tinha as horas contadas*.

As boas e às más horas se refere D. Francisco Manuel de Melo, nos *Apólogos dialogais*, pág. 41: «... não ha cousa na boca dos homens tão frequente, como *em boa hora, & má hora, hide com as horas más, vinde com as boas horas; huia hora muito fermosa, nas horas de Deus*.»

Em vez de *em boa hora, em má hora*, também se diz: *nas boas horas, nas más horas*.

Há ainda as *horas abertas*, que são três momentos da maior atenção popular: as «Ave-Marias» da manhã, as do meio-dia, e

¹ Apud Dic. de Vieira, vb. *infortunado*.

as da noite, momentos que, segundo o povo, coincidem com o nascimento, a morte e o entêrro do sol.

XXXIV

Entrar com o pé direito

Começar empresa ou negócio debaixo de bons auspícios; ser protegido pela sorte: «Entrou com o pé direito em casa da morgada. Ao cabo de alguns meses, a viúva depositava nele inteira confiança.» (Delfim Guimarães, Ares do Minho.)

Em geral, os fenómenos que ocorriam ao lado direito eram, para os antigos, um sinal propício; e, pelo contrário, era para temer um sinistro, se o facto acontecia à esquerda. Efectivamente, o vocábulo latino para designar a mão esquerda era *sinistra*.

Para sair do templo, ou para começar a dança, diz Fernando Nicolay ¹, adiantava-se primeiramente o pé direito; e, ao levantar-se da cama, o pé direito era também o primeiro que se calçava. Diz ainda aquele autor que o imperador Augusto supôs que uma sedição promovida entre os soldados da sua guarda fôra devida a ter êle calçado no pé esquerdo o sapato do pé direito. Porém, segundo A. C. de Méry ², a suspeita do imperador derivou de lhe terem calçado o pé esquerdo antes do direito.

Os Romanos atribuíam grande importância à entrada nos templos com o pé direito; fazê-lo com o pé esquerdo era considerado como presságio sinistro ³. De casa só se devia sair, também, com o pé direito ⁴.

*

Estas superstições chegaram até nós e vivem ainda — e bem arraigadamente — no espírito do povo. Na crença popular, o lado esquerdo é agoirento.

Quando se entra pela primeira vez na casa que se vai habitar, ou numa casa onde se vai tratar de negócio ou pretensão; quando se toma lugar num carro ou num navio; quando se entra ou sai de casa: deve ser sempre com o pé direito. A esta última versão se referem as *Constituições Sinodais* do bispado de Lamego, de 1639, liv. v, tit. viii, cap. 3.^o, onde se lê: «... outra

¹ *Historia de las creencias, supersticiones, usos y costumbres*, tradução em castelhano por Juan Bautista Enseñat, Barcelona, 1904, vol. I, pág. 231.

² *Histoire générale des proverbes*, I, pág. 193 (Paris, 1828-29).

³ *Idem. Ibid.*, I, p. 193.

⁴ *Fustel de Coulanges, A cidade antiga*, tradução de Sousa Costa, Lisboa, 1911, I, pág. 384.

especie de superstição ha: ... ou entrando em caza, ou saindo, faz mysterio, de ser primeiro com hum dos pés, mais que com outro....»

Conta Eduardo Zamacois, num artigo intitulado *Las Supersticiones en el Teatro*, publicado in *La Ilustración Española y Americana*, ano LIV (1910), pág. 177, que Filipe Vaz, actor hespanhol de grande mérito, ao sair de sua casa procura fazê-lo sempre com o pé direito; e, se não o consegue, sobe outra vez a escada e torna a descê-la, repetindo esta fastidiosa operação as vezes necessárias para conseguir o seu intento.

••

Na crença popular, a mão direita é de Deus, ao passo que a esquerda pertence ao Diabo. Talvez daí provenha a locução *casar com a mão esquerda*, no sentido de «amancebar-se», visto que a mancebia é contrária às leis da igreja católica.

Havia entre os antigos o preconceito de não se comer com a mão esquerda (a *sinistra*), a qual era considerada como suspeita de furto ¹.

O Credo ensina que Jesus Cristo está sentado à mão direita de Deus-Padre.

Fernando Nicolay ² cita esta pergunta de um autor: «¿Como se explica que em nossos dias a maioria das crianças, assim que podem escolher um objecto, estendem instintivamente a mão direita, antes mesmo de serem dotadas de compreensão?» Responde Nicolay: «Esta preferência que damos ao emprêgo da mão direita sobre a esquerda revela, segundo alguns sábios, uma causa histórica e hereditária que ascende ao berço das raças indo-europeias, nas quais a mão direita foi em todos os tempos e é ainda a mão nobre por excelência, aquela de que se servem os homens de categoria superior em todos os actos ordinários; ao passo que a esquerda era, e é ainda, a mão impura, a que empregam os párias e os escravos.»

*

Entre as muitas superstições a respeito do *lado esquerdo*, em geral, conheço as seguintes:

a) É muito usado no Porto (nas ruas mais afastadas do centro da cidade), Beira, etc., pregar na porta da casa uma fer-

¹ A. C. de Méry, obra citada, pág. 308.

² Obra citada, pág. 117.

radura do pé esquerdo e com número pernã de buracos, por causa das bruxas, do arejo, etc.¹

b) Nos Açores é costume pregar no mastro da ré uma ferradura do pé esquerdo de uma mula, para livrar de raios².

c) O chifre esquerdo de carneiro branco, é um dos amuletos contra as bruxas.

d) Em certas práticas supersticiosas a mão esquerda é que executa todo o trabalho, como, por exemplo, no processo de desembruxar crianças, tratado in *A Tradição*, I, pág. III.

e) Crê o povo que, quando uma das nossas orelhas se faz muito vermelha, está alguém a falar de nós: em bem, se é a orelha direita, em mal, se é a esquerda.

f) Um dos nomes do diabo é *Canhoto* (Cf. o esconjuro popular: *cruzes, Canhoto!*)

*

Há certas formas rituais e certas praxes da sociedade em desfavor do lado esquerdo.

Assim, no casamento morganático, ou «casamento de mão esquerda», o noivo não comunica à noiva a sua nobreza, e o matrimónio não concede à mulher os direitos de família e de posição que, no casamento ordinário, as leis conferem à esposa. No casamento, segundo o rito católico, o noivo coloca a mão direita sobre a mão direita da noiva, recebendo então a benção nupcial. Num banquete, numa solenidade, em qualquer reunião de etiqueta, em passeio, etc., dá-se o lado direito às pessoas a quem se quer demonstrar maior consideração. É incivilidade cumprir qualquer pessoa dando-lhe a mão esquerda para apertar.

Temos as locuções: a) *Fazer-se esquerdo* = Fingir que não ouve; não prestar o seu apoio ou não dar o seu consentimento a alguma coisa; desculpar-se, esquivar-se; ir contra a razão, contra a justiça, contra o dever; b) *Ser esquerdo de um olho* = ser torto, vesgo, zanaga (como se sabe, há crenças supersticiosas contra os vinhos, como por exemplo, a de que tudo nos corre mal quando, achando-nos em jejum, encontramos algum em qualquer parte); c) *Deitar tudo à mão esquerda* = tomar tudo à má parte, deitar-lhe sal, apreciar com mau sentido.

Camilo Castelo Branco, nos *Brilhantes do Brasileiro*, alude aos *fados esquerdos*: «Este plano, se viesse a realizar-se, era original, a meu ver; mas não sei que *fados esquerdos* se atravessam

¹ Leite de Vasconcelos, *Tradições populares de Portugal*, § 233.

² Teófilo Braga, in *Harpa*, 1876, pág. 61.

aos projectos épicos em matéria de casamento, se a poesia depende de uma casinha colmada, à ourela de um regato, com seis pés de couve na horta, e por cima lua, sol, estrêlas e ar à discreção.»

XXXV

Légua da Póvoa*Grande distância.*

Antigamente, a légua designava uma medida itinerária, cuja extensão variava de região para região, de povo para povo. Geralmente mediam-se as léguas e as meias léguas pelas distâncias das povoações. Contava-se uma légua, se estas eram muito afastadas umas das outras; contava-se meia légua se as distâncias eram pequenas.

A *légua da Póvoa* era a distância entre Sacavém e a Póvoa de Santa Iria, que regula por nove a dez quilómetros.

A expressão *légua da Póvoa* não se emprega apenas como designação de medida itinerária, mas também para indicar extensão, comprimento ou longa duração, como nestes exemplos: «Discurso maior que a *légua da Póvoa*»; — «Nariz comprido como a *légua da Póvoa*»; — «Noite tamanha como a *légua da Póvoa*».

*

Como disse, a extensão das léguas variava de região para região, de povo para povo.

Um provérbio de Bragança ¹ diz: *Quem quiser saber como as léguas são, vá de Izeda ² a Santulhão ³; e se quiser saber a verdade, vá de Bornes ⁴ à Trindade ⁵.*

No jornal *Portugal*, de Lisboa (n.º 103, de 3-VIII-900), vem este ditado do povo de Vizeu, recolhido por Leite de Vasconcelos:

*A maior légua da Beira
é das Antas à Maceira;
Quem as quiser andar,
é da Guarita ao Carregal;*

*Quem as quiser medir,
é de Vizeu a Fail;
Quem quiser saber o que elas são,
vá do Botulho ao Botão.*

¹ Ouvi-o a um indivíduo natural do concelho de Vinhais, distrito de Bragança.

² Concelho de Bragança.

³ Concelho de Vimioso.

⁴ Concelho de Macedo de Cavaleiros.

⁵ Concelho de Vila-Flor.

Das léguas do Alentejo fala Rodrigues Lôbo (*Côrte na Aldeia*, diálogo XVI). «Fazem eles muito bem (disse Solino) que há uns livros sem estalagens, tão compridos como léguas do Alentejo, que os deixa um homem muitas vezes ao signal da cruz, por se não atrever aos levar de um trago.»

Com as léguas do Alentejo se relacionam os provérbios:

- Quem quere aprender a andar, vai de Arronches a Assumar; quem quere outra légua assim, vai de Elvas a Vila Boim* ¹;
- Quem quere ir buscar a Morte, vá de Assumar a Monforte* ².

A expressão *légua da Póvoa*, como designadora de medida itinerária, tem entre nós a variante de *légua que a velha mediu* ou *légua das que a velha mediu*: «... Queremos estar às 7 da manhã em Povos. ¿Quantas léguas fazem cá? — Sete, das que mediu a velha — disse o estalajadeiro.» (Camilo, *Filha do Regicida*.)

*

Segundo o dicionário de Bescherelle, os franceses tinham a sua *lieue de pays*, que diferia da légua comum e cuja extensão era determinada pelo uso de uma ou outra região.

Paulo Sébillot na sua *Littérature orale de la Haute-Bretagne* (Paris, 1881) insere esta expressão, alusiva à légua de Lamballe: *Il y a une lieue (lieue) mesure de Lamballe*. Em nota, diz o escritor: «Les mesures de Lamballe, ancienne capitale du duché de Penthièvre, étaient de forte capacité.»

Hernan Núñez, nos seus *Refranes*, incluye o provérbio castelhano: *Legua por legua, de Calabaçanos a Palencia; y si quieres otra tal, de Dueñas al Rebollar*.

XXXVI

Mais vale um pássaro na mão, que dois a voar

Variantes:

- Mais vale um pássaro na mão, || que dois que voando vão.**
- Mais vale um passarinho na mão, que dois que vão voando.**

¹ Joaquim Silveira, *Ditados lópicos*, in *Rev. Lus.*, xi, pág. 353. Já António Tomás Feres recolhera este ditado em Elvas e o publicara na mesma *Rev.*, i, pág. 60, sob esta forma:

*Queim quer aprender d'andri,
ed d'Arronchis ó Assumari;*

*Queim quer ôtra legu' assim,
ed d'Elvas a Villa-Boim.*

² De *O Elvense*, de 12-III-91.

Num códice do século XVI: a) *Mais vale um passaro na mão que dous...*; b) *Mais quero hum passarinho na mão*.¹

Indo-português: *O pássaro na mão é igual a dois no oiteiro*.²

Alemães: a) *Besser einen Sperling in der Hand, als eine Taube auf dem Dach*; b) *Ein Vogel in der Schüssel ist besser als hundert in der Luft*.

Dinamarquês: *Bedre een Fugl i Haanden end to paa Taget*.
(Um pássaro na mão é melhor que dois no telhado)³.

Franceses: a) *Un moineau dans la main vaut mieux qu'une grue qui vole*; b) *Le moineau dans la poêle vaut mieux que l'oie qui vole*; c) *Mieux vaut moineau en cage, que poule d'eau qui nage*; d) *Moineau en main vaut mieux que pigeon qui vole*.

Hespanhóis: a) *Más vale pájaro en mano, que buitre volando*; b) *Más vale pájaro en mano, que ciento volando*.

Holandeses: a) *Beter eene vogel in de hand dan tien in de lucht*. (É melhor um pássaro na mão, que dez no ar); b) *Een vogel in de hand is beter dan twee in de vlugt*. (Um pássaro na mão é melhor que dois voando)⁴.

Inglês: *One bird in the hand is worth two in the bush*.

Italianos: a) *È meglio un uccello in gabbia, che cento fuori*; b) *È meglio pincione in mano, che tordo in frasca*; c) (século XVIII) *Meglio è fringuello in man, che tordo in frasca*.

Ceiloense: *Hum pastro ne man tem mais bom do que dós ne mato*.⁵

Loures, 9 de Fevereiro de 1918.

JOSÉ MARIA ADRIÃO.

¹ Apud Sousa Viterbo, in *Portugalia*, I, pág. 532 e 533.

² Sebastião Rodolfo Dalgado, *Dialecto indo-português do norte*, in *Rev. Lusit.*, IX pág. 207.

³ Bohn, *A polyglot of foreign proverbs*.

⁴ Idem, *ibid.*

⁵ Tavares de Melo, *Folklore ceiloense*, in *Rev. Lus.*, X, pág. 119.

AMOSTRA

DE

TOPONIMIA PORTUGUESA

No estudo da nossa Toponímia podemos formar três secções maiores: nomes de lugar, classificados por lingoas; modos de formação toponímica; categorias de nomes, segundo as causas que lhes deram origem (flora, fauna, natureza do solo, história, religião, etc.).

Vou exemplificar isto que digo.

I. Nomes de lugar, por lingoas

Temos nomes de lugar pre-romanos, romanos, germanicos, arabicos, de procedencia vária, e portugueses propriamente ditos.

Nomes pre-romanos.—No que toca aos nomes de lugar de procedencia pre-romana, a nossa nomenclatura, infelizmente, não é rica. Poucos são os nomes actuaes a que corresponda um étimo lusitano: *Braga*, de *Brágara* (sec. XI), *Brágala* (sec. XI), *Brágaa* (sec. XII-XV), *Bracara*, palavra que originariamente é adjectiva, — *urbs* ou *civitas* *Bracara*, nominativo singular feminino de *Bracari*, nome ethnico; *Idanha*, de **Igaeditania*, nome da capital dos *Igaeditani*; *Guadiana*, ou *Odiana*, de *Ana*. Como tratei d'este assunto nas minhas *Lições de Philologia Portuguesa*, Lisboa, 1911, pag. 328-338, escuso de repetir o que já escrevi, e envio para lá o leitor. Alguns nomes antigos presume-se a que lingoas pertencem: assim os nomes em *-briga*, como *Conimbriga*, tem-se por celticos, pelo menos no que toca ao elemento *-briga*, que significa «altura», «castelo»¹; talvez tambem seja celtico *Ebora*, d'onde veio *Evora*², e *Equábona*,

¹ Vid. *Religiões da Lusitania*, II, 59 e n. 2.

² Vid. *O Arch. Port.*, V, 333; e cfr. Gröhler, *Ueber Ursprung und Bedeutung der französischen Ortsnamen*, I (1913), 101.

d'onde veio *Côina* ¹. Outros tem étimo obscuro. Ha nomes modernos que não provém directamente dos nomes antigos que lhes correspondem na literatura classica, mas provém d'eles por meio de sufixos: assim *Mondego* não vem de *Monda*, mas do adjectivo **Mondaecus*, que é possível fosse na origem o epíteto ou o nome de uma divindade fluvial (*fluvius* **Mondaecus*) ². Não é raro que um nome proprio dê origem a derivados, o que também se vê em *Tagonius*, nome de um afluente do *Tagus*, na Hespanha, ao qual hoje corresponde «Tajuña» ³.

Nomes romanos.—A mór parte das vezes não pôde dizer-se se um nome moderno de origem latina data da epoca lusitano-romana, ou se se applicou já depois de constituida a lingua portuguesa; contudo ha alguns que ascendem positivamente a essa epoca, e outros que devem também ascender ⁴. Por exemplo: *Beja*, a que correspondia na epoca romana *Pax (Iulia)* ⁵; *Chaves*, a que correspondia (*Aquae*) *Flaviae* ⁶; *Sagres*, a que correspondia *Sacris* ⁷; *Monsanto* (Lisboa), palavra que traduz *Mons sacer* ⁸; *Castendo* (Beira-Alta), que vem de *castaneum*, por intermédio de **Castaendo*, **Castêdo*; *Correilhã*, que vem de (*villa*) *Corneliana*, por intermédio da fôrma medieval *Cornelhãa*, que se deduz de *Cornelaa* e *Corneliaa*, mencionadas, ambas sem *til*, e aquella sem *h*, em documentos do sec. XIII ⁹; *Fão*,

¹ *Religiões*, II, 59-60.

² *Religiões*, III, 87, n. 1.

³ A. Schulzen nos *Neue Iharbücher f. das klass. Altertum*, xxxi, 463. — Provavelmente o étimo immediato é **Tagonia*, fem. de *Tagonius*.

⁴ Para orientação do leitor lembrarei que a epoca lusitano-romana começa no sec. II a. C., e que a Lusitania se deve considerar conquistada pelos Romanos no ano de 25 antes da nossa era. No sec. V vieram os Barbaros; todavia, se o dominio romano terminou no reinado de Suintila (620-631), que chegou a governar toda a Hispania, nem por isso a influencia dos Romanos cessou, porque não só os Barbaros, mas os povos indigenas, se fundiram pouco a pouco com aqueles, a ponto de se tornar nacional a lingua latina, origem da nossa. Em que momento da evoluçã da lingua latina começa a portuguesa? É impossivel responder com exactidão a esta pergunta; quando muito, poderemos dizer que entre o sec. V e o IX. Ocupi-me d'estes assuntos nas *Religiões da Lusitania*, III, 151-152, 550, e 578-579, e na *Esquisse d'une Dialectologie*, pag. 11-12. — Uma lingua não se fôrma de repente, mas de vagar, e não logo em toda a extensão, mas por partes: quando o latim petra se havia transformado em *pedra*, que é já português, ainda o lat. mola, d'onde depois veio *moa*, *mó*, conservava o *-l-* intervocalico; quando o genitivo plural latino *casarum* havia muito que fôra substituido pela perífrase romanica *de casas*, ainda na terra portugalense se dizia ou se escrevia *Godíniz*, genetivo singular, agora representado pelo apelido *Godins*, que existe no Alentejo.

⁵ *Lições de Philologia Portuguesa*, pag. 27 e n. 2.

⁶ *Lições*, p. 334.

⁷ *Lições*, p. 43.

⁸ *Lições*, p. 336.

⁹ A. A. Cortesão, *Onomastico medieval português*, Lisboa, 1912, pg. 91.

que vem de *fanum* ¹; *Cividade*, que vem de *civitas* (a forma comum é *cidade*); *Murtede*, que vem de *murteti*, locativo ou genetivo de *murtetum* «murtal»; *Castro* ou *Crasto*, com os seus diminutivos *Crastelo*, *Crestelo*, *Cristelo* (erradamente escrito com *h*, i. é, *Christello*), cuja base é o latim *castrum* ²; *Beselga*, de *basilica*. É provável que datem também de épocas antigas: *Agoas Santas*, *Fonte Santa*, *Rio Santo*, pois na origem exprimem ideias pagãs ³. Vid. outros exemplos no *Archeologo Portug.*, xvi, 163.

Nomes germanicos.—Abundam em Portugal os nomes topograficos de origem germanica, uns que datarão dos primeiros tempos (sec. v-vii), outros que datam principalmente da época da reconquista aos Arabes (do sec. viii em diante). Sobre este assunto ha estudos importantes de Alberto Sampaio, Pedro de Azevedo, Meyer-Lübke e Von Grienberger: vid. *As «villas» do N. de Portugal* do primeiro d'estes autores, e *Rev. Lusitana*, vi 47 ss, e ix 393 ss. Tem, por exemplo, origem germanica os nomes *Adorigo*, *Guilhufe*, *Guimarei*, *Salamonde*, *Telões*. Os nomes germanicos são em maior número no Norte do país e na Beira, do que na Extremadura e no resto do Sul; os que aqui houve, ou devia haver, foram na maxima parte apagados pela dominação arabica. Vid. o § seguinte.

Nomes arabicos.—No tempo da dominação arabica, que começou por 711, podemos, para comodidade do estudo, considerar dividido pelos rios em tres zonas todo o territorio que hoje se chama Portugal: da fronteira septentrional ao Douro, do Douro ao Tejo, e do Tejo ao Guadiana.

Na 1.^a zona a influencia dos novos dominadores foi quasi nula, apesar de logo em 712 estar Musa na Galiza ⁴.

Na 2.^a zona as povoações que ficam entre o Douro e o Mondego, e as que ao Sul do Mondego fazem parte do que depois se denominou «comarca da Beira» pertencem, do sec. viii ao xii, ora aos Arabes, ora aos Cristãos,—tantas são as conquistas e

¹ *Religiões da Lusit.*, iii, 567.

² *Religiões*, ii, 82.

³ *Religiões*, iii, 597.

⁴ Herculano, *Hist. de Portugal* (sirvo-me da 5.^a ed.), i, 58; Sampaio, *As villas*, p. 8. Excursões de Ordonho i e Ramiro ii na Galiza: Herculano, i, 133 e 141. Acerca de Tras-os-Montes cfr. porém os meus *Estudos de Philologia mirandesa*, ii, 9.

reconquistas! Afonso I das Astúrias (reinou de 739 a 757) penetra com mão armada pelo território inimigo até o Douro, e chega a Viseu ¹; Afonso III, que reinou de 866 a 909, conquista Lamego, Viseu, Coimbra, e leva as suas armas até Idanha ². Mas as terras da Beira voltam ao poder mahometano (embora os documentos aí revelem a permanência de várias populações cristãs ou moçárabicas): Almançor, 1.º ministro de Hixen II, califa de Córdova, toma Coimbra em 987 ³, e Montemor e Aguiar em 990 ou 1000 ⁴; D. Fernando I, rei de Lião & Castela, retoma em 1057 Viseu ⁵, e em 1064 Coimbra ⁶, onde estabelece a séde de um condado ou distrito ⁷. No 1.º quartel do sec. XII os Sarracenos cercam Miranda e Coimbra, e tomam os castelos de Santa Olaia e Soure ⁸; D. Teresa restaura os castelos da fronteira meridional do distrito de Coimbra por 1121 ⁹, mas em 1144 os Cristãos sofrem um revés ao pé de Soure ¹⁰. No território correspondente hoje á Extremadura Cistagana, ou Aquem-Tejo, bem como na 3.ª zona, a dominação foi mais intensa e duradoura. As conquistas feitas na Extremadura por Afonso VI de Lião & Castela em 1093 ¹¹, e pelo conde D. Henrique em 1109 ¹² não se conservam; em 1137 os Cristãos são derrotados em Tomar ¹³, em 1140 perdem o castelo de Leiria, fundado por D. Afonso Henriques cinco anos antes ¹⁴. É só em 1147 que o tracto de terra que vai do Mondego ao Tejo, pertence de vez a D. Afonso Henriques, que conquista Santarém, Lisboa e Sintra.

O mesmo rei conquista na mesma ocasião Palmela ¹⁵, que fica já na 3.ª zona. Em 1249-1250 D. Afonso III dá finalmente a Portugal como limites meridionais e naturais o mar do Algarve ¹⁶.

Estes factos historicos explicam a nomenclatura geographica. Ao invés do que succede com os nomes germanicos, que predominam no Norte e na Beira, rareando no Sul, os nomes arabicos rareiam no Norte, e vão aumentando da Beira para baixo.

Alguns exemplos, tomados da *Chorographia de Portugal* de J. M. Baptista, t. VI (1878), tornarão palpavel o que digo:

¹ Herculano, I, 129; Sampaio, pag. 8.

² Herculano, I, 134.

³ *Chronicon Conimbricense*, nos *Port. Mon. Hist.*, pag. 2; Herculano, I, 150.

⁴ *Chron. Conimbr.*, pag. 2; Herc., I, 152.

⁵ *Chron. Conimbr.*, p. 2; Herc., I, 162.

⁶ *Chron. Conimbr.*, p. 2; Herc., I, 163.

⁷ Herc., I, 188.

⁸ *Chron., Conimbr.*, p. 2; Herc., I, 252.

⁹ Herc., I, 279.

¹⁰ Herc., I, 355.

¹¹ Herc., I, 191; G. Barros, *Hist. da administração*, II, 5.

¹² Herc., I, 208 e nota 2.

¹³ Herc., I, 309-310.

¹⁴ Herc., I, 309 e 331.

¹⁵ Herc., I, 361-402.

¹⁶ Herc., III, 8.

Alcantara, e o seu derivado *Alcantarilha*, do arabe al-cantara «a ponte» ¹, não aparecem no Norte, nem na Beira, e só aparecem na Extremadura, no Alentejo e no Algarve.

Alcaria, e o seu plural *Alcarias*, do arabe al-caria «a aldeia», «a aldeola» ², aparecem:

no Entre-Douro-e-Minho .	uma vez,
na Beira	quatro vezes,
na Extremadura	sete vezes,
no Alentejo	vinte e cinco vezes,
no Algarve	vinte e duas vezes;

além d'isso ha *alcarial*, nome derivado de *alcaria*, o qual, quanto sei, só se usa no Sul: pelo menos só o ouvi no Alentejo ³.

Almada, do arabe al-madan «a mina» ⁴, não aparece no Norte nem na Beira, e só aparece na Extremadura e no Algarve.

Mesquita, e o seu diminutivo *Mesquitela*, do arabe maçged «templo», por intermédio de uma fórmula grega ⁵, aparecem:

no Entre-Douro-e-Minho. .	uma vez,
na Beira	tres vezes,
na Extremadura	cinco vezes,
no Alentejo	onze vezes,
no Algarve	sete vezes;

ainda admitindo que algumas das *Mesquitas* provenham de apelidos de donos de propriedades, quintas ou fazendas, a proporção é eloquente. O diminutivo *Mesquitela* pressupõe *Mesquita*, e como não coincide com nenhuma das *Mesquitas* citadas, creio que posso aqui aproveitá-lo.

Odi, «rio», em *Odiana*, *Odiáxere*, *Odivôr* (e *Divôr*), *Odearce*, *Odeleite*, *Odelouca*, *Odemira*, *Odesseixe*, *Odivelas*, *Degebe* (no sec. XIII *Udygebe*) ⁶, só aparece no Sul.

¹ Vid.: Sousa & Moura, *Vestig. da ling. arabica*, Lisboa, 1830, p. 28; e David Lopes, *Toponímia arabe de Portugal*, Paris, 1902, p. 16.

² *Religiões da Lusitania*, III, 175, n. 9.

³ Sousa & Moura, *Vestigios*, p. 52; David Lopes, *Toponímia*, p. 18-19.

⁴ David Lopes, *Trois faits de phonétique*, Paris, 1906, p. 6 ss.

⁵ Cf. *Lições de Philologia Portuguesa*, p. 27.

Neste estudo de geografia lingüística não devemos iludirmos com palavras como *Alcaide*, *Aldeia*, *Atalaia*, *Azenha*, que são ou foram do lexico quotidiano de todo o país, e que podem ter sido applicadas como designações geograficas já depois de introduzidas nele: nada provariam por tanto para o meu caso. Nas mesmas circunstancias estão palavras como *Albufeira* e *Almargem*, que são da lingua meridional, ou, ao mesmo tempo, da do Sul e da da Beira.

Nomes de procedencia vária.—Da Hespanha veio *Aranquez*, nome de uma quinta em Setubal: *Aranjuez* em hespanhol. De França veio *Recamador* (sec. XIII) ¹. Do Brasil, como parece, veio *Mocambo* (Lisboa) ².

Nomes portugueses propriamente ditos.—Incluo nesta classe os nomes que foram, ou podem ter sido, applicados já depois de constituida a lingua portuguesa, e compreendo pois nela nomes provenientes de todas as fontes que formam o nosso lexico: por exemplo, *Lousa*, que é nome pre-romano; *Seixo*, que é de origem latina; *Albergaria*, de *albergue*, que é de origem germanica; *Alfarrobeira*, de *alfarroba*, que é de origem arabica. Isto é: nomes proprios que provém de nomes comuns, ou que se formaram com elementos morfologicos da lingua comum. Tambem ha nomes proprios que podem ter vindo de fóra como taes, mas que se adaptaram á nossa gramatica, por exemplo o citado *Recamador* (vid. a nota 1). Os nomes de origem portuguesa, no seu estado actual, tem datas de nascimento mui diversas entre si: alguns são modernissimos, v. g. *Avenida do Almirante Reis* (Lisboa), outros, como se patenteia da sua morfologia, v. g. *Suatorre* ou *Soatorre*=so(b) a torre, *Val-bôa* (com *val* feminino < > lat. *vallis*), e da sua relação com instituições desaparecidas, v. g. *Bêsteiros* e *Forca*, ascendem a epocas antigas.

(Continúa)

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

¹ Cortesão, *Onomástico*, p. 268.—De *Recamador*, i. é. *Rocamadour*, Sul da França. Acérea da congregação de Rocamadour em Portugal, nos docc. medievais *Rupe Amatoris*, vid. Gama Barros, *Hist. da administr.*, I, 251, n. 8; e II, 404.

² Binteau, *Vocab. Fort.-Lat.*, s. voce.

TRADIÇÕES POPULARES DE SANTO TIRSO

(2.^a série)

(Continuação do vol. xx da *Rev. Lusit.*, pág. 5-33)

XI

Cancioneiro

I

Ó ponte do Ave, recreio,
Adeus, capela dos Passos:
Adeus, Igreja de Cristo,
Onde se formam os laços ¹.

Adeus, rua de S. Bento,
Onde o meu amor passeia,
Grades do Campo Novo ²
Onde o sol *arredondeia*.

Grades do Campo Novo
Onde o sol *arredondeia*,
E mais acima se avista:
Adeus, Largo da Cadeia ³.

Adeus, Largo da Cadeia,
No meio tem a Relação:
Mais acima se avista
O largo da Feira do Pão.

Adeus, largo da Feira do Pão,
Adeus, Senhor da Cana Verde:
Hei-de virar as costas ao mundo
E o coração para ele.

Adeus, Senhor da Cana Verde,
Adeus, Largo dos Carvalhais ⁴;
Hei-de virar as costas ao mundo,
Adeus, para nunca mais.

Adeus, Lugar do Tapado ⁵,
Adeus, Casa do Retiro;
Eu não posso ir acabar
A minha vida contigo.

Adeus, lugar do Urgal ⁶,
Me deixas a minha paixão,
Onde eu tenho e não nego
Um amor do coração.

Adeus, lugar do Fial ⁷,
Onde formei meu intento;
Agora dera dinheiro
E não me viesses ao pensamento.

Até às pedras da rua
Eu devo obrigações,
Que guardaram meus segredos
Em certas ocasiões.

Ai li,
Ai lé,
Raparigas do Picoto ⁸,
Lambareiras do café.

¹ A descrição da vila de Santo Tirso, que vai ler-se, é que nos dá preciosas informações sobre antigos nomes de lugares, foi colhida por mim na freguesia de Areias. Cfr. A. Pimentel, *Santo Thyrsó de R. d'Ave*, pág. 72.

² O Campo Novo ficava no lugar do actual jardim.

³ A cadeia acaba de ser mudada.

⁴ A feira do gado realizava-se no Campo Novo, mudando depois para o Largo dos Carvalhais, hoje muito melhorado.

⁵ O Lugar do Tapado fica no caminho que desce dos Carvalhais para o Matadouro.

⁶ O lugar de Urgal fica entre Santo Tirso e a freguesia de Santa Cristina do Couto.

⁷ O lugar do Fial fica também para os lados de Santa Cristina.

⁸ Lugar na vila de Santo Tirso.

- 2 Em Santo Tirso anda a morte,
Na Palmeira a sepultura;
Em Avidos anda a chança,
Em Areias a *fermosura*.
- 3 Adeus, Igreja de Areias,
Cercada de pinheirais;
No meio tem um castelo,
Onde combatem meus ais ¹.
- 4 Adeus, freguesia de Areias,
Deixar-te muito me *pêsa*;
Ainda espero de voltar
Ao centro da natureza ².
- 5 As raparigas de Areias
São bonitas e donzelas;
E os rapazes de Avidos
Dão a vida por elas.
- 6 As raparigas de Areias
São baixinhas e *côradas*;
As da freguesia da Palmeira
São compridas e *romeladas*.
- 7 Ó raparigas de Areias,
Encostai o c. ao valo;
Aí veem as da Palmeira,
Ferradoras de cavalo.
- 8 Trigueirinha engraçada,
Mulhereira (?) afamada;
Lama, Sequeirô, Landim,
Não há outra *coma* mim ³.
- 9 Freguesia da Palmeira,
É muito adulaadeira;
De inverno tudo é lama,
De verão tudo é poeira ⁴.
- 10 O casar anda em moda,
'stá a chegar à Palmeira;
Raparigas de Lousado ⁵,
Já podeis botar bandeira.
- 11 Freguesia de Avidos ⁶,
Cercada de cravos brancos,
Onde o meu amor passeia
Domingos e dias santos ⁷.
- 12 Aldeia de S. Martinho,
De pequenina tem graça;
Tem a fonte no caminho,
Dá de beber a quem passa.
- 13 Eu pintei a cana verde
Na Igreja de Bougado;
Pintei-a da côr da rosa,
Saiu-me da côr do cravo.
-
Na ponta do teu nariz;
Eu pintei a cana verde,
Eu pintei-a como eu quis.
-
No Santo António da Maia;
Também a hei-de pintar
No vivo da tua saia.
-
Eu pintei-a em Lordelo;
Também a hei-de pintar
Nas ondas do teu cabelo.
- 14 Atiraste-me pedrinhas
Ao fôrro da minha saia;
Minha mãe não me criou
Para os garotos da Maia.
- 15 Tôda a môça que é janota,
Lá da banda de Vaiongo,
Veste saia sôbre saia
P'ra fazer o c. redondo.
- 16 Dizeis que viva a *Remalda* ⁸,
Não sei que graça lhe achais!...
Terra de milho miúdo,
Alimento dos pardais.

¹ Cfr. *Santo Thyrso de R. d'Ave*, pág. 68.

² Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 304.

³ Atribui-se o dito a uma mulher vaidosa, que o repetia ao ver-se ao espelho.

⁴ Também ouvi: *Freguesia de S. Martinho*.

⁵ Lousado é uma freguesia de Famalicão, vizinha da freguesia da Palmeira.

⁶ Do concelho de Famalicão, sendo vizinha de Areias e Palmeira.

⁷ Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 305, e *Santo Thyrso de R. d'Ave*, pág. 68.

⁸ Ramalde?

- 17 De Lisboa me mandaram
Um guisado com seu mólho;
As costelas duma pulga,
O coração dum piotho ¹.
Senhora das Dores,
Que tam alta 'stais;
No céu e na terra,
Bendita sejais.
- 18 Se o mar tivesse varandas,
Ia-te ver ao Brasil;
O mar varandas não tem,
Meu amor, por onde hei-de ir ²?
Bendita sejais,
Senhora das Dores;
Ouvi nossos rogos,
Mãe dos pecadores.
- 19 Aqui-del-rei! quem acode
À rua de Salamanca?
A mulher a dar no *home*
Às mãos ambas c'uma tranca.
Mãe dos pecadores,
Mãe da piedade;
Pedi ao Senhor
Pêla cristandade.
- 20 Eu passei o rio Ave
Numa maçã vermelhinha;
Rio Ave, não me leves,
Que eu sou muito *pequeninha!*
.....
Do Senhor me cuvir
Estas poucas palavras;
Minha alma se alegre
Em ver que se salva.
-
Numa maçã camoês;
Rio Ave, não me leves,
Deixa-me p'ra outra vez.
Do Senhor me cuvir
Estas poucas palavras;
Minha alma se alegre
Em ver que se salva.
- 21 Canceiro do Rio Ave,
Alagado sejam tu!
Era meia noite em ponto,
Escorreguei, cai de c...
Senhora das Dores,
O vosso telhado
Ao longe parece
Ourinho lavrado ³.
-
Deixa passar os peixinhos;
Quem namora às escondidas
Dá abraços e beijinhos.
Senhora das Dores da Maia,
Na verdade vo-lo digo;
Não torno cá outro ano
Sem trazer amores comigo.
- 22 No tempo das romarias
Andam as mulheres contentes;
Elas fora e elas dentro,
Arreganhando os dentes.
Senhora das Dores,
Vós não permitais
Que eu viva, nem morra,
Em pecados mortais.
- 23 Senhora das Dores,
O vosso menino;
As noutes são grandes,
Êle é pequenino.
Senhora da Livração,
Abri os portais p'ró lado;
Livraste o vosso filho
Das correias de soldado.
-
Êle é pequenino,
Mas é bem criado;
Filho duma rosa
E neto dum cravo!
Tende-lo pilar de pedra;
Bem o puderas ter de ouro,
Ou de prata, se quiseseras.

¹ Cfr. *Ensaio Ethnogr.*, v. IV, pág. 54.

² Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 307, n.º 37, e 10, pág. 141, n.º 600; e Tomás Pires, *Cantos*, págg. 341 e 342.

³ A romaria da Senhora das Dores realiza-se na capelinha do mesmo nome em S. Martinho de Bougado.

-
Tem uma âncora na mão,
Que lhe deram os anjinhos
Na manhã de S. João.
-
Tende-lo pilar de vidro,
Que vos deu um marinheiro
Que se viu no mar perdido.
-
Que é do vosso guião verde?
Ficou em Santa Clara
Encostado à parede.
-
De roda de vós andei;
Por causa de vosso filho
Muita lágrima chorei ¹.
- 25 Santa Luzia, na Trofa,
Sant'Ana, em Ribeirão ²;
Santo *Ouvido*, no Castêlo ³,
Santa Olaia, em S. Romão.
- 26 Ó milagrosa Sant'Ana,
Ó milagrosa santinha;
Hei-de vos beijar a mão,
Hei-de vos chamar madrinha.
- 27 Santo Amaro de Paredes,
Tem uns sapatinhos brancos,
Para dançar co'as mãças
Domingos e dias santos ⁴.
- 28 A treze de Junho o Santo António,
Por ser a festa mais nova,
S. João aos vinte-e-quatro,
S. Pedro aos vinte-e-nove.
- 29 *Se fores* ao S. João,
Trazei-me um S. Joãozinho;
Se não *puderes* co'êie grande,
Trazei-me um pequeninho ⁵.
- S. João, de Deus amado,
Santinho, de Deus querido;
Deparai a minha sorte ⁶
Neste copinho de vidro.
- 30 O Carvalho Santo
Dá *catro* castas de fruto:
Bogalhos e bogalhinhos,
Landres e maçãs de cuco ⁷.
- 31 O meu amor *diz* que vinha
Quando a lua viesse;
A lua já cá vem vindo,
Meu amor não me aparece.
-
Quando viesse o luar;
O luar já vai bem alto,
Meu amor não quer chegar ⁸.
- 32 Meu coração é um *reloijo*,
Meu peito dá *badeladas*!
Os dias que te não vejo,
Trago-*tas* horas contadas ⁹.

¹ A Senhora da Livração tem uma capelinha em S. Tiago do Bougado onde é muito venerada. A romaria é em fins de Junho.

² Concelho de Vila Nova de Famalicão.

³ Trata-se aqui do Castêlo da Maia. Há também o lugar de Castêlo em Bougado.

⁴ Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 308.

⁵ Cfr. *Trad. Pop. de Port.*, pág. 216, e *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 310.

⁶ Creio que haveria equívoco na quadra n.º 76 da *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 310, onde se lê *saide* em vez de *sorte*.

⁷ Cfr. *Trad. Pop. de Port.*, pág. 128. Variante de Montalegre colhida por A. J. Moraes Caldas:

O carvalho é mimoso,	Dá bogalhos e bogalhas,
Dá no ano quatro frutos;	<i>Salta-palhas</i> e maçãs cucas.

Salta-palhas são bogalhas pequenas. V. A. C. Pires de Lima, *Jog os e anções Infantis*, pág. 130.

⁸ Variante:

O meu amor diz que vinha	O luar já lá vem vindo,
Quando viesse o luar;	Meu amor sem cá chegar.

⁹ Cfr. *Folclóre da Figueira da Foz*, cit., t. 1, pag. 134.

- 33 Meu amor, anda-me ver
Ao portelinho da horta;
O meu pai não me diz nada,
Minha mãe não se l'importa.
- 34 Minha mãe tanto me ralha
Do que lhe vieram dizer;
Falo quantas vezes eu quero,
Minha mãe sem no saber.
- X 35 Q'antos *morre e num s'interro*,
Eu sem morrer m'*interrei*;
Q'antos *procuro e num acho*,
Eu, sem procurar, achei.
- 36 À entrada desta vila,
À saída desta terra,
Prometeram-me uma rosa,
Eu não vou daqui sem ela.
- 37 Chora José no Egito
Seu pai que era Jacob:
Eu *tamém* choro e grito
Por andar no mundo só.
- 38 Os meus olhos eram pretos,
Troquei-os acastanhados;
Agora todos me *chamo*
Amor dos olhos trocados.
- 39 Os sete-estrelas caíram,
Deram na beira do tanque;
Quem vem aqui p'ra te ver
Já te tem amor bastante.
- 40 Subi ao céu e sentei-me,
Duma nuvem fiz encôsto;
Dei um beijo numa estrêla,
Julguei-a ser o teu rosto.
- 41 Graças a Deus para sempre,
Já cheguei onde eu queria:
Já me saiu uma nuvem,
Que no meu peito trazia.
-
Já ouvi a tua voz;
Julguei que estava metida
Na casca de alguma noz.
- 42 Da tua janela à minha,
Do teu coração ao meu
É um tiro de espingarda,
Quem o dispara sou eu.
- 43 Hei-de amar tantos anos
Como fôlhas tem o vime;
Indas que eu seja criança,
Não achas amor mais firme.
- 44 O alecrim ao pé da água
Cresce de noute e de dia;
Meu coração sem o teu
Não pode 'star nem um dia.
- 45 O sol é que alegra o mundo
Pêla manhã ao nascer;
Meu coração anda triste,
Só se alegra em te ver.
- 46 Ó vida da minha vida,
Ó vida do meu bem todo;
Quando te eu vejo, me alegro,
Quando te não vejo, morro.
- 47 Tenho penas de pavão,
Tenho penas de escrever;
Mas nenhuma é maior
Como a pena de te não ver.
- 48 Salsa da beira do rio
Qualquer raminho tempera;
Mais vale um amor de fora
Que vinte-e-cinco da terra.
- 49 Amores ao longe ao longe,
Ao perto quem quer os tem;
Quanto mais ao longe ao longe,
Muito mais *lhe* quero bem t.
- 50 Amores ao pé da porta,
Amá-los com todo o risco;
Inda que a boca não fale,
Os olhos sempre *petisco*.
- Quem tem amor na aldeia,
Amá-lo com todo o risco;
Inda que a boca não fale,
Os olhos sempre *empisco*.

- 51 É um regalo na vida
Quem tem um amor na aldeia;
Se não lhe falar de dia,
Fala-lhe depois da ceia.
- 52 Ó meu amor, anda, anda,
Mete raiva a quem a tem;
Quanto mais o mundo fala,
Muito mais te eu quero bem.
-
Que eu quero-te ver andar;
Eu quero ver o teu brio
E mais o teu passear.
- 53 Dei um nó na fita verde,
Outro no preto rigor;
Inda espero de dar outro
Na mão d'reita ó meu amor.
- 54 Atiraste-me com um cravo,
Com uma fôlha me feriste;
Viste-me correr o sangue,
Nem por isso me acudiste.
- 55 Quem me dera, dera, dera,
Estar sempre a dar, a dar:
Beijinhos até morrer,
Abraços até acabar ¹.
- 56 Aquela menina é minha,
Aqueles olhos são meus;
Aquele corpo bem feito
Era o que eu pedia a Deus.
- 57 Lindos olhinhos p'ra ver,
Linda carinha p'ra amar,
Linda boquinha p'ra beijos
Que eu tinha p'ra te dar.
- 58 Os olhos do meu amor
São dois navios de guerra;
Quando vão pelo mar fora,
Deitam velas para a terra.
- 59 Quem te pôs o nome—Rosa,
Devia de adivinhar:
Rosa no céu e na terra,
Rosa em todo o lugar.
- 60 Eu quero-te um bem tamanho,
Que não sei onde te meta:
Dentro do meu coração,
Que é verdadeira gavêta.
- 61 Eu quero-te um bem tam grande
Com outro mais pequeninho;
Quero-te como a mim mesmo...
Que mais queres, meu anjinho?
- 62 O coração e os olhos
São dois amantes liais;
Quando o coração tem pênas,
Os olhos dão os sinais ².
- 63 Aqui tens meu coração,
Retalha-o como o marmelo;
Depois dêle retalhado,
Verás o bem que te eu quero ³.
- 64 Quando o sol nasce, inclina
Nas pedras do meu anel;
Também sou inclinada
Aos teus olhos, Manuel.
- 65 Eu hei-de te amar, amar,
Ou tu queiras, ou não queiras:
Tenho pela minha banda
Duzentas mil feitiçerias.
-
Que te tenho prometido;
Casar contigo... *vai dó!*
Tira daí o sentido ⁴.
- 66 Maria, minha Maria,
Meu pucarinho de Aveiro;
Vamos todos à porfia
Quais te logrará primeiro.

¹ V. *Cantigas Populares* colleccionadas por Francisco Xavier da Silva, pág. 52 (Porto, 1871).

² Cfr. *Revista Lusit.*, v. 16, pág. 305, n.º 59.

³ Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 329, n.º 326.

⁴ Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 322, n.º 237. *Vai dó!*, segundo a informadora, significa o mesmo que—*Tó rôla!*, isso sim!

- 67 As pedras do meu anel
E as pedrinhas do teu muro,
Essas é que hão-de jurar
As vezes que te eu *prêcuro* ¹.
- 68 Da minha janela rezo
À Senhora das Areias,
Que me traga o meu amor,
Que anda por terras alheias ².
- 69 Quem me dera a liberdade,
Que tem a pulga de noite;
Anda de cama em cama,
Sabendo segredos *d'oitre*.
.....
Que tem o pano de linho;
Que andara no teu pescoço,
Servindo de colarinho.
- 70 Êsses teus olhos, amor,
São confeitos, não se *vende*;
São balas com que me atiras,
Cadeias com que me prendes.
Êsses teus olhos, José,
São confeitos, não se *vende*;
São balas com que me atiras,
Cadeias com que me prendes.
- 71 Da janela do meu quarto
Vejo eu a de meu sogro;
Eu do pai não se *me importa*,
Pelo filho é que eu morro.
- 72 Só tu, meu amor, só tu,
Só tu *tivestes* a dita
De entrar no meu coração,
Nessa sala tam bonita.
- 73 Quem me dera dar um ai,
Que se ouvisse na Baía...
O meu amor lá dissera:
Êste ai donde viria?
- 74 O meu amor é um anjo,
Eu por anjo o venero;
Se o chego a lograr,
Nada mais do mundo quero ³.
- 75 Passei pela tua porta,
Pedi-te água, deste vinho;
Quando passares pela minha,
Fala, que eu não adivinho ⁴...
- 76 Assenta-te aqui, António,
Nos bancos do meu tear;
Enche canelas, António,
O povo deixa-o falar.
- 77 Assenta-te aqui, amor,
Eu numa pedra e tu noutra;
Aqui choraremos ambos,
A nossa ventura é pouca...
- 78 Eu 'screvi na branca areia
Que te queria muito bem;
Eu 'screvi e risquei logo
Antes que viesse alguém.
- 79 Eu hei-de subir ó alto,
Ó mais alto que eu puder;
Ó mais alto ramalhinho
Que a oliveira tiver.
.....
Botar fitas a voar;
O meu amor é caixeiro,
Tem muitas para me dar.
- 80 Pus-me a contar as estrêlas,
Só a do Norte deixei;
Por ser a mais bonitinha,
Contigo a comparei ⁵.
.....
Com a ponta da espada;
Comecei logo à noite,
Acabei de madrugada.

¹ Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 326, n.º 285.

² Cfr. *Revista Lusit.*, v. 16, pág. 323, n.º 273.

³ Variante:

Canta, minha voz dum anjo,
Eu por anjo te venero;
.....

Cfr. Tomás Pires, *Cantos*, t. 1, pág. 85.

⁴ Cfr. *Revista Lusit.*, v. 16, pág. 329, n.º 350, e v. 17, pág. 330, n.º 332-334.

⁵ Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 324, n.º 262, e *Cantigas Populares*, cit., pág. 25.

- 81 Venho aqui de tam longe,
Não venho p'ra ver paredes;
Venho p'ra *vê-los* teus olhos,
Que os vejo poucas vezes.
- 82 Se a oliveira falasse,
Ela diria o que viu:
Debaixo da verde rama
Dois amantes encobriu.
- 83 Tenho à minha *jinela*
O que tu não tens à tua:
Uma candeia de prata,
Que *alumeia* tôda a rua ¹.
- 84 Da minha *jinela* à tua
É uma vara medida;
Do meu coração ó teu
É uma 'strada seguida.
- 85 Limoeiro da calçada,
Já *num daides* mais limões;
Qui le cortaro-las guias
Para unir corações.
- 86 O sol cai *pêla* noute
Na flor do alecrim;
Mas eu 'spero de colhêr
Esta rosa *pera* mim.
- 87 O meu amor é Domingos . . .
Tirando-lhe os dias santos,
Eu como te hei-de apartar,
Dominguinhos, entre tantos?
- 88 Manuel, pano fino,
Todo picado da traça;
Todo o mundo me aborrece,
Manuel cai-me em graça.
- 89 O meu amor é António,
Eu queria-o Josézinho;
Agora na mão o tenho,
Caiu-me a sopa no vinho ².
- 90 Se fores domingo à missa,
Fica em sítio que te eu veja;
Não faças andar meus olhos
Em leilão pela igreja ³.
- 91 O meu amor é um cravo,
É um cravo por abrir;
Também eu sou uma rosa
Que o faço aqui vir.
- 92 O meu amor e o teu
Andam no *cais* da Ribeira;
O meu anda à erva doce,
O teu à erva cidreira ⁴.
- 93 Salsa da beira do rio,
Alecrim da outra banda;
Hei-de vencer os teus olhos
Indas que eu corra demanda.
- 94 Adeus, meu amor, adeus,
Adeus *intê* quinta-feira;
Eu não passo sem te ver
Uma semana inteira ⁵.
- 95 Ó meu amor, a chorar,
A chorar, te hei-de pedir
Que me guardes lialdade,
Que eu vou, mas torno a vir.
- 96 Êsses teus olhos, amor,
São cadeias de bom ferro;
De tal sorte me *prendero*,
Que eu outro amor não quero.
- 97 Apagaste a candeia,
Que estava no abanador (?);
Agora vai-te deitar
Às escuras, meu amor.

¹ Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 311, n.º 88, e 312, n.º 99.

² Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 325, n.º 270.

³ Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 323, n.º 243.

⁴ Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 325, n.º 306; Tomás Pires, *Cantos*, pág. 301. É curioso ver como o povo passou *naqueia ribeira para* — no *cais da ribeira*.

⁵ Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 323, n.º 241.

- 98 Eu hei-de amar o luar,
Deixar o 'scuro traidor;
Hei-de amar quem eu quiser,
De mim ninguém é senhor.
- 99 Eu hei-de amar uma pedra,
Deixar o teu coração;
Uma pedra não se queixa,
Tu queixas-te sem *vezão*.
- 100 Eu *donde* 'stou bem vejo
Olhos que me 'stão matando;
Matai-me devagarinho,
Eu quero morrer penando.
-
Uma rosa branca a abrir;
Quem me dera ser orvalho
Para nela ir cair.
- 101 Os meus olhos *pêlos* teus
Choram de noite e de dia;
A laranja co'a tona
É uma galantaria.
- 102 Os meus olhos, de chorar,
Já *nenhã* graça tem;
Já os tenho reprimido
Que não chore por ninguém ¹.
- 103 Tendes olhos, mercais olhos,
Andais na mercadoria;
Mercai-me também os meus
Para a vossa companhia.
- 104 Não posso, amor, não posso,
Não posso, *indas* que eu queira;
Não posso colher a rosa
Sem bolir com a roseira.
- 105 Hei-de 'screver uma carta,
Hei-de-a deitar na areia;
Vem o vento que a leva,
O meu amor que a leia.
- 106 Atirei com a pedra ao ar,
Caiu ao chão e fez *I*;
Ande lá por onde andar,
Nunca me esqueço de ti.
- 107 Chamaste-me pequeninha,
Sou tamanha como vós;
Delgadinha como a linha,
Fininha como o retrós.
- 108 Os nossos dois corações
Sempre unidos não-de ser;
Separá-los ninguém pode,
Só se algum deles morrer.
- 109 No mar anda um peixinho,
Que se chama tubarão;
Se ele não comesse a gente,
Dava-lhe o meu coração.
- 110 Glorinha, *diz-me* adeus,
Para seres glória acabada:
Uma alma sem glória
Não é alma, nem é nada.
- 111 Caçador, que vai à caça,
Não vai *por* caçar a lebre;
Vai *por* caçar a menina
Do coletinho alegre.
-
Não vai *por* caçar coelho;
Vai *por* caçar a menina
Do coletinho vermelho ².
- 112 Tenho vinho na pipa,
Carne na salgadeira;
Reservo-te um bocadinho
Por seres boa tecedeira.
- 113 Queria ser como a hera
Para pela parede subir;
Havia de ir ao teu quarto,
Havia de te ver dormir ³.

¹ V. *Revista Lusit.*, v. 15, pág. 308.

² Cfr. *Ensaio Ethnogr.* cit., t. IV, pág. 55.

³ É uma modificação popular da conhecida quadra literária, e que o povo canta também:

Quem me dera ser a hera,
Pela parede a subir;

Para chegar à janela
Do teu quarto de dormir.

- 114 Atirei com a azeitona
À menina da janela;
A azeitona caiu dentro,
A menina quem ma dera !¹
- 115 Muito brilha o branco, branco,
Ao pé do branco lavrado;
Muito brilha uma menina
Ao pé do seu namorado ².
- 116 Menina, não se namore
De homem casado que é p'rigo;
Namore-se dum solteirinho,
Que possa casar consigo ³.
.....
Dum criado de servir;
Acaba o ano, vai-se embora,
Meninas, vêde-lo ir.
- 117 Daqui para a tua rua
Tudo é caminho chão;
Tudo são cravos e rosas
Prantadas por tua mão ⁴.
- 118 Fala, fala, minha filha,
Que eu também falei;
Quem me dera, solteirinha,
Saber o que agora sei... ⁵
- 119 Tanto limão, tanta lima,
Tanta laranja no chão;
Tanta menina bonita,
Nenhuma na minha mão.
- 120 Semei no meu quintal
O brio das raparigas;
Nasceu-me uma rosa branca,
Cercada de margaridas ⁶.
- 121 Lá vem o comboio,
Lá vem a apitar;
Lá vem o amor
Nas ondas do mar.
- 122 Papagaio de ouro,
De bico dourado,
Leva-me esta carta
Ao meu namorado.
Ele não é frade,
Nem homem casado;
É um rapaz novo,
Lindo como um cravo.
- 123 'stou presa nesta cadeia,
Às grades de *Sarafim*;
'stou presa nas mãos de António,
Sorta-me tu, Joaquim.
- 124 Olha o passarinho,
Lá na janela;
Vai o passarinho,
Põe-se ao pé dela.
.....
Lá na varanda;
Vai o passarinho,
Põe-se de banda.
- Olha a pombinha,
Lá no penedo;
Vai o pombinho,
Mete-lhe medo.
- 125 Onde vais, ó padeirinha,
Onde vais tam asseada?
Só te queria dizer:
Vai a saia enfarinhada.
- 126 O amar os estudantes
São dois pecados mortais:
Um é tirá-los dos estudos,
Outro é dar paixão aos pais ⁷.
- 127 Quem diz que o amor que mata,
Decerto que nunca amou:
Eu amei e fui amado,
Nunca o amor me matou ⁸.

¹ Cfr. *Ensaios Ethnogr.* cit., t. IV, pág. 55, e *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 324, n.º 255.

² Cfr. *Cantigas Populares* cit., pág. 13, onde a quadra no segundo verso termina em — *lavado*.

³ Cfr. *Ensaios Ethnogr.* cit., t. IV, pág. 71.

⁴ Cfr. *Ensaios Ethnogr.* cit., t. IV, pág. 81.

⁵ É a continuação da quadra n.º 240 de pág. 323, v. 17, da *Revista Lusit.*

⁶ Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 319, n.º 196. V. *Trad. Pop. de Port.* cit., pág. 125.

⁷ Toma aqui uma forma um tanto diferente a vulgaríssima canção já registada no *Cancioneto Popular* de Teófilo Braga.

⁸ Cfr. *Revista Lusit.*, v. 9, pág. 247. Variante:

Quem diz que o amor que enfada,
Bem decerto nunca amou:
.....

- 128 O mar também é casado,
Também tem sua mulher;
É casado co'as ondas,
Dá-lhe abraços quando quer ¹.
- 129 A vinte-e-quatro de Agosto,
Ai, é o S. *Bertolameu*;
Menina, fuja ó seu pai,
Que eu *tamém* fujo ó meu ².
- 130 Ó '*strêlinha* do Norte,
Alumia cá p'ra baixo;
Eu perdi o meu amor,
Às escuras não o acho ³.
- 131 Eu tenho quatro nomes,
Que os tenho de obrigação;
É Manoel e António,
E Francisco e João.
- 132 Antoninho pede a Deus,
Que eu peço às almas santas,
Que nos *ajuntemos* ambos,
As saudades já são tantas ⁴...
- 133 Esta noite que passou,
Dentro do meu coração,
São sete letras de amor
Que eu leio com devoção.
- 134 Tu és a imagem formosa,
Freira do meu pensamento;
Mas ninguém mais do que tu
Pode entrar neste convento.
- 135 Os teus olhos são dois lagos,
Onde se reflecte o céu;
As estrélas que lá brilham,
São amores do peito meu.
- 136 Se cada vez que te chamo,
Fôsse por ti sempre ouvida,
Constantemente ouvirias
Chamar por ti tôda a vida.
- 137 Depois que os meus olhos viram
Tôda a graça que os teus tem,
Nunca mais foram senhores
De olhar para ninguém.
- 138 Tu és como o sol ardente,
Que cresta as flores mimosas;
Eu sou o orvalho da noite
Que vem chorar sôbre as rosas.
- 139 Tenho agora dois amores,
A quem ando a namorar;
Um amor é o teu sorriso,
Outro é a luz do teu olhar ⁵.
- 140 Já passei o mar a nado
Nas ondas do teu cabelo;
Agora posso dizer:
Já passei o mar sem medo ⁶.
- 141 Não sei que praga te rogue,
Que te vá empêcer;
Rogo que caias do alto
E aos meus braços venhas ter ⁷.
- 142 O amar e querer bem
Tudo deve ser igual:
Foi a primeira cantiga
Que eu ouvi em Portugal.
- 143 Amanhã é dia santo,
Hei-de ir à missa do dia;
Quero ver o meu amor
À porta da sacristia.

¹ Aparece aqui mais popularizada a cantiga. Cfr. *Revista Lusit.*, v. 9, pág. 258, e 17, pág. 317; Tomás Pires, *Cantos*, t. 1, pág. 342.

² V. Tomás Pires, *Cantos*, t. 1, pág. 125.

³ Variante:

Ó lampião da esquina,

⁴ Cfr. Tomás Pires, *Cantos*, v. 1, págs. 7, 44, 94 e 126.

⁵ As quadras n.ºs 145 a 150 são de origem literária. A minha informadora aprendeu-as em pequena ao ouvi-las cantar a uns cegos na romaria da Senhora das Dores.

⁶ V. *Revista Lusit.*, v. 9, pág. 129, n.º 420, e 16, pág. 311; Tomás Pires, *Cantos*, t. 1, pág. 138.

⁷ Cfr. Tomás Pires, *Cantos*, t. 1, pág. 136.

- 144 Ó luar da meia noute,
Tu és o meu inimigo;
Estou à porta da que amo,
Não posso entrar contigo ¹.
- 145 Dizes que não tenho cama,
Que durmo no chão varrido;
Tenho cama e tenho roupa,
Tenho quem durma comigo ².
- 146 Quem me dera ver agora
A quem a mim me *alembrou*:
Os olhos do meu amor,
Que tam longe d'ele estou ³.
- 147 Ó vida da minha vida,
Ó vida do meu bem todo;
Quando te eu vejo, me alegre,
Quando te não vejo, morro.
- 148 Delicado é o fumo
Que passa a telha dobrada;
Delicados são teus olhos
Que namoram em *pancada* ⁴.
- 149 O meu amor é soldado,
Hei-de-lhe atirar dois tiros
C'uma pistola de prata,
Carregada de suspiros.
- 150 As telhas do teu telhado,
Parte delas teem virtude;
Quando doente me achei,
Elas deram-me saúde ⁵.
- 151 Aí vem o meu amor,
Eu no andar o conheço;
Tem o andar miúdinho
Como a fôlha do codesso.
- 152 Amanhã é dia santo,
Hei-de ir à missa primeira;
Quero ver o meu amor
À sombra da oliveira.
- 153 Adeus, que me vou embora,
Ingüento da botica;
Ainda que eu me vá embora,
O meu pensamento cá fica.
- 154 Bota-te daí abaixo,
Cara de limão maduro;
Eu te apararei nos braços
Ou no chão que é mais seguro.
- 155 Menina, peça a Deus,
Que eu peço às almas santas,
Que nos juntemos ambos,
Já que as lágrimas são tantas ⁶.
- 156 Já fui mar, já fui navio,
Já fui ao Brasil e vim;
Já fui amada dum anjo,
Querida dum serafim ⁷.
- 157 O sol vira e desvira,
Dá voltas para se pôr;
Também eu viro e desviro,
Sou lial ao meu amor ⁸.
- 158 Dá-me da pêra um quarto,
Da maçã um bocadinho,
Da laranja um só gomo,
Da tua bôca um beijinho.
- 159 Quando te eu vi, logo disse:
Linda carinha p'ra amar,
Linda boquinha p'ra beijos...
Quem mos dera a ti dar!

¹ Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 328, n.º 319.

² Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 333, n.º 383.

³ Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 325, n.º 279.

⁴ Em *pancada*, depressa. Cfr. *pancada d'água*, aguaceiro violento.

⁵ Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 326, n.º 285, e *Cantigas Populares* cit., onde a quadra vem publicada sob a forma:

As telhas do teu telhado
As mais delas tem virtude;

Eu passei por lá doente,
Agora tenho saúde.

⁶ Cfr. *Revista Lusit.*, v. 16, pág. 300, n.ºs 3 e 4.

⁷ Cfr. *Revista Lusit.*, v. 16, pág. 322, n.º 258.

⁸ Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 320, n.º 201.

- 160 Se as lágrimas fôsem pedras
Que eu tenho por ti chorado,
Mandava fazer um castelo
No meio do mar *quadrado* ¹.
- 161 Maria, minha Maria,
O pecado te *atentou*;
Estavas como o peixe na água,
O mimo te derrancou.
- 162 Não chores, amor, não chores,
Que eu inda aqui 'stou contigo;
Chorarás quando me vires
No mar largo sem abrigo.
- 163 Eu hei-de-te amar, menina,
Ao saltar duma parede;
Tanto te hei-de andar ao geito,
Que me *há-des* cair na rede ².
- 164 Deste-me alecrim por prenda,
Por ter a folha miúda;
Quiseste-me experimentar...
Meu coração não se muda.
- 165 Olha que eu por ti suspiro,
Olha que eu por ti dou ais;
Olha que eu por ti, meu cravo,
Hoje não suspiro mais.
- 166 Co'a pêne de pavão,
Sáingue da cotovia;
Hei-de escrever uma carta
Ao meu amor de algum dia.
- 167 Não sei que tenho nos olhos,
Que não posso ver os *homes*;
Ó luar da meia noite
Tu és o que me consomes.
-
Que não posso ver a noite;
Não posso ver meu amor
Longe de mim, perto *d'oitre*.
- 168 Eu hei-de amar a quem me ama,
Deixar o escuro traidor;
Eu amo a quem eu quero,
De mim ninguém é senhor.
- 169 Já lá vai pelo mar fora
Quem Deus criou para mim;
O mar se lhe torne em rosas,
O navio em jardim.
- 170 Meu amor, não botes dó,
Nem dês tua roupa à tinta;
Eu morro, vou para o céu,
Tu ficas na *tua quinta* ³.
- 171 Menina, não te namores
De homem casado que é perigo;
Namora-te dum solteiro,
Que pode casar contigo.
- 172 Ó minha costureirinha,
Tens agulha, tens dedal;
A primeira picadela,
Olha, logo foi p'ra mal.
-
Dá o ponto miúdinho;
Inda 'spero de romper
Na tua mão um colarinho.
-
A tua agulha picou-te;
A primeira picadela,
'stavas a dormir, acordou-te.
- 173 Minha mãe, logo à noite,
Ó filha, vai-te deitar;
Ela pensa que eu que durmo,
Eu ando a passear.
- 174 Minha mãe mandou-me à erva,
À erva não quero ir;
O lameiro tem buracos,
Tenho medo de cair.
- 175 Se passares à ermida,
Depois da lâmpada apagada,
Lá verás *uma* fantasma
De branco amortalhada.
- 176 Se eu soubesse que morria
Sem êsse teu corpo lograr,
Já me tinha enfadado
De êsse teu corpo beijar ⁴.

¹ Coalhado?² Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 325, n.º 266.³ *Ficar na sua quinta* significa aqui o mesmo que *ficar nas suas sete quintas*.
Por exigência da rima a expressão usa-se, contra o costume, no singular.⁴ Esta canção foi colhida na Póvoa do Varzim.

- 177 Quando eu comecei a amar,
 Inda não era pecado;
 Nem o mundo era mundo,
 Nem o mar era sagrado. 'stá um tanque de água fria;
 É a água *donde* me eu lavo,
 'spelho *donde* me eu via.
- 178 Quando Deus formou o mundo, 183 A água da fonte é fria,
 De barro formou Adão;
 Também formou a mulher,
 Dos homens a perdição. Ela faz constipação;
 O vinho é venenoso,
 Faz tremer o coração.
- 179 Eu de lá e tu de cá, 184 Tôda a vida *trôve* e trago
 Mete-se o rio a meio;
 Tem lá mão da tua banda,
 Que eu da minha não arreo. Fita verde no chapéu;
 Agora trago cilícios,
 Para ver se alcanço o céu.
- 180 Papagaio da janela, 185 Eu hei-de-me *avinturar*,
 Dá-me uma pena da asa;
 Quero 'screver uma carta,
 Ficou-me a pena em casa. Eu hei-de perder o medo;
 Hei-de colhêr uma rosa
 Na roseira de S. Pedro.
- 181 Margarida foi à fonte, 186 Chamaste-me trigueirinha,
 Foi à fonte e foi sòzinha;
 Margarida foi à fonte
 E quebrou a cantarinha ¹. Sou mulher de minha casa;
 Para chegar à masseira,
 Ponho-me em cima da rasa ².
- 182 No meio daquele mar 187 Ó minha mãe, vinho, vinho,
 'stá uma pombinha verde;
 Não é pomba, não é nada,
 É o rei da cana verde ³. Que eu água não sei beber;
 A água tem sanguessugas,
 Tenho medo de morrer ⁴.
- 188 Ó que graça,
 Anda uma pombinha branca;
 Não é pomba, não é nada,
 É o mar que se *alevanta*. Ó que riso me dá!
 Tu gostas de beijos,
 Meu amor, ninguém *tos* dá... ⁵
- 189 Fala-me, rôla, a mim sòzinha,
 'stá uma pedrinha verde;
 Não é peixe, não é nada,
 É a raiz da cana verde. Verás como ficas côradinha;
 Côradinha, ó linda, ó linda,
 Côradinha do verde limão;
 Eu prometo de ser tua
 Mas por ora ainda não.
-
 'stá uma pedrinha branca;
 Não é pedra, não é nada,
 É o mar que se *alevanta*.

¹ Cfr. Tomás Pires, *Cantos*, t. I, pág. 284.

² Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 312, n.º 103.

³ Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 312, n.ºs 108 e 109.

⁴ Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 324, n.º 265.

⁵ Numa estrofa ouvi a uma rapariga um grande número de quadras amorosas.

No fim dos dois primeiros versos, as outras cantavam em cântico o estribilho: — *O' que graça*, etc.

- 190 Quando o sobreiro der baga,
O loureiro der cortiça;
Então é que te hei-de amar,
Em antes tenho preguiça ¹.
- 191 Eu hei-de morrer dum tiro,
Ou duma faca de ponta;
Quem eu quero não me quer,
Quem me quer não me faz conta.
- 192 É desgraçado quem ama
Sem primeiro ser amado;
Fica c'o tempo perdido,
O coração magoado.
- 193 Não me ponha o pé na saia,
Nem a mão na minha cinta;
Tem crime de mão cortada
Quem com amores doutro brinca.
- 194 Eu sou como a *bertoleta*,
Que *assubo* à luz tirana;
De cansada cai morta,
É desgraçado quem ama.
- 195 *Assubo* ao altar-mór,
Acender velas ao trono;
Coitadinho de quem ama
Amores que já tem dono!
- 196 Atiraste ao meu peito,
À parte mais delicada;
Quem ao meu peito atira
Pouco bem me quer ou nada.
- 197 Atirei e não matei,
Foi mal empregado tiro;
Minha pólvora está gasta,
Meu chumbo 'stá derretido ².
- 198 O' oliveira do adro,
Não assombres a igreja,
Que bem assombrado anda
Quem não logra o que deseja ³.
- 199 Disseste *qué* me não querias
Pelas marcas das bexigas;
Isto são letrinhas de ouro
Pela mão de Deus servidas.
- 200 Eu sou sol e tu és sombra,
Qual de nós será mais firme?
Eu sou sol a procurar-te,
Tu és sombra a fugir-me ⁴.
- 201 Hei-de *assubir* altas tórres,
Hei-de arrasá-las com ais;
Eu quero que o mundo saiba
A paixão que vós dais ⁵.
- 202 Quando eu quis, não quiseste...
Tiveste tua opinião;
Agora tu queres, eu não quero...
Tenho minha presunção ⁶.
- 203 Vai-te embora, amor ingrato,
Eu não sou o teu amor;
Eu não sou como a figueira,
Que dá fruto sem flor.
- 204 Eu e mais o meu amor,
O meu amor e mais eu,
Andemos ambos *dif'rentes*,
Nem éle fala, nem eu.
- 205 *Passastes* por mim, *còrastes*
Como pano na imprensa;
Fala para quem quiseses,
Que eu dou-te tóda a licença.
- 206 Passas por mim, não me salvas,
Nem o teu chapéu me tiras;
Certo foi que te disseram
De mim algumas mentiras.
- 207 Graças a Deus para sempre,
Já *chiguei adonde* eu qu'ria;
Já se me foi uma *nube*
Que eu no meu peito trazia.

¹ Cfr. *Ensaios Ethnogr.*, t. III, págg. 31 e 395, e *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 331, n.º 437.

² Ouvei cantar esta quadra na Póvoa do Varzim também. Cfr. *Revista Lusit.*, v. II, pág. 41.

³ Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 330, n.º 336, e v. 10, pág. 202.

⁴ Cfr. *Ensaios Ethnogr.*, t. IV, págg. 100 e 124, e *Revista Lusit.*, v. 18, pág. 303.

⁵ Cfr. Tomás Pires, *Cantos*, t. I, pág. 317 e 364.

⁶ Cfr. Tomás Pires, *Cantos*, t. I, pág. 301.

- 208 A lua tem quatro *quadros*,
Cada quadro tem seu *S*;
Tu de mim nunca te lembrás,
Eu de ti nunca me esqueço.
- 209 Passei pela tua porta,
Pedi-te água, não ma deste;
Nem os moiros da Moirama
Faziam o que tu fizeste ¹.
- 210 Dizes que me queres bem,
Não entendo tal querer;
Só p'ra dizer — bem te quero —
Quem quer o pode dizer.
- 211 O quarto onde tu ficas
Tem a janela de vidro;
Quem me dera adivinhar
Onde *tinha-lo* sentido.
- 212 Trazes cabelo atado,
Oiro debaixo da trança;
Quem de oiro faz rodilha,
Do amor faz mudança.
- 213 Moro em cima da ponte,
Não sei se vá, se não vá;
O meu triste coração,
Em que balanços não 'stá!
- 214 Ó meu amor, dá-me lume,
Que eu bem no vejo luzir;
Bota cá o frade fora,
Que eu bem no vi p'ra lá ir.
- 215 Eu amar-te foi um sonho,
Foi uma variedade;
Foi enquanto não achei
Amores à minha vontade ².
- 216 Os homens são como o lobo,
Só *lhe* falta ter o rabo;
Para enganar as mulheres,
Teem carinhos do diabo.
- 217 Ninguém se fie nos homens,
Nem nas falas que eles dão:
Uma hora de alegria,
Três e quatro de paixão.
- 218 Ninguém se fie nos *homes*,
Nem no seu doce falar;
Eles teem falinhas doces,
Coração de rosagar ³.
- 219 Não sei que tenho nos olhos
Que não posso ver os *homes*;
Ó luar da mela noite,
Tu és o que me consomes.
- 220 Subi ao céu por uma ameixa,
Desci por um cacho de uvas;
Ninguém se fie nos *homes*,
Que são falsos como Judas.
- 221 Quando eu aqui cheguei,
Deitei os olhos e vi
Meu amor nos braços doutra...
Não sei como não morri ⁴!
- 222 Dizes que me queres bem,
O querer bem não é assim;
Tu falas quando me encontras,
Não dás passadas por mim ⁵.
- 223 Ó coração, ó pombinha,
Ó cara cheia de enganos;
Olha o pago que me *destes*
De eu te amar tantos anos!
- 224 Moça *quê* se deixa enganar,
Ó que sorte tam tirana!
Quantas vezes ela chora
Ao pé de quem a engana...
- 225 Incosta-se à verde cana,
Infiada nela vai;
Cum falso prometimento
Qualquer fina cai.

¹ Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 333, n.º 332-334, e Tomás Pires, *Cantos*, t. 1, pág. 267.

² Cfr. *Revista Lusit.*, v. 1, pág. 177, e Abílio Monteiro, *Poesias e Canções Pop. do Conc. da Maia*, pág. 60.

³ Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, págg. 315, n.º 145, e 322, n.º 228, e *Ensaios Ethnogr.*, v. 17, pág. 55.

⁴ Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 331, n.º 356.

⁵ Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 330, n.º 337.

- 226 Desenrola o teu cabelo,
Não o tragas enrolado;
Desengana o teu amor,
Não o tragas enganado.
- 227 Candeia, que não dá luz,
Não se espeta na parede;
Amor, que não é firme,
Não se faz mais caso d'ele.
- 228 Se eu soubesse quem tu eras,
Ou quem tu vinhas a ser,
Mandava vir da botica
Remédio para morrer.
- 229 Eu passei o mar a nadô
C'uma vela branca acesa:
Em todo o mar achei fundo,
Só em ti pouca firmeza.
- 230 Desaperta o teu colete
Quero ver o teu camisote;
Quero ver o teu peito ingrato
Causador da minha morte.
- 231 *Prometestes-me e faltastes-me,*
Amor de pouca palavra;
Se tal me acontecia,
Por minhas mãs me matava.
- 232 Chapéu de meia moeda,
Ninguém o tem senão eu;
Agora ando fazendo figas
A um amor que mo deu.
-
Bom dinheiro me custou;
Com abraços e beijinhos
Teu corpo mo pagou.
- 233 O *reixinol* do *lôreiro*
Tem o cantar *solotário*;
Como pode ter juízo
Quem tôda a vida foi vário? ¹
- 234 Tenho um amor, tenho dois,
Tenho três, não quero mais;
Eu p'ra que quero amores,
Se êles me não são liais ²?
- 235 Nem no mundo há dois mundos,
Nem no céu há dois Senhores;
Nem há coração que possa
Ser lial a dois amores ³.
- 236 Quem me dera tinta roxa,
Que a pena tenho-a eu,
P'ra escrever ao meu amor
Que de mim se esqueceu.
- 237 Vou viver de ti, querida,
Três anos de ti ausente;
Não possa ser *esquecida* ⁴
Quem te ama eternamente.
- 238 Laranjeira de pé de ouro,
Bota laranjas de prata;
Tomar amores não custa,
Deixá-los é que me mata.
- 239 O meu amor, coitadinho,
Chora de noite na cama;
Chora que já foi amado
E agora já ninguém o ama.
- 240 Ó alecrim da janela,
Já te podes ir secando;
Já morreu quem te regava,
Eu já me vou acabando ⁵.
- 241 Meu amor, *viestes* tarde,
Não te estou agradecido;
Viestes por outra banda,
Tens o teu amor perdido.
- 242 Trocaste a mim por outra,
Bem se sabe que trocaste;
E só quero que me digas
Quanto na troca ganhaste...

¹ Cfr. *Trad. Pop. de Port.*, pág. 161.

² Cfr. *Revista Lusit.*, v. 9, pág. 252, e Tomás Pires, *Cantos*, t. I, pág. 401.

³ Cfr. *Revista Lusit.*, v. 9, pág. 252, e Tomás Pires, *Cantos*, t. I, pág. 42.

⁴ O solecismo foi provocado pela atracção da rima. Com êle ficou a canção *quadrada*.

⁵ Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 313, n.º 118, e *Cantigas Populares* cit., pág. 19.

-
 Não sentiste minha falta;
 Bem de-certo te assentaste
 Numa cadeira mais alta.
- Deixaste-me a mim por outra,
 A mim por outra deixaste;
 Também quero que me digas
 Quanto no trôco ganhaste.
- 243 O anel que tu me deste
 Era de vidro, quebrou,
 O amor que tu me tinhas
 Era pouco, acabou ¹.
- 244 Pensavas, por me deixares,
 Que tristezas me fazias;
 Vão uns amores e veem outros,
 Vivo na mesma alegria ².
-
 Que me estalava o meu peito;
 Foi favor que me fizeste,
 Já mo puderas ter feito...
- 245 Toma lá este limão,
 Que eu p'ra tí mandei colhêr;
 Tiveste algum ousio.

 O limão tira o fastio,
 A laranja o bem querer,
 Trocaste a mim por outra,
 Inda te hás-de arrepender ³.
- 246 Adeus, amor, adeus vida,
 Adeus, cruel *espêdida*;
 Não posso com *pêna porte* (forte?)
 Na hora da sua morte
 Dar alívio a teus ais;
 Bem sei que sou teu amor,
 Mas é na falta das mais;
 Adeus, ó amor infame,
 Tu *prêcura* a quem *tí* ame;
 Já se *cobrar* os laços
 Com que me *prêsa* *tivestes*,
 Tomastes novos amores
 Favor foi que me *fizestes*.
- 247 Saudades são securas,
 Elas em mim *reverdece*;
 Causá-las, quem quer as causa...
 Triste de quem as padece!
- 248 Passarinhos, que cantais,
 Nos ramos dependurados,
 Cantai vós, chorarei eu
 Os meus dias desgraçados.
- 249 Quando os passarinhos cantam
 Numa manhã tam serena,
 A todos dão alegria,
 Só a mim me causam *pêna*.
- 250 Quando os passarinhos choram,
 Que não teem *intendimento*,
 Pois que fará quem não viu
 Seu amor há tanto tempo?
- 251 Quando o lume se apaga,
 Na cinza fica o calor;
 Quando o amor se ausenta,
 No coração fica a dor.
 Ainda que o lume se apague,
 Na cinza fica o calor;
 Ainda que o amor se ausente,
 No coração fica a dor ⁴.
- 252 As saudades são o pão
 Dá ausência do meu amor;
 Um pão feito de mágoas,
 Amassado com a dor.
- 253 Não chores, amor, não chores,
 Nada vale o teu chorar;
 Sabes que vou p'ra soldado
 Por me não poder livrar.
- 254 Adeus, janela da eira,
 Adeus, casa de meu pai;
 Algum dia morei nela,
 Esse tempo já lá vai...
 Adeus, casa de meu pai,
 Adeus, tanque de água fria:
 Água *adonde* me eu lavo,
 Espelho *alonde* me eu via.

¹ Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 299, n.º 11).² Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 333, n.º 372.³ Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 331, n.º 357.⁴ Cfr. Tomás Pires, *Cantos*, t. 1, pág. 221, e *Revista Lusit.*, v. 10, 245.

- Ó que rico pé de salsa
Tem meu pai ao pé da eira!
Onde me eu *adevertia*,
Quando eu era solteira.
- 255 Oliveira detorada,
Sempre fica oliveira;
A môça, casada nova,
Pensa sempre que é solteira.
- 256 Menina, que vai no barco,
Tire o pé, que molha a meia;
Vá casar a sua terra,
Não case na terra alheia ¹.
- 257 Minha mãe, case-me cedo,
Enquanto sou rapariga;
O milho, sachado tarde,
Nem dá palha, nem dá 'spiga.
- 258 — Minha mãe, quero casar;
— Minha filha, *diz* com quem;
— Minha mãe, c'um sapateiro;
— Minha filha, não vais bem:
Olha que êle bate a sola,
Bate-te em ti também.
- 259 Quem tem carneiro, tem lã,
Quem tem porco, tem presunto;
Não quero mulher viúva,
Que é sobras de defunto.
- 260 Eu casei-me, cativei-me,
Tirei o vivo à saia;
Enquanto o mundo fôr mundo,
Não temas que eu noutra caia ².
- 261 Minha mãe, minha mãezinha,
Minha mãezinha do céu,
Que me trouxe nove meses
Debaixo do seu mantêu.
- 262 Quando eu era solteirinha,
Usava fitas e laços;
Agora que sou casada,
Trago meus filhos nos braços.
- 263 Nana, nana, meu menino,
Que a mãezinha logo vem;
Foi lavar os teus paninhos
Ao reguinho de Belém ³.
- 264 Quem tem meninos pequenos
Sempre *lhe* há-de cantar;
Quantas vezes a mãe canta
Com vontade de chorar ⁴!...
- 265 Quando eu era solteira,
Trazia fitas e laços;
Agora que sou casada,
Trago meus filhos nos braços ⁵.
- 266 Triste vida leva o burro,
Má vida leva o moleiro;
Anda de porta em porta
Por causa do maqueiro.
.....
Mais triste é a do moleiro;
Antes de carregar o burro,
Carrega-se a si primeiro.
- 267 Menina do chapéu novo,
Por amor de Deus mo venda;
Sou uma pobre tendeira,
Quero começar a tenda.
- 268 Quem me dera ser *olives* ⁶
Uma hora depois da ceia;
Fazia brinquinhos de ouro
Às escuras, sem candeia.
- 269 Se ouvires assobiar,
Não julgues que é capador;
É uma moda que anda agora
De assobiar ao amor ⁷.

¹ Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 333, n.º 385, e v. II, pág. 2.

² Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 334, n.º 386.

³ Cfr. *Trad. Pop. de Port.*, pág. 207, e *Revista Lusit.*, v. 10, págg. 32, 159 e 198.

⁴ Cfr. *Revista Lusit.*, v. 10, págg. 26, 45 e 159.

⁵ Cfr. *Revista Lusit.*, v. 10, pág. 27.

⁶ Ourives.

⁷ O sr. Alberto Pimentel (*Santo Thyrsso de Riba d'Ave*, pág. 229) regista uma quadra quasi idéntica, ao citar o anúncio dos capadores por meio duma gaita. Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 323, n.º 252, onde *caçador* está por *capador*, e o ditado: *Quando se capá, não se assobin*. *Ensaio Ethnogr.*, t. IV, pág. 5.

- 270 Ó vida da minha vida,
Minha vida atrapalhada;
Todos arranjam a vida,
Só eu não arranjo nada.
- 271 A morte é feia, horrenda,
À morte ninguém escapa;
Em antes de vir
Mostra a pintura;
Desse dinheiro ou fazenda
E deixasse a criatura...
Leva o rico e leva o pobre,
Leva o rei e leva o conde
E lá vai não sei por onde,
Vai p'ra debaixo duma lata:
A Deus ninguém se 'sconde
E à morte ninguém 'scapa.
- 272 Quando eu nasci, chorava ¹,
Chorava por ter nascido:
Parece que adivinhava
A sorte que tenho tido.
- 273 Quando eu nasci no mundo,
Nasceram quatro num dia:
Nasci eu, nasceu *disgrácia*,
Tristeza, *mananconia*.
- 274 Esta noite chorei tanto,
Que amolentei o sobrado;
Coração que assim chora
Deve de estar magoado.
- 275 Ó minha pombinha branca,
Empresta-me o teu vestido;
Inda que êle seja de pênas,
Eu também em pênas vivo ².
- 276 Eu não tenho pai, nem mãe,
Nem padrinho, nem madrinha;
Sou filha das tristes ervas,
Vivo desamparadinha.
- 277 O sete-estrelô vai alto,
Mais alto vai o luar,
Mais alta vai a fortuna,
Que Deus tem para me dar ³.
- 278 Ondas do mar, abrandai,
Que eu quero pilhar um peixe;
Eu quero deixar o mundo
Antes que o mundo me deixe ⁴.
- 279 Grande desgraça é nascer,
Quando se segue o pecar;
Depois de pecar, morrer,
Depois de morrer, penar.
- 280 Erva cidreira no monte
Nasce ao pé de qualquer pedra;
Môça solteira sem fama
É novidade na terra.
- 281 Água do rio vai turva,
Eu não *foi* que a turvei;
Ninguém diga neste mundo:
Desta água não beberei ⁵.
- 282 A oliveira do adro
É mais alta que o padrão;
Quem não quer que o mundo fale,
Não lhe dê ocasião.
- 283 Meu amor, anda e vamos
À igreja dar a mão;
Quem não quer que o mundo fale,
Não lhe dê ocasião.
- 284 O amor e o dinheiro
Não *pode andar encoberto*;
O dinheiro é chocalheiro,
O amor é desinquietao ⁶.

¹ Variante: Quando eu era pequeninha. *revista Lusit.*, v. 9, pág. 241.

² Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 311, n.º 86.

³ Cfr. *Ensaios Ethnogr.*, t. iv, pág. 51, e Tomás Pires, *Cantos*, t. i, pág. 217.

⁴ Cfr. *Revista Lusit.*, v. 9, pág. 247, e Tomás Pires, *Cantos*, t. i, págg. 333 e 265.

⁵ Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 334, n.º 387.

⁶ Cfr. *Ensaios Ethnogr.*, t. iv, pág. 5, e Tomás Pires, *Cantos*, t. i, pág. 413.

- 285 Namorados, falai baixo,
Que as paredes teem ouvidos;
Os segredos encobertos
São os mais sabidos ¹.
- 286 Do meu colete amarelo
Fiz um jaqué ao meu *home*;
Cada qual é obrigado
A coçar onde lhe come.
- 287 Eu amar-te, eu a querer-te...
Sempre mal agradecida!
Por bem fazer, mal haver
São os pagos desta vida.
- 288 Rolinha, que vais rolando,
C'o biquinho *pêla* areia;
É lial o meio mundo,
Outro meio nos falseia.
- 289 Eu hei-de *assubir* ó alto,
Ó alto hei-de *assubir*;
Quem ó mais alto *assobe*
Ó mais baixo vem cair.
- 290 A cantar ganhei dinheiro,
A cantar se me acabou;
Dinheiro mal ganhado,
Água o deu, água o levou.
- 291 A silva, *cum* seu enleio,
Prende a gente *pêla* roupa;
Na era em que nós 'stamos,
Tôda a cautela é pouca.
- 292 O ladrão do milho verde
A manha que êle sabia!
Gardava o orvalho da noite
P'ra bober em todo o dia.
- 293 Vós dizeis que não, que não,
Inda haveis de vir a q'rer;
Tanto dá a água na pedra,
Que a faz amolecer.
- 294 Fechei a porta à *disgrácia*,
Introu-me pêla janela;
Foi sorte que Deus me deu,
Não *pôde* fugir a ela.
- 295 Quem *fê-la* casa na praça,
A muito se *avinturou*;
Uns dirão que ela que é baixa,
Outros de alta que passou.
- 296 O cravo, depois de sêco,
Foi-se queixar ao jardim;
A rosa lhe respondeu:
Tudo que nasce tem fim.
- 297 Tudo que é verde seca
Lá no pino dêsse v'rão;
Tudo que nasceu, morreu,
Só a graça de Deus não.
-
Lá no pino dêsse v'rão,
Tudo torna a renovar,
Só a mocidade não.
- 298 Quem tem amores não dorme,
Quem os não tem adormece;
Eu nunca perdi o sono
Por mais amores que tivesse ².
- 299 O sono e a preguiça
Teem-me dado muita perda;
Hei-de levá-los a Braga
A rasto por uma vêrga.
- 300 Ó mar largo, ó mar largo,
Ó mar largo, sem ter fundo;
Mais vale cair no mar largo
Que andar na bôca do mundo.
- 301 Canta o mocho no penedo,
A c'ruja no carrascal ³;
Quem se mete com canalha
Sujeita-se a ficar mal.

¹ Cfr. Tomás Pires, *Cantos*, t. 1, pág. 385, *Revista Lusit.*, v. 10, pág. 153, e *Cantigas Populares*, pág. 18.

² Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 319, n.º 189.

³ Fica assim emendado o verso da *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 319, n.º 185.

- 302 Eu hei-de amar a cereja
Que é primeira novidade;
Quem madruga não alcança,
Que fará quem segue tarde?
- 303 Tôda a vida trabalhando,
Sempre morrendo de fome;
Hei-de dar em ser malandro,
Quem não trabalha também come.
- 304 Tôda a vida trabalhei,
E sempre morri à fome;
Vou-me pôr a brincar,
Quem brinca também come.
- 305 Sou um pobre sapateiro,
Levo a vida a dar, a dar;
Quem nasce para ser pobre,
Pouco vale o trabalhar.
- Vejo o meu vizinho barbeiro,
Leva a vida alegre à porta;
Eu trabalho noute e dia,
Nunca passo da cepa torta.
- 306 Senhor mestre sapateiro,
Bote-me aqui um tacão;
Mas que fique bem botado,
Que o dinheiro vem na mão.
- 307 Não me namora o seu paleio,
Nem tam pouco a sua treta;
Se não quer ter o dinheiro na mão,
É metê-lo à minha gavêta.
- 308 Agarrado ao tira-pé,
Assim passo um dia todo;
Trabalho de noite e dia,
'stou sempre c'o pé no lôdo.
- 309 A salsa vende-se aos molhos,
O alecrim às mãos cheias;
Tanto custaram a Deus
As bonitas como as feias.
- 310 Menina, não te namores,
De homem casado nenhum;
Nem solteiro, nem viúvo:
Todo o diabo é um.
- 311 Não queiras amor casado,
Não queiras amor nenhum,
Não queiras amor solteiro,
Que o diabo é todo um.
- 312 Tôda a mulher, que se casa
Com homem que tem seu erro,
Puxa-lhe pelas orelhas:
—Arre, cabano, ao rêgo!
- 313 Minha mãe, p'ra me casar,
Prometeu-me três ovelhas:
Uma manca e outra cega,
Outra já não tem orelhas ¹.
- 314 Ó que pinheiro tam alto,
Bem bô é para as colheres;
Água choca para os homens,
Vinho bô para as mulheres.
- 315 Estes rapazes de agora,
Estes que de agora são,
Teem quatro 'stacas na cara,
Metidas ao *sabolão* ².
- 316 Rosinha, tens teus erros,
Pensas que ninguém o sabe;
Tu já tiveste um filho
Dum fadista da cidade.
- 317 Eu bem sei que tens um filho,
Não foi de nenhum judeu;
Foi dum rapaz tam galante
De melhor nariz que o teu.
- 318 Bota-te daí abaixo,
Ao fundo dêsse quinteiro,
Pescoço de galga negra,
Olhos de cão perdigueiro.
- 319 Não cortes a videirinha,
Nem a raiz à carvalha,
Que é o sustento dos homens
Nos anos de pouca palha ³.
- 320 Menina, case comigo,
Não tenha medo à fome;
O meu pai é brasileiro
Que sustenta quem não come.

¹ Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 333, n.º 377, *Cantigas Populares* cit., pág. 23.

² *Sovelão*. Cfr. *Revista Lusit.*, v. 18, pág. 191.

³ Cfr. *Ensaio Ethnogr.*, t. IV, pág. 70.

- 321 Careca caiu ao poço,
Outro careca o botou;
Outro careca lhe disse:
Careca, quem te empurrou?
- 322 Quem tem um amor careca,
Tem-na morte à cabeceira;
Quando acorda de noite,
Dá c'os olhos na caveira ¹.
- 323 Ó vida da minha vida,
Três c'um burro *ando* bem;
Um carrega, outro tem mão,
Outro olha se vai bem ².
- 324 Minha mãe pariu-me ao lume,
Debaixo duma tijela;
Os gatos deram comigo
Cuidando que era vitela.
- 325 Homens e mulheres,
Rapazes e tudo,
Vinde ver o dote
Que minha mãe me deixou:
Uma cabra cega,
Um cabrito coxo,
Uma manta velha,
Que metia nojo.
- 326 O piolho e mais a pulga
Foram p'ró campo lavar;
O ladrão do *persevelho*
Ia atrás a sornar.
- 327 Pus-me a pé de madrugada,
Inda com muitas estrélas;
Inté 'gora me levou
A *afivelá-las* fivelas.
- 328 Esta noite fui à caça,
Ao pinheiral da areia;
Encontrei a lebre na cama,
Fi-la mira e matei-a.
- 329 Aqui-del-rei, quem acode,
À rua dos alfaiates!
As formigas andam prenhas
Para parir os *manifates*.
- 330 Inda não é meia noute,
Inda o galo não cantou;
Êle como há-de cantar,
Se êle no 'spêto andou?
- 331 Fui à fonte beber água,
Bebi água como terra;
'stava lá uma menina,
Atirou-me c'uma pedra.
- 332 Eu vou por aqui abaixo,
Não faço mal a ninguém;
Se alguém me quiser bater,
Eu puxo pelo meu cacete.
- 333 O velho diz que morre,
Eu digo que Deus o queira;
O velho morto na cova,
Outro já à minha beira.
- Ó meu velho, ó meu velho,
Ó meu velho, digo, digo;
Ou tu hás-de morrer, velho,
Ou te hei-de enterrar vivo.
- Fui dar c'o velho morto
Antre as pedrinhas da *loje*;
Atfiei-lhe c'um fueiro,
Olha o velho como foge!
- Fui dar c'o velho morto
Antre as pedras do meu lar;
Fui chamar a vizinhança
P'ra me ajudar a chorar.
- 334 Tenho o meu pão p'ra amassar,
E meu marido p'ra morrer;
Antes meu marido morra,
Que meu pão se me perder.
- Se meu velho morrer,
Alguém o há-de enterrar;
Se meu pão se estragar,
Ninguém cá mo vem pagar.
- 335 Ó meu velho, ó meu velho,
Fôra-te melhor morrer;
Tem-na mulher bem bonita,
Os... 'stão-te a nascer.

¹ Cfr. *Revista Lusit.*, v. 18, pág. 249, n.º 58.

² Cfr. *Revista Lusit.*, v. 18, pág. 266, n.º 279.

- Ó meu velho, ó meu velho,
Três... te hei-de 'spetar;
Três p'ra baixo, três p'ra riba,
Outro virado p'ró ar.
- 336 Uma velha, muito velha,
Mais velha que minha avó;
Que tinha o nariz comprido
E na ponta dá um nó.
- Uma velha, muito velha,
Em cima duma figueira:
Inté os figos dançavam
De a velha ser tam gaiteira.
- 337 Casei-me c'uma velha
Por causa da filharada;
Vem no diabo da velha,
Trouxe dez duma ninhada.
- 338 Eu, quando era mais novo,
Usava as minhas chancas;
Agora, que já sou velho,
Uso vêrgas nas tamancas.
- 339 Dizes que canto mal,
Que é por ter a fala grossa;
Com ela me *arremedeio*,
Não vos vou pedir a vossa ¹.
- 340 Eu hei-de aprender a ler
No livro da vedoria,
P'ra te saber responder
À tua sabedoria ².
- 341 Eu hei-de aprender a ler
No livro dos enganos;
Eu quero que me tu digas;
Quantos dias teem trinta anos.
- Teem dez e novecentos,
Se eu na conta não errar,
Com quinhentos e setenta e cinco
Sem uma hora lhe faltar.
- 342 Quatrocentos guardanapos,
Seis vintêns em cada ponta;
Menina, se é muito fina,
Some lá essa conta.
- 343 Pus-me a contar as estrélas
Na pedra duma tribuna;
Nove e oito, sete e seis,
Cinco, quatro, três, dois, uma.
- 344 Pus-me a contar *pêla* lei
As pedras duma coluna;
Quatro com cinco são nove,
Cinco e quatro, três, dois, uma.
- 345 Graças a Deus já ouvi,
Carminda, tua fala;
Só devia a vir do céu,
Na terra não se criava.
- Canta, minha voz dum anjo,
Pareces um clarim;
Por ditosa me daria,
Se eu tinha uma voz assim.
- 346 Vós cantais, que regalai,
Tende-la fala tardeira;
Quando *cantai-la* segunda,
Já vos não lembra a primeira.
- 347 Mandaste-me segar erva
Ao lameiro da amargura;
Podia cortar um dedo,
P'ra nunca mais ter cura.
- 348 Mandaste-me segar erva,
Eu erva não sei segar;
Mandaste-me falar de amores,
Eu de amores não sei falar.
- 349 Vou cantar uma cantiga,
Não sei o que irei fazer;
Não sei se vou agradar,
Se irei aborrecer.

¹ Cfr. *Revista Lusit.*, v. 17, pág. 335, n.º 402.

² Cfr. *Trad. Pop. de Port.*, pág. 137.

³ Ouvi cantar um grande número de quadras amorosas numa esfolhada a uma rapariga. Ao fim dos dois primeiros versos, as outras repêtiem em coro o estribilho: *Ó que graça*, etc.

350 Agora que vou cantar,
Agora é o meu tempo;
Quem me não quiser ouvir,
Vire os ouvidos ao vento.

351 Ésse senhor que me pede
Que eu cante uma cantiga...
Cantarei duas ou três
Que uma não é cortesia.

352 Algum dia, neste celeiro,
Havia uma gaiola;
Agora que a não há,
Digo-te adeus, vou-me embora.

Na sua grande maioria as cantigas colleccionadas por mim são perfeitamente populares: Denuncia-se essa qualidade pela idea, pela forma e por vícios de construção que não podem deixar dúvidas no espirito do leitor.

Outras são popularizadas, nada perdendo muitas vezes... em abandonar o cunho literário.

Há-as também literárias, ainda não tendo soffrido o trabalho dos cantadores. Publico-as também, revelando os agentes que ordinariamente as transmitem ao povo — os cegos.

(Continua)

AUGUSTO C. PIRES DE LIMA.



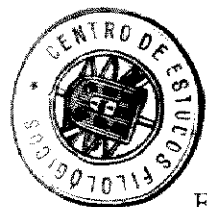
TEXTOS ANTIGOS PORTUGUESES

(Cf. REVISTA LUSITANA, XX, 183)

VII

Introdução

Entre as várias traduções da Regra de S. Bento (escrita originariamente em latim), feitas por monges d'Alcobaça, figura a que se segue e por si só ocupa todo o códice daquela proveniência, que, actualmente com o n.º 44 (de antes 328) se guarda na Biblioteca Nacional de Lisboa. É ele um belo volume encadernado, cujas folhas, todas de pergaminho, teem estas dimensões: 0^m,156 de comprimento e 0^m,118 de largura, ocupando a parte escrita respectivamente 0^m,114 e 0^m,085 ou seja com margens em ambos os lados e no alto e parte inferior de cada página, sendo esta mais larga do que aquela, com 14 linhas cada página e 25 a 30 letras cada linha. Antes da respectiva *Tavoa* ou Índice, que precede o contexto, acham-se cinco folhas no rosto da primeira das quais encontram-se várias *probationes calami* e datas da entrada na Ordem de alguns frades, lendo-se no verso estes versículos: *Ne reminiscaris domine delicta nostra vel parentum nostrorum, neque uindictâ sumas de peccatis nostris. Tu domine uniuersorum, qui nullam habes indigentiã, uoluisti templū tūu fieri i nobis, conserua domū istam imaculatā in eternum* e a seguir a *Litania Monachal*, que continua pelas restantes, com seus versos e orações próprias, depois dos quais lê-se de diferente mão *Ad usum Alcobaciae M[onasterii]* com uma assinatura. É possível que estas cinco folhas não fizessem a principio parte do códice, pois que só na folha imediata é que começa a respectiva numeração (que em parte foi cortada pela faca do encadernador), como indica a palavra *Hūa*, que se lê no alto e a meio da página. Um pouco abaixo dessa indicação acha-se o anagrama de Cristo (IHC) e ao lado a palavra Maria, ao que se seguem alguns versículos latinos, que é costume dizerem-se depois do hino *Te Deum laudamus* e antes das competentes orações, tudo naturalmente em latim; no verso respectivo começa a *Tauoa dos capitollos*, que se estende até ao verso também da folha n.º 6; a seguir a ela alguém escreveu posteriormente, com letra que parece querer imitar a da *Tauoa*, estas palavras: *Era do nascimêto de nosso Senhor Ihesu Christo de*



myll ll e imediatamente depois talvez a mesma mão, mas com letra de talhe diferente, exarou esta nota: *Era do nascimento de nosso Senhor Ihesu Christo de mill e quatro centos e oytenta e noue ânos entrarão per noviços frey Diego de Lixboa e frey Johane de Gymarões em dia de santa Maria de março que he aos [X]XV dias do dito mes.* Mais tarde ainda alguém escreveu em seguida: *Anno Domini 1531 in vigilia sancti Edmūdi ingressus est pater Petrus a Ryuo majore domum nouiciorum...* (o resto foi cortado pelo encadernador). No rosto da folha seguinte, ou seja a VIIª, veem-se, feitos à pena, um abade de mitra e báculo em atitude de abençoar um frade que está de joelhos diante dele, e por de trás destas figuras um convento com dois ciprestes, um a cada lado, sendo no respectivo verso que principia o texto da Regra, que se prolonga até ao rosto da folha CXIIª e termina com um *Deo graças* a tinta vermelha; na parte inferior desta mesma página escreveu-se muito depois evidentemente *Dalcobaça*, isto é, mais uma indicação dos possuidores do livro. No verso dessa mesma folha lê-se no alto o nome de Jesus em abreviatura, ao qual se segue uma fórmula de absolvição de excomunhão de defuntos, a julgar por estas palavras que veem depois dela: *Anima eius et omnium fideiū defunctorum per misericordiam Dei requiescant in pace. Amē.* Na folha immediata CXIIIª lê-se: *Aos (e por cima a los) ninos tributeat Dominus uitā eternam Amem: aos finados anime eorum requiescāt in pace amem. Confessiones fratriū. Anima istius et omnium.* A seguir começa uma espécie de regra de civilidade, cujo titulo é *Muito ama Deus a ordenança*, e se continua no respectivo verso, na folha immediata, da qual só se lê o rosto, por isso que o verso acha-se colado à capa do livro, e ainda, segundo presumo, na parte posterior da que se acha a forrar tambem a capa da frente. A letra do manuscrito é o gótico usado na época, mas muito bem feito, o que facilita bastante a sua leitura, sendo de côr preta a do texto e vermelha a dos titulos e inicial de cada capitulo.

Sobre quem fossem os autores desta cópia e tradução, que é glossada, como todas as outras da mesma proveniência, com excepção da do códice n.º 14, publicado por Fr. Fortunato de S. Boaventura nos seus *Inéditos*—se é que o tradutor foi personagem diferente do copista—nenhuma informação nos subministra o códice; quanto á epoca em que uma e outra foram feitas apenas a etiqueta XIV, colada na lombada do volume, nos dá a entender que a attribuia àquele seculo quem modernamente

ali a pós. Tem com efeito toda a aparência da linguagem então usada a que ali se encontra, mas só a dos ultimos anos daquele século ou dos primeiros do que se lhe seguiu, não obstante o emprego de alguns vocábulos que para o tempo já se teriam tornado talvez obsoletos, emprego que todavia se poderá explicar pela influência que copias mais antigas exerceram nas que sucessivamente se iam fazendo com o fim de acomodar sucessivamente ao modo de falar, tornando-o assim inteligível a todos, um texto de tanto uso e leitura, como naturalmente devia de ser aquele que continha os preceitos e conselhos a que todos sem excepção, dirigentes e dirigidos, deviam prestar a máxima atenção e obediência.

Quanto ao processo que segui na sua transcrição, direi que, tendo em mira representar também a ortografia da época e principalmente porque a nasalidade das vogais se acha ali indicada ora pelas respectivas consoantes, ora pelo til, achei preferível cingir-me rigorosamente ao sistema adoptado pelo copista e por isso o imitei neste ponto como na manutenção dos *u* e *i* com o valor consonântico e ligação dos pronomes enclíticos ou proposições proclíticas às palavras de que dependem, apenas, para comodidade de imprensa, desfiz as abreviaturas e uma ou outra vez restitui o til omitido.

J. J. NUNES.

REGRA DE S. BENTO

Tauoa dos capitollos que ssom cõtehudos na regla de ssam beento primeiramente

O prologo da dita rega aas VII ff^{as}

O II capitollo que falla das quatro geeraçoes dos mões a cõto de XIII

O III quall deue de sseer o abbade XVII

O IIII como deuem sseer chamados os ffrades a cõsselho XXIII

O Vº quaaes ssom os auctos e esguarniçimêtos das boas obras XXV

O VI da obediência XXVIII

O VII do ssillêncio XXXI

O VIIIº da homildade XXXII [u]

O IXº do primeiro graao de homildade a cõto de XXXIII folhas

O Xº do ssegundo graao	XXXV
O XºI do terceiro	XXXVI
O XII do quarto	XXXVI
O XIII do quinto	XXXVII
O XIII do ssexto	XXXVIII
O XºV do sseptimo	XXXVIII
O XVI do oitavo	XXXIX
O XVII do nono	XXXIX
O XVIII do deçimo	XXXIX
O XIX do vndeçimo	XXXIX
O XXº do duodeçimo	XXXX
O XXºI capitollo ffalla è que tẽpo sse deuẽ levantar os mon- ges aas horas que ham de dezer nas nõites	XXXXI
O XXII quantos ssalmos ham de dizer aas ditas horas	XXXXII
O XXIII è que guissa sse am de dizer as matinas na quen- tura	XXXXIII
O XXIII como sse deuẽ de dizer as matinas no do- migo	XXXXIII
O XXºV como ham de dizer os laudes no dito dia	XXXXV
O XXVI como sseiã ditos os laudes nos dias priva- dos	XXXXVI
O XXVII como sseiã ditas as uigili[III]as nas ffeitas dos ssantos	XXXXVII
O XXVIII em quaaes tẽpos sseiã dita alleluia	XXXXVII
O XXIX como sse deuẽ dizer as horas do dia	XXXXVIII
O XXX quantos ssalmos sseiam ditos aas ditas ho- ras	XXXXVIII
O XXXI do hordenamento dos ssalmos	XXXXIX
O XXXII como deuẽ os monges de cantar	L
O XXXIII como deuemos orar	LI
O XXXIII dos decanos do moẽsteiro	LII
O XXXV como deuẽ dormir	LII
O XXXVI da esscomunhom das culpas	LIII
O XXXVII qual deue de sseer ho modo e a maneira da escomunhõ	LIII
O XXXVIII das graues culpas	LIII
O XXXIX dos que conuerssom ou fallã ssem mãdado com os escomũgsdos	LV
O XL como o abade deue sseer ssolito e descreto ssobre os scomũgados	LV
O XLI dos que por muitas uezes forẽ corrigidos e nõ sse emendarem	LVI

O XLII como deuê receber os ffrades ffigitiuos que sse uãao do moesteiro	LVIII
O XLIII como deuê castiguar os mo[im]ços de meor hidade	LVIII
O XLIII quall deuê sseer o çelareiro	LVIII
O XLV das alffayas e fferramentas do moesteiro	LX
O XLVI sse deuê os mōges dauêr ou teer algũa coussa propia	LXI
O XLVII sse deuê todos de receber igualmête as coussas neçessarias	LXII
O XLVIII dos domaauros da cozinha	LXIII
O XLIX dos frades êffermos	LXV
O L dos uelhos e dos moços pequenos	LXVI
O LI do domaauro de leer aa mesa	LXVI
O LII da quantidade e menssurã dos maniares	LXVII
O LIII da mēssurã e quantidade do beuer	LXIX
O LIII ê quaes horas deuê de comer os monges	LXX
O LV como nō deuê ffalar depois de completa	LXXI
O LVI dos que ueerem tarde aas horas de Deus ou aa mesa	LXXII
O LVII como deuê satisfazer os que forē escomūguados	LXXIII
O LVIII como devē ssatisfazer os que falecem na egreja do que hã de dizer	LXXV
O LIX daquelles que ê alguas cousas pecarem ou desfallecerem	LXXV [v]
O LX como deuê tanger e fazer sinal aas hora[s] de deus	LXXVI
O LXI como deuê os monges de obrar per suas maaos	LXXVII
O LXII do aguardamêto da quareesma	LXXX
O LXIII dos frades que som ocupados ê laur ou som êuiados em algũu caminho	LXXXI
O LXIII dos frades que som êuiados a perto do moesteiro	LXXXI
O LXV da egreja e oratorio do moesteiro	LXXXII
O LXVI como deuê receber os hospedes	LXXXIII
O LXVII sse deuê os mōges receber cartas outra cousa	LXXXV
O LXVIII das uestiduras dos frades	LXXXVI
O LXIX da mesa do abbade	LXXXVIII
O LXX dos frades artifiçiaaes	LXXXVIII

	O LXXI como deuê de receber os frades nouiços	LXXXX
	O LXXII como deuê sseer recebidos os filhos dos nobres	LXXXXIII
homees e dos pobres		
	O LXXIII dos saçerdotes que quiserem morar no moes-	LXXXXIII
teiro		
	O LXXIII como deuê receber os mo[vi]nges peregrini-	LXXXXV
nos		
	O LXXV dos ssaçerdotes	LXXXXVI
	O LXXVI dos modos e emsinamentos da congregua-	LXXXXVII
çom		
	O LXXVII da êliçom do abade	LXXXXIX
	O LXXVIII do preposto e prior	CIII
	O LXXIX dos porteiros do moesteiro	CV
	O LXXX dos frades que som êuiados a algûs loguares	CVI
	O LXXXI das cousas graues ou impossibiles que êcomen-	CVII
darê aos frades		
	O LXXXII como hûu môle nò deue defender outro no	CVIII
moesteiro		
	O LXXXIII como ho môle nò deue de ffrir outro	CVIII
	O LXXXIII como os monges deuê sseer obediêtes hûus	CIX
aos outros		
	O LXXXV do boo zeeo e amor que deuen aver os	CX
monges		
	O LXXXVI capitollo he o postomeiro no quall sse acaba	CXI
esta regla		

Começasse o prologo da Regla de ssam beento abbade

Filho. ascuyta os preçptos e êcomendamentos do meestre. e inclina e abaixa a horelha do teu coraçõ. e cõ boa uontade reçiibe e toma ho amoestamento do padre piedoso. e cõ grande eficacia o cõpre. pera te tornares a el per. trabalho dobediençia. do qual tu eras departido e alonguado per priguiza e pecado de desobediência. E porende eu digo a ti qualquer que tu es que queres renûciar e desprezar os propios dileitos [viii] e pecados e vã gloria deste mûdo. e queres batalhar e lidar cõtra o diaboo e servir a ihesu christo senhor e uerdadeiro rey. que tomes pera esto armas muy claras e nobres e muy fortes de obediência. E primeiramête ê começo de teu boo proposito e tornamento deues de obrar e fazer bem. e quall quer cousa que tu fezeres demanda. e rogua a ell cõ oraçõ muy afcada. que a queyra acabar e compir e pois que el teue por bem e prougue aa sua mercee. de nos

poer e receber ê cõto dos seus filhos. que non seia ê nê hũu tempo cõtristado dos nossos maaos feitos. E por esto asi lhe deuemos seer obedientes ê todo tẽpo pollos bẽes e merçees que recebemos del que nõ tã solamente asi como irado padre ê algũu tẽpo nõ desherde os filhos. mais aynda nê assi como senhor. spãtoso temedoyro. mouido e asanhado pollos nossos pecados. de os muy maaos seruos os quaes ho nõ quiserom seguir aa gloria. a pena e ao tormẽto perdurauil. *divisio*

En todo tẽpo deuemos dobedeçer aos preçeitos de deus. e por tanto leuãtemonos e quitemonos dos pecados ê que ê algũu tẽpo steuemos ou stamos. [ix] por que a scriptura nos amoesta e diz. hora he de nos leuãtarmos do sono. s. do pecado. E abramos os olhos do noso coraçõ. e cõ as orelhas do noso emtẽdimẽto ouçamos aquello que nos amoesta ê cada hũu dia a uoz santa e diz. hoie este dia ⁽¹⁾ se ouirdes a uoz de ihesu cristo nõ queirades êdurẽtar uossos coraçõees. E diz aynda mais. Aquell que teuer orelhas pera ouuir a palavra de deus ouça. e êtenda bem aquello que o spirito santo diz aas egreias. E que diz. filhos. uijndeuos e ouvydeme. e insinaruosey que cousa he o temor de deus. E trabalhade êquanto teendes e auedes lume de uida. nê per uẽtura as treuas da morte uos êcalçẽ e tomẽ. E demãdante ⁽²⁾ o nosso senhor deus na multidõoe do seu poboo o sseu obreiro. ao quall esta cousa braadã. diz aynda outra uez. Qual he ho homẽ que quer uida perdurauil e cobijça e deseia de ueer boons dias. A qual cousa sse tu ouuyres e disseres eu. diz a ti deus. Se tu queres auer uerdadeira uida e perpetua pera todo senpre, quita e refrea a tua lingua do mal e a tua boca. nõ falle êguano. parte-te do mal e faze boas obras. demãda paz e siguia. E quan[x]do uos esto fezerdes. os meus olhos seerom sobre uos e as minhas orelhas seerõ prestes e aparelhadas pera os uossos rogos. e ante que me chamedes. direy. eu presente som pera comprir as uossas pitiçõoes. Irmãaos muito amados, quall cousa pode seer melhor e mais nobre a nos que esta uoz de nosso senhor ihesu christo. que nos conuida e chama ê cada hũu dia el por sua piedade e misericordia nos demonstre. ho caminho da uida perdurauil. *devysio.*

Pois que deus polla sua piedade nos demostra ho caminho da uida. deuemos desguarnecer ⁽³⁾ e çerquar os nossos corpos

¹ No texto: *hoie ê ste dia*. Cf. Cid verso 754.

² *Idem demãdante*.

³ Entenda-se *d'esguarnecer*.

per ffe e per aguardamento de boas obras. e sseguir ho caminho e a carreira de euâgelho. pera sseermos dignos e mereçedores de ueermos deus no sseu regno. no qual regno. sse quisermos morar nõ podemos allo hir ssaaluo sse ffezermos boas obras. E porende pregûtemos o nosso ssenhor deus cõ o propheta e diguamos a ell. Senhor. quem uiuera e possuira a tua morada. ou quem ffolguara no teu santo môte. depois desta pergunta. irmãaos. ouçamos nosso senhor deus que nos responde e nos de[xi]mos-tra ho caminho e a carreya da ssua morada e diz. Aquell que entrar puro e linpo e sem pecado e obrar iustiça. aquell que falar e disser uerdade no sseu coraçõ e na sua boca. e aquel que nõ trouuer engano nõ malicia na sua lingua. aquell que nõ fezzer nõ disser mal ao seu proximo. aquel que nõ quizer ascuitar nõ ouuir o mal do sseu proximo. aquel que esquiar e contradisser ao diaboo os seus amoestamêtos. e remouer e tirar do seu coraçõ el e todalas suas tẽptaçõees. e as suas maas cuidaçõoes quebrantar. e demostrar a ihesu christo. E aquelles que temerẽ deus e nõ ãssoberuecerẽ nõ sse exalçarem pollo bem que ffazem. mais cuidarem senpre que o bẽ que ã elles ouuer proçede e uem de deus. e nõ delles. por que deles nõ pode proçeder nõ sayr nõ hũa boa obra. e louuarem e darem (!) graças a deus. pollo bẽ que obra ã eles. dezendo o dito do propheta. Senhor. nõ a nos. nõ a nos. mais ao teu santo nome da glória e louuor. e assi como sam paulo. que da ssua preguaçõ. nũca cõtou nõ assijnou a ssi nũhũa cousa. dizendo. aquello que eu ssom feito. perla graça de deus ssom. E ell diz aynda. aquell que sse glorificar e ale[xu]grar alegresse ã deus. e de graças a ell. E ihesu christo diz no euâgelho. aquell que ouue as minhas palauras e as ffaz. eu ho ffarey ssemelhauil ao homem ssabedor que edifficou e fundou a ssua casa ssobre a pedra. ueerõ os rijos. sso-prarom os uẽtos. e ãpeçarom e derom ã aquella cassa e nõ na poderõ derribar. porque era fiũdada ssobre pedra. Aquestas cousas ssobreditas comprio e acabou o nosso ssenhor deus. e el esguarda ã cada hũa dia per estes seus santos amoestamêtos. que lbe deuemos de respõder cõ boas obras e boos ffeitos. E portãto ãmẽdaçõ e corrimento dos nossos pecados. nos ssom leixados e dados por treguas os dias desta vida presente ã que ssomos. segũdo que o diz o apostollo. nõ ssabes per uẽtura por que a paçiecia de deus te trouue e adusse a penitẽcia. Por-

1 Sie por darem

que nosso ssenhor deus muy piadoso disse. nõ quero a morte do pecador. mais que se conuerta e torne a penitencia e uiua.
divisio.

Irmãaos quando pregütamos o nosso ssenhor deus quẽ era aquel que auia de possuir a ssua morada. ouuymos o precepto e o ãcomendamento que perteeçia a [xiii] aquel que ouuesse de morar em ela. E sse nos comprimos e acabarmos ho offiçio do morador sseeremos herdeiros no regno do[s] çecos. E por esto deuemos de aparelhar e esguarneçer os nossos coraçõees. e os nossos corpos dos preceptos da santa obediência. pera pugnar e lidar contra os pecados. e deleitamentos da carne. E roguemos a deus que nos queira ãuiar e dar o ajudoyro da sua graça. pera comprimos e acabarmos. o desfalicimento que a nossa condiçõ humanal nõ pode acabar. E sse quisermos hir e chegar aa uida perdurauil. e fugir aas penas e aos tormêtos do inferno. em quanto auemos tẽpo e ssomos em estes corpos e nos leixã uiuer e andar ã esta uida presente. deuemos de trabalhar per uida e per boos costumes. e per elles seguir e guaanhar taaes obras e taaes uirtudes ã este mũdo. que por ellas. e cõ ellas possamos uiuer pera senpre no regno de deus. E por esto queremos ordenar e stabeleçer scola. e loguar apartado pera o serviço de deus. no qual stabeliçimento nõ speramos nẽ ãtendemos de põer nẽ ordenar nẽ hũa cousa aspera nẽ graue. Pero se o mouimen[xiv]to e a razõ da uerdade ditar e poser algũa cousa mais apertadamente por corrigimento e ãmẽdaçõ dos pecados e por aguardamento de caridade e amor. nõ tomes logo spanto nẽ temor nẽ leixes ho caminho e a carreira da ssaude. a qual he muy fiorte e streita dandar logo no começo. Mas per processo de conuersaçõ e per acreçentamento de uirtudes e de ffe. e com coraçõ spaçioso e per amor. dileiçõ. e caridade do regno de deus. o qual nõ ha numero nẽ fim deuemos dandar no sseu caminho. e nũca nos departirmos do sseu ãsinamento e mãdamento. persseuerando na ssua doutrina e no sseu seruiço. e cõ paçiençia e humildade ssoportar e ssofrer os padiiçimentos e as iniurias. assi como fez ihesu christo pera seermos herdeiros e mercedores do seu regno.

Das quatro geerações dos monges

Cousa notificada e demostrada he que quatro ssom as geerações dos mõges. A primeira geeraçõ he dos çenobitãos. e estes ssom aquelles que uiuẽ nos moesteiros sso regla e sso abade. A

sssegunda geeraçõ he dos anacoritas. e estes ssom os [xv] hirmi-
tãaes que nõ logo nouamente ẽ começo de ssua conuerssaçõ.
mais per grandes tẽpos nos moesteiros ssom exprouados e exa-
minados. e per exenplo e uida e per aiudoiro de muytos apren-
derõ. e ssom ia ensinados pera pugnar e lidar cõtra o diaboo.
E elles bem esguarnicidos e bem doutrinados da az muy fforte
e muy nobre da conuerssaçõ de sseus irmãaos apartannsse e
vaanse ao deserto pera batalhar contra as tẽptaçõees diabolicas.
E elles bem certos e seguros ssem cõssolaçõ e sem aiudoiro
doutro nẽ hũu cõ ssua mãao e cõ sseu braço e per forteleza de
ssuas obras. cõ aiudoiro de deus som obtẽticos e sofiçientes
pera pugnar e remouer os pecados e as cuidações da carne. A
terçeira geeraçõ he muy spantosa dos sarabaitãaos. os quaes nõ
ssom esprouados per nẽhũa regla nẽ per experiẽcia e doutrina
de meestre. assy como he ho ouro na fornalha. mais ssom fracos
e moles assy como ho chũbo. aguardando e fazendo totalas
obras do segre. e estes taaes mêtẽ a deus. e ẽguanõ o mũdo
polla coroa e auito que tragem. [xvi] os quaes dous e dous. ou
tres e tres. ou cada hũu em sua parte sem pastor e regedor. nõ
querem star nẽ uiuer nos moesteiros hu seruem a deus. mas
uiuem ẽ suas çellas. e tomã e ham por ley. cõprir e acabar todas
suas uontades e os seus desejos. e quall quer cousa que eles
cuidam ou fazẽ. aquela dizem que he boa e santa. e da que lhe
nõ praz. dizem que nõ he boa nẽ lhes perteeçe. A quarta gee-
raçõ he. dos monges que ssom chamados girouagus. que toda
ssua uida despendem per desuairadas prouinçias e per desuai-
radas çellas ssom hospedados e reçebugos per tres ou quatro
dias. e sempre ssom uagos e nũca stauijs. seruindo aos propios
deseios e ao deleitamẽto da guarguanta. e estes taaes ẽ todo e
per todo som peores que os sarabaytas. da uida e conuerssaçõ
muy misquinha destes todos. milhor he calar que falar. E por
esta razom leixemos todas estas geraçõees. e cõ aiudoiro de
deus. uenhamos apoer e ordinar a uida da muy fforte e nobre
geraçõ dos cenobitaãos.

Qual deue de sseer o abbade

[xvii] Aquell que he digno e mereçedor de sseer abbade e
regedor do mosteiro ssenpre deue seer renẽbrado que he cha-
mado abbade. e deue de comprir e acabar ho nome da digni-
dade per feictos e per obras. por que ell tem o logo e as uezes
de ihesu christo no mosteiro segũdo que diz o apostolo. Rece-

bestes spiritu de adopçõ. s. ffilhos adoptiuos no qual chamamos padre abbade. E porende o [a]bbade nõ deue densinar nõ hũa cousa. ou stabelecer. ou ãcõmedar contra os preçeptos de deus. mais o sseu ãcõmendamêto e a ssua doutrina. com grande ffervor e com grande caridade e amor de deus seia esparguda nos corações dos diçipulos. O abbade seia senpre renenbrado. que no muy spãtoso dia do juizo. lhe ha de seer demãdado conto e recado tã bem da ssua doutrina como da obediência dos sseus diçipulos. E sseia çerto que sera punido e atormentado assy como maa pastor. sse per ssua culpa. deus padre achar algũa migua ou desfalicimento na congregaçõ a el cõmetida. Pero se ell fezer toda diligência sobre os seus mõges e for bem ssoliciço e discreto pera lhes ministrar e dar to[xviii]dallas cousas que lhes erã neçessarias e lhes pregou e ãssinou os preçeptos de deus per palaura e per obras. e os mõges forõ maaos e desobediêtes. e nõ sse quiserõ correger nõ ãmendar. stonçe o sseu pastor assolto e quite delles. digua a nosso ssenhor cõ o propheta no dia do juizo. Senhor nõ negey. nõ ascondi a tua justiça. no meu coraçõ. e a tua uerdade e a tua saude pronũciy e demostrey. mas elles soberuos e maaos desprezaram a minha doutrina e ãsinãça. Estonçe a esses maaos e desobediêtes seia lhes dada pena e tormento. muy mais forte e muy mais crueuil que a primeira morte.

diuisio

O abbade ha de dar cõto e razom a deus da ssua doutrina. e da obediencia dos sseus diçipullos. e por esto quando algũu recebe e toma nome dabbade deue dauer ã ssy duas doutrinas pera ãssinar os sseus diçipulos. s. domostrar e ãssinar todalas boas cousas e santos mais per feitos que per palauras. e deue de propoer e dizer os mãdados de deus per pallauras. aos diçipolos que forẽ auctos e hydonios pera as poerẽ ã obra. e aaquelles que forẽ duos do co[xix]raçõ e nõ ssabedores. per sseus feitos lhes demostre e ãssine os preçeptos de deus. Todalas cousas que ell ãssinar aos seus diçipolos. que som contrairas aa saude da alma. primeiramente ã sseus feitos as demostre que se nõ deuẽ de ffazer. nõ per uẽtura ã preguando aos outros el sseia achado maaõ. e digua deus ã algũu tẽpo a el pecãte. Por que presumes tu e ousas de dizer as minhas iustças. e tomas e preguas o meu testamento pella tua boca. Tu ouueste odio aa minha doutrina e ãsinãça e deitasti as minhas palavras de pos ti. e nõ curaste dellas. e tu que uyas o argueiro no olho de teu jrmãao. e no teu nõ uiste a traue. O abbade nõ faça departamento antre hũa pessoa e outra no mosteiro. nõ ame

mais hũu que o outro. saluo aquel que for achado ã milho-
res feitos. ou mais obediẽte. Nõ seia preposto ho liure ao seruo.
s. se ho seruo ueo primeiro aa hordem que o liure nõ deue ho
liure dauer mayor loguar que o seruo. saaluo se for por algũa
cousa razoauil. E esto pode ffazer o obbade a qual quer que
seia da cõgregaçõ se el uir e ãtender que he tal que o mereçe.
e ã outra gu[xx]isa. nõhũu nõ seia promouido. mais cada
hũu tenha seu loguar propio. por que tãbem seruos como liures
todos somos hũus em ihesu christo. e todos nos deus padre
criou igualmente. e todos deuemos de servir a el ajũtadamente. ã
hũa vnidade e igualdade. porque antel nõ ha departimẽto
nem reçebeimento de pessoas. Tam soamente ã esto ssomos de-
partidos ante a ssua presença. sse fõrmos achados ã melhores
obras e mais homildosos que os outros. E por tãto o abbade aia
caridade e amorio a todos igualmente e hũa diciplina seia dada
a todos sssegũdo os sseus mereçimẽtos.

diuisio

O abbade na sua doutrina e ãssinança deue de aguardar
a fforma e regla do apostollo que diz. rreprehende. rogua.
doesta. aiuntãdo tenpo aos tẽpos. Por que tẽpo ha hy de rre-
prehender. e tẽpo de roguar. e tenpo de castigar. aas vezes per
affaguamentos e aas vezes per spantos. E o abbade deue aas
vezes de sse demostrar assy como meestre spantoso. e aas vezes
como padre muy piadoso E deue de reprehender e castiguar muy
asperamente os dicipolloos soberuosos e vagos que [xxi] nõ qui-
serem sseguir a ssua doutrina. e roguar os hobidientes. humil-
dosos e paciẽtes que aproueitẽ de bem ã melhor. doestar e icre-
par os negligentes e desprezadores. Nom leixe trespassar os
pecados ssem correiçõ. mas tãto que comẽçarẽ de naçer. pella
guisa que el milhor poder os talhe de raiz. E nõbresse do pe-
rigoo de heli. saçerdote de ssylo. Aquelles que forẽ mais ho-
nestos e de milhores ãtindimẽtos. a primeira e a sssegũda uez
os amoeste e corregua per palauras. E os maaos e soberuos e
desobidiẽtes. e dueros de coraçõ ã comẽço desse pecado corre-
gua e castige per açoutes ou per correiçõ corporal. por que
scripto he. O ssandeu nõ sse correge per palauras e sseguesse
o dito do sabedor. Castigua e firi o teu ffilho cõ a uara. e liura-
ras a ssua alma da morte.

diuisio

O abbade nõ tã solamente deue de sseer nõbrado que he
prelado mas deue ainda de sseer nõbrado. que he chamado de
todollos outros padre abbade. E esto pera el conhecer e saber.
que aaquel a que mais he dado e comitado. mais lhe he demã-
dado. E deue de saber que reçebeo offiçio muy graue e arduo

[xxii] de reger almas. e seruir aos costumes e aos talentos de muytos. E hûus deue de reger e correger per palauras blandas e mãssas e outros per palauras de doestos. e outros per rogos e amoestamentos. E ssempre vse e seia cõ os seus diçipollos e os cõforme. segundo a qualidade e cõdiçõ de cada hûu deles. ã tal modo que nõ leixe padecer aos diçipollos dano. ou myngua algũa. mais aynda tome prazer e alegria no acreçentamento dos boos. Antre todallas cousas o abbade nõ deue deleixar nẽ teer ã pouco. ou desprezar a saude das almas a el comitidas. Nõ aia mayor cuydado das [cousas transitorias e terreaes e nõ stauijs que das spirituaaes. mas senpre cuide que recebeo regimento dalmas das quaes ha de dar conto e razom a deus. E nõ se queixe nẽ murmure se per uẽtura a ssustãcia e o mâtijmento do moesteiro for pouco. mais nenbresse daquello que he scripto. Primeiramente demandade o regno de deus e a ssua iustiça e todalas cousas neçessarias uos sserã apresentadas. E sseguesse. Nõ desfaleçera nẽhũa cousa aaquelles que temẽ e seruẽ a deus. E deue de saber que aquell que recebe cura e [xxiii] regimento dalmas. que se deue de aparelhar e aguisar pera dar conto e recadaçõ ⁽¹⁾ delas. E conheça e seia çerto que a de dar cõto a deus no dia do juizo. nõ tãto da ssua alma. mais ainda das almas de todollos sseus ssubditos que el teuer e ouuer so ssua cura. E assy temendo senpre o juizo de deus. no qual ha de dar cõto das almas a el comitidas. e pẽssando ã como ha de dar cõto e razõ dos desfaliçimentos dos sseus mõges. el he feito solliçito e discreto pera correger e ãmendar os sseus. Por que neçessario he. sse el cõ caridade e amor de deus e per sseus amoestamentos correger e castiguar os outros. que el seia corregido e ãmendado dos seus peçados.

Como deuem sseer chamados os ffrades a consselho

Quando algũas cousas grandes se ouuerem de fazer no moesteiro o abbade chame toda a cõgreguaçõ. e demostre e digua aquello que quer fazer. E depois que ouuyr ho cõsselho dos frades. traute e cuide ã sseu coraçõ. e ho cõsselho que achar e ãtender que he mais proueitoso. esse raça. E por tanto dissemos. que todos fossem [xxiiii] chamados a cõsselho. porque per muytas uezes demonstra deus ao mais pequeno. aquello que he

(1) Corrigido muito mais tarde ao lado em e rezam.

mylhor e mais proueitoso. E os frades assy deuẽ de dar consse-
lho cõ toda subgeiçõ e homildade. que nõ presumã nõ ousem
demostrar nõ defender soberuosamente aquello que a elles for
uysto. mas ho consselho ste mais no aluydro e juizo do abbade.
que no delles. e todos obedeeçã aaquello que el julguar que he
mais proueitoso e mais saão. Por que assy como cõuẽ aos di-
cipollos obedeeçer ao meestre. assy pertence a ell despoer e
ordinar todallas cousas iustamente e dereitamente. E por ẽ todos
ssiguã os preçeptos e mādamentos da regla ẽ todalas cousas
spirituaaes e tenporaaes. e nõhũ nõ desuij nõ faça ho cõtraíro
della cõ presũçõ ou desprezamento. Nẽ hũu no moesteiro nõ
sigua nõ use da ssua uoontade propria. nõ presuma nõ ouse
dentro ou fora do moesteiro soberuosamente auer algũa ẽtençõ
ou palauras com sseu abbade. E sse per uẽtura for ousado de o
fazer. seia ssomitido aa diçiplina da regla. Pero esse abbade faça
todallas cousas cõ temor de deus. e aguardamento da santa
regla. Por que sseia çerto ssem duuyda [xxv] nõhũa que de
todollos sseus juizos e feitos ha de dar razom. ao juiz muy de-
reito e muy uerdadeiro deus. Se per uẽtura algũas cousas
pequenas se hã de fazer ẽ prol do moesteiro. tã soamente use
do cõsselho dos antigos. porque scripto he. Todallas cousas
faze com cõsselho. e depois que as fezeres nõ te repeenderas.

Quaes ssom os autos e esguarnyçimentos das boas obras

Primeira mente amar deus de todo coração e de toda uoon-
tade. e cõ toda uirtude. Desy amar a sseu prouximo. tãto como
ssy meesmo. Depois desto nõ matar. nõ cometer adulterio de
feito nõ de uoontade. nõ ffazer furtu. nõ cobijçar. nõ dizer
falsso testemunho. honrrar todollos homees. e aquello que el nõ
queria que lhe fizessem nõ no faça ao outro. mas faça aquello
que el queria que lhe fizessem. Neguar ssy meesmo e a ssua
uoontade propria. e per ffeitos e por obras seguir ihesu christo.
O sseu corpo castiguar. os mãiares e os deleitamentos nõ cubijçar
nẽ gostar. Ho jeiuũ amar. os pobres recrear. ho nuu vestir. ho
ẽfermo visitar. ho morto ssoterrar. acorrer e dar [xxvi] ajuda
aaquel que esteuer em pressa e ẽ tribulaçõ. cõssolar e cõffortar os
doentes e os ẽffermos. Dos feitos e das obras do ssegre se ffazer
alheo e estranho e dellas sse quitar. Nõ proponha nõhũa cousa
ao amor de ihesu christo. Jra nom acabar. tẽpo de ssanha e
de vindita nõ aguardar. ẽguano no coração nõ teer. paz flalssa nõ
dar. caridade nõ deixar nõ desenparar. nõ jure nõ per uẽtura

sseia perjuro. verdade de coração e uoontade e pella boca dizer. mal por mal não fazer não dar. Injúria a não fazer. mais se lha fizerê paçientemente e com humildade por amor de ihesu christo a ssoportar e ssófrer. Não sseer soberuoso. não beuedor. nen muyto comedor. não sonollento e dormidor. não priguyçoso. não murmurador. os jmiijos amar. não dizer mal aaquelles que lho disserem. mas ante os bazer e dizer bem delles. Injurias e perseguyções por justiça sofrer. não dizer mal doutro. a ssua speranza é deus poer e quando uir algúu bẽ é ssy etenda e crea que uẽ de deus e não del. e ho mal quando ffezer etenda que proçede e vem del. ho dia do juizo temer. do jnferno sse espantar. A uida perdurauil com todo coração e voonta[xxvi] de spiritual deseiar e não brarse é cada húu dia que ha de morrer. Os feitos e as obras da ssua vida é toda hora aguardar. e sseia certo que é todo loguar deus oolha e esguarda os sseus feitos. As cuidações maas que veerem ao sseu coração. muy asynha as cõfessar a ihesu christo. e a sseu confessor spiritual. e guardarse do mal. e do mao fallar. muyto fallar não amar. pallauras vãs ou mouẽtes a rysu não ffallar. risu muyto e amyhude não amar. as lições santas de boamente ouuyr. e muyto amyhude orar. Os sseus pecados trespassados com lagrimas e com gemidos é cado húu dia é ssua oração a deus cõfessar. desses pecados sse emendar. Os desejos da carne não acabar. A uoontade propria eteiar. Aos preçeptos do abbade é todallas cousas obedecer. posto que el faça aquello que não deue de fazer. não bresse do preçepo e emcomendamento de deus no qual diz. Aquello que uos disserem fazed. e aquello que elles fizerem não no queirades fazer. Não queira sseer dito santo ante que o seia. mais primeiramente o sseia. pera seer uerdadeiramente dito. Os preçeptos de deus per feitos e per obras é cada húu [xxviii] dia cõprir. castidade amar. a não húu não teer odio. zeo mao e etveia não auer. perfia e etçoees não amar. ssoberua e a uaan gloria fugir. Os velhos honrrar. os mãçebos amar. por amor de jhesu cristo. por os emijos orar. com aquelles que ouuer reixa ou discordia ante do ssol posto é paz e é bo amorio tornar. e da misericordia de deus nunca desesperar. Estes ssom os autos. e as virtudes das obras spirituaes. os quaes se per nos de dia e de noite continuadamente forẽ compridos e no dia do juizo demonstrados. receberemos aquella merçee e gualardom de deus. o qual os olhos não virão. não orelhas ouvirão. não o coração não o etindimento do omẽ pode pensar quanta he a gloria e bem auenturaça. que deus ha de dar aaqueles que o amam. Os loguares

onde todas estas cousas sobreditas cõ diligênça deuemos de fazer e obrar. ssom os moesteiros. e persseuerar e cõtinar na cõgreguaçõ.

Da obediênça

O primeiro grao da homildade he obediênça sem detardança. Esta cõuê e perteeçe aaquelles que nõ amã nê prepoem nêhũa cousa ao amor de jhesu cristo. E porê tâto que lhe pello sseu mayor he [xxix] mãdado e êcomendado algũa cousa. assy lhe obedeecẽ e ffazẽ cõ diligêcia o que lhe he mãdado. assy como se lhe ffosse dito e mandado per deus. e esto por seruyço e voto santo que prometerõ. ou por medo do jnferno ou polla gloria da vida perdurauil. Dos quaes o nosso senhor deus diz. Tanto que a mynha voz veo nas ssuas orelhas logo me obedeçerõ. E sseguesse ainda mais. e diz aos meestres e doutores. Aquel que uos ouue myn ouue. E por esto estes taaes de todo ê todo relinqũdo e desenparando as ssuas cousas. e as ssuas proprias voontades e muy apressa leixando as obras que tijnham começadas per suas mãos e nõ curãdo dellas, obedeecem per ffeitos aa voz e ão mãdamẽho de sseu maior. E assy ê hũu momento o êcomendamento do meestre e a obediênça e as obras do diçipollo. muyto apressa cõ temor e amor de deus. jũtamente ssom compridas. E por esso os que ham amor e deseio da vida spiritual. pera senpre. escolhẽ e tomã carreira e camynho muy streito. nõ querendo viuer per seu aluydro nê per sseu talente. nê obedeecer aos sseus desejos e dileitos. mas ante querem obedeecer ao juizo e man[xxx]damento alheo. deseitando de viuer nos moesteiros pera auerem padre abbade a que obedeçam. Dos quaes nosso senhor diz. Streita he a carreira que trage os homees aa uyda perdurauil. Estes taaes sem duuyda nêhũa. ssegũe e comprem a ssentêça do nosso senhor deus. na qual diz. Nom vijm fazer a mynha voontade. mais a uoontade daquel que me êviou. Entõ a obediênça sera regebuda ante deus. e praziuil e amada aos omêes. sse aquello que he emcomendado ao diçipollo for feito sem temor. sem detardança. sem priguja. sem murmuraçõ. e sem rreferta. Porque a obediência que he feita aos mayores. a deus he ffeita. Por que el disse. Aquel que a uos obedeecẽ. a myn obedeecẽ. E aos diçipollos perteeçe dobedeecer de boo coraçõ e tallente ledõ. por que muyto ama deus aquelles que o seruẽ cõ plazer e aligria. E sse o diçipolo obedeecẽ cõ maaõ coraçõ e maa voontade. ê causso que expressamente nõ

murmure pella boca. mais murmure ⁽¹⁾ no coraçõ. e faça e compla aquello que lhe he mandado. tal obediência como esta: nõ seera reçevida de deus. que oolhou e vio o coraçõ e talante deste murmurador. E por tal obediência nõ auera gualardom. mas auera e ãcorrera pena e tormentos dos mur[xxxi]muradores sse sse nõ ãmendar e sati[s]fezer do pecado.

Do ssilêncio

Façamos aquello que diz o propheta. Eu dixi guardarey os autus e as obras da mynha vida. e nõ ofenderey nõ pecarey per minha lingua. Puge guarda aa mynha boca. fizeme mudo e omildoso e caleime de dizer bem. Em esto nos demonstra o propheta. que se alguas uezes por o silêncio. nõ deuemos de falar nõ dizer as boas cousas. quanto mais pollo pecado e pena del deuemos de calar e cessar de dizer maas palauras. E por ãde aos diçipolos posto que seiam boos e perfeitos e queirã falar boas cousas santas e de edificaçom. por guarda do silêncio nõ lhe seja outorguada leção de falar cada que quiserã. porque scrito he. O que muyto falla nõ se escusa do pecado. E ssegue-sse. A morte e a uyda. esta nõ dizer da lingua. E por esso perteençe ao mestre fallar e ãsinar. e ao diçipolo ouuyr e calar. E por ãde qualquer cousa. que o diçipolo aia mester. deuea de rrequerir e demãdar ao prior cõ toda omildade e rreverença e cõ toda subgeiçõ. E mandamos e defendemos aos diçipolos de todo ã todo. que nõ vsem de ligeiriçes e de palauras ouçiosas. ou doutras que mouã rryso e [xxxii] esto aguardem ã todo lugar.

Da homildade

Irmaos. clama a nos a santa scriptura. e diz Todo aquel que se exalça. sera omyldado. e aquel que se homylda. sera exalçado. Em dizendo esto a escriptura. demonstra a nos. que todo exalçamento he geeraçõ e modo de soberua. Do qual o propheta castigãdo sy meesmo diz. Senhor o meu coraçõ nõ he exalçado. nõ os meus olhos nõ ssom cheos de ssoberua. Nem andey nõ presumy de myn cousas grandes. Nem pensey nõ puge ssobre myn cousas marauylhasas. mais andaua muy omyldoso e assy exalçei a mynha alma. Senhor sse eu assy nõ ffiz. asy perca a

(1) *Murmure* diz o texto.

mynha alma o teu gualardõ e gloria. como o moço pequeno perde solaz e alegria quando lhe sua madre tira o leite. Onde jrmãos se quisermos auer e percalçar a muy grande alteza da omyldade. e vijnr aa gloria celestial. aaqual nêhũu que seia ẽ esta presente vida nõ pode vijnr sem ela. aproueitado de bem ẽ melhor. per nossos boos autos seiamos merecedores daleuãtar aquella scaada que appareço. a jacob ẽ ssonhos pela qual forõ demonstrados a el angeos. hũus que sobijam e outros que desçendia. O qual açendimento. ẽ desçendimento sem du[xxxiii]uyda nõ he outra cousa senõ per exalçamento de ssoberua desçender. e per omyldade sobir. A escaada que staua leuãtada. he a nossa uyda ẽ este mũdo. a qual per coraçõ omyldoso seera leuãtada ao rreigno de deus. Os lados daquella escaada dizemos que he o nosso corpo e a nossa alma. Nos quaes lados deus padre. nos demonstrou que auemos de sobir per desuairados graos domyldade e de doutrina e ẽsinança. pera hir ao sseu rreigno.

Primeiro

O primeiro grao da omyldade he. sse o monge senpre poser e ouuer antos seus olhos o temor de deus. E deue senpre de seer nenbrado de todos los preçeptos e mandamentos de deus e per nêhũa guisa nõ os oluydar nê remouer de seu coraçõ. E sseia aynda nêbrado ẽ como os que desprezã deus e os seus mãdamentos. pollos sseus pecados vaam aas penas do jnferno. e pense senpre ẽ sseu coraçom a gloria e a uyda perduraui que sta aparelhada aaqueles que temẽ e amã deus. E guardesse ⁽¹⁾ ẽ toda hora de todo pecado. s. dos maaos pensamentos e da maa falla e de todos los outros pecados. e de todo ẽ todo tire e remoua de ssy os desejos da carne e propia voontade. E pẽse e cuide que ẽ toda hora deus esguarda o homẽ. e os seus feitos ẽ todo loguar som vistos ante a presença [xxxiii] de deus e ẽ toda hora pellos seus angeos som apresentados a el. E o propheta demonstra a nos que deus senpre he presente nos nossos pensamentos e nas nossas cuydações dizendo. deus escoldrynha e proua os corações dos homees. E sseguesse. deus conhece as cuydações dos homees. E o propheta diz: Entendiste as mynhas cuydações. por que o pensamẽto e a cuydaçom do homẽ ssera confessada a ti. E pera o mõe aproueitador seer solícito e discreto sobre as ssuas cuydações maas e peruerssas. digua ssenpre ẽ sseu coraçõ. Estonçe seerey eu sem magoa e ssem pecado. sse

(1) No texto *guardasse*.

me eu guardar de toda maldade. E ainda nos he defeso que nõ ffaçamos a nossa propia voontade dizêdo a scriptura a nos. Tornate e quitate dos teus dileitos e desejos. E por êde ã nossas orações rroguamos a deus que seia a ssua voontade comprida ã nos. Como ergo somos doutrinados e ãsinados. nõ fazer as nossas voontades. e nõ fazer aquello que deffende a santa scriptura. Som autos e obras que parecê aos homees dereitas e boas. a fim e o acabamento das quaes tragem os homees ao proffundo do jnferno. E quando fazemos aquello que defende a santa scriptura. caímos nas culpas dos negligentes. aos quaes he dito. Corrutos e auorreçuijs feitos ssom nos sseus maaos desejos [xxxv]. E por isso creamos que senpre deus he presente nos nossos desejos da carne segûdo que diz o propheta, Senhor ante ti he todo o meu desejo. E por esta razom nos deuemos de quitar de todo maaos desejo. por que o maaos desejo tras cõssigo jûtamente a morte. Onde a scriptura nos manda. e diz. Nõ vaas nõ obedeeças aos teus desejos. E por êde jrmaaos se deus esguarda os boos e os maaos. el do çeeo senpre oolha sobre os filhos dos homees. pera veer se he algûu que tema ou queira seruir a deus. E se as nossas obras ã cada hûu dia pellos augeos ssom demonstrados ao nosso criador deus. ergo ã toda hora nos deuemos de cauydar asy como diz o propheta no salmo. Nem per uentura deus esguarde nos e os nossos feitos maaos sem proueito. perdoando a nos ã este tenpo. por que el he piadoso e misericordioso e atende que nos tornemos a el. digua a nos no dia do juizo. Estes pecados ffezeste tu e caleime eu.

O ssegundo

O ssegundo grao da homyldade he sse algûu nõ ama a ssua voontade propia. nõ se dileita nõ toma prazer pera cõprir e acabar os seus desejos. mais per obras e per feitos ssegue aquella voz de nosso ssenhor que diz. Nom vijn ffaizer a mynha voontade [xxxvi] mas a voontade daquel que me ãviou. E diz a scriptura. O deleitamento ha pena e tormento. e a neçessidade aparelha coroa e gualardõ.

Terceiro

O terceiro grao da homyldade he. se algûu pollo amor de deus suiugua ssy e a ssua propia voontade ao mayor com toda obediência e segue jhesu cristo do qual diz o apostolo feito he obediente ao padre ataa a morte.

Quarto

O quarto grao da homyldade he. sse toda cousa que he mãdada ao mõe. posto que seia graue e aspera e cõtraíra aa

ssua voontade. oõ toda obediência a faz. e cõ toda homyldade e ssem murmuraçõ ssofrer quaes quer jniurias a el ffeitas. nõ ãfra-queçendo nõ se anoiando nõ sse departindo do moesteiro. E por ãde diz a scriptura Aquel que perseuerar ataa fim sera saluo: E seguesse. O teu coraçõ ssofrendo tribulações e aflições pollo amor de deus. tomara prazer e alegria. E demostrandonos a scriptura que todo boo mōge deue de padecer e ssofrer totalas cousas cõtrairas por amor de deus. diz ã pessoa daquelles que as padeçẽ e sofrẽ. Senhor pollo teu amor ã cada hũu dia graue-mente somos aflitos e tormentados. e ssomos feitos [xxxvi] homyldosos assy come a ouelha quando a querẽ matar. E estes taes ia seguros da speranza perdurauil e gualardom e gloria de deus cõ grande prazer e alegria dizẽ. Todas estas aflições ssofremos e vencemos, por amor daquel que nos amou. E diz mais a scriptura. Senhor deus tu nos provasti. e per fogo nos examynasti. assy como a prata he examynada e purguada pello fogo. tragen-donos aas streitezas e asperidades da regra. poendo sobre nos muytas tribulações. E pera nos demostrar que deuemos de viuer so poderio de prelado. seguesse e diz. Poseste homees sobre as nossas cabeças. e cõprindo o preçepo e mandamento de nosso senhor deus ã ssofrendo injurias e outras aflições cõ muyta paciencia. O qual preçepo diz. que aquelles que forẽ ffridos ã hũa face aparẽ a outra. e ao que lhe toma a ssaya. leixenlhe o mato. e cõ aquelles que os leuã per força hũa legoa. vaan cõ elles duas e cõ o apostolo sam paulo sofrem os falsos jrmaaos. e padeçẽ e sosteem persecuções e beenzem aquelles que os vituperam e mal dizem.

Quinto

O quinto graao da humyldade he. sse totalas maas cuyda-ções que veerẽ ao coraçõ do mōge. e os pecados que el [xxxviii] cometeo e fez ascondidamente. os demostre per homyldadosa cõfissom a sseu abbade. E desta cousa nos amoesta a scriptura e diz: Demostra a deus ho camynho dos teus ffeitos e obras. e spera ã el. E sseguesse. Confessadevos a deus por que el he boom e piadoso. e pera todo senpre he a ssua misericordia. E o propheta diz. Senhor eu notifiquey e demostrei a ti o meu pe-cado. e as mynhas maldades nõ emcobri. Dixi pronunçiarei e demostrarey cõtra myn as mynhas maldades ao senhor. e tu perdoasti a crueza e a maldade do meu coraçom.

Ssexto

O ssexto graao da homyldade he que o mōge seia cõtento de toda vileza e de todo abaixamento. e ã totalas cousas que

lhe forem ãcomendadas que ffaça julguesse por maa obreiro. e jndigno e nõ mereçedor de as fazer. E digua cõ o propheta. A nenhũa cousa som tornado. e nõ som boo pera nẽhũa cousa. e nõ no ãtendi nẽ no soube. e som feito tal como besta a ti. e eu senpre cõtigo.

Sseptimo

O sseptimo graao da homyldade he sse o mõe sse diz e sse demostra mais vil e mais baixo de todos. e esto nõ tan soamente per sua lingua ho demostre. mas [xxxix] ainda cõ todo coraçõ e de toda voontade ho creea. e cõ grande homyldade digua cõ o propheta. Eu som uermẽ e nõ som homẽ. ssom doesto dos homees. e vileza e auorriçimento do poboo ffuy exalçado per soberua. e agora som homyldoso e muy abaixado. E sseguesse. Senhor grande graça e bem me fezeste. porque me suiuguasti e omildaste. pera eu aprender e saber os teus preçeptos e mandamentos.

Oytavo

O oytavo grao da homildade he. que o mõe nõ faça nẽhũa cousa. saluo aquello que a regla do moesteiro e os ãxenplos dos mayores mandam.

Nono

O nono grao da homyldade he. sse o mõe nõ fallar ante que o preguntẽ. e esto nos mostra a scriptura e diz. que na muyta falla nõ fugira o pecado. E por que os feitos do homẽ linguaz e de muyta palaura nõ som adiantados sobre a terra.

Deçimo

O deçimo grao da homyldade he. sse o mõe nõ for leve e aparelhado ao rriso. por que scripto he. O ssandeu no rriso exalça e leuanta a ssua voz.

Vndeçimo

O vndeçimo grao da homyldade he se quando o mõe falla. mansa[xxxx]mente e sem rriso e cõ grande homyldade e honestidade e poucas palavras e rrazoauijs fale. e nõ seia palauroso nẽ dizedor. porque scripto he. O ssabedor em poucas palavras sse demostra.

Duodeçimo

O duodeçimo grao da homyldade he. sse o mõe senpre sse demonstrar muy omyldoso a todos. nõ soamente de coraçõ e de voontade. mas aynda per obras e per feitos. s. na obra. e no oratorio. no orto. na carreira. no camynho. e no agro. e ã outro qualquer offiçio que lhe for encomendado. e onde quer que seuer. andar. steuer. senpre seia cõ a cabeça emclinada. e os olhos

ficados em terra. ffazendosse reeo e culpado e en toda ora pensando e sseus pecados. e pense e cuyde e sseu coraçõ que ia he presentado no muy spantoso juizo de deus. e digua senpre cõ os olhos fiquados e terra o que he scripto no euâgelho do publicano. Senhor eu pecador nõ som digno leuantar os meus olhos ao çeeo. E digua ainda cõ o propheta. Abaixado e homildado som de todo en todo. E por ende dizemos. sse o mõe percalçar e ouuer todos estes sobreditos graos da homyldade. muy levemente e ssem trabalho pode vijnr ao amor e a caridade de deus. a qual perfeita lança fora todo temor. Pella qual todalas cousas que prime[i]ramente fazia e agua[xxxxi]rdaua cõ temor. agora ssou nêhũ medo e trabalho começara de ffazer e aguardar naturalmente e de ssua propia cõdiçõ e talente. nõ por medo do jnferno. mais por amor de jhesu cristo. e boõ uso e custume que ouuer e per deleitamento e obras de virtudes. As quaes deus pelo sprito santo demostrara no seu obreiro e seruydor limpo e purgado dos vícios e pecados.

**Em que tenpo sse hã de leuantar os monges aas horas
que am de dizer nas noytes**

No tenpo do jnuerno. s. das calendas de nouẽbro ataa pascoa. ssegundo discriçom e a ⁽¹⁾ razom dita na oytaua hora da noite. sse leuãtem os mões. per tal guisa que pouco mais que ameatitude da noyte dormã. e feita ia ssua digestom. aleuantensse. E o spaço que ficar depois das vigílias ataa manhãa. seia pera aqueles que ouuerem mester de leer salteiro ou lições. Dela pascoa ataa as sobre ditas calendas de nouembro. atal tenpo e hora tanguã aas vigílias da noite que muy'pequeno spaço seia feito equanto os mões possam hir. aas neçessarias. e logo diguã os laudes. Os quaes se deuẽ de dizer quando começar de amanheecer.

Quantos ssalmos sse am de dizer nas horas das noites

[xxxxii] No tenpo do jnuerno. aas matinas diguã primeiramente *Deus in adiutoriũ meũ itende e domine ad adiuvandũ me festina* e depois *Domine labia mea aperies e os meũ ânunciabit laudem tuã*. O qual repetido per tres vezes. diguã logo.

⁽¹⁾ No texto eo a.

Domine quid multiplicati sunt. E depois deste. *Venite exultemus domino.* cõ sua antiphãa. ou sem antiphãa se tal tempo for. e depois ho hynno. e seis salmos cõ antiphãas. Os quaes acabados e dito o uestso. de o abbade a beençõ aaquel que ouuer de dizer a liçõ. e assentense todos nos scanos ou nas cadeiras. e leam os mōges tres lições pelo liuro sobre o leitaril. s. cada hũu lea sua liçom. antre as quaes seiam cãtados tres rresponssos. E aaquel que cantar o rresponssso depois da terceira liçõ digua *gloria patri.* E quando a começar de dizer. todos muy asinha sse aleuãtem de suas seedasã a hõrra e rreverẽcia da santa trijndade. Nas vigílias seiam leudos os liuros assy do testamento vedro. como do testamento nouo. e as exposições deles. as quaes forõ feitas pelos santos padres catolicos fiees. e muy grandes doutores. E depois destas tres lições cõ sseus rresponssos. diguã seis salmos cãtados cõ alleluya. E ditos estes. diguã o capitolo de cor. e o uestso. e *kyrieleyson.* e assy [xxxxiii] seiam acabadas as vigílias das noites.

Em que guisa sse ãm de dizer as matinas na quintura

Dela pascoa ataa as calendas de nouẽbro. aas matinas. diguam os salmos pela ordinaçõ sobre dita. saluo as lições que nõ seiã leudas pelo liuro. E esto por as noites que som breues e pequenas. E por essas tres lições. seia dita hũa liçõ de cor do testamento velho. e depois ela. hũu rresponssso breue. e todalas outras cousas seiã cõr ridas e acabadas pela guisa que dito he. cõuem a saber que nũca aas matinas seiã ditos menos de doze salmos tirado. *Domine quid multiplicati sũt e venite exultemus Domino.*

Como sse deuem de dizer as matinas no domyngo

No dia do domyngo mais çedo sse leuãtem os mōges aas matinas que nos outros dias. Em nas quaes tenhã o modo que de suso dissemos. cõuem a saber seis salmos e o uestso. E entom pousense todos honestamente e per ordem em suas seedas. e seiã leudas pelo liuro quatro lições. cõ seus rresponssos. E o que diser o quarto rresponso. digua cõ el a *gloria.* Aaqual *gloria* como a el começar. todos cõ reuerença sse aleuãtem. depõs as quaes lições. dig[xxxxiiii]uam per ordem outros seis salmos cõ suas antiphãas. assy como os primeiros. e o uestso Depõs dos quaes salmos seiã leudas outras quatro lições cõ seus rres-

ponssos pelo modo e ordem que de suso disemos. Depois sejam ditas tres canticas dos prophetas quaes mandar o abbade. As quaes canticas sejam ditas cõ alleluya. e dito o uesto e dada a beençõ do abbade. sejam leudas outras quatro lições do testamento nouo. segundo modo e ordem das outras suso ditas. E depois do quarto rresponso. começe o abbade o hynno *Te deum laudamus*. O qual acabado. lea o abbade a liçõ do euangelho. cõ rreuerença e honrra e temor de deus. e todos stem leuantados. A qual acabada. todos rrespondam *amen*. E digua logo o abbade ho hynno *Te decet laus*. E dada a beençom. começẽ os laudes. A qual hordem das matinas. jgualmente no dia do domyngo deuẽ de teenr e aguardar ẽ todo tẽpo assy do veraao como do jnuerno. saluo pela ventura se sse leuantarẽ mais tarde do que deuẽ. o que deus nõ queira. e abreuiaerẽ algua cousa das lições. ou dos rresposos. A qual cousa deuẽ de fazer cõ toda diligẽcia per guisa que nõ acõteça. E sse per uentura acõtecer. Aquel per cuia culpa veer dign[xxxxv]amente ssatisfaça a deus na jgreia.

Como hã de dizer os laudes no domyngo

No dia do domyngo aos laudes primieramente seia dito *Deus misereatur nostri* sem antiphãa. e depois diguã cõ alleluya. *Miserere mei Deus*. e *Confiteminy domino e deus. deus meus ad te de luce e benedicite omnia opera domino e laudate Dominum de celis*. E o capitolo. o qual seia dito de cor. E o rresponso E o hynno E o vesso E *benedictus dominus deus israel*. e a ladainha. e o *pater noster*. e asi sejam acabados.

Em que maneira a ssolenpnydade dos laudes sseia ffeita

No dia do domyngo aos laudes primeiramente seja dito. ho seissagesimo sexto salmo sem antiphãa. s. *Deus misereatur nostri*. despolo qual seia dito o quinquaesimo cõ alleluya. s. *Miserere mei deus*. e depos este diguã o centesimo septimo decimo. s. *Confitemini domino*. e o seissagesimo segundo. s. *Deus deus meus*. desy as beções e os lououres e hũa liçom do *apocalissy* de cor. e ho rresponso. e ho hynno. e o vesso. e o cantico do euãgelho. e a ladaynha. e assy sejam acabados.

Como sseiam ditos os laudes nos dias priuados

Enos dias priuados a solêpnidade dos laudes assy seia feita. cõuem a ssaber o seissagesimo sexto salmo. seia dito sem anti-

phãa a passo. assy como no dia do domyngo. por tal que todos cheguê. ao quiquagessimio. que cõ antiphãa seia dito. depõs o qual sseiam ditos outros dous ssalmos. segundo he de custume. cõuem a saber. Segunda feira. o quinto e o treçesimo quinto. Terça feira. o quadragesimo segundo e o quinquagesimo sexto. Quarta feira o sseissagessimio terçio ¹ e o sseissagesimo quarto. Quinta feira. o outogesimo septimo. e o outogesimo nono. Sexta feira. o sseptuagesimo quinto. e o nonagesimo primo. Sabado ho centesimo quadragesimo segundo. e o cantico deuteronomij. o qual seia departido ã duas *glorias*. mais em cada huã dos outros dias seia dito sseu cãtico. assy como canta a jgreia de Roma. depois desto siguãsse os laudes. desy hũa liçom do apostollo rrezada de cor. e ho rresponso. e ho hynno. o uestro. o cantico do euãgelho. a ladaynha. assy seia acabados. E ssenpre na fim dos laudes. e da uestera a oraçõ domynica cõuem a saber. o *Pater noster* seia dito do prior a todos ouyntes. por os mouymentos dos scandollos que soem [xxxxvii] de nacer. que todos per o promitimẽto dessa oraçõ. na qual dizem. senhor perdoa a nos as nossas diuidas. assy como nos perdoamos aos nossos diuydores. alinpensse todos deste pecado. mais nas outras oras. a pustumeyra parte dessa oraçom sseia dita. que todos dia respondam *ssed libera nos a malo*.

Como sseiam ditas as vigalias nas ffeitas dos ssantos

Em nas festas dos santos ou nas ssolẽpnidades. assy como dissemos que sse fizesse no dia do domyngo. assy sseia feito. tirado que cs salmos e as antiphãas e as lições. a [e]sse perteeçentes seiam ditas. per o modo e ordinaçõ ssuso dito.

Em quaes tenpos sseia dita alleluya

Des a santa pascoa ataa penticoste. cõtinuadamente sem outra deteença. diguam alleluya. assy nos salmos come nos rresposos. Des penticoste ataa ho começo da quareesma. ã todalas noytes. cõ os pustumeyros seix salmos. as segundo nocturno seia dita. Outro ssy ã todollos domyngos. tirado os da quareesma aas canticas. e aos laudes e a prima. e terça e sexta. e noa cõ alleluya seiam ditas. E a uestera anti[xxxxviii]phaa. Os reponso

¹ Por tãr escapado, escreveu-se à margem.

não sejam ditos cõ alleluya. ssaluo des a pascoa ataa penti-coste.

Como sse deue de dizer as horas do dia

Assy como diz o propheta. Senhor sete vezes no dia dey louuor a ty. O qual cõto septenario e numero de nos assy seera comprido. sse em tenpo da nossa servydõoe pagu[a]rmos os ofi-çios cõuem a saber. os laudes. a prima. a terça. a sexta. a noa. a vespera. e a cõpleta. Por que destas horas diz o propheta. ssete vezes no dia dey louuor a ty. mais das vigílias da noite. esse propheta diz. aa meatade da noite me leuantey a cõfessar e dar louuor a ty. Ergo demos louuoires ao nosso criador. sobre os jui-zos da ssua justiça cõuem a ssaber. em nos laudes. na prima. na terça. na sexta. na noa. na vespera e cõpleta. e de noyte nos leuãtemos a cõfessar e dar louuoires a el.

Quantos ssalmos sseiã ditos aas ditas horas

Ja dos nocturnos. e dos laudes departimos e ordinamos a hordem dos salmos. agora veiamos das horas siguintes. Na ora da prima. sseiam ditos tres [xxxix] ssalmos cada huũ cõ sua gloria. E ante que estes salmos sejam começados. diguam *deus in adiutoriũ meũ itende*. E depois o hynno perteeçente a essa ora. acabados os salmos diguã o capitollo e o vesso. e o *kyrieleysom*. e assy seia acabada. A terça e a ssexta e a noa per esta ordinaçõ sejam ditas. s. *Deus in adiutoriũ*. e os hynos perteeçentes a essas horas. e tres ssalmos. e o capitollo. e o uesso. e *kyrieleysom*. e assy seiã fijndas. Se a cõgreguaçõ ffor mayor sejam cantadas cõ antiphãas. sse meor podēnas dizer rezadas. mais a vespera seia dita cõ quatro salmos asinados cõ suas atiphãas. e depois diguã o capitollo e o responsso. e o hyno. e o uesso. e o câtico do euangelho. s. *magnificat* e a ladaynha. e a oraçõ da domyngua. s. *pater noster* e assy se acabe. Aa cõpleta sejam ditos tres salmos chaamente sem antiphaas. e depois o hyno per-teençente a essa ora. e o capitollo e o uesso. *kyrieleysom* e a beençõ e assy sejam euiadas.

Do hordenamento dos ssalmos

Desposta a hordem dos salmos das oras do dia. todos os outros que sobeiam igualmente sejam repartidos [L] pela domaa nas vigílias das noctes cõvem a saber. doze salmos e cada hũa

noite. partindo aqueles que mayores som em duas partes. e se per ventura a algũu nõ aprouguer do repartimento e ordinaçõ destes salmos. e el entender que ã outra guisa sse podem melhor stabeleçer e ordinar ordíneos. per tal guisa que em cada hũa domaa seia cantado todo o salteiro. no qual som cõteudos. cento e cinquenta ssalmos. e ssenpre no dia do domyngo. aas vigílias seia repitido do começo. por que grande priguíça e pequena devaçõ de servir a deus. demostram os mõges que ã cada hũa somana nõ rezam todo o salteyro cõ seus canticos acostumbrados. por que leemos e achamos que os nossos santos padres ã cada hũu dia muy devotamente o cõpriam e acabavã. O qual prougesse a deus que nos outros priguíçosos e fracos per toda a somana acabassemos.

Como deuẽ os monges de cantar

Nos creemos que deus he e sta em cada hũu loguar. e el oolha e esguarda em toda a ora os boos e os maaos. e sse el esto faz ã toda a ora. muyto mais sem duuyda nẽhũa creemos [LI] que quando stamos as suas horas. el sta presente. E por tâto senpre nos deuemos de nẽbrar daquelo que diz o propheta. Servyde a deus cõ temor. E diz aynda mais. Cantade homyldosamente. E sseguesse. Senhor na presença dos angeos cantarey eu a ty. Pois cõsijremos bem ã que modo e maneyra. perteeçe a nos. star na presença de deus e dos angeos. e assi stemos aas horas rezando e cantando. que o nosso coraçõ cõcorde cõ a nossa voz.

Com quanta humyldade e reuerença deuemos de orar

Se algũa cousa queremos pidir ou demãdar. aos homees poderosos. nõ ousamos de o fazer. saluo cõ grande humyldade e reuerença. quanto mais deuemos de ssupplícar e roguar o nosso senhor deus cõ toda humyldade e pura deuoçõ. E nõ em muyta fala. mais cõ amor e caridade de coraçõ e cõpũçom de lagrimas nos ouuyra deus e comprira nossos boos deseios. E por tantos dizemos que breue e pura deue de seer a oraçõ. saluo se algũu. cõ amor de deus e spiraçõ diuinal ha quiser perlonguar. Enpero no cõvento. a oraçõ seia breue e [LII] tanto que o prior fezer sinal. todos se aleuantem.

Dos decanos do mosteiro ¹

Se a cõgreguaçom for mayor sejam elegidos e stabeliçidos decanos frades de boa vida e santa cõverssaçõ. os quaes deue de procurar e reger suas decanias e todalas cousas. segundo o mandado de deus e ecomendamentõ de seu abbade. E taes decanos sejam eligidos. cõ os quaes o abbade seguramente possa partir seus ecarregos. E nõ sejam eligidos e escolheitos per ordem. mais segundo ho meriçimento da ssua vida. e a doutrina e ešinãça. E sse per uentura algũu deles depois for achado em pecado de soberua. ou e outro-de que possa e deua seer reprehendido. seja castigado per hũa e duas e tres vezes. E sse sse nõ quiser emmendar. seja tirado desse offiçio. e outro digno e mereçedor seja posto em seu logo. E assy como dizemos destes decanos assi stabeleçemos e ordinamos do preposto.

Como deuem os monges de dormir

Cada hũu monge dorma em sseu lecto. os quaes tenham camas. segundo modo e uso da congregaçom e mandado de sseu abbade. E sse sse poder fazer. todos dormã em hũa casa. E [Lm] sse per uentura forẽ muytos. e esto nõ poderẽ fazer. dormã dez. ou vijnte antre os quaes. iaçam ançiãaos boos. que sobre eles seiã bem soliçitos e discretos. E em essa casa. seiã a candeia acesa continuadamente dela noyte ataa manhãa. vestidos dormã e çintos cõ çintas ou cordas. e nõ tenham cuytelos açerca de ssy quando dormirẽ. nẽ per uentura e dormyndo se feirà e eles. E pera os mōges senpre seerem aprestes como tanger o ssino leuãtensse muy asinha. e todos se vão as oras de deus cõ toda humildade e honestidade. Os frades mais mançebos nõ tenham os leitos iũtos hũus cõ os outros. mas mesturados e juntos sejam cõ os dos velhos. E quando sse leuãtarẽ aas oras de deus honestamente espertẽ hũus os outros. por tal que nẽhũu nõ sse escuse per ssono.

Da escomunhom das culpas

Se algũu frade for achado reuel e perfioso ou desobediente. ou soberuoso. ou murmurador. ou e algũa cousa cõtrayro aa

¹ A margem lê-se com tinta encarnada, como a do titulo dos capitulos: *decano* he monge mestre spritualmente e rege dos monges. A encadernação cortou algumas letras.

santa regla. ou despezador dos êcomendamentos de seus mayores Este tal seia amoestado de seus ançyãaos. segundo o preçpto de deus. per hũa e [LIII] duas vezes em segredo. E sse sse nõ emmendar. sseia reprehendido publicamente. E sse sse aynda assi nõ quiser êmendar nõ correger. e for tal que entenda que cousa he a pena da escomunhõ escomũguẽno. Se for maaõ e êcorrigibil. seia castigado no corpo cõ firidas.

Qual deue de sseer o modo e maneira de escomunhom

Segundo ho modo da culpa. assy deue de seer dada a mësura da escomunhõ e da desçiplina. O modo das quaes culpas penda e este no juizo e aluidro do abbade. Enpero se algũu frade for achado ê ligeira culpa. seia privado da mesa. e nõ coma cõ os outros. E esse que assy for apartado da mesa nõ leuantara antiphaa nõ salmo nõ dira liçõ na jgreja. ataa que satisfaça e acabe sua penitência. Depois que os frades comerem coma el soo. cõvem a ssaber. sse os ffrades comerem depois de ssexta. coma el depois de noa. sse comerẽ depois de noa. el coma depois de vespera. Ataa que per satisfaçõ cõuinhavyl. seia perdoado.

Das graues culpas

Aquel frade que for achado ê algũu pecado de graue culpa. seia apartado da mesa. e da jgreja. Nenhũu dos [LV] frades nõ ho acõpanhe nõ lhe falle em nẽhũu loguar. Soo seia a obra que lhe êcomendarẽ. e este ê luictu de penitência pense e cuyde aquella sentença muy spantosa do apostollo que diz. dado he este homẽ a sathanas ê quebranto da carne. por tal que o seu spritu seia saluo no dia do juizo. a quantidade do mantijmento. e a ora a que ouuer de comer seia ê aluydro e poderio do abbade. Nem seia beento de nẽhũu que passe per hu el estiver. nõ o que lhe derẽ pera comer.

Dos que conuerssom ou fallam ssem mandado coos escomũguados

Se algũu frade ou mõe presumir sem êcomendamento de seu abade cõuersar e falar per sy ou per outrẽ a algũu frade escomũguado. ê qualquer causo e modo. seia escomũguado como el.

Como o abade deue sseer ssolícito e discreto ssobre os scomunguados

O abbade aia cura e cuidado cõ toda descriçom sobre os frades pecantes, porque os saaos nõ ham mester físico, mais aos doentes e efermos perteençe. E por ende se deue trabalhar e fazer assi como o físico sabedor, s. enviar velhos ançyãaos sabedores, que em [Lvi] segredo sem lhe dizendo nẽ dando a entẽ der que vãao da parte do abbade, mais da ssua. Visitem e consolem aquel frade afflito per pensamentos, e eduguãno e chamẽ a satisfaçõ domildade e cõsolẽno, em guisa que nõ seia quebrantado per grande tresteza. Assi como diz o apostolo, Seia cõfirmada ã el caridade, e todos roguẽ a deus por el. Grande cuydade e descreçõ, deue o abbade de auer, cõ toda arte e sabedoria, pera nõ perder algũa das ouelhas a el cõmitudas. Conheça e sabha bẽ que reçebeo cura e cuidado dalmas efermas, e nõ das sãas. E tema o ameaçamento do propheta pelo qual disse deus, Aquelo que viades grosso tomauades, e aquelo que era fraco leixauades. E deue aynda de seguir o enxemplo do boo pastor, que leixou noueenta e noue ouelhas nos montes, e foy catar e demandar hũa que errara, da enfermidade da qual, ouue caridade e cõpaxom tam grande, que teue por bẽ de a põer nos seus santos onbros, e assy a trouue a cõpanha das outras.

Dos que por muytas vezes forẽ corrigidos e nõ sse emmendarem

Se algũ frade per muytas vezes for castigado, por qual quer [Lvi] culpa que seia, e se aynda for escomũguado, e nõ se quiser emendar, façam ã el correiçõ mais forte, s. castigueno cõ açoutes. E sse sse aynda assi nõ correger, nẽ emendar, ou per uentura aquelo que deus nõ queira, sse aleuantar em soberua, e quiser deffender suas obras maas. Estonçe o abbade faça assy como sages físico, mostrandolhe per palauras e enxemplos, amoestações, das santas scripturas o que ha de fazer. E depois desto seia castigado, per scomunhõ, ou fridas de uaras, e se vir que a ssua jndustria e sabedoria nõ lhe pode aproueitar ã nẽhũa cousa, estonçe aiũte aquelo que he maior e mylhor, cõvem a ssaber, a ssua oraçõ e de todollos outros frades, que o senhor deus que he poderoso ã todalas cousas, obre e de saude a aquel frade efermo. E sse per esta guisa sse nõ emendar,

Estonçe o abbade use do exemplo da santa scriptura. assy como diz o apostolo. Deitade o maaõ fora de uos. E sseguesse. O maaõ sse sse departe. departasse e vaasse. nẽ per uentura hũa ou[e]lha emferma e chea de pecado. danpne e ãçugãte toda a outra cõpanha.

Como deuem reçeber os ffrá[LVIII]des ffugitivos que sse vãao do moesteiro

O frade que polo seu proprio pecado sse ssaãe ou he deitado fora do moesteiro, e depois sse quiser tornar. primeiramente pormeta toda emendaçõ do pecado porque sse sayo. e assi seia recebudo e posto no ultimo grao. pera seer cõheçada e prouada a ssua homylidade. E sse per uẽtura sse sair per duas vezes. atees a terceira vez. assi seia reçebydo. Mais sse depois veer seia çerto que o nõ reçeberõ no moesteiro.

Como deuẽ castiguar os moços de meor hidade

Toda hidade ou entendimento. deue dauar proprias mẽssuras e discriçom. E por tâto per quantas vezes os moços. ou os mays mançebos ã hidade. ou aqueles que nõ podem ãtender quanta he a pena da escomunhõ. A estes taaes quando pecarem. seiam atormentados per grandes jeiũus. ou castiguados cõ fortes açoutes. por tal que se corregam e emẽdem.

Do çelareiro do moesteiro qual deue sseer

O çelareyro do moesteiro seia escolheito e eligido da cõgreguaçõ. o qual seia sabedor e amaui per boos costumes. deue seer tẽperado. nõ seia muyto comedor. nẽ soberuoso. nẽ escu[LIX]ro e trubulento. nẽ jniurioso. nẽ priguĩçoso e deguastador. mais tema deus E sseia a toda a cõgreguaçõ assy como padre. e aia cura e cuidado de todas as cousas. Non faça nẽhũa cousa sem mandado do abbade. Aguarde e faça as cousas que lhe forem ãcomendadas. Os ffrades nõ cõtriste. E sse algũu lhe pedir algũa cousa nõ razoauylmente. nõ no despreze nẽ cõtriste. mais cõ razom e humylidade lhe dũa que ho nõ pode fazer. Guarde a ssua alma e seia senpre nẽbrado. do apostolo que diz. Que aquel que bem ministrar. auera boõ gualardom. Aia cura e cuydado cõ toda discriçom dos enfermos e dos menynos e dos proues. E sseia çerto ssem duvida nẽhũa. que destas cousas

todas. ha de dar cõto e razom a deus no dia do juizo. Toda a sustança do moesteiro e os vasos guarde e oolhe. assy como sse fossem vasos ssagrados dos altares. Nom ponha negligencia e nẽhũa cousa. Nem stude e auareza. nẽ seia deguastador e destruydor da sustança do moesteiro. mais todalas cousas mesuradamente e cõ descreçom e como lhe mandar o abbade. Antre todalas cou[**Lx**]sas que em el ouuer. aia humyldade. E quando nõ teuer sustança. ou mâtijmento que de a algũ. respondalhe homyldosamente e delhe boa palaura. assy como he scripto. A boa palaura he sobre ho boo dado. Aquelas cousas que lhe o abbade ecomendar. essas faça e aia sso ssua cura. E aquellas que lhe defender. nõ presuma nẽ seia ousado de as ffazer. Aparelhe e de aos frades nas oras stabeliçidas. aquellas cousas que lhe forem neçessarias pera comer e beuer. ssem ssoberua e ssem nẽhũu detijmento. por tal que nõ sseiam scandalizados. E nẽbresse daquelo que deus dise que mereçera aquel que scandalizar hũu dos mais pequenos. Se a cõgreguaçõ for mayor. denlhe cõpanheyros que o ajudem. por tal que el cõ boo coraçõ e boa voontade possa cõprir e acabar ho ofiçio cõmetido a el. Nas horas stabeliçidas e acustumadas seiã dadas aquellas cousas que ouuerem de dar. e peçam aquellas que ouuerem de pedir. pera nẽhũu nõ seer toruado nẽ contristado na casa de deus.

Das alffaias e fferramentas do moesteiro

Na sustança do moesteiro e nas ferr[**Lxi**]amentas ou vistiduras. ou outras quaaes quer que seiam. ponha o abbade frades. da vida e custumes dos quaes el seia bem seguro. E assijne a cada hũu aquellas cousas que ouuer de gua[r]dar ou minystrar. segundo el etender que he melhor e mais proveitoso. Das quaes cousas o abbade tenha hũu memorial. por tal que quando algũ frade soçeder o ofiçio do outro. sayba aquelo que da ou o que recebe. Se per uentura algũ trautar as cousas do moesteiro mal e cõ negligencia como nõ dene. seia castigado. E sse sse nõ emendar. seia somytido aa diçiplina regular.

Se deuem os monges dauer ou teerem algũa cousa

Antre todalas cousas principalmente este pecado de raiz seia talhado do moesteiro. nẽhũu nõ presuma nẽ ouse dar algũa cousa ou receber sem mandado do abbade nen auer nẽhũa cousa propia. nẽ liuro. nẽ tauoas. nem stilo. e de todo e todo nẽhũa

cousa. porque nõ lhes cõvem nõ perteeçe de auerẽ nõ teerem. os seus corpos e as suas voontades ã seu propio poderio. Todas cousas que lhes forem neçessarias. sperem e aguardem [LXII] do pradre do moesteiro. Porque nõ compre a eles teer nõhũa cousa. saluo aquelo que lhe o abbade der. ou mandar teenr. Todas cousas sejam ã comũ e em geeral a todos. e nõhũ nõ ouse de chamar ou dizer algũa cousa sua. E sse algũ for achado que se deleyta e toma prazer. ã aqueste muyn maaõ pecado. seja amoestado per hũa e per duas vezes. E sse sse nõ em mendar. seja castigado em guisa que sse ãmende.

Se deuem os monges de receber igualmente as cousas neçessarias

Assi como he scripto. era departido e dado a cada hũu pella guisa que lhe fazia mester. E em esto nõ dizemos que aia hy diuysom e recebimento de pessoas o que deus nõ queira. mais cõssijraçõ das enfirmydades. E aquel que mais pouco ouuer mester de graças a deus e nõ seja cõtristado. E o que mais ouuer mester. homyldesse pola sua enfirmydade. e nõ se exalçe nã ensoberueça pola misericordia e piedade que lhe fazem. e assy seerõ todolos nenbros ã paz. Antre todas cousas mandamos que o pecado de murmuraçõ [LXIII] por qual quer cousa que sseia nõ apareça ãno monge per nõhũa palaura nõ per sinal E sse algũ for achado em el cruelmente seja castigado.

Dos domairos da cozinha

Os frades assy seruam hũus os outros que nõhũ nõ seja escusado do offiçio da cozinha. saaluo per enfirmydade. ou sse algũ for ocupado ã algũa cousa. que seja de grande proueito ao moesteiro. porque aquel que mais trabalhar mayor e melhor gualardam auera. Aos fracos sejam dados cõpanheiros que os ajudem por tal que aquelo que fezerem nõ o façã cõ tristeza mais todos aiam cõpanheiros segundo o modo da cõgreguaçõ e o asseentamento e disposiçõ do loguar. Se a cõgreguaçõ for mayor ho çelareiro seja escusado da cozinha. ou aqueles que forem acupados em mayores proueitos. como ia dissemos. E os outros todos se seruã em caridade. Aquel que sayr da domaa ao sabado faça mûdiçias cõvem a saber. alinpe a cozinha e todas outras alfayas. laue os panos cõ que os frades alinpam as maaõs e os pees[LXIII]. E assy o que saae. como aquel que entrar por

domaayro. anbos lauem os pees a todos. As escudelas e as outras cousas cõ que servyrõ. sãas e linpas dê ao çelareiro que as guarde. E esse çelareiro as de per conto ao domaaio que entrar. pera seer çerto daquelo que da ou que recebe. Os do maayros ante da hora da refeição. sobre a ssua raço stabeliçida. tomẽ do pam e beuã senhas vezes. por tal que na hora da refeição ssem murmuramento e grande trabalho seruã sseus jrmãaos. Em nos dias festiuaaes mistem depois de misas Os domaaayros que entrarem e os que sairem. no dia domyngo na jgreia como acabarẽ as matinas. tornemse antre todos e peça que roguẽ a deus por eles. os que sairem diguã este vesso *Benedictus es domine deus quia iuuasti me. et cõ solatus es me.* O qual dito per tres vezes tomẽ a beenço e sayanse. Depois destes venham logo os que ouuerem dentrar e diguã. *deus in adiutoriũ meũ itende. domine ad adiuvãdũ me festina.* E assy seia repitido per tres vezes de todos. e tomada a beenço entrem ẽ seu offiçio.

Dos enffermos

[LXV] Antre totalas cousas e sobre todas. deuẽ dauer cura dos emfermos. e assy os deuẽ de servir. como se seruysem verdadeiramente a ihesu christo. por que el disse. Fuy enfermo e doente e viestes me visitar. E esses enfermos esguardem e cõsijrem. que som seruydos por honrra e amor de deus. e nõ seiã engruatos e maaos de servir. e nõ cõtristem nẽ scandalizem aqueles que os servirem. Pero esses seruydores devẽ de ssoportar e ssoffrer todas essas cousas paçientemente porque de taaes he dado grande merito e merçee. E por esta razom muy grande cura e cuydado aia o abbade dos ãfermos que nõ padeçam algũa negligência. Os quaes frades enfermos tenham cela assijnada ssobre ssy e seruydor que tema e ame deus e seia discreto. Aos enfermos seia outorguado e dados banhos per quantas vezes lhes fazer mester. Aos sãaos e maiormente aos mançebos tarde lhes seia outorguado ho comer das carnes. de todo ẽ todo seia outorguado e dado aos enfermos e aos fracos repayramento dos corpos. E depois que forem sãaos. todos sse astenham [LXVI] e nõ comain carne. O abbade aia muy gram cuydado e diligência cõ toda descrição. nẽ per ventura per culpa dos çelareiros ou dos seruydores padeçã os enfermos algũa myngua. ou negligência. por que a el perteençe corregger. e ẽmendar qualquer desfaliçimento ou error dos seus diçipollos.

Dos velhos e dos moços pequenos

Como quer que a natureza ¹ humana aia misericordia e piadade ã hidades. s. dos velhos e dos moços pequenos. pero a outoridade da regla oolhe e esguarde ã eles. Seia senpre cõssijrada a fraqueza delles. e ho apertamento da Regla nõ sse êtenda ã elles no comer. mais seia ã eles consijraçõ piadosa. e comã ante das horas canonicas primeyro que os outros.

Do domaaairo de leer aa mesa

Da mesa dos frades quando comerem nõ deue de desfaleçer liçõ. E nõ hũu nõ ouse de tomar ho liuro pera leer a essa mesa sem prouijmento E aquel que ouuer de leer. começe no dia do domyngo e lea toda a domaa. e ã este meesmo dia que assy começar. ditas as myssas e dada a comunhõ. peça a todos que roguẽ a deus por el que lhe [LXVII] tire o spirito de soberua. e digua este vesso na jgreia per tres vezes repetido de todos. *domine labia mea aperies e os meũ annũciabit laudem tuã*. E tomada a beençõ entre a leer. Muy grande seenço seja feito aa mesa. que nõhũa musitaçõ nõ voz nõ seia hi ouuyda saluo daquel que leer. As cousas que forem neçesarias aaqueles que comerem e beuerem assy seruã hũus os outros. que nõhũu nõ aia mester de pedir algũa cousa. E sse per venrura lhe fazer mester peçaã per soom de sinal e nõ per voz. Non presuma nõhũu hi reprehender ou recontar algũa cousa desa liçõ ou doutra. nõ per vêtura seia dado aazo de falar. saluo se o prior quiser dizer algũa cousa breuemente por edificaçõ. O frade domayro tome misto ante que começe de leer pola comunhõ santa. por nõ lhe seer graue de soportar ho jeiũu. E depois coma cõ os domaaayros e seruydores da cozinha. Os frades nõ leam per ordem. saluo aqueles que forem taaes que possam hedificar os ouuyntes.

Da quantidade e menssura dos manyares

Creemos que em todolos meses aa refeição de cada día assy da sexta como da noa que [LXVIII] auondarom dous cõdoytos por

¹ No texto *natureleza*.

as infirmydades desuayradas. por tal que o que nō poder comer dhūu coma do outro E portanto dous cōdoitos cozidos auondem a todolos frades. E sse hi ouuer fruyta ou legumes seia dado aa terceira vez. Hūa liura de pam auonde no dia. assi a hūa refeição. como a iantar e a çea. Se ouverem de çear guarde o çelareiro a terça parte desse pam pera aqueles que çearẽ. E sse fforẽ occupados em grande trabalho. ẽ alvydro e poderijo do abbade seia. sse perteençe de acreçentar algũa cousa. tirada antre totalas cousas a ssobigidōe que nunca aia logo no mōge. por que nō ha cousa que assy seia contraira a todo cristāao come o comer e beuer sobeio. Assy como diz o nosso senhor deus. Veede nẽ per ventura seiam agrauados os uossos coraçōes ẽ sobigidōe de comer e em beuedice. Os moços de meor hidade nō lhes seja aguardada essa quantidade. mais denlhes [mais pouco que aos mayores. aguardada antre totalas cousas descreçom e tenperança. O comer da carne de quatro pees todos se astenhã del. saluo aqueles que de todo em todo forem fracos e [LXIX] emfermos.

Da mēssura e quantidade do beuer

Cada hūu recebe propio dom e graça de deus. huũs per hūa guisa. e outros per outra. E por ende stabelecemos a mensura e quantidade do comer dos outros. cō algũa scrupolusidade e dunyda. Pero oolhando e esguardando a fraqueza dos enfermos. creemos que auondara a cada hūu. hūa medida de vinho polo dia. Aaqueles que deus der de graça e soportamento daustinençia. seiam çertos que reçoberõ e aaeram grande merçee. Se per uentura a neçessidade do loguar. ou o trabalho. ou ho ardor da quentura. mais demandar seia ẽ aluydro e podirio do prior. o qual deue de cōsijrar ẽ todallas cousas per tal guisa que nō aia hi sobegidõ. ou beuedice Por que leemos sem dunyda nẽhūa que o vinho nō he dos mōges. mais por que nos nossos tẽpos. esto nō podemos fazer. pero isto consentamos. que nō beuamos muyto. mas tenperadamente. por que o vinho faz ẽsandeçer os sabedores. No loguar hu a neçessidade demãdar. que esta mensura e quantidade sobre dita nō possa seer achada. ou mays pouco. ou de todo ẽ todo nẽhūa cousa. aqueles que hy [LXX] morarem dem graças a deus. e nō murmoyrẽ. E esto amoestamos antre totalas cousas que antre os frades nō aia murmuraçõ.

Em que oras deuẽ de comer os mōges

Dela santa pascoa atoa penticoste. os frades jantem depois de ssexta. e çeẽ depois de uestera. De penticoste per toda a queentura se os mōges nõ ouuerem de trabalhar. nos agros do pam. ou a grandeza da queentura os nõ toruar. jaiuem a quarta e a ssesta feira. e comã depois de noa. Nos outros dias. jantẽ depois de sexta. O qual jantar depois de sexta seia cõtinuado per toda a domaa sse ouuerem de trabalhar nos agros. ou o fervor da quentura for grande. esto seia na descreçom do abbade. O qual abbade assy tenpere e ordine totalas cousas. per tal guisa que as almas seiã saluas. e aquelo que os frades fezerõ. façãno sem nẽhũa murmuraçõ. Dos ydos de setenbro. ataa o começo da quareesma senpre comã depois de noa. Da quaresma. ataa pascoa. comã depois de vespera. A qual vespera. a taaes oras seia dita. que aquelles que comerẽ nom aiã mester candea. e totalas cousas se[LXX]iã acabadas cõ dia. mais ẽ todo tẽpo. assy seia temperada. a ora da refeição. e da çea que totalas cousas sejiã feitas cõ luz.

Como os mōges nõ deuẽ de fallar depois de completa

En todo tenpo os mōges. deuẽ de teer sseenço. spicialmente nas horas da noyte E por endeẽ todo tẽpo assy de jeiuu como de jantar sse nõ for dia de jeiuu tanto que sse leuantarẽ de çear seiã todos em hũu loguar e leera ¹ hũu ho liuro das collações ou das vidas dos padres santos. ou outro liuro que possa hedificar aqueles que o ouuirẽ E nõ leam o liuro dos reis nẽ ho genesis. por que ha ² os entendymentos fracos. nõ seeria proveitoso ẽ tal ora. ouuir esta escriptura. Mais enas outras oras sejiã leudos. Se for dia de jeiuu. dita a uestera. façam huũ spaço pequeno. e venhã a liçõ da collaçõ. pela guisa que dissemos e leudas quatro ou çinquo folhas. ou quanto a hora demandar. que pelo detijmento desta liçõ todos venham. aynda que algũ seia occupado ẽ algũ officio. E todos aiũtadamente a hũu termo. acabem suas oras. E depois que sayrẽ da cõpleta. nõ seia dada licẽça. a nehũu [LXXII] de falar. E sse per uentura for achado algũ que birtre ou trespasse esta regla do seenço. seia somytido

¹ No texto *leã*.

² Aqui ẽ preposição.

aa mais graue vindita. saluo se for neçessidade dospedes que veerem. ou per uentura o abade mandar fazer algũa cousa algũu. A qual cousa cõ grande graueza e discriçom e honestamente seia feita.

Dos que veerem tarde aas horas de deus. ou aa mesa

Aas horas do hoffiçio de deus. tanto que os mōges ouvyrẽ o ssino leyxem todalas cousas que teuerem nas mãaos ¹ e cõ grande pressa vaaanse aa jgreia. Pero esto seia feito cõ tẽperança por tal que non aiam aazo nẽ ocaiom de pecar per ligeirice. E por tanto nũ seia nẽhũa cousa preposta a obra de deus. Se algũu nas vigĩlias da noyte. veer depois da *gloria*. do *venite exaltemus*. o qual por esto queremos que seia dito chãamente e a passo. nũ este em sua hordem no coro. mais ste a fundo de todos ou ã outro loguar apartado. qual o abbade stabelecer pera os que forẽ culpados ã tal negligẽcia que possa seer visto desse abbade e de todollos outros. e assy ste ataa que a obra de deus seia acabada. que per publica satisfaçõ faça penitẽcia. E por tanto julguamos que estes taaes [LXXIII] deũẽ destar no ultimo loguar ou apartadamente. por tal que seiã vistos de todos. e pola uergonça que hi padeçerem seiã ãmendados. Por que se fiquasse fora da jgreja per ventura seeria tal que sse deitaria a dormir ou sseeria de fora e entenderia a falas e a palauras ouçiosas. e pera nom seer dado aazo ao sprito ² maglino. nũ fique de fora. mais entre dentro na jgreia e nũ perca todo. e di en deante ãmendesse. Nas horas do dia aquel que a obra de deus veer depois do vesso e gloria do primeiro psalmo. o qual sse diz depois do *deus in adiutoriũ*. ste no postumeiro loguar pela ley que dissemos de cima. Nẽ ouse entrar ao coro dos que cantã. saluo se lhe o abbade outorguar e der leçença que entre pero satisfazendo primeiramente desta culpa. Aa hora da refeiçõ. aquel que nũ veer ante do vesso que todos ajuntadamente faça oraçõ e diguã ho vesso. e assy todos se assentem aa mesa. aquel que per sua negligẽcia ou per seu pecado nũ chegar a este tempo sobre dito. seia castigado por esto ataa segunda vez. E di in diante se sse nũ ãmendar. nũ coymha cõ os outros. mais apartado da cõpanha de todos. coyma soo e nũ lhe dem a sua raçom de vynho. ataa satisfaçõ e ãmendaçõ. Semelha[LXXIII]

¹ No texto *maanos*.

² Ou *spiritu* no texto *spũ*.

uymente padeça aquel que nõ steuer ¹ presente ao vesso que sse diz depois da refeição. E nõhũ nõ presuma nẽ ouse ante da hora stabelida ou depois tomar algũa cousa de comer ou de beuer. mais sse o prior der algũa cousa a algũu e el nõ na quiser tomar. aa ora que a deseiar ou demandar nõ lhe seja dada essa coussa que primeiramente nõ quis tomar. nẽ outra nõnhũa. ataa que faca penytência e emendaçõ ssoffiçiente.

Como devẽ satisfazer os que fforem escomunguados

Aquel que por graues culpas for escomũguado e apartado da jgreia e da mesa. faça assy. quando acabarẽ as horas de Deus na jgreia. deitese ante as portas dessa Jgreia e nõ digua nnhẽũa cousa. saluo tanto. posta a cabeça em terra. jaça strado e enclinado aos pees de todos aquelles que sairem da igreja. E esto faça per tanto tenpo. ataa que o abbade julgue e digua que he feita penitencia e emendaçõ. E quando for chamado e veer ante o abbade. deitese antos pees desse abbade, e depois aos pees de todollos outros que roguẽ a deus por el. E estonçe se o abbade mandar. seja regebudo no coro. ou na hordem que o abba[lxxv]de stabelecer. E esta seja a ssua regla. el nõ presuma nẽ ouse na jgreia de começar ou leuantar antiphãa. nẽ salmo nẽ liçõ. nẽ outra cousa. saluo se lho o abbade outra vez ecomendar. E a todalas horas. quando acabarem a obra de deus. deitese ã terra no loguar. hu esteuer. e assy satisfaça. ataa que lhe mande o abbade que çesse desta satisfaçom e penitencia. Aqueles que por ligeiras culpas forẽ escomũguados e apartados. tã soamente oa mesa. satisfaçam na jgreia ataa que o abbade mande. E esto façã senpre ataa que o abbade deite a beençom e digua *ssuficit*.

Como deuẽ satisfazer os que falecẽ na jgreja do que hã de dizer

Se algũu quando pronũciar e disser o ssalmo ou responso. ou antiphãa. ou a liçom. desfaleçer ã cada hũa destas cousas. se logo hi nõ satisfazer humyldosamente ante todos. seja ssomitido a mayor pena e vindicta. Eor que nõ quis correger per hu-

¹ No texto *stouuer*.

mxldade. aquello é que pecou e desfaleço per sua negligência ¹. Os moços por tal culpa seiam açoutados.

Daqueles que é algũas cousas pecarem ou desfalecerem

Se algũu for ocupado é algũu laur. s. na cozinha e no çele[LXXVI]iro. no forno. na orta. ou é algũa arte e qualquer seruyço que seia. e desfaleçer é algũa cousa. ou ha birtar. ou perder é qualquer loguar que pecar. e logo nõ veer ante o abbade. ou ante cõgreguaçõ e de ssua propia voontade satisfazer e demostrar o sseu pecado. sse tal cousa for notificada e demostrada per outrem. seia somitido a maior êmendaçõ. Se por algũa cousa que seia pecado da alma demostreea tam soamente a sseu abbade. ou aos ançiãaos ² sprituaes ³ que sabham curar e saar as ssuas chagas e as alheas nõ descobrir e publicar.

Como deuem tanger e fazer sinal aas horas de deus

O abbade aia cura e cuydado pera demostrar a ora da obra de deus de dia e de noyte. E esto faça el ou ho ãcomeede a tal frade que seia bem soliçito e discreto pera fazer esto per tal guisa que todalas cousas seiã conpridas e acabadas nas oras cõuynhauijs. Aaqueles a que for emcomendado leuantes os salmos e as antiphãas depois do abbade é sua hordem. Nen hũu nõ presuma nõ ouse. de cantar ou leer. saluo aquel que esse ofiço poder bem cõprir. por tal que seiam hedificados aqueles que o ouuyrẽ. A qual [LXXVII] cousa deue de fazer cõ grande homyldade e honestidade e temor de deus. e aquel a que ho êncomendar o abbade.

Como deuem os monges dobrar per ssuas mãaos

A ouçiosidade e ho muyto folgar he jnmijgo e cõntrayro da alma. E por tanto en tenpos çertos deuẽ os monges de trabalhar per suas mãaos. e é certas horas na liçõ santa. E por esto queremos ordinar e stabeleçer cada hũu destes tẽpos. s. dela pascoa ataa as calendas doutubro tanto que os mõges sayrem da prima pela manhã. trabalhem e obrem é aquello que

¹ No texto *negligencia*.

² No texto *ançiaanos*.

³ Ou *spirituaes*; no texto *spũaes*.

lhes for neçessario. ataa quarta ora. E da quarta ora ateës quanto possa sseer ora de sexta entendam aa liço. Depois de ssexta tanto que sse leuantarẽ de comer. deytense ẽ sseus leitos cõ todo seenço. e sse per uëtura algũu quiser leer. lea per tal guisa que nõ inquiete nõ faça noio a outro. E a noa sseia dita mays cedo. s. meante a oytava ora. e depois obrem ẽ aquelo que ouuerem de fazer ateës a vespera. E sse a neçessydade ou a proueza do loguar. rrequirir e demandar que os mōges vaam colher e apanhar os pãaes. nõ sejam cõtristados nõ tomẽ noio. porque estonçe seeram verdadeiros [LXXVIII] mōges se viuere[m] per trabalho de suas mãaos. assy como viuerõ os apostolos e os nossos santos padres. Pero todalas cousas sejam feitas. cõ discriçom per rrazom dos fracos. *divisio*

Des as calendas doutubro ataa o começo da quareesma dela manhãa ateës a segunda ora cõprida emtẽdam os mōges a liçom. Acabada a hora segunda diguã a terça. e depois de terça todos trabalhem e façam ssua obra. pela guisa que lhes for ẽcomendado. ataa hora de noa. E tanto que tangerem o primeiro signo da noa cada hũu departasse de sua obra. e todos stem aparelhados pera quando tanger o segundo signo. Depois que comere[m] entendam a ssuas lições ou rrazem salmos. *divisio*

Nos dias da quareesma dela manhãa ateës a ora da terça cõprida ẽtendam os mōges aa liço. e depois ataa deçima ora acabada. obrem e façã aquelo que lhes for ẽcomendado. Nos quaes dias da quareesma. todos tomẽ senhos liuros da liurarija. os quaes leam inteiramente per ordem. E esses liuros sejam dados no começo da quareesma. Antre todalas cousas. seiaõ ordinados e stab[LXXIX]eliçidos. hũu ou dous anciaãos boõs e discretos. que cerquem o moesteiro. quando os mōges steuerem ẽ liço. e veiaõ nõ per uentura seia achado alguũ. que este ouçioso. e nõ faça nõhũa cousa. ou brite o seenço. e nõ entenda aa liço. e nõ tã soamente he dapnoso assy. mas aynda aleuanta e faz noio aos outros. Este tal se for achado. o que deus nõ queyra. seia castigado e amoestado a primeira e a segunda vez. E sse sse nõ enmendar. seia castigado per tal guisa. que todolos outros aiam medo. Nen hũu nõ fale nõ partiçepe cõ outro nas horas e tenpos que nõ deuẽ. No dia do domyngo todos entendam aa liço. salvo aquelles que em desuairados offiços forẽ stabiliçidos. E sse algũu for tam negligente e priguçioso. que nõ queyra ou nõ possa cõtenplar ou leer. seia lhe ẽcomendada tal obra que faça. que nõ ste ouçioso. Aos frades emfermos ou dilicados de pequena cõpreissom. tal arte e obra lhes seia ẽcomendada

que nõ stem ouçiosos. nõ seiã apremudos per grandes trabalhos. e ho abbade deue de cõssijrar e veer a fraqueza delles.

Do guardamento da quareesma

[LXXX] Como quer que em todo tẽpo ho mõge deue de fazer vida de quareesma. Pero porque esta uirtude he de poucos. por ẽ amoestamos e rrogamos que ẽ estes santos dias da quareesma ho mõge aguarde sua vida cõ toda linpeza. s. todallas negligẽcias e errores dos outros tenpos aiũtadamente ẽ estes santos dias destruir. A qual cousa sera ffeita dignamente. sse nos. nos tẽperarmos e aguardarmos de todollos pecados. e ẽtendemos aa oraçõ e aa liçõ cõ choros e gimydos e cõpũcom do coraçom e fazermos abstinẽcia. E por tanto ẽ estes dias aereçentemos mais algũa cousa do seruyço geeral e acustumado que soemos de fazer. s. orações spiciaes e abstinẽcia do comer e do beuer. E cada hũu daquelo que ouuer de comer e beuer de sua propria voontade offereça a deus algũa cousa cõ prazer e alegria do sprito. tirando ao sseu corpo do comer e do beuer e do ssono e da falla e das palauras ouçiosas. E cõ prazer e deseio spritual aguarde e atenda a santa pascoa. E aquelo que cada hũu ouuer de offereçer. primeiramente o digua a sseu abbade. e cõ a voontade e a oraçõ dell faça aquello [LXXXI] que ouuer de fazer. porque a cousa que he feita sem mandado e liçença do padre spritual. he cõtada por presunçõ de vãa gloria e nõ de merçee. E por esto todalas cousas seiam feitas cõ voontade do abbade.

Dos ffrades que ssom ocupados ẽ lauor longe da igreja ou ssom ẽviados em algũu camynho

Os frades que andarem longe do mosteiro ẽ lauor. e nõ poderem vijnr aas horas. aaqueles termhos que sse dizem na igreja. e o abbade por çerto que assy he. rrezem as horas ẽ esse logo hu trabalham. cõ toda deuaçõ e temor de deus ficando os geolhos en terra. Semelhauylmente façam aquelles que som ẽviados. ou forem ẽ algũu camynho. nõ leixem em falla as horas stabeliçidas. que as nõ rrezem aos tempos que deuem. mais pela guisa que melhor poderẽ assy as rrezem. e nõ ponham em negligẽcia de pagar e dar a deus a pensom e ho tributo da sua seruydõoe.

Dos frades que ssom enviados a perto do moesteiro

Os frades que ssom enviados ou forê a algũu loguar por qual quer rrazom que seia. sse em esse dia entenderem de tornar ao mo[Lxxxii]esteiro. nõ presumã nê ousem de comer fora em causo que dalgũus seiam rroguados muyto aficadamente. ssaluo se lhe seu abbade der liçença. E sse algũus fezerem o cõtrairo desto. escomũguẽnos.

Da jgreia e oratorio do moesteiro

A Igreja ou ho oratorio. seia rreseruado e agu[a]rdado tam ssomente para aquelo que he dito e chamado. s. casa doraçõ e outra cousa nõ seia hi feita nê posta saaluo aquelo que for neçessario pera el. Depois que acabarê as horas de deus todos cõ muy grande seenço se sayam da jgreia e primeiramente façam seuerença a deus e jnclinê ante o altar por tal que sse algũu quiser fazer oraçõ spicial nõ seia ãbarguado ou estoruado pella fala ou ssom do outro. E sse per uentura outro quiser ascondudamente orar ou cõtenplar. çinplezmente entre e faça sua oraçõ. e esta oraçõ nõ digua per grandes vozes e braados. mais caladamente ore cõ lagrimas e cõ emtenço muy aficada do coração. E por esto aquel que nõ quiser fazer tal obra como esta. nõ lhe sseia outorguado que fique na jgreia ou no oratorio. depois que as horas de deus forê acabadas como dito he. nê per uentura o outro pa[Lxxxiii]deça algũu jmpedimento ou noio.

Como deuem rreçeber os hospedes

Todo los hospedes que veerem ao moesteiro assy seiam reçebidos como jhesu cristo. por que el disse. Hospede fuy e reçebestesme. E por tâto lhes seia dada grande honrra. segũdo o estado de cada hũu. mayormente aos rreligiosos. e aos fiees cristaãos donde quer que seiam. E por ende como algũu hospede chegar ao moesteiro cõ toda caridade e amor de deus e sem detardança seia reçebido do prior e dos frades. e todos juntamente orem. e feita a oraçõ denlhe o obscuro ã sinal de paz. E essa paz nõ lhe sseia dada ante da horaçõ pollas tentaçoẽs. e ãguanamentos do diaboo. E em esse rreçebimento sseia demonstrada toda homyldade a todo los ospedes que veerem ao moesteiro ou sse departirê del. jnclinada a cabeça ou strado

todo o corpo em terra. adorem em elles jhesu cristo. o qual rreçebẽ rreçebendo eles. E depois que os hospedes forem rreçebidos e tragidos a oraçõ seia cõ eles o prior ou outro quem el mandar. Aos hospedes seia leuda a ley de deus. pera auerem deuoçom [LXXXIII] e seerem hedificados. E depois desto seialhe dada toda humanydade e neçessidade pera os corpos. O prior quebrante o jeiũ polo ospede. ssaluo se for o dia do jeiũ tal. que nõ deua seer quebrado. Os frades siguã e cõtinuem seu jeiũ. O abbade deite aagua aos maos aos proues. O abbade e toda a cõgreguaçõ lauem os pees aos ospedes. e como forem lauados. diguã este vesso. *Suscepimus deus misericordiam tuã i medio tenpli tui.* Com toda cura e diligẽcia seiam rreçibidos os ospedes. espicialmente os pobres e peregrinos. por que õ elles he mais rreçibido jhesu cristo. que nos ricos. por que o terror e o espanto dos ricos demanda e requiere assy honrra. A cozinha do abbade e dos ospedes sseia apartada. e esto pera os mōges non sseerẽ inquietados dos ospedes que nũca desfaleçẽ do moesteiro e veem em desuairadas horas. Em na qual cozinha ponhã dous frades em cada hũu ano que esse ofiçio bem e honestamente façam E sseiam lhes dados cõpanheiros se os ouuerẽ mester. pera seruirem sem murmuro E quando nõ teuerẽ que fazer na cozinha. façam outra obra qual quer que lhe for [LXXXV] encomendada. E nõ soamente esta cõssijraçom seia aguardada õ estes. mais aynda em todollos outros offiçiaes do moesteiro e seiam lhes dados cõpanheiros quando os ouuerem mester. e quando uaguarem e nõ teuerem que fazer em cada hũu dos sobre ditos offiçios façã o que lhe mandarẽ. E çella çerta e asijnada seia pera os ospedes. na qual ste frade que tema e ame deus. e õ essa çella seiam leitos de camas auondosamẽte ornamentados. e a casa de deus seia rregida e mynistrada bem discretamente pellos boos e ssabedores. Os mōges nõ acõpanhem nẽ falem aos ospedes sem mandado. E sse o mōge for per hu steuer ho ospede ou ho vir. omyldosamẽte incline e peça a beençõ. e digua nõ cõvem a myn de falar com ospede sem licença.

Se devem os monges rreceber cartas ou outra cousa

Per nehũa guisa nõ perteece nẽ cõuem ao mōge. de seus parentes nẽ de nẽhũu omẽ. nẽ hũu mōge doutro. rreçeber ou dar cartas e essomesmo outros quaesquer doẽs. sem mandado de sseu abbade. E sse acontecer que seus parentes lhe envijem

alg[Lxxxvi]ua cousa. nõ ouse de a rreçeber. ssaluo se o primeira-
mente disser ao abbade. e sse lhe mandar que a rreçeba. tomea.
E este ẽ poderio e aluydro do abbade de a dar a quẽ por bem
teuer. E nõ sseia cõtristado o frade a que foy ẽvyada essa cousa
nẽ per uentura per jnydia ou murmuraçõ seia dado aazo e logo
ao diaboo. Aquel que trespassar e for cõtra este mandado seia
sometido aa diciplina e correiçõ da rregla.

Das vistiduras dos frades

As vestiduras seiam dadas aos ffrades ssegundo a qualidade
e tenperança do aar que cussar nos loguares honde morã. por
que nos loguares ffrijos ham mester mais rroupa que nos queen-
tes. E esta cõssijraçõ sseia em juizo do abbade. Pero nos cree-
mos que nos loguares tenperados abastara a cada hũu dos mōges.
cugula e saia. s. no jnverno cugula grossa e no veraão delguada.
ou velha. e scapelairo pera as obras. A vestimenta dos pees.
seiam piuguas e calças. da color e bondade das vestiduras. nõ
rrazoẽ nõ entristeçã os mōges sse lhes derẽ do pano que for
achado na prouençia. posto que seia de pequeno va[Lxxxvii]lor.
A mensura dessas vistiduras em disposiçõ e alvydro do abbade
seia. os que as usarem nõ as traguam curtas nem longuas.
E quando rreçeberẽ as vistiduras nouas. dem as velhas. as quaes
seia postas na casa da vestiaria pera os pobres. Ao mōge abas-
tam duas sayas. e duas cugulas pollo dormyr das noytes e pera
as poder lauar. E o mais deŝto he superfluo e deue seer tirado.
E calças e outra qualquer cousa velha tornẽ quando rreçeberẽ a
noua. Os que mandarẽ fora do moesteiro rreçebam panetes da
vestiaria. E quando veerem tornẽnos hy lauados. E as cugulas e
saias que leuarẽ seia pouco melhoradas das que ssooem dusar.
E essa rroupa que assy leuarem rreçebãna da vestiaria. e quando
veerẽ dẽna ao vestiayro. Abasta pera a cama de cada hũu
monge. hũa mãta e almadraque e almoçella. e cabeçal. Os leitos
dos mōges seia a meude requiridos pello abbade. nõ per
uẽtura tenha o mōge algũa cousa sem liçença de sseu abbade.
E sse a algũu for achado qual quer cousa que nõ rreçebesse do
abbade. ou per ssua liçença. muy grauemente [Lxxxviii] seia
castiguado. E para este pecado do peculio seer tirado de todo ẽ
todo o abbade de aos mōges todalas cousas neçessarias. cõuem
a ssaber. cugula. saya. piuguas calças. bragueiro. ceritelo. stillo.
agulha. toalha. tauoas. E esto pera sse o mōge nõ escusar por
nẽhũa neçessidade quando lhe ffor achado peculio. O abbade

cõsijre ssenpre a sentença que he scripta nos autos dos apostolos. na qual diz. Dauã a cada hũu assy como o auia mester. E cõsijre aynda. as jnfirmydades e neçessidades de cada hũu. nõ curando das murmurações e maaos dizeres dos ãveiosos. E ssenpre em todolos seus feitos e juizos pense que ssegundo elles auera gualardom de deus.

Da mesa do abbade

A mesa do abbade senpre seia cõ peregrinos e ospedes. E quando nõ teuer ospedes. em poderio do abbade seia chamar dos frades quaes el quiser. E ssenpre leixe hũu boom ançiãao ou dous cõ os frades por diçiplina e correiçõ.

Dos artificiaaes do moesteiro

Se forem no moesteiro frades artificiaaes [LXXXIX] cõ toda omyldade façam suas artes per mandado do abbade. E sse algũu destes offiçiaaes emssoberueçer pola arte e sçiençia que ouuer. e que per sseu saber vem algũu proueito ao moesteiro. Este tal seia lançado. de ssua arte e non use mais della. ssaaluo sse for corrigido per omyldade. e lhe depois ffor êcomendado pello abbade. Se algũa obra destes meestres for pera vender veia aqueles que as ham de vender que nõ cometã algũu êguano ã ellas. Seia senpre nẽbrados da morte que ananya. e saphira ouuerõ. nẽ per ventura a morte que elles padeçerom nos corpos. estes e todolos outros que cometerẽ enguano nas coussas do moesteiro ha padeçã nas almas. Na vindicõ e preço destas coussas nõ seia comytido pecado dauareza. mais senpre sejam vendidas meos quanto quer que as cousas dos seculares. pera que todos dem graças a deus.

Como deue de rreçeber os ffrades nouyços

Quando algũu veer novamente ao moesteiro pera entrar em hordem nõ lhe seia logo como veer outorguada a entrada. mais primeira[LXXXX]mente seia prouado assy como diz o apostolo. sse vem cõ sprito de deus. E por onde o que veer. sse persseuerar ã ssua piticõ e cõ paciençia e omyldade ssofrer jniurias e molestias que a el forem feitas e o neguamẽto do moesteiro. depois quatro ou çinquo dias seialhe outorguada a entrada e este na çella dos ospedes poucos dias. Depois desto seia na çella dos

nouyços. na qual cõtenple e aprenda. e coyma e dorma. E sseia-lhe dado anção que seia bem auto e discreto pera guãçar as almas. e tal que de todo em todo bem e honestamente o traute. e seia bem solição. Se esse nouyço de todo coraçõ e voontade demanda a deus. e ffor bem solição e discreto ao sseu seruiço. e aa obediencia. e aos doestos. Seiã lhe ditos e per muytas vezes rreptidas ¹ cousas duras e asperas. pelas quaes sse guança o regno de deus. E sse prometer e firmar que quer persseuerar e estar. depois de dous meses seia lhe leuda esta rregla per ordem e seia lhe dito. Esta he a ley. so a qual tu queres viuer. sse a podes aguardar entra. e sse nõ poderes vaite liuremente. Se ainda quiser star. seia tragido [Lxxxix] aa sobre dita çela dos nouyços. e seia prouado e toda paçiença. E depois de seis meses seialhe leuda outra vez a rregla. pera saber que he e a que entra. E sse ainda persseuerar. depois de quatro meses seialhe leuda outra vez a rregla. e auendo cõsselho e deliberaçõ cõssigo. e prometer aguardar todas as cousas e ela cõtêhudas e fazer todo o que lhe for ecomendado. Entõ seia rreçibido na cõgreguaçõ. e seia certo que di endiãte he obliguado aguardar a rregla. e nõ lhe cõuem de sayr do moesteyro. nõ sse tirar de sso ho jugo e poderio della A qual subieição podera escusar e nõ pôer ssobre ssy no tenpo que ouue da proauçõ. O que ouuer de seer rreçibido. e na jgreia ante todos prometa firmamente a persseuerar e mudar seus costumes. e obediencia a deus e aos sseus santos. que se per uentura e algũ tenpo fazer ho contrairo saiba por certo que seera cõdêpnado de deus do qual escarneço. Do prometimento sobre dito faça hũa pitição e nome dos santos. dos quaes hi ssom postas reliquias e do abbade que hi ffor presente. E essa pitição screua cõ sua mão. e sse el nõ ssouber screuer. rroque outro que lha [Lxxxix] screua. e el ffaça e ella sseu ssinal e com ssua mão a ponha ssobrello altar. E depois que a poser. digua este versso. *Suscipe me domine secundũ eloquiũ tuũ e uiuã et ne cõfundas me ab expectaç[i]õe mea.* O qual versso sseia rreptido per tres vezes de toda a cõgreguaçõ com *gloria patri.* E entõ esse frade nouiço deitasse aos pees de cada hũu dos mōges que rroguẽ a deus por el. E desse dia e diante seia cõtado no numero da cõgreguaçõ. As cousas que teuer deas primeiramente aos pobres. ou faça dellas pura doaçõ ao moesteyro. nõ rreteendo en ssy nehũa cousa. Por que seia certo que daquel

¹ No texto *rreptidos*.

dia en diâte non pode auer nêhũa cousa. nê auer poderio sobre o sseu corpo. E logo na jgreia seja desuystido das vestiduras propias e seja vestido das do moesteiro. E as vestiduras que lhe forô tiradas seiã postas em guarda na casa da vistaria. pera sse ã algũu tenpo cõssentir aa tenptaçõ do diaboo que sse queira sair do moesteiro. o que deus nõ mande. ãtom seja desuistido das cousas do moesteiro e lançado fora. Pero a pitiçõ sua a qual o abbade tomou do altar non lhe seja dada. mais fique re[lxxxxiii]seruada no moesteiro.

Como deue sseer rreçibidos os ffilhos dos nobres homees e dos pobres

Se algũum grande e nobre homẽ offereçer sseu filho a deus no moesteiro. sse esse moço he meor de hidade. o padre e a madre del faça a pitiçõ assy como de ssuso dissemos. E quando ho offereçerem tomẽ a mãao do moço e ãvoluãna na pala do altar. e assy ho offereçam a deus. E quando fizerem esta pitiçõ prometã. e ffaçam juramento que nũca lhe dem. nêhũa cousa per ssy nê per outrem. nê ã algũu tẽpo lhe dem aazo e ocasiom per que a possa auer. E sse per uentura esto nõ quiserem fazer. e quiserem dar algũa cousa ssua em esmola ao moesteiro. façã ao moesteiro daquelas cousas que quiserem doaçõ. rreseruando pera ssy se quiserem ho vsu do fruto. E assy seiã todas estas cousas ordinadas e feitas. que nêhũa ssospeiçõ nê ocasiom de mal fique ao moço pella qual põssa pereçer. e sseer enguanado. o que deus nõ queira. a qual cousa per experiencia muytas vezes vimos. E esto meesmo façam os mais probes. e aquelles que de todo ã todo nõ teẽ nêhũa cousa. sinplezmente façam sua pitiçom [lxxxxiiii] e assy ho offereçam a deus perdante testemunhas.

Dos saçerdotes que quiserem morar no moesteiro

Se algũu saçerdote roguar que o rreçebam no moesteiro. nõ lhe seja logo outorguada ssua pitiçõ. Pero se de todo ã todo persseuerar em ssua pitiçõ. seja çerto que a de conprir e aguardar todallos preceptos e mandamentos da rregla. e nõ lhe cõssintirõ que faça o cõtrairo. pera seer feito aquello que he scripto. Amygo a que veeste. Seja-lhe outorguado star depois do abbade. beenzer. e missas teer se lho o abbade ãcomendar. E ssem sseu mandado nõ faça nêhũa cousa. E deue de ssaber que he obliguado

aa rregla e dar a todolos outros eixemplo domyldade. Se fala ou ordinamento quiserem fazer no moesteiro. tenha aquel loguar e grao que tijna quando entrou no moesteiro. e nõ o que lhe foy dado e outorguado por honrra do saçerdoçio. Se algũ outro creligo quiser vijnr aa cõgreguaçom do moesteiro seja posto ã loguar e graao qual a elle perteençe. sse prometer aguardar os preceptos e mandamentos da rregla e persseuerar en sseu proposito.

Como deue sseer rreçibidos os mōges peregrinos

[LXXXV] Se algũu monge peregrino veer de longuas prouycias. e por ospede quiser morar no moesteiro. e sse cõtentar do husso e custume do luguar. e nõ ffor superfluo ã pedir e demandar outra cousa. e nõ toruar ho moesteiro. mais sinplezmente sse cõtentar daquelo que achar seja rreçibido no moesteiro quanto deseiar. Pero se per uẽtura cõ rrazom e cõ homyldade e caridade e amor de deus. rreprehender. traute o abbade e con discreçon veia sse pera esto foy enuyado de deus. Se depois quiser fazer profissom e pormeter a persseuerar. sseia lhe rreçibida ssua pitiçom maiormente que no tenpo da ospitalidade podia seer conheçida sua vida. E sse no tenpo da ospitalidade for achado viçioso ou maaõ. nõ ssolamente nõ deue seer juntado aa cõgreguaçõ do moesteiro. mas ainda sseia lhe dito honestamente que sse vaa nẽ pellos seus pecados e maldades os outros seiã corrũpidos. E sse nõ for tal que mereça de seer lançado nõ ssolamente sse pedir que o rrecebam na cõgreguaçõ deue de sseer rreçebido. mais ainda rroguẽno que este. pera os outros sseerem doutrinados e emssinados per sseu exemplo. e porque ã todo loguar a huũ senhor seruymos [LXXXVI] e contẽplamos. Ao qual sse. for tam hidoneo per doutrina e meriçimento o abbade pode dar prerogativa dandolhe graao quanto quer maior. E nõ soamente o abbade pode dar graao ao mōge mayor daquel que auya quando entrou no moesteiro. mais aynda a cada hũu dos saçerdotes. e creligos de ssus ditos sse entender que som dignos e boos per meriçimentos de vida. O abbade nõ receba mōge ã ssua congreguaçõ. doutro moesteiro conhecido ssem cõsintimento de sseu abbade. ou sem leteras de rrogo e demcomenda. por que scripto he. Nõ ffaças o que nõ querias que te fizessem.

Dos ssaçerdotes do moesteiro

Se o abbade pedir ao bispo que lhe ordene alguũ mõe de myssa ou dauãgelho. tome e scolha dos sseus aqueles que vir que som hidoneos. O que for ordinado nõ sseja soberuoso. nõ presume nõ ouse de flazer nenhũa cousa ssem mãdado do abbade. e seia certo que he muyto mais soieito e obrigado aos preceptos da rregla que antes. Nen per aazo e ocasiõ do saçerdoçio olyde a obediência e preçptos e mandamentos da rregla. mais de bem ã melhor aproueite em seruico de deus [LXXXVII]. E sse per uentura o abbade e a cõgreguaçõ ho promouerẽ a maior graao per mericimentos de ssua vida. pero el senpre atenda e esguarde o logar que avia quando entrou no moesteiro. e ante que fosse de myssa. E deue obedecer a todolos preçptos e encomendamentos do abbade e de todollos outros prepostos. e sse o el assy nõ fezer nõ seia auudo por saçerdote. mais seia julguado maaõ e rreuel. E sseia amoestado per muytas vezes que sse ãmende. e sse sse nõ quizer correger nõ emmendar. sseialhe dito e amoestado per ante o bispo que dello seia testemunha. E sse ainda assy nõ sse quizer ãmendar por que ia as culpas e os pecados som manifestos. seia lançado do moesteiro. e esto sse durar e perseuerar em sua perfia e maldade nõ sse querendo subiugar nõ obedecer aos preçptos da rregla.

Dos modos e ãssinamentos da comgreguaçom

Os mões tenham e guardem sseus graaos cada huũ ã ssua ordem. ssegundo o tẽpo da cõuerssaçom que avia quando entram no moesteiro. e vida e mericimento. e ssegundo ho abbade stabelecer. O qual abbade nõ torue a cõpanha a el comitada. nõ use [LXXXVIII] de sseu propio podirio fazendo e ordinando aquelo que nõ deue. mais cuyde senpre que de todollos sseus juizos e feitos ha de dar cõto e razom a deus. Ergo segundo a ordinaçõ ssuso dita que o abbade cõstituir ou que os frades ouuerem. assi sse cheguẽ a tomalla paz e a comunhom e a leuantar o salmo e assy stem no coro. E de todo ã todo en todollos loguares nõ aia diferençia nõ departamento nas hidades. mais cada huũ seia ã sua ordem. nõ rreputẽ esto os antigos a jniuria. Por que ssamuel e danyel moços julguarom e rregerom os antigos. Ergo tirados estes que de ssuso dissemos aos quaes o abbade cõ gram consselho deu graao. ou per algũas causas priuou e

degradou. todollos outros aiam e stem ã seus graaos assy como veerõ. s. o que veer ao moesteiro na segunda hora do dia conheça que he mais junior que aquel que veo na primeira ora. de qualquer hidade ou dignydade que seja. Os moços seiã bem doutrinaados e castiguados de todos ã totalas cousas. Os junyores honrrẽ os sseus priores. e os priores amẽ os sseus junyores. Nen huũ nõ chame outro per sseu nome propio. mas os priores chamem seus junyores *fratres*. e os junyores chamẽ aos sseus priores nõnos. no qual sse entende rreuerença de padre. O abbade porque tẽ vezes e loguar de jhesu cristo. seja chamado dom abbade. Nom por el seer abbade. mais por honrra e amor de jhesu cristo. E el senpre cuyde e demostre e use per sseus ffeitos. que seja digno e mereçedor de tal honrra. Em qual quer loguar que sse os frades ãcõtrarẽ o junyor peça a beençõ ao prior. e quando o mayor passar. o meor sse leuãte e delhe lugar ã que seja. nõ sse asseente o junior. ssem mandado de sseu prior pera seer feilo aquello que he scripto. Dade honrra huũs aos outros. Os moços pequenos e os mãcebos na jgreia e aa mesa cõ diçiplina e ãssinãça siguam e façam ssua ordem. fora ou ã qual quer outro logar aiã guarda e diçiplina ataa que venham a hidade e ãtendimento cõprido.

Como deue seer feita a emliçom do abbade

A emliçõ e ordinaçõ do abbade seja feita cõ toda discriçom e[C] aquel seja abbade. o qual toda a congreguaçõ ou parte della em causo que seja menor cõ temor e amor de deus. e discriçom e mylhor cõsselho eleger. aquel que ouuer de sseer abbade seja ãleito per meriçimentos de vida. e per doutrina e sabedoria. posto que seja vltimo en toda a cõgreguaçom. E sse per ventura toda a cõgreguaçom ffor viçiosa per pecados e maldades o que deus nõ queira e todos em huũ cõsselho emlegerẽ pessoa semelhauyl a elles e esses pecados e maldades forem notificados ao bispo ao qual perreençe esse lugar e no bispado do qual he hedificado. ou forẽ notificados aos abbades vizinhos. ou outros cristãos. estes todos defendam e façam que nõ aia loguar o cõsselho e a enliçom feita pelos maaos. e stabeleçam e ordinẽ aa casa de deus boo e digno rregedor. e seiã certos que por esto rreçeberõ boo gualardom de deus. sse o fezerẽ cõ temor e amor de deus. e ssem corrûpimento nẽhuũ de pecado. e sse fizerem o cõtraire aueram maaao gualardom. O que for ordinado por abbade cuyde senpre qual he o encarrego que rrecebeo e a

[C]quem ha de dar conto e rrazom da ssua mynistraçõ. E sseia çerto que he ffeito abbade pera mynistrar e aprouear. e nõ pera parecer e sseer ssenhor. Ergo neçessario he ao abbade que seia enssinado na ley de deus. pera todo aquello que fezer e disser seia feito segundo ordinaçõ e mandamento de deus. seia casto. sobrio e honesto. mysericordioso. homyldoso. e senpre proponha e exalce a misericordia ê seus juizos. a qual misericordia el cõsigua e rreceba no juizo de deus. Aurreça e aia odio aos peccados. ame os frades. e faça ssua correiçõ cõ discreçom e ssagesmente. e nõ seia sobeio e indiscreto em sua correiçõ por que o uaso muyto linpo e sem discreçom de ligeiro sse quebra. Senpre seia renenbrado que he homẽ. e cõssiire sua fraqueza e que leuemente pode cair em peccado. e assy sabera correger e êmen-dar os outros. e seia nẽbrado do que disse o propheta. Que a pena fraca nõ deue de seer quebrantada. E em esto nõ dizemos que leixe criar os viçios e peccados nos subditos mais cõ discriçom e caridade e amor de deus os talhe e tire assy como vir [c]que he neçessario aa condiçõ de cada hũu. e como ia de ssuso dissemos. e faça per guisa que seia mais amado que temudo. Non sseia sanhoso e spantoso ê sseu geesto. nõ seia trigoso e jnquieto. nõ seia contra dizedor de boons ditos e cõsse-lhos. nas cousas tenporaes nõ sseia muyto ssospeitoso e solici-to por que nũca folguara. En todallas cousas que mandar fazer seia sages e sabedor. quer sejam sprituaaes quer tenporaes. As obras que mandar fazer tenpere e cõ discriçom departa. e cõ-siire senpre a discriçom e dito daquel santo homem jacob. Se aas mynhas grex e ouelhas der muyto trabalho e fezer mais andar do que deuẽ morreram todas ê hũu dia. Tome ergo o [a]b-bade estes ditos e outros da discriçom que he madre das uirtu-des. e assy faça e tenpere totalas cousas pera os saãos e fortes fazerem o que deseiam. e esso meesmo os emfermos e fracos. E o abbade guarde de todo en todo e ê todallas cousas esta regla. que sse bem rreger e mynystrar seia çerto que sera digno e me-reçedor. de ouuyr a voz de deus. a qual [c] ouuyo o boo seruo que deu ho trigo no tẽpo da necessidade aos seruos como el. A qual uoz disse. Todo aquel que bem rreger e myn-strar auera boo gualardom de deus.

Do preposto do prior do mosteiro

Muytas vezes acõtece que pola ordinaçõ do preposto naçẽ scandalos graues nos mosteiros. por quanto algũs prepostos

cõ maaõ sprito e cõ gram soberua pensam e creem que som ia segundos abbades. e ã sseus ofiços usam de grã poderio e cruel. criam scandalos e fazem departamentos na cõgreguaçõ. e maiormente nos moesteiros e nos quaes o preposto he ordinado e feito pello bispo ou pellos abbades pellos quaes o abbade he ordinado e cõfirmado. O mal e grande danpno que sse desto segue. cada hũu de ligeiro ho pode entender. Por que logo ã começo dessa ordinaçõ lhe he dado aazo e ocasiom de soberua. e cree e cuida ã sseu coraçõ que he exenpto e liure do poderio de seu abbade. por quanto he feito e ordinado per aqueles meesmos pelos quaes he o abbade. Desto naçem e proçedem jnyuidias. jras. rreix[cun]jas. murmurações. discordias. maaos dizeres. desordinações. o abbade diz e quer tazer hũa cousa. e o preposto diz e quer fazer o contrairo. e em esta discordia neçessario he. que de todo vaam a perdiçõ as almas ssuas. e as dos subditos que ham de rreger. por quanto som adulatores e dizedores de mal a hũu e ao outro. O perigoo e o mal deste gram pecado sse torna aos bispos e abbades que os ordenarõ. e aos monges que o cõssintirõ. e ao abbade e preposto que cõprem e fazem ssuas vontades e nõ os preceptos e mandamentos de deus. E por ende nos por guarda e amor de paz e caridade querendo poer rremedio a esto stabeleçemos que a ordinaçõ do moesteiro seja em poderio e aluydro do abbade. E toda a minystraçõ e proueito do moesteiro sse pode sser sseia ffeita pelos decanos. assy como ante dissemos e pella guisa que o abbade mandar. por que quando a mynistraçom for comitida a muitos hũu nõ emssoberueçera. E sse per uentura he neçessario ao loguar preposto. ou a cõgreguaçom com rrazom e homildade o pedir. e o abbade entender que he assi. ordine e ffaça preposito qual elle en[cv]leger cõ consselho dos frades que temerẽ deus. O qual preposto faça todalas cousas que lho abbade encomendar. cõ toda reuerença. nõ faça nẽhũa cousa cõtra vontade e ordinaçõ do abbade. E por quanto el he prelado. e maior que os outros. por tanto he mays obliguado cõ discriçom aguardar os preceptos da regla. O qual preposto sse ffor achado viçioso e maaõ. ou soberuoso ou desprezador da santa regla. seja amoestado per palauras ataa quatro vezes. e sse sse non emendar sseia castiguado cõ a diçiplina regular. E sse ainda por esto nõ sse quiser emmendar seja lançado do officio do preposto. e outro que seja digno e merecedor seja posto ã sseu logo. E sse depois desto nõ for na cõgreguaçõ obediente. e mæsso. e omyldoso. seja lançado do moesteiro E o abbade cuyde senpre que de todollos seus juizos ha de

dar razom a deus. e por esso aia guarda ê ssy. e per maaõ zeo e êvidia e stiguaçõ do diaboo nõ caia ê pecado.

Dos porteiros do moesteiro

Aa porta do moesteiro seia posto antigo sabedor. que ssayba dar reposta e recado aaquelles que veerẽ aa porta. e sseja boo e honesto [cvi] e nõ ande vaguando fora. O qual porteiro aia cella junto cõ a porta. pera os que veerẽ acharẽ senpre rreposta. E tanto que algũu firir a porta ou algũu pobre chamar. responda e digua graças a deus ou peça a beençõ e muy asinha e cõ toda manssidõee e omyldade e temor de deus e cõ fferuor de caridade rresponda. Ao qual porteiro seia dado frade junyor por cõpanheiro sse o ouuer mester. O moesteiro sse poder seer. sseia hedificado ê loguar que aia todallas cousas neçessarias. s. agua moynho. orta. fforno. e outras quaesquer artes desuairadas. pera os mõges nõ andarem vaguando ffora do moesteiro por que nõ he proueito de ssuas almas. E queremos que esta rregla sseia leuda muytas vezes na cõgreguaçõ pera os frades nõ sse escusarem per jgnorança.

Dos ffrades que som enviados a algũus loguares

Os ffrades que stam de camynho pera hirem a algũu lugar. ante que sse vaam peçam ao abbade e a todolos outros que roguem a deus por elles. E ssenpre en todolas horas do dia na fim da ultima oraçõ seia ffeita cõmemoraçõ por todollos ab[cvii]ssentes. E quando veerem do camynho. em aquel dia que cheguaem ao moesteiro per todolas horas canonicas e em fim dellas deitados ê terra na jgreia peçam a todos que rroguẽ a deus por elles pollos exçessus. nõ per uẽtura pecassem per veer ou per ouuyr. ou per palauras ouçiosas. Nenhũu monge que veer de fora nõ digua no moesteiro ho que vir ou ouuyr fora. por que he grande destruyçom. e sse o fezer seia castigado. E esso meesmo seia feito ao inõge que sair fora do claustro do moesteiro. a qualquer loguar que seia. ou ffezer algũa outra cousa por pequena que sseia. ssem mandado do abbade

Das cousas graues ou jnpossibiles que êcomendarẽ aos frades

Se a algũu frade forẽ êcomẽdadas cousas graues ou jnpossibiles. rreçeba o êcomendamento daquel que lho manda ffaizer.

cô toda omyldade e obediência. E sse vir que de todo ã todo ho nõ pode ffazer. digua honestamente e cô toda homyldade ao sseu mayor. ho causo e a rrazom por que o nõ pode fazer. E ssem soberua e cõtradizimêto demostre aquilo que diser. E depois que el splanar e diser a [cvm] sseu mayor as cousas e razões por que nõ pode ffazer. e o prior nõ quiser rreuoguar a ssentença. estonce el cõfiando na graça e ajudoiro de deus cô toda homyldade e caridade obedeça.

Como hũu monge nõ deue de deffender outro no moesteiro

Mvito deue de sseer cauydado. que o mōge nõ deffenda outro no moesteiro per feito ou per palauras. posto que seja muyto sseu parente. A qual cousa os mōges nõ façam nẽ presumam de fazer. por que desto sse segue e pode sseguir ocasiões de mal e graues scandalos. Se algũu ffor cõtra esto grauemente seja castigado.

Como ho monge nõ deue de ffirmir outro

Pera toda ¹ ocasiom e presunçõ de mal sseer tirada do moesteiro Ordinamos e stabelecemos que nen hũu mōge nõ escomũge outro nẽ ffeira. ssaluo aquel a que ffor dado poderio do abbade. Aquelles que pecarẽ e fazerem mal. ante todos sejam castigados. pera os outros auerem medo. Os moços ataa hidade de quinze ãnos. sseiam castigados e guardados cô toda diligência de todos. e esto cô tenperança e dis[cix]criçom. E sse algũu monge ssem mandado de sseu abbade presumir de ffirmir algũu de mayor hidade. ou firir algũu dos ssobre ditos moços ssem discriçom. seja castigado cô a diçiplina da rregla. por que scripto he. Non ffaças a outrem o que non querias que te ffezessem.

Como os monges deuem sseer obedientes hũus aos outros

Os monges nõ soamente deuem seer obediẽtes ao abbade. mays aynda hũus aos outros. sejam certos que pello bem da obediência aueram o reyno de deus. Preposto ergo o emcomendamente do abbade. e de todollos outros postos per el aos quaes

¹) No texto *todo*.

primeiramente os monges deuem de obedecer. Dy en diante. todolos junyores aos seus priores. cõ toda caridade e omildade obedeeçam. Se algũu for achado perfioso ou desprezador seja castigu[a]do. Se algũu frade. por qualquer culpa aynda que seja pequena. for castigado de sseu abbade. ou de outro qualquer sseu prior. e sentir o sseu prior scandalizado ou ssanhudo. posto que seja pouco. muyto a pressa e ssem detardança sse deite ã terra [Cx] antos pees delle e jaça ataa que per satisfaçõ domylidade seja tirada a sanha e o mouymento. e receba del beençom. E sse algũu ã desprezamento esto nõ quiser fazer. sseia castigado cõ vindita corporal. ou sse for perfioso e reuel seja lançado do moesteiro.

Do boo zeo e amor que deuem a auer os monges

Como o desejo maaõ e amor peruersso. tira e aparta os omẽes da graça e amor de deus e os trage e leua ao jnferno. bem assy o boo amor e desejo tira e departe os homeẽs dos peccados e maldades e os trage e junta ao amor de deus e aa vida perduraui. Deste boo amor usem os mōges. cõ todo desejo e feruor de caridade e honrrẽ hũu os outros. E ssoffram e ssoportẽ hũus aos outros con toda paçiençia as jnfirmydades. assy do corpo como da alma. e sseiam obedientes de boo coraçõ hũus aos outros. Nen hũu nõ sigua e julgue por boo e proueitoso aos outros aquello que a el praz. mais aquello que for boo e proueitoso aos outros Amen hũu os outros e façã caridade cõ todo desejo e amor de deus. Temam deus e amẽ sseu abbade com to[cxi] da omyldade e caridade. Nenhũa cousa nõ preponham ao amor de jhesu cristo. o qual nos leue todos ao sseu rregno. amen.

Como esta rregla he hũu muy pequeno principio e modo de uyuir a rrespeito da perfeiçõ que ouue nos santos padres

Esta rregla ditamos e screpuemos. pera nos e aqueles que a nos moesteiros aguardarẽ. Demostrarmos que ha ã nos quanta quer de vida onesta e boos costumes. ou algũu começo de bem ffazer. Aqueles que amam e querem vijnr a estado de perfeiçõ deũ de usar das doutrinas e ditos dos santos padres. ho aguardamento das quaes trage o homẽ a estado de grain perfeiçom. Quaes ssom os liuros. ou sermõ ou ditos e autoridades

do testamento novo e velho que nõ sseia regla muy nobre e direita para os homees bem viuerem? ou qual he o liuro dos santos e catholicos padres. que nõ digua que per ¹ autos e meriçimentos de boa vida venhamos aaquel senhor que nos de nêhũa cousa ffez e criou? E que som as colaçõeas e costumes e constituições dos santos padres e as vidas deles e a rregla de ssam basilio nosso padre. senõ exenplos de mōges bem [cxii] obedientes e de boa vida. e autos e obras de uirtudes? Os exemplos e autoridades dos quaes a nos outros priguichosos negligentes e rremysos e que mal viuemos ssom. grande confusom e destruição. Tu ergo que deseias e queres yijnr ao rregno de deus esta rregla muy pequena. e começo de tua cōuerssaçom com aiudoiro de deus. cõple e acaba. E depois desto cõ ajuda e graça de deus yijnras aa muy grande alteza e perffeição de doutrina e uirtudes que de ssuso dissemos.

Deo gratias ².



¹ Talvez se deva corrigir em *per que*.

² Como só em parte me foi possível cotejar novamente esta copia com o original, é de crer que escapasse algum leve descuido de grafia.

“Ex-libris” manuscritos

de caracter tradicional

(Estudo de Etnografia comparativa)

INTRODUÇÃO

O uso de *ex-libris* está hoje muito em voga, mais por ostentação, ou deleite historico, do que por outro motivo. De facto, a maioria das pessoas que usam *ex-libris* desconhecem o significado exacto d'esta expressão, como se vê de ora escreverem *ex-libris* (com hifen!), ou *ex libris*, de *Fulano*, ora *ex-libris*, ou *ex libris*, *Fulano* (sem *de*!), sempre com o nome em português. O proprio Anibal Fernandes Thomás, que estudou o assunto em um meritorio opusculo ¹, que se tornou muito raro, estava no mesmo caso, pois tinha um *ex-libris* em que se lia (á parte as iniciais do nome e o moto do emblema): *Ex-libris Annibal Fernandes Thomaz* ².

Ha *ex-libris* de duas classes: uns são impressos ou gravados; e outros são manuscritos. Os *ex-libris* da primeira classe, a que chamarei *nobres*, apresentam-se por vezes mais ou menos artisticos e ornamentados: parece não ascendem, entre nós, além do seculo xvi, conforme diz F. Thomás ³. Os nossos *ex-libris* manuscritos datam porém da idade-média ⁴, e tomam fre-

¹ *Os ex-libris ornamentaes portuguezes*, Porto 1905, de 88 páginas, com muitas gravuras.

² Devia ser: *Ex libris Hannibalis Fernandes Thomás* (ou com *Fernandes Thomás* tambem em latim), ou então em português: *Da livreria de Anibal etc.*.—Com esta má acepção de *ex-libris* corre parelhas a absurda expressão *super-libros*, que já discuti na *Rev. Lus.*, xvi, 344-345. Escuso de voltar ao assunto. Em vez de *super-libros* o que deverá dizer-se é *ex-libris externos* ou *exteriores*, vel similia, pois tão *ex-libris* são estes como os outros, isto é, os *internos* ou *interiores*.

³ *Ob. cit.*, pág. 1 e 60 (*ex-libris* externos). Cfr. pág. 62. Do seculo xvi e xvii ha poucos. Do seculo xviii, em que a moda mais imperou, restam bastantes.—Os mais antigos franceses são tambem do seculo xvi: vid. L. Delisle, *A propos d'un ex-libris français du temps de François I*, Paris 1900. Da Alemanha diz F. Thomás, pág. 1, que já os ha do seculo xv.

⁴ Em codices alcobacenses da nossa Biblioteca Nacional encontrei, por exemplo, os seguintes:

Num do séc. xiii, n.º mod. 14: «Este liu' he do mostro de Sam paul da par de Cojmbra ninguẽ lho nõ tome so pena descomunham que ponho em seu nome». É mais moderno que o livro, mas cópia de outro antigo que está por cima, menos legivel.

Num codice do seculo xiv, n.º mod. 182, folha do fim, de letra do mesmo seculo: «Este liuro he de ffernã affonso prior de sancta Mª da Arruda do arçobispado de

qüentemente, pelo menos de certa epoca em diante, e sobretudo nas pessoas de modesta instrução, curiosas fórmulas estereotipadas, quasi sempre ritmicas, de que em conjunto vale a pena publicar espécimes na *Revista Lusitana*, pois constituem assunto de Etnografia. Denomina-los-hei *rusticos*, por opposição aos de cima. Ha muitos anos que reuno d'estes documentos de literatura semi-popular, e possuo por isso grande quantidade. Já em 1882, nas *Tradições pop. de Portugal*, pag. 153, nota 128, me referi ao assunto, e publiquei um texto; na *Revista Lusit.*, II, 108, e VI, 243-244, e n-*O Instituto*, vol. 49.º, pag. 502, nota 2, publiquei outros. Aqui publicarei agora, com algumas explicações, a maior parte dos textos ineditos que tenho á mão.

O costume, como é natural, encontra-se em varios outros países.

Posto que a lingua mais usada em Portugal para redigir os *ex-libris* rusticos seja a nacional, alguns dos antigos estão redigidos em latim; outros estão parte em latim, parte em português; outros em hespanhol, ou tambem parte nessa lingua, e parte na nossa. Na minha colecção tenho um em francês, com palavras portuguezas no remate.

Para metodizar um pouco a exposição da materia, dividirei da seguinte maneira o meu trabalho:

- I. Colecção de *ex-libris* manuscritos nacionais.
- II. Exame dos nossos *ex-libris* manuscritos.
- III. Amostra de analogos *ex-libris* estrangeiros.
- IV. Considerações gerais.

«Lixboa». E a seguir, noutra letra, talvez do mesmo seculo, ou do seguinte: «E depois ho vendeo a frey esteuam daguyar: *deo grás*». Mais adiante (letras posteriores que imitam caracteres antigos): «He (=e) agnora he do uzo do (*sic*) da liuraria dalcobaça; «Pera uzo da nouciaria dalcobaça; «Pera uzo dos irmaos (*sic*). No verso da folha, letra do seculo XVI: «todos os yrmãos que lerem por este liuro me reze[m] hũ pater noster e aue mª polla minha alma».

Num codice do seculo XV, n.º mod. 73 (*Regra de S. Bento*), no fim: «Este liro he da liuraria do mostrº dalcobaça. E por verdade se pos esta memoria e lebrança (*sic*) «quº qºr que o tiuer ou ã algũ tpº achar pºra ao dito mostrº ho tornar».—Este é ritmico.

No *Castello perigoso*, cod. n.º 193, no fim, letra do seculo XVI ou XV: «quº deste liuro folha tirar ou arrancar || sayba por certo qº Da. a mão lhade arrancar. Das que daquy sam tyradas nã nas queyra Da. acoymar a qº qºr (=quem quer) que as tiron e «serto deue de fazer pºdêça do mal qº neste liuro fez dũa banda e da outra». Este *ex-libris* consta de duas partes: numa, que é a primeira, e tem fórmula ritmica, faz-se uma ameaça a quem arrancar folhas; na segunda exprime-se um desejo, a proposito das já arrancadas.

I

Colecção de ex-libris manuscritos nacionais

Os *ex-libris* manuscritos estão exarados a maior parte das vezes nas folhas-de-guarda dos livros, ou na parte interna das capas, e isto tanto na folha, e capa do começo, como nas do fim, mas quasi sempre nas do começo; tambem ás vezes estão exarados em páginas dos proprios livros, por exemplo, no reverso do frontispício ¹. Um dos que possuo, tem junto dois desenhos muito toscos: um d'elles representa um busto humano; o outro tanto pôde representar uma grade, como um cesto! Com os *ex-libris* concorrem não raro versos ou indicações domésticas (datas de familia, contas, receitas, etc.), pois, por economia de papel, era d'antes muito costume lançar apontamentos nas folhas brancas e nos espaços vazios dos livros.

De, como já vimos, serem os nossos *ex-libris*, ora em português, ora em latim, e de os haver igualmente em hespanhol e francês, feitos cá, resulta que posso agrupá-los por lingoas. No grupo português, como mais numeroso, posso, de mais a mais, tomar em conta a cronologia, pois que alguns tem data, e os que não a tem expressa, datam-se aproximadamente pela fôrma da letra, ou datam-se de modo positivo por outras circumstancias. Os datados pertencem aos seculos XVIII e XIX. Dos não datados, mas dataveis, os mais antigos pertencem ao seculo XVII, os mais modernos ao seculo actual. Temos pois: a) *ex-libris* não datados, mas que, pela fôrma da letra, podem attribuir-se ao seculo XVII, ou ao seculo XVII-XVIII; b) *ex-libris* do seculo XVIII, datados; c) *ex-libris* não datados, mas que, pela fôrma da letra, devem ser do seculo XVIII; d) *ex-libris* antigos, não datados, mas que, pela fôrma da letra, podem ser do seculo XVIII ou XIX; e) *ex-libris* do seculo XIX, datados; f) *ex-libris* não datados, mas que, pela letra ou por outras circumstancias, se pôde dizer que são do seculo XIX; g) *ex-libris* não datados, mas que, pela letra ou por outras circumstancias, são do seculo XIX ou XX; h) *ex-libris* contemporaneos.

Segue-se agora a colecção. Começo pelos que estão redigi-

¹ Tudo isto os differença dos *ex-libris nobres*, não externos, porque estes gravam-se ou imprimem-se em papelinhos, que depois se colam de ordinario na parte interna da primeira capa.

dos em português, dispendo-os, como já disse, cronologicamente, e dentro da cronologia, tanto quanto possível, por assuntos, pois os *ex-libris* não são uniformes. Termino pelos que não estão expressos na lingua nacional. Mantenho em todos a disposição das linhas e a ortografia, a fim de se ver o grau de cultura dos donos dos livros. Quanto aos nomes, uso de certo cuidado, omitindo alguns para que ninguém tenha motivo de nisto me chamar indiscreto.—Quasi todos os *ex-libris* que aqui publico foram colhidos directamente por mim; aos que o não foram, junto a indicação de quem m'os copiou.

A) *Ex-libris* redigidos em português.

a) *Ex-libris* não datados, mas que, pela fôrma da letra, podem attribuir-se ao seculo xvii, ou ao seculo xviii-xviii:

1. Este livro é do snr Miguel da fONSEQUA; quem lho achar que lho torne a dar || senão na forqua o uá pagar. . . .

Letra do seculo xvii, num livro de
1517.

2. Este liuro de contas he de M^el Velozo.

Quem lho ac(h)ar, que lho torne a dar,
senão ós infernos ho irá pagar.

Com todos os diabos que o concumão ¹ ou que mas ² diabos o consumaõ, e mao fogo o queime e má ? o coma e faca ³ e . . .

Na *Arismetica* de Gaspar Nicolas,
Lisboa 1613, na Biblioteca Nacional de
Lisboa, n.º 2527. Letra do seculo xvii.

3. Este Ovidio he de Luis Correa || quem lho achar lho torne a dar || senão o hade excumungar.

Luis Correa.

Na folha-de-guarda dos *Tristia* de
Ovidio, Antuerpia s. d. (seculo xvii).—
Letra do seculo xvii ou xviii.

¹ =*concupêdo* por «consumão».

² =*más* por *maos*, em próclise.

³ =*faça*.

4. O ¹ cartapacinho se te perderes algum dia || torna a oferecerte a qê tanto te queria || O fidalgo q̃ te achar || que vse bem de onrado || se me me nam souber onome || abaixo vou asinado || antonio tenho por nome || q̃ na pia me foi dado || e Luis por sobre nome || nesta sidade criado || Antonio Luis.

Na folha-de-guarda de: *Epistolarum selectarum Ciceronis libri duo*, Ulyssipone 1673. Letra do sec. XVII ou XVIII.—Este livro, como consta de outro *ex-libris*, pertenceu tambem á Biblioteca da Congregação do Oratorio de Extremoz.

5. Quem este cartapacio por se[u] cudado achar e mo nã tornar a dar || Saiba q̃ no meu palacio nam tornara a entrar || sem le..

Letra do seculo XVII ou XVIII, nas *Anotaçoens aos generos e preteritos da Arte Nova*, Coimbra 1676. No mesmo exemplar, que pertence á Academia das Sciencias, ha outros *ex-libris*, um muito corriqueiro, outro em mau hespanhol.

6. Quem perdeo esta Logica? Eu: e qê Sois vos, q̃ vos não conheceis; pois se vos eu não conheço, como voladarey, vzay como discreto, e abaixo vereis o nome escripto ². Porto 6 de Mayo de 1715.

Fulano

No *Compendium Logicæ Conimbricensis*, Evora 1683. Do Museu Etnologico Português.

b) *Ex-libris* do seculo XVIII, datados:

7. Este Liuro he De Iose Pr.^a Bacoro. Se este operder ealguem o achar que lhettorne adar || que lhecusttou 1100 rs. na feira do S Ioão herd.^e dos Esthudantes hoie 24 de Junho de 1734

Iose Pr.^a Bacoro

No *Thesouro de Lavradores*, 1792.

¹ = O'

² Este dialogo de verá entender-se assim:

—Quem perdeo esta Logica?

—Eu.

—E quem sois vós, que vos não conheceis? (porquê o outro interlocutor não proferê o nome). Pois se vos eu não conheço, como vo-la darei?

—Usai como discreto, e abaixo vereis o nome escrito.

8. Livro de mim m^{to} amado || thesouro do meu saver || por nome tenho Roza || p.^a com Cristo morrer || folgarei de te achar || no dia q. te perder || hoje 9 de abril de 1737 a.

Nome.

Da folha-de-guarda de um livro,
obtida por mim em Braga.

9. Se este Livor for axhado || quando chegar a ser perdido || para que seja conhesido || Leva seu dono asinado || se acaso for emprestado || para algum conhesimento || deselhe bom tartamento || para fim do que não cudem ¹ || que este Livor fou ² fortado.

Costou 240 reis em 1777

Jacinto Antonio.

Na guarda de um livro de que não
tenho o título.

10. Este livro he de *Fulano*, do lugar da Louza, que o mercou na freg.^a de St.^o Amaro dos Escalos de Cima no anno de 1778 e costoulhe 240 reis. E quem lho achar, pode logo restituirlho, dandolhe o que le costou, ou se eu tiver ia morrido bastará que me mandem dizer hua missa pela minha alma. Louza 15 de Janeiro de 1778. *Fulano*.

Num livro que vi no concelho de
Castelo-Branco.

11-12. [11]. Este liuro he de *Fulano* || q se elle sepperder pelo amor de Deos lho torne a dar || senão ao inferno o ira pagar

No col-(?) ² de fr. Isidro. Eu *Fulano* o sobescrevi em 8 de Nover.^o de 1782

Numa das folhas-de-guarda da
Grammatica Latina de Felix Mendes,
Lisboa 1759.

Na pagina oposta:

Está *Sicrano* em tregue desta arte || *Sicrano* || que he do meu condisiplo *Fulano* (o nome do primeiro) e mais do meu mestre Antonio Pinto de madureira do logar do pinheiro agora esteve entregue della.

[12]. Q^m me achar me atorne a dar || senão a caldr.^a de Pedro Bot.^o ira pagar.

¹ =*cudem*, por *cudem*, é forma popular do Sul.

² <> foi. Mera forma ortografica, por causa da correspondencia que em certas palavras se dá entre *oi* e *ou*.

³ =Col(legio)?

Noutra folha do mesmo livro repete-se quasi por igual o primeiro ex-libris, tambem com a data. Na página oposta, ou verso, lê-se a seguinte carta, que transcrevo, não só por ser de estilo popular, mas por ter allusão á vida da escola:

Sñr. P.^e ¹ Joaq^m estimarey que logre saude per ft.^a como o meu amor lhe dez.^a dandome ocaziois (sic) no serviso.

Snr. nao (sic) espere por mini que eu nao vou esta feita porque escuzo huã Rapoza vm.^{ca} está lir ² della mas eu não ea Ds. meu Rico amigo.

Este seu criado que mt.^o lhe quer

Sicrano (o segundo nome que acima se lê).

Vê-se que tudo isto foi escrito por estudantes de latim.

- | | |
|----------------------------|----------------------------|
| 13. Livro meu tão querido, | A pessoa que o axar |
| Thezouro de meo saber, | Tenha brios de fidalgo: |
| Se algum dia vos perder, | Para saber quem he o dono, |
| A' mão me venha dar. | Abaixo vai assignado. |

Eu *Fulano* 25 de Junho o dia que eu me tinha levantado quando estive doente, 1790

Numa *Arte Latina*, já sem rosto.
—Copiei na livraria do S.^{or} Villanova de Vasconcellos, da Vidigueira.

c) *Ex-libris* não datados, mas que, pela fôrma da letra, devem ser do seculo XVIII:

14. Este Livro he de Iosé Antonio da Fon.^{ca}

Livro meu m.^{to} amado || Tizouro do meu saber || folgarei de te axar || no dia em q̃. te perder || o fidalgo q̃. te axar || huze prontelidade ³ || q Se o nome menão souber || por baxho vai assignado || tenho por nome Ioze || q̃. napia mefoi dado || por sober-nome An.^{to} da . . . ⁴ || de vm.^e seu criado.

Iose Antonio da Fon.^{ca}.

Letra do seculo XVIII. Na *Arte explicada* de Madureira, Coimbra, 1739. No reverso da página lê-se: «Hic liber fuit Andreae Fran.^{ci} ⁵ de Souza Andres».

¹ Ou «J.^o».

² =ll(v)l(e).

³ =prontelidade, por pontualidade. Influência de pronto.

⁴ Não percebo o que se segue. Devia ser *Fonseca*, embora ficasse hipermetro a verso.

⁵ =Francisci.

15. O Livro ¹ se te perderes, por ventura algũ dia torneate a oferecer a quem tanto te queria.

O fidalgo que te hachar	que domingos tenho por nome
uze ponto de onrado	que na pia me foi dado
se me naõ souber o nome	e lopes por sobrenome
abaixo uai asinado	que de meu paj eij tomado.

Domingos Lopes .. »

Na *Corte na aldeia* de F. R. Lobo,
Lisboa 1760. Letra do seculo XVIII.

16. Livro meu m.^{to} amado
Thezouro do meu saber
Se algum dia te perder
Viverei apaxonado
Terá accão de honrrado
Aquelle q. achando-o
Proguntar pelo dono
Para que ao depois duvida não haja
Abaixo hoponho.

B.^{to}

Na guarda de *El Doctor Eximio y venerable Padre Francisco Suarez* ..
por el P.^o Bernardo Sartolo, Coimbra
1731.—Letra do mesmo seculo.

*

17. Este cartapassio de Sentaxe he de Francisco Ioze Barboza || quem lho achar lho tornará a dar || senão aos infernos o ira pagar || com as pernas pera o ar.

Livro de mim tam querido tam amado quem me te dera achar no dia que te perder || e o cavalheiro que te achar tenha lancos ² de honrado || e por aqui aprenderá o nome deste seu criado.

Francisco José Barbosa.

Na folha-de-guarda das *Explicationes .. totius artis P. Emmanuelis Alvari*, Ulyssipone 1748, que me pertence. O *ex-libris* não tem data, mas ha no mesmo livro um assento da mesma letra, em que se lê «1759».

¹ Lede: 6 Livro.

² Lede *lanços*, no sentido de «lances».

18. He do P. *Fulano* do lugar do Maçal do chão termo davilla deCellorico Bispado da Guarda || quem llachar que lo torne adar || senão ao inferno o hira pagar || com as pernas p.^a o har.

Na folha-de-guarda de *La flor del moral* de Fr. J. F. Cliquet, Madrid 1734.
—Letra do seculo XVIII.

19. Este livro chamado «Cartapacio» he de *Fulano*:

Quem no achar
Que lho torne a dar
Se nam ao Inferno hade hir parar.

Isto he certo

Fulano.

Num *Cartapacio de Syntaxe*, já sem rosto. Letra do seculo XVIII.—Ha outro *ex-libris* do mesmo dono, e tem a data de 1743.

20. Esta arte he de *Fulano*.

Se elle a perder,
Quem lha achar
Lha torne a dar,
Senão ao Inferno
Irá pagar.

Livro meu muito amado,
Thizouro do meu saber,
Se te perder,
Folgarei de te achar.

Escrito em *De Institutione Grammatica* do P.^e Manuel Alvares, Evora 1755. Letra do seculo XVIII.

21. Este Livro he de *Fulano* || q.^m lho achar lho torne a dar || senão o Inferno hira parar || com a cabeça p.^a baixo || e os pes p.^a sima ¹ || em recompensão (*sic*) de Similbante fruto ².

No t. IV da 1.^a ed. d-*A Fenis Renascida* (1721), que me pertence. Letra do seculo XVIII.

22. Se este libro for achado
qud.^o venha a-ser perdido
p.^a ser bem conhecido,

Leva o meu nome a-sinado
se ele for emprestado
p.^a algum conhecimento

¹ O escrevente perdêra o sentimento do ritmo (aqui devia ser para o ar), e continuou em prosa.

² Por furto.

desse-lhe bom tratamento
não se deixando esque-ser

P.^a que não venha a-ser
Libro do esque-simento

Monograma

Na folha-de-guarda de um livro místico do século XVIII. Letra do fim do mesmo século. Na Biblioteca Nacional de Lisboa.

23. Este livro he de *Fulano* se o perder que ¹ o achar lho pode restituir o ² o se o emprestar (*sic*) lho torne a dar pois se dis nos mandamentos 7 não furtarás q̃. he huõ grande pecado pois no ceo não entreres ³ tendo ⁴ da lhe o tomado ⁵.

Assinatura

Letra do sec. XVIII. No *Thesouro Espiritual* de Fr. Joseph do Egypto, Lisboa 1721.

Vi em Setubal.

24. Este Livro he de Amaro Luis Antonio || quem o achar, logo logo lho torne a dar || porque he bom e lhe he munto necessario para estudar ||.

Na guarda dos *Commentarii in P. Virgilium* de G. Pinto Correa, t. II, Lisboa 1670.—Letra do século XVIII.

25.

Este Liuro he de
Ioseph Tello de u-
a bem feto ⁶ quem
lo acha ⁷ que
lo torne a
dar

Tello

Num livro com as Orações de Cicero, sem rosto, mas que creio ser do século XVIII. Vi-o em Miranda do Douro. Letra do século XVIII.

¹ =quẽ.

² «o» Por ou (fonetica do Sul).

³ por «entrarás».

⁴ Falta aqui uma palavra. Talvez: *roubado* ou *furtado*.

⁵ Isto é: dá-lhe o tomado. Ou será: «tendo-lh'o tomado».

⁶ Creio que será *Val(s) bem feito*, isto é, «Val Bem-Feito».

⁷ Por *acha(r)*.

d) *Ex-libris* antigos, não datados, mas que, pela fôrma da letra, podem ser do século XVIII ou XIX:

26. Esta Selecta he do Carlos de Noronha. Se acaso for perdido || o fidalgo que o axar || lhe fará a destinta honra de lh'o tornar a entregar || pois para saberem d'onde he a sua patria ha de assignar.

Numa Selecta latina sem data, mas que deve ter sido impressa em Lisboa no século XVIII.

27. Se este tal se perder,	acima vai nomeado:
O fidalgo que o achar,	Francisco tenho por nome,
O que lhe quero pedir	que mo puzeram na pia,
he que me o torne a dar:	e Flores por sobrenome,
se me não souber o nome,	pois assim me pertencia.

Num Comento de Ovidio, em hespanhol, do sec. XVIII.

28. Arte Minha Muito Amada | Empenhada Em Meu saber
|| Folgarei De te axar || Adonde quer que te perder || Ocavalheiro
que te axar || E For de ponto honrado || e Não Me souber o nome
|| Por baixo vai acegNado

Fulano.

Na *Hist. Sagrada do Velho e Novo Testamento*, trad. de L. P. Silva e Azevedo, Lisboa 1770. — Ofereceu-me esta cópia o S.^{or} Pedro de Azevedo.

29. Pedro da Conceição.

O Fidalgo que te achar	Senão souber o Nome
E tiver pontos de honrado	Asima vai assignado.

Na folha-de-guarda de *De locis Theologicis* de J. Opstraet, Veneza 1795.

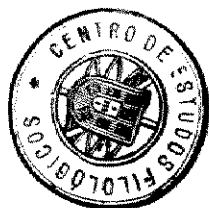
30.

.....
[quem] não [souber o meu n]ome ||
[a bai]xo vai nomiado || o Meu
Nome he Ioaõ || q̃ na pia me
foi dado, || o Sobre Nome he Nunes
Sizo || dos Meus parentes tirado.

Na folha meio rasgada de um livro místico, já sem rosto. Letra antiga.

31.

Este livro meu muito amado
 Tesouro do meu saber,
 O fidalgo que o achar
 Usará de termos de onra ¹
 Se o meu nome não souber
 Abaixo vai asinado
 O meu nome he Joze,
 Que na pia me foi dado
 O sobre nome he Delgado
 Que de meu pae foi tomado



Numa *Selecta latina*, que vi no
 Fundão.

*

32. Esta Arte he de *Fulano* || quem naxar que torne a dar
 || senão hira parar os Infernos com as pernas para o are. || e
 quem não dicere que esta Arte he delle mente || Va tomar teste-
 munha com *Fulano* de Punhete.

Na *Grammatica da lingua latina*
 de A. F. Mendes, Lisboa 1789. A pri-
 meira parte do *ex-libris* repete-se nou-
 tro lugar, e o nome sôzinho mais duas
 vezes. Além d'isso o exemplar tem co-
 lado um *ex-libris* impresso, que diz «Da
 Livraria de José da Silva Costa».—Esta
Gramatica pertence-me.

33. Este livro he de *Fulano* || q̃ oaxar odeve entregar || porq̃
 qd.º não oinferno ² ira parar || sem nem nhum agravo buscar ||
 he de m^{tos} contos romanos em^{tos} ³ latinos.

Sicrano.

Ce livre appartient (*sic*) a—He de *Fulano*—q̃ l'a acheté avec
 son argent—Este livro custou 1800 rs.

Em varias letras. Os versos do se-
 culo XVIII ou XIX.—Na *Pratica Lusita-
 na* ab Emmanuele Mendes de Castro,
 Conimbricæ 1680.

¹ Devia ser *onrado*.

² =*o Inferno* («ao Inferno»).

³ =*e muitos*.

34-35. [34]. Este libro he de *Fulano*.

Libro de mim aceitado
Como tesouro do meu saber
Folgarei de t'achar
No dia que te perder:
E se for achado
Por algum senhor cortês
Peço-lhe que logo
O torne outra vez.

Deo gracia (*sic*), amen.

[35]. Libro de mim acordado (*sic*)
Ramo e thisouro de meu saber
Folgarey de te achar
No dia que te perder:
E se fores achado
Por algum senhor cortes
Peço-lhe que logo m'o torne outra vez
Se assim não vier a fazer,
Aos infernos irá jazer.

De *Fulano*.

Ambas em um Ovidio, de 1722.

36. Esta arte he de Theodosio de Azevedo do lugar de...¹ Quem no (*sic*) achar || faça u fauor de dar ao seo dono, senão ao inferno ira pagar || com a cabeça para o chão ias pernas para uare ².

No *Exame de sangradores* de
Manuel José da Fonseca, accrescentado
por Bento José de Mello, Lisboa 1786.

37. Este Livro he de *Fulano* do Lug.³ de Figueiro ⁴ da Serra || quem lho achar Fara o favor de lho tornar a entregar || Cenão ao Inferno o hira pagar || Com a cabeça para baixo e os pes para sima ⁴ ||.

Na guarda do *Breve Apparelio e modo facil para ajudar a bem morrer* pelo P.^o Estevão de Castro, Evora 1672.

Vi no concelho de Celorico da Beira.

No reverso da folha era outro ex-libris.

¹ Riscado.

² = para o ar(e).

³ = *Figueiró*.

⁴ Devia ser para o ur.

38. Este livre he de *Fulano*:

quem ho achar
 lho torne a dar
 seno (*sic*) aos Infernos va parar
 Com as pernas pera o ar.

Na *Epanaphora Indica*, 1748.

39. Este livro he de *Fulana*, indigna filha do N. Patriarca S. Domingos:

Quem lhe axar	Senaõ ó inferno
Lhe dará,	Irá parar.

De uma *Collecção de devoções*, Lisboa 1763.—Copiei na livraria do Snr. Villanova de Vasconcellos, da Vidigueira.

40. Se o perder, quem lh'o achar
 Lh'o torne a dar,
 serão ó inferno vai pagar
 Com as pernas para o ar
 A' Caldeira de Pero Botelho.

De um livro místico que vi em Guimarães.—Talvez depois da ultima linha devesse ter: *parar*.

*

41. Este livro he de *Fulano*.

Se este algum dia for perdido,	Pois quem o achar,
Pois quem o achar,	Se este algum dia for perdido,
Fará o favor de lhe entregar.	Fará o favor de lhe entregar.

Nos *Cathecismos da diocese de Montpellier*, Lisboa 1825.

42. Este livro he de *Fulano* do Outr.^o da Eeira:

Toda aquella pessoa que o achar
 Tem premio, se o entregar,
 de moeda e meia quando não seja mais.

Num exemplar do *Secretario Español*... por Francisco Sobrino, en Bruselas 1720 (com a tradução francesa ao lado: *Secrétaire Espagnol*, etc.).

43. Este livro é de *Fulano*.
 Se algu[ma vez] o perder,
 A sua [casa o] vão levar,
 Que al[viças g]anharão.
 Quem lho [achar], se lho não le[var],
 Ao Inferno o [irá pa]gar.

No vol. I dos *T. Livii Opera*,
 Coimbra 1799.

*

44. Se esta obra for achada
 Quando vanha a ser perdida
 para ser bem conhecida
 Leva sua dona assinada.
- i se for emprestada
 para algum conhecimento
 dese-lhe bom tratamento
 não deixando esquecer.
 para que não vanha a ser
 O livro do esquecimento.

Fulana.

Escrito em um livro de versos do
 seculo XVIII. Ofereceu-me esta cópia o
 Sr. General Candido Xavier.

45. Se este livro for achado
 Cazo venha a ser perdido
 p.^a ser mais conhecido
 leva o meu nome asinado.
 Se acaso for imprestado
- p.^a algum conhecimento
 Se lhe de bom tratamento
 q.^m o vir denele ler (*sic*)
 p.^a q. não venha ser
 o livro do esquecimento

Joaq.^m J.^e Fr.^e

Na *Nova tragedia intitulada «A
 Vingança»* . . . , traduzida em verso por
 Vicente Carlos de Oliveira, Lisboa 1788.

46. Se este livro for achado
 Quando venha a ser perdido,
 Para ser mais conhecido
 Terá o meu nome assignado.
 Se acaso for emprestado
- Por algum conhecimento
 Dê-se-lhe bom tratamento
 Quem houver de nelle ler,
 Para que não venha a ser
 O livro do esquecimento.

Num livro velho.

47. Se este livro for achado
quando venha a ser perdido
para ser mais conhecido
leve seu dono assinado;
tambem se for emprestado
para algum conhecimento
lhe deem bom tratamento
dexando-se¹ nunca esquecer
para que não venha a ser
livro de esquecimento.

Manuel de Jesus.

Na *Palestra da penitencia* pelo P.^a
Fr. Jeronymo de Belem, Lisboa 1736.

*

48. He de Fernando Garcia
Este livro de Camões
Estimado das Nações
Em toda a Gerarquia
Poeta de valentia
Varão que foi singular
Sabia mui bem falar
Este sabio lusitano
Portugues, e castelhano
Tinha doce paladar.

Esta decima via-a numa ed. dos
Lusiadas (já sem rosto) dedicada Ao
Senhor Jose Eugenio Vergolino (é a
ed. de 1749)².

e) *Ex-libris* do seculo XIX, datados:

49. Se Este Livro For Achado,
Quando Venha Açer perdido,
Para Çer bem conhecido.
Leva seu dono,
Assignado.
E se a Cazo For emprestado,
Por Algum conhecimento.
Dey Selhe bom Tratamento
Para q não venha A Cer
Livro de esquecimento³.

¹ O sentido pede *dezando-o*, mas está assim.

² Pontue-se assim:

He de Fernando Garcia
Este livro de Camões,
Estimado das nações
Em toda a gerarquia:
Poeta de valentia,

Varão que foi singular;
Sabia mui bem fallar
Este sabio lusitano
Português e castelhano;
Tinha doce paladar.

N. B.: *sabia falar português e castelhano.*

³ Não sei se já publiquei algures este *ex-libris*.

Sr. P.^e Joaõ *de tal* — No Beáto Atonio (*sic*) ¹. 2 de Julho de 1804.

Num livro da Biblioteca Nacional, de Miscelanea (impresso), t. VII. Marcação bibliotecal, mod. ³²⁴³_{azul}, Literatura. — Ha curioso neste *ex-libris* a fórmula dialectal *dey* (=dê).

50. Este libro hé de *Fulano*: q.^m llo achar, dar-llo ha p.^e amor de Deos, se não héra p.^a a Caldeira de Pedro Botello; e se acaso não quizer hir, darão a o dito *Fulano* da freg.^a de Ariosa. De 1807.

Na folha-de-guarda de uma ed. de Horacio, s. d. (seculo XVIII).

51 Este *Novenario Geral* he de *Fulano*, que o comprou a *Fulana* deste lugar da Rapa por preço de 160 r.^s.

Se alguem o achar
Lho tornará a dar
Senão ao Inferno irá pagar.

Fulano (assinado) 1814.

No *Novenario Geral* (sem nome de A.), t. v, Lisboa 1791.

O lugar da Rapa é no concelho de Celorico da Beira.

52. Este Livro he de *Fulano* do lugar de Figueiro dasserra ² || quem Ler por este Livro fara ³ aesmola de lhe rezar por Alma. Anno de 1814.

Fulano (assinado).

No verso da folha em que está outro dos *ex-libris* aqui transcritos.

53. De *Fulano*, collegial no Seminario da Guarda, n.^{al} da Quinta do Chafariz de Villa de Celorico.

9 de Maio de 1822.

¹ (Convento do) Beato Antonio, em Lisboa.

² Entenda-se «Figueiró da Serra».

³ Repetia-se adiante, por engano, a mesma palavra. Suprimi-a.

O Fidalgo que te achar
E tiver ponto de honrado

Senão souber o Nome,
Asima vai assignado.

Em *De Locis Theologicis* de J.
Opstraet, Veneza 1795.

54. ..he de *Fulano*:

quem lho achar
fará o favor de lho entregar
aliás Inferno será a sua hospedaria.

14 de Abril de 1827.

De um ms. da Biblioteca Nacional:

marcação: T $\frac{2}{98}$.

55. Este livro hé da Snr.^a *Fulana* || Seo perder quem o axar
|| Fará o Favor de o entregar || Feito este Letreiro em 31 de
Agosto de 1831.

Feito por *Sicrana*.

(*Segue-se outra vez o nome abreviado, com as cetras, ou
guarda*).

Nos *Catecismos* da diocese de
Montpellier, Lisboa, 1824.

56. Este Livro he de Fr. Joaq.^m do Canno Corista Leigo
Qu[e]m oaXar venha ter Com elle Ganhara as suas alvissas.
1832. Fr. Joaq.^m do Canno.

Numa folha-de-guarda das *Maxi-
mas sobre Arte Oratoria* por C. Lusi-
tano, Lisboa 1759.

57. Livro de mim estimado || thezouro do meu saber || de-
sejarei logo axa-lo || no dia que o perder; || cavalheiro que o axar
|| uze de termos de honrado ||, quem o meu nome não sou-
ber ||; por baixo vai explicado. || O meu nome he Antonio || que
na Pia me foi dado || sobre nome *de tal* || para ser de Deos
criado.

Canha 25 de Dezembro de 1854.

Fulano de tal (assinado).

Numa folha-de-guarda da *Escola
fundamental... para aprender a ler*,
Lisboa 1838.

63. *Fulana.*

28-1-79

Livro meu meu amado
Thesouro do meu saber
Folgarei em te achar

Se por acaso te perder
Leva o meu nome assignado.

Fulana.

Na guarda de *The third book of
reading lessons*, pt. 1, Dublin 1870.

64. Se este livro for achado Para ser mais conhecido
Quando venha a ser perdido, Leva seu dono asinado.

*Ao que fica copiado, letra do seculo XVIII ou começos do XIX,
segue-se um nome riscado, que não se lê, e mais o seguinte:*

Este a mim foi dado, Por sua vez a signado 1
Pois a firma bem o mostra, *Fulano de tal da Costa.*

Setubal 1 de Janeiro de 1885.

No *Livro de ouro que contem a
introdução à vida devota*, Lisboa 1784.
Vi-o em Setubal.

65. Este livro é de *Fulano de tal* (1886).

Quem o ler compadeça-se de nós com um P. N. e A. M.
Num livro que vi em Avis.

66. Estes inclusos 4 livros são de *Fulano* na era de 1890:

A quem os emprestar
Logo que os leia,
Queira-lh'os entregar.

Vi em Avis.

67. Este bom livro é de *Fulano*:

Se o perder e alguém o achar,
Fará o favor de lh'o dar,
Senão ó Inferno o vai pagar,
Voltadinho para o ar
E com a cabeça para o chão.

Vide-Monte 16 de Agosto de 92 [isto é, 1892].

No *Compendio de Sermoens novos*,
por * * *, Porto 1789.

¹ Neste lugar a firma, isto é, umas iniciais.

f) *Ex-libris* não datados, mas que, pela letra, ou por outras circunstancias, se pode dizer que são do seculo XIX:

68. Livro do meu sentido,
Tezouro do meu saber
Se algum dia te perderes
O fidalgo que te axar
Uze com ponto de onrado
Se não sober o nome
Por baixo vai assinado.

Fulano (assinado).

Morador no Paito dos Carros.

Na guarda das *Meditações da Infancia de Christo* do P.^e B. do Quental, Lisboa 1682. Letra da primeira metade do seculo XIX.—No Museu Etnologico.

69. Este livre he de *Fulano* do Lugar de Ferreirim, Freguesia de Gouvians ¹, Bispado de Lamego.

Livro meu muito amado || tizouro do meu saber, || folgarei de te achar || no dia em que te perder, || o fidalgo que te achar || terá termos de homem honrado, || senão souber humeu nome, || no fundo vai asinado || o meu nome he loaõ || que na pia me foi dado || naquelle illustre dia || em q. eu fui Batizado.

Na folha-de-guarda da *Introductio in universum jus ecclesiasticum* de P. J. Riegger, Pars 1, Lisboa 1771.—O *ex-libris* repete-se no verso da folha.—Letra do seculo XIX.

70. Arte Minha Muito Amada || Empenhada Em Meu saber || Folgarei De te Axar || Donde quer q te perder. || O cavalheiro que te axar || E For de pronto ² honrado || e Não Me souber o nome || Por baixo Vai acignado.

Fulano.

Na folha-de-guarda da *Historia Sagrada*, parte 2.^a, Lisboa 1770, que possuo.—Letra do seculo XIX.

¹ Isto é, Gouveias.

² Por ponto.

71. Este estimado livro,
Espelho do meu saber,
Desejava de te achar
No dia em que te perder
O cavalheiro que te achar
Cumprirá o que manda a honra:
Se não souber o meu nome,
Abaixo vae assignado.
(*Segue-se uma assinatura*).

Num livro dos meados do seculo
XIX.

72. Livro [meu] muito amado
Thisouro do meu saber
Se algum [dia] te perder.
O varão que te achar
Se tiver termos de homem honrado
E não souber o meu nome,
Abaixo vai asignado.

Não m'ò dando, á caldeira do P.^e Botelho ¹ irão parar.

Aguilhão ². O P.^e José *de tal*.

Na guarda de um *Officio de defunctos*, Porto 1851.

73. Se este livro for achado
Quando venha a ser perdido,
Para ser bem conhecido,
Leva seu dono assignado.

João tenho por nome
Maria me foi dado,
De tal por sobrenome,
Que de meo Pai foi herdado.

Livro de mim estimado
Thesoiro do meu saber,
Gostarei ³ de te achar,
Se algum dia te perder.

¹ Por *Pero Botelho*!

² *Quinta*.

³ Por engano estava *portarei*.

Se fores ter, ao poder
De algum curioso Leitor
Peço-lhe se não esqueça
De te tratar com amor.

João Maria *de tal* (assinado).

Numa *Selecta e veteribus scripto-
ribus*, Pars 1, Conimbricæ 1829 (livro
escolar).

74. Este Livro he de *Fulano* filho de *Sicrano* da quinta do chafariz arabalde desta Vila de Cellorico da Beira, q.^m mo achar mo dará por q. bem sabem q. lhe costou muito dinheiro e he p.^a seo Estudo.

No verso do mesmo livro francês
em que está o *ex-libris* n.º 81.

75. Se este livro for perdido
E por alguem for achado
Para ser bem conhecido,
Leva meu nome assinado.

Fulano do sitio d'Alportel.

Em um livro de 1816.

76. Este Libro he de *Fulano* do Lugar de Duas Igrejas termo da Cidade de Miranda Bispado de Bragança.

Libro meu muito amado || thezouro do meu saber || tomara de te achar || na hora em que te perder || se não souberem o nome || que na pia me foi dado || abrão os olhos || que abaixo vai declarado.

Fulano (assinado).

Folha solta.

Se este livro for perdido, || quando venha o livro a ser achado || para não ser desconhecido || leva o seu nome assignado || que he

Sicrano (assignado).

A seguir tem:

Tenet multa ratio (*sic*), dicit multum bene—J. et Castrus.

Numas *Phaedri Fabulae*, Olisipone
1819. No fim.

77. Livro meu muito amado
Muito meu querido
Em dia que fores perdido
Por mim serás procurado
E se não souberem o meu nome
Abaixo vai assignado.

Fulano.

Na *Regia via crucis* auctore D.
Benedicto Haefsteno Ultraiectino, An-
tuerpiae 1728. — Letra do seculo XIX.

78. Se este Livro for achado
Quando venha a ser Perdido
Para ser vem conhessido
Leba seu dono asinado.

Jose tenho por nome
Jacintho me foi dado
De tal por sobre Nome
Que do meu Pai foi adotado.

No *Piloto Instruido*, 1851. Da mi-
nha posse.

*

79. Este Livro he de *Fulano* || se elhe (*sic*) se perder || e al-
guem lho achar || tornelho a dar || senão ao Inferno hira pagar.

Na folha-de-guarda das *Visitas ao*
SS. Sacramento (já sem rosto, mas dos
fins do seculo XVIII). Letra do seculo
XIX.

80. Se este livro for achado
Quando chegue a ser perdido,
Para que va conhecido,
Leve meu nome assignado:
Ou por acaso prestado,
Para algum conhecimento
E lhe deem bom tratamento
Não o deixando esquecer,
Para que não chegue aser
O livro do esquecimento.

Quem achar este livro,
E não no quizer dar,
Logo quando morer,
Aos Infernos irá parar.

Fulano de tal, filho de *Sicrano de tal*: Assis-
tente navilla de Estremoz: Frontaria da fonte...¹
= 1.º Andar.

Na guarda da *Historia da vida do*
P.º S. Francisco Xavier, 1788.

Letra de pessoa pouco prática de
escrever, século XIX.

81. Livro meu muito amado || thesouro do meu saber || o
Snr. q te achar || fará o favor de modar ||, qd.º não no inferno
ira pagar || Deos te não in.. (?).

Fulano (assinado).

Na guarda de um livro francês:
Les Entretiens mémorables de Socrates
(incompleto), cuja aprovação tem a da-
ta de 1784.—Letra do século XIX.

82. Livro meu estimado;	Se algum dia te perco
Thesouro do meu saber	Meu delicado prazer
Estimarei de te achar,	Eu morro com pena d'alma
O dia em que te perder.	Sem ti não posso viver.

E quem te achar
E te não êtregar
Ao inferno vae pagar,
Com sete martellicos a martellicar.

Informação que me deram em Car-
viçais de Moncorvo.

83. Este livro he meu: quem o achar
Fará favor de m'º dar,
Se não ao Inferno irá paga,
De pernas para o ar.

Livro meu muito amado,
Thezouro do meu saber,
Gostarei de te achar
No dia que te perder.

¹ Aqui está queimada a folha.

Meu livrinho que me custaste 180 rs.

Fulano.

Letra do século XIX. Nos *Elementos de civilidade*, trad. por José Vicente Rodrigues, Porto 1777.

84. Este livro he de *Fulano*.

Quem lh'o achar
Fará o favor de lh'o dar,
Senão ó inferno hirá pagar.

Letra do século XIX. Em um livro de 1721.

85. Quem Este Livro achar
q̃ a Seo dono for dado
lhe dará aluisaras
lhe fico munto obrigado.
Seo nome vai assignado
por amor de alguns enganos
pois ha sertos Maganos
q̃ gostão Bem de goardar
he o meo Ilustre nome
pois não temo que algum homem
meo livro queira goardar
Pois Se isto asuseder
para o inferno vá parar
nunca...¹
Sem...²

Na guarda de um livro de Logarithmos, francês, antigo, s. d. (começos do século XIX).

86. Este livro pertence a *Fulano* residente em Alpedrinha, quem o achar hade fazer o favor de o dar senão irá para o caldeirão de Pedro Botelho, as pernas para cima e a cabeça para baixo.

Num exemplar das *Noites de Young*.

87. Este Libro he do S.^{or} P.^e Franc.^{co} de tal filho de Fran.^{co} de tal || se o perder quem lho achar || lho torne a dar || senão o³

¹ Apagado o resto.

² Idem.

³ =ó «ao».

inferno vai pagar || com as pernas para o ar || a ¹ caldeira de Predo (sic.) Botelho...².

Na guarda das *Novas observações sobre os diferentes methodos de prégar* por F. P. D. S. A., Lisboa 1765.—Letra do século XIX.

88. Hera do uzo de Fr. Ioze *de tal* Leitão; || quem lho achar ||, que lho torne adar || Se não ira ter ao Caldeirão.

(*Assinatura abreviada, a que se segue outra de letra diferente*).

Num livro de 1750.—Letra do século XIX.

89. Este Livro ei ³ de *Fulano* || quem o axar || ade ter que dar || senão vai para a cadeia.

No *Cathecismo Evangelico* do P.^e Fr. Placido Olivier trad. pelo P. Fr. Antonio da Purificação, t. I, Lisboa 1773.—Letra do século XIX.

90. Este Livro he de *Fulano* da villa do Cano. Quem o achar venha ter com elle ganhará as suas alvisas.

Num livro místico do século XVIII (folha-de-guarda).—Letra do século XIX.

91. Este Livro he de *Fulano*, que lhe custou 300 R.^s || quem lho achar ||, que lho torne a dar || para continuar as suas liçoens.

Fulano.

Num livro antigo de que não tomei nota. No mesmo se lia: «Este livro he de Antonio Julio q̃ lhe custou huns (sic). Viva mt.^{os} annos. Vale».—Letra do principio do século XIX.

*

92. Se este livro for axado || coando venha a ser perdido || p.^a que va conhecido || leva seu dono acinado || Se acazo for prestado || paralgũ conhecim.^{to} || deemlhe bom tratamento || para que não venha a ser || livro do esquecim.^{to}.

Na guarda de uma ed. de Vergilio, Lisboa 1735.—Letra do século XIX.

¹ =d.

² Depois de «Botelho» ha umas letras que não entendo.

³ Dialectal, por «é».

93. Livro meu muito Amado Pois se alguém te achar
 Thezouro do meu Saber Que te dê bom tratamt.^o
 Desejo muito achar-te Pois não fique no rol
 No instante em q te perder. Do livro do esquecimt.^o

O meu nome é Maria
 que na pia me foi dado
 tenho por apelido Loureiro
 q do meu Pai foi tirado.

Escrito á mão n-A *Aguia do Em-
 pyrio* do P. Francisco de Santa Maria,
 Lisboa 1787. A letra é do seculo XIX,
 talvez dos meados.

94. Se este Livro for perdido || e depois que for axado ||
 seja logo entregado || antes que seja esquecido || a seu dono bem
 entendido.

Na guarda do *Ordinario de la
 santa missa* por Pouget, trad. al castel-
 lano por Escartin y Cabrera, Barcelona
 1793.—Um antigo dono hespanhol co-
 meçou outro *ex-libris*: *Si este Libro se
 perdiere*... — Letra do seculo XIX.

95. Se este Livro fôr achado
 Quando venha a ser perdido
 Para que seja conhecido
 Leva seo dono assignado ¹
 Se acaso fôr emprestado
 Por algum conhecimento;
 Não o deixando esquecer
 Para que não venha a sér
 O Livro do esquecimento.

Nos *Segredos da Natureza* de Je-
 ronymo Cortez, Lisboa 1831.

96. Esta gramatica he de *Fulano*.
 Se este Livro fore prestado || para algum conhecimento ||
 peço-lhe dê trato bom || para que não seja livro desquecimento.

Na *Gramatica Portugueza* de Lo-
 bato.

¹ *Fulano*.

97. Se este livro for achado
Quando elle for perdido
Para çer bem conhecido
O dono leva asinado.
Se a cazo for emprestado
Para algum conhecimento
Lhe darão bom tratamento
Para q. não venha acontecer
O q pode soceder
Livro de esquecimento.

Fulano.

Nas *Aventuras de Gil Blas de Santillana, robadas a España*, t. II, 1805 (trad. de Le Sage). Pertenceu á livraria de meu bisavô materno, o Marechal Luis Candido C. Pinheiro Furtado, cujo *ex-libris* (impresso) tinha.

98. Sê este Livro for perdido
Quando elle for achado
Para ser bem Conhecido
O Dôno leva assignado.
- Se por acaso for imprestado
Para algum Conhecimento
Se lhe dará bom tratamento
Para que não venha a acontecer
O que pode Suceder
Livro de esquecimento.

A. Leitão.

Na folha-de-guarda do *Manual Encyclopedico* de Monteverde.

99. *Fulano*, Extremos, morador na rua da Mizericordia. Não seja livro de esquecimento.

No verso do rosto da *Collecção das palavras familiares* do P. Antonio Pereira, Lisboa 1821.

100. Se este livro for perdido P'ra poder ser conhecido
E por alguem fôr achado, Por baixo vae assignado.

Num livro, de que não tomei nota.

101. Se este livro for perdido || e por alguém for achado ||
para ser bem conhecido || leva o seu nome assignado.

Fulano.

Num livro do século XIX. Letra do
mesmo século.

102. Esta gramática
Latina e portugueza
Pertence ao *Fulano*
Com toda a certeza.

O tal *Fulano*
que tem torto o nariz
e ¹ natural
da villa d'Aviz.

O tal *Fulano*
com o nariz torto
olhos pretos
e cabelo de porco.

Eu sou chamado
o Snr. *Fulano*
do...

Fulano.

No *Compendio de Gramatica La-
tina* de Gomes de Moura, Coimbra
1854.

g) *Ex-libris* não datados, mas que, pela letra ou por
outras circumstancias, se podem attribuir ao século XIX
ou XX.

103. Meu livro muito amado
thesouro do meu saber
espero de um dia te encontrar
se algum dia te perder.

Quem este livro encontrar
porte-se como honrado
se o meu nome não souber
leva o baixo assinado.

Joaquim meu primeiro nome
que na egreja me foi dado
de tal por apelido,
desde já muitobrigado!

Encontrei-o num papel avulso
(guarda de livro).

104. Livro meu muito amado Folgarei de te achar
Thesouro do meu saber Se algum dia te perder

O senhor que te achar
Terá termos d'honrado

Se me não souber o nome
Abaixo vai assignado.

Num livro moderno.

1.º

2.º

105. Se este livro se perder
E por alguem for achado
P'ra melhor me conhecer
meu nome vae assignado.

Isto não é brincadeira!
Não imaginem que brinco
Sou *Fulano de tal*
Com o número 505.

3.º

Se accaso houver engano
Sem saber onde chegar
Pode ir ao 3.º anno
1.ª turma pode entregar.

Num papel avulso (de estudante
liceal).

h) *Ex-libris* contemporaneos.

106. Se este livro for perdido
E por alguem for achado,
Para ser bem conhecido
Leva o meu nome assinado.

O meu nome é Antonio
Que na pia me foi dado,
O sobrenome *de tal*
Que de meu pai foi tomado ¹.

Informação do meu aluno univer-
sitario Manoel Afonso do Paço.

107. Livro meu muito amado,
Tesouro do meu saber,
Folgarei de te achar
No dia em que te perder.

Se este livro fôr perdido,
E por alguem for achado,
P'ra ser bem reconhecido,
Leva o meu nome assinado.

Informação do meu aluno universi-
tario Manuel Afonso do Paço, que me
disse escreverem isto os rapazes nos li-
vros, no concelho de Almada.

1 Variante:

E Alvaro por apelido:
Desde já muito obrigado!

108. Livro meu muito amado,
 Tesouro do meu saber,
 Folgarei de te achar
 No dia em que te perder.
- O senhor que o achar
 Tratará de ser honrado;
 Se não souber o meu nome,
 Por baixo vai assinado.

Informação do meu aluno, Manoel Afonso Paço, que me disse costumarem escrever isto os rapazes nos livros, no Alto-Minho.

109. Meu livro muito amado,
 Thesouro do meu saber,
 Desejo de te achar
 Se por desgraça te perder.

Se por desgraça te perder,
 E por alguém fores achado,
 Querendo saber o meu nome,
 Em baixo vai assignado.

Fulano.

Num exemplar dos *Rudimentos de Botanica e Agricultura* por Julio A. Henriques, Coimbra 1901.

B) Ex-libris redigidos em latim, ou parte em latim e parte em português. *

Sigo na disposição a ordem dos assuntos, e começo pelo texto mais antigo.

110. Huius libri possessor est
 Filicianus a saraiva si
 Aliquis eum inue-
 (sic) rit reddat ei quo
 niam maximum
 apud illum
 beneficium
 collocabit

Videris hunc Librum terra si forte iacere,
 Illum ab humo manibus tollito sume precor:

Sed postquam depictum nomen legeris ullum
Pagina in hac prima, reddito queso mihi.

Felicianus à saraiua.

Num exemplar da *Epistola . . Hieronymi Osorii*, Lisboa 1575, na Biblioteca Nacional (reserv.). Letra do século XVI ou XVII (talvez XVII).

- III. Si cupis istius Dominum cognoscere Libri,
Aspice, signatum nomen habebis ibi.

Joze Fran.^{co} Cord.^o

Num Ovidio, Patavii 1762 (Fastos, Tristes, *Ex Ponto*)—Fôrma um *distichon*, senão que o primeiro *i* de *libri* foi tido por longo.

- III. Si cupis istius dominum cognoscere libri,
Respice, videbis nomen adesse meum.

Dominicus Emmanoel (*sic*) Costius Sylvius.

Na folha-de-guarda da *Lux moralis*, Veneza 1728. — Fôrma um distico, mas o *i* de *liber* do hexameto foi tido como longo, e o primeiro *i* de *videbis* também. Letra do século XVIII.

- III. Si quis in hunc librum curvos conguessirit (*sic*) ungues,
In stygias ibit præcepitatus (*sic*) aquas.

Na folha-de-guarda das *Orações Panegyricas* de Fr. M. de Mealhada, Coimbra 1754.—Fôrma um distico (o *i* breve de *librum* foi tido como longo, por confusão com o do adjectivo *liber*).

- III. Si quis in hunc librum rapidos conjecerit (*sic*) ungues,
Legat et inteligat (*sic*) carum michi videbit.

Num livro do século XVIII. Quis-se formar um distico, mas o pentameto está muito imperfeito, e no hexametro fez-se longo o *i* de *librum*.

- III. Si quis in hoc libro nogmen agnoscere uelit,
Adspiciat titulum nogmen clarumque videbit.

Na guarda das *Tragedias* de Seneca, Antuerpia 1639, que possuo. A 2.^a

linha fôrma um hexametro. A fôrma *nogmen* é fantastica; talvez o A. quizesse escrever *gnomen*, qae seria etimologica. — Depois dos versos o nome.

116. 1) Si dominum hujus liberi (*sic*) cognoscere cupias, infra scriptum videbis.

Martinus cognomento Rodriguezius ex oppido Donnas.

Donnas 2 de Abril de 1787 ≡≡ M. D. C.C.LXXXVII.

Martinho Roiz *de tal e tal* Donnas.

Na guarda de um livro, o qual tem no recto um *ex-libris* em português, que transcrevo:

2). Livro Meu m.^{to} amado ||
tizouro do meu saber || se
algum dia te perder || o fidal
go que te achar || uze os ter
mos de onrrado || semeu
nome nam seber ||
abaixo vaj nome
ado || o Meu nome
he Martinho ||
q̃ nãpia me foi dado ||
esobre nome
he Rodrigues ||
que demeu
pai ¹
foi
tomado ²

Hoc nomen est muum (*sic*) Martinho Roiz das Donnas ³.

117. 1) Esta (*sic*) he de Jozé *de tal* de V.^a Nova, termo de V.^a de Pena Cova:

quem lho achar
torno lhe ⁴ a dar.

¹ No original está *me foi tomado*, com *me* a mais, porque primeiro escreveu-se por engano *me foi dado*, e riscou-se apenas *dado*, esquecendo riscar *me*.

² *Donas* é o nome de um lugar do concelho do Fundão.

³ Esta disposição é como a de certas poesias gongoricas do seculo XVII. Cfr. supra, n.º 110.

⁴ Isto é: torne-lhe a dar o livro.

2) Si cupis hujus libri cognoscere domnum ¹ || aspice ad nomen infra scriptum, et videbis qui est (sic).

Josephus Silvius *de tal* (em português).

Estes dois *ex-libris* estavam num exemplar dos *Rudimenta literaria* do P.^e Francisco Xavier, Lisboa 1732. — Quis-se formar com o 2.^o um distico, que com variantes vemos noutros numeros d'esta lista.

118. Este livro he do R. Fran.^{co} Rôz. ², de Angorez. || Quem lho achar || q̃ lho torne a dar || *nisi ad Infros* (sic) *ibit et ilact* (sic) ³ *permanebit in acternum*.

Num *Promptuario Moral* de 1675.

119. 1) *Na página de um livro:*

Si nomen meum vis scire,
Infra potes invenire.

2) *Na outra página:*

Quia curiosus fuisti,
Nomen meum non vidisti!

(isto é, fez-se voltar a pagina em vão ao leitor).

Estes *ex-libris* foram-me comunicados pelo Rev. Abade José Augusto Tavares. — Ha uma lenda, segundo a qual se lia em um penedo, que, se o voltassem, haviam de achar por baixo muita riqueza; voltaram-no, e encontraram outro letreiro que dizia que o virassem para o outro lado (não tenho á mão o apontamento, cito de memoria). Conheço outra, segundo a qual se lia em uma pedra:

Quem a mim m'alevantar,
Debaixo de mim ha-de encontrar.

Os cobiçosos de riquezas voltaram-na e leram o seguinte:

Já ha muito tempo havia,
Que debaixo de mim jazia,

porém não encontraram nada (Torres Novas).

¹ Forma sincopada.

² = *Rôiz* (Rodriguez ou Rodrigues).

³ = *illac*.

120. *Hic Liber Sinodi est Joseph roderico quem emet uille que vocatur Situs* (?) hoje 17 de Julho de 1759 por preso 400 rs. comprei porque o dono tinha dois e por iso o vendeo tam barato e se alguem no achar || mo torne a dar || se naom ao inferno ira parar || mas ha de ser com as pernas para o ar.

No Sacrosancti et oecumenici Concilii Tridentini Paulo III Julio III et Pio IV Pontificibus..., (de Antuerpia s. d.).

121. Hic nomen meum pono
quia librum perdere nollo (*sic*).
Si meum nomen queris (*sic*)
aperi oculos et videbis.

Manoel Rodrigues da Silva.

Na Preparação pera a eternidade
do P.^e Ignacio Manoel, 1705.—Letra do
seculo xviii.

122. Hic nomen meum pono
Quia librum perdere nolo,
Si nomen meum scire velis
Aperi oculos et videbis.
Antonius Baptista.

Na folha-de-guarda de um livro que
vi numa aldeia do concelho de Castelo
Branco. Letra do seculo xix.

123. Liber
Ecce meum nomen
pono || ad unum librum
perdere nollo (*sic*).

Num livro de 1699, que vi na Cuba.

124. Hic pono nomen meum. Siquis voluerit scire, aperiat oculos, et legat.

Num livro de 1857, do Museu Etnologico. Letra do seculo xix.

125. Quid nostrum est, sine pacto nostro ad alium transferri (*sic*) non potest. Oppono nomen meum.

Caetanus Josephus etc. (*em português*).

Num livro latino do seculo xvi (impresso), incompleto.

126. *Facere fidem est facere ut quis credat persuadere ut omnis qui hoc legerit, credat hunc librum esse ex usu Emmanois de tal (em português) a die 11 mensis Ianuarii 1743 usque ad praesens: quaeso ut ne mihi surripiat eum, et signum, quotor, hic pono et scribo.*

E. Rap.^o Neves (*com cetras*).

Na folha-de-guarda (do princípio) dos *Commentarii* de Pedro de Almeida a Suetonio, 1715, que me pertence. — Noutra folha-de-guarda (do fim) lê-se: «Este livro he do uzo do P. M.^{el} etc. *sed nunc est usus Emmanois de tal* (em português); mas agora he do uzo de Manoel *de tal. Meus est hic liber, quia eum emi pecuniis meis.*

c) **Ex-libris redigidos em hespanhol, ou parte em hespanhol, e parte em português.**

Sigo na transcrição a ordem (presumível) das datas.

127. Este libro he de Paschoal *de tal* || mi nombre quero poner || en aques ¹ libro mio || q̃ se lo perder || que se saiba que hes mio || Jesus Maria Ioseph.

Na folha-de-guarda (do fim) do *Fasciculus ex selectioribus authorum viridariis . . . pars prima . . . Eborae 1671*, que me pertence. Letra do seculo xvii. — O mesmo *ex-libris* (mixto de português e hespanhol) repete-se mais duas vezes, applicado a outros donos.

128. Si este Libro se perdiere Suplico a quien se'lo alle me lo mande que el Dueño se llama Ioao (*sic*) Leal.

Num livro hespanhol de 1740, que vi em Estremoz. — Letra do seculo xviii.

129. Libro, Se te perderes,
Como puede acontecer,
Suplico aquien te allare,
que te me sepa volver.
Se Lonombre ² de su dueño

¹ *Aques* corresponde a *aquese*, ambas elas formas arcaicas. Mas talvez se quizesse escrever *aqueste*, forma também arcaica, modernamente usada em poesia.

² =lo nombre (*sic*).

gustares de saber
estende tus oios risuêno
que aqui bien lo puedes ver.

Maria Thomazia *de tal*.

Ex-libris antigo, que me foi dado
pelo falecido arqueologo Albano Belli-
no, em Braga.

**D) Unico ex-libris, que possuo, redigido em francês,
—com um appendice em português.**

130. Cest livre est à moi
Comme Paris est ou Roi
En cas de perdiction
mon non
Ces Matrocos Guimaranes
Perna torta, Cai dos cães.

Nos *Elementos de Grammatica
Latina* de Miguel Le Bourdieu, Reitor
do Collegio Francez estabelecido em
Lisboa, Lisboa 1816.—Tem, como se
vê, muitas incorrecções: no v. 1 *cest*
por *ce*, no v. 2 *ou* por *au*, no v. 5
quis-se escrever *d'est*, etc. Na parte por-
tuguesa leia-se: *Matrôco* (creio) por
Matrocos, *Cai* por *Pai*, etc.

II

Exame dos nossos ex-libris manuscritos

Examinarei sucessivamente o assunto e a forma.

I. — Assunto:

O assunto de todos os *ex-libris* que ficam copiados resu-
me-se assim:

Como com eles se pretende designar posse, o possuidor de-
clara o seu nome, e acompanha de outros dizeres a declaração,
tais como filiação, naturalidade, morada; no n.º 102 temos um re-
trato ironico do dono do livro. Conheço dois tão sucintamente

expressos, que os não inclui na colecção, mas ponho-os aqui: «Esta Arte he de *Fulano*. Escuzão de lhe andar á roda, he minha eu sou o seu dono», letra antiga, no *Theatro Ecclesiastico*, Lisboa 1786 (apesar de o dono lhe chamar «Arte»); «Este livro he de quem quer que for. Hyeronimus», letra igualmente antiga, no *Adeodato contemplativo* de Fr. Agostinho de Santa Maria, Lisboa 1713. A's vezes o dono do livro diz como é que o adquiriu: comprando-o caro ou por certo preço ¹.

Depois aparece-nos o elogio do livro: é util para estudo, é um tesouro, é um espelho. Quando o livro foi escrito por autor de fama, o dono exprime isso com orgulho (n.º 48). Por tantas razões, dá-se muito apêço ao livro.

Dos citados meritos é o mais corrente o ser este um tesouro de sabedoria. A designação de *tesouro* dada a um livro, ou por excelencia de doutrina que ele contenha, ou por nele se coligirem os vocabulos de uma lingoa, era muito usada na idade-media, e d'aí em diante o foi sempre até hoje: *Thesaurus pauperum* do nosso Pedro Hispano, seculo XIII; *Tresor des ystoires*, seculo XIV (cfr. *Romania*, XIV, 61); *Trésor de la cité des Dames* de Christine de Pisan, seculo XV; *Thesaurus linguae Latinae* e *Graecae linguae* de Estienne, seculo XVI; *Thesouro da lingua portuguesa* de Bento Pereira, seculo XVII; *Thesouro dos christãos*, tradução de Fr. Francisco de Santa Rosa de Viterbo, seculo XVIII; «*Tesouro da lingua celtica antiga*» (em alemão: *Alt-Celtischer Sprachschatz*) de Holder, seculo XIX-XX.—Assim como nos *ex-libris* se chama *tesouro* a um livro, tambem se lhe chama *espelho*, embora menos vezes: de facto, um espelho, visto que reflecte uma imagem, significa metaforicamente «modelo» (como já em latim *speculum*),

.. dos galantes soys dado
por espelho neste mundo ²;

e um bom livro é espelho de verdades, que se contempla com proveito. Não faltam denominações de livros tiradas d'esta metafora, analogas a *tesouro*, por exemplo: *Espelho de christãos*, 1518; *Espelho de casados*, 1540; *Espelho da cruz*, codice da Biblioteca Nacional, n.º moderno 89, seculo XVI; *Espelho de perfeição*, 1615; *Espelho de religiosos*, 1622; *Espelho de Lusitanos*,

¹ Num *ex-libris* ms., que não incluo na colecção, diz o dono que o *resgatou*: «Este livro he do P.º Manoel Alves, o qual resgatou do poder de rapazes onde esteve alguns anos captivo e veio para meu poder no anno de 1786.—Hoje he do P.º Antonio José da Silva, que comprou etc.»

² *Cancioneiro de Resende*, I, 159 (poesia do seculo XV).

1643; *Espelho do invisivel*, 1714; *Espelho da eloquencia portugueza*, 1734; *Espelho mystico*, 1749. Para só citar estes!

Todo o cuidado de quem escreve um *ex-libris* se dirige a fazer que o livro não se perca; mas se se perder, aí vem numerosas exortações á pessoa que o achar: o dono alega os Mandamentos da Lei de Deus, porque não o restituir é um furto; pede que lh'o restituam honradamente, que lhe dêem o valor d'ele, que lhe rezem pela alma, quando morrer, ou ao menos que tratem bem o livro. Alguem que o ache e o restitua, receberá alviças, terá um premio em dinheiro. Se o achador porém resiste ás súplicas, em que se lhe fala na honra, ou resiste ás proprias ofertas de valores, então o dono cai-lhe em cima com ameaças, conforme as ideias da epoca, ou as circunstancias da ocasião: proíbe-lhe que lhe torne a entrar em casa, intimida-o com a cadeia, a forca, a excomunhão, e por fim com o inferno, aonde o pobre ladrão será martelado, ou irá rabiá dentro da caldeira de Pero Botelho! Envia semelhantes exortações o dono áquele a quem o livro for emprestado: que o estime, não deixando de, logo que o utilize, o tornar a entregar, para que não fique livro *do esquecimento*. Até acontece que um simples leitor, ou o proprio herdeiro, sejam rogados para que ergam ao Ceo orações pelo dono.

Juntei algumas notas ao que acabo de dizer, como fiz a respeito de *tesouro* e *espelho*.

Alegar os Mandamentos da Lei de Deus, pedir que se reze por alguém, são ideias correntes em um povo cristão, como o nosso ¹. Invocar a honra, é ideia comum a todos os povos ci-

¹ Eis aqui outros *ex-libris* manuscritos do mesmo género, que não incluí na collecção por não serem propriamente *rusticos*,

1. a) Do uso de Fr. Ant.º da Purificação. Deu-lho seu pay Thomé Glz. de Andr.º, que pede ao Religioso que estudar por elle o encomende a Ds. Lx.º 8.º de 1703.

b) Passou ao uzo de Fr. Manuel de Santa Maria, pelo demittir de si o P.º Fr. Ant.º da Purificação no ano de 1718.

Na guarda de um livro religioso do seculo XVIII.

Vi em Extremoz.

2. Este livro he do uzo de Fr. Felipe de Santa Thereza: quẽ o ficar possuindo digalhe 7 missas, q talvez as deva, e no caso que as não deva, q o *utind* assim seja, servirão por faltas, ou por sua tenção; e pede isto por charid.º noubro *anno Domini* 1733. Fr. Felipe de S.ª Thereza.

De uma folha-de-guarda das *Obras* de Fr. Antonio das Chagas, Lisboa 1701,—que vi no conselho de Castello Branco.—O latinismo do Frade manifesta-se na frase o *utind*! e no *anno Domini*.

vilizados, principalmente a um como o povo português, que tanto uso outr'ora fez d'ela: *homem honrado, antes morto que injuriado!* diz um proverbio, a que servirá de comentario isto do Dr. João de Barros (seculo xvi): «mais val morrer com honrra que viuer desonrrado, e he en tanto estimada a honrra, que he comparada aa vida, e assy podemos ferir e matar por conservar a honrra, como por conservar a vida» ¹.

A palavra *alviçar*, que vemos figurar em varios *ex-libris*, e que aí, como de ordinario, se usa no plural, significa propriamente o premio que alguém dá a quem lhe leva um boa nova. Neste sentido a empregaram muitos dos nossos autores antigos, por exemplo, Fernão Alvares do Oriente, que, falando do nascimento de Cristo e do presepio, diz: «vimos pastores, que postos em vela sobre a guarda de seus rebanhos, forão destas boas novas avisados por hum mensageiro do claro empyreo, que dellas aos pastores pedio no mundo as primeiras *alviceras*» ². Tambem no romance da *Nau Catrineta* diz o gageiro:

Alviçar, capitão,
Meu capitão general!

Já vejo terras d'Hespanha,
Areias de Portugal! ³.

Igualmente diz um personagem no romance de *D. Flores*:

D. Flores, dá-me *alvices*,
Já sei que vindes fazer!

Minha mana já é morta,
Já me vieram dizer! ⁴.

A *alviçar* corresponde em hespanhol, na fôrma e na aecção, *albricias*: ambas as palavras vem da arabica *abbixara*, que significa o mesmo que as da Iberia ⁵. Os Romanos diziam em igual sentido *euangelia* (plural), que ao mesmo tempo significava orações e festas por boas novas que se recebiam: o nosso Agostinho Barbosa aduz a este proposito um trecho de Cicero: o *suaves tuas epistulas, quibus euangelia debere fateor!* ad Atticum ⁶. *Euangelia* é palavra originariamente grega ⁷. A par havia γέρας «presente de honra»: em uma poesia de Moscho, seculo III a. C., diz a deusa Cipria (Venus) que, se alguém lhe indicar onde está seu

¹ *Espelho de casados*, 2.ª ed., de T. de Noronha & A. Cabral, Porto 1873, fls. xxi (a 1.ª é de 1549).

² *Lusitania Transformada*, ed. de 1781 (Lisboa), pág. 162. O A. viveu no seculo XVI.

³ Garrett, *Romanceiro*, t. III (1875), pág. 104.

⁴ Versão que ouvi no Alandroal.

⁵ Fr. João de Sousa, *Vestigios da lingua arabica*, Lisboa 1799, confirmado por Dozy, *Gloss. des mots esp. e port. dériv. de l'arabe*, Leiden 1869, pág. 74.

⁶ *Dictionary of Latin*, Braga 1811, s. v. «alviçar», coluna 69.

⁷ Do singular (εὐαγγέλιον) «boa nova» veio *evangelho*.

filho Eros, que andava errante por fóra, terá uma recompensa: γέρας ἄστ¹. As alviças, como praxe estabelecida no consenso dos povos, descendem pois de tronco bem remoto. Ou não fosse movimento tão espontaneo gratificar um obsequio que se recebe! —No falar hodierno o termo *alviças* adquiriu significação mais especial do que a antiga: denota a recompensa oferecida a quem achar uma cousa perdida. O *Diario de Noticias* a cada instante promete *alviças* por uma cadelinha, por um gato, por uma bolsa de dinheiro... Os nossos antepassados possuíam no seu lexico uma palavra que em parte continha a significação de «alviças»: era *achádego*. Mas o *achádego* era um premio que o achador tinha direito de receber do dono da cousa achada, emquanto as alviças resultam apenas de uma obrigação moral. Com o tempo a palavra *achádego* desapareceu, embora não totalmente a ideia juridica encerrada nela, porque, por exemplo, quem acha dinheiro e o restitue, tem direito de receber parte ².

Nas penas cominadas contra quem sonegar um livro vimos a cadeia, a força a excomunhão, o Inferno. A cadeia ainda é pena legal e ordinaria para punição de furtos. A força, já hoje felizmente derrubada, estava no mesmo caso com relação ao passado ³, como os proverbios até o testificam: *o ladrão, da agulha ao ouro, e do ouro á força* ⁴; *bem parece o ladrão na força* ⁵; e uns versos populares que ouvi a gente do Algarve dizem de modo semelhante:

Ha ladrões, e ladrões finos,
Qu'ajuntam contos de réis:
Uns vão [a] parar ás Indias,

Outros vão [para] as galés,
E outros vão para a força.
Ficam dançando co'os pés.

A excomunhão e o Inferno são ideias cristãs, como outras que especifiquei acima. A excomunhão aparece já nos mais an-

¹ *Poetae minores Graeci*, Cambridge 1652, pág. 276.—Gosto muito de me servir de livros da minha livreria, como quasi sempre no presente artigo até aqui tenho feito, e por isso me sirvo d'este, que aí está, e não procuro outra edição mais moderna.

² Acerca de *achádego* vid.: Viterbo, *Elucidario*, s. v.; Pereira e Sousa, *Diccionario juridico*, t. 1, Lisboa 1826; *Ordenações Affonsinas*, liv. II, tit. 113, § 2.º; *Ordenações do reino*, liv. V, tit. 12. Tanto estas últimas Ordenações como aquellas se referem a servos fugidos.—A palavra *achádego* deve pronunciar-se acentuando o segundo a, porque é formada com o suffixo *-ádego*, que vem do latim *-aticum*. Cf. tambem sobre esta acentuação D. Carolina Michaëlis, *Randglossen zum altportugiesischen Liederbuch*, I, 22, not. 5.—O mesmo suffixo *-ádego* se vê em *Vidago* e *vinhago*, de **vitaticum* etc., como já algures expliquei. Entre *-aticum* e *-ago* heuve **-dd'go*, que está representado em hespanhol por *-azgo*, por exemplo, em *hallazgo*.

³ Tão conhecido é isto, que não me canso a procurar leis.

⁴ Delicado, *Adagios Portuguezes*, Lisboa 1651, pág. 112.—Com este adagio se relaciona um conto popular, conhecido.

⁵ Rolland, *Adagios, proverbios* etc., Lisboa 1760, pág. 139.

tigos *ex-libris* manuscritos, naqueles mesmo que não são dos que denominei *rusticos*: vid. pág. 147. Também aparece em *ex-libris* manuscritos estrangeiros da idade-media, por exemplo: *hic est liber illius, quem si quis furatus fuerit, vel aliquo ingenio tulerit, anathema sit* ¹. O Inferno é designado nos nossos *ex-libris*, como na linguagem cotidiana, ora por esta palavra, ora pitorescamente pela *caldeira* (ou *caldeirão*) de *Pedro* (ou *Pero*) *Botelho*, cheia de azeite ou de agoa a ferver, onde os pecadores padecem queimados. Num romancista do século XIX lê-se: «Ah! patife, que tens já metade da alma no *caldeirão de Pero Botelho*!» ²; e no século XVII Simão Machado faz que Gil Cabaço diga á filha:

E per seres tensoeira
E nam tomar meu conselho,
La verás de que maneira
Te chanta *Pero Botelho*
Na sua infernal *caldeira* ³.

A maneira de representar o Inferno por uma caldeira é muito medieval: no teatro, na literatura e na arte. «The *Miracles de S.^{te} Geneviève* show the tortures of Hell when Nero is placed in a cauldron and the devils blow upon a fire beneath it. The cauldron as an instrument of torture is a very common motif in the iconography of the Hell scene. On the judgment portal of the cathedral at Reims, the cauldron alone is found representing Hell as it does in this play. In other instances it is combined with the dragon's head, sometimes resting in the open jaws, as on the cathedral at Rouen. The morality of the *Maulvais Riche* requires an interior scene in Hell in which Lucifer appears, as is usual; and the cauldron is used as an instrument of torture. The Hell scene of *Bien avisé et mal avisé* is set to resemble the kitchen in the house of a great lord, according to the stage directions. This is plainly a development of the flames, smoke, and the cauldron of other scenes in Hell. Also, in this play, the dragon's jaws are employed to cover the depths of the infernal regions» ⁴. Em Portugal, creio ter visto algures, numa igreja, um altar em que o Inferno estava esculpado ao

¹ Vid. a minha *Noticia do poema provençal de «Santa Fé»*, Coimbra 1902, pag. 10, nota (extr. d-*O Instituto*, vol. 49.^o).

² A. Sarmiento, *Contos ao soalheiro*, 1876, pág. 11.

³ *Comedias*, Lisboa 1631, fls. 91.

⁴ Vid. D. Cl. Stuart, «The stage setting of Hell and the iconography of the middle ages» in *The Romantic Review*, IV, 336-337.

vivo com a fôrma de caldeira (de Pero Botelho), porém não me lembro do nome da terra (e até dou a informação como muito duvidosa). Por se applicarem nomes do Inferno a certas aberturas naturais ¹, como já na idade-media e antiguidade se fazia ², acontece que nas Furnas, ilha de S. Miguel, ha, como me informaram, uma nascente mineral chamada *Caldeira de Pedro Botelho* ³.—O n.º 82 diz-nos que se quem achar um livro o não entregar, irá para o Inferno «com sete martelicos a martellicar», isto é, será aí martelado ou castigado com sete martelicos. A pena ou castigo infernal do martelo era tambem medieval. Na *Visão de Tundalo* relata-se que no Inferno «os diaboos, com garfos de ferro e com tenazes», puxavam as almas para uma forja, «e davã em ellas com maços de ferro, de guisa que de muitas almas faziã hũa massa» ⁴. Já num texto latino do seculo VII se diz que o Diabo é ás vezes designado por *malleus* «o martello» ⁵. A mesma designação tem ele na tradição alemã ⁶, o que traz á lembrança o deus do martelo na mitologia germanica e na mitologia gauleza ⁷. Quanto ao «sete», ele é bem conhecidamente número fatidico.

¹ Cf. Adolpho Coelho in *Rev. de Ethnologia*, pág. 153.

² Vid.: A. Maury, *La magie et l'astrolog.*, 4.ª ed., pág. 170-171; *Dict. des antiquit. gr.-et rom.*, s. v. «Inferi», pág. 502, col. 1.ª; *Lexikon* de Roscher, II, 251.

³ *Pero* ou *Pedro*, como nomes do Diabo, são eufemismos: cf. o que escrevi nas *Lições de Philologia*, Lisboa 1913, pág. 411 ss. (é certamente pelo mesmo motivo, e por se querer afagar o Mau Espirito, que por vezes se lhe chama «Compadrez». Na Suíça chamava-se d'antes simplesmente «o outro»: *Archives Suisses des trad. pop.*, XVI, 51). Em galego diz-se *Perete* e *Perello*, vid.: *Dict. gallego-cast.* de Valladares Nufiez, s. v.; são evidentemente diminutivos de *Pero*. Ha nas nossas tradições populares uma entidade mitica parecida com o Diabo, e que faz muitas travessuras e maldades, tambem chamada *Pedro*: é *Pedro Malasartes*, nome que no *malas* parece de origem hespanhola, e que, quanto a isto, é comparavel ao *Pedro de Urdemalas* ou *Urdemalas* do teatro hespanhol (acêrca de *Urdemalas* como apelido em Hespanha vid. Godoy y Alcántara, *Ensayo sobre los apellidos castell.*, Madrid 1871, pág. 56-57). Não só não faltam nomes proprios de pessoas dados por essa Europa fóra ao Diabo: *Georget*, *Marti*, *le vieux Guillaume*, *Paul le cornu*, *Nic Neguitsá* (vid. *Méhusine*, v, 29, e 81, e x, 257; aí se cita um trabalho em que Nyrop tratou do assunto), mas é vulgar entre nós chamar *João* e *Maria* a certas figuras criadas pela fantasia popular (vid. uma lista num artigo da Sr.ª D. Carolina Michaëlis in *Rev. Lusit.*, I, 35, n. 1, a que podem juntar-se outros).—Quanto a *Botelho*, que vem junto a *Pero* ou *Pedro*, é aqui alcunha graciosa, que serve de apelido (rímico: ê-o=ê-o). *Botelho* existe em verdade como apelido corrente, mas *botelho*, na aldeia, applica-se por escarneio como designação de «individuo gordo e baixo», por causa da semelhança que se encontra entre ele e uma abobora tenra, que outra cousa não significa *botelho* (e *botelhão*) no lexico de algumas provincias.

⁴ Vid. *Rev. Lusit.*, VIII, 255 (texto publicado por J. J. Nunes); cf. III, 109 (texto publicado por F. M. Esteves Pereira).

⁵ Apud J. Grimm, *Deutsche Mythologie*, II (4.ª ed.), 835.

⁶ Grimm, *loc. cit.*, pág. 835.

⁷ Acêrca de Donar, deus germanico do raio e do trovão, representado com um martelo, vid. Grimm, *ob. cit.*, I, 151 e 201; acêrca do deus gaules do martelo, deus tambem da trovoada e do fogo celeste, vid. H. Gaidoz in *Rev. Archéolog.*, Março-Abril de 1890, págs. 169 e 172 («Le dieu gaulois au maillet»).

Tanto a excomunhão como a ameaça com o Inferno, que encontramos nos *ex-libris*, se correlacionam historicamente com as maldições fulminadas nos documentos medievais contra as pessoas que infringissem as disposições contidas neles. Aqui transcrevo algumas de tais maldições, que estão publicadas nos *Portugaliae Mon. Hist.*: seculo XII, *si ego aut aliquis homo de propinquis meis aut de extraneis quisquis ille fuerit qui contra hunc testamentum ad irrumpendum venerit, . . sit excommunicatus . . et cum Iuda traditore lugeat penis in aeterna damnatione*¹; seculo XI, *si autem quilibet propinquus meus siue extraneus hoc meum factum irrumpere temptauerit pro presumptione sola sit excommunicatus et maledictus a Deo . .*²; seculo X, *si aliquis homo venerit contra hunc meum (sic) ad irrumpendum . . sit excommunicatus et cum Iuda traditore abeat participio in eterna pēna nunquam finienda*³; seculo IX, *qui hunc factum nostrum irrumpere quesierit . . sedcat separatus et excommunicatus . .*⁴. Fóra de Portugal aconteciam factos parecidos, porque isto eram costumes gerais. Em documentos de Hespanha se lê, por exemplo: seculo X, numa doação: se alguém for contra ela, seja maldito, e *non abeat participationem con Ihu redemptorem per in secula, sed cum Iudas traditorem*⁵; seculo IX, num testamento, *si quis . . testamentum istum disrumpere voluerit, . . descendat super illum rumphea* (i. é, *romphaea* ou *rumpia*: *romphaia*, «lança» usada na Trácia, etc.), *sicut descendit super Datan et Abiron, quos vivos terra absorvuit . .*⁶. Em documentos de França: seculo XII, *qui hoc donum . . irrumpere voluerit, sit maledictus cum Datan et Abiran, et cum Jude Scariote . . particeps fiat in infernum*⁷; seculo XI, *quis contra hanc cartam . . ad irrumpendum venerit . . iram Dei incurrat*⁸. Para que acumular mais testemunhos de crença tão corrente? A ela, pelo seu lado, podem ainda descobrir-se facilmente raízes mais antigas.

Num tumulto cristão de Mérida, do seculo VII, lê-se: *. . siquis*

¹ *Dipl. et chartae*, n.º 940.

² *Ibid.*, n.º 894.

³ *Ibid.*, n.º 106.

⁴ *Ibid.*, n.º 6.—Acerca do assunto vid. também o que diz o Snr. Gama Barros, *Hist. da administraq.*, III, 125.

⁵ *Boletín de la Acad. de la Hist.*, LXXIII, 428.

⁶ *Ibidem*, XLVIII, 135.—Os personagens bíblicos Dathan e Abiron ou Abirão figuram também bastante nas imprecações dos nossos documentos medievais. E não só aí: no auto da *Geração humana*, 1536, apparecem dois diabos, um dos quaes se chama *Abird*.

⁷ *Vid. Cartulaire de Gellone* publicado por Alaus, Cassan e Meynial, Montpellier 1898, pág. 349.

⁸ *Ibid.*, pág. 174.

hoc monumentum meum inquietare voluerit, anathema percussus, lebra Gezi et perfruatur, et cum Iuda traditore abeat portionem . . O P.^e Fidel Fita, que publica a inscrição na integra ¹, comenta-a com a sua costumada erudição, e diz: «Las fórmulas de imprección nos llevan derechamente al tiempo en que las sepulturas de los fieles corrian grave peligro de ser inquietadas aun de manos de los mismos clérigos; por lo qual el concilio IV Toledano del año 633 . . fulminó contra ellos el canon XLVI». Contudo o costume vinha já da epoca pre-cristã. Muitas inscrições afins se encontram por todo o orbe romano. Em sepulcros pagãos da cidade de Roma lê-se, por exemplo: *qui me commusserit (=commoverit), habebit deos iratos et vivus ardebit* ²; e: *quisque huic tumulo (=titulo) manus intulerit, sale et aqua desideret* ³. Em um tumulo de Puçol: *qui hoc titulum sustulerit, habeat iratas umbras qui* ⁴ *hic positi sunt* ⁵. Noutro povo classico, de mais afastadas relações com o nosso, mas conexo intimamente com o romano, isto é, no povo grego, temos por exemplo: *ἐάν τις ἀδικήσῃ τὴν στήλην ἀμαρτωλὸς ἔστω εἰς τοὺς θεοὺς ἅπαντας* ⁶.

*

Foi certamente pensando em tais cominações contra o *ius* dos mortos, que alguém imaginou que num suposto tumulo de Shakespeare estavam os seguintes versos, que li algures:

Good friend, for Jesus' sake, forbear
To dig the dust enclosed here.
Blessed be he that spares these stones,
And curst be he that moves my bones.

¹ *Boletín de la Acad. de la Hist.*, xxx, 497. Fita propõe *anathema(ste)* em vez de *anathema*; efectivamente a lingua classica pedia aquella forma, porém também ha *anathema, -ae* (vid. Georges, *Lexikon der latein. Wf.*); não é pois necessario modificar o texto da inscrição. Por *lebra (=lepra) Gezi* entenda-se, como Fidel Fita justamente interpreta, «lepra que atacou Giezi (personagem biblico)».

² Dessau, *Inscriptiones Latinae selectae*, n.º 8181.

³ Dessau, *ib.*, n.º 8182.

⁴ Está aqui o masculino, apesar de antes se ler *umbras*, porque o lapicida teve em mente, creio, *Manes*, que é usualmente do genero masculino.

⁵ Dessau, *loc. laud.*, n.º 8199.—A comparação que aqui estabeleço entre as fórmulas execratorias dos *ex-libris*, as maldições medievais, e as inscrições romanas já eu me havia também referido no meu citado opusculo *Notícia de «Santa Fé»*.

⁶ Vid. Salomon Reinach, *Traité d'Épigraphie grecque*, Paris 1885, pág. 430. O A. também al fala do mesmo uso na Igreja grega.

II. — **Fôrma:**

Como os nossos *ex-libris* são redigidos em quatro línguas, terei de, no que vou dizer, formar outros tantos grupos: *ex-libris* em português, em latim, em hespanhol, em francês.

a) *Ex-libris* em português:

Os *ex-libris* em português são, por certo, os mais curiosos e variados. Exceptuando o n.º 6, que é dialogado, e o n.º 12, onde o proprio livro dirige a palavra ao leitor, é sempre em todos os outros o dono quem fala, ora referindo-se a ele em terceira pessoa, ora dirigindo-se vocativamente, e portanto personificando-o. Conheço outro *ex-libris* manuscrito em que é também o livro quem fala: *Sou do Collejo* (sic) *do Espirito Santo* (num exemplar da *Coroa Serafica* de Fr. Pedro de Jesus, Lisboa 1750), porém ele, pela sua simplicidade, não pertence á categoria que estou estudando.

Se na quasi totalidade dos casos o *ex-libris* tem fôrma rítmica, e até versificada, ha muitos casos em que o dono, começando a falar em verso, descamba em prosa, ou em que fala exclusivamente nesta.

A tres tipos principais se podem reduzir os *ex-libris* metrificados. Restitui-los-hei d'este modo, *plus minus*, ás fôrmas primitivas:

TIPO A:

Livro meu muito amado,
Tesouro do meu saber,
Folgarei de te encontrar
No dia em que te perder.

O fidalgo que te achar
Use de termos de honrado:
Se não souber o meu nome,
Abaixo vai assinado.

O meu nome é *Fulano*,
Que na pia me foi dado,
Tal e tal por sobrenome,
Que de meu pai foi tomado
(ou: Por ser de Deus criado).

TIPO B:

Se este livro for achado,
Quando venha a ser perdido,
Para ser bem conhecido,
Leva seu dono assinado.
Se acaso for emprestado
Para algum conhecimento,
Dê-se-lhe bom tratamento,
Não o deixando esquecer,
Para que não venha a ser
O livro do esquecimento.

TIPO C:

Este livro é de *Fulano*:

Quem o achar
Lh'o torne a dar,
Senão ao Inferno
Irá parar (ou: o vai pagar),
Co'a cabeça para o chão,
E as pernas para o ar.

Os restantes tipos giram ordinariamente em torno d'estes, ora com ampliações ou adições, ora com substituições, ora com amalgamação de varios tipos.

O tipo B constitue claramente uma décima de forma clássica: *abbaaccddc*. A décima, como forma de poesia popular, é ainda hoje bastante usada, principalmente pelos Alentejanos. O tipo C julgo ter sido na origem um distico, ou parelha, pois tem aspecto de sentença, e as sentenças proverbiais tomam geralmente essa forma; em tal caso, teriamos:

Quem o achar, lh'o torne a dar,
Senão ao Inferno o vai pagar,

ao que depois se acrescentariam os dois versos que se lhe seguem. O tipo A é possível que na origem tivesse outra forma: todavia hoje consta de tres quadras, constituindo as duas ultimas uma como oitava com a fórmula *ababcbdb*.

Todos estes tipos se repetem, e são por isso tradicionais. Os n.ºs 48 (décima) e 102 (tres quadras) desviam-se um pouco da norma, e tem certo cunho individual.

Os versos dos tipos A e B são de redondilha maior, empregada na poesia lirica popular. Se a primeira parte do tipo C é originariamente quadra, os seus versos são de quatro silabas metricas; se são um distico, os seus versos são de redondilha

maior (mas o segundo é hipermetro); a segunda parte tem versos também de redondilha (o primeiro com ectilipse, o segundo com hiato).

b) *Ex-libris* em latim:

Uns são em verso (distico: hexametro e pentametro), outros em prosa, ou mixtos. Alguns têm parte em português.

Neles achamos também certas formas estereotipadas: n.ºs 111 a 117, e 121 a 126, que correspondem no sentido, mais ou menos, ao tipo A dos *ex-libris* portugueses. Os n.ºs 111 a 113 formam disticos uniformes, e quasi exactos. Os n.ºs 114 a 116 são disticos estropiados. O n.º 118 corresponde ao tipo C português. O n.º 119, um tanto chistoso, já o anotei no proprio lugar. O n.º 120 é sensabor, como muitos outros d'esta siloge. O n.º 124 amalgama outros tipos: 111 ss., e 121 ss. O n.º 125, em prosa, é mera sentença moral, e além d'isso participa de tipos já anotados. Falta falar do n.º 110. É parte em prosa, parte em verso; os versos formam dois disticos, com alguma irregularidades prosodicas, mas certos quanto á syntaxe: dos *ex-libris* latinos parece-me este o melhor e mais acabado.

A mór parte dos *ex-libris* latinos, ainda os metrificados, estavam escritos a seguir, sem ordem nenhuma, como acontece também com os portugueses. Na transcrição dos metrificados dei-lhes ordenação.

c) Em hespanhol:

O n.º 127 é rítmico, o 128 em singela prosa, o 129 parece-se com os congenes de Hespanha que transcrevo na secção III d'este trabalho.

d) Em francês:

A parte francesa, deixando de lado as incorrecções, apresenta-se analogo ao *ex-libris* n.º 6, de França, que insiro na secção III. A alcunha etnica junta ao apelido *Guimarães* é muito conhecida, e já a publiquei como tal nos meus *Dictados topicos*, Barcelos 1882, n.º 48. Comparavel a ela é o que diz D. Francisco Manoel de Mello nos *Apologos Dialogaes*, pág. 276: *De Guimarães, || onde prendem a gente, e soltaõ os caens*, frase também citada por Camillo n-O Santo da Montanha, cap. xvii, nesta forma:

Deus nos livre de Guimarães,
Onde prendem a gente e soltam os cães.

A razão de muitos d'estes proloquios é freqüentemente a rima, como se vê de eles se applicarem por vezes a muitas terras cujo nome termina do mesmo modo.

III

Amostra de analogos ex-libris estrangeiros

Pude colher espécimes de Hespanha, França, Italia, Suíça, Alemanha, Austria, e Inglaterra, uns directamente, outros em revistas ou obras de Etnografia. Aqui publico alguns d'eles, pela ordem mencionada.

a) De Hespanha:

- I. Si esto libro se perdiese,
como suele acontecer,
suplico al que melo allase
que melo sepa bolber:
ni es de cura ni de fraile
ni de ninguna muger,
que es de un pobre estudiante
que lo ha de menester.
Dos cuartos a las animas,
y otros dos par beber.

Antonino . . (rôto).

Tenho-o em uma folha que encontrarei solta. Letra do século XVII ou XVIII.

2-3. Formulillas que suelen escribir los muchachos en la primera hoja de sus libros:

Si este libro se perdiere,
Como se puede perder,
Suplico al que se lo hallare
Me lo sepa devolver.
Le daré para tabaco
Y tambien para papel
Y si no tiene bastante,
Le daré con la punta del pié.

F. R. Marín, *Cantos pop. españ.*,
t. I (1882), pág. 71-72.

VARIANTE:

Y si no sabe mi nombre,
Aquí abajo lo pondré.

Ibid., pág. 139.—O A. do livro publica outros.

4. Si este libro se perdiere,
Como puede suceder,
No és de cura ni de fraile
Ni tampoco de un marqués,
Que és de un pobre estudiante
Que está aprendiendo á leer.

Foi-me dado pelo meu antigo aluno universitario, Dr. Calvo Velasco, que o ouviu em Hespanha.

B) De França:

5. *Aspice Pierrot pendu,*
Qui hunc librum n'a pas rendu;
Si hunc librum reddidisset
Pierrot pendu non fuisset.

Mélusine I, 102, onde se cita uma variante italiana, que vai adiante sob o n.º 9.

6. Ce livre est á moi,
Comme Paris est au roi;
Si vous voulez savoir mon nom,
Regardez dans ce petit rond.
Celui qui le trouvera aura une bouteille de vin,
Quand la *simelle* de mon soulier aura produit du raisin.

Mélusine, I, 294.

C) De Italia:

7. Questo libro chi l'accata,
sia persona savia o matta,
presto presto me lo renda
e ¹ de'suoi quattrini spenda.

¹ Provavelmente é o «ou».

Così feci, s'io lo volsi;
lo pagai, e poi lo tolsi ¹.

Castelli ².

Copiei-o em Veneza de uma ed. das
Tusculanae Quaestiones de Cicero,
1604, que vi numa livraria.

8. Se questo libro se perdesse,
Ed a chi darlo non si sapesse,
Colla barba non son nato,
N. N. son chiamato.

(*Sul frontispizio*):

Se vuoi sapere il mio nome, volta il foglio.

(*In testa al foglio seguente*):

Parchè sei stato troppo lento,
Il mio nome è a pagina cento.

(*A pagina cento*):

Perchè sei stato troppo pigro,
Il mio nome è infondo al libro.

(*Sull'ultimo foglio*):

Se tu avessi tardato un po di più
Il mio nome non c'era più.

(*Firma dello scolaro*).

De Taverne. Vid. *Archives suisses
des tradit. pop.*, VI, 211.

9. Aspice Pierino impeso,
Qui hunc librum non ha reso;
Si hunc librum reddidisset,
Pierino appeso non fuisset.

Melusine, I, 102. — Neste jornal ha
outros.

D) Da Suíça:

O costume era d'antes corrente na Suíça, tanto entre estu-
dantes, como entre pessoas de certa gravidade. Nas *Archives*

¹ «Assim fiz, se o quis (ter): paguei-o, e depois tomei-o (de quem m'o vendeu)».

² Nome do possuidor.

suisses des trad. pop., VIII, 224, inserem-se varios *ex-libris* do século XVII pertencentes a um só proprietario e a um só livro, *ex-libris* em francês, em alemão e em latim. Aqui transcrevo tres:

10. Si nomen meum scire vis
Franciscus plenus Amoris;
Si cognomen cupis scire
Chanetus dicitur esse.

11. Ce liuere est mien et mapartient,
A moy que suys un bon Christien;
Celuy qui le trouera le me rendra,
Luy sora (*sic*) poye son bon vin,
A la mesure de Jacopyn.

12. Questo libro è di carta,
Questa carta è di straccio,
Questo straccio è di lino,
Questo lino è di terra,
Questa terra è di Dio,
Questo libro è tutto mio.

Do cantão de Ticino. Vid. *Archives Suisses*, já cit., XIV, 197.

E) Da Alemanha:

13. Dieses Büchlein ist mir lieb;
Wer es stiehlt, der ist ein Dieb.
Der kommt auf das Galgenrad,
Da fressen ihn die Raben ab.
14. Dieses Büchlein hab'ich gekauft.
.... (*nome proprio*) bin ich getauft,
.... (*nome de familia*) bin ich geboren.
Wer's find't, ich hab's verloren.
Der geb's mir in die Hand;
Dem bin ich gut mein Leben lang.

Dos *Blätter für pommerische Volkskunde*, 1894-1895, pág. 25-26. Publicam-se ai mais cinco, que omito por brevidade.

15. Dieses Buch gehöret dem Mathias Ehm von Rehmlingen aus dem Amt Merzig. Geschrieben im Jahr 1795. Und der

mir es wilt nehmen und nicht wüder zu geben: so weiss ich gewiss, dass es kein braver Mann ist. Sagt der Jakobus Oehm und die Katharina Steiers.

Da *Zs. des Vereins f. rhein. u. westfäl. Volkskunde*, v, 149.

Na *Zs. des Vereins für Volkskunde*, vi, 446, faz-se uma remissão para o vol. II, 85, para um artigo sobre *ex-libris*; como não possuo este volume, nada mais posso dizer. No cit. vol. vi, *ibidem*, menciona-se tambem uma obra de W. Wattenbach, intitulada *Das Schriftwesen des Mittelalters*, 3.^a ed., Leipzig 1896, onde a pág. 528 ss. se coligiram *ex-libris*; igualmente a não pude consultar.

F) Da Austria:

16. Hic liber est meus, Qui furatur erit reus.
 Certe poena capitis Vi petatur lapitis (!),
 Dein discat sinere, Possessori reddere.

Do seculo XVII. Num museu de Salzburgo. Vid. *Zs. des Ver. f. Volkskunde*, vi, 446.

17. Hic liber est meus,
 Testis est deus;
 Qui non credebat,
 Nomen meum videbat,
 Schessan sum natus,
 Valerian vocatus.

De uma collecção de rimas populares de Bucóvina e Galicia. Vid. *Zs. des Ver. f. Volksk.*, vii, 298.

18. Dieses Büchlein ist mir lieb,
 Wer es stiehlt ist ein Dieb.
 Das Papier ist mein Acker,
 Drum schreib' ich so wacker.
 Die Feder ist mein Pflug,
 Drum schreib'ich so klug.
 Die Tinte ist mein Samen,
 Drum schreib' ich meinen Namen. N. N.

Ib. ib.—Ha aí mais oito.

o) De Inglaterra:

19. The grass is green;
 The rose is red;
 This book is mine
 Till I am dead.

Apud F. R. Marin, *Cantos pop. es-*
pañ., já cit., t. I, pág. 140.

IV

Considerações gerais

Indicar a posse de um objecto, sobretudo de um objecto querido, inscrevendo nele o nome do possuidor, é a cousa mais natural do mundo: e de tal costume já poderiam achar-se provas em remotissimas eras. Porque não havia de acontecer o mesmo com os livros? E quanto maior aprêço se lhes não daria d'antes, na idade-media, e na antiguidade, em que os livros eram escritos com calamo ou pincel, e por isso muito mais custosos de obter do que hoje, depois que a maravilhosa invenção de Gutenberg tornou acessíveis, ainda ás pessoas de apoucados haveres, a aquisição d'esses tesouros do espirito humano?

Assim nasceram os *ex-libris*. A principio eram apenas manuscritos, simples, e sem ornatos. Com o aperfeiçoamento das artes e industrias, e o apuro do gosto literario, receberam não só fôrma ritmica, mas enfeitaram-se de desenhos, e applicaram-se aos livros por intermedio da impressão e da gravura. Têm, pois, origem culta. Como porém, quando se faz um descobrimento, logo as multidões geralmente se aproveitam d'ele, aconteceu que o uso de *ex-libris* manuscritos passou tambem para o povo, porém apenas, já se vê, para as classes que possuíam alguma cultura,—e isto tanto em Portugal como em diversos paizes. Quando os *ex-libris* se aperfeiçoaram por impulso dos bibliófilos, o povo continuou a servir-se dos outros, mais modestos, e adaptou-os de certo modo aos seus proprios habitos, dando-lhes fôrma adequada. A civilização mostra-se de ordinario sob a apparencia de duas linhas, que, embora nascidas do mesmo ponto, vão divergindo: a linha culta, e a linha popular, aquella, que representa progresso activo, esta, que representa lentidão de movimento ou estacionamento. Os *ex-libris* que chamei *nobres* são, no meu caso, o progresso; os *rusticos* são a tradição ou conservação dos primitivos.

Os *ex-libris* manuscritos, ou *rusticos*, na sua fôrma especial

e rotineira, constituem um costume muito espalhado por todo o Portugal, e desde ha seculos, pelo menos desde o xvii, postoque já muito em decadencia hoje. Vemo-los em particular nas escolas de primeiras letras, nas antigas aulas de latim e nos collegios; mas tambem algum camponio que sabe escrever, e algum pachorrento padre ou frade o emprega ou empregou. Eles contêm elementos que pertencem ao escriptorio geral das superstições, —elementos antigos e radicados—, como a caldeira de Pero Botelho, onde a designação do Diabo manifesta a um tempo uma ideia de terror religioso, no eufemismo de *Pero*, e uma ideia zombeteira, na alcunha de *Botelho*. A graça escarninha do povo patenteia-se igualmente quando este põe no Inferno, com as pernas para o ar, o roubador do livro, ou com sete martelicos a martelicar (n.º 82), frase em que entre o «sete», tão corrente nas lendas e locuções. Outros elementos tradicionais dos *ex-libris*, além do reflexo do viver geral, que já foi assinalado no capítulo II, são o uso do verso de redondilha, o tom sentencioso que se nota no tipo C, e por vezes aspectos de linguagem vulgar, *b* por *v*, *dei* «dê», *alviças*. Por tudo isto o estudo dos *ex-libris* manuscritos faz parte da Etnografia, como logo de comêço declarei.

Da amostra de *ex-libris* estrangeiros que ofereci ao leitor no capitulo III consta que o costume português existe tambem lá fóra nas mesmas classes (estudantes, etc.), e com particularidades analogas, na fôrma e no sentido,—ora mais, ora menos esmerados, segundo o grau de instrução, e o genio nacional: o que prova que tudo tem origem comum, que deve buscar-se na difusão da cultura latina da idade-média em diante. Certamente os *ex-libris* redigiram-se primeiro em latim, como a propria expressão *ex libris* o deixa ver, e foi nesta fôrma que se propagaram, por intermedio das escolas monacais, e por outras vias: depois cada nação os traduziu ou imitou na respectiva lingua, mantendo todavia a par o uso de tipos latinos. D'aqui as semelhanças gerais. Algumas semelhanças especiais que se observam, por exemplo, entre o nosso tipo B e os *ex-libris* hespanhois, devem ter provindo de relações directas.

Eis como esta materia corriqueira, que poderia parecer tão desprovida de importancia, adquire alguma, quando se estuda sob o aspecto da demopsicologia, da historia dos costumes, e do intercambio social.

Campolide, 31 de Março de 1919.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

MISCELANEA

Sobre «cabaça», «calabaza».

Falta una explicación satisfactoria de estas formas de la Península Ibérica. Sobre ellas callan los diccionarios románicos, y alguna etimología propuesta, como la del Dic. de la R. A. E., **calpar** (vasija), no es congruente. Y sin embargo parece indudable, estudiando los demás tipos románicos, que todos han partido de una base común. Estas formas dispersas, a pesar de profundas divergencias que acusan una base inmediata distinta, tienen elementos comunes estroncados con **cucurbita**, cuya explicación, por incierta y oscura que sea, debe intentarse. Que yo sepa, nadie ha señalado representantes ibéricos de **cucurbita**, y sin embargo existe uno indudable en el gallego *cogorda*, definido en el Dic. de Valladares «agárico, excrescencia esponjosa, de la familia de los hongos», llamado así por la semejanza con una pequeña calabaza, y que tiene correspondientes en el provenzal *cougourdo* y antiguo francés *gougourde* (calabaza). Pero todos los indicios son de que la forma clásica no fue única en latín: es más, estudiada esta forma en un campo más amplio, se ve que está en desacuerdo con las correspondientes de otros grupos, que hacían esperar en latín un tipo ***curbita** (comp. el SK. *carbhatāh*), deduciéndose con toda evidencia que **cucurbita** es un cruce de la forma supuesta con su sinónimo **cucumis**. El problema se complica, porque al estudiar los diversos tipos romances es preciso descubrir que modificaciones son romances y cuales latinos. Por ejemplo en el francés *gourde* no podemos menos de ver una modificación francesa: *gourde* es un caso de haplología por el antiguo *gougourde*, forma obtenida por asimilación silábica de *cougourde*, que remonta al clásico **cucurbita**. En la forma *courge* la fonética tiene que aceptar de buen grado bien la explicación de M. Lübke, *Gram.* I, 591, en lo que se refiere a la g, ***cucurbica** (*fabrica forge*), bien la conocida de ***curbea** (*cavea cage*): la solución la dará el antiguo francés *coourge*, si es intermedio entre ***cucurbica** y *courge*, por lo que se refiere a la reduplicación, siendo entonces precisa una base ***cucurbica** o ***cucurbea**. Las formas de la Península Ibérica piden una base latina sin reduplicación, ya fuese por una previa haplología, ya por persistir en el latín hablado una forma etimológica sin la interferencia de sinónimos citada, con un sufijo **-acea** (forma-

ción concordante con la de Italia, *cucumis* > **cucucea cucuzza*). Pero esta supuesta base **curbacea* (comp. para el tema el alemán *kürbis* «calabaza») se deforma en un tipo ibérico común **carbacea*, del cual es superviviente el catalán *carbassa*; probablemente en el mismo latín se produce una divergencia **carabacea*, **calavacea*, por una oscura etimología popular, con *cara*, **calaver* u otra voz semejante, si es que no basta la tendencia a la anaptisis que demuestran diversos ejemplos románicos, como el italiano *sparaviere* y el castellano *esparavel* del francés antiguo *esparvier*, del germánico *sparwâri*. El aragonés *carabaza*, antiguo *carabaça* (Bol. de la R. A. E., IV, 350), el catalán *carabassa* (y el siciliano *caravazza*, de probable origen catalán) arrancan de la base **carabacea*. Para el portugués *cabaça* y gallego *cabaza*, para el castellano *calabaza* (y para el francés *calebasse*, que es una importación del castellano, lo mismo que el provenzal *calabasso* «un juego de niños») hay que admitir una base **calabacea*, cuya antigüedad hay que reconocer por la comunidad de formas y por ser antiguo el proceso de elisión de *l* interna en portugués y gallego, con una antigüedad análoga a la de la deformación de *cadavera*, *cala-*, que produjo *caveira*.

VICENTE GARCÍA DE DIEGO.

Epitafio gracioso

Li em 1904 em Alcacer do Sal, na guarda de um livro do seculo xvii, pertencente ao antiquario P.^o Matos Galamba, hoje falecido (vid. a seu respeito *O Arch. Port.*, xxi, 345), o seguinte epitafio, de letra do mesmo seculo (copio textualmente):

«Epitaphio q̃ a deuocão de hum affeiçoado fez p.^a se esculpir na pedra q̃ cobre as cinzas daquelle abrazado feniz Emmimentissimo a incendios de amor gollozo, q̃ encheo de manjar o estamago, como quem fazia jornada p.^a o outro mundo, e quiz escuzar alforjes:

Nada santo mostrou ser
este q̃ a terra consone,
que os santos morrem de fome,
este morreo por comer.
Cardeal ueio a morrer,
q̃ ninguem á morte escapa;
e por baixo de subcapa
mostrou, não com pouco espanto,
senão morreo padre santo,
q̃ teue morte de papa».

J. L. DE V.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS

— *Syntaxe Historica Portuguesa* — por Augusto Epiphânio da Silva Dias, Lisboa, Livraria Classica Editora, 1918.

Numa *Declaração* que acompanha a obra, entende o editor, e muito bem, comemorar dignamente o primeiro aniversário da morte do sábio Professor, trazendo a lume a *Syntaxe Historica Portuguesa*.

Não podia imaginar-se, realmente, uma comemoração mais louvável. Engrandeceu-se o escritor e prestou-se um bom serviço à nossa língua.

O assunto era árido, demandava uma paciência beneditina, e só podia ser levado a cabo por um homem de grande competência, pouco dado a fantasias, e com um poder profundo de visão em assuntos linguísticos.

A dificuldade da tarefa foi manifestada pelo ilustre professor Ribeiro de Vasconcelos no fim da sua *Grammatica Histórica*.

Mas não havia impossíveis para o colaborador honestíssimo da *Grammatica Francesa*, para o autor da pequenina *Grammatica Portuguesa*, que, apesar de imitada, ainda não pôde ser vencida, para o consciencioso anotador do *Chrisfal*, para o critico seguríssimo e levemente irónico de tantos estudos alheios, para aquele escritor, enfim, que, num trabalho severo de tantos anos, conseguiu reunir o material riquíssimo com que adornou a sua preciosa edição dos *Lusiadas*, derramando luz sobre os passos mais obscuros, estabelecendo paralelos entre o nosso poema e as obras da literatura latina, desfazendo equívocos, derrubando castelos architectados no ar, etc.

*

Não é a *Syntaxe Historica* uma obra perfeita, nem o poderia ser nas condições dolorosíssimas em que foi publicada:

Há falta de exemplos, muitos dispensáveis, outros essen-

ciais para a compreensão das regras formuladas, difíceis de fixar quando não acode ao nosso espírito um caso concreto; algumas citações não podem ser facilmente verificadas, e outras precisam de emenda ¹; em alguns parágrafos devia chamar-se a atenção para outros; notam-se alguns erros tipográficos que o leitor pode corrigir sem esforço, mas que o benemérito editor deve extirpar em segunda edição ²; a pág. 204, deu-se um salto, tendo passado a continuação da última linha para o cimo da mesma página.

Outras deficiências aponta honestamente o editor, as quais devem ser remediadas em nova edição, e essa não há-de faltar, pois que os professores e estudantes não podem mostrar-se indiferentes perante um dos melhores trabalhos saídos nos últimos anos sobre a lingua portuguesa.

Epifânio da Silva Dias põe os leitores de sobre-aviso quanto a modos de dizer pouco correctos ³, e admite construções que estávamos habituados a ver condenadas ⁴.

Revelando uma erudição profunda, frisa os latinismos e aproxima as nossas regras das permitidas pela syntaxe grega, francesa, inglesa e alemã.

Chama a nossa atenção para a linguagem popular, relacionando-a muitas vezes com passos da literatura arcaica ⁵.

Entre os exemplos extraídos do português arcaico e dos melhores escritores modernos, há, na *Syntaxe*, numerosas citações dos *Lusiadas*, que fornecem notas gramaticais abundantes aos professores e alunos de Instrução Secundária ⁶.

São abundantes as observações e os problemas debatidos. Na impossibilidade de apreciar toda a matéria, faremos algumas considerações sobre certos casos, acrescentando aqui e além exemplos.

¹ A pág. 124 b) ... 1) cita-se o canto II dos *Lusiadas*, quando a citação pertence ao primeiro; a pág. 146 ... § 190 ... 2) cita-se no mesmo poema o canto I, est. 38, pertencendo o verso transcrito à estância 33.

² Lembraremos a pág. 35, 1.ª linha—*refutar* por *reputar*; e a pág. 10, 7.ª linha—*cavalleira* por *caneleira*.

³ São numerosas as observações. Citaremos as de págg. 3, 36, 93, 94, 95, 102, 111, 130, 142, 158, 164, 175, 238, 257 e 299.

⁴ V. a págg. 34, 58 e 269: *Fazer em pedaços* ..., *meios mortos* ..., *pedir para* (com infinitivo).

⁵ V. a pág. 10: *Diz que* com o sentido de—*dizem que*, *diz-se que*; a pág. 63: *lha* por *lhea*; a pág. 63, *in fine*: *ti* e *mi* por *eu* e *tu* («no falar popular antigo»). Ainda hoje, porém, se diz na linguagem popular: *Eu posso mais ca ti*.

⁶ V. pág. 8 ... 13; 10 § 7.º; 14 ... b); 21 ... e); 23 ... § 21; 99 ... § 117; 91 ... 2; 107; 138 ... obs. 2.ª; 254, etc., etc.

Pág. 10, § 7.º — A similhaça de *on* francês, empregava-se no português arcaico *homem*, como pronome, sem artigo ¹.

Pág. 32 — «Alguns verbos que na linguagem usual moderna são intransitivos (v. g. *resistir*, *incorrer*) eram no port. arch. medio também empregados como transitivos ². A pág. 27, § 27, apontam-se vários casos em que o complemento directo é, ou pode ser em alguns casos, precedido da preposição *a*. Acrescentamos em nota vários exemplos tirados dos *Exerc. Espirit.* de Bernardes ³.

A pág. 61, tratando dos numerais, observa o autor: «No port. arch. medio dizia-se, v. g.: *tres quatro* por 3 ou 4 ⁴.

Pág. 96 — Acerca do emprêgo do artigo definido antes do pronome possessivo, consegue fixar algumas regras, não obstante a dificuldade do problema. Estabelece, e muito bem, que no port. arch. medio era muito mais vulgar que no moderno a omissão do artigo ⁵.

Pág. 84, § 104 — «No Port. arch. medio era mais usual» não se empregar o artigo definido entre a palavra — *todo* — e o substantivo:

«... *o conde com todas suas gentes* ⁶.

¹ *Fid. Aprendiz*, ed. de Mendes dos Remedios, pág. 8:

«Se lição ha de tomar
Despachemos, que tem homem
Outros mil que lições tomem...»

— *Miscellanea* de Garcia de Rezende (ed. de M. dos Remedios, pág. 20, n.º 50):

«Pasma homem de ouvir
ho que sabe muito certo...»

² «De que te empinas e tomas orgulho, tu que não sabes se agradas a Deus, e sabes muito bem que *o desagradaste*...?» O mesmo em Vieira, como pode ver-se de uma citação no *Diccionario* de Moraes.

³ «Os que têmem a Cristo». «Animou a seu filho». «... para que todos honrassem ao filho». «O perdão das injurias estará como executando a Deos pela palavra...» «... obras que possam contrapesar aos pecados». «Ousas a levantar...».

⁴ V. Garcia de Resende, *Miscellanea* (ed. cit. pág. 81, n.º 233):

«Vijmos em Euora valer
hos moyos de pam yguaes
quinze vjnte mil reaes,
.....»

⁵ V. os seguintes exemplos, todos tirados de Bernardes, *Exerc. Espirit*:

«Deus manifeste sua justiça...» «... a ordem... dos fins de sua alta providencia...» «... pas em teu coração...» «Deos encaminha tudo a seus fins». «Para julgar tua causa e coroar teus merecimentos...». «Afoga tous pecados». «... disse a seus apostolos...».

«Vós atastes a huns nervos os meu pés e pusestes-vos a observar os meus caminhos, e a examinar as minhas pégadas...» «Sendo alli elevada a alma para conhecer a sua sentença». «Deos... porque a sua misericordia para comnosco...».

⁶ Fernam Lopes.

Pág. 88—Sôbre o emprêgo de *cada um*, substantivamente, é curioso o seguinte exemplo:

«E cada um (todos, um por cada vez) se escusava de tal ida»¹.

Págg. 98 e 135—Sôbre o emprêgo do artigo partitivo no português arcaico, e ainda por vezes no médio, e da preposição *de* em sentido partitivo, fazem-se na *Syntaxe Historica* eruditas considerações. Recordamo-nos de ler alguns casos em Fernam Lopes. *Chron. de D. João I*, tendo tomado nota do seguinte:

«... bebei logo da ourina, que é muito proveitosa...».

Pág. 178—O advérbio *onde*, além do significado — *com o que* — pode equivaler a = *pelo que, quando, naquela ocasião*. Precedido da preposição *por*, quer dizer — *por cujo motivo*².

Pág. 294—Sôbre a conjunção concessiva — *mas que* — embora, diz Epifânio empregar-se em estilo oratório. Parece-nos que tal emprêgo não é tam restrito.

«... mas que me matéis... o corpo, sempre a alma, e olhos ficarão meus... Cast. *Metam.* xxxiii.

A obra compõe-se de duas partes: I—*Da ligação das palavras na oração*; II—*Do emprêgo dos modos e tempos e da ligação das orações*. No fim há um apêndice à syntaxe que abrange a seguinte matéria: *Elipse,zeugma, pleonasmo* (gramatical), *sí-nese, atracção* (e assimilação de modos), *anacolútia* e *contaminação sintáctica*.

*

As observações do autor foram o resultado de um trabalho consciente e demorado³.

Depois de uma análise rigorosa dos textos, colleccionou os diferentes casos, dispondo-os numa ordem perfeita.

É realmente admirável o poder de indução e de síntese que

¹ Fernam Lopes.

² «... e, vinda a manhã em que o batel foi visto pelos Mouros, acudiram obra (de) duzentos, onde Gonçalo de Sintra por se defender naquela vasa pereceo...» (João de Barros, Dec. I, LII, c. lx).

— «Só eu chorei onde todos cantam» (Bern. *Exerc. Espirit.*, t. I, pág. 227 (ed. de 1766).

— «Onde cuidei de casar huma só filha que tinha, alli a fiz viuva». Ant. Ferr. *Côso*, 161 (ed. de 1771).

— «Estávamos no airo, onde chegou ali um homem (pop.).

— «Dá também (a oração) esforço para vencermos... por onde disse S. João Climaco...» Bern. *Exerc. Espirit.*, t. I, pág. 4. Cfr. *Lusiadas*, c. viii, est. 21.

³ V. por exemplo a matéria de págg. 30, 33 e 105.

revela Epifânio, aclarando os passos mais difíceis pela suposição de palavras ocultas.

Debalde se procuraria na *Syntaxe Historica* a leviandade e a precipitação em formular regras que se desmoronam com a mesma facilidade que presidiu à sua elaboração...

Pondo ponto na nossa crítica ligeira, não deixaremos de lamentar que a edição dos *Lusiadas* de Epifânio da Silva Dias não fôsse justamente apreciada ao encarregar-se últimamente um ilustre professor de proceder a uma nova, expurgada de erros.

Foi um esquecimento do Ex.^{mo} Snr. Dr. Alfredo de Magalhães a quem a instrução fica devendo grandes serviços.

Avançamos até a idea de que o Estado podia e devia adquirir a obra do falecido Professor, espalhando-a em edições acessíveis aos alunos.

Pôrto, 20 de Dezembro de 1918.

AUGUSTO C. PIRES DE LIMA.

II

Varia quaedam

Trabalhos do Dr. J. J. Nunes:

— **Convergentes e divergentes**, Lisboa 1917 (separata do *Boletim* da 2.^a Cl. da Acad. das Sc. de Lisboa, vol. x);

— **Crónica da ordem dos frades menores**, ms. do sec. xv, agora publicado inteiramente pela primeira vez, e acompanhado de introdução, anotações, glossario, e indice onomastico: 2 vols., Coimbra 1918 (publicação da Acad. das Sc. de Lisboa).

J. L. DE V.

REVISTA LUSITANA

VOL. XXI

1918

N.ºs 3-4

FALAR DO POVO

(Vid. REV. LUS., VIII, 163)

VII. que de ...

Há quem faça reparo no emprêgo de *que de* equivalente a *quanto(s)*, *quanta(s)*, achando êsse modo-de-dizer impuro.

«... por ahí andam como eu, revolvendo da phantasia adolescente os ultimos brazidos, vendo o horizonte esfriar nas tintas do outono perto, e lançando emfim aos echos mortos a confissão terrivel.—Que de tempo perdido!...» —Fialho de Almeida, *Os Gatos*, II, 2.ª ed., pág. 9-10.

«E todavia, que de vezes eu tive necessidade de crêr, e levado d'um mysticismo poetico, quiz invocar o Supremo Espirito!» —Id., *O País das Uvas*, 2.ª ed., pág. 260.

Êste modo-de-dizer é velhamente português, e correntissimo entre o povo do norte. É um emprêgo da preposição *de* exprimindo relação partitiva.

Júlio Moreira, que nos seus *Estudos da Lingua portuguesa* (nos dois volumes) tratou circunstanciadamente das maneiras de expressar aquella relação em português, inseriu a pág. 65 do II vol. a frase *que de coyta* (= quanta mágoa, quanta dor), do *Cancioneiro da Ajuda*, 238.

Na *Gramática portuguesa elementar*, Epifânio Dias (Lisboa 1882, pág. 95) inclui o exemplo *que de lágrimas!*

O *Judeu*, continuador do teatro nacional e popular que Gil Vicente inaugurou, pôs na bôca de Júpiter:

«Ay, Alcmena, que de sustos me tens causado!» —António José da Silva, *Anfitrião*, pág. 111 da ed. da «Renascença Portuguesa», Porto.

Não vale, porém, a pêne multiplicar os exemplos para mostrar que o injustamente censurado *que de* vem já do português antigo, e registado por muitos autores.

O que é de notar é o facto de tal expressão não pertencer ao falar geral do país, como fartamente mo provaram observa-

ções de pessoas do Porto, Covilhã, Leiria e outras partes, quando aqui em Viana-do-Castelo a ouviram.

Por cá, são de todo o instante expressões como: *que de peixes!*; *olha que de soldados!*; *que de gente lá vi!*; *que de vinho elle bebeu!*

Às vezes, num intuito chasqueador, o povo muda o *que de* em *c. de*: — *o c. de gente!*

Este exemplo faz-me lembrar que ameúde se diz *o que de* por simplesmente *que de*, como nas formas interrogativas começadas por *que*, atrás do qual muitas vezes se põe *o*.

Note-se, no entanto, que, segundo a ordem das palavras na dição, é aquella construcção dispensável ou necessária:

— *Que de povo aí vem!*; *o que vem aí de povo!*

— *Que de barulho há de haver!*; *o que há de haver de barulho.*

— *Que de choros aí vão!*; *o que aí vai de choros!*

Ainda quero notar que, ameúde, em vez de *que dêles*, dizem *que de dêles*, por fusão mental do *de* no *êles*.

VIII. *ver de*...

O artigo antecedente suggeriu-me deixar arquivada uma curiosa construcção do verbo *ver* com a preposição *de*, que o povo usa na Beira-Baixa pelo menos.

Ver de equivale a *procurar*. Exemplos:

— *Ando a ver de casa* (isto é: ando a procurar casa).

— *Ando a ver de um remédio para essa doença.*

— *Que andas tu a fazer?* — *Estou a ver de um papel.*

— *Vá-me ver de uma melancia.*

— *Vê aquellas melancias? pois vá lá ver de uma que seja boa!*

— *Não sabes de teu irmão? vai ver dêle!*

No norte, êste modo-de-dizer não faz sentido. Passaria por um disparate.

Nós empregamos *ver de*, exprimindo o *de* francamente relação partitiva.

Suponhamos que ando a ver, a examinar lenços numa loja; diria: *ando a ver disto*, *ando a vêr destes lenços*, — podendo não ter sequer tenção de escolher ou comprar algum. O *de* exprime claramente relação partitiva, pois me refiro a *um todo* — *isto, êstes lenços* —, motivo por que o demonstrativo nunca falta.

É certo que a pessoa, que *vê destas ou daquelas coisas*, no geral *procura uma*, — e parece-me deixar aqui entremostrada uma ponte de passagem de uma para outra maneira de dizer.

Em remate, incluirei exemplos para deixar patente a forma por que se dirá o mesmo na Beira e cá:

No norte diremos: *Estou a ver destes lenços*, ou *a ver lenços destes*.

Na Beira dir-se-há: *Estou a ver lenços destes*.

No norte: *Estou à procura de um lenço* (ou *a procurar um lenço*).

Na Beira: *Estou a ver de um lenço*.

IX. Se Deus quiser!

Esta fórmula, com que o povo acompanha sempre as suas tentções ou desejos, é um resquício vivo do fatalismo que os árabes deixaram na península.

—*Amanhã vou à cidade, se Deus quiser!*

—*Até logo, se Deus quiser!*

—*Não me há de suceder mal, se Deus quiser!*¹

Acho interessante, a este propósito, recordar um conto andaluz que o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos traduziu para os seus *Ensaíes ethnographicos*, III (Lisboa 1906), pág. 24-25, intitulado *A Zaragoza ó al charco*, e no qual a par com a indomável teimosia aragonesa, se realça, às claras, a potência do Deus *super omnia*:

—*Faga ustê cuento e sabê*² que, quando Christo andava pelo mundo, se encontrou casualmente com um Aragonês num caminho, e appetiteceu-lhe perguntar:—«Aonde vaes, Aragonês?» —«Senhor, a Saragoça.»—«A Saragoça, se Deus quiser, terás querido dizer...» E vae e disse o Aragonês:—«Ainda que Deus não queira, a Saragoça vou.» E o Senhor accrescentou:—«Pois sómente por isso, vaes ficar feito rã nesse charco.» E continuou a andar. Alguns dias depois, passando pelo mesmo caminho, e vendo uma rã que não fazia senão cantar, S. Pedro, que já se havia inteirado do caso, pediu ao Senhor que o mudasse em homem outra vez, pois que já estaria emendado.—«Pedro (lhe disse o Divino Mestre), tu fallas assim, porque não sabes quanto os Aragoneses são testas de ferro. E senão, vaes ver.» E aproximou-se do charco, e em seguida sahiu o nosso Aragonês, an-

¹ Na Beira-Baixa arredondam às vezes assim a frase: *Se Deus quizer e a Virgem o permitir*:—Vem a pêlo citar outras fórmulas congêneres:—*Será o que Deus quizer!*, *Deus assim o quizer!*, *Nosso Senhor é quem manda!*, *manda quem pode!*, *tinha de ser!*, *é o que tem de ser!*, *o que tem de ser tem muita força!*, *estava escrito!*... (Diz-se Deus, o Senhor ou Nosso Senhor.)

² Uma das formas iniciais dos contos andaluzes (Vid. loc. cit.).

dando, para procurar o caminho. — «Aonde vaes, Aragonês», lhe perguntou o Senhor. E o Aragonês respondeu-lhe: — «A Saragoça, ou ao charco». —

Dos turcos diz Pedro Loti no romance *As desencantadas* (trad. de Manuel Ribeiro, Lisboa 1912, pág. 112):

«— É verdade que ides partir? — perguntou ele.

— É certo.

— Mas voltareis... e encontrar-nos-emos outra vez?

Nesta altura, Djénana respondeu com esta palavra imprevista e fatalista com que os orientais explicam todas as coisas de futuro: «Inch'Allah!...»

No artigo *Contribution au folk-lore de l'Algérie*, na *Revue des Traditions populaires*, xxvii, regista L. Jacquot (pág. 258):

«Jamais un arabe ne fait un projet sans ajouter «Inch Allah! (s'il plaît à Dieu)». Oublier cette formule serait méconnaître la toute-puissance de Dieu et s'attirer sa colère.»

E logo adiante repete (pág. 264):

«Il ne faut jamais dire: «Je ferai ceci ou cela — sans avoir soin d'ajouter aussitôt: *inch'Allah!* Si Dieu le permet!»

Pois o nosso *Se Deus quiser!* não é mais do que o *inch Allah!*, aliás *in xá 'lláh*, se bem que esta expressão arabe, ou antes, *ia xá 'lláh*¹ tenha dado *oxalá*, que não diz *se Deus quiser*, mas *Deus queira!*, frase que tem emprêgo diferente.

X. morrinha, morriña

Há em galego o vocábulo *morriña*, com a significação de doença — a que adiante me refiro —:

Mala murrinha mate os homes,
E por todos non-o digo,

Para uno que me toca,
Sabe Dios y mi marido²,

e com a significação de «saude», — sem falar em outras acepções que deve ter, correspondentes às que mais abaixo menciono.

¹ Vid. A. R. Gonçalves Vianna, *Palestras filológicas*, Lisboa 1910, pág. 90.

² N.º 481 da Colecção de Saco y Aros, publicada no *Boletín de la Comisión provincial de monumentos históricos y artísticos de Orense*, tomo v, pág. 62.

«Morriña

¡X'o sei, Galicia amada!...
no fondo do meu peito
eu sinto os doces píos
dos teus amores meigos:
eu sinto o runxe-runxe
dos teus falares tenros
nas miñas feiticeiras
lembranzas d'outros tempos:
eu sinto que me chamas
c'a voz dos meus desexos
das miñas saudades
c'as feles e amarguxos,

c'as bretemas escuras
d'este vivir qu'eu levo.
¡Se tí souperas xoya,
o moito qu'eu che quero!
¡Se tí viviño ou morto
souperas qu'en ti penso!...
Sin tí ¡malpocadinho!
de presa vou pra vello,
acábanssem'os folgos
branquéanm'os cabelos
e cómeme a morriña
e morro sin remedio!...
.....

Alejandro Miguens Parrado ¹.

«Morriña

Cando m'atopo lonxe
da miña terra
sinto vágoas nos ollos
de pensar n-ela;
pero son bágoas
que me levan as penas
e danme calma.

Cando penso nos bosques,
nas carballeiras,
nos ridentes paisaxes
da nosa terra,
no sinto penas,
pero correnm'as bágoas
pol-as meixelas.
.....

Ernesto Padín ².

Muitos outros exemplos se poderiam citar. Na mesma obra, donde reproduzi os que aí ficam, se encontra *morriña* a págg. 320, 334 etc.

É a propósito dêste vocábulo galego que a Sr.^a Dr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, n-a *Saudade portuguesa* ³, diz:

«Mais abaixo terei de mostrar que esse nome vulgar da saudade, usado apenas na Galiza, e sinonimo de *sarna*, *ronha*, é de origem desconhecida. Note-se que *morriña* não figura no Dicionário galego de Cuveiro-Piñol, nem no de Valladares.»

Na pág. 72 do mesmo livro, diz a ilustre escritora:

«Numerosas vezes [o povo] trata-a [à *saudade*] todavia com ironia, sentenciosamente. *Se saudades matassem ... muita gente*

¹ In *Literatura gallega*, de Eugénio Carré Aldao, 2.^a ed., Barcelona 1911, pág. 215.

² Ibidem, pág. 313.

³ Pôrto (ed. da «Renascença Portuguesa»), pág. 115, nota 49.

morreria! Saudades são secúras... meu amor, dá cá a borracha!
Ou mais rudemente ainda: *Saudade é sarna... Saudade é ronha.*

«*Sarna e ronha.* Estamos perto da *morrinha* que na Galiza é nome da *sarna* e da *saudade*!

«Isso leva-me a mencionar — continua a douta Escritora — que também foi o povo que deu o nome de *saudades* a várias flores roxas, do róseo mais claro, serapintado de alegria branca, até aquela côr escura de violeta que a tradição chama de meio-luto ou das viúvas. Sobretudo à *scabiosa arvense* dos campos, de agradável perfume, e à *atro-purpureata* dos jardins.

«*Scabiosa* — de *scabies*, que é a propria *sarna* — *ronha* — *morrinha*!»

*

Morrinha existe em português, com várias significações. Quere dizer:

a) Abatimento, modorra, quebranto, tristeza acabrunhada... — e, de passo, note-se em castelhano *morriña*, «fig. y fam. tristeza ó melancolia... y así se dice, á fulano le entró la morriña. *Diccionario de la Academia* de 1729¹»

Nós não empregamos *morrinha* por *saudade*, porque êste último vocábulo a nenhum português é grato substituí-lo por outro, — mas sabemos que a «saudade» é uma das principais causas da «morrinha»: a saudade *amorrinha*, é *morrinhenta*:

... «e só tinha encontrado alguma sympathia nos gallegos taciturnos, cheios d'uma saudade morrinhenta,»... — Eça de Queirós, *o Primo Basílio*, 4.^a ed., Porto 1901, pág. 99.

A pessoa *com morrinha*, *amorrinhada*, está indiferente, apática, sucumbida, *como morta*. No significado de *morrinha* influi o verbo *morrer*. Pois não se «morre de saudades»? Não se diz que as «saudades matam»?

.....
e cóme-me a morriña
e morro sin remedio!...²

Os galegos, chamando *morriña* à «saudade», não fizeram mais do que confundir causa e efeito ou, melhor, qualificar o estado de saudade pelo sintoma mais evidente: «*morriña*».

¹ Dic. enciclop. hispano-americano, s. v. *morriña*.

² Vid. a poesia *Morriña*, acima transcrita.

Fizeram exactamente como nós —tenho sempre na mente o povo minhoto — que

b) chamamos também *morrinha* à chuva meudinha, prolongada, impertinente: chuva *que amorrinha*; e que

c) chamamos ainda *morrinha* a um andaço, doença epidémica que, embora leve, seja prolongada; que mace, abata: andaço *que amorrinha*.

A característica é sempre o *abatimento*, *quebranto*, *acabrunhação*... — A saudade, a chuva meúda, o andaço «amorrinham», são *morrinhas*, confundindo-se a causa e o efeito.

d) Há uma doença especial do cão a que se chama também *morrinha*. Tem sintomas que se confundem com os das moléstias que a seguir registo — e é daí que vem o nomeá-las o povo, a tôdas, pelo mesmo nome.

e) *Morrinha* é, e propositadamente deixei êstes dois significados para o fim, *sarna* e

f) *gafeira*.

É o povo que chama à *sarna* ou *ronha* — *morrinha*. *Morrinha*, porém, é, propriamente, a *gafeira* ou *bexigas* dos animais lanígeros. Na *Gazeta das Aldeias*, de 31 de Janeiro de 1915, vem uma consulta (de Casa-Branca) onde se fala de «cabras com *gafa* (sarna)». Há confusão de «*gafeira*» e «*sarna*», sob o mesmo nome de *morrinha*.

Vejamos os sintomas da *sarna*:

«A *sarna* conhece-se sobretudo pelo grande prurido ou comichão que produz na pele dos animais e pelas excoriações e escamas a que essa comichão dá lugar, por os animais se coçarem constantemente. Além do prurido e excoriações localizadas nas partes atacadas de *sarna*, esta doença cutânea causa também, com o tempo, um grande emmagrecimento do animal. A pele, não sendo tratada devidamente, cobre-se de feridas ou espessa-se, enruga, endurece e perde os pêlos. O definhamento do animal por fim é tanto, que se torna apto para contrair qualquer outra moléstia, principalmente de natureza microbiana, como é, por exemplo, a tuberculose ¹.»

Há, pois, na «*sarna*», *emmagrecimento*, *definhamento*, e, portanto, *abatimento*, *amorrinhamento* do animal, — além do *prolongamento* da doença.

Na *gafeira*, doença muito vulgar em o nosso país, também

¹ Artigo do Sr. lente de Medicina veterinária J. V. de Paula Nogueira, in *Gazeta das Aldeias*, n.º citado, pág. 52.

há *tristeza, falta de apetite, abatimento*. A *gafeira* ataca os rebanhos, matando séries de animais, às revoadas, o que a faz *prolongar* muito tempo.

Vêm-se os pontos de contacto das duas doenças, provocadores da confusão popular. Porque ambas *amorrinham*, se lhes chama *morrinha*.

É evidente que nestes significados de *morrinha*—doença—, mais sobressai a influência de *morrer*, a que acima aludi já.

*

Saudade é sarna... Saudade é ronha...—Porque saudade é morrinha.

E se muitas vezes o povo, irónicamente, chama *sarna* ou *ronha* à «saudade» é porque atribui a essas causas distintas semelhante efeito. *Isso não é saudade, é sarna!*, como quem diz: *estás abatido, estás amorrinhado, mas não é por saudades, é por môr de sarna...—Isso é ronha!* Aqui é a ironia popular mais aguda, mais maliciosa, porque *ronha* também quer dizer *impostura, esperteza com cálculo*.

XI. O coração adivinha, etc.

São frequentes frases como: *dizia-mo o coração, o coração adivinhava isto...*

Êstes modos de dizer são a supervivência de antigas ideias fisiológicas. Os antigos supunham que no coração se localizava o «adivinhar». A mesma origem teem as frases: *bons figados, maus figados*. O figado, para os antigos, em certa época da sua sabedoria, era, como ainda hoje o coração, a sede de sentimentos.

Diz António Ferreira na *Luz verdadeyra e recopilado exame de toda a cirurgia* (4.^a ed., Lisboa 1705, pág. 22):

«Foy ordenado pela natureza [o baço], não só para....., senaõ, como dizem os Antigos, para ser assento do rir, como o coração do adivinhar, & saber, os Bofes do fallar, o Fel da ira, o Figado do Amar, donde vem aqueles versos.

*Cor sapit, & pulmo loquitur, fel continet iras,
Splen ridere facit, cogit amare jecur.»*

XII. lázaro — lazeira

Lázaro quer dizer, propriamente, «leproso». É o nome do mendigo bíblico, coberto de chagas, que em vão procurava sensibilizar o mau rico (Vid. *S. Lucas*, cap. xvi).

Não deve deduzir-se que realmente seja a lepra que a Bíblia neste ponto — como noutros — se refira. H. Carrère na tradução que fez da «*Bacteriologia experimental*» de Kolle e Hetsch, juntou a nota: «*Münch croit que les diverses données des livres saints dont on a enrichi l'histoire de la lèpre ne se rapportent pas à cette affection. D'après cet auteur, la lèpre n'aurait été importée de l'Inde en Egypte que dans les derniers siècles avant J.-C.; de là, elle aurait gagné la Grèce, puis l'Italie*»¹.

Basta ler os passos da Bíblia nos quais se tem pretendido ver especificada a «lepra»², para claramente se verificar que tal designação envolve doenças várias, e que razão tem Paulo Bruzon ao dizer: «*Il est à croire que Moïse confondit toutes les dermatoses sous la dénomination générale de lèpre*»³.

Não é, porém, caso único.

Como é regra em Medicina, sob os nomes de doenças, hoje individualizadas, agrupavam-se antes diversas doenças, que pouco a pouco foram desfiadas no decorrer dos tempos.

Nesta conformidade, o que os antigos chamavam *lepra*, ou, melhor, o que nós julgávamos que eles chamavam *lepra*, não correspondia à doença hoje assim chamada, e de que, no aspecto clínico, se distinguem três formas: *lepra tuberculosa* ou *tuberosa*, *lepra máculo-anestésica* e *lepra mista*, esta com caracteres combinados das duas antecedentes⁴. — Os nomes que os antigos usavam podem ver-se, por ex., no *Dictionnaire abrégé des sciences médicales*, Paris 1824, s. v. *lèpre*. — Como sempre sucede, o agrupamento de vários estados mórbidos sob um determinado nome advém de sintomas ou de sinais comuns que aproximam e aparentemente confundem aqueles estados. O que mais deveria chamar a atenção dos antigos, seriam as lesões cutâneas, como foram elas que, pelo tempo adiante, mais feriram a vista do povo. E essas lesões provocariam a reunião de doenças na

¹ *La Bactériologie expérimentale*, por W. Kolle e H. Hetsch, trad. fr. 2.^a ed. (da 3.^a ed. al.), Paris 1911, pag. 438.

² Vid. sobretudo *Levítico*, capp. xiii e xiv.

³ Paulo Bruzon, *La Médecine et les Religions*, Paris 1904, pag. 259

⁴ Kolle e Hetsch, obra e trad. cit., pag. 440.

verdade distintas, incluindo evidentemente a «lepra» propriamente dita.

No citado passo do *Novo Testamento*, não se diz que *Lázaro* fôsse «leproso», mas sim «um pobre mendigo», «todo coberto de chagas». O estar «coberto de chagas» é que provocou o tê-lo como «leproso». E *S. Lázaro* tornou-se o advogado dos leprosos.

É verdade que há mais *Lázaros* e *Sam-Lázaros*, mas creio dever-se, para o caso, identificar *Sam Lázaro*, «advogado dos leprosos», com o «Lázaro» da parábola bíblica.

«Lazaro ou Eleazaro — diz o P.^e Leroy — era então um nome muito commum; nas obras de Josepho apparecem trinta e tres personagens com este nome.

«O Lazaro do Evangelho bem depressa se tornou e ficou muito popular entre os christãos. Era na Edade media o patrono de todos os pobres e dos mendicantes que se chamavam Ladres, uma corrupção de Lazro, abreviatura de Lazaro. Este nome designava d'um modo especial os leprosos e as pessoas atingidas por enfermidades contagiosas; o seu mal fazia lembrar as chagas do pobre Lazaro, e chamavam-se Ladrerias os hospitaes onde estes desgraçados eram tratados. Os nossos Lazaretos modernos, os Lazzaroni de Napoles e a prisão de S. Lazaro de Paris, tiram as suas denominações da parábola que explicamos ¹»

A respeito do «Hospital de S. Lázaro», de Lisboa, lê-se no *Anuário da Universidade de Lisboa*, coordenado por António Joaquim Pereira Machado ²: «temos..... como coisa certa que foi cedido para *nele se recolherem sómente os gafos e os doentes do mal de S. Lazaro*, conforme expõe o vereador Gaspar Ferreira Aranha na consulta que estamos anotando, e o confirma a mencionada carta regia [de 25 de Outubro de 1452], isto é, para as pessoas atacadas de lepra e de outras afecções cutaneas de mau character;» «lazaros, nome por que designavam os leprosos e que vai buscar a sua origem no Evangelho de S. Lucas, cap. 16.^o, na parábola do mendigo Lazaro que era o santo padroeiro da mencionada ordem religiosa [Cavaleiros hospitalários de S. Lazaro], e o mesmo de quem tomou a invocação o instituto hospitalar de

¹ P., Hypolito Leroy S. J., *Jesus Christo — sua vida e seu tempo. Lições de Escripura Sagrada pregadas em Paris e Bruxellas*. Versão da Empresa Editora da «Revista Catholica». Viseu 1911. Volume VI, 6.^a lição, pág. 123-124.

² Ano lectivo de 1915-1916; 2.^a parte; Lisboa 1917, pág. 108-109.

que estamos tratando, bem como todos os seus congêneres disseminados pelo reino ».

A «lepra» — dando ao vocábulo o significado vago que êle teve realmente — chamou-se *mal de S. Lázaro* — e, entre nós, ainda *mal de S.^{to} Antônio, fogo selvagem* (como a designou Afonso X) e *fogo sacro*¹.

Lázaro, como é natural, quer dizer também *chaguento*, e *ferido*, como notou A. R. Gonçalves Viana, *Apostilas aos Dicionários portugueses*, II, 62, s. v. *lázaro*. — De uma criatura a quem moeram de pancadas, diz-se: *ficou um lázaro*. O P.^c A. Gomes Pereira, in *Rev. Lus.*, XII, 106, registou «*lazaros*, pessoa maltratada ou pisada», como da linguagem de Vila-Rial, mas em tal acepção é o vocábulo corrente fora de Trás-os-Montes também. — No periódico lisbonense *a Vanguarda*, de 13 de Outubro de 1917, encontro: «Que se a inveja fosse tinha, o estava como um lazaro chapado», frase que documenta outro emprêgo de *lázaro* e a persistência até hoje da confusão a que acima aludi, confusão que também se encontra em livros, nomeadamente dicionários; o de Vicente Salvá, por exemplo, regista (7.^a ed., Paris 1865): *Mal de San Lázaro*. Especie de lepra (s. v. *Mal*). — *Sanlázaro*. Tiña. — *Lázaro*. . . . El que padece la enfermedad llamada tiña ó sanlázaro. — E por sua vez o vocábulo *tinha* exprime várias doenças cutâneas.

Em Évora, *lázaro* equivale a *asilado*; em Milão, também aos asilados chamam *lazzari* (Vid. Gonçalves Viana, *loc. cit.*). *Lázaro* é ainda o «miserável», o «desgraçado».

*

Passemos agora ao vocábulo *lazeira*. Dizem os dicionários:

lazeira.... Magreza.... Miseria. Pobreza. — [*Dicc. port.-fr.-e-latino*, de Costa e Sá, Lisboa 1794.]

lazeira.... (do Vasconço, *Laceira*) Desgraça, calamidade, trabalhos, feridas levadas da guerra. *Nobiliario*. §. Pobreza, miseria. *Eufr.* 1. 2. *tirar da lazeira*: remediar os damnos, trabalhos, e miseria. *M. Lus.* §. Lepra. — [*Dicc. de Moraes*, 3.^a ed., Lisboa 1823]

lazeira.... (do Vasconço *latza*, aspero, escabroso, e no sentido de *pobre*, do Vasconço *landerra*, pobre, miseravel), pobreza, miseria; lepra; desgraça; calamidade. [*Novo Dicc.*, de Constâncio, 6.^a ed., Paris 1858.]

¹ Vid. *O Instituto*, vol. 49.^o, pág. 498-499 (artigo *História da Beneficência pública em Portugal*, do sr. Vitor Ribeiro).

lazeira.... desgraça, adversidade, desventura, males, feridas apanhadas na guerra....

—Pobreza, miseria, indigencia, penuria, inopia.

—Lepra, mal contagioso.

—Ex.: *tirar alguém da lazeira*; remediar a sua miseria e penuria.— [Gr. *Dicc. port.*, de Fr. Dom. Vieira, Pôrto 1873.]

lazeira.... Miséria. Desgraça. Lepra. Fig. Fome: *cair de lazeira* (De *lázaro*).— [Novo *Dicc.*, de Cândido de Figueiredo, 2.^a ed., Lisboa 1913.]

O vocábulo é paralelo ao esp. *laceria*, com o qual já o sr. A. A. Cortesão, nos seus *Subsídios para um Dicc. completo*, o manda confrontar.

laceria.... pobreza, indigencia.— ant.: fatiga, incomodidad, trabajo.— Mal de San Lázaro.— [Dicc. *enciclopédico de la lengua esp.*, Bibliot. de Gaspar y Roig, Madrid 1855.]

***laceria**.... Miseria, pobreza. *Inopia, egestas.* || [ant. Incomodidad.] trabajo, fatiga, molestia. *Molestia, incommodum.* || ant. Entremedad de San Lázaro. *Lepra*.— [Nuevo *Dicc de la Lengua castell.* «que comprende la última edicion íntegra, muy rectificada y mejorada del publicado por la *Academia Española*», de Vicente Salvá, 7.^a ed., Paris 1865.]

E a par com *laceria*: — **lacer**.

lacer.... ant.: *laceria*.— [Dicc. *enciclop.*, cit.]

lacer.... ant.: *laceria*.— [Dicc. de Salvá, cit.]

Ainda em esp. ant. há **lacerio**, *m.* como **lacer**.— De *lazer*, em port., dizem os dicionários:

lazer.... antiq. Vagar, commodidade, *v. g. não tive lazer de fazer isso.* (do Inglez *leisure*. B. Per. «Não lhe dando ainda *lazer* para morrer». *Ceila*, *Sermão*, 127.— [Moraes].

lazer.... (do Fr. *loisir*), ant. vagar.— [Constâncio].

lazer.... (do francez *loisir*). Espaço de tempo necessario para fazer alguma coisa a geito.

—Tempo que fica disponivel depois das occupações.

—Vagar, pachorra, commodidade.

—Estado em que é lícito fazer o que se quer.— [Dom. Vieira.]

lazer.... O mesmo que ócio. Vagar, passatempo (do lat. *licere*).— [Cândido de Figueiredo] 1.

Lazeira, na Beira-Baixa, Alentejo e ainda na Estremadura, quer dizer «preguiça», «indolência», «quebreira», significado êste que não vai contra o de *lazer* em português. Em tal sentido encontra-se o voc. em Fialho:

¹ *Lazer* corresponde ao it. *leccre*, fr. *loisir*. Vid., por exemplo, *Dict. latin-fr.*, de Theil, s. v. *licet* (Paris 1867, 2.^a ed.).

«Assim a palestra vai a sabor das recordações dos tempos d'estudante, quando a minha lazeira d'alentejano sul, raro disciplinavel aos methodismos classicos do trabalho...» [*Os Gatos*, 2.^a ed., vol. IV, pág. 132].

Os vocábutos *lazeira* e *lazer* encontram-se aproximados no *Dicc. da Lingua port.* de Bernardo de Lima e Melo Bacelar (Lisboa 1783):

«.... [laz]eira: [laz]er;.... fraqueza: e vagar na obra.»

No Minho, *lazeira* é corrente por *fome*. *Caír de lazeira* é «caír de fome».

«.... de lazeira estou caíndo.» [*Lusa*, I, pág. 123.]

Ao passo de Fialho, acima transcrito, ajuntarei outros do mesmo autor, nos quais se encontra o voc., e que servirão para frizar o vário uso dêle:

«O mau humor do rei..... é uma coisa tão..... comicamente avulsa no ronronar da sua gôrja e na comatosa lazeira que o esbodega,...» *Os Gatos*, IV, pág. 266.

«Cada velhito vem de casa, arrastando a lazeira dos annos,...» *País das Uvas*, já cit., pág. 26.

«Ou aquelles miseros abandonam o leito, para ir á sede de residencia do medico, e então a miseria dos vehiculos que os transportam, a agrura do tempo, a extensão e a má qualidade do caminho, compromettem-lhes a vida, com o aggravarem-lhes a lazeira; ou....» *Vida irónica*, 2.^a ed., Lisboa 1914, pág. 233.

O sr. Alberto Saavedra n-a *Linguagem medica popular de Fialho* (reimpressão, Pôrto 1916), incluiu *lazeira*, «fome, miséria fisiológica», abonando o voc. com o passo ultimamente citado e outro do livro *Á Esquina*:

«.... esquecer as amarguras da sua faina habitual, e afogar nas farturas crassas dum dia, talvez que a lazeira sinistra de meses de vida madrastra e precisada!» (2.^a ed., Lisboa 1915, pág. 199).

Os vários significados de *lazeira* ai ficam expostos. Giram, afinal, em volta de um mesmo núcleo ideológico. O significado «preguiça» é que, à primeira vista, parece destoar. Mas não é natural que haja «preguiça», «indolência», «quebreira» num «desgraçado», num «miserável», num «faminto», etc.? Depois, facilmente se passava da «preguiça» patológica para a viciosa.

Demais, encontro no *Dictionnaire abrégé des Sciences médicales* (edição de Panckoucke), Paris 1824, vol. X, s. v. *lèpre*:

«L'apparition de la *lèpre crustacée* : est ordinairement précédée de mélancolie, de tristesse insurmontable, de faiblesse, de lassitude extrême, que le repos le plus prolongé et les meilleurs alimens ne peuvent faire cesser» (pág. 403).

Este facto concorreu por certo para que *lazeira* viesse a significar conjuntamente *lepra*, *lassidão*, *preguiça*, *fraqueza*, *fome*, *miséria*, etc.

Para completar o registo dos significados de *lazeira*, notarei que para estas bandas de Viana-do-Castelo se emprega muitas vezes o voc. depreciativamente, em expressões como: *que lazeira!*, *olha a lazeira!*, correspondentes pouco mais ou menos a: *que asnice!*, e acêrca de pessaas pretenciosas ou farófiás. Ainda no livro brasileiro *Diccionario da Marinha portuguez-frances-inglez e vice-versa*, de Adolfo Tiberghien, Rio-de-Janeiro 1872, encontro: «Lazeira — Evitage — Swinging Birth.»

Viana-do-Castelo, Novembro de 1917.

CLÁUDIO BASTO.



1 Nesta lepra é compreendida a *lepra vulgar* (Vid. loc. cit., pág. 401-403).

TRADIÇÕES POPULARES

DE

SANTO TIRSO

(2.^a série)

(Continuado do vol. XXI da REVISTA LUSITANA, pág. 64-68)

XII

Lendas e narrações

1 — *Linguagem dos sapos:*

— Vais ao serão?

— Eu vou. E tu?

— Eu, não.

2 — Cs chascos, no seu canto, querem que o Menino Jesus morra e os piscos não.

3 — Os tordos encontraram-se com as andorinhas e perguntaram-lhes:

— Onde vindes, andorinhas, que ides tam poucas e vindes muitas?

Ao passarem pelos tordos, fizeram também as andorinhas a pergunta:

— Aonde ides, tordos loucos, que fostes muitos e vindes poucos ¹?

4 — Os pedreiros são amaldiçoados: Quando Nossa Senhora ia para o Egito—a cavallo numa gerica, eles pegaram nesta e atiraram-na para cima duma casa com um guincho.

5 — As pinhas foram amaldiçoadas, ficando a estalar no verão, por terem denunciado a passagem de Nossa Senhora para o Egito.

O mesmo se diz dos tremoços ².

6 — *História da sacha:*

No principio do mundo, S. Pedro decreou o milho; depois arrendou-o, e ia sachá-lo terceira vez, quando o Senhor lhe disse:

¹ Cfr. *Trad. Pop. de Port.*, pág. 167.

² Cfr. *Ensaios Ethnogr.*, t. III, pág. 106.

—Não saches mais, Pedro, que o lavrador não pode com tanto!

Ficou assim o costume de sachar o milho duas vezes.

Nos lugares onde se festeja o S. Pedro, ainda hoje vão pelos campos procurar um pé de milho que já esteja espigado; cortam-no, e colocam-no encostado à imagem daquele santo ¹.

Em Areias levam-se os pés de milho à capelinha de S. João.

7—Na freguesia de S. Miguel do Couto, existe a pia de S. Rosendo «da qual se conta, que querendo trazella para S. Thyrsio hum Dom Abbade, levando para isso muitos homens, e boys, nunca a puderão mover, e voltando para seu lugar, humas fracas vacas a levãrão» ².

É uma lenda muito espalhada em vários países, e que se conta a propósito do Senhor de Matozinhos, da Senhora da Serra no Marão, etc.

Quando visitei o Marão, contou-mo o guia, referindo-se à imagem da Senhora existente na ermida do alto da Serra:

Um dia, os da Teixeira quizeram levar a imagem para lá, mas esta voltou para o seu antigo lugar.

Julgaram que podiam evitar a fuga, fechando a imagem numa caixa, mas no dia seguinte lá appareceu novamente a Senhora na Serra ³.

8—Contava em tempos uma velhinha do Monte Córdova:

—Muito felizes são os de agora!—dizia minha bisavó—Agora há fornos e no meu tempo cozia-se o pão numas pias...

Naturalmente o dito era repetido pela bisavó, mas pertencia já a outro ascendente mais afastado, sendo de notar, porém, que a freguesia do Monte Córdova é, pela sua situação, aquella que melhor pode conservar as tradições antigas ⁴.

9—O Snr. P. Joaquim Pedrosa pensava há muito que, no lugar do Corvilho, próximo da vila, deveria ter existido um castro romano.

Há meses começaram a cavar no Corvilho os alicerces do novo hospital, e o apparecimento de alguns vasos veio dar razão a tais suposições.

¹ Tradição colhida em S. Simão de Novais (Famalicão) pelo meu irmão Dr. Joaquim A. Pires de Lima.

² P. Carvalho, *Corografia Portuguesa*, t. I, pág. 326 (2.^a edição). V. Alberto Pimentel, *Santo Thyrsio de Riba d'Ave*, pág. 52.

³ Cfr. *Revista Lusit.*, vol. 19, pág. 211, P. Obligado, *Tradiciones Argentinas*, pág. 113, e *Lusa*, Ano II, pág. 163, n.º 4.

⁴ Informação do distinto arqueólogo e digno abade de Santo Tirso, P. Joaquim Pedrosa.

Estando um dia numa farmácia aquele meu amigo a conversar sôbre o caso, ouviu a uma mulher:

— Bem dizia a minha avó que não queria as casas que se fizessem no Corvilho, pois lá apareciam bruxas e era um cemitério antigo.

Ora é possível que, em tempos recuados, se descobrissem algumas sepulturas no lugar, e que à volta delas se estabelecessem as lendas sôbre a aparição das bruxas.

Eis um caso que vem demonstrar mais uma vez a importância das tradições no estudo da arqueologia.

XIII

Fabulário

I — A raposa e o pisco

Uma vez a raposa disse ao pisco:

— Vou-te comer.

— Não me comas, que ainda sou pequenino e não te encho a barriga. Vem ali uma mulher que vai levar o jantar ao homem. Ela há-de querer agarrar-me, pouso a giga, e tu enches-te.

Assim foi: O pisco chegou-se para a mulher, que pousou a giga para o agarrar e a raposa comeu o que estava dentro da giga.

Depois o pisco veio para a beira da raposa e perguntou:

— Encheste a barriga?

— Enchi.

— Agora que querias mais?

— Encher a barriga de rir.

— Anda comigo.

Chegaram a um campo onde andavam uns cavadores, e o pisco pousou na cabeça da gente que andava a cavar, e a gente procurava dar com a sachola no pisco, que no fim voltou a perguntar à raposa:

— Encheste a barriga de rir?

— Enchi.

— E agora que querias mais?

— Queria mijar.

— Anda daí comigo e hás-de pôr os pés onde eu puser.

O pisco foi andando por um caminho onde havia uma ra-

toeira, e passou em cima dela sem lá ficar, mas a raposa ficou prêsa.

Então a raposa disse assim para o pisco:

— E agora?...

— Agora fica aí!

2 — O rato do monte e o rato do moinho

O rato do *munho*¹ encontrou o rato do monte e disse-lhe:

— Ó rato do monte, tu estás tam magrinho!

— Não que aqui não há que comer...

— Anda para o *munho* que lá há muito que comer. Olha como eu estou gordo! Há lá muita farinha e milhinho.

Lá foram os dois para o *munho*, e, quando lá chegaram à porta, disse o rato do monte:

— Entra para dentro, que tu já sabes os costumes.

O rato do *munho* entrou, mas foi papado pelo gato.

O rato do monte fugiu e disse:

— Papa, gato, que é gordinho,

Antes quero ser do monte e ser magrinho,

Que ser do *munho* e papadinho...

3 — Os três galos

Um homem e uma mulher tinham três galos. O homem saiu e veio ficar com a mulher um frade.

Depois de o frade ir embora, veio o homem e o galo cantou:

— Esta noite ficou cá um frade!

A mulher disse:

— Êste galo tem coisa ruim!

E o homem:

— Ê melhor matá-lo.

Assim fizeram, mas ao outro dia outro galo cantou:

— Mataram o meu irmãozinho por dizer a verdade!...

Quando ouviu isto, a mulher tornou a dizer:

— Ó homem, êste galo também tem coisa ruim!

E o homem disse assim:

— Ê melhor matá-lo.

No terceiro dia o derradeiro galo cantou:

— Quem nesta casa quiser morar,
Ê ver, ouvir e calar.

¹ Assim pronuncia o povo a palavra moinho.

4 — A raposa e a pêga

Numa árvore grande moravam a raposa e a pêga: a pêga no andar de cima e a raposa no andar de baixo.

Um dia a raposa disse à pêga:

— Queres que *envine* os teus filhinhos a ler?

— Quero.

E a pêga mandou um e a raposa comeu-o. A raposa tornou a dizer:

— Manda outro que este já sabe.

A pêga foi mandando assim os filhos para baixo, e a raposa comeu-os todos.

Mais tarde, a pêga lembrou-se dos filhos:

— Ó raposa, que é dos meus filhos?

— Eu tinha muita fome e comi-os.

Então a pêga disse assim:

— Queres vir comigo às festas do céu?

— Não, que eu não tenho asas.

Tu pegas com a bôca no meu rabo.

A raposa agarrou-se com a bôca ao rabo da pêga, e lá no ar a pêga perguntou:

— Inda vês casas?

— Inda.

Mais acima, a pêga tornou a perguntar:

— Inda vês pinheiros?

— Vejo.

A pêga andou mais um bocado.

— Inda vês casas?

— Agora já não vejo casas nem pinheiros.

— Retira-te de mim!

— Não que eu caio.

— Retira-te de mim já!

E a raposa retirou e dizia no ar:

— Se desta escapar,
Às festas do céu
Não hei-de tornar...

Caiu cá abaixo e ficou como um bôlo.

5 — O leão e o bicho-homem

O leão dera de conselho ao filho:

— De todos os bichos zombarás, só do bicho-homem, não.

O filho foi logo passear a ver se encontrava o bicho-homem, pois se lhe não dava de ter uma *luta* com êle. Encontrou um burro velho, cansado do trabalho e perguntou-lhe se êle era o bicho-homem.

Respondeu o burro que não, mas que fôra o bicho-homem que o pusera assim.

Mais adiante estavam uns bois desprezados que disseram a mesma coisa.

Depois encontrou um homem a lavar com uns bois e um rapaz, e o leão fêz a mesma pergunta.

O homem botou a vara ao alto e respondeu que era êle o bicho-homem, e o leão disse-lhe se queria *lutar*.

O homem disse que sim, mas que fôsse ter a um sitio, onde tinha um poço estreito em cima e mais largo em baixo, coberto com queirós, para caçar o lobo.

O leão foi e caiu dentro do poço; daí a um pedaço, chegou o homem com a vara e começou a chuchar para aqui e para ali.

Diz o leão:

— Atravessa-me antes os ouvidos dum lado ao outro com a vara, já que não ouvi os conselhos do meu pai ¹.

6 — A pêga e o sapo

A pêga disse um dia ao sapo:

— Se tu queres ver uma festa bonita, anda *a* mais eu.

— Aonde?

— Anda *a* mais eu; apegate ao meu rabo, mas olha que não fales.

— Ai, não falo.

Chegaram lá muito alto e o sapo disse:

— Ainda é muito longe?

Abriu a bôca e caiu por aí abaixo...

¹ A informadora ouviu a história ao pai, já falecido, homem esperto e dado à leitura de livros e folhetos.

Talvez êle a colhesse na leitura, aproveitando-a como lição de obediência a transmitir aos filhos.

7 — A raposa e a garça

A raposa disse assim para a garça:

— Havemos de fazer uma função.

— Quando combinares, eu venho cá.

Ó *despois* a raposa fez uma função de papas; pô-las muito rarinhas, e estendeu-as muito estendidinhas em cima da lareira.

A garça, como era com o bico, não aproveitava nada, e a raposa com a língua lambeu aquilo tudo num instante.

Ainda assim a garça deu-se por muito *'stifeita*, e disse à raposa:

— Também hás-de ir a minha casa, que eu hei-de fazer uma função.

Então a garça, um dia, chamou a raposa; fez as mesmas papas, e botou-as numa *almotaria*. Com o bico comprido comeu-as *acaijo* tôdas, e a raposa, com a língua, era só lamber em volta...

8 — O lóbo e a raposa

O lóbo caiu no poço e a raposa disse-lhe cá de riba:

— Tu não vens para fora?

— Eu não posso, mas põe-te nesse balde e anda cá abaixo.

A raposa pôs-se no balde e o lóbo veio para cima agarrado à corda.

Quando iam a passar um pelo outro, disse o lóbo:

São *estanças* da vida,

Uns p'ra baixo, outros p'ra riba...

XIV

Costumes

1 — Em Outubro, quando as colheitas estão a findar, saem para a Póvoa-de-Varzim muitos lavradores e artistas.

Na estação da Trofa vêem-se todos os dias dezenas d'esses crentes na panaceia dos banhos do mar, tomados nas condições mais anti-higiénicas. Levam baús, sacas com géneros, e pouco ou nada gastam nos estabelecimentos da Póvoa.

Como as cebolas são uma parte importante da alimentação de tais banhistas, pois muitos lavradores satisfazem-se dias e

dias apenas com êsse conduto, receberam os frequentadores modestos de Outubro o nome de *çaboleiros*,

2 — Para afastar os *pássaros* ¹ do milho alvo, vão os lavradores ter com um homem que seja enganado pela mulher.

Pedem-lhe que aguçe um pau, sem dizerem o fim para que o desejam.

Em seguida dão três voltas com o pau em redor do campo, dizendo:

Passarinhos, ao monturo,
Que aqui está pau de cornudo.

Dadas as voltas, espetam o pau no campo, e os *pássaros* vão para o monte, e nem sequer *enxertam* ² o milho alvo. (S. Simão de Novais) ³.

Em Vairão (Vila-do-Conde) usa-se uma fouce espetada num grande mastro para afastar os minhotos.

3 — Disse o Snr. Alberto Pimentel (*Santo Thyrsó de Riba d'Ave*, pág. 233) que «quasi todos os lavradores cultivam linho para consumo de sua casa, quando não seja para negócio».

Há nessas palavras um bocadinho de romance, pois é relativamente insignificante o número de lavradores que se dedicam à cultura do linho, a qual vai decaindo de ano para ano.

E o exagêro da informação leva-nos a não ligar inteiro crédito às palavras empregadas na página seguinte da mesma monografia, sobre a *arrincada*.

À semente do linho arrancada com os ripanços ouvi chamar *bagarela*. Quando o linho se *afoga* em água corrente (de ordinário no rio Ave), é preciso demorá-lo três ou quatro dias; sendo em água *parada*, sete dias.

Tirado da água, o linho estende-se num campo e aí permanece nove manhãs (Areias).

Quando se arranca e ripa o linho, parece ser costume intercalar o trabalho com danças e apupos ⁴.

4 — Nas malhas do centeio não se observa já o entusiasmo de outros tempos.

Recordo-me de assistir a algumas em que se davam gran-

¹ A palavra pássaro designa tôdas as espécies de aves não domésticas.

² Etimologia popular por—encetar, começar.

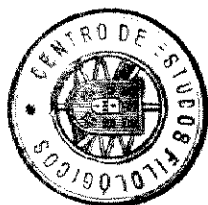
³ Freguesia do concelho de Famalicão, próxima de Santo Tirso. Informação de meu irmão Dr. Joaquim A. Pires de Lima. Na Figueira-da-Foz usam-se nas searas armações de bois, carneiros. V. M. Cardoso Marta e Augusto Pinto, *Folklóre da Figueira da Foz*, pág. 84.

⁴ *Jornal de Santo Thyrsó*, n.º 109, de 30 de Julho de 1885.

des apupos e se festejava o dono da casa, fugindo o chefe da *quadrilha*, o *abegão*, ao agarrar uma broa, o que dava motivo a perseguições e scenas picarescas.

O membro da *quadrilha*, que malha na extremidade, com a mão direita, chama-se *mão*; o da esquerda é *espada*. Ambos preparam a palha para o companheiro do meio malhar de modo que se ouça ao longe. A malha ouve-se às vezes a grandes distâncias, que não se aproximam ainda assim, na minha opinião, da *lêgua ou mais* em que fala o Snr. Alberto Pimentel ¹.

A pedir vinho, cantam os malhadores:



Há uma vaca nos Reis ²,
Que também tem um bezerrinho;
A vaca chama-se *Andoba*,
E o bezerro *Andôbinho* ³.
Ó malhar das espigas
Se canta o *Albo*:
Pão branco e *binho*,
Ó senhor meu amo,
Binho e pão branco.

As eiras de terra ⁴ são endurecidas e alisadas antes das malhas.

Depois de se regarem, anda-se sobre elas com um *vasculho*, isto é, uma vassoura grande com um pêso em cima.

Para varrer as eiras usam-se vassouras de codessos (*caneiros*).

— O centeio é *barroso* quando se semeia cedo e dá ferrã, que o gado come depois de segada ou na própria sementeira; ao que se semeia mais tarde, chama-se *galego*.

— O primeiro milho (*milhão*) que se semeia chama-se de *fôlha*; o semeado nos campos que já produziram centeio ou trigo é *restivo*. Além do *milhão* ainda semeiam alguns lavradores *milho alvo* e *painço*.

O pão *meado* de que falam os prazos antigos e o *Livro do registo dos testamentos* da freguesia de Areias (v. g. um testamento de 1775), era metade de centeio e metade de milho alvo.

Os feijões que costumam semear os lavradores em Areias

¹ Santo Thyrsso de Riba d'Ave, pág. 234.

² É possível que haja aqui referência à casa dos Reis, na freguesia de Avidos (Famalicão).

³ *Andôbinho* quer dizer: venha vinho!

⁴ *Calcadouros (Livro dos Usos e Costumes da freguesia de Areias)*.

teem os seguintes nomes: *amarelo*, *branco*, *galego* ou *miúdo* ¹, *manteigueiro* (branco também), *moleiro* ² (amarelado), e *de trepar*.

— As qualidades de vinho são: *Bastez*, *vinhão* ou *tinto*, *vinhão mole*, *bogalhal* ou *borraçal*; *azal*, *azal doce* e *azal branco*; *pé-de-perdiz*; *espadeiro* ou *espadal*, *mourisco*, *verdelho*, *alvaroco* e *americano* (êste último de introdução moderna).

Num testamento de 1775 (Livro do respectivo registo da freguesia de Areias) lê-se: «...doze almudes (de vinho) sendo mole (isto é, logo depois de pisado) aquatorzeado (de catorze canadas)...»

Na época das vindimas, onde a animação é tam grande como na da ceifa e malha de centeio, os vindimadores que vão à frente gritam para os retardatários:

— *Venha a vassoira!*

Além do vinho, muitos lavradores fabricam *água-pé* ou *dispensa*. Para isso estendem o *brolho* ou *bagaço* (depois de espremido, quasi sempre) no lagar, juntam-lhe alguns almudes de água, e pisam sobre a mistura uns poucos de cestos de uvas para que ela ferva.

Em anos de pouco vinho, usa-se a *chincerineta*, que se obtêm lançando o *bagaço* dentro duma vasilha que se enche de água.

Por cada cesto de *bagaço* costumam os proprietários dos alambiques dar um quartilho de *aguardente*. Quando os areómetros já não registam gradação, chama-se ao liquido destilado *água-doce*, a qual é aproveitada para regular os graus da *aguardente* e na fabricação de licores de *café*, de *canela* e de *hortelã*.

— Processo de curtir azeitonas:

Deitam-se num cântaro cheio de água, que se muda duas ou três vezes de oito em oito dias.

Tiradas daquela água, metem-se em *salmoura*. Para se reconhecer se a solução tem o sal sufficiente, deita-se dentro um ovo. Se êste vier à superfície, a água está boa.

As azeitonas devem tirar-se com uma colher e nunca com a mão para não ficarem *sapateiras* (moles) (Areias).

— No focinho dos porcos espetam-se arganeis, para que aqueles não possam fossar na terra e arruinar as paredes ou tabuado do *côcho* ³ (corte).

¹ *Fradinho*, em algumas terras.

² *Nogueirinha* (colhido na feira da Régua).

³ *Côcho*, o mesmo que porco, diz o *Noto Dicionário*. Mas em Areias emprega-se: *côcho* dos porcos, isto é, a corte dos porcos.

Os *porcos de corda* são aqueles que, não sendo já de leite, vão para a feira com uma corda atada a uma perna.

— Em frente das casas há um espaço de terra, onde se racha a lenha, e se dispõem as achas em castelos, servindo também para depósito de lenha. É a *bouziaria* ou *frascal*.

— Às dez horas da manhã e pela tarde distribui-se aos jornaleiros uma pequena merenda a que se dá o nome de *pêgo*.

5 — A um lavrador surpreendi a frase: — Os *carpinteiros agora teem senhoria!*

Queria êle dizer que se tornava necessário andar de chapéu na mão a pedir aos carpinteiros fôsem fazer êste ou aquele trabalho.

6 — Nesta *Revista* (vol. xviii, pág. 189) referi-me a certos termos usados pelos pedreiros.

Eis alguns *verbos* que a muito custo arranquei de um antigo pedreiro:

Aquesso, *adv.* acolá, aqui.

Aureta, *f.* Água.

Bitânculas, *f. pl.* Ventas, rosto.

Begúio, *m.* Olho.

Bucha, *m.* Patrão.

Chusmo, *m.*, ou **chusmeira**, *f.* Vinho.

Enes, *pron.* Nós.

Gido, *adj.* Bonito, bom.

Guito, *m.* Pão.

Inhorrento, *adj.* Feio, desageitado.

Marafunho, *m.* Nariz.

Murrona, *f.* Mulher.

Parar, *v.* Aparecer, ver-se, dar.

Trefe, *adj.* Feio, mau.

Vai dó, *interj.* Quem dera! Não há dúvida. (Antónimo de *tó rôla!* = isso sim!).

Quando passa uma mulher diz um, por exemplo:

— *A murrona que se pára àquesso é gida; tem as bitânculas gidas.*

Se assim é, dizem outros:

— *Vai dó!*

De contrário, respondem:

— *É muito inhorrenta, ou muito trefe.*

O primeiro que vê o patrão ou mestre grita:

— *Pára s'aquesso!*

Chegando o patrão, para lembrar que beberiam de boa vontade:

— *O bucha dos nossos enes se parasse chusmeira àquesso...*

Respondem outros:

— *Vai dó! era gido.*

— Os mineiros também comunicam uns com os outros, sem que os entendam os estranhos à arte, designando o vinho por *baio*. A frase — *separ se moca!* — indica a chegada do patrão ¹.

7 — Nos dias de feira vêm-se muitas pessoas, voltando da vila com enfiadas de sardinhas: Arranjam um ramo de salgueiro, terminado em gancho, e enfiam na haste as sardinhas pelos olhos.

8 — No dia de S. Vicente (13 de Janeiro) leva-se uma luz ao monte, à meia noite, para se verificar pela direcção da chama de que lado corre o vento.

Se o vento soprar da serra (leste), o ano será sêco e de muito vinho; soprando do sul, o ano correrá húmido e os moleiros ficam sabendo que não precisam ir ao Rio Ave no verão ²; estando o vento norte, haverá muito frio (nortadas).

Voltando-se as pombas para Santo Tirso (vento sudoeste), é sinal de chuva, e o mesmo sucede ouvindo-se os sinos daquela vila ou os carros chiar na estrada de Guimarães ai por altura de Rebordões (S. Simão de Novais, Famalicão).

Indica chuva também o tocar dos sinos de Santa Cristina (sul), S. Martinho de Bougado e Ribeirão (oes-noroeste) (Areias).

As *Sortes* ou *Têmporas* de Santa Luzia tiram-se a começar no dia 13 de Dezembro. O aspecto dêsse dia indica o que será o mês de Janeiro; o dia 14, Fevereiro, e assim por diante até 24. De 25 em diante faz-se o prognóstico, mas às avessas: 25 indica Dezembro, 26 Novembro, etc. ³.

9 — Vários ditos populares:

a) — *Os de Santo Tirso...* (Esta expressão serve para designar os empregados públicos da vila, e especialmente os oficiais de diligências, que o povo das aldeias vê com maus olhos).

b) — Da comparação — *Fino como um rato* — nascem as frases irónicas: *E fino, mas não caça ratos...*; *caça ratos a dormir, mas, acordado, deixa-os ir...*

c) — *F. não está na peça*, não anda bom, passa mal de saúde, tem alguma coisa que o incomode.

¹ Cfr. *Revista Lusit.*, vol. XIX, pág. 160.

² Alguns costumam moer em moinhos e azenhas que existem junto de certos ribeiros durante o inverno; falhando a água no verão, passam para o rio Ave.

³ V. esta *Revista*, vol. XVII, pág. 51.

d) — *Apanhar um orvalhico* (Orvalhico é alguma doença venérea).

e) — ~~O dinheiro não chega a meia missa, não chega a nada.~~
— ~~As cerimónias são para a missa~~¹.

f) — *Vai olhar os pilos ao abade*... (Diz-se de uma criança que morre, e que, portanto, vai para o cemitério perto do qual fica a residência).

g) — *O lume não deve passar acima da borralheira* (É um conselho de economia, paralelo do ditado = *três luzes a arder deitam uma casa a perder*. São falados alguns fornos que arruinaram boas casas de lavradores).

h) — *Casaquinha de aparta barulho, ou de rabo de pêga, fraque, casaca*.

i) — *Trovada ao norte!* (Diz-se quando passa alguém de cartola).

j) — *Ui! que saem as tripas gordas, que as finas não cabem*... (Dizem-se estas palavras, zombando das crianças, quando elas choram por se terem ferido ligeiramente).

k) — Chama-se *pelote* a um homem que se apresenta bem vestido. *Em pelote, em leitão*, nu.

l) — *Olhar para ontem*, ser distraído ou pouco activo no trabalho.

m) — *Ver Braga por um canudo, ficar a ver navios*, ser lo-grado, não conseguir o que se deseja.

n) — *Com tolos nem para o céu!*... (Diz-se quando se ficou mal por tratar com pessoa pouco assisada).

o) — *Vá sempre ao direito do nariz*... (Frase irónica para ensinar o caminho a alguém).

p) — *Vai-te e sai-te!* (Exclamação de espanto perante algum acontecimento extraordinário).

q) — *Tomar os câezinhos*, zangar-se com alguém.

r) — *O demónio é tendeiro, fez a tenda sem dinheiro*... (Os trabalhos levantam-se debaixo dos pés).

s) — *Você não tem mais nada, você pega*... (Princípio duma indicação qualquer).

t) — *Pesa-te pelo que fica!*... (Censura dirigida aos comi-lões).

u) — A comida apanhou *bispo*, isto é, esturrou-se. Informaram-me que, em Vila Rial, quando a sopa está salgada, é costume dizer-se: *A cozinheira lembrou-se hoje de casar!*

¹ Cfr. esta Revista, vol. xvi, pág. 139.

v) — *Parece que tem bichos carpinteiros a rabear...* (Diz-se de uma criança demasiadamente brincalhona, traquina).

w) — *Que é dela?* (Pronuncia-se — *Q'a dela*). *Anda aos câis* (Resposta maliciosa).

x) — As crianças designam-se pelo nome genérico de *cana-lha* (Cfr. Snr. Alberto Pimentel, *Santo Thyrso de Riba d'Ave*, pág. 219).

y) — *Parece um calça-púc'ros...* (Diz-se de uma criança pequena que começa a usar calças). *Calça-púcaros* é a pedra que serve para calçar as panelas ou púcaros na lareira.

Ver-se em calças pardas, numa camisa de onze varas, atrapalhado.

z) — *Põe-me o sal na moleira* (= Dá-me trabalhos, aflições, faz-me zangar).

a') — *Ter fastio comedor* (Frase irónica que costuma aplicar-se a quem nunca sofre do fastio).

b') — Quando se chama bonita a uma rapariga, ela responde às vezes: — *As bonitas andam pelas paredes...* (Bonitas são as dôninhas).

c') — *Dar terra para feijões* (Fugir a tãda a pressa com medo, dar aos calcanhares...).

d') — *Se não podes, aluga* (Aplicá-se a quem alega não poder com êste ou aquele trabalho).

e') — *Ficar na fresca ribeira* (Não fazer caso de algum insulto, ser indiferente a desgostos, achar-se em óptimas condições) ¹.

10 — As formigas são classificadas assim:

a) *Do Senhor* — Pretas, activas, acarretando grãos, etc., etc.

b) *Do Inferno* — Pequenas, avermelhadas.

c) De *arrebita-rabo*, de cabeça vermelha, vivendo nos troncos carcomidos e nas traves das ramadas.

d) De *asas*, que aparecem às vezes nas soleiras das janelas.

e) *Formigões*, grandes, desconfiados, parecendo não viver em sociedades como as outras espécies ².

11 — Vozes para chamar os animais:

Para os porcos:

— *Curri, curri...*; *côche, côche...*; *bicá, bicá...*; *tô!* (para enxotar).

¹ Cfr. Camilo, *Eusebio Macario*, pág. 54 (3.ª ed.).

² V. esta *Revista*, vol. xvii, pág. 53.

Para os bois:

— *Touma, touma...*, *Ouxe, ouxe...* (para levar a beber); *ei, ei...*; *anda, anda...*

— Para as aves: *Pi-pi, pi-pi...* (os pintainhos); *chi-chu, chi-chu...* (as galinhas grandes), *choca, choca...* (para as galinhas com pintainhos); *scht, scht...* (para enxotar).

— Para os gatos: *bich, bich...*; *bichinho, bichinho...*; *sape!* (para enxotar).

— Para os cães: *Pucho, pucho...*; *passa fora!* (para repelir).

— Para as cabras: *Mica, mica...*

— Para incitar os burros: Dão-se estalidos, encostando os bordos da língua contra os dentes (Cfr. *Trad. pop. de Port.* cit., pág. 190).

12 — Quando se ouve bater à porta, pergunta-se: — *Quem é?* — *Alguém é* — responde a pessoa que bate.

Aos pais, avós, tios, padrinhos e aos padres, pedem as crianças a bênção: — Bote-me a sua *bença!* (Cfr. Alberto Pimentel, obr. cit., pág. 218).

E os superiores dizem: — *Deus te abençoe e te fale bem!*

13 — *Ao tocar da Santíssima Trindade, descobre-se a gente*, rezando três ave-marias (Cfr. Alberto Pimentel, obr. cit., pág. 218).

— Quando falam no nome de alguém já falecido, acrescentam: *Deus le perdoe, Deus le fale na alma, Deus tenha a sua alminha no céu...*

— Muitas pessoas não empregam a palavra burro, porco, sem acrescentarem — *com licença*.

14 — Aviso pôsto numa taberna de S. Miguel das Aves:

Aqui não se fia,
Nem de noite, nem de dia,
Porque o fiar dá-me pena,
A pena me dá cuidado;
Se eu hei-de viver em pena,
Não posso vender fiado¹.

15 — Nas Alminhas a inscrição mais vulgar é:

— Ó vós, que ides passando,
Lembraí-vos de nós que estamos penando.

¹ Informação do meu amigo, Snr. Júlio Padrão. Cfr. esta *Revista*, vol. xvii, pág. 194, e *Lusa*, ano II, pág. 102.

Na estrada de Caniços a Riba d'Ave (Famalicão) li outra, que rezava assim:

— Nós penamos e vós zombareis
Mas lembrai-vos que em breve
Como nós sereis.

16 — Nesta *Revista* (vol. XVIII, pág. 195) referi-me às assua-
das feitas nos casamentos de velhos.

No *Jornal de Santo Thyrsó*, n.º 169 (30 de Julho de 1885)
lê-se:

«Casaram hontem na egreja desta villa um pobre viuvo...
com uma mulhersinha bastante edosa...

Os noivos dirigiram-se depois para uma cabana no logar da
Carvoeira...; ...à noite pelo estrondo que produziam os corti-
ços, caixas de folha, buzinas, chocalhos e outros instrumentos
tocados com toda a força por grande numero de pessoas...».

O noticiarista protesta contra a costumeira já relatada nou-
tros números mais antigos, lendo-se num deles que os arruacei-
ros chegaram a destelhar a casa dos pobres velhos, deitando
um cântaro de água sôbre o catre dos noivos!

No n.º 285 (de 20 de Outubro de 1887) relata o mesmo *Jor-
nal* outro caso sucedido na freguesia da Lama, onde entraram
instrumentos velhos, vozearia, ditos picantes, sendo lançados de
tempos a tempos alguns foguetes sem estalos ¹.

— Como vi duma noticia do *Jornal de Santo Thyrsó* (de
1886?) os casamentos eram festejados às vezes com tiros de ba-
camarte, que se prolongavam pela noite dentro.

17 — Direitos dos párocos em Areias:

— A *côngrua* era repartida pelos fregueses proporcional-
mente à décima de cada um. Hoje acrescentam-na muitos fre-
gueses voluntariamente à oferta e à primícia.

— A *oferta* era voluntária por sua natureza, mas podia ser
exigida quando constituísse costume ².

No *Livro dos Usos e costumes da Igreja de S. Thyago de
Arcas* ³ já a *oferta* aparece como uma obrigação.

¹ Cfr. na *Agulha* (último número de 1916, pág. 126), o vocábulo *cornetada* com a
nota abonatória, e nesta *Revista*, vol. XVI, pág. 230 e 248 os termos *cortiçada* e *latada*.

² *Constit. do Arcebispo. de Braga*, I, tit. XXXI, pág. 397.

³ Uns usos foram registados em 20 de Maio de 1709 e outros em 13 de Novem-
bro de 1730, em virtude de uma ordem geral do arcebispo Dom Rodrigo de Moura
Telles.

Hoje a oferta é de meia rasa de milho para os viúvos e solteiros e de uma rasa para os casados.

— Para o pagamento das *primícias* dividem-se os lavradores em três classes:

Os grandes dão ao abade um almude de vinho e duas rasas de milho; os *meios lavradores*, um cântaro de vinho e uma rasa de milho; e os pequenos três canadas de vinho e meia rasa de pão.

— Pelos baptizados recebe o abade uma rósca de pão branco (trigo) de pataco e uma galinha, e pelos casamentos o mesmo ¹.

— Além disso é costume brindar o abade na Páscoa com um folar, maior ou menor conforme as posses.

— Os acompanhamentos do lugar de Paradela (S. Martinho de Bougado) param numa encruzilhada, e num sítio em que houve outra, para se rezarem responsos.

— Por cada defunto paga-se para *reza ánuua* (amentas) 1.600 rs. no primeiro ano, e nos seguintes o que estiver na vontade dos doridos. A reza consiste num *memento* todos os domingos.

— Para *levantar* o corpo em casa, paga-se uma quantia variável conforme as posses, havendo na igreja uma reza simples, não tendo casa o defunto, e um *ofício* de cinco ou dez padres conforme as possibilidades, o qual costumava repetir-se no fim do ano.

A êsse respeito diz o *Livro dos Usos*: «He costume nesta freg.^a os defuntos q. nella morrê fazerse lhe tres off.^{es} por sua alma, do presente, mez, e ano, com tantos P.^{es}, conforme sua possibilidade, ou conforme deixa ê seu testam.^{to}: *antigam.^{te} costuma(vam), quando se sepulta(vam) os defuntos offertar hũ Carn.^o, hũ Almude, ou cantaro de uinho; Tantos pães brancos; hoie offerta(m) duas moedas nouas de Quintos menos uinte, outros dois cruzados, outros hũa pataca, outros conforme suas possibilidades*».

Quanto a *ofertórios* já disse o costume nesta *Revista* ².

— Havia duas disposições caritativas no *Livro dos Usos e Costumes*.

Uma diz respeito aos *moços* de soldada:

¹ Antigamente pagavam uma galinha e uma rósca. Hoje substituiu-se a galinha por 500 rs.

² V. vol. xviii, pág. 195.

«E se por nenhum dos meynos ouver de q se lhe faça algum suffragio, nesse caso, procurará o Par.^o... dizerlhe hũa missa de corpo pres.^{te}, sem por elle leuar esmola».

Outra atende as almas dos escravos:

«Tem mais obrigação os Senhores dos Escravos, q falecerem de sete annos, até quatorze, a lhe mandarem dizer hũa missa de corpo presente, e fazer os gastos do enterram.^{to} E morrendo dos quatorze annos para sima, sendo macho, e as fêmeas de doze annos para sima a lhes mandarem dizer a missa de corpo presente, e mais tres missas resadas e offertadas».

O dízimo, no *Livro dos Usos*, abrangia: *Madeiras e mattos* vendidos («de dez tostões hũ»); *Bezerros e Bezerras* («hũ tostão»); *Bestas* (quando tiverem seis meses, o que valerem «de dez tostões hũ»; galinhas, q cria(m) frangos («de dez hũ...; e se criar hũ so, he do dízimo»); «os *Leitões sendo sinco*» (põe-se a lanços o melhor: «entã(o) larga ou toma (o criador), dando ao Reudr.^o (o abade) a metade da quantia em q o pos».

18 — No *Livro do registo dos testamentos* da freguesia de Areias, encontrei expressa a última vontade de muitos fregueses falecidos desde 1720 a 1829.

Ésses registos são muito importantes, na minha opinião, para a história, estudo dos costumes e vestuários.

Fui levado a concluir que antigamente, talvez pela facilidade de exarar os actos da última vontade, estes eram mais frequentes que hoje, confessando até uma testadora ser o seu estado de «proveza miseravel».

Até 1799 não me recordo de ter encontrado o pedido de os cadáveres serem enterrados em caixão, recomendando muitos testadores, embora remediados, que «os envolvam *em hum lençol*».

De 1799 a 1832 insta-se cinco vezes pelo depósito em caixão, dispondo porêr ainda um testamento de 1829 que o testador seja «envolto em lençol».

Há uns quarenta anos, ainda havia a casa da *tumba* — uma espécie de maca em que se levavam os pobres à cova.

— Geralmente pedem que lhes vistam o hábito do Patriarca S. Bento, talvez por influência do mosteiro dos Beneditinos de Santo Tirso, e um abade da freguesia (1725) declara que deseja ser «*amortalhado em hũa alua de rendalho e em hũa vestimenta preta roxa q tudo mandei fazer p.^a a tal função...*».

— Tomam sempre para advogados algum santo ou todos, a virgem, a «*arvore da bela cruz*», e um pede «a Deos e Espirito Santo que (o) *inomee* com o seu Divino Dom».

— Dois testadores deixaram estabelecido que lhe *agasalhassem* as confrarias. (O *agasalho* é o que chamam hoje em S. Martinho de Bougado o *beberete* do enterro que se repete no ofertório ¹).

— Num testamento de 1787 há um legado:

«...e mais des (missas) pela alma dos Escravos, que falecerão em seu poder todas da esmolla de cento e vinte reis».

Uma mãe declara (1799):

«...que vindo a esta terra meu filho D. Frei João será senhor de se utilizar p.^a viver emq.^{to} lá estiver de todas as casas, ortas, e fruto de vinho, e mais que produzirem, isto no caso, que elle venha a ferias e *não se desfradar*».

Além dêsses dois exemplos, um de piedade e talvez remorso, e outro de desconfiança, há uma afirmação de independência por parte dum homem que se fêz rico no Brasil (1782):

«Declaro que tenho Irmãs e a todas estas lhe dei Dotes para haverem de cazar do dinheiro que eu adqueri nas partes do Brazil pelo meu suor, e trabalho, pois de meus pays não erdey nada...».

— Um padre deixa o *catre* em que dormia e a *caixa* em que dormiam as irmãs (1720); um pedreiro, «hũ *marrão* e coatro *cunhas* e *palmitos* de ferro, coatro *picoões* (?), hũ *camartel* (1724); uma mulher, «tres *manteos* (espécie de saia ?) dous de *varas* e hũ de *vacta* e hũa saia ... *mantilha*» (1782). (As *mantilhas* eram capas compridas até aos pés, com um capuz que cobria o lenço, e que se usavam há uns sessenta anos ainda. Eram mais populares as capas de pano preto de grande roda e sem capuz, e que vão caindo em desuso); outra mulher lega «hũs *brincos d'ouro com aljofres*» (1780); uma terceira deixa «hũa capa de *drugete* (droguete?) nova e hũ colete de *duqueza*» (1788); num testamento de 1816 figuram uma «saia de *brilhante*» um «*gibão* (casaquinho que apertava à cinta com uma pequena cauda) de *sêda* e outro de *pano*, dois lençóis de estôpa *sedeira* (a mais fina, que se obtêm na segunda assedagem), a «*capa preta* que fiz da minha mantilha» e «uma saia de *camelão* vermelho» (1816); um homem que veio do Brasil descreve «seis cadeiras e hum *ganipé* (canapé) com assento de palhinha» (1832).

19 — Achei muito interessante, e deve ser um informador

¹ Ficou célebre um banquete dado por ocasião da morte de um chefe de família na freguesia de Água Longa. Consumiram-se duas pipas de vinho, muitos queijos, etc. etc. Li o caso num número do *Jornal de Santo Thyrsio* de 1883 (?).

precioso em muitas terras, o «*Livro para os capítulos das visitas*»¹. Os visitantes começavam ordinariamente pela fórmula:

«Vesitei pessoalmente esta igreja de sam Thiago de Areas em presença do Reverendo Parocho e da mayor parte dos seus fregueses fiz a prociçam dos defuntos, vesitei os santos oleos e pia Baptismal e provendo ao temporal ordenei o seguinte...».

O visitador de 21 de Outubro de 1721 manda «enterrar a imagem de Sam Sebastião pequena em sima do presbiterio junto ao altar mor separado do lugar em que se sepultão os defuntos; e isto sob pena de suspensão de suas ordens ipso facto e para o fazer com mais desencia lhe recomendo embrulhe a dita imagem em hum pano limpo».

Naturalmente a imagem encontrava-se, como muitas, em péssimas condições.

— Nos capitulos de 1737, manifesta-se revolta contra as seguintes «indecencias indignas»:

«Constando-lhe que algum clérigo de ordens sacras anda em trajes que não são *prometidos* (permitidos) ... ou q̃ traz o cabello comprido, ou *apulvilhado*...».

Vê-se que era justificado o disposto nas *Constituições* citadas sôbre as vestes sacerdotais, entrada dos padres em espectáculos, etc.

— O visitador de 1738 ordena:

«Os freg.^{es} mandarão dentro em hũ mes dealbar pela p.^{te} de dentro a Igr.^a por esta se achar indecente com os escarros, que as mulheres lhe tem lançado nas paredes, o q̃ é m.^{to} escandalozo, do aceyo, e decencia com q̃ deve estar a caza de C.^o...».

Actualmente as mulheres, quando querem escarrar dentro da igreja tiram por vezes as chinelas e escarram na sola.

— Em 1757 lembra o visitador a obrigação que há de repicar o sino quando sai a porta da igreja o sacramento da eucaristia (costume ainda hoje em uso), e expõe os perigos de distúrbios nos clamores que andavam à volta da freguesia e percorriam por vezes grandes distâncias².

Minha mãe lembra-se ainda dos clamores a S. Sebastião em volta da freguesia (*cercos*).

À frente ia um homem com uma fouce roçadoira para cortar os ramos das árvores a fim de passarem os andores (de S. Sebastião, da Senhora do Rosário e de Santo António).

¹ No cimo lê-se: *Visitadores da segunda parte de Vermoim e Paria*.

² Cfr. esta *Revista*, vol. XVIII, pág. 203.

Na Senhora da Tôrre, por exemplo, parava o clamor, e distribuíam-se doces e vinho pelo abade e músicos.

A juíza dava um andor e as quatro mordomas outro.

Nas procissões de penitência cantava-se:

S. Sebastião milagroso,
Vós sois médico sagrado;
Livrai-nos da peste, da fome e da guerra,
Sois nosso advogado ¹.

Os velhos lembram-se com saudade desses tempos em que se obrigava «Deus a andar pelo mundo» abençoando as searas, como os Poveiros pedem à Virgem que abençoe o mar... ².

Alguns visitantes preocupavam-se com o estado dos caminhos e ordenavam que os fregueses os compusessem.

20 — No «*Rol dos ornamentos da Igreja*» de Areias e no «*Livro p.^o inventario dos bens moveis*» à margem das diferentes verbas lêem-se frequentes vezes as notas:

«forão roubados pellos do Porto»; «foi roubado pelas tropas do Porto»; «foi roubado pelas tropas do Porto em 1828»; «Tirados pelos ditos».

Eis um pequeno elemento para o estudo das lutas liberais. Lembro-me de ler no *Livro dos Usos e Costumes de Val-Nogueiras* (Vila Rial), várias noticias sobre fomes, invasões estrangeiras, as importantes inscrições das pedras, descritas por Contador de Argote (*Mem. para a Hist. Ecclesiast. do Arcebis. de Braga*), e pelo Snr. D.^o Leite de Vasconcelos nas *Religiões da Lusitania*.

Isto serve para provar mais uma vez a importância histórica dos arquivos paroquiais, que a Igreja mandava conservar sob penas graves e que o desleixo nacional tem desperdiçado.

21 — No *Jornal de Santo Thyrsó*, n.^o 174 (de 3 de Setembro de 1885), transcreve-se do *Economista* um artigo do Snr. Alberto Pimentel sobre a vila de Santo Tirso e a romaria da Senhora das Dores (S. Martinho do Bougado), onde há uma referência às *vacas*, indispensáveis antigamente no *fogo* ³ de todas as festas.

A propósito de *vacas*, eis o que li no mesmo *Jornal* (n.^o 285, de 1886), descrevendo uma esfolhada na Argemil:

¹ V. esta *Revista*, vol. XVII, pág. 161.

² O mesmo costume se observa nas praias do Furadouro. (Informação de um aluno da segunda classe do Liceu de Rodrigues de Freitas).

³ O *Fogo* é o arraial que se realiza ordinariamente na véspera das romarias com foguetes, musicas, etc. Cfr. Cam., *Luctu de gig.*, pág. 216.

As môças cantavam, e lá para o fim «apparece a correr por meio das raparigas, um d'elles (dos rapazes) com uma *vacca* de madeira ás costas, parodiando a que alguns fogueteiros apresentam á noite nos arraiaes». Vários moços deram pancada na vaca, até que a deixaram como morta, e, ao outro dia, publicaram pelos arredores que havia carne para vender naquele lugar, caindo muitas pessoas no lôgro.

— Os leilões de prendas occupam um dos lugares principais como fonte de receita para as romarias.

Os assistentes riem a bandeiras despregadas ao ouvirem as graças, por vezes pesadas, dos leiloeiros ¹.

Entre as prendas figuram lenços bordados pelas raparigas da terra—o que obriga os mancebos a disputá-los com brio. Já vi num leilão (Palmeira) render um dêsses lenços a quantia de 4.000 rs.!

— As *romeiras* vão a cada passo cumprir promessas aos santos e principalmente nos dias de romaria. Pelo caminho param de vez em quando e cantam a *Ave-Maria* e a *Santa-Maria*. Ao chegaram à capela ou igreja estacam, cantando o *Gloria Patri*.

Entre as quadras próprias das *romeiras*, colhi:

Milagrosa Santa Luzia,
De longe vos venho ver;
Que vós destes a saúde
A quem 'stava p'ra morrer.

.....
Vinde abaixo à igreja,
Que vos quero adorar
Onde tôda a gente veja.

.....
Aqui tendes as romeiras;
Se as não quereis casadas,
Aqui as tendes solteiras.

Entre as promessas mais vulgares figuram: ir amortalhado com uma vela na mão, deixando depois a mortalha na capela; percorrer um certo espaço de joelhos; dar algumas voltas à capela, e ir de casa à romaria sem falar ².

¹ Cfr. o Sr. Alberto Pimentel, *Santo Thyrso de Riba d'Ave*, pág. 246.

² Dai a frase irônica dirigida a pessoas caladas: *Aquele prometeu a romaria sem fala...*

Os mordomos das festas costumam andar pelas portas com uns sacos (fronhas de travesseiros) a pedir pratos de cereais. As estrigas de linho eram noutros tempos dádiva vulgar.

As mordomas recebem no fim da festa uma rósca de pão ¹.

— Grupos de tamborileiros anunciam algumas romarias ².

— Na romaria da Senhora de Valinhas saem os caçadores pelos montes e aparecem no arraial com a caça, expondo-a suspenso de uma vara ao pé do lugar onde fazem a sua merenda.

Ele diz que mata e esfola, sim senhores..., mas «quantas peles tem ele à porta?»

Lembrei-me do dito quando li em *Filinto* ³ uma referência aos caçadores que pregavam nas portas despojos de alimárias, «como antigos heróis pregavam nos templos os escudos dos vencidos».

— O snr. Alberto Pimentel ⁴ já tinha registado a liberdade de se falar em matérias mal cheirosas no arraial de Santa Eufémia, e que aparece censurada no *Jornal de Santo Thyrsó*, n.º 229 (23 de Setembro de 1886).

Este ano observei que algumas pessoas voltavam daquela romaria com um rosário de alhos ao pescoço—o que me disseram ser um costume antigo e muito arreigado. O caso é interessante, pois os *rosários* de alhos empregam-se como amuletos ⁵.

22 — No *Jornal de Santo Thyrsó*, n.º 174 (4 de Fevereiro de 1886), noticia-se a representação dumas *Reisadas* em Monte Cordóva, por onde fiquei sabendo chamar-se vulgarmente *casco* o manuscrito onde se encontra a peça.

O termo aparece na última edição do *Novo Dicion.* como «*Prov. trasm.* Entremez, comédia».

23 — Uns dias antes do Natal, havia em Santo Tirso um *feiroto* que costumava ser anunciado com uma tambor no dia de feira ordinária (às segundas-feiras) usando-se o pregão: *Sexta-feira* ⁶ há um *feiroto*!

AUGUSTO C. PIRES DE LIMA.

¹ Cfr. esta *Revista*, vol. xvi, pág. 142.

² Sobre as danças dos tamborileiros v. o Snr. Alberto Pimentel, obr. cit., pág. 227, e esta *Revista*, vol. xvii, pág. 176.

³ *Obras*, t. iv, pág. 260.

⁴ Obr. cit., pág. 312.

⁵ V. esta *Revista*, vol. xvii, pág. 37, e xvi, pág. 120.

⁶ No ano em que observei o costume cala o *feiroto* a uma sexta-feira.

O trovador Martim Soares e sua familia

(Documentos)

No vol. v da *Revista Lusitana*, estampado em 1898, publiquei bastantes documentos relativos ao trovador Martim Soares e seu filho João Martins, com elementos biographicos que a Ex.^{ma} Snr.^a D. Carolina Michaëlis considerou a pag. 334 do II vol. do seu *Cancioneiro da Ajuda*, publicado em 1904. Passados anos, fui encontrar, relativos a esses individuos, mais documentos, que nos trazem novos factos, e aumentam o cabedal de noticias sobre eles e sua familia. Não me atrevo agora a explora-los e aproveitá-los em novo estudo, com receio de que outras pesquisas me facultem elementos, que destruam as conjecturas que eu por acaso pudesse agora fazer. Se as pesquisas que eu ainda encetar forem frutuosas ao publicar os respectivos documentos, farei então um estudo completo da familia do trovador e sua descendencia, e dos locaes onde viveram.

Seguem-se agora as copias de 22 documentos, que vão de 1282 a 1370.

PEDRO D'AZEVEDO.

I

29 de Março de 1272

In dei nomine. Hec est carta venditionis et perpetue firmitudinis quam iussimus fieri ego Johannes Martini dictus Trobador et vxor mea Tharasia Ermigij uobis Siluestro Petri et vxor uestre Marie Menendi de toto nostro herdamento quod habemus in termino de Azambugia in loco qui dicitur Villa Noua vendimus et concedimus uobis predictum herdamentum cum herdamentibus ruptis et inruptis cum montibus fontibus pascuis cum ingressibus et egressibus et omnibus Juribus et pertinencijs suis pro preço quod de uobis recepimus scilicet Trescentas libras monete veteris Port. quia tamen nobis et uobis bene complacuit et de precio apud uos nichil remasit (*sic*) pro dare. Habeatis uos ipsum herdamentum firmiter in perpetuum et omnis posteritas

vestra post uos. Et si aliquis uenerit tam de nostris propinquis quam de extraneis qui hoc factum nostrum frangere uel temptare uoluerit non sit licitum sed pro sola temptatione quantum quesierit tantum uobis in duplum conponat. Et nos sine Consilio uobis predictum herdamentum concedere noluerimus uel defendere non potuerimus componamus uobis illud duplatum et quantum fuerit melioratum et domine terre aliud tantum. Facta carta iiii.^o kalendas Aprilis. E.^a M.^a CCC.^a Decima. Nos supradicti qui hanc cartam iussimus fieri eam coram bonis hominibus roboramus. Qui presentes fuerunt Petrus Menendi. Dominicus Menendi clericus dictus Corrigia. Johannes Iohannis mercator de Farragenali. Johannes Petri Sacerdos. Et ego Geraldus Michaelis publicus Tabellio Sanctaren rogatus a partibus supradictis hiis omnibus interfuit et hanc cartam scripsi et presens sig+num meum apposui in eadem.

Nas costas. — Carta de uendiçõ que Johã Martiz trovador e sua molher fezerom a Siluestre Pirez e a ssua molher de todo ho erdamento que he na Zambuja honde chamõ Ujla Noua por iij.^o libras ¹.

II

26 de julho de 1282

Sabhã quantos este estrumento uirẽ e lêer ouuirẽ que como contenda fosse antre os Religiosos varões e honestos, os frades méores de Santarem da hũa parte e os frades de santa Trijdade de Santarem da outra, sobre hũu arco dalpenderada de préegaçõ que esses frades meores queriã leuãtar a par do cãto desses frades da Trijdade: E esses frades da Trijdade diçyam que o leuãtassem em tal guysa que lhj nõ britasem sa parede nõ seu telhado e os de suso ditos frades méores dixerõ dante muytos homéés bóós que o Menistro lhis outorgara cũ outorgamento dos seus frades que ficassem aly esse arco e de mays deciã que este era o custume da terra que se Algũu homẽ queria laurar en sa parede que destelharia da casa de seu vezio per que laurasse e derribaria da parede e de poys que a adubaria e rrefaria e esto leyxarõ en uista do Alcayde e dos Aluazijs e dos Almotacéés e dos homéés bóós que a esto foram chamados e os Almotacéés

¹ Caixa 85 da Colecção Especial, 29 de março de 1272.

cũ conselho do Alcayde e dos Aluazís e dos homéés bóós julgando mãdarõ que os ditos frades méores leuãtasssem seu arco naquela sa parede e se algũa cousa derribassem da sa parede ou destelhassem da sa casa que lha fizessem e lha corregessem assy como ante estaua. En testemoyo da qual cousa os ditos ffrades méores pedirõ ende a mj Pedro luyayo publico Tabellian de Santaren hũu publico estrumento. Esto foy en Sanctarem a par do de suso dicto logar dos frades méores. xxvj. dias de Julho Era M.^a CCC.^a xx.^a Que presentes foram dõ Steuã dauoym. Johoã Botelho Johã Martijz Trobador. Martianes téente as uezes do Alcayde. Siluestre Piriz. Steuã Ramos Aluazijs. Philipe Guylemi. Váasco Cecorõ. Pedro Esteuayz almoxarife. Giral Marquiz. Johã Lourenço. E eu Pedro luyayo de suso dito Tabellion a rogo dos de suso ditos frades meores a esto foy presente e este estrumento cũ mha mááo propria escriuy e ééle este presente meu sinal que tal est + apposy en testemoyo das cousas de suso ditas ¹.

III

27 de Outubro de 1289

Nouerint vniuersi presentis instrumentj seriem inspecturi Quod in Era M.^a CCC.^a xx.^a xxvij die Octobris in Concilio Sanctarene corà viris uenerabilibus ac discretis Martinus iohannis vicepretoris et Stephanus Gomecij Aluazile Sanctarene et corà testibus infra scriptis lecta fuit per me Petrum iulianj publicum Tabellionem Sanctarene quedam carta (*sic*) dominij Dionisij Illustrissimi Regis Portugalie et Algaruij Cujus de uerbo ad uerbũ tenor talis est:

Dom Denis pela graça de deos Rey de Portugal e Algarue A uos Alcayde e Aluazijs de Sanctaren saude. Sabede que eu uy hũu estrumento feyto per mão de Steuã luyayz publico Tabelliam de Santaren en que he contéuda hũa mha carta per que uos eu mãdey que alçassedes força aos frades da Trijdade dos ffrades méores se lhis lha façiã en aquele logar sobre que am a contenda Éénsse (=en esse) estrumento he conteudo que de poys que o Priol da Trijdade uos pediu que lhis alçassedes força assy como uos eu mãdava que Steuã Gomez Aluazil mãdou a

¹ Arch. Nacional. Cartorio do Convento de S. Clara de Santarem, Maço, 7, n.º 322.

este Steuã luayayz e ao Porteyro do Concelho que dissessem aos frades meores da parte do Alcayde e dos Aluazijs que nã fizesse... nemigalha en esse lagar sobre que era a contenda antres. E esses ffrades da Trijdade ata que saysem per seu dereyto. E elles dixerõlhis nosso mādado. e entõ quando lhis lho disserõ nõ era aynda en esse lagar sobre que he essa contenda nẽ hũa telha posta. E esse Tabellion diz que depoyz que esta defesa foy dicta da parte do Alcayde e dos Aluazijs aos frades meores ca uyu esse lagar da cõtenda telhado. E assy bẽ parece que esses frades fazem força yndo contra nosso mādado. Porque uos mādõ que logo uista esta carta derribedes todaquello que depoyz que defesa foy posta hy fezerã. de guysa que fique en aquel estado en que era quando a defesa foy posta. e desy chamada assy esses frades meores como os da Trijdade. e ouvydeos sobre esse logar e dade a cada hũu seu dereyto. onde al nõ façades Se nõ peytarmyades quinhentos. quinhentos soldos e tornarmyã por ende a uos. se m̃j uéer ende outro queyxume. E mādõ que esses frades da Trijdade ou outri por elles tenhã esta carta. E porque nõ tija aqui o meu sêclo grande fiz sêclar esta carta do meu sêclo redondo pequeno. Dada en Louriçal. xxij. dias de Octobro. el Rey o mādou. Ayras Martijz a fez. Era M.^a CCC.^a xx.^a.

Qua carta perlecta et etiam publicata supradicti fratres minores petierunt michi dicto Tabellionj quod dictam cartam in publicam formam reddigerem et ex inde conficerem quoddam publicum instrumentum. Acta Sanctarene Era die et loco superius nominatis. Qui presentes fuerunt Martinus iohannis vicepretor. Stephanus Gomecij Aluazilis. Johannes Martinj miles dictus Trobator. Petrus Petri dictus Uerga. Stephanus Caçapo. Alfonsus benedictj et alij quod plurimj. Ego uero Petrus iulianj publicus Tabellio Sanctarene rogatus a dictis fratribus minoribus dictam cartam in publicam formam reddegi et ex in hoc instrumentum confeci manu propria conscriptum et presens signum meum quod tale est + in eadem apposui in testimonium primisorum ¹.

¹ Archivo Nacional—Cartorio do Convento de Santa Clara de Santarém, Maço 7, n.º 304.

IV

7 de agosto de 1300

In dei nomine. Hec est Carta vendicionis et perpetue firmitudinis quam iussi fieri Ego Dominica iohannis Mulier quondam dñj Sebastianj de Ryuo Mayore vobis Dominico Stephanj Fiscayo et vxori uestre Margarite Pelagij de una mea vinea qua habeo in Varzea de Ryuo Maiore. Cujus istj sunt terminj in Occidente dña Maria Mulier Johanes Trobador in Aquilone Dominicus Ferrarius in Africo Laurentius Gonçaluj. vendo uobis et concedo dictam vineam cum ingressibus et egressibus et omnibus Juribus et pertinencijs suis pro precio nominato quod a vobis recepi scilicet Duodecim marabitanos quia tantum michi et uobis bene cōplacuit et de precio apud uos nichil remāsīt in debito pro dare: Habeatis uos dictam vineam firmiter in perpetuū et omnis posteritas uestra post uos. Et si aliquis uenerit tā de mis propinquis quam de extraneis qui hoc factum meū frangere uel temptare uoluerit nō sit ej licitū sed pro sola tēptatione quantum quisierit tantum uobis in duplo cōponat. Et ego si in Concilio uobis dictam vineam nolero uel defendere nō potuero cōponā uobis illam duplatam et quantum fuerit meliorata et dominus terre aliud tantū. Facta Carta vij die Augusti E.^{ra} CCC.^a xxx.^a viij. Et ego supradicto qui hanc Carta iussi fieri eā carta bonis hominibus roboro et cōcedo. Qui presentes fuerunt Saluator Didacj. Franciscus Martinj. Dominicus iohannis Tabeliones. Ego Petrus Iuliani publicus Tabellio Sanctarene rogatus a partibus supradictas huic venditionj interfui et hāc Carta propria manu constripſi et sig + nū meū iu eadem apposui in testimoniū veritatis ¹.

V

5 de dezembro de 1302

Sabham quantos este estrumento virē que na era de Mil e Trezentos e quarenta anos çinquē dias andados de Dezembro no Concelho presentes Gil Guedat Alcayde de Santaren en logo de Gonçalo Esteuāez e Joham Eanes de Maruā Aluazil da dita vila e en presença mya Domingos Iohanes publico Tabeliō de Santaren e das testemūyas adeante escriptas. Martin Anes mūge dalcobaça per mjn dilo Tabeliō leer e publicar tes hūū estrumento. do qual o tēor tal e:

¹ Cartoria da Collegiada da Alcaçova de Santarém, Março 2, pág.^o 49.

(É o documento latino de 11 de abril de 1301 já publicado na *Revista Lusitana*, v, 131).

O qual instrumento perleudo o dito Martin Anes rogou mjn dito Tabelliõ que o dito instrumento lhj tornasse en publica forma e lhj desse ende hũu publico instrumento e eu Domingos Iohanes publico Tabelliõ de Santarẽ a rogo do dito Martin Anes este instrumento escreuj e meu sinal y pugi fleyto o instrumento no dia e no Mes e na Era de suso dito. Testemunhas Pedro Uéegas, Vasco (*sic*) Nuniz Martin Chancellas. Martin Anes. Vaasco Piriz. Joã Antiocho. Pedro Dominguz e outros ¹.

VI

13 de novembro de 1303

En nome de nostro senhor Amen. Sabhã quantos este strumento uiren que en presença de mjn Saluador Diaz publico Taballiõ de Santaren e das testemoyas adeantes scritas Joham Martijz trovador Caualeiro mostrou e léer e publicar fez hũa carta seelada do seelo pendente de Don Abade dAlcobaça da qual carta o teor tal e:

Sabhã quantos esta carta uiren que nos frei Pedro Abbade e o Conuento dalcobaça por béés devidos que auemos cõ Joham Martijz trovador e por ajuda e prestança que dele atendemos na uida e na morte mandamos e outorgamos que esse Johã Martijz trovador aia e pessoya en todos los dias de ssa uida tã solamente a nossa parte do Moyo de Ryo Mayor e das Casas de Santaren as quaes a nos e ao nosso Moesteiro acaçerõ de parte de dõna Maria Soariz madre do dito Joham Martijz e nos ditos logares que ele receba ende os nouos e béés e dereitos do nosso Moesteiro tã solamente en sa uida e de ende a nos en cada hũu año de cõhecimento de propriedade e de senhorio da nossa parte do dito Moyo hũa tééiga de pã meyado e da nossa parte das casas de Santaren. v. soldos por dia de Natal. E ele deue mantéer o dito Moyo e a nossa parte das Casas e adubar e refazer das cousas que hy mestér fezeren de guisa que nõ defalescã nen mazcaben per sa culpa. E de pos morte desse dito Joham Martijz as nossas partes do dito Moyo de Rio Mayor e das Casas de Santaren deuen ficar a nos e ao nosso Moesteiro en saluo

¹ Collecção Especial. Caixa 100.

e em paz e sen outro embargo e ele nõ deue emplazar nõ apenhorar nen alhear nen obligar nen escanbhar nen en outra maneira enbargar as nossas partes do dito Moyo e das ditas Casas en maneira que o nosso Moesteiro perça ende o seu direito e seu fazer nõ ualha. E se per uentuyra algũa contenda recodisse de qualquer maneira sobrelos nossos direitos e partes do dito Moyo e Casas esse Joham Martijz deue cõ nossa ajuda recodir e sayr da demanda e fazer y sa posse eno defender e nos cõ ele dessũu. E o dito Joham Martijz prometeu aa boa fe aguardar todalas cousas de ssuso ditas e cada hũa delas. En testemoyo destas cousas demos ende a esse Joham Martijz esta carta seelada de séélo de mjn Abbade. E por que nos Conuento de ssuso dito séélo proprio nõ auemos o poymento do séélo do dõ abbade nosso outorgamos e louuamos. Dada en Alcobaça .xj. dias de Nouenbro Era de Mil e Trezentos e quareenta e hũ años.

Aqual carta perleuda e publicada o dito Joham Martijz cõfessou e cõhoceu que recebya a parte do dito Moyo de Rio Mayor e das Casas de Santaren as quaes casas son a par das faâygas de san Nicolááo da parte de don Abbade e do Conuento e do Moesteiro dalcobaça de Graça so as condições que na dita Carta son contendas. E assi as prometeu a guardar e cõprir a boa fe e sen engano. E eu Joham Martijz sobredito dou a mha beençõ a todos aqueles que as sobreditas condições aguardaren e todos aqueles que contra elas uéeren ou enbargar quiseren ao dito Moesteiro dalcobaça e seu direito e partes do dito Moyo e das Casas de Santaren aiam a maldiçõ de deus e a mya pera todo sempre e nõ lhys seia outorgado mays pola sóo tentaçõ peyten ao Moesteiro dalcobaça Dozentas libras de pea e ao senhor da terra outro tanto das quaes cousas sobreditas frei Martin Anes Munge dalcobaça pedyu a mjn dito Saluador Diaz Tabelliõ de Santaren hũu strumento. Esto foy feito en Santaren nas Casas en que screuen as Tabellioes .xiiij. dias de Nouenbro Era de Mil e Trezentos e xli año. Que presentes forõ Rodrigue Anes e Afonso Dominguiiz Tabelliões Joham Dominguiiz conlaço do dito Joham Martijz. E eu Saluador Diaz publico Tabelliõ de Santaren a rogo do dito frei Martin Anes ao publicamento da dita Carta e a outorgamento e mandamento do sobredito Joham Martijz presente fuy e este strumento cõ mha mao propria screuy e eel este meu si+nal pugi en testemoyo desta cousa ¹.

¹ Caixa 93 da Collecção Especial.

VII

18 de maio de 1304

In dej nomine Sabham quantos este stumento viren que eu Affonso Piriz dito Pinheyro recebi hũa procuraçõ de Fernam Reymondo feyta per mão de Joham da Pedra Tabelliõ da Pena da Rêya e de seu sinal assinada da qual o tẽor tal e:

Sabham quantos esta procuraçõ uiren que eu ffernarn Reymondo filho de Eluira Eanes e de Reymondo Eanes e neto de Maria Soariz que foy de Santaren ffaço e estabelesco meu procurador lijdimo e abastosso Affonso Piriz dito Pinheyro portador da presente procuraçõ sobrelos béés e heranças que a mjn acaecerõ ou de dereyto deuen acaecer ou sobre parte deles das sobreditas ma madre e me (*sic*) Auóó na vila de Santarẽ e en seu termo per dante qualquer alcayde ou alcaydes Aluazil ou Aluazijz (*sic*) ou per dante outra qualquer pessoa ou pessoas ou perdante outro qualquer Juyz ou Juyzes assi eclesiasticos come segraes a pedir e a demãdar e a contradizer e a responder e a deffender e contradizer e cõpõer e a iurar en sua alma todo iuramento que deue iurar e apelar e a seguir apelacõ e a fazer en seu logo outro outros (*sic*) procurador ou procuradores e a reuogalos se mester for e tornar en si o preyto desta procuraçã cada que uir que mester e e pera mandar fazer Carta ou Cartas dos meus béés e heranças ou sobre parte delas que a mjn acaecerõ de parte da sobredita ma madre e ma auóó en Santarẽ e en seu termo assi de uenda come de dõaçõ come de cambo come doutra qualquer fimidõe per o Tabelliõ ou Tabelliões dessa vila de Santarẽ E prometo so obligamento de todolos meus béés auer firme e estauil todalas cousas que foren feytas e por todas per o dito meu procurador ou per aquel quer outro ou outros procurador ou procuradores que el fezer nas ditas cousas sobreditas e sobre cada hũa delas e pera todalas outras cousas e cadahũa delas que uerdadeyro procurador fazer pode e que eu faria se presente fosse per ma pessoa e que esto nõ uenha en duuida rogey e mandey a Joham da Pedra Tabelliõ da Pena da Rêya que esta procuraçõ escreuesse e seu sinal y possesse e eu Joham da Pedra Tabeliõ sobredito a rrogo e a petiçõ esta procuraçõ escreui e meu sinal aqui pugi que tal e. Testemũyas que forõ presentes Goncalo Eanes de Mira escudeyro. Joham Charalõ (?). Martin Tonas (?). Pedro Dornelas. Joham Piriz do Viso e

outros. ffeyta a procuraçõ. vij. dias dabril Era .M.^a CCC.^a xxxij.^a

E eu Affonso Piriz dito Pinheyro consijrando e seendo certo de mūyto bẽ e de muyta ajuda e de muyta onrra que dõna Maria de Santarẽ auõõ do dito ffernam Reymõdo recebeo en sa uida e en sa morte do Abade e do Conuento e do Moesteyro dalcobaça. Consijrando aeynda e seendo certo de muyto ben e de muytas orações que se cada dia fazem no dito Moesteyro dalcobaça e faram para todo senpre polos uiuos e polos mortos querendo que o dito ffernam Reymondo fosse quinhoeyro en esses bẽes esgardando aeynda o bẽ e ajuda que se a (*sic*) dito ffernam Reymõdo adeante pode seguir desse Moesteyro e as bõas diuidas que el e sa linhagen am cõno dito Moesteyro e senpre auuerõ. Por tanto per o poder que a mjn e dado per a dita procuraçõ dou e outorgo pora todo senpre ao Abade e Conuento e Moesteyro que des aqui a deante façã e desponhã dos ditos bẽes assi come de seu proprio herdamento. E se per a uentuyra o dito ffernam Reymondo cujo procurador eu sõõ ou algen da sa parte contra este feyto uijr quiser nõ lhj seia outorgado mais solamente pola sõõ tentaçõ peyte aos ditos Abade e Conuento cinquenta libras en nome de pẽa e a dõaçõ seer firme e estauil pora todo senpre e aquesta dõaçõ fix per o poder que a mjn e dado na dita procuraçõ e por esto seer mays firme e mais estauil meti Martim Anes munge dalcobaça e Meestre dos frades en corporar possissõ dos ditos bẽes per porta e per telha e per terra en logo e en nome dos ditos Abade e Conuento e outro si louuo e outorgo pelo dito ffernam Reymondo cuio procurador sõõ a dõaçõ que a dita dõna Daria sa auõõ fez ao dito Abade e conuento e Moesteyro dalcobaça da sa terça e as partições e as auença (*sic*) que a dita dõna Maria fez per si ou per seus procuradores cõ nos ditos abade e conuento. No testemūyo da qual cousa este estrumento fix fazer per mão de Domingos Iohanes publico Tabelliõ de Santaren e eu Iohanes publico Tabelliõ que a esta doaçõ e entregaçõ specialmente fuy chamado e a rrogo do dito Affonso Piriz este estrumento escreui e meu sin + al y pugi. Testemunhas Domingos Bertolameu Correyeyro. Vicente Çarafa. Joham Martiiz de Rio Mayor. Feyto o estrumento .xviij. dias andados de Mayo E. M.^a CCC.^a xxxij.^a 1.

VIII

18 de maio de 1304

In nomine domini Amen. Sabham quantos estrumento viren que eu Affonso Piriz dito Pinheyro recebi hũa procuraçõ de Sancha Reymondo sua molher feyta per mão de Pero Eanes Tabelliõ de ffloyam e de seu sinal asinada da qual o tẽor tal e:

Sabham todos quantos esta Carta de procuraçõ viren e ouuiren que eu Sancha Reymondo filha de Eluira Eanes e de Reymondo Eanes e neta de Maria Soariz de Santarẽ ffaço e estabelesco e ordio por meu procurador lijdimo e auondosso Affonsso Piriz dito Pinheyro meu marido sobre todas as bõas e heranças que a mjn ficarõ e eu de dereyto deuo auer de parte da sobredita Maria Soariz sua auó na vila de Santaren e entodo seu termo hu quer que a eu aia de dereito de parte sobredita sua auó tam ben no movil como nariz (*aliás*: na raiz) pera demandar e pedir e receber todos os bẽs e as heranças sobreditas ou parte delas per dante o alcaide o (*sic*) alcaides ou aluazil ou aluaziz da vila de Santaren ou perdante outro ou outros qual quer Juyz ou Juyzes conuenhauil ou cõuenhauis tam bẽ eclesiastico come segraez ou perdante o muyto alto senhor Don Denis pela graça de deos Rey de Portugal e do Algarue ou perdante seu sobreuiyz ou sobreuiyzez pera demandar e pedir e receber e pera meter vogado ou vogados ou procurador ou procuradores en seu logo qual quer e quaes quiser e per quantas uezes uir que lhj séera mester e pera filhar o preyto en si cada que quiser ou que uir que lhi e mester e pera dar iurimento en sua alma de qual quer juramento que a preyto for mester. E pera ueder (*sic*) e dar e dõar e enpenhorar e enplazar todas estas bõas e heranças sobreditas ou parte delas e pera mandar ou fazer Carta ou Cartas de pura uendiçõ e pera reuoralas en no meu nome e no seu per o Tabelliõ ou Tabelliõs de Santaren e pera receber ende o preço ou os preços. E aeynda lhj dou todo meu comprido poder a este meu procurador e meu marido per a partir e marcar e sortes deytar e pera apelar e apelaçõ seguir se uir que lhj mester e e pera reuogar apelaçõ quantas uezes quiser e uir que lhi e mester e pera filhar o preyto en si cada que quiser. Eu prometo auer por firme e por estauil so obligamento de todos os meus [bens] toda ou todas aquela ou aquelas cousa ou cousas que per este meu procurador e meu marido for

ou foren feyta ou feytas ou procurada ou procuradas ou per aquel ou per aqueles que el en seu logo meter assj come se eu estivesse presente per ma pesõa. E por esta cousa séer mais firme e mais estauil e nõ uijr pois en duuyda rogey e mandey a Pedro. Eanes Tabelliõ de ffloyam que lhi fizesse hũa procuraçõ a mais firme e mais stauil que podesse e eu Pedro Eanes Tabelliõ de ffloyam sobredito a todas estas cousas presente fuy e a cada hũa delas e a rogo e a mandado de Sancha Reymondo esta procuraçõ fix e meu sinal y pugi que tal e que presentes forõ Martin Dominguiç de Chamosios Affonso Dominguiç do Couto de Monçõ Lourenço Dominguiç Steuam Dominguiç do Couto de Duraes. ffeyta a procuraçõ .xxij. dias andados do mes de abril. Era. M.^a CCC.^a xxxij.^a

E eu Affonso Piriz dito Pinheyro consijrando e seendo certo de muyto bẽ e de muyta ajuda e de muyta onra que dõna Maria de Santaren auó da diia Sancha Reymondo ma molher recebeo en sa uida do Abade e do Conuento dalcobaça e seendo certo outro si que a sa morte recebeo muyta onrra dos ditos Abade e Conuento dalcobaça consijrando aeynda e seendo certo de muyto bẽ e de muytas orações que esse Moesteyro dalcobaça cada dia se fazẽ e faram pora todo senpre polos uiuos e polos mortos querendo eu que eu e a dita ma molher fossemos quinhayros en estes béés e outro si esgardando muytas boas diuidas que nos e a nossa linhagen senpre ouuerõ e am cõ no Moesteyro dalcobaça por muyto bẽ e por muyta ajuda que eu e a dita ma molher recebemos e atendemos a receber do dito Moesteyro dalcobaça por tanto pelo poder a mjn dado pela dita procuraçõ Dou e pera todo senpre outorgo no meu nome e de Sancha Reymondo ma molher cuio procurador eu sóo a don Abade e o Conuento dalcobaça todos los béés mouis e nõ mouis que a mjn e a dita ma molher que os ditos Abade e Conuento daqui adeante façam e desponham dos ditos béés todalas cousas que a eles prouger assi come de seu proprio herdamento. E se pela uentuyra algen uéer assi da sua parte come da dita ma molher que este feyto queyra britar nõ lhj seia outorgado mays solamente pela sóo tentaçõ peyte ao abade e ao Conuento en [nome] de pẽa cinquenta libras e esta dõaçõ seer firme e estauil pera todo senpre e por esta dõaçõ seer mays firme e mais estauil meti Martin Anes munge dalcobaça e Meestre dos frades en corporar possissõ dos ditos béés en nome e en logo de don Abade e do Conuento per porta e per telha e per terra. Pormeto aeynda a bõa fe por mjn e pola dita ma molher a nunca

uijrmos per nos nẽ per outrẽ contra esta dõaçõ e louuo e outor-go e ey por firme e por estauil per mjn e pola dita ma mulher a dõaçõ que a dita dõna Maria fez ao dito Moesteyro dalcobaça da sa terça e as partições e as auenças que fez per si ou per seus procuradores cõ nos ditos Abade e Conuento. No testemũyo da qual cousa este estrumento fix fazer per mão de Domingos Iohanes publico Tabelliõ de Santaren e eu Domingos Iohanes publico Tabelliõ de Santaren que a esta dõaçõ e a esta entrega especialmente fuy rogado e chamado e per a autoridade da dita procuraçõ e a rrogo do dito Afonso Piriz este estrumento con ma mão propria escreui e meu sin + al y puggy. Testemunhas Domingos Bertolameu Correyeyro. Vicente Migééz dito Çarafa. Joham Martijz de Ryo Mayor. Feyto o estrumento xvij. dias andados de Mayo. Era. M.^a CCC.^a xxxxiij.^a 1.

IX

14 de julho de 1304

En nome de deus amen. Sabhã quantos esta carta de quitaçon vyren e léér ouuiren Que eu Náámã ffilho de Josep Náámã e de dõna Dõna sa mulher e procurador da dita dõna Dõna mha madre per hũa procuraçom feyta e asináada per mão de Erancisco Martjnz Tabelliõ de Santaren primo dia de abril da Era de Mil e Trezentos e Quaraenta e dous anos. E eu per outoridade e per poder da dita procuraçom pola dita mha madre cuio procurador sóo e por mjn. E eu Faras jrmão do dito Naamã de nossa bõa e liure uóóntade Damos por quites e por liures pera todo sempre ó Abade e o Conueuto e ó Moesteyro dAlcobaca de todalas deuydas que dõna Maria Soarez madre en outro tenpo de Johã Martjns deuia a Raby Náámã nosso auóo e á Josep Náámã nosso padre per prazos dos quaes prazos hũu ffoy feito per mão de Pero Iuyaiz en outro tenpo Tabelliõ de Santaren primo dia de Março da Era de Mil e Trezentos e vijnte anos no qual prazo era conteudo que a dita dõna Maria Soarez e sa filha deuia ao dito Raby Náámã nosso auóo Sete libras. E outro prazo ffoy feito per mão do dito Tabelliõ Noue dias de Nouẽbro da Era de Mil e Trezentos e vijnte e hũu En que era conteudo

¹ Caixa 97 da Collecção Especial.

que a dita dōna Maria Soarez deuia ao dito Raby Náámã nosso auóó dez libras. E o outro prazo foy feito per mão do dito Tabelliō sex dias de Dezenbro da Era de Mil e Trezentos e vijnte e dous anos no qual prazo era conteudo que a dita dōna Maria Soarez deuia ao dito Raby Náámã noso auóó Dez e sex libras. E o outro prazo era feyto per mão do dito Tabelliō dez e oyto dias de Março da Era de Mil e Trezentos e vijnte e quatro anos no qual era conteudo que a dita dōna Maria Soarez deuia ao dito Raby Náámã nosso auóó vijnte e çinque libras. E o outro prazo floy feito per mão do dito Tabelliō Treze dias de Janeyro da Era de Mil e Trezentos e vijnte e çinque anos no qual prazo era conteudo que a dita dōna Maria Soarez deuia ao dito Raby nosso auóó Dez e sex libras. E o outro prazo foy feito per mão de Saluador Diaz tabelliō de Santaren vijnte e tres dias de feueyeyro da Era de Mil e Trezentos e Trinta e noue anos no qual prazo era conteudo que a dita dōna Maria Soarez deuia a Josep Náámã nosso padre Quinze libras. Damos por quites e por liures os sobre ditos Abade e Conuento e o Moesteyro dAlcobaça da terça parte da sobredita deuyda que e conteuda nos sobreditos prazos per razō dos bēes que o dito Moesteyro dAlcobaça ouúe e a da sobre dita Maria Soarez que floy ffamilyaira do dito Moesteyro e madre do dito Johã Martinz trovador. E outro sy Damos por quites e por liures os sobreditos Abade e Conuento e Moesteyro dAlcobaça de dous quinhões que o dito Moesteyro cuue da parte de Fernã Reymondo e de Sancha Reymondo filhos de Reymonde Anes e de Eluira Anes e netos da dita dona Maria Soarez per razō das deuydas a que eles erã teudos e obrigados per razō dos ditos bēes que ouuerō da dita ssa auóó e per razō dos ditos prazos a que erã obrigados os ditos bēes asy como he conteudo nos prazos de suso ditos. E de mays obligamos nos per todos nossos bēes que auemos e aueremos da qui adeante assy mouez (*sic*) come de Rayz e éu Naamã de suso dito pora dita mha madre cuio procurador sóó que se pela uentura alguen uéer tan ben nos da nosa parte come dos estrâyos que contra os ditos Abade e Conuento e Moesteyro uijr quiser per razō dos ditos prazos que nos liuremos ende os sobreditos Abade e Conuento e Moesteyro dAlcobaça sen sa perda e sen seu dano e a seu saluo. En testemūyo desta cousa e que poys nō possa vijr en outra duuyda Rogamos Affonso Dominguez Tabelliō de Santaren que fizesse ende esta carta aos ditos Abade e Conuento e Moesteyro dAlcobaça. Feyto ffoy esto Quatorze dias de Julho. Era de Mil e Trezentos e Quaraenta e dous

anos. Os que presentes fíron Francisco Martinz Saluador Diaz Domingos Martinz de San Juyão Tabelliões Francisco de Ponte procurador no concelho. Pero Uéégas, uogado. Durã Pirez e Marti Fageyro porteyros. Martin Bertolameu e Marti Anes dito Reboti e Salomõ criado de dõna Avizibõa e outros muytos. E eu Atfonso Dominguez publico Tabelliõ de Santaren a todas estas cousas presente ffuy e a dita procuraçom uy e lij e esguardey que nõ era rassa nõ antrelinhada nen en nõhũu logar de ssy sospeyta na qual procuraçom era contenido antre as outras cousas que a dita dõna Dõna daua conprido poder ao dito seu filho e seu procurador pera dar por quites e por liures pera senpre todos aqueles de que algũa cousa reçebese e pera fazer auéença cõ todos aqueles que a ela algũa cousa deuesẽ ou lhy fíosem obrigados per qual quer maneyra e esta carta a rogo dos susos ditos cõ mha mão propria screuy e en ela este meu si + nal pugy en testemũyo de uerdade ¹.

X

18 de fevereiro de 1305

Notum sit omnibus presentibus et futuris quod Ego Johanna Martini uxor quondam Geraldi Petri dicti ffarmadi do et concedo pro libero et immuni pro ad senper Mon. ordinis Alcobacie de tota terciã parte sexaginta duarum librarum et xvij.^o solidorum quos denarios dõna Maria quondam uxor Martini Suerij dicti trobador militis debebat dare predicto Geraldo Petri quondam meo marito pro unum instrumentum factum per manum Domini lohannis xxij.^a die aprilis de Era xxxiiij.^a et per alium instrumentum factum per manum Saluatorem Didacj xxvj.^a die april de Era xxxvj.^a It do et concedo nomine meo et pro partem et quineonem ffredinandus reymondi et Sancia Reymondi filij Reymondj lohannis militis tenebantur per soluere pro parte sua ratione dictarum Lx.^a et duarum librarum et xvij.^o solidorum contentorum in dictos duobus instrumentis ratione predictẽ dõne Marie que terciã partem predicti debiti dictum Monasterium tenebatur dare rratione terciẽ partis bonorum predictẽ done Marie qua dictum Monasterium recepit et habuit ad oram Mortis

¹ Caixa 102 da Collecção Especial.

sue quia erat familiaria dicti Monasterii et ideo do et cōcedo dictum monasterium pro libero et imuni pro ad senper de tota tertia parte predicti debiti dictorum instrumentorum et de tota parte dictorum puerorum filiorum predicti Reymondi Iohannis nomine meo quia sum inde bene pagata et integata pro parte mea. It. Ego Johannes Stephani portarius Concilij Santaren. do et concedo predictum Monasterium Alcobacie pro libero et inmuni pro ad senper nomine et loco Petri et Marie et Costancie puerorum sine robura quondam filiorum [predicti Geraldii Petri dicti Farmado per mandatum Petri Roderici militis procuratoris puerorum orffanorum Sanctaren. quia recognosco et confiteor de predicto Monasterio Alcobacie per fratrem Martinum Iohannis monacum dicti Monasterii Alcobacie .x. liberas recepisse meam partem nomine dictorum puerorum filiorum quondam predicti Geraldii Petri per mandatum prenominati Petri Roderici procuratoris orffanorum ratione predicti debiti dictorum planctorum. Actum fuit hoc Sanctaren. xvij^a ffebruari Era M.^a CCC.^a xl.^a iij.^a Qui presentes fuerunt Saluator Didaci. Dominicus Martini de Sancto Julião. Alfonsus Dominici Tabelliones. Et ego Dominicus Martini dictus de freyra publicus Tabellio Sanctaren ad rogatum predicti fratris Martini Iohãnis magistri fratrum predicti Mon. predictis recognicioni et quitacioni dicte Johãne Martini et dicti Johãnis Stephani portarij et integacioni dictarum. x. librarum quas dictus Portarius recôgnouit se recepisse interfui et hoc instrumentum ex inde scripsi in quo instrumento super .ix.^a lineam superius ... tres dictiones interliniaui ubi dicitur filij Reymondi Iohannis et hoc sig + num meum in eodem apposui.

Nas costas—Estromento pelo qual Johana Martijz deu por liure o Moesteyro da terça da diuida de sa auóó dõna Maria de Ryo Mayor ¹.

XI

19 de dezembro uo 1305

Sabhã todos que eu Johãna Martiz e eu Margarida Martiz filhas en outro tenpo de Marti Dominguiiz Priol de Sam Pedro da Arrifana e Raçõeyro da Egreja de Sam Nicolas de Santaren e netas de dõna Maria Soariz molher en outro tenpo de Martin

¹ Collecção especial. Caixa 93.

Soariz trobador en nosso nome e de nossos filhos damos e outorgamos por liure e por quite pera todo senpre o Moesteyro dalcobaça de toda a terça parte de quatorze libras e meya as quaes liuras a dita dõna Maria deuya a dar ao sobredito Martin Dominguis nosso padre per hãu stromento feyto per mão de Pero Iuiãez tabelliõ de Santaren noue dias de feureiro Era de mil trezentos e dez e noue e per outro stromento feyto per mão de Johã Paez en outro tenpo Tabelliõ de Santaren vijnte e dous dias de Março Era de mil trezentos e uijnte e quatro. Outrosy damos e outorgamos o dito Moesteyro dalcobaça por liure e por quite pera todo senpre de toda parte e quinhon a qual parte Fernã Reymondo e Sancha Reymondo filhos de Reymonde Eanes cauleyro erã teudos a pagar por sa parte das quatorze libras e meya conteudas nos ditos stromentos de suso ditos per rrazõ da dõa Maria nossa auó. A qual (terça) parte da dita deuida o Moesteyro dalcobaça era teudo a pagar per razõ da terça de seus bñes dessa dõa Maria que ouue o dito Moesteyro a ssa morte porque era sa familiayra. E porende damos e outorgamos assy como de suso dito é o dito Moesteyro dalcobaça por liure e por quite pera todo senpre de toda a terça parte da dita deuida conteuda nos ditos stromentos e outro sy da parte dos sobreditos filhos de Reymonde Anes. E damos nos por entregadas e por pagadas de toda a quantidade e parte da dita deuida que o dito Moesteyro dalcobaça e ditos filhos de Reymonde Anes erã tehudas de pagar. En testemõyo da qual cousa fizemos ende fazer ao dito Moesteyro aqueste stromento per mão de Domingos Martinz Tabelliõ de Santaren. Feyto foy esto en Santaren. Dez e noue dias de Dezenbro Era de mil trezentos quarenta e tres anos. Os que presentes forõ Saluador Diaz tabelliõ de Santaren. Frey Pedro çalareyro dalcobaça en Santaren. Affonso Fernandiz de Sam Saluador filho que foy de Fernam Galego. Johã do Monte homẽ de Johane Anes raçõeyro de Maruilla. Steuam Martinz çapateiro dAlprã. Johã Pirez dito Pequeno porteyro do Concelho de Santarẽ a rrogo das ditas Margarida Martinz e de Johãna Martinz e a rrogo de ffrey Martiõ en outro tenpo Celareyro dalcobaça a estas cousas presente fuy e aqueste stromento screuy e presente si + nal meu é ele pugi ¹.

XII

11 de setembro de 1313

Inomine dey amē. Sabhã quantos esta Carta virẽ e leer ouvirẽ que nos Ayras Martjnz Caualeyro e Aldonça Anes ssa molher filha de Johã Martinz Trobador damos e outorgamos a fforo a uos Lourençe Anes de Vila Noua da freeguesia de San Pedro da Arriffana do termho de Santarẽ e a uossa molher Giralda Viçente toda a parte dos tres quinhões que nos cõprastes de Johã Viçente e de Maria Dominguez ssa molher e de Domjn-gos Iohanes ssalgado e de Domingas Viçente ssa molher nossos yrmãaos e duhũa coyrela que nos conprastes de Maria Martinz nossa Madre na dita freeguesia de San Pedro da Arrifana Damos e outorgamos a uos a fforo os ditos herdamentos e a todos uossos ssoçessores despos uos por Cem marauydys que de nos en dinheiros damos a uos os ditos herdamentos a fforo per tal preyto e per tal condições que uos e todos uossos ssoçessores de pos uos os aiades e pessojades pera todo ssenpre E os laur-des e ssemētedes e chantedes bẽ e ffielmente como bõos lauradores e todos uossos socessores de pos uos e que dedes ende a nos e a todos nossos ssoçessores de pos nos a quarta parte do Pam e do vinho e da Tinta e das oliuas e do Linho e da Legumha e dos alhos e das çebolas do al que deos hy der Conuẽ a ssaber o pam na Eyra e o vinho aa bica do Lagar e a tinta na Eyra e as oliuas na Eyra como he costume e o linho no tendal E os alhos e ass çebolas na Eyra enrestadas ã cada hũu ano e sse per uentura uos e uossos ssoçessores os ditos herdamentos ou parte deles quiserdes uender deuedelo ante ffaizer ssaber a nos e a todos nossos soçessores se os nos e nossos ssoçessores quisermos comprar os ditos herdamentos deuemollos a auer de tãto por tãto e negũu nõ nolos possa tolher E sse per uẽntura nos nẽ nossos soçesores os nõ quisermos comprar nos nẽ nossos ssoçessores de pos nõ os possamos vẽder a caualeyro nẽ a dona filha dalgo nẽ a clerigo nẽ a Ordẽ nẽ a mouro nẽ a Judeu nẽ a homẽ mais poderoso ca nos mais deuedelo a uẽder aa tal pessoa ou pessoas que bẽ e cõpridamente ffaça ende a nos o dito fforo e nos de suso dito Lourenço Anes e Giralda Vicente rreçebemos os ditos herdamētos sso as condyções de suso ditas. E obrigamonos per todos nossos bẽes mouys e raiz a cõprir todatas cou-sas de ssuso ditas e cadahũa delas En testemunho da qual cousa

fhezemos ende ffaizer antre nos este estromento per mão de Domingos Iohanes Tabeiõ de Santarê. Feito ffoy en Santarê onze dias de setembro da Era de Mil e trezentos e Cinquenta e hũ Anos (*sic*). Testemunhas que presentes fforã Johã Dominguez tabeiõ e Martin Giraldez Pego e Pedre Anes e Johane Anes homẽ do Comendador e Affonso Dominguez e nos partes de ssuso ditas todos emsembra cada hũ per ssy mãamos e louuamos que a parte de nos que nõ cõprir as cousas de ssuso ditas que peje a outra parte que o cõprir Cem libras ẽ nome de pea e o feito seer firme e estauil pera todo ssenpre como dito he. Eu Domingos Iohanes probico Tabeiõ de Santarê a rrogo das partes de ssuso ditas a este ffeito presente ffuj e este estromento escreui e este meu ssinal. (*Tambem não tem signal publico*) ¹.

No verso do pergaminho: Não se tresladarão estas duas escrituras por não terem sinal publico e não fazerem fee; mas servirão sempre para informação, e noticia da origem destas fazendas).

XIII

19 de novembro de 1325

Enome de deos amẽ. Sabhã quantos esta carta de fforo virẽ e leer ouvirẽ que no (*sic*) Ayras Martinz ffarazõ Caualeyro e Aldonça Anes ssa Molher-damos a fforo pera todo ssempre a uos Lourẽçe Anes e a Giralda Viçente uossa Molher e a todos uossos ssessores (*sic*) despos uos a nossa Coyrela do Vimeeiro e a nossa Coyrela da Torre e o al que hy nos auemos saluo a Casa da morada e as Coyrelas de Vila Noua que uos compramos os quaes herdamentos sson ẽ termho de Santarê na ffreeguisia de Sam Pedro da Arrifana damos a fforo e outorgamos a uos e a todos uossos ssessores e depós uos oss ditos herdamentos con môtẽs e con ffontes rrotos e por arromper con êtradas e ssaidas e dereytos e pertêças por tal preyto e sso tal condiçõ que uos que os arronpades e chantedes de vinhas e doliuaees e lauredes bẽ e ffielmente e deuedes ende dar a nos e a todos nossos ssessores desspos nos a quarta parte de todo o ffruyto que deos hi der conuẽ a ssaber o Pam na Eyra e o vinho aa

¹ Tombo 1.º dos pergaminhos de Almoester, documento n.º 40.

bica e o lynho no tendal e as oliuas e a tinta na Eyra e hũu capõ, e hũa galinha e dous Alqueires de trijgo pera ffogaça de fforo. E uos nõ deuedes a uẽder nõ alhear os ditos herdamentos nõ parte deles a Caualeiro nõ a Dona nõ a Clerigo nõ a Judeu nõ a mouro nõ a ouẽeçal del Rey nõ a homẽ nõ a molher poderosos e sse uẽeder quiserdes os ditos herdamentos ou parte deles deuedelo a ffaizer saber a nos e sse os nos quisermos deue-molos a auer de tanto por tanto e sse os nos nõ quisermos a uos os deuedes a uẽder aa tal pessoa que ffaça a nos o dito foro e nõ seia das pessoas de ssuso ditas. E uos Lourençe Anes e Giralda Vicente ssa molher por nos e por todos nossos sessorres Recebemos os dítos herdamentos sso as condições de ssuso ditas e obrigamonos per todos nossos bẽes a cõprilas e a gardalas assy como en esta carta sson conteudas e a parte de nos que contra esto ueer e nõ quiser cõprir nõ a guardar peyte a outra parte teente e aguardante Enome de pea ij^o (200) libras. Feito ffoy esto en Santarẽ nas Casas do dito Ayras Martinz e ssa molher dez e noue dias de nouẽbro da Era de Mil e trezentos e ssasseenta e tres anos os que presentes fforõ Martin Pirez Alfayate da Alcaçeuia e Steuõ Dominguez homẽ de Dona Maria e de Lourenço Escalla e Ruj Pirez homẽ dAyras Martjnz e Pedre Anes Johã Galego e outros e Eu Johã Dominguez probico Tabetiõ de Santarẽ e esto presente ffuj e a rrogo das ditas partes duas cartas deste fforo escreuj e e cada hũa delas meu ssinal pugy que tal he. *(Não foi lavrado o sinal publico do tabelião)* ¹.

XIV

18 de junho de 1326

Sabhã todos que en presença de mjn Steuã Dominguez Tabetiõ de Santarem e das testemunhas que adeante som escritas Johã Periz procurador de Giomar Affonso Abadesa do Moesteiro dAlmoester mostrou hũa carta del Rey a Vicente Louuado da qual carta o teor a tal he:

Don Affonso pela graça de deus Rey de Portugal e do Algarue a uos Vicente Louuado vizinho de Santarem saude. Sabede que Giomar Affonso Abadesa dAlmoester me disse en qual

¹ No mesmo pergaminho do n.º XII.

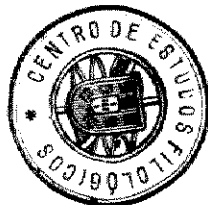
guisa ha demanda e entende a auer cõ Ayras Martinz Farrazõ caualeiro vizinho desa villa per Razõ de bẽes que diz que tẽ per fforça desse Moesteiro os quaes diz que lhi leyxhou a sogra dese Ayras Martinz e pediome por merçee por que ela nõ podia andar en Audienciias que lhy desse hũu Juiz de graça que ouuisse este feito. E eu uẽdo o que my sobre esto dizia e querendo lhy ffazer graça e mereçee tenho por bẽ que seiades seu Juiz en este feito. Por que uos mado que ffaçades as partes perante uos uijr e ouijde os e desenbargadeos de guisa que cada hũa dellas aia Jgualdade e cõprimẽto de dereyto. Unde al nõ façades. Dante en Torres Uedras vinte e oytto dias de Mayo. El Rey o mado. Martin Annes a ffez. Era de mill e trezentos e seseẽta e quatro anos. Iohan Affomso.

A qual carta mostrada e probcada o dito Iohã Periz dise e pedio ao dito Vicente Louvado que cõprise a dita carta del Rey e que lhy dese porteyro per que citase o dito Ayras Martinz e sa molher que ueesem ffazer dereyto aa dita Abadesa e cõuento. E o dito Vicente Louvado disse que en esto e ẽ todalas cousas que el poder que obedeçeria e ffaria mado del Rey mais disse que deste feito nõ podia conhecer per Razõ que era enbargado en mujtos negocios cõuẽ a saber en ffeito do Julgado do Juiz dos Orffaos de que era Juiz. Outrosy disse que era oubrigado en negocio do testamento de dona Maria molher que ffoy de Johã Simbõ. Outrosy nos bẽes do Bispo dEuora que ha de ueer e de procurar per mandado de Vaasco Martinz sobrinho do dito Bispo e en outros negocios en que ha dobedecer en mado del Rey en enquerições e en outras cousas que dise que lhy madaa ffazer e asy dizia que nõ podia entender deste ffeito móomente que dise que auya demada cõ o dito Ayras Martinz per Razõ dũu seu homẽ o qual dise que lhy tẽ presso per Nome Francisco. E por esta Razõ disse que pedia por merçee a El Rey que lhy dese outro Juiz. E o dito Johã Periz disse que ao que dizia o dito Vicente Louvado que auya de ueer estas cousas de suso ditas disse que cada hũa ele podia ouuir en sseu tenpo e ao que dizia que auya demada cõ no dito Ayras Martinz per Razõ do seu homẽ disse que quando lhy Ayras Martinz quisesse poer Recusaçõ que nõ auya por que seer seu Juiz pela dita Razõ disse que ele Responderia e porria a dereyto da abadesa e do cõuento e que per tal Razõ nõ auya ele por que se escusar que nõ cõprise a dita carta e ouuylo preyto e determinhalo cõ dereyto e pediolly que a cõprise e como El Rey madaa. E Vicente Louvado dise o que dito auya e que o ouyria de boa-

mente se podese mais que nõ podia pelo que dito auya. Feito o stromento en Santaren na Egreia de sam Johan dezoyto dias de Junho. Era de mill e trezentos e Sesêta e quatro anos. Testemunhas Steuã Periz Lobato. Nicolaão Durães Affonso Anes Cheyra Vinho. Steuã Periz. Gonçalo Giraldez e outros. E eu dito Tabeliõ a Rogo do dito Johã Periz a esto presente fuy e este stromento scriuy e en el este meu sy + nal pugi ¹.

XV

8 de julho de 1326



En nome de deos amen. Sabhã quãtos este stromento uiren e léer ouuirem como na Era de Mil e trezentos e sessêta e quatro ãnos en Santaren oito dias de julho da dita Era perdante o hõrrado baron e sages Méestre Antonio priol da Egreia de ssan Saluador de Lixbõa e ouuidor do honrrado padre e senhor Don Johane pela merçee de deos Bispo de Lixbõa no arçidigado de Santaren seõdo ouuindo os preitos no adro da Egreia de Santa Maria de Maruila En presença de mjn Steuã Vicente tabelliam de Santaren e das testemunhas que adeante sson scriptas lohã Pirez procurador de dona Guyomar Affõmsõ abbadessa dAlmoester e de dona Maria Gomez Monia do dito Moesteiro mostrou e per mjn leer e publicar ffez hũu stromento ffeito e assinãdo per mãao de Iohan Gonçaluez Tabelliõ de Santarẽ seõdo en ele parecia da qual o teor tal he:

Sabhã todos que en presença de mjn Johã Gonçaluz publico tabelliõ de Santaren e das testemunhas que adeante sson scritas dõna Maria Gomez abadesa do Moesteiro dAlmoester mostrou e publicar ffez per mjn dito Tabelliõ hũu scrito que sse cõtãta testamentõ scrito en pulgaminho de coiro do qual o teor tal he:

En nome de deos amen. Eu Costança Lourenço temente dia do meu passamento ffaço e ordio e stabelesco meu testamento cõ todo meu comprido siso e entendimento e mando mha alma a deos e a uirgen gloriosa santa Maria e filho toda terça de meu auer pera darem por mha alma e mãdo que mj ssoterrẽ no Moesteiro dAlmoester e mãdolhj cõ meu corpo çinque libras.

¹ Tomo 2.º dos pergaminhos de Almoester, documento n.º 56.

Item a ssan Pedro da Arriffana çinque libras por ffallhas. A San Nicolaa de Santaren cinque libras e mado per o dia da sepultura e por missas câtar en esse dia e por çea de sabado trinta e cinque libras. Item mando por missas câtar vijnte libras. Item mado a meu criado Nicolááo quarçeta libras e a Maria mha criada quarçeta libras e hũa coçedra e dous chumaços e a Maria Galega e a ssa filha çinque marauidis. Item dez libras aa Madre de Nicolááo. Item mando quatro libras a Martin Paez. Item tres libras a Sancha Rodriguiz. Item a Sancha Martinz dez libras. Item a meu abbade don Pedro tres libras. Item trinta soldos a Lourenço Abril. Item a cabo do ano vinte libras pera misas e pera sairen sobre mjn. Item mado que vendã os panos de meu corpo e dem ende os dinheiros por mha alma e en missas cantar e ffaço mhas testamentearas donas Maria Gomez abbadesa dAlmoester e mha coirmãa Guiomar Affomso prioressa do dito Moesteiro e madohlis Palo Affomso que hi auerem aa (?) dita abbadesa trinta libras e aa dita prioressa quarçeta libras e Rogolhis e peçolhis por deos e por mesura que do meu auer paguê esta mha manda assy como en ela he cõteudo e de ssuso scrito e mado e rrogo áas ditas mhas testamentearas que pagado este meu testamento assy como de suso he scrito mado que todalas outras cousas que fficarem da terça do meu auer hu quer que possam seer achados tâbem mouil come raiz que os dem aa æffermaria do dito Moesteiro e Eu dita Costãça Lourẽço hej firme e stauil este testamento e dou o por ualioso e se algũu testamento ou testamentos parecerem cõtra este nõ valhã nõ tenha nen seiã ualiosos mais rreuogoos e cõfirmo este e se as mhas testamentearas esto nõ quiserem cõprir por nõ quererẽ ou nõ poderen peço por merçee a nossa senhor a rraynha que filhe este en ssy en esmolla de ssa alma ca en esforço de sa merçee me deito ã este sseu Moesteiro. Feita foy esta manda êno Moesteiro dAlmoester a vijnte e seix dias de oitubro Era de Mil trezentos e Çinquenta e oito anos. Os que presentes fforã ffrey Pedro e ffrey Martinho monges dAlcobaça Pedro Acenço priol de Santiago dAlanquer Pedro Perez sseu capllam e Bertolameu Lourenço rraçoẽiro de san Pedro dAlenquer e Ruy Perez criado do dito priol. Lourenço Abril priol de Santa Maria dAlmoester, Feito este testamento acrecento mais Çinquoçeta libras ao Moesteiro dArrouca. Item estas son as diuidas que eu dona Costãça Lourenço deuo a Martin Perez hũa duzea (*sic*) de trigo. Item seix libras a Domingue Anes e dez libras e treze soldos áa Molher de Domingos de Cardjn. Item a Maria Steuẽz áa dela çinque libras

e Airas Martjns que my demanda diuida de dous casáaes que diz ca lhy tolhj ende os nouos du nũa ouue cousa ca o tomou Lourenço Anes rredondo eles disseron ca o tiraron do outro ouuy hy xb buzeos cada ano por que mj tomou ele vijnte libras na Maya e hũu rroçim e o pã que mj tomou das couas e fforçoumy do Erdamento da meyadade da mha contenda que ouuj de fazer pela alma de Johã Martinz e de ssa mulher e ha oito anos que desto stou forçada e naquel tempo que eu tijnha ualia a aldea a mheyadade çerta de trjnta libras.

O qual scripto perleudo a dita dona Maria Gomez abbadesa do dito Moesteiro dAlmoester pedio ende a mjn dito tabelion o teor dele en publica fforma e sso meu sinal feito ffoj no Moesteiro dAlmoester termo de Santarem treze dias de Oitubro. Era de Mil trezentos e Cinquoëta e noue annos. Testemunhas frey Johã Celareiro do que Alcobaça ha en Santaren frey Pedro frade monge Alcobaça Steuã Anes lohan Dominguez clerigos dAlmoester e outros e eu Iohã Gonçaluez publico tabelliõ de Santarê a rrogo e de mädado da dita abadesa o teor do dito cõ mha mão de uerbo screuy e en este estromento e ele este meu sinal pugj que tal he em testemunho desta cousa.

O qual stromento perleudo per dante frey Pedro e frey Martinho e Pedro Perez testemunhas sobreditas o dito Meestre Antonio preguntou per iuramento aos auangelhos as ditas testemunhas sse a dita Costança Lourenço cõ seu entendimento outorgara a dita Manda como en ela era cõteudo e disseron que ssy e ã come o dito Méestre Antonjo en scriptos a Julgou por testamento no qual testamento o dito Johã Perez é nome das ditas testamenteiras dise que nõ consentia senõ cõ protestaço dos seus bẽes das ditas donas nõ seerẽ a mais obrigados que quanto auõdasem os bẽes da dita passada e o dito Ouuidor com a dita protestaço lho mandou receber. Feito ffoy esto en Santaren no logo e no dia e na Era da suso scripta. Testemunhas Johã Martinz Johã Cheyo. Saluade Anes Pedre Anes Steuã Martinz Lourenço Martinz e outros e Eu Steuã Uiçente tabelliam de Santaren a rrogo do dito Johã Perez e per mandado do dito Ouuidor este stromento screuy e en ele este meu sig + nal pugj.

No verso do pergaminho: Testamento de D. Constança Lourenço manda que dos bens de sua terça se paguem seus legados e o que sobejar delles fique á Enfermaria deste Moesteiro. Era prima da Abbadesa D. Guiomar Affonso que então era priora e a deixou por testamenteira e á Abbadesa D. Maria Gomez da

Silua, com varios Legados a estas e a muitas pessoas, e Igrejas, etc. ¹.

XVI

7 de outubro de 1327

Sabhã todos que na presença de mjn Vaasco Rodriguez Tabeiõ en Santaren e das testemõyas que adeante som scriptas Pedro Uicête Priol da Egreia de ssan Pedro da Arriffana procurador dAiras Martinz e dAldonça Anes sa mulher per hũa procuraçom da qual o theor tal he:

Sabhã quantos esta procuraçom vijrê que eu Airas Martinz farazom e eu Aldonça Anes sa mulher fazemos nosso procurador Pedro Uicente Priol da Egreia de ssan Pedro da Arriffana a que el por nos e ê nossos nomes possa partir os bês que a nos ficarõ per morte de Costança Lourenço madre de mjn dita Aldonça Anes cõ dona Guyomar Affonso Abadessa do Moesteiro dAlmoester e cõ dona Maria Gomez Mõia do dito Moesteiro testamêteiras da dita Costança Lourenço e cõ cada hũa delas. E pera lhis dar dos nossos bês mouil e Raiz cousa assũada pola sa terça pera a poderem melhor vender e ffazer o que a dita Costança Lourenço mãdou ã sseu testamento. E pera obrigar por nos e ã nossos nomes os nossos bês pera lhis darmos dinheiros ata cem libras e pera os darmos a tempo sabudo e pera mãdar fazer dous Instrumentos cõ quaes pẽas e cõdições ouuer por bem. E pera as meter em posse E pera mãdar fazer stromento ou stromentos. E pera demarcar e deuisar todalas ditas cousas. E todalas ditas cousas que pelo dito nosso procurador por feito nos o auemos por firme pera senpre so obrigamento de todos nossos bês. feita a procuraçom en Santaren nas Casas do dito Airas Martinz quatro dias dOutubro. Era de mill e trezentos sassêta e cinque anos que presentes foram Domingos Iohanes filho de Ioham Perez Johan Lourenço e Gil Soariz homens do dito Airas Martinz. E eu Vaasco Rodriguez Tabeiõ en Santaren a rrogo dos de ssuso ditos esta procuraçom scriuy e ã ela este meu signal pugy.

E o de ssuso dito Pedro Uicente per poder e-per outoridade da dita procuraçom ã nome dos de ssuso dito Airas Martinz e

¹ Tombo 2.º dos pergaminhos de Almoester, documento n.º 53.

dAldonça Anes sa mulher meteo en posse e en corporal possisson dona Guyomar Affomso abadesa do Moesteiro dAlmoester e dona Maria Gomes Mõia do dito Moesteiro testamenteiros de dona Costança mulher que foy de Johã Martinz trobador de dous Casaaes que os ditos Airas Martjnz e Aldonça Anes sa mulher ham os quaes Casaaes som ã na freguesia de ssan Pedro da Arrifana os quaes tragem a ssa mão Lourenço Iohanes Pregacho e o ffrãco e as Casas da Torre e o quinhõ da Torre cõ todos dereytos assy come (=como é) conteudo en hũus stromentos feitos per mjn Vaasco Rodriguez Tabeiõ deste dia deste stromento dantre os ditos Airas Martjns e sa mulher e as ditas testamenteiros. A qual posse a elas fez per hũa Casa e curral e hũa figueyra que sta ã Vila Noua dapar da Arriffana per talha e per terra e per erua e pela dita Casa disse o dito Pedro Uicente que per esto as metya en posse de todalas ditas cousas per Roy Fernãdiz homẽ da dita Abadesa. Da qual posse o dito Roy Fernandiz polas ditas testamenteiros pedyo a mjn dito Tabeiõ hũu stromento. Feito foy no dito logo sete dias dOutubro Era de mill e trezentos sesseenta e cinque anos. Que presentes foram Affomso Dominguez Tabeiõ Iohã Frade Don Fruytoso Andre homẽ de Nicolao Durães e outros. E eu Vaasco Rodriguiz Tabeiõ sobre dito este stromento screuy e ã el este meu sig + nal pugy ¹.

No verso do pergaminho: Trobador parece *Trovador* e assim chamavão antigamente aos que fazião versos.

XVII

23 de julho de 1329

Sabyã todos que eu Ajras Martinz Caualeyro Eu Aldonça Anes ssa mulher moradores e vezinhos de Santarem damos e outorgamos a uos Steuã Dominguez e a uosa mulher Luzia Joanes que morõ ora na Tore dos Viláas e a uosos ffilhos e netos e a todos uosos ssusesores que de pos vêeren a fforo pera todo senpre hũu nosso Casal que nos auemos en Vila Cháá o en que seue Joã Gil asy como o el auja de pam e de vinho e dazejte e

¹ Tombo 1.º dos pergaminhos de Almoester, documento n.º 45.

con todas sas aruores con montes ffontes Reçios apascoamentos Rotos e per Ronper que uos e uossos ffilhos e netos e todos uosos ssusesores que de pos uos ueerem dedes a nos e a todos nosos susesores que de pos nos uêrem a quinta parte de todos ffrujtos e nouos que deus der no dito Casal e en cada hûu ano conuen a ssaber o pam néejra e as legumhas e o vinho áa bica e a Tjnta néejra e as oliuas ao péé dóólinejra çolhendo se per sy e o linho no Tendal e dardenos en cada hûu ano por dia de san Miguel de Setenbro dous Capões affousinhados e hûa galinha e hûa duzea douos e quatro alqueires de trigo pera flogaça e morardes no dito Casal e uos o deuedes a ronper e laurar e adubar en cada hûu ano ben e fielmente come uosos uezinhas e melhor. E uos nõ deuedes veender a Moestejro nem a Albergaria nen a Caualejro nen a dona nen a nenhûa pessoa mais poderosa que nos. E se o uos quizerdes vender todo ou parte dele uos o deuedes a ssaber a nos. E se o quizermos auermolo de tanto por tanto e se o non quizermos venderdelo uos áa tal pessoa que ffaça a nos o dito ffloro. E dardesnos de quantos flogos foren no dito Casal tantos ffloros como dito he. E nos Steuã Domingues e Luzia Joanes ffilhamos e Recebemos o dito Casal con todalas condições de suso ditas por uos e por uosos ffilhos e netos e por todos uosos ssusesores que o dito Casal ouueren que de pos nos uêren. E obrigamos nos per todos nosos bês moujs e Raiz aas guardar e manteer e dar a uos ou a quen esta carta mostrar o dito ffloro en cada hûu ano e nõ uolo dando como dito he que nos seiamos penhorados e costrengudos pelo uosomen sen contenda. E a parte que contra esto vêr e o nõ quiser acabar pejte áa outra parte que o teuer e aa couber en nome de peua Cem libras e valer e estar a Carta em ssa fforça. Das quaes cousas e ffloro os ditos Ajas Martinz e Steuã Dominguez por ssy e por todos sseus sussesores que de pos eles vêren pidirõ a mjin Tabelliõ ssenhas cartas ssemelhaujs dõu Teor. Fejtas fflorõ en Santaren na casa do dito Caualejro uinte e tres dias de Julho. Era de Mil e Trezentos e ssaseenta e sete anos. Testemunhas que presentes fflorõ Steuã Dominguez Tabelliõ Joã Nuniz Dominga Anes Joã Pirez Saluado Martinz Creligo e outros. Eu Lourenço Anes Tabelliõ de Santaren a Rogo per mandado das ditas partes duas cartas ssemelhaujs dõu teor escrevj e en cada hûu delas este meu sinal pugj + que tal e,

Nas costas: De Villa Chãa na era de j iij.^a lx vij per Ayres Martinz a Esteuão Dominguez. Nõ tem confrontações.

Idem. Não serue de mais que para mostrar a antiguidade da quinta ¹.

XVIII

15 de agosto de 1330

En nome de deus amen. Sabyã quantos esta carta uyren e léér ouuyren que nos Ayras Martinz fiarazō e Aldença Anes sa molher damos a ffora pera senpre a uos Lourence Anes e a uosa molher Margarida Pirez hũu Casal derdade que nos auemos en Cháá termho de Santaren o qual teue Lourenço Martinz e Agada Pirez per tal preyto e condiçō que uos o aiades pera senpre e que o moredes uos e uossos susessores e que o lauredes e sementades e sachedes e mondedes en cada hũu ano ben e ffelmente e dedes ende a nos e aos nosos susesores de pos nos a quinta parte de todo o fruyto que deus hy der conuen a saber o pã e as olyuas e a tinta na Eyra en paz e en saluo pagamdose os segadores ante de todo o monte. E o vyo no lagar e o lyho no tendal e os alhos e as çebolas enrestadas. E en cada hũu ano quatro alqueires de trigo linpho por fogaça e dous capões por dia de san Miguel de Setenbro e hũa galyha e doze ouos por natal. E quantos ffogos hy ffezerdes dardes tantos foros. E quantos ffogos hy ffazerdes dardes tantos foros. E o nosso homen poder penhorar pelos ditos fforos e dereitos sen cóómha nẽ hũa sen outro Porteyro. E uos nõ deuedes criar no dito Casal nẽ hũ ffidalgo sen nosso mandado. E sse uos ou uossos susesores quiserdes vender o dito Casal ou parte del deuedelo ante saber a nos e se o nos quisermos comprar auermolo ante que outren tanto por tanto. E sse o nos nõ quisermos comprar uos nõ deuedes el uender a dona nen a Caualeyro nen a Orden nẽ a homees ffilho dalgo nen a mouro nen a judeu nen a Ouéénçal del Rey nẽ da Raya nen de seus filhos nen a outren homẽ poderoso maijs venderdes el aa tal pesõa que a nos ffaça os ditos fforos e nos de os nossos dereitos e nos seia cõ eles obediente. E nos sobreditos Lourençe Anes e Margarida Pirez sa molher reçebemos o dito Casal so as ditas condições e obrigamos nos áás conprir e aguardar per todos nossos béés auudos e por auer por nos e por nossos susesores. E a parte de nos que

¹ Caixa 112 da Collecção Especial.

contra estas cousas uéer per ssy ou per outren en parte ou en todo peyte aa outra parte conprinte e aguardante as ditas cousas. Cem libras en nome de peã e todauya estar este feito en sa ffirmydõe e ualer pera sempre. En testemũyo deste fizemos ante nos seér feitas duas cartas dũ tẽor per mão de Affonso Dominguez Tabelliõ de Santaren. Das quaes cada hũa das partes deue tẽer hũa. Feito ffoy esto em Santaren nas Casas do dito Ayras Martinz quinze dias dagosto. Era de Mil e Trezentos e seséenta e oyto anos. Os que presentes foram Domingos iohanes Tabelliõ Affonso Martinz homêe del Rey Steuã Dominguez homêe de dona Maria. Johane Anes çepelheyro e outros. E eu Affonso Dominguez Tabelliõ de Santaren a estas cousas presente ffuy e a Rogo das partes duas cartas dũu teor ende scriuy en cada hũa delas este meu si + nal pugy.

Nas costas. Prazo de Vila Chaa per Ayres Martinz farazã e Aldonça Anes sua molher foy feyto na era de j iij^o lx viij anos pera ser aforado a Lourenço Anes e Margayda Pirez sua molher. Nõ tem confrontações.

Idem. Não serue mais que pera constar da antiguidade da quinta que não tem confrontações ¹.

XIX

10 de novembro de 1333

Sabhan todos que na Era de Mil e trezentos e sateenta e hũu anos dez dias de Nouenbro na Egreja de Santa Maria de Maruila perdante Mestre Antonynho vigayro do honrrado Padre e senhor dom Johane pela graça de deus e da ssanta Eigreja de Roma Bispo de Lixbõa nos feitos da audiancia de Santaren em prezença de mjn Miguel Martinz tabelliõ da dita vila e das testemunhas que adeante son escritas Saluade Anes procurador de dona Mayor e Pero Affonsso procurador de dona Eynes molher dAffonso Martinz Froyam parecerõ em Juyzo per dante o dito vigairo. E entõ o dito Pero Affonsso procurador sobredito disse que a dita dona Eynes he da linhagem de Fernam Dade e sa parenta e que queriã ueer o testamento do dito Fernam Dade ca

¹ Caixa 112 da Collecção Especial.

entendia a tirar del dereito. E pedia que costringesse a dita dona Mayor en pessoa do dito seu procurador que mostrasse o dito Testamento em Juyzo. E logo o dito Procurador mostrou hũu stromento que dezia que era testamento do dito Fernam Dade feito e asinaado per m̃ao de Pero luyãez que foy Tabelaõ da dita vila ssegundo em ele parecia o qual assi mostrado em Juyzo o dito Pero Affonso en nome da dita dona Eines pediu ao dito vigairo que lhy mandasse dar o tralado de todo. Ca el o queria redargoyr de falsso e poer que era nẽhũu de dereito. E logo o dito vigairo veendo o que pedia o dito Pero Affonso por que dezia que queria o dito testamento e redargoyr de falso mandou a m̃jn dito Tabelaõ que lhy desse o teor do dito testamento todo de uerbo a uerbo come em ele e conteũdo do qual testamento o teor tal he:

In nomine domini amen. Ego Fernandus Dade timens diem mortis mee im meo pleno sensu et cõ meo salute et in salute anime mee et in remissione omnium parentorum meorum facio ordino meum testamentum in hunc modum. Primo accipio pro terciã de meo habere quatuor mille libras. Et mando cum meo Corpore fratrum predicatoribus sancti Dominici Sanctarene .x. libras. It. Ecclesie Sancti Juliani .x. libras et pro meo filijs (falijs?). C. libras. It. mando fratribus minoribus .x. libras. It. Minorissis .x. libras et maiorissis .v. libras. It. dona Merie Dade .x. libras. It. done Merie Dade .x. libras et done Eynes Dade meis germanis .x. libras. It. mando fillijs et filiabus domini Johannis Petri et mee germane done Marie Dade. .v.v. libras. It. mando meo primo cõgermane Roderico Fernandi filio de domini Fernandi Martini Curutelo .xb. libras et Maiori Fernandi sue germane .xv. libras. It. mando Ecclesie Sancte Marie de Alcaceua .L. libras. It. pro anima Petri Dominici iam defuncti .L. libras. It. mando omnibus albergarijs ville .xx.xx solidos. It. operi Sancte Marie de Monte .v. libras. It. operi Sancte Herene .v. libras. It. operi Sancti Antonij .iij. libras. It. leprosis .iij. libras. It. omnibus inclusis ville et heremitatis sancti dominici .v. libras. It. pro missis celebrandis pro anima mea. CC. libras. It. pro ad pauperes induendum .C. libras. It. mando meis doncelis scilicet Marie Stephani et Eines Alffonssi et Costancie Roderici filie Geraldo Roderici et Eines Valasci filie Valasci Petri. L.L. libras. It. Petro Juliani Tabellioni Sanctarene .x. libras. It. mando meo germana dõno Martino Dade. CCC. libras. Et mando et concedo quod soluto isto meo testamento illud quod residuum fuerit de toto meo habere quod habeat totum donam Maior Stephani mea mulier si se nõ casaue-

rit et deyte se ille ubi ego me deito in domum ffratrum predicatorum sancte Dominici et si forte se casauerit mando quod mei Executores diuidant totum meum habere et dant inde totum meum Jus et mea medietatem pro anima mea ubi uiderint mei Executores quod eris magis comodum anime mee tamen quod non dent magis meis germanis filiabus donec Tarasie nisi .xx. libras quas sibi mando. It. mando quod capele de dona Maior Stephani mea uxor omnia supra dita que ego mando quod ad suam mortem et ad mortem dentur pro anima mea et sua et facio Executores istius mei testamenti donam Maiorem Stephani meam vxorem et donum Martinum Dade meum germanum quod teneat illud et quod saluant pro anima mea sicut ego mando Et quod Episcopus Vlixbonens. qui pro tempore fuerit faciat teneri et ad ad impleri hoc meum testamentum sicut ego mando. Et ut hoc meum testamentum habeat firmitatem maiorem feci illud fieri per manum Petri Iuliani publici Tabellionis Sanctarene. Actum fuyt hoc Sanctarene .xvij. dias Augusti Era .M.^aCCC.^a xxxiiij. Qui presentes fuerunt Dominicus Martini Tabellioni. Alfonsus Munionis milles. Stephanus Naualha armiger. Et ego Petrus Iuliani publicus Tabellio Sanctarene rogatus a predicto Fernam Dade constitutioni huius presenti testamenti interfui et illud proprij manu conscripsi et presens signum meum quod tal est in eodem apposui in testimonium primissorum.

Das quaes cousas o dito Pero Affonso em nome da dita dona Eines pediu a mjn dito Tabeliõ hũu stromento ffeito foy no dia e na Era de suso dita. Testemunhas Steuom Affonso Domingue Anes. Affonso Diaz. Steuom Ayras. Domingos Lourenço e outros. E eu sobredito tabeliõ aa petiçõ do dito Pero Affonso e per outoridade que a min he dada do dito vigairo o teor do dito Testamento escreuy e meu sinal hy pugi que tal + est ¹.

XX

9 de julho de 1343

Sabham todos que en presença de mjn Affonsso Dominguiç Tabeliõ en Santaren e das testemunhas que adeante som scritas per ante Steuã Affonsso aluazil geeral en na dita villa sendo en Concelho no Alpender da ffeyra ffoy mostrada e leuda e pobri-

¹ Caixa 98 da Collecção Especial.

cada hũa carta de fforo scritta en polgamynho ffeita e assynaada per mha mãao da qual o teor tal he:

En nome de deus amen. Sabhã quantos esta carta viren e leer ouuyren que nos Airas Martinz Farazõ Caualeyro e Aldonça Anes sa molher damos a fforo a uos Martim ffernandiz da Pata-meyra termho dObydos e a uosa molher Domingas Iohanes hũu nosso casal que nos auemos em Villa Chãa o qual uos comprastes de Pascoal Dominguiç da Maçussa per tal preyto e per tal cõdiçõ que uos lauredes e sementedes e sachedes uos e todos uossos sussessores. E que dedes ende a nos e a nossos sussessores daren nos a quinta parte de todo o fruyto que deus hy der conuem a saber o vyo no lagar e o Linho no tendal e o pam e a tinta e as oliuas na Eira em cada hũu ano en paz e en saluo e os alhos e as Çebolas enrestados e quatro alqueires de trigo linpo pera fogaça e dous Capões e hũa galinha e doze ouos en cada hũu ãno conuem a saber os capões por sam Migel de Setembro e a galinha e os Ouos por Natal e nosso homen penhorar por todos estes fforos. E uos e uossos sussessores deuedes arronper e fazer vinhas e Oliuães aly hu ffor mester. E nõ deuedes criar no dito Casal nõ hũu filho dalgo sem nosso mandado. E ss uos quizerdes vender o dito Casal ou parte delle deuedes lo vender a nos e aos nossos sussessores ante que a outren tanto por tanto se o nos quizermos comprar. E sse o nos nõ quizermos comprar uos nõ deuedes el vender a dona nen a Caualeyro nen a Ordem nen a mouro nen a judeu nen a uoençal del Rey nen de Raya nen a homen mays poderosso ca nos mays deuedes el uender aa tal pessoa que a nos seia obediente e nos façam os ditos fforos en cada hũu ano ben e conpridamente. E a parte que contra esto uéer per ssy ou per outren en parte ou en todo peyte aa outra parte conprinte e aguardante as ditas cousas Çem libras en nome de pea e todauya estar este nosso feito en sa firmidoem e ualer pera todo senpre. Eu sobredito Martin ffernandes reço o dito Casal so as ditas condições e obrigome por mjn e pola dita mha molher e per todos nossos sussessores aas conprir e aguardar per todos nossos bẽes auudos e por auer so a dita pea. En testemuyño destas cousas sobreditas fazemos ante nos fazer duas cartas dũu teor per mãao dAffonso Dominguiç Tabelliõ de Santaren das quaes cada hũa de nos partes deue teer hũu. Feito ffoy en Santaren en cas do dito Ayra Martinz vinte e sete dias de Dezenbro. Era de Mill e trezentos e sesseenta e cinque anos. Os presentes foram ffrancisco Martinz Tabelliõ. Johã Martinz seu filho. Lourenço ffernandiz

des irmão do dito Martin Fernandiz. Johã Lourenço. Airas Lourenço e Gil Esteuez escudeyros do dito Airas Martinz. Eu Affonso Dominguez publico Tabelliõ de Santaren a estas cousas presente ffuy e a rrogo das ditas partes duas cartas dõu teor ende screuy e en cada hũa dellas este meu sinal pugy.

A qual carta assy mostrada e leuda e pobricada per ante o dito aluazil Gil uasquis Leitom escudeyro morador e vezinho de Santaren pediu ao dito aluazil que de ssa outoridade ordynhayra mandasse a mjn dito Tabelliõ que lhy desse o teor da dita carta en publica forma so meu sinal. E o dito aluazil lho mandou dar. Feyto foy en Santaren no dito logo noue dias de Julho. Era de Mill e trezentos e outeenta e hõu anos. Testemu-Vaasco Mårtinz. Steuã Uicente tabelliões. Johã Gil mercador e Pero Anes uogado e outros. E eu Vicente rodrigiz scriuam jurado per El Rey dado Affonso Domingiz Tabelliõ cõ el e cõ as ditas testemunhas a esto presente fuy e este stormento per seu mando screuy.

Eu Affonso Domingiz Tabelliõ sobredito a esto presente ffuy e pugy meu si + nal.

Pagou doze soldos.

Nas costas: Scriptura de Villa Chãa donde procedeo e quẽ foy Señor dela e como foy vendida. Foy feita na de mil iii.^o lxxv anos. Aires Martinz a Martin Fernandez.

Id.—Este pergaminho he bom para se saber de quem foi Villa Chãa e porque se vendeo que a comprou Gil Uas Leitão en prassa, anno de 1365 ¹.

XXI

8 de maio de 1370

Dom Fernando pela graça de deos Rey de Portugal e do Algarue. A uos Diego Gil meu vassallo e Corregedor por mjn en Santarem e en seu termho e a todos as outras mhas Justiças e Apuradores das cõpanhas do meu Senhorio que am dhijr en meu seruiço aa fronteyra que esta carta virdes saude. Sabede que a abbadessa e Conuento do Moesteyro de sancta Clara dessa vila de Santarem me envyaram dizer que elas teem duas

¹ Caixa 112 da Collecção Especial.

quintaas. A hũa en Monte Junto. E a outra a par da Romeeyra de que am seu mantymto. E que en cada hũa das ditas quintaas teem senhos homẽes que lhas am de véer e procurar e mynstrar. E que outrosy téem en essa vila de Santarem dous homẽes que lhjs procuram e Requerem aquello que am en Santarem e en seu termho. E dizem que ora lhjs cõstrangedes esses homẽes que váám aa fronteyra. Pola qual Razõ se lhjs segueria grande perda e dápno. E pedirome sobrello merçee. E eu veendo o que me Pidiam e querendolhjs fazer graça e merçee Tenho por bem e Mandouos que lhjs nõ cõstregedes esses ditos homẽes que esteuerem nas ditas suas quintáas que seia hũu Caséeyro en cahũa quintáa e mays nõ. Outro ssy nõ lhjs cõstregades os outros ditos homẽes que lhys Requerem e procuram aquello que elas am essa vila de Santarem e en seu termho que váám servir aa fronteyra nõ a outros logares en quanto assy os sobreditos ouuerem de véer procurar e Requerer essas quintáas e aquello que assy am en Santarem e en seu termho como dito he. E elas digam per ante uos os nomes desses homẽes e fazedos escrever no liuro dalgũu tabelliom de cada hũu desses logares pera se en elo nõ fazer outra malicia e engano con entendymto que nehũu dos sobreditos homẽes nõ seia daqueles que am quantya pera téer Cauallo, nõ seia béésteyro do Comto. Unde al nõ façades. E as ditas Abbadessa e Convento do dito Mosteiro de Santa Clara tenhã esta carta. Dante en Santarem oyto dias de Mayo. El Rey o mãdou per Fernam Martjnz e Rodrigo Esteuez seus vassalos. Váásqueanes a fez. Era de mil e quatrocentos e oyto anos. = Fernandus Martinj ¹.

XXII

Sem data

Noticia Ementa et Memoriale de hereditatibus possessionibus terris cultis et incultis domibus Molendinis et de omnibusque Monasterium alcobacie habet in villa de Riuuolo maiori et in terminis suis.

¹ Archivo Nacional—Cartorio de Santa Clara de Santarém, maço 1, pergaminho 24. Embora este documento não diga respeito a João Martins, em virtude da sua curiosidade fica registado aqui.

It. in alia parte Monasterium alcobatie debet habere quartam partem de hereditatibus vineis domibus et omnibus aliis que fuerunt Martini suerii trobatoris in villa in terminis de Riuuolo maior. (ex parte Martini suerii trobadoris).

It. Monasterium alcobacie habet ad portam de rippa frigida medietatem unius hereditatis sicut diuiditur cum decano et Martino Dade.

It. In primis Monasterium alcobacie debet habere de hereditate de Mata quartam partem.

It. In varzena de Mata vnam quairelam quomodo iacet et partit cum Petro Fernandi. Monasterium alcobacie debet habere quartam partem.

It. de alia quairela de bacellis Monasterium debet habere quartam partem.

It. de alia quairela de mentrestal Monasterium alcobacie debet habere quartam partem ultra fluuium contra Sanctaren.

It. de alia quairela de carualial Monasterium alcobacie debet habere quartam partem.

It. de alia quairela de carualial Monasterium alcobacie debet habere quartam partem (*bis*).

It. in ipso loco aliam quairelam de qua Monasterium alcobacie debet habere quartam partem.

It. in ipso loco ultra fluuium contra sanctaren aliam quairelam de qua Monasterium alcobacie debet habere quartam partem.

It de Molendino de barrocha cum suo resyo Monasterium Alcobacie (etc.).

It. de quairela de Mola Monasterium alcobacie (etc.).

It. de quairela de lacuna Monasterium alcobacie (etc.).

It. de quairela de Molendinis de plano Monasterium alc. (etc.).

It. de quairela ubi dicitur herie uetule (etc.).

It in almonia Doni honorici vnam quarelam inter nos et S. Maconẽ.

It. ad pontem ecclesie quartam de una almonia ¹.

¹ Caixa 81 da Collecção Especial, 1.º maço.

TURQUEL FOLKLORICO ⁽¹⁾

Usos e costumes

I—Actos do culto

Natal, Ano-bom e Reis.—Em a noite de Natal, a missa-do-gallo é, de ordinário, muito concorrida, figurando entre os assistentes numerosa pequenada, que vae admirar um antigo e curioso presépio, cheio de anachronismos.

Depois da missa, o celebrante dá a beijar ao povo, nua e deitada em exigua manjadoira, uma imagenzinha do Menino Jesus.

Também nos dias de Anno-bom e de Reis elle dá o Menino a beijar; mas então a imagem, mais crescidinha, está já vestida e de pé.

Quaresma.—Durante a quaresma—quadra penitencial em que é de uso manter uma certa compostura—não se fazem baillaricos, não se cantam nem se tocam profanidades, evitam-se públicas e ruidosas demonstrações de regozijo.

Na matriz, ou em alguma capella pública, reza-se todas as noites o tẽrço; e em alguns lugarejos faz-se igual devoção em casos particulares, acorrendo ahí a vizinhança. Quem não póde ir assistir a essa prática reza no próprio domicilio, e, de ordinário, a um canto da lareira, as suas contas:—tẽrço, coroa ou rosário.

Aos domingos ha prédica na igreja parochial, depois da missa.

Subido ao púlpito, o prẽgador canta o *Bemdito*, alternando com o povo, e começa depois o sermão,—um sermão penitencial, accommodado ás circumstâncias, e em que elle procura illuminar os entendimentos e, sobretudo, commover os corações de seus ouvintes.

Este último empenho frequentemente o realiza (testemunham-no o choro, por vezes bem nutrido, da parte feminina do auditório, e o ar compungido de alguns homens); e para isso,

além dos motivos oratórios, lança habitualmente mão d'um velho *truc* ¹.

Após uma excitação aggressiva dos affectos, o prégador, que pintara vivamente a hediondez do peccado e fizera entrever os rigores do castigo, proclama, emfim, o valor do arrependimento, que desarma a justiça divina. Porque Deus é bom, porque Deus é pae;— não quer Elle a morte do peccador, senão que se converta e viva: e neste passo — *«Apparecei, Senhor!»* — fendem-se as cortinas que velavam a tribuna do altar-mór e apparece um chagado crucifixo. O prégador, se é hábil, attinge, no lance, o ambicionado pathético, e conclue então prestes o seu discurso no meio da commoção geral, bem impressa ainda nos semblantes.

Como remate batem-se as temporas ², enxugam-se as lágrimas, sossegam-se os peitos, e, num côro colossal composto de mil vozes potentes, a multidão, alternando com o prégador canta com desafôgo:

Senhor Deus: misericórdia!

Virgem Mãe de Deus e Mãe nossa: alcançae-nos de vosso amado Filho misericórdia!

Por ocasião dos officios da Semana Santa, a coxia da igreja era noutro tempo sempre juncada, isto é, atapetada de junco verde, ao qual se ajuntava ordinariamente espadana, alecrim e rosmaninho.— Os habitantes dos casaes espalham ainda hoje fôlhas de abrótea á entrada das portas, quando hajam de receber a visita de boas-festas que o párocho lhes costuma fazer pela Páschoa.

Ascensão.— Na quinta-feira da Ascensão, muitas crianças levam á paróchia açafates de flores, que alguns individuos, durante a solemnização da *hora* ³, espalham pela igreja.

Festa de Santo António ⁴.— Promove a realização da festa um grupo de individuos com especializadas funcções, e que se compõe de *juiz, juiza, procuradores, enfeitadeiras* e, ás vezes, *mordomos*.

O juiz superintende em tudo que á festa diz respeito, e tem quatro ou seis mandatários,— os procuradores.

¹ Cumprê-me registar que d'esse artificio nunca o actual párocho se valêu.

² É uma forma de exteriorizar a compunção. Familiarmente, o povo costuma bater na própria face, ás vezes na cabeça, como demonstração de pesar.

³ A hora de Noa, uma das sete do officio divino.

⁴ Como esta, á parte leves differenças de cerimonial, se celebram aqui as demais festas de santos.

A juíza dá a fogaça, que consiste num taboleiro de bolos, enfeitados, ás vezes, de cravos; não raro, porém, exhibe essa fogaça fórmias algo caprichosas, como, por exemplo, um açafate com uma grande garrafa de vinho circumdada de filhós ou coscorões, e ostentando sôbre a rôlha uma laranja circularmente guarnecida de moedas de prata.

São duas as enfeitadeiras, a saber: uma *procuradora* e uma *thesoureira*. Aquella trata de obter, por empréstimo, cordões de oiro e outras jóias, fitas, etc., de que a segunda toma conta, cumprindo a ambas ataviar a imagem do Santo e seu andor, sempre que ella haja de sair em procissão.

As mordomas, que são em número indeterminado, dão uma offerta a seu talante: filhós ou farófias, pão-de-ló, bolos, frutas, etc.

Aos procuradores compete fazer o peditório para as despesas da festividade; e no desempenho d'essa obrigação tomam elles opportunamente a bandeira do Santo e percorrem, com ella, toda a freguesia (ás vezes, também as circumvizinhas), munidos de alforge para o grão, espêto para a carne e uma canna fendida para o linho ¹. Após o recebimento de cada esmola exora um d'elles, dando a bandeira a beijar: *Santo António lhe accrescente o que fica*, ou *Santo António lhe accrescente os bens e a saúde*, ou *Santo António o livre de tentações*, etc.

Na véspera do dia do Santo, á noite, fazem esses procuradores, sob a direcção do juiz, três grandes fogueiras de alecrim, que vão buscar á serra: a primeira — a maior — ao pé da capella do Santo (entretanto deitam-se foguetes, bichas e bombas, tange-se gaita de folle [quando não ha outra música] e toca-se a sineta); a segunda, junto á residência parochial; e a última, á porta da juíza, que lhes serve, na ocasião, um beberete.

Na manhã do dia da festa, o juiz e demais festeiros, acompanhados d'um gaiteiro ou d'uma philarmónica, fazem o peditório na *villa* ² e proximidades, depois do quê vão buscar ou esperar a juíza, que acompanham á igreja, assim dispostos: adiante, o gaiteiro; atrás do gaiteiro, o juiz, empunhando a bandeira; seguidamente, os procuradores com a fogaça; e na rectaguarda, a juíza e seu séquito. Havendo philarmónica, esta vae no coice.

Segue-se a missa, que é a instrumental ou tão sómente can-

¹ Dinheiro, poucos o offerecem.

² A povoação de Turquel ainda aqui não perdeu a antiga designação de *villa*.

tada. Neste último caso, á *Elevação* e ao *Agnus Dei* executa o gaiteiro, independentemente do que no côro a esse tempo se canta, umas melodias tradicionaes.

Depois da missa sae a procissão, com seus andores, cruzes, bandeiras, ás vezes anjos, tudo precedido pelo fogueteiro e seu ajudante, que vão na frente, e pelo gaiteiro, que segue atrás do fogueteiro e adiante do guião, tocando modilhos apropriados ¹.

Á tardinha ou á noite, isto é, concluída a venda das fogaças, que são rifadas ou leiloadas, vão os festeiros cumprimentar, em suas casas, a nova juíza e o novo juiz, entregam a este a bandeira, deitam ahi alguns foguetes ²; e assim termina a festividade, deixando, talvez, em muitas saudosas recordações.

Santa Suzana.—É invocada nesta região como advogada dos bois ³. Ha cêrca de quarenta annos que se lhe faz aqui a sua festa com grande luzimento, graças principalmente aos donativos dos lavradores d'essa frêguesia e circunvizinhas.

Em tempo, os bois iam á igreja, levando em saccos, sôbre o dorso, esses donativos.

Procissões.—As festas de santos são quasi sempre seguidas de procissões, que não differem muito d'aquella a que me referi acima. (Veja *Festa de Santo António*).

Quando, pela semana-santa, se celebravam os respectivos officios, no fim do de quinta-feira ⁴, isto é, alta noite, saia illuminada por archotes, a chamada *procissão dos ferrolhos* ⁵, composta e acompanhada só por homens. Os da frente levavam grandes painéis e iam cantando o *Bemdito*; atrás seguia um crucifixo, entoando-se ahi a ladainha de Todos-os-Santos.—Esta

¹ Não ha ainda muitos annos, as ruas por onde houvesse de passar uma procissão eram varridas e atepetadas de verdura (murta, loiro, etc.).

² Nestas festas faz-se grande consumo de foguetes. Deitam-se foguetes (alternados, ás vezes, com morteiros) ao toque das Ave-Marias da tarde, na véspera, e, no dia da festa, ao toque das da manhã; quando se anna fazendo o peditório; ao acompanhar a juíza á igreja; durante a procissão; durante o percurso que a música costuma fazer pelas ruas da villa; etc.—Ha também o uso de presentear com foguetes as pessoas que dão esmolas mais avultadas, os procuradores, as enfeitadeiras e o juizado do anno futuro.

³ O invocarem aqui Santa Suzana como protectora do gado bovino, provém da circumstância meramente fortuita de se haver localizado a grande feira do Landal junto d'uma sua ermida. O agiológio é estranho a esse patronato.

⁴ Sexta-feira segundo os judeus, cujo dia civil começava ao pôr do sol.

⁵ Assim chamada porque, em antigos tempos, era costume irem na frente alguns individuos que batiam ás portas para despertar os dorminhocos, incitando-os a chegar ás janellas.—Foi ha poucos annos supprimida essa procissão.

procissão estranha, algo tumultuária, evocava um pouco a perturbação dos fiéis ao tempo da paixão de Christo.

Na procissão do Entêrro, em sexta-feira mór, figurava, em tempo, a *Padeirinha*, que exhibia, a espaços, a Verónica e cantava: *O vos omnes...* Iam também muitos anjinhos com os instrumentos da paixão.—Durante a parochialidade de Fr. António Gaspar Borges ¹, além da Padeirinha (*Verónica* lhe chamavam também), entravam nessa procissão várias personagens bíblicas: Adão e Eva, Abrahão e seu filho Isaac, o rei David, as três Marias ², que iam cantando: *Heu, heu, Domine*, e ás quaes, por isso, o povo chamava as *Marias do Bêu*, etc.

O préstito que percorre a povoação de Turquel nos três dias das Rogações ³, estaciona successivamente junto d'umas cruces de pedra que a vizinhança, nesses dias, cobre litteralmente de flores.—Outr'ora esse préstito perfazia longo giro, e visitava as capellas—da Granja (a 1 kilómetro da villa), do Silval (a 3 kilómetros) e de Val-de-Ventos (a 5 kilómetros).

Em annos de grande sêcca, além das ordinárias preces *ad petendam pluviam*, fazem-se, ás vezes, procissões de penitência, que são extraordinariamente concorridas, havendo sermões em determinados pontos do itinerário. A imagem do Senhor do Hospital sae nessas occasiões, excepcionalmente; conduzem-na alguns homens robustos, que se vão revezando. O traje de rigor, para os que levam insignias, é capa preta com capuz, que então se deve levar na cabeça.

Promessas.—Em suas tribulações e angústias, muitas pessoas fazem votos a Deus, á Virgem, aos Santos, e, em certos casos restrictos, ás Bemditas Almas,—votos que, attendidos seus rogos, ellas tratam de cumprir na primeira opporrtunidade, transferindo, comtudo, a seus herdeiros os respectivos encargos, quando d'elles não puderam desempenhar-se.

Muitos d'esses votos consistem em missas, sermões e offerendas.

Devotos ha que promettem dar uma fogaça ou uma vigilia (veja *Vigília*); assistir á missa com uma vela accessa na mão; pedir ao povo, na igreja e durante esse acto cultural, um Padre Nosso e uma Ave-Maria, ou uma Salve-Rainha, por alguma intenção par-

¹ Meados do século passado.

² Maria Magdalena, Maria Cléophas e Maria Salomé (ou tão sómente Salomé). *Math.*, xvii, 66; *Marc.*, ix, 40).

³ *Ladainhas de maio* lhes chama o povo, por cairem quasi sempre neste mês.

tioular; pesar-se a trigo numa capella ou sanctuário, deixando ahi esse trigo como offerenda; etc. ¹.

Ha promessas cujo cumprimento consiste num acto penitencial; taes são: jejuar a pão e água; percorrer, de joelhos, uma igreja ou o seu ádito; mendigar, pelas portas, até obter a quantia necessária para mandar dizer uma missa ou pregar um sermão; visitar um templo distante, ás vezes fazendo o percurso a pé e descalço; etc.

Outr'ora havia pessoas que, por ignorados motivos, se impunham a estranha penitência de subir, alta noite, a um ermo cabeça, e d'ahi, em bradadas vozes que se ouviam num largo circuito, *ementar as almas*, isto é, angariar-lhes suffrágios. — De ordinário, os nomes d'essas pessoas ficavam ignorados.

Vigílias e offerendas. — Era de uso, antigamente, tomar nas igrejas, qualquer collação durante as representações com que então se celebravam as vigílias de certas solemnidades. D'essa costumeira, que várias leis civis e ecclesiásticas expressamente prohibiram, ainda por aqui subsistem uns restos, — as *vigílias*.

Uma vigília, actualmente, consiste na distribuição de pequenas merendeiras, feita numa igreja ou capella e em honra d'um santo, cumprindo a cada um dos contemplados rezar, segundo a intenção dos offerentes, um Padre-Nosso e uma Ave-Maria, ou uma Salve-Rainha.

As merendeiras são de milho, ou de farinha meada milho e trigo), com mel e erva doce.

Nos domingos e demais dias santificados affluem á matriz e á capella do Senhor do Hospital várias offerendas, as quaes são ordinariamente vendidas a lanço, pelas ruas, á saída da missa.

Segundo as épochas do anno, esses donativos, offerecidos o mais dás vezes ao Senhor Jesus, A Nossa Senhora ou ás Almas, constam de lombos de porco, nacos de toicinho, chouriços ou morcellas, leitões, frangos, cabritos, velos de lã, estrigas de linho, favas e ervilhas verdes, patarecos, abóboras, couves ou repolhos, mólhos de nabos, cabazes de fruta, cestas de batatas, almotolias de azeite, cereaes (trigo ou milho), etc.

A alguns santos são também offerecidos ex-votos (figuras de

¹ Certos votos revelam grande simpleza; assim, a S. João Baptista, advogado contra as dores de cabeça, promettem alguns seus devotos *chapelladas* de trigo ou de milho. A Santa Martha de Minde offereceu uma vez um serrenho as suas botas cheias de trigo, por o haver livrado dos callos!

cera, mortalhas, tranças de cabello), flores, fitas, joias e bastantes velas de cera, que ardem em dias festivos, ás vezes em grande número, diante de suas imagens.

Vária.— Além das apontadas, muitas outras práticas se notam por aqui entre o povo; taes são:

Benzer-se ao ouvir algum caso tétrico.

Depois de se benzer, beijar o pollegar.

Rezar o *Credo* em cruz, isto é recitá-lo fazendo ao mesmo tempo, com o pollegar, cruces no peito ¹.

No fim de um sermão penitencial, bater na face.

Rezar a estação ao Santissimo com os braços um pouco abertos, isto é, em attitude de *orante*.

Trazer ao pescoço, por baixo do vestuário, uma medalha, uma cruz, uma nómina ou umas contas ².

Trazer na lapela uma *medida*, ou um registozinho encaixilhado, da Senhora da Nazareth.

Ao pronunciar o nome de *Deus*, ajuntar: *Nosso Senhor*.

Descobrir-se ao pronunciar ou ouvir pronunciar a expressão: *Santissimo Sacramento*; ao toque dos sinos quando annunciam o *levantar a Deus* (elevação eucharistica); ao rebombo d'uma forte trovoadas; ao lançar á terra o trigo da semente; etc.

Rezar uma Salve-Rainha ao avistar, de alguma eminência, o templo da Nazareth ³.

Por occasião de trovoadas, rezar a oração de Santa Bárbara e S. Jerónimo; pôr sôbre brasas um pedacinho do madeiro do Natal; queimar umas fôlhas de palmito bento; accender um dos côtos que arderam aos lados do sacrário, no dia da Ascensão.

Proferir a fórmula: *Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo!* para intimar a operários ruraes a hora das refeições. Aquelles rematam: *Para sempre. Amen.*

Para despegarem, propor aos mesmos operários,* á noite: *Rezem por as almas!* ou: *Rezem uma Salve-Rainha!* (aos sábados).

¹ Ha quem o rezê três vezes seguidamente, fazendo a primeira vez cruces na testa, a segunda na bocca e a terceira no peito.

² Estas, de ordinário, trazem-se na algibeira, e são como um talismã de que raro se prescinde ao fazer alguma longa jornada.

³ As cruces de pedra erectas na serra de Albardos e em sítios d'onde se avista a Nazareth, são monumentos vctivos.

II. — Vida doméstica e social

A mulher na familia.—No campo, a mulher, relativamente ao consorte, não é só uma companheira dedicada, é também uma prestimosa collaboradora. Para os camponeses, constituir familia é subpor-se a um jugo em que marido e mulher cooperam harmónicamente, trabalhando solícitos, cada um em sua esphera, para a prosperidade e relativa independência do casal ¹.

Em geral, a mulher faz todo o serviço doméstico: asseia a casa, prepara as refeições, coze o pão, lava a roupa, cria os filhos. A capoeira e a corte dos suínos estão também a seu cargo ².

Muitas trabalham a roupa branca da familia e o seu próprio vestuário; fazem meia, renda e *crochet*; algumas ainda hoje, como todas antigamente o faziam, fiam o linho de seus linhares e a lã de seus rebanhos como preparo para o fabrico das teias com que, anno a anno, vão accrescendo o seu modesto bragal ³.

O fabrico do pão.—Todas as operações concernentes ao fabrico do pão, desde a peneiração da farinha, a mulher as executa.

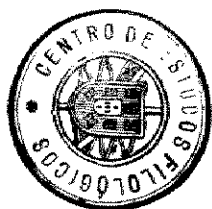
Ao concluir a amassadura, a mulher faz sobre ella uma cruz, premendo-a com a mão direita posta de cutello, e profere alguma d'estas fórmulas:

San-Mamede ⁴ te levede,
San-Vicente te accrescente,
San-João te faça bom pão.

San-Bento e San-Vicente te accrescente,
Para sustento d'esta gente.

Deus te accrescente,
Para amparo da minha gente.

Deus te ponha a virtude,
Que eu já fiz o que pude.



¹ Empregando expressões populares, diríamos: *é preciso que elles, um do outro, se ajudem a levar o barco; mal sae d casa quando a canga, d'um lado, vas de rojo.*

² O ganho, resultante da criação de gallinhas, reserva-o a mulher para os seus alfinetes. Afora esta restrição, olha-se como mo mal governada a casa em que ha duas bôleas.

³ Esse bragal costumam algumas perfumá-lo, introduzindo na area da roupa alfazema, mangerico, trevo, cevada da Índia, etc.

⁴ Em vez de San-Mamede dizem algumas San-Bernardo.

Em geral, na aldeia come-se broa; comtudo, após a colheita dos cereaes de praganha e em quanto não ha milho novo, faz-se, ás vezes, *pão de toda a farinha* (farinha de trigo não es-poadada), *pão de segunda* (trigo moído na mó segundeira) e *pão de mistura* (trigo e cevada *idem*, em proporções variáveis). Cevada estreme, poucas vezes a panificam.

Quanto ao *pão alio*, esse só em algum dia festivo apparece nas mesas rústicas.

O pão — «pão de Deus», lhe chama ás vezes o povo carinhosamente — é objecto d'uma espécie de culto. Quando cae ao chão, tomam-no e beijam-no. Pisá-lo, seria quasi um sacrilegio.

Alimentação. — No campo é costume tomar diáriamente três refeições: o almôço, cêrca das oito horas, o jantar, ao meio-dia, e a ceia, ao regressar do trabalho, isto é, pouco depois do escurecer. No verão, algumas pessoas merendam também, ahi por meia tarde.

Os camponeses deitam-se cedo e erguem-se também cedo. No tempo da azeitona, as mulheres que se empregam na colheita d'esse valioso fruto levamtam-se de madrugada para fazer o almôço, que todos comem antes de ir para o olival. Ao jantar contentam-se com pão e peixe, pão e azeitonas ou outra leve comida, que levam em saquitéis, e só á noite tornam a servir-se de alimento cozinhado.

Os jornaleiros, quando trabalham longe de casa, também só duas vezes se servem de comida feita: ao meio dia e á noite. O jantar, levam-lh'o suas mulheres; para o almôço munem-se elles quasi sempre d'um pedaço de broa e dois ou três peixinhos, que assam na occasião ¹.

Na quadra própria, figos com pão (broa) colhidos directamente na árvore constituem, para muitos, um bom almôço, agradável e nutriente.

É o peixe miúdo, — carapau ou sardinha seca ² — um dos conductos de mais repetido emprêgo entre aldeões. Para o adquirir e prover a outros arranjos, aos domingos vae habitualmente a Alcobaça uma pessoa da familia, a qual, se na occasião carece de dinheiro, leva, para o obter, um taleigo de grão ou uma medida de legumes, que vende na praça.

¹ Mesmo ao jantar não comem alguns senão pão e peixe; alguns tenho eu visto que apenas comem pão secco, que muito demoradamente vão rilhando, ingerindo de quando em vez uns goles de água.

² Quando novo e de boa qualidade, é bastante apreciado o carapau secco da Nazareth, preferindo-o muitos ao melhor bacalhau.

Por via de regra, o dinheiro não abunda na casa do pequeno agricultor; tendo-a elle, porém, recheada de productos, não soffre mingua: — «oiro é o que oiro vale». — D'esses productos estão em primeiro plano o trigo e o milho. Com este se sustenta o agricultor e familia; o trigo, esse reserva-o, — é o seu numerário.

Uma refeição consta, trivialmente, d'um só prato: *misturadas*, por exemplo ²; ás vezes, porém, accresce a esse prato algum adminiculo, á guisa de sobremesa: carapaus ou outro peixe miúdo, queijo, azeitonas, etc. Tudo isso acompanhado da competente broa, e também d'uma pinga, quando a ha.

Ordinariamente, é na cozinha que se tomam as refeições. Ahi, sôbre uma tripeça ou mesita de pernas baixas situada junto á chaminé, ás vezes sôbre a lareira, se colloca, cheio de comida, um tigelão ou pratalhaz d'onde todos se servem directamente. Pratos pequenos são dispensáveis. Havendo pinga (vinho, mistura ou água-pé), bebem todos da mesma caneca, que gira de mão em mão.

Para os camponeses, a mesa posta, isto é, coberta com sua toalha e provida de alimentos, é um como altar a que elles tributam certa reverência. Quando a ella se sentam, descobrem-se; voltados para ella dão, ao levantar, graças a Deus. Se, por necessidade, têm de fazer ahi alguma referência menos decorosa, ajuntam sempre: «com perdão da *menza*».

Depois de darem graças, os mais novos pedem a bênção, não apenas a seus naturaes superiores, mas a todos em geral, ou, pelo menos, a *quem é mais velho*.

Em geral, o nosso camponês é bastante sóbrio; ha, porém, circunstâncias em que elle sae um pouco da sua estreiteza habitual. Assim, pelo Entrudo (de domingo a terça-feira gorda) só algum indigente deixará de abastecer a sua mesa de, pelo menos, pão, carne e vinho. Commummente, a carne é de porco, salgada ou fumada, costumando alguns reservar os chispes para esses dias de comezana.

Em a noite de-Natal e antes da missa-do-gallo é da praxe fazer filhós, — frituras essas muito do agrado dos trabalhadores. Também as fazem no dia da Senhora das Candeias (a 2 de fevereiro), em virtude d'uma superstição a que na secção competente me refiro, — parecendo que numa superstição igualmente

² Hortaliça com legumes seccos, — quasi sempre couves e feijão branco.

se funda a prática de, pelo Natal, collocar um madeiro atrás do lume para ahi lhe ir servindo de pábulo até os Reis.

No inverno—ahi por dezembro ou janeiro—é que se effectua a matança dos porcos, sendo olhados como de festa... e de lambança esses dias, em que é costume banquetear amigos e parentes, e brindar os vizinhos com alguns boccados de carne fresca, que elles, por igual fórma, opportunamente retribuem.

Para os camponeses, a salgadeira e o fumeiro supprem o talho; ahi armazenam elles carne para todo o anno.

Em geral, considera-se remediada a familia que mata porco e não compra pão, isto é, que o tem de sua lavra.

Datas memoráveis.—Referir-me-ei aqui tão sómente aos *bâtizados*, *casamentos* e *enterros*, que são uns como marcos miliares da vida familiar.

*

Uma criança *bâtiza-se* aos oito dias de idade pouco mais ou menos.

É um dia de festa, o do *bâtizado*, e para ella se convidam ás vezes, além de padrinho e madrinha, parentes, amigos e vizinhança. Anima-a, quasi sempre o estralejar de alguns foguetes.

O nome do primogénito apontava-o, em tempo, este dictado:

O primeiro filho que Deus te der,
Ou Maria ou Manuel.

Hoje, raros attendem essa indicação.

*

Os *casamentos* celebram-se quasi sempre á quarta-feira, muitas vezes ao sabbado; nunca á terça nem á sexta feira.

Em regra, os esposados vão viver em casa própria, que elle manda construir, e que a noiva, como appendice ao enxoval, provê de mobilia e utensilios.

Antes de se matrimoniarem, os nubentes confessam-se, commungam, e fazem o seu exame de doutrina christã.

Na manhã do dia das núpcias, o noivo, seus padrinhos e—se é de estrondo o *casamento*—grande séquito de convidados, vão buscar a noiva a casa de seus paes, e ahi almoçam. À saída pede ella a bênção a sua mãe e despede-se, lacrimosa, d'essa grande amiga, das pessoas do seu convívio, do ninho onde se criara. E partem d'ahi todos para a igreja. Noivo e noiva caminham respectivamente ladeados pelos seus paranympfos, que vão sempre munidos de confeitos para a rapaziada.

O alludido acto de ir buscar a noiva é sujeito a variantes. Em alguns povoados da região serrana procedia-se, não ha muitos annos, assim:—O noivo, acompanhado do seus, batia á porta. Perguntavam-lhe, de dentro, as madrinhas:

—Que vem buscar?

—Honra e brio.

—Entre, que tudo isso encontrará.

*

Nos Casaes Monizes (Alcobertas), quando batem á porta, o pae da noiva pergunta:

—Quem é?

—Gente de paz. Está cá...? (O nome da promettida).

—Não, senhor; foi para... (A fazenda que elle tenciona dar-lhe). Que é que vocemecê quer?

—Uma rosa em botão,
Criada no seu jardim,
Para ser minha esposa
Para sempre, sem fim ¹.

A porta, então, abre-se, a noiva apparece, e juntos os de dentro com os de fóra, lá vão todos a caminho da igreja.

*

Noutro lugarejo da mesma serra, á chegada da comitiva a noiva recolhe-se com as madrinhas a um quarto escuro, sendo proposto ao noivo ir lá buscá-la. Este, annuindo, entra no quarto, faz a destrinça por algum signal préviamente combinado, e sae para fóra com a sua dilecta. Mas,—pouco perceptível como ás vezes é esse signal—podem dar-se e têm-se, com effeito, dado alguns quiproquós, sendo muito de ver a cara do pobre noivo que, em vez da *pequena*, traz uma desajeitada velhota, perdida de riso.

Ao acto religioso segue-se o repique, o foguetório ² e a sa-raivada dos confeitos. Esta repete-se, a intervallos, por todo o

¹ Esta, ou qualquer trova semelhante.

² Os aldeões deitam foguetes como demonstração de regosijo (*não ha festa sem foguetes*, segundo um ditado local), para annunciar partidas ou chegadas, ao concluir certos trabalhos, e também como aviso ou meio convocatório. Neste último caso, e tratando-se da coligação de forças, empregam preferentemente a buzina.

dia, havendo ás vezes entre padrinhos e madrinhas bem sustentadas refregas.

Encaminham-se todos, depois, a casa dos noivos, fechada nessa occasião. Quando chegam, a noiva, postada no limiar, dá ahi esta fala:— «*Tenho muito que agradecer aos meus padrinhos e ás minhas madrinhas, e a todas as mais pessoas que fizeram favor de me acompanhar da casa de meu pae até á igreja e da igreja até minha casa*». Depois, pegando na chave e abrindo a porta:— «*Façam favor de entrar*». E entra ella primeiro, seguindo-a toda a comitiva. É, como se vê, um acto ostensivamente possessório.

Á mesa, que já está posta, e é formada de tábuas móveis, os primeiros lugares são ao meio dos lados maiores do quadrilátero. Ahi se sentam os noivos, em frente um do outro; elle, entre seus padrinhos, e ella, no meio de suas madrinhas. Os outros lugares occupam-nos, indistinctamente, os demais convivas.

Depois ha bailarico, aondo occorrem, mesmo sem convite, muitas pessoas que querem espairecer... e manducar, pois todos ahi são chamados, por turmas, á mesa do festim ¹, e a todos é também offerecido, pelo menos, um bôlo ².

A noiva, essa recolhe ao quarto nupcial com suas madrinhas, e ahi recebe as pessoas que a vão felicitar.

O primeiro domingo depois dos dia das bodas é também dia de festa. Os conjuges vão á missa acompanhados de seus padrinhos e convidados. Ao sair da igreja ha tiroteio de confeitos, e depois, em casa dos noivos, jantar, bailarico, etc., tudo como no dia do consórcio.

É este o dia das *folhadas*, que assim se chamam os presentes que aos noivos offerecem não sô os que assistiram á funcção, mas também aquelles a quem os recém-casados, directamente ou por interposta pessoa, brindaram com algum dos taes bolos ³.

*

Ha pouco mais de quarenta annos, os cadáveres de adultos amortalhavam-se num lençol, a que se sobrepunha, a modo de

¹ Quando, na occasião, outra comida não ha, é da praxe servir pão e nozes.

² São em forma de ferradura, com seus cordões, estrellinhas e lacetas, os *bolos de noivo*, iguaes aos das fogaças offerecidas aos santos.

³ As *folhadas* são umas em dinheiro e outras—mais frequentemente—em géneros: cereaes, legumes, etc.

escapulário, uma tira de panno preto, cruzada, ás vezes, á altura do peito por outra tira do mesmo estôfo.

Actualmente todos os defuntos são vestidos com o seu fato melhor, indo de mãos postas quando solteiros; se casados levam os dedos enclavinhados. Os viúvos, esses descansam os braços sôbre o peito, perpassando um pelo outro.

Na casa em que se dá algum óbito e em quanto a cadáver ahí está, nãa se accende lume; os parentes, porém, do fallecido, ou os vizinhos, têm o cuidado de prover de comida a familia anojada.

A um anjinho, quem o visita prega-lhe, como lembrança, um alfinete na mortalha.

Iniciando a época do luto, os homens deixam crescer a barba; as mulheres põem de parte as suas jóias. Tiram-se as campainhas aos bois e os búzios aos moinhos de vento, se o fallecido era moleiro ou lavrador.

Civilidade aldeã (*praxes e fórmulas*). — Quem se propõe cumprimentar individualmente uma roda de pessoas, começa por aquella que, eventualmente, lhe fica á direita, e passa successivamente ás demais, sem interpolação ¹. E assim evita questões de precedência.

Esses cumprimentos fazem-nos alguns collectivamente, dirigindo-se, para isso, a alguma das pessoas do grupo, mais velha ou mais qualificada, e dizendo:— «*Adeus, sr. F. e mais a Companhia*».

Os cumprimentos individuaes obedecem a várias fórmulas. — «*Passou bem?*» — «*Eu bem; e tu?*» — «*Muito bem para servir a Deus e a vossemecê* ².» — «*Como passa, e quanto lhe pertence?*» — «*Vamos indo*»; ou: «*Vamos passando como Deus é servido*»; ou: «*Melhor do que merecemos a Deus*».

Em geral, cortejam-se todas as pessoas que se encontram, embora desconhecidas.

Em vez de *senhor F.* diz-se, ás vezes *tio F.*, com referência a alguma pessoa mais idosa ou mais considerada. Ha, porém, lugares em que a gente moça dá o tratamento de *tio*, indistinctamente, a todo e qualquer adulto.

Os compadres, embora irmãos, nunca se tratam por *tu*. «*Senhor compadre*», *senhora comadre*, costumam, entre si, dizer.

¹ A mesma ordem se observa quando, em certos ajuntamentos, se faz uma distribuição de vinho, filhos, etc.

² Colhi esta fórmula na vizinha freguesia do Vimeiro.

De manhãzinha, o cumprimento ordinário é este: «*Salve-os Deus*»; ou: «*Deus os salve*» ¹.

Do nascer do sol ao meio-dia: — «*Bom dia*»; ou: «*Deus nos dê muito bom dia*».

Do meio-dia ao pôr do sol: — «*Boa tarde*»; etc.

Depois do sol-pôsto: — «*Boa noite*»; ou: «*Boa noite nos dê Deus*»; etc. ².

Offerecendo a casa, diz-se: — «*Tire-se da rua. E servido do nosso pão?*» — «*Obrigado; tantas vezes virei que enfadarei*».

Ao ver uma criança desenhovallhada: — «*Benza-te Deus; bons olhos te vejam*»; — «*Deus lhe dê saúde (a algum dos paes) para ter bons gostos d'elle*»; — «*Nossa Senhora lhe dê tão boa sorte como eu para mim desejo*»; — «*Deus lh'o deixe criar para bem*».

A quem anda trabalhando: — «*Deus o ajude*».

A um recém-chegado: — «*Venha com Deus*».

A um passageiro: — «*Vá com Deus*»; e, ás vezes: — «*Guardo-o Deus*»; ou: «*Guardo Deus a vocemecê*» ³.

A quem parte para uma terra distante: — «*Deus o acompanhe*»; ou: «*Deus o encaminhe bem*».

«*Quer ir comigo?*» — é, segundo o povo, falar de dois entenderes, que póde significar: — «*Leva-me a cavallo? permite-me que eu monte?*» Deve, pois, dizer-se: — «*Quer ir em minha companhia?*» Ou então: «*Quer ir mais eu?*» ⁴.

Batendo-se a uma porta e perguntando alguêm de dentro: — «*Quem é?*» — responde-se: — «*Gente de paz*»; ou: «*Um seu criado*». Alguns dizem apenas: — «*Faz favor?*»

Quem, *máxime* em terra alheia, solicita d'um desconhecido qualquer informação, desbarreta-se préviamente ⁵.

Quem fala de porcos ou burros costuma, assim, desculpar-se: — «*com licença de vossemecê*»; «*falando mal e depressa*...»; etc.: — a não ser que em vez de burro diga jumento ⁶ ou gerico, e em vez de porco diga chêno, marrão ou maltez de vista baixa.

¹ Commummente, é, porque entre o povo, o pronome da 2.ª pessoa do plural caiu em desuso, emprega elle o da 1.ª, dizendo «*Deus nos salve*».

² Nestas fórmulas, as palavras *dia*, *tarde* e *noite* empregam-nas alguns no plural.

³ As duas últimas fórmulas usam-se como cumprimento a pessoas desconhecidas que *passam* ou *que estão*.

⁴ De um infante ou d'um adolescente também alguns estranham que se diga: — «*Está muito grande*» (grande bruto?... grande animal?... em vez de: «*Está muito crescido*».

⁵ Pelo menos leva o barrête á nuca, ou levanta um pouco o chapéu acima da cabeça.

⁶ Em geral, o povo diz *jumento*.

Mais justificadamente, quando, por necessidade, alguém se refere a coisa indecorosa ou menos decente, ajunta sempre: — «*Com perdão de vossemecê; — da sua cara; — das suas barbas; — das suas barbas honradas*»; etc.

Quem fala d'um morto cuja memória lhe é querida, diz: — «*F., que Deus tem*»; — «*F., que Deus haja*». Alludindo a alguma das suas imperfeições, accrescenta, ás vezes: — «*Deus lhe perdoe!*».

Quando se interrompe alguém que está falando, pede-se escusa: — «*Com perdão da sua fala*»; — «*Desculpe-me a sua palavra honrada*».

A pessoa a quem, numa taberna, servem um copo de vinho que pedira, pega nelle e, antes de beber, dirige-se, assim, a quem está: — «*Vossemecês são servidos?*» Ninguém acceita: — «*Quem está na taberna, ou bebeu ou está para beber*», observam alguns; a falta, porém, d'aquella attenção é sempre estranhada.

Quem, ahi, bebe d'um copo que lhe offerecem e vae passando de mão em mão, cumpre-lhe mandá-lo encher, quando vazio.

Quem acceita um copo de vinho que lhe é particularmente offerecido, diz, antes de beber: — «*Lá vae á sua saude*». — «*Que lhe preste*»; ou: «*Bom proveito*» — torna o offerente.

À mesa, sôbre falta de elegância, revela também soffreguidão inclinar muito o corpo sôbre o prato. Neste, deixa-se sempre alguma comida.

Quem transporta fruta em cesto ou cabaz descoberto, obsequiosamente convida a que se sirvam todas as pessoas conhecidas que no caminho encontra. Estas, ás vezes, acceitam uma maçã, dois ou três figos, etc. Porque acceitar é cortesia, — diz o ditado.

Pequenos obséquios agradecem-se, geralmente, por esta fórmula: — «*Muito obrigado, muito agradecido*»; — ou: «*Muito obrigado ao seu favor*». Resposta: — «*Não ha de quê*»; «*Nenja por isso*».

Fórmulas de despedida: — «*Tenham muito boa noite*»; «*Passem muito bem a noite*»; «*Atê amanhã, se Deus quiser*».

Outras fórmulas: — «*Atê outro dia*»; «*Fiquem-se com Deus*»; «*Passem muito bem*». — «*Tenham muita saude*». — R.: «*E vocemessê que veja*». — «*Viva muitos annos*». — R.: «*E vocemecê que os*

1 Variantes: — «*Para bem lhe preste*»; «*Que lhe faça bom proveito*».

conte». — «Dé lá saudades a F.». — R.: — «Farei presente»; ou: «Estimará muito»; ou: «Serão entregues».

O cabeçalho e o fêcho das cartas obedecem, com leves variantes, a este modelo: — «Amigo F.: Muito estimarei que estas duas regras te vão achar de perfeita saúde em companhia de toda a tua familia, pois a minha ao fazer d'esta é boa, graças a Deus.

.....
Com isto não te enfado mais. Dá lá recommendações a F., F.,... e a quem por mim perguntar; e tu acceita muitas saudades de F. F.,... (toda a parentela e vizinhança); e as minhas para contigo só á vista terão fim. — D'este teu amigo que saúde te deseja por muitos annos e bons — F. ¹.

III — Usos agrários

Chronologia. — Para os camponeses ha, no anno, algumas épocas bem assignaladas; taes são: o S. João ² (apresta-se tudo para a colheita dos cereaes de pragana), a Santa Suzana ³ (effectua-se a grande feira do Landal), as Festas ⁴ (assim se denominam, por antonomásia, as da Nazareth, que attraem enorme concorrência), o S. Miguel ⁵ (terminam, em regra, os arrendamentos de prédios rústicos e pagam-se as respectivas rendas), os Santos ⁶ (dá-se comêço ao apanho da azeitona) e o Natal ⁷ (finda o *mês morto* [dezembro] e começam os dias a crescer e a natureza a animar-se). — Frequentemente fazem também referências ao *tempo da malva seca* ⁸, ao *da vindima*, ao *da azeitona*; ao *anno da seca* (?) ao *da cólera* ⁹; ao *tempo dos Miguéis* ¹⁰, ao *tempo dos Moiros* ¹¹, etc.

As phases da lua solicitam sempre, também, a sua attenção.

¹ As cartas de número são ás vezes dobradas em coração, isto é, por uma forma enxadrezada.

² A 24 de Junho.

³ A 11 de Agosto.

⁴ Começam a 8 de Setembro.

⁵ A 30 de Setembro.

⁶ A 1 de Novembro.

⁷ A 25 de Dezembro.

⁸ Nos fins do estio.

⁹ 1856.

¹⁰ O das lutas entre legitimistas e constitucionaes.

¹¹ A estes attribue o povo todas as construcções que apparentam grande ventosoz.

Nellas se fundam algumas das suas predicções meteorológicas; por ellas, muita vez, se decidem quanto á oportunidade de certos trabalhos culturaes ¹.

Pastoricia. — Os animaes domésticos são, em regra, pastoreados por crianças, que nisso se occupam desde os cinco ou seis até cêrca dos doze annos de idade.

Com excepção dos suínos, trazem ao pescoço, ás vezes, esses animaes, guisos, chocalhos, campainhas, o que servia, noutro tempo, para afugentar os lobos, aqui, então, muito communs, — usando-se hoje para facilitar o encontro de animaes extraviados, e também um pouco por garridice.

Ha uns trinta ou quarenta annos quasi todos os pastores tocavam *pifre* (pifaro), cuja embocadura era como a da flauta ou, mais raramente, como a do clarinete, tendo, porém, em vez de palheta, uma apropriada bucha de madeira.

Esses *pifres*, de canna ou de sabugo, faziam-nos ás vezes, os próprios pastores, que facturavam também outros instrumentos e grande variedade de brinquedos, taes como: gaitas de tubos (flautas de Pan), rouxinoes, assobios de canna, de casca de figueira ou de cúpulas de bolota, roncás de colmo ou caniço, chamadas também, pipos, gallos de loiro, buzinas, espingardas de canna, estoques de sabugo, castanholas de canna e de raiz de oliveira, piões, pioas e balharotas, zoas, cigarras e corropios, moinhos de vento, *ândolas* (andas), *alfundas* (fundas) para atirar pedras, matracas de cardo penteador, carros de bugalhos ou de cortiça, arados e outras imitações de alfaías rústicas, etc.

Alguns fabricavam, de madeira, utensilios graciosos e pacientemente recortados, — rocas e suas agulhetas, sarilhos, bicos de escamisar, etc. — objectos estes que vão rareando e são hoje muito apreciados como elucidativos especimes de arte popular ².

Costumam os pastores levar a tiracollo os seus farnéis, e também, ás vezes, cabaças com água. Mas como, em geral, elles têm bom appetite, muitos por lá vão também mandocando frutos silvestres, bulbos e outras producções vegetaes, como: bolotas, amoras de silva, abrunhos de balsa, pirlitos, murtinhos, pútegas, donzelhas, pés-de-burro, cogumelos, etc. Estes últimos, de que

¹ Observações dos camponeses, quanto ao plenilúnio: — Quando apparece a Lua no Oriente, ao mesmo tempo que o Sol desaparece no Occidente, é lua cheia. Se a Lua, ao nascer, avista o Sol, prestes a occultar-se, a lua-cheia é no mar; mas se o Sol se esconde momentos antes de a Lua surgir, a lua-cheia é na serra. No primeiro caso sobrevirão humidades; no segundo, aguarde-se tempo secco.

² Veja *As rocas da minha terra* por M. Vieira Natividade — Alcobaca, 1908.

ha bastantes espécies venenosas, comem-nos elles assados, depois de muito bem espremidos, não havendo memória de alguém haver sido aqui intoxicado pela sua ingestão.

Resta-me falar das ingénuas cantigas dos pastores de ovelhas, hoje quasi esquecidas em consequência da divisão dos terrenos do logradouro comum, onde, não ha muitos anos ainda, numerosos rebanhos pastavam promiscuamente.

Mettendo o seu gado a caminho, aquelles pastores cantavam:

Ó ló, ó ló, ó ló;

Ó ló, ó ló, ó ló;

Encarreira, encarreira;
Leva Deus na deanteira,
Nossa Senhora no meio,
Santo António á trazeira.

Ó ló, ó ló, ó ló;

Ó ló, ó ló, ó ló.

Se algum dos rebanhos invadia uma seara, ao respectivo pastor dirigia algum dos outros, cantando, alguns d'estes remosques:

Rodela, rodela,	Corta a foice, molha o dente,
O meu gado na relva	Que o córte já vae rente;
E o alheio no pão;	O maroto, ó ladrão:
Pastor que o guarda	Olha o gado no pão.
É um grande ladrão.	

Após o quê, rompiam todos em grita:

— Eh *repaz!* Olha esse gado!

Quando, para voltar ao curral, o pastor fazia a destrinça das suas ovelhas, cantava:

Aparta, aparta;
Estrema, estrema;
A minha é bonita,
A alheia é feia.

Depois, e a espaços, outras trovas se iam ouvindo; taes como:

Santo António de Lisboa,
San-João de Portugal:
Ajuntae o meu gadinho
E levae-m'o ao curral.

Ó ló, Milheirinha,
Ó ló, Cardeal,
Ó ló, p'ra o curral.

Ó lá, ó lá,
Eu p'ra casa vou;
Um bocadinho de pão
P'ra quem o ganhou.

Lavradores.—Inculcando a nobreza e isenção do lavrador, dizem os camponeses que em certos lances tem elle o direito de se apresentar a el-rei com as suas botas da lavoira ainda sujas de terra, e empunhando a arrelhada ¹.

Jornaleiros ².—Trabalham de sol a sol.

No tempo das sestas, que vão da segunda-feira da Paschoe-la ao dia 8 de Setembro, têm elles uma hora para o almôço (das 8 ás 9) e duas horas para o jantar ³ (do meio-dia ás 2); fóra d'esse periodo cabem-lhes só meia hora e uma hora, respectivamente, para as ditas refeições.

O salário d'um jornaleiro agrícola anda pelo valor de meio alqueire de milho ⁴. E, porque a propósito vem, reproduzo aqui estes periodos das *Memorias de Turquel* acêrca da sua alimentação:

«Com a broa correspondente a um alqueire de milho e mais meio litro de azeite ⁵, sem outros adminículos, alimenta-se um trabalhador durante toda a semana (6 dias de trabalho e 1 de descanso).—É esta a *ração de trabalho* a que elle dá a preferência quando anda ao ganho por fóra da terra; comtudo ás vezes substitue o alqueire de milho por três quartas do mesmo e uma de legumes seccos, limitando-se a meio alqueire de pão quando dispõe de conductos variados ⁶».

Manteias ou surribas.—Em cada fila de seis trabalhadores, e fazendo parte d'ella, ha um *mandador*.

Neste trabalho, os movimentos são isóchronos e simultâneos, bradando para isso o mandador as suas ordens numa toada monótona e plangente.

Compõem a fila três dextros e três canhos, estes empare-

¹ Vara de arrelhada, aguilhada.

² Nesta região, aos jornaleiros que trabalham a terra chamam *servos*, sobrevida, talvez, dos antigos *servos da gleba*.—Bastantes mulheres aqui se empregam também em serviços agrícolas: mondas, sachas, ceifas, colheita de frutos, etc.

³ D'estas duas horas tiram elles, ás vezes, meia hora para merendar, o que fazem shi por meia tarde. Não se tem generalizado esta prática.

⁴ Normalmente, os preços do milho e do trigo estão entre si como 1 está para 1 1/2.

⁵ São os únicos componentes da *miga fervida*, com muitos ganhões se alimentam durante semanas.

⁶ Misturadas (feijão com hortaliça), peixe miúdo, azeitonas, etc.

lhados com os primeiros, para, ao limpar as valleiras, poderem unir as enxadas a duas e duas, o que facilita a operação.

Dando agora a significação dos termos agrícolas que com o caso se relacionam, direi que *mantear* é o mesmo que surribar. *Manta* é a alludida fila de seis obreiros, o sulco por elles aberto, e ainda a faixa comprehendida entre dois sulcos. — Numa fila, o primeiro lugar á direita é occupado pelo *mandador*, seguindo-se-lhe o da *chavelha*; o último é o da *rabeia*.

A sementeira do trigo.—Ao lançar o trigo á terra, o sementeiro descobre-se, o que se considera um acto de propiciação. «Deus lhe ponha a virtude!» ou «Fique por conta de Deus!» exora elle ordinariamente ao concluir o seu trabalho. — Se, a seu tempo, a seara se ostenta promettedora, — «Está que é um levantar as mãos ao Céu!» — observa religiosamente o agricultor.

A colheita da azeitona.— É em novembro que começa a colheita da azeitona, feita, em regra, por numerosos ranchos de homens e mulheres, governados por um capataz. Serve-se este, ordinariamente, d'um búzio para comandar a sua gente. Assim, o *leva-arriba*, a partida para o olival, o comêço e o fim da refeição que ahi tomam, á noite a retirada, tudo é ordenado a toques d'esse fragoroso instrumento.

Compõe-se o rancho de homens e mulheres, que, tendo almoçado em casa, se apresentam no olival ao sair do sol.

A cada varejada cabem duas apanhadeiras, incumbindo-se ás menos hábeis, ou a crianças, a cata das *arredias*, — azeitonas desgarradas por algum mais forte impulso do varejador.

Fazendo também parte do rancho, nota-se ahi, ás vezes, o *paquete*, — um rapazinho lesto encarregado de *maquiar* as cestas das mulheres, isto é, de vasar amiúde o seu conteúdo num cesto grande, d'onde é opportunamente levado para o carro de bois.

Os ranchos azeitoneiros ou são da terra, ou de fóra. Neste último caso, o patrão dá-lhes *quartel*, isto é, casa onde se alojem, e também *comedia*, que consiste em quatro decilitros de azeite e uma quarta de legumes seccos, por semana, a cada homem, e o equivalente a metade d'aquella ração a cada mulher.

Todos os dias, depois do jantar, se separam do rancho, para irem fazer a ceia commum, um homem e uma mulher. Ella prepara a refeição, e o homem faz-lhe as achegas, rachando lenha, acarretando água, etc.

No derradeiro dia de trabalho, fixado com alguma antecedência, encaminham-se todos do olival a casa do proprietário, levando á frente uma espaventosa bandeira guarnecida de ramos

de oliveira com suas azeitonas, e atroando tudo com os sons ensurdecedores de uma ou mais buzinas. Segue-se a *adiafa*, refeição ordinariamente composta de grãos com arroz, e onde nunca faltam as clássicas *filhoses*, rematando toda essa faina um animado bailarico.

Actos de posse ractificação de contratos.—Quando, em hasta pública, se vende a azeitona d'um olival, ao arrematante, como sêllo de contrato, offerece-se-lhe um ramo de oliveira. (D'ahi a locução *entregar o ramo*, que significa, extensivamente, conferir posse de coisa disputada, e também desistir de algum direito ou regalia em beneficio de outrem).

Feito um contrato, é costume ir *beber o vinho* para o ratificar ¹. Depois d'isso, muito estranhável seria negar-se algum dos estipulantes ao seu cumprimento. — Também para firmar pazes, e ainda como simples prova de boas relações, é costume ir *beber uma pinga*.

Noutro tempo, quem comprava uma fazenda ia, acompanhado do vendedor e das testemunhas, tomar posse d'ella, dando ahi umas cavadelas, *atirando mancheias de terra ao ar e declarando, alto, que a tomava, por lhe pertencer*. Deparou-se-me esta curiosa cláusula, ainda não de todo obliterada, numa escriptura datada de 1823.

Foi em terrenos baldios que na zona serrana d'esta frêguesia se estabeleceu a maior parte dos casaes ahi existentes. E como o povo frequentemente se oppunha, por vezes enérgicamente, a essas tomadias, diz-se qde se valeram então alguns d'uma supposta regra do direito consultudinário, segundo a qual se adquiria posse de uma casa feita no logradouro comum, desde o momento em que uma familia ahi estabelecia o seu lar.

Esses então, sub-repticiamente e no espaço d'uma só noite, levantavam ahi uma cabana de pedra ou tão só de madeira, e na manhã seguinte lá se ouvia cantar um gallo e se via, á porta, uma mulher sentada e de roca á cinta, a fiar,—factos estes confirmativos d'uma posse plena e indiscutivel.

Defesa das propriedades.—Para defender seus prédios dos gados e da gatunagem, concertam-se ás vezes entre si os proprietários, e contratam um guarda rural.

Quando não ha guarda, servem-se alguns de *coimeiros*,—signaes convencionaes que se põem como aviso de que será

¹ Na Praia da Nazareth, os dois contratantes cospem, juntos, num têlho, que depois atiram para cima de algum teibado.

multado quem nesses prédios apascentar gado, ou por elles transitar. Consiste o coimeiro, umas vezes, numa taboleta branqueada de cal, para melhor se ver, e pregada num poste; outras, num cúmulo de terra, com um ramo de trovisca espetada no cimo.

— Para impedir os estragos que os cães fazem nas vinhas, é costume prender esses animaes quando as uvas chegam á maturação. E porque ha descuidados ou indifferentes que continuam a trazê-los á sôlta, espalham alguns vinhateiros bolas canicidas por entre as cepas, do que previnem o público, collocando ahi algumas bandeirolas de panno branco.

De ordinário, pelo S. Miguel ¹ já as vindimas estão feitas, soltam-se então os cães.

— Antes da extinção do concelho de Turquel permittia-se até ao dia de Todos-os-Santos, por ser *tempo de sôlta*, pastorear gado e apanhar a azeitona dos chãos nos olivae plantados em terrenos públicos; passado, porém, aquelle dia, era isso rigorosamente defeso, sendo encôimados os transgressores, e bem assim os que deixassem aberta alguma das cancellas que havia nas chamadas *paredes da almotaçaria*.

— Para afastar os pardaes das searas, usam-se espantalhos, moinhos de vento com traquinada, farrapos fluctuantes, etc. Das terras de trigo, quando elle começa a engracer, são elles guardados por crianças que d'isso especialmente se occupam, chocalhando, batendo em latas, lançando bombas, fazendo, em summa, toda a casta de ruido.

Bonecos e artificios vários se empregam também contra os damninhos coelhos.

Nos milheiraes já a emmaçarocar não é raro ver luzir aqui e ali, de noite, pequenos fogachos. Põem-nos e mantem-nos ahi os fazendeiros, para espantar os texugos.

— Para que de certas pedras cravadas no solo se distingam os marcos que limitam as propriedades, quando se mette um d'estes collocam-se aos lados da parte subterranea duas pedras pequenas; são as *testemunhas*. Alguns espetam junto d'esses marcos estacas de marmeleiro ou tamargueira, — arbustos que promptamente enraizam — para obstar a alguma furtiva deslocação.

— Nas vinhas, melanciaes, etc., armam-se ás vezes, para abrigo dos respectivos guardas, choupanas ou palhoças.

O esqueleto d'uma palhoça é formado por três varas amarradas na parte superior, tendo os pés, convenientemente afastados, fincados no chão. Uma d'essas varas é muito mais comprida e fórma o espigão da palhoça; as outras limitam-lhe a entrada.

Beneficência, mutualidade, cooperação. — Quando um individuo cae na indigência e, por doença ou por velhice, não pôde trabalhar, o párocho informa d'isso o povo por occasião da missa dominical e nomeia logo, de accôrdo com o regedor, algumas pessoas idôneas que, para occorrer á alludida necessidade, percorrem a frêguesia toda a solicitar donativos.

— Noutro tempo, quando a um lavrador morria um boi, a sua carne, se aproveitável, era distribuida pelos demais lavradores da frêguesia. Rejeitavam-na alguns, ou a inutilizavam; nenhum,, porém, se negava a pagar o quinhão que lhe coubera. — Em substituição d'esta prática accordaram depois os lavradores em indemnizar integralmente, por meio de quotização, o dono da rê, quando para a sua morte elle não houvesse consciencientemente concorrido. — Hoje, quasi todos seguram o seu gado bovino contra o risco da morte ou inutilização.

— Dias antes de uma terra ser lavrada, e ás vezes também depois da colheita, permite-se ahi a entrada dos gados da vizinhança, para aproveitarem o pasto.

— Quem mata porco, contempla, de ordinário, vizinhos e parentes. D'isso me occupei já ao tratar da *vida doméstica*.

— Quem visita uma doente, leva-lhe sempre algum mimo: açúcar, criação, etc. Às parturientes é costume offerecer chocolate.

— Como agradecimento por beneficios de certa monta, era costume, ainda não de todo abolido, offerecer uma caçada, isto é, as peças várias abatidas durante uma excursão venatória. Para esta eram sempre convidados os mais hábeis atiradores. — Quando muito abundante, a caça era repartida em lotes e distribuida, assim, por várias pessoas.

— Serviços ha que se fazem quasi sempre com a cooperação dos vizinhos; taes são as escamisadas, as malhas do milho, as carpeadas, as escarpeladas ou desfiadas das camisas do milho para encher colchões, etc.

— Outra fórma de cooperação é a dos *dias trocados* (assim lhe chamam), de que vou dar um simile, — Tem um fazendeiro uma seara de milho já sachadoiro, estando o de alguns seus vizinhos ainda atrasado. Estes, pois, vão entretanto ajudar o primeiro, que depois — dia a Pedro, dia a Paulo — lhe vae opportunamente pagando na mesma moeda.

De certos trabalhos de commum utilidade,—concôrto de caminhos vicinaes, limpeza de lagoas, montarias ¹, etc., incumbem-se quasi sempre os habitantes da localidade ou região a que elles aproveitam.

Partilhas inter-vivos.—Chegados a certa idade e mal podendo já trabalhar, costumam os paes de família a trôco d'uma pensão annual e vitalicia, entregar aos filhos as suas terras, para que elles as cultivem e desfrutem. Se, por ventura, a esse tempo não estão ainda exhaustos de forças, reservam para si uma gleba onde se entretenham, que lhe forneça hortaliça, legumes, etc., e onde haja também algumas árvores, nomeadamente figueiras.

A figueira, comportando milhares de frutos, que vão amadurecendo dia a dia desde Setembro até comêços do inverno, é uma árvore preciosa, e a que mais frequentemente guarnece o circuito da vivenda aldeã. Referindo-se-lhe, costumam os campônios dizer:—«Passa o vadio, come; passa caminhante, come: vem o ladrão, come; chega, por fim, o dono, e também come». Generosa e fértil como poucas, a todos proporciona um alimento saboroso e excepcionalmente nutritivo.

IV—Habitações

Algo direi, primeiramente, das antigas vivendas tradicionaes, de que pouco resta; e referir-me-ei depois á casa moderna, menos característica.

Salientavam-se algumas das velhas moradias por uma varanda de pedra anteposta á fachada principal, e que dava ingresso á chamada casa de fóra ².

Em casas térreas, a varanda era invariavelmente resguardada por uma cobertura sustida por columnetas; sendo, porém, alta a casa, esse annexo—que então subia á altura do segundo pavimento e era servido por uma escada exterior, simples ou dupla—nem sempre era alpendrado.

Omissa a varanda, o beiral prolonga-se um pouco sôbre a

¹ Montarias contra os lobos, promovia-as aqui em tempo a câmara; hoje ainda uma vez ou outra essas correrias se fazem para caçar raposas e outros animaes damninios (os lobos desapareceram ha cerca de meio século).—Vem a propósito dizer que o campónio que consegue matar algum d'esses animaes pega nelle e vae pedir para quem matou o bicho, o que lhe faculta uma apreciável receita.

² Para serviço da cozinha havia também, ás vezes, uma varanda de menos cuidada construção.

porta, que era frequentemente ornada de almofadas, pregos de grande cabeça e escudos caprichosamente recortados.

As janellas, em regra, desprovidas de vidraças, tinham um postigo em cada meia-porta, o que permittia regular o accesso do ar e da luz.

Outras particularidades se notavam, por vezes, no exterior d'essas habitações: assentos de pedra junto ás paredes, misulas aos lados das janellas, relógios de sol, quadros de azulejo, etc.

Interiormente deparava-se-nos, logo á entrada, a casa de fora, muito ampla, tecto de masseira ou então pyramidal, portas baixas e sem bandeira, poiaes nas janellas, ás vezes copeiras ou armários abertos na grossura das paredes. Mesas de pau santo, cadeiras encoiradas, bancos de encôsto com gavetas ou uma comprida caixa sob o assento, eram ahi móveis usuaes.

As alcovas, muito pequenas e de ordinário sem janellas, não se fechavam; a sua larga porta vedava-a uma singela cortina. Leitos de boa madeira, torneada, entalhada e com embutidos, se admiravam ahi ás vezes ¹.

A par d'essas vivendas, indicadoras de relativa abastança, havia casas modestas, humildes tugúrios. Na zona serrana, o seu typo geral era este:—casa baixa de duas águas, com sua chaminé; na frente, um desgracioso alpendre acachapado; duas portas, —uma sob o alpendre e a outra na parede traseira; carência de janellas ².

No interior, e quando as circunstâncias do proprietário o permittiam, a casa tinha um alpendre, ou *canto da lenha*, em um compartimento pegado; seguia-se para trás a *casa de fóra*, a *cosinha*, a *despensa* e dois quartos

Era frequentemente de telha-vã a casa de fóra. Quando forrada, havia ás vezes, no tecto, dois ganchitos de ferro onde se prendia o fiado que se queria torcer; e, na aba do fôrro, o *friso*, isto é, uma tira de madeira sobre a qual se enfileiravam maçãs e peras, para ahi sazouarem.

A casa hodierna obedece a outro traçado, convindo accrescentar que ás vezes se constroe ahi também, deante da porta da frente, uma varanda com cobertura de três águas ³.

¹ A divisória entre a casa de fóra e as alcovas nem sempre se elevava ao tecto.

² Excepcionalmente havia em alguns quartos de cama janellas, cuja abertura não excederia muito um palmo quadrado. Postigos nas portas anteriores e telhas de vidro nas casas *cimeiras* (isto é, de tectos esconsos), davam também alguma luz.

³ Em lugar de varanda armam ahi alguns uma parreira.

Os telhados são de telha de Marselha ¹; e para lhes recolher as águas, na zona serrana têm-se ultimamente construído bastantes depósitos.

Vejamos a casa de fóra.

A mobília, ahí, compõe-se principalmente de grandes e pequenas arcas ², que accommodam roupas, cereaes, comestiveis, substituindo também, em parte, as cadeiras, e ás vezes leitos. De modo que essa casa é, a um tempo, sala de recepção, guarda-roupa, celeiro, despensa e dormitório, servindo também de casa de jantar em dias de reunião ou festa de família. Na parede figuram, em regra, alguns santinhos.

Nos quartos de dormir, custodiados igualmente por imagens religiosas, as camas fazem-se sôbre barras de madeira, e também já em leitos de ferro ³. Havendo crianças, faz-se-lhes cama commum, provendo de cabeceiras ambos os topos d'umo barra, e deitando-as ahí pés com pés.

Quando a um enfermo se leva Nosso-Pae, o respectivo quarto é litteralmente revestido de toalhas, colchas antigas, lençoes de entremeio, etc., desapparecendo tectos, paredes e móveis sob essa armação, onde se exibem as melhores peças do bragal da família.

É na cozinha que, de ordinário, se tomam as refeições.

Em regra, a lareira é baixa e desimpedida, para que todos, no inverno, ahí possam chegar-se a uma boa fogueira. ⁴

Pouco acima da abertura inferior da chaminé está a vara dos enchidos.

Vários utensílios ahí se nos deparam: — candeias para azeite ou para petróleo ⁵, talvez ainda algum antigo candieiro de três bicos, colheres de espinheira, almotolias de barro ⁶, cabaças para vinho, um cortiço para o sal, etc.

Nas traseiras ou ao lado da casa, ás vezes na frente, ha o pateo, — característico das vivendas ruraes ⁷. No páteo, vigiado

¹ A telha de Marselha foi aqui introduzida nos primeiros annos d'este século.

² Por vezes ha também uma mesita e três ou quatro cadeiras, acaso um relógio e talvez algum banquinho de costura.

³ Uma ou outra vez ainda ahí se topa algum antigo leito de pau-de-fóra.

⁴ Ha lareiras ao nível do soalho; algumas, ainda mais baixas.

⁵ O petróleo começou aqui a usar-se em 1890; desde 1903 emprega-se também um pouco o acetylene.

⁶ Os azeiteiros dos ganhões, em tempo, eram de chifre. Da mesma substância se faziam, ha cerca de quarenta annos, uns tinteiros-arseiros que tiveram muita voga, cheiradeiras (hoje em desuso), polvorinhos, etc.

⁷ Nas casas de simples jornaleiros não ha propriamente páteo; mas têm, quasi todas, o seu quintalejo.

por um ou mais cães, se localizam os curraes, os palheiros, as arribanas, as pocilgas, a capoeira, o forno de cozer pão, depósitos de matto e lenha, a pilha de estrume, às vezes a cova do bagaço.

Para obstar á entrada dos animaes, á porta que da morada dá para o pátio, ajusta-se uma cancella ou põe-se-lhe *saltadoiro*, — grande lage ahí arrimada ás ombreiras ¹.

Junto á vivenda, ou em algum próximo cercado, vicejam quasi sempre algumas flores, de camaradagem com plantas hortenses, — salsa, hortelã, etc.

V — Indumentária

Traje masculino.—O uso de calção e meia, colete de côres vistosas, véstia curta e chapéu largo com seu tufo redondo na aba, ainda no terceiro quartel do século XIX não estava inteiramente banido.

Era de tripe o calção ou de banbozina, sem pestana á frente, mas provido de largo alçapão que prendia nos flancos; e sustinham-no abaixo do joelho duas grandes fivelas de prata, ornadas. Uma abotoadura, também de prata, segurava, adeante, o collarinho, muito alto, bordado, que dobrava, às vezes, sobre a gola da véstia.

Ao calção succedeu a calça de alçapão, a que ainda algum raro velhote dá hoje a preferênciã.

Para certos actos religiosos, — baptizados, casamentos, enterramentos e desobriga — manteve-se até quasi o fim do mesmo século o uso do *gabão*, farto envoltório de panno grosso com enorme capuz e uma fieira de botões amarellos, lisos ou relevados.

Coberturas para a cabeça, além do chapéu outras se tem usado, entre as quaes tem sido sempre o barrete a mais generalizada ². Ha barretes azues, em tempo os de maior voga; — pretos, que são hoje os preferidos; encarnados, que já pouco se veem; e verdes com carapinha encarnada, distinctivo de republicanos.

¹ No tempo em que os lobos infestavam esta região, obstava-se ás suas escaladas correndo de lages de grande saliência os muros dos pátios. Usava-se isto na serra. — Ahí, os curraes de cabras, para evitar que alguma se encantasasse quando perseguida pelas outras, eram redondas.

² No verão, alguns jornaleiros agricolas substituem o barrete por um chapéu de palha ou de folha de palmeira.

Os barretes cônicos com botão no vértice, usados em meados do século passado, pouco tempo se mantiveram.

Desde ha annos, quasi toda a gente moça usa boné, ao qual o panamá tem feito últimamente alguma concorrência.

Os trabalhadores, em geral, não usam suspensórios, usam cinta ¹; como, porém, a jaqueta continúa a ser relegada pelo casaco, aquellas faixas, que não condizem bem com o novo traje, vão sendo postas de parte.

Ha cintas encarnadas, cintas azues e cintas pretas. As primeiras muito flammantes, estão fóra da moda.

Uma cinta de longa franja pendente, posta com garbo, era, em tempo, uma apreciada garridice para os aldeões, como hoje o é, para os mesmos, um relógio com um corrente de prata ². Objectos ostensivos são-no também os varapaus e agulhões guarnecidos de conteiras amarellas, as bôlsas enfeitadas com desenhos phantasistas a ponto de marca, e as pennas variegadas com que alguns romeiros da Nazareth emplumam, á volta, os seus chapéus.

Os aldeões, vestindo às vezes de cotim, no verão, em geral, preferem-lhe o panno de varas, por ser de mais dura, e também porque — dizem elles — *o que guarda do frio, guarda do calor*.

Alguns, no inverno, resguardam o busto tão sumente com uma camisola de grosseira lã, que vestem sôbre a camisa. Camisola interior, ordinariamente dispensam-na.

Usualmente, a roupa branca é de linho caseiro, e também de estopa.

Como abafo, ainda usam um pouco as antigas mantas regionaes, — quasi supplantadas pelos varinos — algumas das quaes têm, a modo de casula, uma abertura onde enfiam a cabeça.

O cabelo usam-no á escovinha, e ninguém o corta em março, por ser o mês em que se tosquiavam os burros. Quanto á barba, até começos do último quartel do século passado adoptou-se a suíça; hoje, porém, tirante alguns homens de outro tempo, refractários a innovações, quasi todos usam bigode.

Traje feminino. — Ha cerca de meio século, as mulheres trajavam vestido, e, mais commumente, saia e roupinhas ³. Consistiam estas num corpete muito justo, apertado na cinta e com ampla abertura sôbre o peito, que um lenço discretamente recitava. Tinham golla e bandas de velludilho, com suas guarnições

¹ Os suspensórios, resistindo a certos movimentos do tronco, não convêm á maioria da maioria dos trabalhadores ruraes.

² Ha cerca de trinta annos, nesta populosa freguesia apenas o párocho e mais duas ou três pessoas usavam relógio.

³ A estas, ou ao vestido, apunham algumas um cabeção rendado.

de fita ou trancinha, e na parte posterior, um appêndicezinho a modo de asas de borboleta.

Para a cabeça, afora os lenços de algodão, de lã e de seda, que ainda hoje se usam, havia-os também de cambraia e de bôbinete. Estes eram engommados, e tinham, alguns, cercadura, ramos nas pontas e às vezes o nome da sua dona, bordado tudo a branco, ou a ponto de marca.

As noivas, as confitentes e as viúvas iam á igreja sempre de mantilha ou bioco; as outras mulheres ou punham o chaile ou se envolviam nas suas grandes capas de panno preto, que depois substituíram as mantilhas e foram, por seu turno, — não ha ainda muitos annos — relegadas por chailes ao gôsto moderno ¹.

Depois das roupinhas usaram-se uns casacos largos e sem feição, a que outros, mais airosos, succederam, e que ainda se mantêm ². Estes contornam ajustadamente o busto e terminam inferiormente por pequenas alas, que pretensiosas aldeãs actualmente escodem sob a saia, macaqueando, assim, o traje senhoril ³.

Sôbre o lenço usam algumas, quando jornadeiam, para resguardo da cabeça, um chapéuzinho de feltro, com sua borla na aba.

Algibeiras, todas usam. São em fórmula de pêra, mais ou menos enfeitadas, e pendem da cintura, á direita, por baixo da saia.

Muito em voga está hoje o avental entre as camponesas, que é, para ellas, um adôrno, não menos que um objecto utilitário.

Quanto ao cabello, por várias fórmulas ellas o dispõem, sempre, porém, com simplicidade. Umas apartam-no ao meio da testa, ao alto, levando-o as têmporas e ao occiput; é este o uso geral; — outras, por coquettismo, fazem a risca ao lado. Muitas entrançavam-no, ajeitando-o depois em rodella, sôbre a nuca; algumas, arrepiando-o, enovelam-no no coruto, ou mais frequentemente na parte posterior da cabeça, onde o prendem com ganchos ou travessas ⁴.

Nas orelhas, toda a mulher traz argolas, arrecadas ou brin-

¹ O challo, que antigamente dobrava em bico, hoje põem-no de través.

² Como resguardo e compostura ajuntam algumas sobre o corpete um lenço franjado, ou pequenino chaile.

³ Advirtam as camponêssas que podendo ellas occupar, na sua classe, um dos primeiros lugares, — como senhoras, por falta de linha e outros predicados nativos, irão para algum dos últimos.

⁴ Para o segurar havia, noutro tempo, pentes próprios, e também coifas, que estiveram em moda ha uns quarenta annos, ou pouco mais.

cos de ouro. Outras jóias do mesmo metal algumas ostentam em dias de festa: cordões (d'elles pendem ás vezes corações, cruzes, imagens), annéis (que também usam de prata, coralina e outras substancias), broches, collares, etc.

VI—Diversões e folias

Esperar os reis.—Em a noite que precede o dia de Reis (de 5 para 6 de janeiro) ainda se encontram, uma vez ou outra, rapazes dispostos a cair no lógro de irem a um sitio designado *esperar os Reis*. Estes (diz-se) distribuem, na sua passagem, grandes riquezas, convindo, pois, que cada um dos concorrentes vá munido d'um banco ou outro móvel a que possa subir, para ser facilmente notado no meio da multidão.

Quinta-feira de Comadres e Quinta-feira de Compadres.—São as duas quintas-feiras posteriores aos domingos da Septuagésima ¹ e da Sexagésima ², respectivamente. Nesses dias os rapazes e as raparigas promovem galhofeiras reuniões para pedir á sorte caprichosa lhes indique os nomes de seus futuros compadres e comadres.

Entrudo.—Seringar os transeuntos, atirar-lhes caqueiradas, enfarinhar uns, mascarrar outros, pregar rabos, entrar furtivamente nas casas dos vizinhos e bifar-lhes a panela do jantar, etc., etc., são peças carnavalescas já em desuso. Restam as grandes petas inverosímeis; as *pulhas*, trovas primitivamente satíricas e agora o mais das vezes laudatórias, vozeadas por um e apoiadas em desentoadada grita por muitos; e as mascaradas, cujas personagens, por seu traje grotesco e extravagante e por suas momices e ditos picarescos, trazem á lembrança os antigos bobos e truões, tão communs nas residências senhoriaes da idade-média.

O cuco.—É no dia de S. José (a 19 de março) que vem o cuco. Antes da sua chegada é costume indigitar, para lhe ir buscar o trem, o carreiro que tenha os bois mais magros.

Animais combalidos, se chegam a ouvir o cuco, tomam ordinariamente vigor ³.

¹ O domingo anterior ao da Sexagésima.

² Domingo magro.

³ Com referência a algum d'esses animais, diz-se ás vezes: «Se ouvir o cuco, então vas arribas». — *Coitado! aquelle já não chega a ouvir o cuco».*

Um dos estímulos das novéis fiandeiras é a obrigação em que suas mães as constituem de proporcionar ao cuco um bom enxoval.

Serração da velha. — Fazia-se aqui em tempo a *serração da velha*, — allusão ao mear da quaresma, como se sabe.

A velha (representava-a um homem), toda alquebrada, apoiada na sua roca de canna, melena formada por estrigas de linhol que appareciam sob um velho chapéu de abas caídas, e á cinta com umas camândulas de bagalhos, divagava pelas ruas da povoação com o seu séquito, de que fazia parte a rapaziada miúda, numerosamente representada, e que ia tocando chocalhos e campainhas de bois.

Em determinados pontos do trajecto lia-se o testamento, ordinariamente escrito em linguagem cambrónnica, e onde quasi todos os habitantes de Turquel eram contemplados, sem esquecer o rapazio, ao qual se fazia saber estar-lhe reservada uma boa maquia de *castanhas piladas*.

A velha, por fim, era mettida num cortiço, e aprestava-se tudo para a serração; nesta conjunctura, porém, appareciam ali uns sujeitos munidos de grandes vimes, que se dispunham a cumprir uma das disposições do testamento:—zurzir a garotada.

Seguia-se grande reboliço; os rapazes tratavam de se escapulir por todos os lados, e assim acabava a brincadeira no meio de grande algazarra e balbúrdia,

Alleluia.—Em sábbado de Alleluia, nas cerimónias da capella baptismal, o individuo que leva o cirio paschal, e que antigamente era convidado a pagar a despesa do officio do dia, proclamam-no galhofeiramente o *padrinho da criança*. Esta costumeira, com que alguns encordoam, é para outros motivo de jovialidades. — «¿Como se chama o seu afilhado?» — perguntaram uma vez a um d'estes. — «Paschoal!» — respondeu elle, muito lesto.

Neste dia apparecem ás vezes ingénuos que se prestam a levar a *pedra da Alleluia* a casa de algum dos gerentes da paróchia, que se apressa a recambiá-la pelo mesmo portador ¹.

Maio. — No primeiro de maio reuniam-se aqui as crianças não ha ainda muitos annos, e ataviando de flores uma de suas

¹ A chamada *pedra da Alleluia* é uma pedra qualquer estoca, bruta, dura, informe, que, para facilidade de transporte, se mette num sacco ou numa velha seira dos figos.

companheiras mais pequeninas, a quem davam o nome de *maio*, percorriam com ella as ruas da povoação.

As portas e janellas das habitações, e mesmo dos estábulos, eram também nesse dia graciosamente enramalhados.

Santo António, S. João e S. Pedro. — Nas vésperas de Santo António, S. João e S. Pedro, á noite, fazem-se bastantes fogueiras, animadas, de ordinário, pelo estralejar dos foguetes, e ás vezes pelo estourar das bombas e pelo esfusiar das bichas. Junto a algumas habitações levamtam-se mastros.

Santo António é um santo prazenteiro, e o protector dos amores bem intencionados. Juizes e demais empregados da sua festa só o eram, antigamente, rapazes solteiros.

Durante a trezena, as suas mordomas põe-lhe, ás vezes, na mão um raminho de cravos e cerejas ¹.

Estreias de vestuário reserva-as a mocidade, quanto possível, para o dia do seu glorioso patrono.

*

É benta a água recolhida na manhã do dia de S. João, antes de nascer o sol. Os gargalos das bilhas e quartas em que ella se guarda cinge-as, como distinctivo, um junco verde.

Vale por sete o banho de S. João, que os rapazes tomam ahi, de madrugada, em algum tanque ou repêsa; muitas pessoas, porém, vão, para isso, á Fervença, onde ha balneatórios.

Ervas medicinaes, para que hajam recebido o orvalho bento, colhem-se nesta manhã privilegiada em que o sol nasce bailando, e as moiras encantadas tomam a figura humana e assoalham os seus thesoiros. O encanto e desencanto d'essas graciosas entidades acha-se frequentemente relacionado com a noite de S. João.

Em tempo, na vizinha frêguesia do Vimeiro, as raparigas, cantando em côro junto ás fogueiras de S. João, celebravam por essa fórma o santo Precursor.

San-Pedro e San-João,
Ambos no céu têm cadeira;
Quando vão em procissão,
San-João leva a bandeira.

¹ Em Évora de Alcobaça, a imagem de Sant'Iago apparece no seu dia (25 de julho) com um cacho de uvas na mão.

Esta e as demais coplas que na ocasião cantavam, rematava-as sempre o estribilho:

—Ai ai, meninas, ai ai!
Já o San-João lá vae.
—Já lá vae? Deixá-lo ir,
Que elle é santo, torna a vir.

Escamisadas. — Fazem-se nas eiras em agosto e setembro, quasi sempre á noite, e a ellas affluem bastantes pessoas de ambos os sexos, que se dispõem em grande circulo.

Em tempo, quem achava uma maçaroca roxa abraçava os vizinhos, — usança ainda não de todo abolida.

Um interessante tiroteio de cantigas e dichotes anima, ás vezes, essas concorridas reuniões.

Brincadeiras. — As escamisadas, como as carpiadas, escarpelladas e outros trabalhos ruraes, terminam muitas vezes por *brincadeiras* (bailaricos), onde se dansam valsas, polkas, etc., e principalmente o fandango, que alguns aqui sapateiam com grande pericia.

Na falta de guitarrista ou tocador de harmónica (o píforo caiu em desuso ha cerca de trinta annos), cantam-se tonadilhas (*modas*) adequadas a differentes bailados.

Pão por Deus. — No dia de Todos-os-Santos saem muitas crianças a pedir o chamado *pão-por-Deus*, recolhendo depois alegremente a suas casas com os saquitéis recheados de fatias de pão, maçãs, nozes, castanhas, tremoços, etc.

Festas e arraiaes. — As festas ecclesiásticas têm, em geral, um duplo objectivo: afervorar os sentimentos do povo e interpor ás suas canseiras alguns momentos de salutar distracção e prazer espiritual. Em frêguesias sertanejas são ellas um apreciável e ás vezes único meio de educação esthetica.

Essas festas são frequentemente seguidas de arraial, abrihantado, umas vezes, por uma banda de música; outras, tão sómente pela tradicional gaita de folle ¹.

Animam o arraial a venda das fogaças e, se a festa é de pompa, outras diversões: cavalhadas, mastro de cocanha, des-cantes populares, fogo de artificio, etc.

Feiras e romarias. — As feiras, em geral, sobretudo as grandes feiras de gado, offerecem ao povo desenfadados que elle muito aprecia.

¹ Este velho instrumento tende a desaparecer.

Quanto a romarias, é muito notável a da Nazareth (em setembro), concorridíssima, aonde muitas pessoas vão cumprir promessas ou tão só visitar a imagem de Nossa Senhora, sendo outras lá attrahidas pelo pittoresco do local, pelo quadro panorâmico que d'elle se desfruta, e pelas múltiplas diversões que então ahi se proporcionam aos forasteiros.

No dia 8 de agosto e em direcção á ermida e feira de Santa Suzana do Landal (Caldas da Rainha), passa aqui todos os annos o cirio do Bárrio com os seus característicos *carros armados* (carros de bois a que se adaptaram armações em fôrma de túnnel, cobertas de tela branca ou esteira).

Á volta, os bois trazem todos as testeiras enfeitadas com fitas de lã carmesim, préviamente tocadas na imagem da Santa. O uso de campainhas pendentes de colleiras, — muito luxuosas, algumas d'estas — esse é geral e constante ¹.

Na 1.^a oitava do Espírito Santo ia em tempo um pequeno cirio da Lagoa das Talas e arredores festejar a Senhora dos Enfermos na sua capella da Atahija (Aljubarrota).

O cirio, que levava dois anjos e o indispensável gaiteiro, indo todos montados, fazia, ao chegar, três giros em volta da capella, o que é da praxe em muitas romarias, seguindo-se a missa, e depois o arraial com seus comes e bebes. Por fim circulava novamente em tórno da capella, e todos recolhiam a penates, muito contentes da sua vida.

Os anjos, á chegada, á retirada e em vários pontos do trajecto, *deitavam* suas loas, compostas por ingenuos vates sertanejos, e de que dou, aqui, esta amostra:

Ó Senhora dos Enfermos:

Aqui vimos, aqui *estemos*;

P'ra o anno, se formos vivos,

Ainda cá tomaremos.

Ó Senhora dos Enfermos:

Cá vos vimos visitar;

P'ra o anno, se formos vivos,

Havemos de cá tornar.

Serões e cavaqueiras.—Nas grandes e frias noites de inverno, o serão, de ordinário, passa-se á lareira. Ahi se reúne toda a familia, e se palra, e se ri, e se folga, vindo muitas vezes á balha lenda, contos, adivinhas.

¹ A bois e vacas dão aqui estes nomes (além de outros): Boirisco (por Moirisco?), Cabano, Castanho, Diamante, Formoso, Galante, Ramalhete; Bemfeita, Bonita, Carriça, Cereja, Ligeira, Morgada.

Possuir uns bois, ao menos umas vacas, é a aspiração de todo o camponês que se preza. Para um serviçal, confiarem-lhe um cingel e um carro de eixo cantante é o maior prazer que lhe podem dar.

As mulheres, entretanto, fazem meia ou costuram; por vezes, algum dos rapazes lê qualquer coisa:—a *Donzella Theodora*, o *Bertholdo*, a *Confissão do Marujo* ¹.

Às vezes ajuntam-se as raparigas da vizinhança em casa d'uma d'ellas e fazem serão em commum. Azeite para a candeia, cada um fornece-o uma noite ².

Quando, não ha ainda muitos annos, toda a mulher era fiandeira, os serões, em alguns lugarejos, faziam-se em volta d'uma fogueira accessa ao meio d'uma casa de pavimento térreo.

Ahi fiavam, ensarilhavam, dobavam e davam á lingua. O clarão da fogueira era sufficiente para a execução d'esses trabalhos; comtudo, para illuminar um pouco melhor a quadra, serviam-se ás vezes de hastilhas resinosas, e também de pinhas, a que uma trempe servia de suporte.

As reuniões dominicaes e as dos outros dias festivos, os ajuntamentos no mercado, nas lojas de venda, na barbearia, etc., dão aso a cavaqueiras que supprem economicamente as fôlhas noticiosas. Onde essas cavaqueiras, porém, attingem grande animação, ultrapassando, não raro, os limites da conveniência, é nos soalheiros, locaes bem expostos e abrigados do vento, frequentados, no inverno, por mulheres do sítio; nos lavadoiros, onde, como costuma dizer-se, enterram vivos e desenterram mortos ³; e nas sachadas de milho, em que tomam promiscuamente parte homens e mulheres, sendo ahi noticiados, esmerilhados e apimentadamente comentados todos os acontecimentos locaes, e ainda regionaes, de preferência aquelles em que se vislumbra algo de ridículo ou de escandaloso.

Turquel (Alcobaça), 30-11-917.

JOSÉ DIOGO RIBEIRO.

¹ Além d'estas conhecidas produções da litteratura de cordel, outras ha que o povo muito aprecia; taes são: *A Princesa Magalona*, o *Jogo de Calais*, o *Carlos Magno*, o *Infante D. Pedro, que correu as sete partidas do mundo*.

² A candeia fixam-na, de ordinário, num velador, a que chamam *mancoço*.

³ «Isso ate já é falado na pedra do rio»,—diz-se, depreciativamente, de algum caso que ahi se discuta.

Enquisas onomatologicas

São tantos os materiais que possuo, ainda ineditos, a respeito de Historia da lingua portugueza (Lexico, Dialectologia, Gramatica etc.), que talvez me não chegue a vida para os coordenar, e publicar coordenados: por isso resolvi ir dando a lume alguns, por partes e soltos, a fim de poderem ficar desde já á disposição dos estudiosos. Cabe agora a vez a diversos apontamentos de «Nomes proprios», quer pessoais, quer geograficos, quer de outras especies.

I

Apellidos, de origem geografica, sem «de»

É muito natural que, querendo determinar bem a individualidade de uma pessoa, a designemos com o nome, a patria ou a residencia: *Fulano de tal parte*, isto é, natural de tal parte, ou aí residente. Assim se explica que haja numerosos apelidos precedidos de *de*, como em: *F. do Couto* (de um lugar ou sítio chamado *Couto*), *F. da Silva* (de um lugar ou sítio chamado *Silva*), *F. de Melo* (da vila de *Melo*). Muitas vezes, na nobreza antiga, as respectivas terras eram ou tornavam-se solares, pelo que a particula *de* veio a ter certa significação de fidalguia, embora alguns lhe atribuam «mayor mysterio do que nella ha» ¹.

Com o tempo o uso de *de*, em varios casos, oscilou. A par com *F. da Fonseca*, *F. de Macedo*, *F. do Rio*, encontra-se *F. Fonseca*, *F. Macedo*, *F. Rio*. E o que é mais, ha apelidos que, quanto sei, não são nunca precedidos de *de*, por exemplo, *Caldas*, *Ferreira*, *Ribeiro*, *Teixeira* e outros que, como estes, são evidentemente de origem geografica, e bem assim *Braga*, *Coimbra*, *Guimarães*, *Leiria*, *Lisboa*, *Porto*. Como é que se explica esta ausencia do *de*?

De dois modos. Ora caiu o *de* em epoca muito antiga, se-

¹ Villas Boas, *Nobiliarchia*, 1.^a ed., p. 18. Acôres do valor nobiliarquico de *de*, em tempos modernos, em França e Hespanha, vid. Godoy y Alcántara, *Apellidos Castellanos*, Madrid 1871, pag. 196-201.—Tambem em alemão von «de», anteposto a um sobre-nome, é sinal de nobreza, por exemplo: *Alexander von Humboldt*.

gundo uma tendência normal da língua em expressões do mesmo teor; ou os nomes foram empregados desde o princípio sem preposição nenhuma. O primeiro modo é muito frequente, e já noutro lugar dei as provas ¹. Pelo que toca ao segundo, lembrarei que não faltam casos, da nossa observação diária, em que um individuo receba como apelido o nome da sua terra, puro e simples ². O mesmo deve ter acontecido outr'ora. Em um manuscrito do princípio do século XVIII leio: «Francisco Rodrigues Caçain, do logar de Sanfins, termo d'esta villa [Montemor-o-Velho], cognominado o *Sanfins*» ³. Assim se percebe que a individuos, naturais, por exemplo, de Braga, do Porto, de Lisboa, se chame respectivamente o *Braga*, o *Porto*, o *Lisboa*, ou, em junção com o nome proprio, simplesmente *Braga*, *Porto*, *Lisboa*.

Diante de apelidos, como *Pinheiro* e *Pereira*, que sempre se empregam sem *de*, e que têm todo o aspecto de provirem da geografia, pois na nossa toponomia ha inumeros lugares ou sitios assim denominados, é realmente difficil decidir se perderam o *de*, ou se nunca o tiveram. Com relação a *Pinheiro*, conheço um texto do século XIV em que se lê «Affonso Piriz, dito *Pinheyro*», isto é, por sobrenome ou alcunha *Pinheyro* ⁴. Aqui *Pinheyro*, se não é um caso individual, originario de uma alcunha metaphorica («alto como um pinheiro»), parece de facto pertencer á categoria dos apelidos que nunca tiveram *de*: *Pinheyro*, porque Affonso Piriz era do lugar ou do sitio do *Pinheiro*. Com relação a *Pereira*, os documentos antigos dão-no-lo sempre sem *de*: *D. Gonçalo Pereira*, *D. Nuno Alvares Pereira*. É provavel que *Pereira* fosse primitivamente tambem nome geografico, e já Villas-Boas pondera que o faltar o *de* era «erro conhecido» ⁵: só devia dizer «fenomeno» em vez de «êrro». Compreende-se que *F. Pereira* começasse por ser *F. de Pereira*, ou simplesmente o *Pereira*, por ter como naturalidade ou habitação um local de nome *Pereira*; o que não se comprehende bem é que a

¹ Vid. *Lições de Philologia*, p. 343 ss.

² No Ministerio do Ultramar ha, por exemplo, um zeloso funcionario, o meu amigo Antonio José Pires, a quem, por ser natural de Avelanoso, os seus condiscipulos, quando em mão cursava as aulas, davam sempre por apelido o nome da terra da naturalidade: tanto se tornou assim conhecido, que ele proprio adoptou aquelle apelido, e assina-se hoje, por vezes, *Pires Avelanoso*. Eis um caso muito certo, onde o sobrenome, apesar da nascença da geografia, nunca teve *de*.

³ *Historia Munhana*, cap. xiii. Vi este manuscrito em casa do falecido bibliophilo Anibal Fernandes Thomaz.

⁴ In *Rev. Lusit.*, xxi, 253-256, em um documento publicado por Pedro de Azevedo.

⁵ *Ob. cit.*, p. 18.

arvore «pereira» originasse uma metáfora, como podia ter acontecido com *Pinheiro*.

Vou agora falar de dois apelidos, *Barbosa* e *Correia*, que sem terem ao primeiro repente aparência de geográficos, me parece contudo que o são.

1. *Barbosa*.

Na *Chorographia* de Baptista vem várias vezes *Barbosa*, como nome de lugar, de quinta, etc. A origem de *Barbosa* deve ser vegetal: de *barba*, no sentido de planta: cfr. *barba de bode*, *barbas de velho* em Coutinho, *Flora*, p. 706. Moraes, *Dicc.*, tem: «barba de bode ou de cabra, herva (*herva caprina*)». Em galego: *barbas de raposo*, *barba cabreira*, no *Dicc.* de Valladares. A metáfora era facil: cfr. também *barbas de milho*. Diz Benevides, *Dicc. de Botanica*, Lisboa 1841: «barba: dá-se este nome á reunião de pelos sobre uma parte qualquer de huma planta». — A palavra *Barbosa* é pois analoga, quanto á morfologia, a *Folgosa*, *Feitosa*, *Troviscosa*, *Carvalhosa*, *Sabugosa*: significa «terra abundante de barbas». — A mesma origem de *Barbosa* deve ter *Barbedo*, que é também nome geográfico e apelido. O nosso onomástico tem de mais a mais: *Barbaido*, talvez por **Barbalido* (cfr. *Casainhos* <casalinhos, etc.), e *Barbas*. Na Hespanha ha *Barbales*, *Barbeira*, etc. — Certos nomes geográficos, como entre nós, *Barbanxa* (em Baptista) = *Barbancha* = *Barb'ancha*, *Barbeiros*, *Barbas-ralas*, *Barbas de Porco*, *Barbas de Lebre*, e outros, não posso dizer se provêm immediatamente da flôra, se de apelidos ou alcunhas de proprietários de terras. — Com a explicação que acima dei de *barba* cfr. estes versos de Jerónimo Bahia (sec. xvii) na *Fenix Renascida*, III, 182:

Não he frase proterva

A semelhantes *barbas* chamar herva.

Tambem na mesma colecção, v (1746), 41, se lê, ao invés:

Não é frase proterva

Chamar *barba do campo* á fertil herva.

A imagem poetica encontrou-se assim com a observação popular! — A prova de que o apelido *Barbosa* é originariamente nome geográfico está em que num documento do sec. xiii, publicado n-*O Instituto*, XLVI, 947, ele vem precedido de *de*: «Don Fernan Perez de *Barvosa*». Também Villasboas, falando da familia dos Barbosas, diz que eles «procedem de D. Sancho Nu-

nes de *Barbosa*», e que «he seu solar a quinta de *Barbosa*, no termo do Porto, donde tomáram o appellido»; e acrescenta, fazendo uma observação analoga á que fez a respeito de *Pereira* (vid. supra): «Usam hoje do appellido sem *de*, como de alcunha e nome de solar, e he erro». O que o nobiliarquista de certo não suspeitava, era que *Barbosa* tivesse origem botanica, segundo me parece ter eu mostrado acima.

2. *Corrêa* ou *Correia*.

Na toponímia ha *Correia*, que algumas vezes nasceria de apelidos de proprietários, mas outras deve ser original: cfr. no onomastico da Galiza: *Correa*, *Las Correas*, repetidamente, e no lexico comum da mesma região: *correola*, planta; *correola*, «herbaje que el mar arroja á la orilla» (*Dicc.* de Valladares), e *corregüela*, herva. A origem de *Correia* deve pois estar em uma metáfora analoga á de *Barbosa*: semelhança de certa planta ou seus filamentos com *correias* ou tiras de couro: cfr. hespanhol *enredadera*, herva (de *enredar*), que é a mesma que a já citada *corregüela* (de origem castelhana: *corregüela* = *correhuela*: de **corrigiola*, creio eu). Tudo isto se confirma com o português *corriola* (Coutinho, *Flora*, p. 489): «planta voluvel», isto é, «que se enrola em helice ao redor de um suporte» (*Convolvulus arvensis*, Lin.). Tambem se diz *correjola* e *corrijola*. — Pódem comparar-se a *Correia* e *Barbosa*, quanto ás metáforas, as palavras *Braçal* (que designa um sitio da fréguesia de Vilar-Sêco), *Braçaes*, *Baraçaes*, *Braceiro*, e na Galiza *Barazal*, *Barazar*, *Barazos*, *Barazón*: o etimo deve estar em *baraça* (galego *barazu*), *baraço*, aplicados igualmente a plantas filamentosas. — Num documento do sec. XIII, publicado pelo Snr. Azevedo, *Rev. Lusit.*, XXI, 247, *Corrêa* figura como alcunha: *Dominicus Menendi, clericus, dictus Corrighia*. E tambem nas *Inquirições*, I, 157 (ap. Cortesão): *Pelagio Correa*. Como num e noutro exemplo não ha *de*, podemos aceitar que se deu aqui um dos casos que acima indiquei, que ou *de* se perdeu, ou, o que parece mais provavel, que nunca existiu: *Dominicus dictus Corrighia*, isto é, *Domingos Corrêa*, o *Corrêa*, por ser de um sitio ou lugar chamado *Corrêa*.

II

Lista de nomes pessoais e apelidos

A lista que vai seguir-se resultou de leituras casuais, e não de investigações empreendidas *ad hoc*. A principal fonte para ela está nos primeiros volumes do *Arquivo Hist. Português* de A. Braamcamp Freire, publicação maravilhosa, que pelo grande número de documentos que encerra, colhidos directamente, e em primeira mão, na Torre do Tombo, se tornou um manancial inexgotável não só de estudos filológicos, mas de estudos históricos de toda a ordem. Outra fonte importante que aproveito muitas vezes, como imprescindível em enquisas de Onomatologia nacional, é o *Onomástico Medieval Português* do Dr. A. A. Cortesão, publicado no *O Archeologo Português*, d'onde se fez uma separata, Lisboa 1912, volume de 412 paginas.

No presente capitulo trato de nomes pessoais e de apelidos, como diz o cabeçalho. Uma vez não faço mais do que coligir fórmulas arcaicas, populares ou raras; outras vezes junto notas comparativas, ou dou explicações etimologicas.

Como cito muito o *Arquivo*, bem como a *Revista Lusitana*, indico de modo sumário essa publicações com as seguintes abreviaturas:

A. H. P. = *Arquivo Historico Português*.

R. L. = *Revista Lusitana*.

Abram (hoje *Abraão*): século XIV, *A. H. P.*, II, 195, 197.

Abranches: apelido. Vem do nome da cidade francesa *Auranches*. O *v* deu *b*, por confusão com o apelido *Abrantes*. É frequente confundirem-se.

Abril, nome proprio medieval e do século XVI: *A. H. P.*, II, 159. Cfr. *Aprilis*, nome lusitano-romano: *Corpus Inscr. Lat.*, II, 393 (Condeixa): (*Apr*)ILIS, de outros lugares de Hespanha, *ibidem*, pag. 1078.

Ádiga, = Agueda, nome de mulher, usado popularmente em Vila Pouca d'Aguiar.

Alonseca, assim escrito, ou *Affonseca*, por o julgarem ligado com *Affonso*: *Bastiam d'Affonseca*, 1523, no *A. H. P.*, II, 88; *Carlos de Almeida da Affonseca* em um n.º de *O Seculo dos fins*

de Janeiro de 1906.—Dei a explicação nas *Lições de Philologia*, pag. 269.

Alonso: de *Adefonso*, vid. J. Cornu, *Die port. Sprache*, § 105.

Alencastro, hoje *Lencastre*: no *A.H.P.*, II, 108; nos *Lusíadas*, IV, 46. Do ingl. Lancaster, que recebeu em português a prostetico. De **Alancastro* passou-se para *Alencastro*, como de *Alanquer* (arc.) para *Alenquer*, talvez por etimologia popular: influencia de *alem*, tão freqüente na toponímia.

Alexandro, hoje *Alexandre*: greco-lat. *Alexandrum*, em ital. *Alessandro*, em hesp. *Alejandro*. A forma *Alexandro* vem, por exemplo, n^{os} *Lusíadas*, I, 3; ainda no século XVII, em G. Estaço, *Várias antiguid.*, cap. 45, e em J. Bahia in *Fênix Renascida*, I (1746).

Alistão, apelido do século XVIII: *O Silvense* n.º 42 (Filippe Alistão d'Almeida).

Aljofar, nome de mulher judia, século XV, *A.H.P.*, II, 195.

Almadanho, apelido, século XV: *A.H.P.*, II, 232.

Aloy, em *Santa Loy* = Sant'Aloy. Século XV: *A.H.P.*, I, 417.

Alpoem, apelido: século XVI, *Bolet. da 2.ª Cl. da Acad.*, IV, 124, 136. *Ib.*, p. 136. Hoje *Alpoim*.

Alvoro, nome proprio: século XV e XVI, vid. *A.H.P.*, I, 299; II, 273 ss. (alterna com *Alvaro*); I, 67; II, 123, 158, 359 (alterna com *Alvaro*). Em um doc. publicado por Sousa Viterbo, *Quarte Galvão*, p. 81, ha *Aluro* (=Alv'ro), do século XVI. Hoje *Alvaro*.

Ambia, *Maria Paez d'Ambia*: apelido, no século XIII: vid. *A.H.P.*, IV, 39.

Ambrum, apelido, 1523, *A.H.P.*, II, 123.

Amorim, apelido. Na origem foi genetivo pessoal, que se tornou nome geografico: **Amorini*, derivado de *Amor*, cfr. o apelido italiano *Amorini*. O apelido português moderno *Amorim* provém, ás avéssas, da geografia. — Como estes casos, ha muitos no nosso onomastico: um nome ser sucessivamente pessoal, geografico, e outra vez pessoal.

Andreu, *Martinus Andreu*, século XIII, *Inquir.*, I, 251. Na idade-media tambem *Andreus* (no *Onomastico* de Cortesão). Do lat. **Andreus* (<> *Andreas*), que explica o francês ant. *Andrieu*: vid. A. Thomás in *Romania*, XXXIX, 391. Na linguagem popular de Gil Vicente tambem ha *Andrel*.

Anes, vid. *R.L.*, x, 165.

Anhaia, *Manuel d'Anhaia*, 1523, *A.H.P.*, II, 131.

Anrique. Em um doc. galego de 1215 *Anrrique*: Vaamonde,

Ferrol, Pontedeume, p. 33. — *Ib.*, doc. de 1218: *vobis Abbati D. Henrri*, p. 35. — *Ib.*, doc. de 1226: *vobis Abbati Dno. Anrricho*, p. 37; *Abbati D. Henrrico*, 1226, p. 39. 40. — *Ib.*: *patris mei D. Enrriqui*, 1230, p. 56. Referido ao nosso conde: *Urrachae filiae comitis D. Henrrich et reginae D. Tharasiae*, de 1122, p. p. 67, *ibidem*. — Ainda em 1523 *Anriquez* tinha valor de patronimico: «Dom Bras Anriquez, filho de dom Amrrique Amrriquez», no *A.H.P.*, II, 88. — Numa sepultura de Celas (Coimbra), de 1613, li: *Ana Anriques*.

Anselmo, de Anselmus, de origem germanica: de *Anses* (deuses) e *helm* (capacete). Propriamente Anshelmus. — A par com *Anselmo* ha a fôrma popular *Inselmo*.

Antonio. É a fôrma literaria. A par ha a fôrma popular: *Antoino* (Sul) ¹ e *Antônho* (Beira, por exemplo). *Antonho* será de origem ecclesiastica, e não representante directo de Antonius, senão teriamos *-unho*, como em *testemunho* de testimonium; todavia ha o patronimico *Antunes* < Antonici. — Cfr. provençal antigo e moderno *Antóni*, também fôrma de origem literaria; mas no poema sobre *Girart de Rossillon* encontra-se como fôrma vulgar *Antonh*: apud P. Meyer in *Mémoir. de la Soc. de Ling.*, I, 146.

Apelonia, *Santa Apclonia*, no *Esmeraldo*, ed. de Epiphanio Dias, p. 111 (sec. XVI).

Arelhano, apelido, 1523: *A.H.P.*, II, 104.

Armando, nome proprio, que creio não é muito antigo entre nós. Do fr. *Armand*, arc. *Armant*, *Hermant*, *Herman*, que corresponderá ao alemão Hermann.

Arnau, seculo XVIII: vid. D. José Barbosa, *Mem. do colleg. de S. Paulo* (1727), p. 119. Cfr. fr. *Arnaud* e *Arnould*.

Artur. Tem uma fôrma popular: *Arturio*, na *R.L.*, XII, 312, e *Arturo* (Baía). — Em ital. também ha *Arturo*.

Aulete, apelido, por ex.: *Caldas Aulete* (escritor). Virá do gr. αὐλῆτης «flautista» (αὐλός «flauta»), sobrenome de Ptolemeu II, rei do Egipto. Em francês: *aulète*.

Avellino. É apelido corrente na Italia, onde também é nome de cidade. Foi apelido de S. André, que viveu no seculo XVI. Da Italia veio o apelido para cá, certamente por causa do santo.

Ávrego, apelido, seculo XVI (do lat. *Africus*). Vid. «Piriz» nesta lista. — Provavelmente de origem geografica.

¹ Por exemplo no Algarve: *O Correio das Damas*, IX, n.º 8 (1851); na Extremadura: *R. L.*, v, 146.

Baldijão, apelido: Manuel Rodrigues *Baldijão*, 1794: *Rev. de Hist.*, II, 240. Deve ser nome patrio de *Baldige* = Valdigem (cfr. *Lições de Philologia*, p. 341).

Baldovino, seculo XII, in *Dissert. Chron.*, II, 228.

Baptista, apelido. Fôrma ortografica do seculo XIII: *Babtista*, nas *Dissert. Chronol.*, I, 259. Fôrma antiga usual: *Bautista*, por exemplo «João *Bautista* de Castro», autor do seculo XVIII; ainda popular no Alentejo: *R.L.*, IV, 58. A pronúncia moderna é *Bà-tista*.

Barahona, apelido de origem hespanhola. Doc. do seculo XIII, in *Bolet. de la R. Acad. Hesp.*, XXXIII, 1898, 143.

Barata, apelido, talvez tomado do italiano Baratta.

Bárbora, nome próprio: fôrma popular de *Bárbara*. No *Compromisso de Guimarães*, 1516: «Santa Barbora». No triptico de Celas (Coimbra): «S. Barbara Vigem (sic)». Outra fôrma popular: *Barba* (Santa Barba) etc.

Bastiam, apelido. Fôrma hipocoristica de *Sebastiam* = *Sebastião*, como *Toneco* e *Tonho* de *Antonio*. (Propriamente *Toneco* é diminutivo). Em um doc. de 1523, *A.H.P.*, II, 88: «*Bastiam* Pirez», «*Bastiam* Leite». Nos *Primeiros Contos* de Teixeira de Queiroz, 3.^a ed. (1914), p. 166, lê-se: *tio Bastião*; mas a p. 171, referindo-se ao mesmo individuo, emprega o romancista a fôrma plena: *senhor Sebastião*. — Em italiano ha *San Bastian* (próclise), mas *Sebastiano*.

Bàtesar, fôrma popular algarvia do nome proprio *Baltesar*: vid. *R.L.*, VII, 110. Na Beira diz-se por etimologia popular *Bàtisar*. Em 1523: *Beltasar*, no *A.H.P.*, II, 90.

Belles, apelido, seculo XVIII (Manuel Belles): *O Silvense* n.º 42.

Benoço, nome proprio: *Benoço Amador*, seculo XVI, *A.H.P.*, II, 234.

Bernaldino, nome proprio, seculo XVI: Sousa Viterbo, *Médicos portug.*, II, 32. A par ha *Bernaldim*, 1523, no *A.H.P.*, II, 87; cfr. *Bernaldim Ribeiro* no *Cancioneiro de Rêsende*, fls. 211 v., onde altera com *Bernardino*, fls. 211 (da 1.^a ed.). Já no seculo XV: «*Bernalldym* de Tavora» em Sousa Viterbo, *Tapeçarias*, p. 31.

Bernaldo, nome proprio antigo: seculo XI, *Diplomata et Chartae*, p. 407, *ad finem*; seculo XVI, *A.H.P.*, II, 88 e 95 (*Bernaldo*). Também hoje popularmente, a par com *Bernardo*, se diz *Bernaldo* no Alentejo (Alpalhão), e no Algarve (*R.L.*, VII, 110; e *O Correio das Damas*, 1851, IX, n.º 8). Cfr. o roman-

ce popular *Bernal-Francês*. Em hesp. ha tambem *Bernaldo*, cujo l Grammont interpreta não por dissimilação, mas por influencia do de -aldo em *Arnaldo*: vid. *La dissimilation consonantique*, Dijon 1895, p. 117. — Com labialização do e diz-se popularmente *Burnardo*, -a: vid. *R.L.*, IV, 228 e 59.

Bernardinha, nome proprio, Algarve: *R.L.*, VII, 110. O usual noutras partes é *Bernardina*.

Berrio, apelido: 1523, *A.H.P.*, II, 106. — Nome da caravela em que ia Nicolau Coelho na expedição da India; esta caravela tinha sido comprada a um piloto assim chamado. Cfr. Epiphânio Dias na sua ed. d-*Os Lusíadas*, coment. a IV, 84, v. 5.

Bertolameu. Corrente no seculo XVI, ex.: *Bertolameu Diaz* em Barros, *Asia*, t. IV, 9 (1552), e Castanheda, *Descobrim.*, liv. I, cap. 6 ou 7, tambem *Bertolameu Diaz*. Outro exemplo vem no *A.H.P.*, I, 167.

Bertolesa. Numa sepultura da Sé de Silves, de 1577: «sepultura de Thomás Gomes de Orta e de sua mulher *Bertholeza* (sic) Fernandes»: *O Silvense* n.º 28.

Bethencourt. Nome de um navegador normando do seculo XV, descobridor das Canárias. Tornou-se apelido português, não raro: forma actual *Bettencourt*. Fórmulas arcaicas: *Betancor* e *Batancor*: no *A.H.P.*, II, 86 e 90. No *Santuário Mariano*, I (1707). lê-se: *Senhora de Betancort*.

Bibi, nome infantil por *Mimi*, de *Maria*, no Algarve: *R.L.*, VII, 110 (J. J. Nunes). Tambem no Algarve (Mexilhoeira Grande) se diz *Bia*, e parece que *Bibia*.

Bieito, nome proprio, forma popular de *Benedicto*: em Sá de Miranda, *Poesias*, ed. de D. Carolina Michaëlis, p. 898.

Beixorda, apelido, seculo XVI: *A.H.P.*, I, 284.

Bocage, apelido, já em Portugal nos meados do seculo XVII: *A.H.P.*, II, 8.

Bonacho, apelido moderno (Golegã).

Boto, apelido. Já no seculo XV: *Rev. de Hist.*, II, 181. Corrente no seculo XVI: *A.H.P.*, II, 95; e Braamcamp Freire, *Crítica e Historia*, I, 34. Figura como apelido de um conego da Sé de Evora no *explicit* do *Breviarium Elborense*, Hypsalí 1528, na Biblioteca Nacional. Modernamente este apelido pronuncia-se *Bôto*. O Snr. Braamcamp, *Crítica e Hist.*, loc. cit., nota, menciona uma lenda, segundo a qual o apelido tem origem em um verbo. É lenda meramente etiologica. Sem eu poder indicar a origem verdadeira, informo que em italiano se diz *Botto*, por exemplo «Antonio Botto», autor das *Disputationes in Aristotelis*

Logicam, Genova 1671. No Algarve ha algures *Val do Boto* (póde ter-se originado do nome de um proprietario). — O feminino do apelido *Boto* é *Bota*; Braamcamp, ob. cit., p. 34, nota 4. Esta formação é vulgar nos apelidos: *Coutinho* — *Coutinha*, etc. (atracção do genero) ¹.

Breitz (hoje *Beatriz*) em 1523: *A.H.P.*, II, 125, 127. Outra forma é *Briatiz*: ib. I, 246.

Brianda, nome proprio: «*Brianda do Carvalhal*» no *A.H.P.*, II, 95.

Bringeira, *doña Bringeira*, seculo XIII, *A. H. P.*, IV, 47. A p. 46: *dona Beringueyra*.

Bruto, apelido português (India): «Falleceu em Margão o Sr. A. A. *Bruto* da Costa, director do *Ultramar*, d'aquella villa». *Diar. de Notic.*, 15-V-911.

Cacegas, apelido. Cunha, *Hist. ecl. de Lisboa*, fls. 131, acentua o *e*: «fr. Luis de *Cacêgas*», cap. 32.

Çacoto, apelido, 1523; *A.H.P.*, II, 99. Por *Zacuto*?

Çad, apelido de um Judeu, seculo XV: *A.H.P.*, II, 182.

Calros, forma pop. de *Carlos*, por exemplo no Algarve: na *R.L.*, IV, 334.

Câmões. Exemplos d'esta palavra: apelido em 1473: *ioham de Camões*, recebedor do Arcebispo de Lisboa (in *Rev. Archeolog.*, I, 174); «B.^{el} Lopo Luis de *Camões*» em D. José Barbosa, *Mem. do collegio de S. Paulo* (1727), p. 159. Vid. tambem Storck & D. Carolina Michaëlis, *Vida de Camões*, § 4, e p. 93 e nota *, e p. 96, notas.

Candido, nome proprio. Fórmulas populares: *Cãido*, -a; *Cãidlo* (Algarve) na *R.L.*, VII, 113; *Cândigo* (Cadaval, etc.), com o sufixo atono -igo.

Cangueiro, apelido moderno.

Canôllas, apelido, no Baixo-Alentejo.

Canseo, apelido, 1523, *A.H.P.*, II, 98 (Camseeo).

Cão, apelido: no seculo XIII, *Inquirições*, I, 55, col. 1.^a («*Pelagins Cao abbas*»); 1306, *Diss. Chron.*, I, 296 (*Caaõ*) E cfr. *Lições de Philologia*, p. 181. O etimo está em *canus* (como ai digo), e não em *canis* (como alguém poderia supor), senão a terminação arcaica seria -ã.

Cardim, apelido: já em 1563, vid. D. José Barbosa, *Mem. do*

¹ Como illustração lembrei que na lingua comum ha *boto* em várias acepções: vid. os dictionarios de Moraes, etc. Na India *boto* é certo sacerdote indigena: Lopes Mendes, *O Oriente e a America*, p. 18; e *A India Portuguesa*, II, 33.

Colleg. de S. Paulo, p. 83. Ha tambem conhecidamente um autor d'este apelido (seculo XVII).

Carducho, «Francisco Carducho», 1507, *A.H.P.*, II, 234 e 354; e *Carduxo*, *ibid.* II, 97.

Carlota. A *Carlos*¹ corresponde como feminino *Carlota*. — Cfr. fr. ant. *Karlot*, nome do filho de Carlos Magno. Num romance popular port. ha *D. Carloto*. — Cfr. fr. *Charlotte*.

Caroto, nome proprio, sec. XVI: *A.H.P.*, II, 125. — Apellido actual em Guimarães.

Carrollina, por *Carolina*: *R. L.*, XII, 312.

Catalina, seculo XIV, *A. H. P.*, I, 352. Hoje *Catarina* e *Caterina*, pop. *Catrina*. Cfr. *Natercia* (anagrama).

Catano, apelido: *A.H.P.*, II, 115 e 234: seculo XVI. Ainda usado hoje. Acaso de origem italiana: cfr. *Cattagna*, nome geografico.

Cerejo, apelido (Beira e Extremadura), de origem geografica. Na *Chorographia* de Baptista figura *Cerejo*, como nome de lugar, na Beira-Baixa, e como nome de casal, no distrito de Beja: provavelmente o primeiro *cerejo* representa de modo directo o latim **ceresiu*, «cerejeira», e o segundo provém de um apelido de proprietario. A forma **ceresiu* é tambem justificada pelas palavras provençais *ceréis*, *cerieis*, na mesma significação: A. Thomás, *Essais de Philol. franç.*, Paris 1897, p. 75. Cfr., quanto á forma, *cerdeiro*, em Bragança: *R.L.*, III, 68; noutras localidades do Norte e Centro o usual para significar «cerejeira» é *cerdeira*. A palavra *cerejo* perdeu-se pois na lingua comum, naquella acepção, e só se conservou no onomastico. — Para illustração do assunto acrescentarei o seguinte. Ha um dito gracioso: *dia de S. Cerejo*, que significa «nunca»: vid. *Ensaio Ethnogr.*, IV, 92. Aqui *Cerejo* nada tem, quanto a mim, com o *Cerejo* de que falei acima, mas relaciona-se com os seguintes adagios do Norte:

Do *cerejo* ao castanho
Bem me avenho (avanho),

Do castanho ao *cerejo*
Mal me vejo,

isto é, no verão (do tempo das cerejas ao das castanhas) ha muitos frutos nos campos, e no inverno (do tempo das castanhas ao das cerejas) ha poucos. Os masculinos *cerejo* e *castanho* devem

¹ Vid. *Lições de Philologia*, pag. 423 ss.

ter sido provocados pelo genero de «tempo» subentendido, — formação em certo modo analoga á de *palha centeia*. Tambem se diz, creio: *pelo cerejo* = «pelo tempo da cereja» (*pelo castanho* é que nunca ouvi). Não se confunda este *castanho* com o que entra na expressão «pau de *castanho*», onde o vocabulo tem outra origem ideologica e morfologica: lat. *castaneu*, representado onomasticamente em França por *Le Chastang*, no seculo XI *Castanio*: A. Thomas, *ob. cit.*, p. 75. Como nomes geograficos temos cá tambem: *Castanho* e *Castanhos*.

Cezila, fôrma popular de *Cecilia*. Deve ser do Sul. — Já em 1523: *A.H.P.*, II, 89. — No Cadaval diz-se *Cezilio* por *Cecilio* (dissimilação).

Chama, apelido em uma sepultura do mosteiro de Celas (Coimbra), de 1660: *Violante Chama*. Cfr. a fôrma medieval *Châmoa* < *Flammula*, e o nome de terra *Torre de D. Chama*.

Chanoca, apelido, 1523, *A.H.P.*, II, 109.

Cherniche, apelido, seculo XVI, *A.H.P.*, I, 284.

Chichorro, apelido, 1523, *A.H.P.*, II, 100.

Chico, fôrma familiar ou hipocoristica de *Francisco*. Cfr. na Suíça: *Tsika* = *Françoise*, qui rappelle l'italien *Franciska*, vid. *Bullet. du glossaire des patois*, II, 61.

Chimborgas, alcunha de um fadista: alteração do nome do Conde de **Schönberg**. Informação do Sr. Pedro de Azevedo, que me indicou o seguinte trecho d-*A Luta* de 22-XII-909: «Muge, 19. Dissemos hontem que havia sido preso, como suposto auctor de um caso deveras significativo, um individuo de nome J. da S., Fadista, vulgo *O Chimborgas*. Hoje podemos acrescentar que o preso se encontra em Salvaterra, ás ordens do sr. administrador etc.». — Os fenomenos filologicos que se deram na passagem de Schönberg para *Chimborgas* foram: -s prostetico, como em *o bolas*, *o côdeas*, por isso que se trata de um fadista; influencia da palavra *borga*, pelo mesmo motivo (etimologia popular); alteração da vogal da primeira silaba, por influencia da palatal inicial. — Vid. a proposito do Conde de Schönberg (*Schönberg* é o nome de uma cidade austriaca) a seguinte obra: *O Conde de Schönberg* em Portugal por C. Aires, separata da *Hist. do Exército*, vol. II. — O Conde esteve em Portugal na guerra da restauração) 1660-1668).

Cibrão, apelido. De *Cyprianus*: cfr. *Cibraão* no *Elucidario* de Viterbo. A par ha *Cibrião*: Cfr. *S. Çibrião*, seculo XV, na *Vida de S. Paulo de Thebas*, ed. de F. M. Esteves Pereira, Coimbra 1904, p. 7.

Cicerão. Em Simeão Antunes, *Rimas Sonoras*, Lisboa 1731, p. 31; cfr. o *Cancioneiro* de Rêsende, I, 380 (*Cyçarram*); e o fr. *Cicéron*.

Cid. Cfr. *Lições de Philologia*, p. 173 (*Zidi*). Nos *Port. Mon. Hist.*, *Scriptores*, I, 261: «pello Çide» (o heroi); *Cid* como nome proprio, nos começos do seculo XVII, em D. José Barbosa, *Memo-rias do Coll. de S. Paulo* (1727), p. 115; ainda hoje apelido português.

Cimarmão, apelido, seculo XVI, *A.H.P.*, I, 284. Do alemão *Zimmermann*, que é nome comum («carpinteiro») e apelido.

Cirne, apelido: de *cisne*, por dissimil., e tendencia para $s + n > r$ (cfr. no Sul: *mermo*). Cfr. em dial. de Italia: *scarla* = **scasla*, *Cernusco* = **Cesnusco*, etc. em Salvioni, *separata da Miscel.-Acoli*, p. 16.

Cisneiros, apelido, 1524, *Rev. de Hist.*, I, 248 (yoam de çisneiros). Ainda hoje usado. O vocab. é de origem hesp.: na toponímia *Cisneros*, *Cisnera*, de *cisne*.

Clamentina, fôrma popular de *Clementina*: Avis, *R.L.*, IV, 229.

Climente, fôrma popular de *Clemente*. Interamnense.

Cliño = *Quirino*, nome proprio. — Obidos.

Coge Çofar. No *Segundo Cerco de Din* de Côrte Real a metrica baseia-se na pronúncia *Çofár*: vid., por exemplo, p. 13, 15, 18, da ed. de 1784.

Coicêção, fôrma popular de *Conceição*. Algarve, *R.L.*, IV, 335.

Conçalves, fôrma popular de *Gonçalves*: *R.L.*, XII, 312.

Cosmo = *Cosme*, 1523, *A.H.P.*, II, 89.

Costança, nome proprio, seculo XIII, *O Instituto*, XLVI, 943; seculo XVI, *A.H.P.*, I, 189 e 352.

Costantino, nome proprio, seculo XIII, *O Instituto*, XLVI, 944. Ainda hoje popular.

Coucelo, apelido (Lisboa): vem no *Anuario Commercial* de 1903; e vi-o tambem mencionado em um jornal. A origem está em um nome de planta (Moraes, *Dicc.*).

Crastro, apelido, de origem geografica: *João de Crastro*, seculo XVI, no *A.H.P.*, IV, 58. A pronúncia devia ser *Crasto*, pois supponho que *Crastro*, se não é erro, é mera fôrma ortografica resultante do cruzamento de *Crasto* (popular) com *Castro* (literario).

Cristos: vid. *Lições de Philologia*, p. 47. Outro exemplo: «huã cruz de *Christos*», 1523, *A.H.P.*, II, 405.

Cristóvão, nome proprio. De Christophorus, com -vão, por analogia com *Estêvão* < Stephanus = Στέφανος. Cfr. ital. *Cristófano* em Grammont, *La dissimil. conson.*, p. 88; mas Musafia, *Beitrag zur Kunde der norditalien. Mundarten*, 1873, p. 12, n. 4, pretende explicar o ital. *Cristófano* foneticamente, e não por analogia. — Cfr. outras fórmās: fr. *Cristofle*, hesp. *Cristobal*, onomastico hesp. *San cristobalejo* e *San cristofol*; onomastico português do concelho de Melgaço *Cristóval* (Cristóbal). A nossa forma popular de *Cristóvão* é *Cristovo*, no diminutivo *Cristóvinho*; cfr. galego *Cristobo*.

Culádio, forma popular de *Claudio*: vid. *R.L.*, IV, 61.

Dagaia: *Costança dagaya*, seculo XIV, *A.H.P.*, I, 353.

Danzino, apelido, seculo XVI, *A.H.P.*, II, 97.

Dapniel. Lê-se *Joham Dapinel*, seculo XIV, no *A.H.P.* I, 353. Certamente = *Dapniel* (Daniel). Cfr. *dapnar*, forma ortografica de *damnar*.

Davim, apelido = d'Avim. *Avim* é o nome de um povito na Bairrada, propriamente *Val de Avim*, como vem em Baptista: na freguesia da Moita, concelho da Anadia.

Davit (*David*): «... com hũa ymagem del Rei *Davit* sem brocha...», seculo XVI, *A.H.P.*, II, 410.

Dellodeu, nome proprio, 1522: *A.H.P.*, II, 250 = *De(u)s lo deu* (*Dellodeu Pirez*). Cfr. *Deusdado*, *Deodato*, e *Deulladeu* em Monção.

Deniel, forma popular de *Daniel*, nome proprio. Em catalão ha o apelido *Deniel*: vid. por exemplo *La Ven de Catalunya* de 5-X-99.

Denis, é assim que se lê na Chancelaria de El-Rei D. Denis, na Torre do Tombo, e nas poesias do mesmo Rei, incluidas no *Cancioneiro da Vaticana*, n.ºs 80 ss.; cfr. n.º 708 etc. «El-rrey dom Denis» no *Cancioneiro Geral*, I, 400. Cfr. tambem D. Carolina Michaëlis in *Zf. f. rom. Philol.*, XIX, 578, nota, que considera *Denis* forma popular, e *Dinis* forma literaria (*recta pronúncia*). Talvez *Denis* seja forma de origem francesa, devida á influencia de *Saint Denis*. — Outra forma antiga é *Donis*; cfr. tambem D. Carolina *ibidem*, *ibidem*. N-*Ho Flos Sanctorum*, ed. de 1573, fl. CXLIX, lê-se repetidamente *Sam Donis*.

Deodato, nome proprio: de Deodatus; cfr. *Deusdedit*, nome de um Pápa (seculo VII), e *Deusdado*, apelido actual. É frequente subordinar os nomes propios a ideias religiosas, o que já vem dos Gregos. Os primeiros Cristãos seguiam o mesmo caminho. Cfr. tambem Colebrook, *Names of Mohammdans*, p. 214-215, onde cita muitos exemplos d'esta especie.

Dias, apelido: cfr. *Lições de Philologia*, p. 261. No seculo XVI, *Diaz*: vid. *A.H.P.*, II, 125. Outro exemplo, supra, s. v. «Bertolameu». De Didaci, gen. de Didacus. Acêrca de Didacus vid. *Studj di Filologia romanza*, VI, 591, nota.

Diego, nome proprio, de origem hespanhola. Seculo XIV: *A.H.P.*, I, 353 (*Diego Giraldez*). Seculo XV: Sousa Viterbo, *Duarte Galvão*, p. 51 (*Dieguo*). Seculo XVI, *ibidem* p. 65 (*Diego*), a par de *Diogo*, *ib.*, p. 69; *Esmeraldo de situ orbis*, ed. do Sr. Epiphania Dias (*Dieguo d'Azambuja*).

Dobraz, apelido alentejano. Ouvi esta explicação: que alguem da familia se chamou *João do Brás*, d'onde pela fusão do *do* com o nome seguinte veio *Dobraz*. Cfr. *Dantas* = d'Antas, e ás avessas *Ornelas* < *Dornelas* = d'Ornelas (pois *Dornelas* é diminutivo de *Dornas*, nome geografico). Cfr. *Lições de Philologia*, p. 252-253.

Dominguiz, seculo XIII, *A.H.P.*, I, 379.

Dordio, apelido alentejano. Feminino de *Dordia*, nome proprio; de *Dordea* < *Dorothea*: vid. D. Carolina Michaëlis in *Zf. f. rom. Phil.*, XXV, 134, nota 1.

Duarte. Num texto fr. que P. Meyer suppõe não anterior ao seculo XIV, lê-se várias vezes: *Saint Edouart, roys Edouardt, enfes Edouart*, etc., in *Romania* XL, 45 ss. Tambem se lê *Odouart*, *ib.*, p. 45. — A fôrma portuguesa antiga é *Eduarte*: por exemplo *Dom Eduarte*, nome do Rei (leis: *Aragão, Moedas de Portugal*, I, 369 ss.); e o mesmo se lê em todos os documentos da Chancelaria de D. Duarte na Torre do Tombo, e bem assim na Chancelaria de D. João I, liv. 4, fls. 40 v., e 74, em 1459 = 1421, segundo informação do Sr. Pedro de Azevedo.

Durãez. Assim deve ler-se a palavra *Duraaez*, seculo XIV, no *A.H.P.*, I, 352. Patronimico que corresponde a *Durão*.

Eanes, vid. *R.L.*, X, 165.

Eduardo, nome proprio. — Na *Chancelaria de D. Afonso V* (na Torre do Tombo) em 1456 e 1468. liv. 13, fls. 161, e liv. 28, fls. 121, lê-se *Duardo* (informação do Sr. Pedro de Azevedo). A palavra é de origem germanica: ingl. *Edward*: do anglo-saxão *ed* = al. *od* - «riqueza», «bens» ¹. Do inglês passou para o alemão e outras linguas: al. *Edward* e *Eduard* ², fr. *Edouard*, hesp. *Eduardo*, etc. — Nas *Inscrizioni Portoghesi di Roma* de Frascarelli, Roma 1868, vem uma inscrição latina do seculo XVII:

¹ Vid. R. Kleinpaul, *Die deutschen Personennamen*, Leipzig 1909, p. 46-47.

² Förstemann, *Namenbuch*, p. 460.

Oduardus Paulus, nobilis Lusitanus, etc., p. 15; e: *Odoardus Pavius*¹, nob. Lus(itanus) etc., p. 51, do ano de 1600. — Li algures *Otward*, como fôrma alemã antiga. — Vid. tambem neste vocabulario «Duarte». — Deixando de lado a fôrma alatinada *Odoardus*, que não sei se corresponde a uma portuguesa *Odoardo* ou *Oduardo*, temos: de um lado *Eduarte* (resumida em *Duarte*), que nos viria por intermedio do fr. *Edouart*; e do outro *Eduardo*, que nos viria por intermedio do hespanhol. (Não posso agora verificar se em hesp. ant. ha tambem *Eduarte*).

Éfrica: vid. *Ensaio Ethnographicos*, III, 157, onde comparei este nome com *Afra*. Nas lendas religiosas de Braga ha *Santa Afra*, vid. Cunha, *Hist. eccles. de Braga*, t. I, p. 162 ss. (o etimo é o lat. *Afer*, -fra, -frum).

Egea, seculo XIII: «de meono dño *Egea*», in *A.H.P.*, IV, 41. Cfr. Cortesão, *Onomastico*, p. 100, onde cita tambem *Egea*, e alem d'isso *Egee*, *Egeas*, *Egeus*, palavras que certamente se relacionam com **Egas**, já do seculo X: cfr. alem d'isso *Egica*, *Egicat* = *Egicaz*, *Egikari*, *Egika*, *Egikaz*, *Egiquiz*. Cfr. tambem Meyer-Lübke, *Die alt. portug. Personennamen*, § 36.

Elisabel, nome proprio, 1516, no *Compromisso de Guimarães*, fls. IV v. (*Elysabell*); noutro lugar *Elysabel*. No *Onomastico* de Cortesão: *Elisauet* = *Elisavet*, seculo X. Cfr. *Elisabeth* em alemão, e *Élisabeth* em francês. Outra fôrma portuguesa antiga é *Isabela*, seculo XIII: «a Reyna dona *Isabela*», n-*O Instituto*, t. 46, p. 1005; *Isabella Gonçalves*, seculo XV, no *A.H.P.*, II, 186. A fôrma actual é *Isabel*, popularmente *Zabel* e *Jabel*. Embora a palavra seja originariamente hebraica, as duas fôrmas portuguezas *Elisabel* (*Elisabeth*) e *Isabel* (*Isabela*) devem ter vindo, cada uma por sua via, e cada uma em sua epoca.

Enes, no *A.H.P.*, I, 353, deve acentuar-se *Enês*.

Énes, vid. *R.L.*, X, 165.

Esmeraldo, apelido, 1520, *A.H.P.*, II, 158.

Especiosa. Nome de mulher, no seculo X, *Speciosa*, na Hespanha: Hübner, *Inscript. Christ.*, n.º 222, e *Boletín de la Ac. de la Hist.*, XX, 206. — Cfr. *Estudos de Philolog. Mirand.*, I, 82-83.

Estevainha (id. med.), nome de mulher, Azevedo, *Escravos*, p. 9. De *Stephanía* > **Estevãia*, ou de *Stephanina*?

Estopinhão, apelido, 1523, *A.H.P.*, II, 109.

Eusebio, nome proprio. Uma vez, por acaso, ouvi em Oeiras dizer a um Çaloio que conversava com outro: «Não se diz

¹ L. é: «de Paiva».

Ózébio, é *Inzébio*» (Lembra a conhecida anedocta das tres viscondes!). D'onde se conclue que as duas fórmãs são populares.

Faião, apelido de Judeu, *A.H.P.*, II, 197, seculo XV (*Fayam*).

Faleiro, apelido, 1523, *A.H.P.*, II, 123.

Farabam, apelido de Judeu, seculo XV, *A.H.P.*, II, 184.

Farnandes, fórmula popular de *Fernandes* (Alandroal): *R.L.*, IV, 64.

Farzam. Hoje «Frazão»: seculo XVI, *A.H.P.*, II, 96.

Felipo, nome proprio: «*Felippo* Rey de Macedonia», seculo XVII, Rodrigues Lobo, *Corte na aldeia*, mihi, p. 160. Noutro A. do seculo XVII: *Filipo*, vid. Andrada, *Casamento perfeito*, ed. de 1726, p. 141. — No seculo XIV tambem *Filipo*, vid. *Bolet. da 2.^a Cl. da Acad. das Sc.*, III, 300. — Do gr.-lat. *Philippus*. Já porém nos *Lusiadas*, X, 104, *Filippe*, a par de *Philippo*, I, 75, 54. É claro que falando da epoca classica o Poeta empregou a fórmula com -o, e da epoca portugueza a fórmula com -e. A fórmula com -e deve ter-nos vindo de Hespanha ou França.

Fernão. Na origem deve ter sido: *Fernão* só antes de cons., mantendo-se parallelamente o -de antes de vogal: cfr. *Fernam d'Alvarez*, *Fernam d'Afonso* e *Fernam Lopez Omes* num mesmo doc. e ao pé: seculo XV, *A.H.P.*, II, 197¹. — O nosso mais antigo Gramatico chama-se a si mesmo *Fernão d'Oliveyra* na sua *Gramatica*, 1536 (mas dentro diz: «per mandado do muy manifico senhor Dom Fernando Dalmada em Lixbõa etc.», no fim da obra); na *Arte da Guerra*, 1555, assina-se no frontespicio *Fernando oliveyra*, e dentro diz *Fernandoliveyra* (em uma só palavra). O fac-simile da assignatura d'elle, tal como vem no importante livro do Sr. Lopes de Mendonça, intitulado *O Padre Fernando Oliveira*, Lisboa, 1898, é *Fernandooliveira* (a ultima vogal do nome liga-se com a primeira do appellido). Por um lado *Fernão* é fórmula resumida de *Fernando* (cfr. *são* a par de *santo*); por outro lado *Oliveira* é originariamente nome geographico, e quando se tornou appellido era precedido de *de*; em virtude d'isto parece-me que as oscillações na escrita do nome representam todas *Fernão d'Oliveira* e não *Fernando Oliveira*. — A theoria é: Fernando da Oliveira > Fernando de Oliveira > Fernando d'Oliveira > Fernan-d'Oliveira.

Ferrão. Suponho vem de *Ferrando*, nome que se encontra

¹ Assim emendo o que por distracção escrevi nos *Textos Archaicos*, 2.^a ed., p. 150, distracção que justamente me foi corrigida por Nobiling, in *O Estado de S. Paulo* de 10-x-908.

em documentos aragoneses do seculo XIII: *Boletín de la Acad. de la Hist.*, LXXIV, 316. Froissart, liv. III, e 28, escreve *Ferrant*, correspondente a «Fernando». Vid. outro exemplo de *Ferrando* adiante, s. v. «Furtado».

Ferzilhão, apelido 1523. *A.H.P.*, II, 129.

Fins, propriamente *Finz*, apelido deduzido de *Sanfins* = S. Fins ou S. *Finz*. De Sanctu(m)-Felice(m) ¹. * S. Feiz > S. Fiiz (assimilação do *e* ao *i*, como em *viir*, *pidir* etc.) > S. Fiiz (nasalmente devido á nasal inicial ²). A fôrma *Fiiz*, como de nome proprio, e sem nasal, é já do seculo X, vid. Cortesão, *Onomastico*. Num doc. de Hespanha, do seculo XII, lê-se: «Michael Feliz Merinus», no *Boletín de la Acad. de la Hist.*, XXXIII, 135. Perteitamente comparavel a *Sanfins*, com nasalmente, é o lore-nês *Saint-Felin*, onde a nasal final é tambem devida á da silaba inicial: vid. *Zs. f. roman. Philolog.*, XXXIII, 630. — A par com *Fins* ha tambem *Félix*, nominativo latino, passado para cá por via eclesiastica. — Na lingua comum temos *feliz* e *felice*, de origem literaria. — São pois multiplas na fôrma portuguesa que representam a latina: a) de origem popular, *Fiiz*, *Sanfins* (= S. *Fins*), *Fins*; b) de origem eclesiastica, *Félix*; c) de origem literaria, *feliz*, *felice* (poetica).

Florença, nome de mulher, seculo XIV, *A.H.P.*, I, 353. Feminino correspondente ao moderno *Florenço*.

Fonseca, apelido de origem geografica: *Fonte Sêca* (em proclise), como *Monsanto* < monte santo, *Monsul* < monte do Sul. Quanto a *Fonseca*, cfr. tambem em catalão *Fontseca* (apelido).

Fonso, correspondente a *Afonso*: seculo XI, nos *Diplomata et Chartae*, n.º 275.

Froes, apelido; *Fróez*, em 1523, no *A.H.P.*, III, 86. De Florici. Cfr. *Florez* em hespanhol. Fôrmas de origem semi-literaria.

Frolentim, apelido de origem geografica, ou designação patria, em *Bertolameu Frolentim*, seculo XV e XVI: *A.H.P.*, I, 353 e 360. Hoje *Florentino*. — Cfr. (quanto ao sentido) *Toscano*.

Funes, apelido: *Pero de Funes*, 1523, *A.H.P.*, II, 127.

Furtado, apelido. Diz Moraes, *Dicc.*, s. v. «furtado»: «Filho furtado, não legitimo, daqui o appellido dos *Furtados*; parto furtado, occulto. Leão, *Chr.* I, f. 28. encoberto, illegitimo». A origem está pois numa designação de proveniencia, especie de

¹ Cfr. o que escrevi na *R.L.* II, 372-373.

² Cfr. J. J. Nunes, *Convergentes e divergentes*, p. 27, nota 1.

alcunha; cfr. o apelido *Colaço*. — A mesma explicação tem o apelido hespanhol *Hurtado*. Cfr. *Ferrando Furtado*, cronista latino medieval de Hespanha: vid. *Boletín de la Ac. de la Hist.*, XIV, 114.

Galvão, apelido. Terá algo com *Gauvain*, personagem da Távola Redonda? Cfr. E. Langlois, *Noms propres dans les Chansons de geste*, Paris 1904, p. 271. Na nossa toponímia ha várias vezes *Galvão*, que póde ter origem em nome de proprietarios: segundo a *Chorographia* de Baptista, o nome geografico *Galvão* aparece no distrito de C. Branco e nos do Sul. Nome proprio medieval *Galvam*: vid. *Onomastico* de Cortesão, p. 146.

Gamão, apelido, 1523. *A.H.P.*, II, 117. Aumentativo de *gamo*.

Genoeva, por *Genoveva* (dissimulação), fôrma popular corrente, por ex, em Entre Douro & Minho e na Beira.

Germeriz, seculo XI, em G. Pereira, *Pergaminh. da Univ.*, p. 113.

Getruzes, por *Gertrudes*, em Vila Pouca d'Aguiar. Por analogia com palavras acabadas em *-uzes*.

Gil, nome proprio, vindo de França, ou directamente, ou por intermedio de Hespanha, onde ha tambem *Gil*. A cêrca do hesp. *Gil*, correspondente ao fr. *Giles*, vid. *Grundriss der roman. Philolog.*, t. I, 1.^a ed., p. 702. Do fr. *Giles* (*Gilles*), prov. *Gil*, trata Schätzer, *Herkunft der französischen Heiligennamen*, Münster de W., 1905, p. 25-26. — *Egidio* é fôrma eclesiastica, tirada directamente de *Aegidius*. Cfr. *Dionísio* a par de *Denis*.

Ginevra, 1523, nome proprio de molher, *A.H.P.*, II, 127. Pertence á categoria dos nomes cavalleirescos usados pela fidalguia portuguesa, do seculo XV em diante: Th. Braga, *Poetas palacianos*, p. 17.

Godiinz: assim se deve ler a fôrma *Godiis* que vem no *Onomastico* de Cortesão: cfr. *Godiinz*, sec. XV, no *A.H.P.*, II, Patronimico de *Godio* (assim deve tambem le-se a fôrma *Godio*, seculo XIII, no cit. *Onomastico*).

Gomes, vid. *Onomastico* de Cortesão, s. v. «*Gomez*», «*Gomize*», etc.: tambem no lat. barbaro de Hespanha *Gomizi* e *Gomiz* (seculo IX) in *Revue Hispaniq.*, VII, 287. Esta palavra tem sido usada entre nós, nas suas diferentes fôrmas, ora como nome proprio, ora como apelido.

a) Como nome proprio:

Gomez Enes, filho de *Joham Martinz*, seculo XIV, *A.H.P.*, I, 353;

«*Nós Gomez Fernâdez*, alcayde», em um doc. do seculo XIV do Museu Etnologico, oferecido pela Sr.^a Ascensão Valdês;

Gomez M(art)i(n)z Teixeira, seculo XV, *A.H.P.*, II, 186;

Gomes Eannes de Azurara, cronista do seculo XV;

Gomes de S. Estevão, autor de um livro impresso em 1554;

Gomes de Figueiredo, autor de um livro impresso em 1668;

Gomes Freire de Andrade, escritor, heroe e martir do seculo XVII-XVIII.

Tambem na Hespanha como nome proprio: *nomine Gomecius Didaci* em um sepulcro de Toledo, do seculo XIII, com inscrição latina (vid. *Boletín de la Ac. de la Hist.*, XX, 458).

b) Como apelido:

Margarida Gomez, seculo XIV, *A.H.P.*, I, 353;

Bertolameu Gomez em um ms. de 1401, de Silves, no Museu Etnologico;

hoje *passim* (*Gomes*).

Gonçalvio: deve ter-se usado como nome proprio < *Gundisalvinus, pois ha um *casal do Gonçalvio* no seculo XIII: *A.H.P.*, IV, 40.

Goncinha, nome de mulher, seculo XIV, doc. de Pedroso: em G. Pereira, *Perg. da Univ.*, p. 49.

Gontina, nome de mulher, seculo XII, G. Pereira, *Perg. da Univ.*, p. 114.

Goterre, nome proprio, 1523, *A.H.P.*, II, 99 (*don Guoterre*).

Goucheiro, apelido (Extremadura). Relaciona-se com *Goucharia* ou *Gouxaria* (nome geografico)?

Graviel, forma popular usual de *Gabriel*. Já em 1523: *A.H.P.*, II, 98.

Grigorio, forma antiga corrente: por ex.: *Dialigos de S. Grigorio*, ms. medievico da Biblioteca Nacional; *Grygorio no Cancion.* de Resende, II, 534; *Grigoreo*, 1523, no *A.H.P.*, II, 125. O primeiro *i* representa a pronúncia do η de *Γρηγόριος*. Em grego moderno de Atenas tambem se pronuncia assim, como lá ouvi.

Guedes, apelido. Esta palavra em certas localidades, por exemplo, Mondim da Beira e Baião, pronuncia-se *guêdes*.

Guilherme. Outras fórmias (antigas) d'este nome: «*Guilherme Corbonel*, vigairo geeral do... bispo (de Lisboa)», seculo XIV, *A.H.P.*, I, 354 (estrangeiro); «a quem puzerão nome *Guilhermo*», na *Côrte na aldeia*, mihi, p. 211.

Guimarães (dos), apelido: *Pereira dos Guimarães*, seculo XVIII, in *Rev. de Hist.*, II, 238, col. 2.^a—Tambem conheço hoje este apelido.—Do *dos*, assim empregado, não sei indicar outro caso, senão talvez *Vieitas* (vid. este nome). Parece seria na ori-

gem: «da familia dos Guimarães»; cfr. em italiano *De Amicis*, etc.—Incidentemente notarei que o bom português é dizer-se, por exemplo, «a familia dos *Pereiras*» etc., e não, como por erro se diz, «a familia *Pereira*».

Guiteria: em *Santa-Guiteria* no *Anno Hist.*, I (1744), 530. Também se diz vulgarmente, como nome de mulher, *Guiteria*; *Guetêra*.

Inhego, 1523, *A.H.P.*, II, 106 (*Inheguo*). Por *Inigo* (hespanhol).

Ibenegas, nome de homem, seculo XI: G. Pereira, *Pergam. da Univ.*, p. 113. Corresponde a *Iben-Egas*. D'aqui vem o moderno *Viegas*. Fórmulas intermedias: *Venegas* (seculo XIII) = *Vêegas*, nas *Inquisitiones*, p. 163, col. 1.^a; *Veegas*, seculo XIV, in *A.H.P.*, IV, 39 (transcrição antiga). O -iê- da fórmula actual resulta de ter a nasal mantido *ee* (*Veêegas* > *Veegas*), senão em vez d'este digrafo teríamos apenas *e*.

Inês, nome proprio. Do gr. ἀνή «pura». Ἀνή como apelido, em Pausanias. Vid. *Acta Bollandiana*, II, Janeiro de 1643. *Hagne* vel *Hagnes* vel *Agnes*, -ētis. Já Cornu, *Die portug. Sprache*, § 237, indica a serie: *Agnes* > *Einês* > *Inês*. A fórmula *Einês* é do seculo XV, vid. Cortesão, *Onomastico*, sub voce.

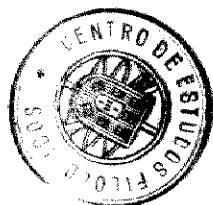
Iria, nome proprio. De Εἰρήνη «paz», «deusa da Paz». *Eirêa* > *Eirea* > *Eiria* > *Iria*. O ditongo *ei* tonico deu *i*, talvez por influencia do ditongo atono anterior. Cfr. *Leireia* > *Leiria*. — A fórmula *Eiria* vem por exemplo em Fr. Antonio da Purificação, *Chron. de S. Agostinho*, 1642, t. I, fls. 245 v. ss: *Santa Eiria*.

Jabel, fórmula popular de *Isabel*, por exemplo em *Tras-os-Montes*.

Jacintro, fórmula popular de *Jacinto*. Do greco-lat. *Hyacinthus*.

Jenuario, fórmula popular de *Januario*. É curioso que em inscrições latino-cristãs da Galia se encontre: *Genuarius*, *Ienuari*, *Genuarias*, vid. Le Blant, *Catalogue du Musée de Marseille*, p. 55-56. A fórmula portuguesa com *e* não ascende á latina *Genuarius*, coma o prova a terminação, mas a razão fonetica é a mesma nos dois casos. É também uma fórmula como *Ienuarius* que explica a hespanhola *enero*.

(*Continua*).



MISCELANEA

“A fé é que nos salva e noêja o pau da barca,”

Comentando a origem deste velho adágio, cuja expressão regional (Fundão) adopto em epigrafe, registou um distincto folklorista, já falecido, o seguinte conto tradicional da ilha de S. Miguel:

«Uma rapariga que estava muito doente, e já desenganada dos medicos, pediu ao noivo, que ia a Jerusalem, que lhe trouxesse da cidade santa um pedaço da madeira da Cruz em que Christo foi pregado, para tomar em vinho, a ver se assim melhorava. O namorado esqueceu-se do pedido da moribunda e, na volta, contou um bocado de madeira do navio em que vinha, para enganar a rapariga, e como esta se achasse curada completamente, depois de o tomar, dissolvido em vinho, elle então comentava: — «A fé é que nos salva neja o pão da barca»¹.

Nos seus *Contos Tradicionais*², Teofilo Braga julgou apressadamente que o conto-origem deste velho anexim se tivesse apagado no rumôr da tradição popular. Veiu, porém, a lume a versão que acabo de reproduzir, incompleta, porventura, no episodio do esquecimento do noivo. Não podendo agora verificar se outras lições se terão publicado, registo a seguinte, colhida no Fundão:

«Duma ocasião mandaram um homem à cata dum saibio, pra curér' mas maleitas. No caminho perdeu-se e encontrou um rio. Atravessou-o atão n'ma barca, mas 'squeceu-se de proguntar pelo saibio. Quando voltou, trouxe um bocadinho do pau da barca, mandou fazer um coz'mento, e dixe qu'o saibio é que tinha mandado. E com tam bôa fé o boêram, que fugirem nas maleitas. E o homem dizia atão qu'a fé é que nos salva, e noêja o pau da barca».

Ha nesta versão um pormenór importante, que explica satisfatoriamente o esquecimento do enviado. É o que diz respeito à travessia do rio. É um facto corrente na superstição popular que as aguas dos rios fazem perder a memoria aos que os passam.

¹ Armando da Silva, *Folk-lore e Dialectologia de Espozende*, 13-15.

² Porto, 1863, vol. 1, p. XLIX.

O sr. Leite de Vasconcelos ¹, registando alguns factos curiosos das tradições das aguas, e verificando que em Torre de Moncorvo «quem atravessar um rio deve apanhar um seixinho e metê-lo na boca, para *se não esquecer* do modo de falar da sua terra» — refere também a «tradição antiga de as aguas dos rios produzirem o *esquecimento*».

Sem duvida, em qualquer das duas versões apontadas, o esquecimento do protagonista é o principal elemento do conto popular, pois, êle só, prepara e justifica o desenlace. Dai o provavel interesse da minha versão, que deixo exposta sem outros confrontos.

Fundão, 7-3-918.

JOSÉ MONTEIRO.

Casos de prolepse fonetica

É corrente na Beira Alta a expressão — «a bem de dizer», cujo emprego nas obras literarias e na boa conversação já Manoel Joseph de Paiva ² condena, como fez a tantas outras locuções estereotipadas que ele supunha tornarem enferma a lingua. Nesta expressão «a bem de dizer» o *de* não é propriamente preposição: é o som *d* da silaba inicial do verbo *dizer*.

A acomodação dos órgãos da voz para a pronúncia deste verbo determinou o aparecimento da articulação *de* antes da palavra *dizer*, articulação que a analogia com a particula prepositiva *de* ajudou a fixar e conservar.

É o principio fonetico, chamado da predisposição, que explica estes e outros fenomenos, tais como a metafonía e a assimilação regressiva.

No caso de fonetica sintatica que apresentamos, como na expressão — «ambos de dois», estudada pelo falecido filologo Julio Moreira ³, a prolepse é immediata. É, porem, mediata no proverbio — «quanto mais depressa, mais devagar», em vez de — «quanto mais pressa mais devagar», em que o *de* da palavra — *devagar* aparece no substantivo — *pressa*, para o que devia tam-

¹ *Essaios Ethnographicos*, II, 35.

² *Infermidades da Língua*, Lisboa, 1780, pag. 187.

³ *Estudos da lingua portugueza*, Lisboa, 1907, I, pag. 3.

bem ter contribuído não pouco a analogia com o adverbio—*depressa*.

Outro caso de prolepse fonetica encontra-se no popular pro-verbio — «aguas passadas não movem moinhos», e que na Beira Alta se diz «aguas passadas não moem moinhos», o que indica que se suprimiu a continua—*v* em virtude dos órgãos da voz ao pronunciarem a palavra—*movem*, estarem já a adaptar-se para a articulação do substantivo seguinte—*móinhos*, visto como ha uma palavra interior mais veloz que a palavra audível. A existencia da forma verbal—*moem*, do verbo—*moer*, devia ter facilitado a queda da consoante—*v*, de *movem*.

Neste caso de prolepse o principio fonetico da predisposição actua, não acrescentando sons, como nos exemplos apontados precedentemente, mas, pelo contrario, suprimindo tais sons.

JOÃO DA SILVA CORREIA.

Alguns espécimes de calão academico

1. — *Fazer jogo de porta*: Esperar que o professor chame um aluno para então entrar para a aula.
2. — *Agüentar-se*: Dar uma lição sofrível.
3. — *Estender-se*: Dar uma má lição.
4. — *Esticar-se*: O mesmo que «estender-se».
5. — *Passar*: Vencer o ano escolar.
6. — *Ficar gaitado*: Apanhar uma reprovação.
7. — *Ficar chumbado*: O mesmo que «ficar gaitado».
8. — *Apanhar uma gaita*: O mesmo que «ficar chumbado».
9. — *Apanhar um chumbo*: O mesmo que «apanhar uma gaita».
10. — *Dar um estenderete*: O mesmo que «estender-se».
11. — *Dar um estiquete*: O mesmo que «esticar-se».
12. — *Dar manteiga*: Fazer rapa-pés aos professores no intuito de lhes grangear as simpatias.
13. — *Manteigueiro*: O aluno que «dá manteiga».
14. — *Engraxador*: O mesmo que «manteigueiro».
15. — *Engraxar*: O mesmo que «dar manteiga».
16. — *Chapar-se*: O mesmo que «estender-se».
17. — *Espalhar-se*: O mesmo que «chapar-se».
18. — *Penacho*: O melhor aluno da classe.

19. — *Urso*: O mesmo que «penacho».
20. — *Peludo*: O aluno que se molesta com as brincadeiras dos colegas.
21. — *Estar tapado*: Ter dado o maximo de faltas permitidas.
22. — *Apanhar uma batata*: Ter tido um zero na lição.
23. — *Ficar cortado*: Não vencer o ano escolar.
24. — *Fazer parede*: Não ir ás aulas colectivamente.
25. — *Furar a parede*: Quebrar a solidariedade com os colegas, indo ás aulas contra o resolvido.
26. — *Ter a rása*: Ter a media minima para vencer o ano.
27. — *Andar á corda*: Ser chamado quotidianamente pelo professor.
28. — *Passar cábula*: Dar a um condiscipulo a solução de um exercicio.
29. — *Meter palha*: Encher um exercicio de coisas sem importancia.
30. — *Fazer gazeta*: Faltar á aula.
31. — *Estar em branco*: Não saber nada da lição.
32. — *Estar em jejum*: O mesmo que «estar em branco».
33. — *Ter treta*: Falar muito, sabendo pouco.
34. — *Estar com dores de barriga*: Recear ser chamado e andar mal na lição.
35. — *Não pescar bóia*: O mesmo que «estar em jejum».
36. — *Ter a tangente*: O mesmo que «ter a rása».
37. — *Empinar*: Decorar.
38. — *Encornar*: O mesmo que «empinar».
39. — *Meter na pinha*: O mesmo que «encornar».
40. — *Empinador*: O que decora sem compreender.
41. — *Ter quem faça a papinha*: Ter explicador que prepare.
42. — *Fazer a parte*: Mostrar falso gôsto do assunto da lição, no intuito de captar as simpatias do professor.

JOÃO DA SILVA CORREIA.

BIBLIOGRAFIA

I

LIVROS

Auto da Natural Invençam, *auto feyto por Antonio Ribeyro Chiado, representado ao muyto alto Rey Dom Joam Terceiro*, obra desconhecida, com uma explicação previa pelo Conde de Sabugosa, Livraria Ferreira Limitada editores, Lisboa 1917.

No louvável empenho de tornar conhecidas várias preciosidades existentes na sua rica livraria, depois de ter dado á estampa o *Auto da Festa* de Gil Vicente, publicou ha pouco o distinto literato, Snr. Conde de Sabugosa, o *Auto de Natural Invenção* de Chiado, que, apesar de citado por alguns bibliógrafos, se tinha por inteiramente perdido. Serviço relevante prestou o Snr. Conde ás letras pátrias com a divulgação deste auto, que assim subministra mais um elemento para o estudo do nosso teatro e avoluma o nosso já opulento pecúlio literário.

Fez Sua Excelência preceder esta publicação dum desenvolvido prólogo, a que modestamente pôs o titulo de *Explicação Previa*, no qual, com a sua conhecida elegância de frase e profundo conhecimento do assunto, se occupa da época e autor da obra, e seguir dum *fac-simile* da respectiva folha volante em que ele fôra impresso, apêndice êste que de certo o Snr. Conde ali ajuntou com destino especial aos estudiosos, e demonstra bem á evidência quanto Sua Excelência bem longe está da estulta pretensão doutros que se julgam infalíveis nas suas afirmativas. Graças a esse valioso auxiliar, cotejei ambas as lições e desse cotejo resultaram as seguintes discrepâncias de interpretação:

Assim: no verso 14 parece-me que se deve ler *t'enoje* o *tenoje* do original.

No verso 142 eu leio *entrará turba mulla* e não *entrará a* etc. É verdade que o texto tem *entraraa*, mas a duplicado destinava-se a representar, consoante o uso do tempo, o *a* aberto; grafias idênticas aparecem na edição *princeps* de Gil Vicente, por exemplo na tragi-comedia intitulada *Serra da Estrêla: faraa, seraa, maas, estaas, meteraas, vees, descortees*, etc.

No verso 230 parece-me que deverá pôr-se um ponto de interrogação em seguida a *cuidais*.

No verso 241 acho preferível a leitura dada na nota *forão por*; é frequente na linguagem da época a frase *pôr nome*.

No verso 262 afigura-se-me que se deverá corrigir o *andas* do original em *andais*, assim o exige o imperativo *acabai* que vem antes.

No verso 270 eu leio *arrenego d'atal festa*; era então frequente o uso de *atal* ao lado de *tal*.

De certo por lapso na transcrição imprimiu-se:

No verso 39 *eu vou* em lugar de *vou eu*:

Versos 260 e 261:

Ratinho: Ora bem, porque me daes?

Autor: Que figi eu? Muito bem no sei,
em vez de

Ratinho: Ora bem, porque me dais? Que figi eu?

Autor: Muito bem no sei.

No verso 334 falta o apóstrofo sobre *tem*, isto é, *tem'* (=teme) a, etc.

Lapso da revisão deve ter sido *Ficaes* (347) por *Sicais*.

Conforme o original, deve-se emendar em *de* o *da* do verso 358.

Discordo da interpretação dada na nota ao verso 451; aqui *feição*, a meu ver, usa-se no sentido de modo ou *geito* do verso 466.

O verso 454 é segundo o *fac-simile*:

pois nẽ em adro nem igreja

e não:

~~*pois nem adro nem igreja*~~

que não faz sentido, devendo notar-se que o segundo *nem* está por *nẽ em*, contando-se por uma sílaba única ou duas palavras num e noutro caso.

Também segundo o mesmo verso 459 ha de corrigir-se em *pera que*, etc., suprimindo-se o *e*.

A pag. 92 escreveu-se na rubrica: *sahe-se Gonçalo*, etc., em vez de: *sae-se o representante e então Gonçalo* etc.

O verso 465 deverá antes ler-se assim:

pera qu'è querer morrer?

No verso 471 parece-me que o *ti* ou *se* ha de emendar em *tim* (ainda popular) ou o *mim* (que aliás vem no original) em *mi*. Em lugar desta última forma está *mim* nos versos 649 e 651.

Em 590 *ha se de* etc, e não *ha de se* etc.

Em 529 lê-se:

pois não ha quem dê cinco

ao passo que o original diz:

pois nã ha quem nã de cinco

Ao verso 757 escapou a palavra *preço* a seguir a *menos*, a qual rima com *avesso*, por tanto deve ler-se assim o *aveso* do original e não *avezo*, como se aventa na respectiva nota.

Os versos 829 e 830 estão assim no texto primitivo:

Tambem tenho outros grãdes que ainda que elles não falem,
mas o seu sentido afigura-se-me escuro.

Nos versos 846 e 942 lê-se *sabeis* em vez de *sabei*.

De certo também por lapso de revisão saiu *co* em vez do *com* do original no verso 890; inversamente está *com o* em 693 em lugar de *co*.

Em 889 alterou-se para *difamando* o *disfamando* do texto, forma esta que o espanhol também conhece e é a mesma que *desfamando* de outros autores: cf. *Diccionario* de Moraes, 8.^a edição.

No verso 966 ha o *qual*, em lugar de *no qual* do texto.

De estarem bastante gastos os tipos que serviram para a impressão da folha volante resultou que muitas letras ficaram falhas, afora outros percalços; é o que succedeu no verso 328, em que *alegrar-vos-hão* não faz sentido e é leitura duvidosa; talvez *achegar-vos-hão* seja correccção satisfatória; pela mesma razão no verso 325 faltam palavras que não sei interpretar quais seriam.

Quanto á transcrição do auto, discordo por completo do processo seguido pelo editor—desculpe-me Sua Excelência a franqueza—eu te-lo-ia reproduzido tal qual se encontra no respectivo original; deste modo Sua Excelência, não querendo «dar-lhe, como diz ¹, o aspecto que tem uma velha, quando se adorna com arrebiques da ultima moda», veio afinal a cair no que pretendia evitar. Na minha humilde opinião, as obras antigas, além de contribuições para o assunto que versam, são documentos da língua do tempo, e como tais devem ser escrupulosamente respeitadas as suas grafias, quando muito desfar-se-hão as abreviaturas e em caso escuro uma nota aclarará o sentido. De mais uma peça dramática visa sempre a reproduzir o modo de falar dos seus personagens, alterar-lhe este é reduzir o seu merecimento. Acresce ainda que na época de Chiado mantinham-se certas diferenças de sons que depois desapareceram, sons que aliás eram representados pelas letras que lhes correspondiam no

alfabeto e estavam em harmonia com a origem das respectivas palavras. Assim *sujo* (794), *sapateiro* (365), *cortezia* (306), *juiz* (762), *quizer* (522), *quizerdes* (498), *descortez* (928), *defeza* (871), *trez* (353), *farça* (946), tem no original as grafias *çujo*, *çapateiro*, *cortesia*, *quis*, *quiser*, *quiserdes*, *descortês*, *defesa*, *tres* e *farça*, que são as legítimas e, com excepção das duas primeiras, as actualmente prescritas pelos competentes ¹.

Ao tempo do autor do auto, como se vê doutros escritos coevos, não era ainda geral a redução a ditongo, que hoje se usa em tais casos, do *e* tónico, seguido de *-o* ou *-a*, finais de palavras e por isso no original encontram-se estes modos de escrever: *mea* (106), *meo* (115), *cea* (577), *rodea* (687), *ves* (694), *chea* (731), *estreas* (886), e não *meia*, *meio*, etc., como se imprimiu ².

Também era então pronúncia corrente: *úa* (50, 65, 97, 443, 447, 545, 566, 572, 688, 791, 856, 870), *algũa* (301), *nenhũa* (567), *assi* (607, 615) e *vem* (635) e não *uma*, *alguma*, *nenhuma*, *assim* e *veem*. Usavam-se igualmente muito estas formas: *pera* (89, 99, 338, 360, 857, 970, 971), *todo* (664), *nom* (266, 355, 366, 3^o 2, 385, 451, 466, 468), *pola* (426, 521, 722), *per* (262, 546), *sam* (919, 941), embora se começasse já a dizer *para* (459), *tudo*, *nam* ou *não*, *pela*, *por* e *sou*.

Formas populares ha, como *milhor* (423, 840, 863, 918), *enemigos* (93), *exprimentar* (204), *inorme* (300, ainda assim em certas falas do país), *reposta[s]* (326), *ou* (350, 653), *nã* (529, 729, isto é, o adverbio *não*, como ainda hoje em próclise), *ouliva*, (663), *sesuda* (818), *escrevaninha* (856), que foram alteradas em *melhor*, *inimigos*, *experimentar*, *enorme*, *respostas*, *oh*, *não*, *olival*, *sisudo*, *escrivaninha*.

Era grafia corrente na época *no* (132, 261, 499, 659, 753), *na* (141, 320), *nesse* (605), *nesta* (458, 608), *nella* (460), *nisso* (701), *num* (664), e não *n'o*, *n'a*, etc.

Nesta impressão foi também introduzido o *h* e duplicaram-se consoantes onde o original tal não fez: assim *theatro* (224), *ma hora* ³ (293, 673), *ess'hora* (706), *cahira* (667), *cahirei* (605), *deshonrado* (642), *hi* (382, mas assim antigo ou pela própria fala em 262), *ahi* (778), *d'hi* (464, 450), *hyssope* (463), *sahirmos* (496), *cahida* (837), *saber-lhe-hia* (894), *grammatica* (239), *soffrer* (507), *mette* (717, 865), *aggravaes* (131), *bocca* (948), *conjuncção* (107),

¹ Refiro-me á orthografia legal, pois a verdadeira seria a antiga.

² Em 252 ha já *veyo* a rimar com *meo* (255), donde se depreende que nesta segunda forma o tipografo regulou-se pelo uso mais vulgar.

³ Pela mesma razão que se escreve *embora*, deverá manter-se a grafia *maora*.

mas *pelos* (961), em vez de *pellos*; imprimiu-se também *captiva* (306), *escripto* (748), *scena* (545), contrariamente a *cativa*, *escrito*, *cena* do texto. Neste, como noutros, permutam entre si o *c* e *i* e o *o* e *u*, como se vê em *redias* (237), *meudo* (816), *maos* (305), *sospirar* (463), *veyo* (252), *sahio* (699, 700), *roins* (935), *churume* (956), *grometagem* (863), mas escrevia-se geralmente *pior* (332), *diante* (797) e *criado* (796, 800): tais grafias, porém, não foram mantidas. O ditongo *ai* é no original representado sempre ou quasi sempre (pois raras são as excepções) deste modo, a impressão actual fa-lo por *ae*¹. O ditongo tónico final *-ão* é figurado no texto primitivo assim e também por *-am*, conforme a prática do tempo, como se vê nos versos 327-8-30 *temporam*, *alegrar-vos-ham* e *pão*: tal prática, porém, também não foi mantida.

Em vez de se substituir por um apóstrofo a ligação de palavra terminada em *-e* por outra começada por vogal, na impressão que estou analisando, como aliás preceitua a ortografia que ha pouco foi adoptada para as escolas e publicações oficiais: mas de que discordo, preferiu-se restituir aquela letra e deste modo lê-se *de autos* (49), *que é* (89, 122), *que es* (352), *me ha* (171), *de ouvir* (197), *de experimentar* (204), *que engulaes* (282), *se elle* (309), *que em* (320)*, *lhe hei* (604), *que o pae* (661), *se outro* (681), *de arremesso* (381), *que ainda* (395 no texto *cainda*), *que eu* (456), *lhe heis*, *lie a* (734-5), *me agasta* (779), *saber-lhe-hia* (894), *te ajudarei* (929) etc.

Embora haja tal ou qual irregularidade na ortografia do texto original, o que aliás sempre mais ou menos tem sucedido, essa irregularidade, porém, está longe daquela com que agora foi feita a impressão. E quem cotejar estas minhas observações com a actual maneira official de escrever, notará que esta se cinge muito mais á seguida pelos impressores do auto do que a agora adoptada e que portanto a impressão de que o Snr. Conde fala a página 59 menos nos «assalta, quando nos chega á mão um livro de auctor quinhentista, submettido aos dictames da Portaria do Governo Provisorio de 1 de setembro de 1911» do que com a ortografia usada na transcrição, conquanto no meu modo de pensar, nem esta, nem outra, mas sim a que usou o autor ou os impressores deva ser a que convém seguir na publicação das obras de séculos passados, distantes ou não do nosso;

¹ Cf. versos 17, 18, 54, 61, 64, 79, 82, 120, 127, 128, 131, 137, 140, 164, 165, 167, 168, 173 + 5-6, 185, 203, 226, 229, 230, 233, 258-9, 260, 262, 282, 289, 290, 293-4, 323, etc.

deixe-se a cada um o modo de falar e escrever do seu tempo; alterar-lho para o que hoje usamos, além de induzir em erro quem ler essas obras, atendendo mais á lingua do que ao assunto, constituirá tambem uma falta de respeito á memoria dos seus autores, tamanha como se os vestissemos á moda de hoje, dando ao que o tempo tornou venerável um aspecto novo e ridículo.

Apesar destes senões, aliás desculpáveis em quem, como o ex.^{mo} editor confessa, não é filólogo, bem merece dos que cultivam as letras pátrias a divulgação que o Snr. Conde de Sabugosa acaba de fazer do *Auto da Natural Invençam*: e oxalá que ás duas preciosidades dadas a lume se sigam em breve espaço de tempo as restantes prometidas por Sua Excelência ¹.

J. J. NUNES.

II

Varia quaedam

— Trabalhos de D. Carolina Michaëlis:

a) **Notas Vicentinas**, II, Coimbra 1918 (separata da *Rev. da Univ.*, vol. VI). Cfr. R. L., XVI, 179.

b) **O lais «Leonoreta, fin roseta» e as origens do adj. «fin»**, Viana do Castelo, 1918 (separata da *Lusa*, vol. II).

c) **Notas sobre cantares e vilhancicos peninsulares, e a respeito de Encina**, Madrid 1918 (separata da *Rev. de Filol. Españ.*, t. V).

— Trabalhos de Claudio Basto:

a) **Formação popular de nomes de unidade**, Lisboa 1916 (separata da revista lisbonense *Exilio*, 1916, n.º 1).—Cf. sobre o assunto um artigo do mesmo A. in R. L., XIII, 89, nota 2.

b) **Tres cartas de Camilo**, Viana do Castelo, 1917, ed. da *Lusa*.

¹ No quinzenário a *Lusa* de Viana do Castelo, II, pág. 19-20 e 28-30 publicou o Snr. Dr. Pires de Lima justas observações, das quais algumas concordam com as minhas.

c) **A linguagem de Fialho**, Porto (1917).

— Trabalhos de Fidelino de Figueiredo:

a) **Características da Litteratura portuguesa**, Lisboa 1915;

b) **Historia da Litteratura classica**, Lisboa 1917;

c) **Historia da critica litteraria em Portugal**, Lisboa 1917;

d) **Estudos de Litteratura**, Lisboa: 1.^a serie, 1917; 2.^a serie, 1918.

— Trabalhos de F. M. Esteves Pereira:

a) **A poesia etiopica**, Coimbra 1915.

b) **Francisca de Rimini**, Coimbra 1915.

c) **O livro do Propheta Amós**, Coimbra 1915.

Separatas ds *Bol. da 2.^a Cl. da Acad. das Sc.*, vol. VIII e XI.

d) **A vingança de Agamemnon**, Lisboa 1918.

e) «**Auto do Fisico**» de J. Ribeiro (sec. XVI), Lisboa 1918.

f) «**Livro da Montaria**» de El-Rei D. João I (sec. XV), Coimbra 1918, vol. de LXV-467 pág., com seis estampas.

— **Contribuição para o estudo antropologico dos indigenas de Moçambique**, por Americo Pires de Lima, Porto 1918 (separata dos *Anais Scientif. da Fac. de Med. do Porto*, vol. IV).

— **O vilancete de Camões á «Senhora dos olhos gonzalves»**, pelo D.^{or} J. M. Rodrigues, Lisboa 1917 (separata do *Bol. da 2.^a Cl. da Acad. das Sc.*, vol. X).

— **A viagem de Antero á America**, por Antonio Arroyo, Porto, 1916, ed. da «Renascença Portuguesa» (com um retrato).

— **Pequena Antologia classica**, por José Teixeira Rego, Porto 1916, ed. da «Renascença Portuguesa».

— **Alexandre Herculano**, por Agostinho Fortes, Lisboa, s. d. (com um retrato).

— **A Marqueza d'Alorna** (*Alcippe*), pelo Marquês d'Avila e e de Bolama, Lisboa 1916 (com estampas).

— **Collecção de mss. ineditos da Biblioteca Municipal de Porto** (cf. R. L., XIV, 328):

IV) **Anacrisis historica:**

pt. 1.^a, 4 volumes, Porto 1912-1915;

pt. 2.^a (Episcopologia), 4 volumes, Porto 1916-1918.

N. B. Da 2.^a parte em diante o editor acentuou *Anacrisis*, mas quer a palavra se leia á grega, porque em grego é *Ἀνάκρισις*, quer á latina, porque o primeiro *i* é breve, a acentuação é *Anácrisis*.

— **O Renascimento em Portugal** (Clenardo), por M. Gonçalves Cerejeira, 2 vols., Coimbra 1917-1918.

— **A estrofe lirica** (estudo de metrica grega e latina), por José Simões Neves, Coimbra 1916.

— **«Vida de Agricola», de Tacito** (autenticidade, data, fim e genero literario) por C. Simões Ventura, Coimbra 1917.

— **Historia do P.^e Antonio Vieira**, por Lucio d'Azevedo, Lisboa 1918.

— **Documentos ineditos sobre João de Barros**, por Antonio Baião, Coimbra 1917 (separata do *Bolet. da 2.^a Cl. da Acad. das Sc.*, vol. XI).

— Filologia galega:

a) **Estudios gallegos**: cf. R. L., XVIII, 310. Publicaram-se até 1916 vinte e dois fasciculos. — O último que possuiu é o 22.^o. Não sei se a revista cessou, se ainda continúa.

b) **Diccionario gallego-castellano**, por la Real Academia Gallega: fascículo 1.º (1913). Até o presente (1918) estão publicados dez fascículos.

c) **Elementos de Gramática histórica gallega**, por D. Vicente Garcia de Diego, Burgos 1909.

d) **Estudios critico-hist. de Galicia**, por Atanasio López, Santiago 1916.

e) **Os miragres de Santiago** (versión gallega del siglo xiv), por Eugenio López-Aydillo, Valladolid 1918.

*

Noutro volume se fará menção de varios trabalhos brasileiros, de Filologia e Etnografia, enviados á *Revista Lusitana*.

J. L. DE V.



INDICE DO VOL. XXI

ARTIGOS DESENVOLVIDOS:

PAG.

Introdução a lições de Filologia portuguesa —por D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos.	5
Retalhos de um adagiário —por José Maria Adrião.	33
Amostra de toponímia portuguesa —por J. Leite de Vasconcellos.	58
Tradições populares de Santo Tirso (continuação)—por Augusto C. Pires de Lima	64-223
Textos antigos portugueses —por J. J. Nunes	89
«Ex-libris» manuscritos —por J. Leite de Vasconcellos.	146
Falar do povo —por Claudio Basto	209
O trovador Martim Soares e sua família —por Pedro d'Azevedo	246
Turquel folklorico —por José Diogo Ribeiro	280
Enquisas onomatológicas —por J. Leite de Vasconcellos.	316

MISCELANEA:

Sobre «cabaça», «calabaza» —por Vicente Garcia de Diego.	202
Epitáfio gracioso —por J. Leite de Vasconcellos	203
«A fé é que nos salva e noêja o pau da barca» —por José Monteiro	337
Casos de prolepse fonética —por João da Silva Correia	338
Alguns espécimes de calão académico —pelo mesmo.	339

BIBLIOGRAFIA:

I. Livros:

<i>Sintaxe historica portuguesa</i> , de Augusto Epiphany da Silva Dias,—artigo de Augusto C. Pires de Lima	204
<i>Auto da natural invençam</i> , de Conde de Sabugosa,—artigo de J. J. Nunes.	341

II. Varia quaedam:

Trabalhos de J. J. Nunes	
<i>Convergentes e divergentes</i>	208
<i>Crónica da ordem dos frades menores</i>	208

Trabalhos de D. Carolina Michaëlis:

a) <i>Notas Vicentinas</i>	346
b) <i>O lais «Leonoreta, fin roseta» e as origens do adj. «fin»</i>	346
c) <i>Notas sobre cantares e vilhancicos peninsulares, e a respeito de Encina</i>	346

	PAG.
Trabalhos de Claudio Basto:	
a) <i>Formação popular de nomes de unidade</i>	346
b) <i>Tres cartas de Camilo</i>	346
c) <i>A linguagem de Fialho</i>	347
Trabalhos de Fidelino de Figueiredo:	
a) <i>Características da litteratura portuguesa.</i>	347
b) <i>Historia da litteratura classica</i>	347
c) <i>Historia da critica litteraria em Portugal</i>	347
d) <i>Estudos de litteratura</i>	347
Trabalhos de F. M. Esteves Pereira:	
a) <i>A poesia etiopica</i>	347
b) <i>Francisca de Rimini</i>	347
c) <i>O livro do Propheta Amós</i>	347
d) <i>A vingança de Agamemnon</i>	347
e) <i>«Auto do fisico» de J. Ribeiro.</i>	347
f) <i>«Livro da Montaria» de El-Rei D. João I</i>	347
<i>Contribuição para o estudo antropológico dos indigenas de Moçambique</i> (Americo Pires de Lima)	
	347
<i>O vilancete de Camões á «Senhora dos olhos gonçalves»</i> (J. M. Rodrigues)	
	347
<i>A viagem de Antero á America</i> (Antonio Arroyo)	
	347
<i>Pequena Antologia classica</i> (José Teixeira Rego).	
	348
<i>Alexandre Herculano</i> (Agostinho Fortes)	
	348
<i>A Marquiza d'Alorna</i> (Marquês d'Avila e de Bolama)	
	348
<i>Collecção de mss. ineditos da Biblioteca Municipal do Porto.</i>	
	348
<i>O Renascimento em Portugal</i> (M. Gonçalves Cerejeira)	
	348
<i>A estrofe lirica</i> (José Simões Neves).	
	348
<i>«Vida de Agricola» de Tacito</i> (C. Simões Ventura).	
	348
<i>Historia do P. Antonio Vieira</i> (Lucio de Azevedo).	
	348
<i>Documentos ineditos sobre João de Barros</i> (Antonio Baião)	
	348
Filologia galega:	
a) <i>Estudios gallegos</i>	348
b) <i>Diccionario gallego-castellano</i>	349
c) <i>Elementos de gramática histórica gallega</i> (D. Vicente Garcia de Diego).	349
d) <i>Estudios critico-hist. de Galicia</i> (Atanasio López)	349
e) <i>Os miragres de Santiago</i> (Eugenio López)	349

NOTA ás Enquisas Onomatologicas, s. v. «Eduardo»

Com *Oduardus* e *Odoardus*, que se leem em inscrições latinas de Roma, respeitantes a fidalgos portugueses dos seculos xvi e xvii, cfr. *Odoardo* no seguinte titulo de obra italiana: *Relatione del reami di Congo... tratta dalli Scriti... di Odoardo Lopez Portoghese* per Filippo Figafetta, Roma s. d. (seculo xvi), onde por *Odoardo* está traduzida a nossa palavra *Duarte*.

Erratas do artigo «Turquel folklórico»

(REVISTA LUSITANA, vol. XXI)

Página	Linha	Erros	Emendas
280	20	casos	casas
280	21	práticas	práticas
281	34	mordomos	mordomas
283	13	muitas	muitos
283	17	dessa	desta
283	17	circunvizinhos	circunvizinhos
292	18	aondo ocorrem	aonde acorrem
294	8	E	E'
297	33	mandocando	manducando
300	24	varejada	varejador
301	6	ractificação	ratificação
301	27	consultudinario	consuetudinario
303	25	uma doente	um doente
305	26	ou canto	e o canto
307	16	banbozina	bombazina
308	11	umo	sua
308	20	súmente	sómente
309	16	alas	abas
309	28-29	ao meio da testa,	ao meio, da testa
309	31	entrançavam-no	entrançam-no
309	nota	ajuntam	ajustam
311	9	bagalhos	bugalhos
311	ultima	dos figos	de figos
312	19	cinge-as	cinge-os

FRANCISCO DE SALES LENCASTRE



OS LUSIADAS

POEMA EPICO

POR

LUÍS DE CAMÕES

Edição anotada para leitura popular

2 grossos vol. enc. \$300

As NACIONALIDADES IBERICAS

(Hespanha Central, Hespanha Mediterranea e Portugal)

J. AUGUSTO COELHO

I

A THEORIA DA HISTORIA

1 volume. \$50

FIDELINO DE FIGUEIREDO

Bibliotheca de Estudos Historicos Nacionais:

- A Critica litterarja como sciencia.**—2.^a edição seguida de uma Bibliographia portuguesa de critica litteraria, 1910 e 1914. \$50
- Antologia geral da litteratura portuguesa.** \$40
- Caracteristicas da litteratura portuguesa**—Reimpressão revista . . . \$30
- Estudos de litteratura** (artigos varios). \$70
- Estudos de litteratura** (2.^a serie) \$70
- Historia da critica litteraria em Portugal.**—Da Renascença á actualidade.—Esboço historico, 2.^a edição revista e seguida de appendices documentarios. 1 grosso volume \$70
- Historia da litteratura classica.**—(1502-1825). Com uma introdução sobre a litteratura medieval e as origens do humanismo. \$20
- Historia da litteratura realista.**—(1871-1900). 1 vol. \$80
- Historia da litteratura romantica.**—(1825-1870). 1 vol. \$80
- O Espirito Historico.**—Introdução á Bibliotheca.—2.^a edição seguida de uma Bibliographia portuguesa de theoria e ensino da historia, 1910 e 1915. 1 vol \$30
- Portugal nas guerras europêas.**—Subsidios para a comprehensão d'um problema de politica contemporanea. 1914 \$30

A. Epiphany da Silva Dias

SINTAXE HISTORICA PORTUGUESA

1 vol. encadernado.

2\$00

JOSÉ JOAQUIM NUNES

GRAMATICA HISTORICA DA LINGUA PORTUGUESA FONETICA E MORFOLOGIA

1 volume

2\$00

JOÃO LUCIO D'AZEVEDO

Evolução do Sebastianismo

1 volume.

\$70

Historia de Antonio Vieira

1.º volume

1\$50

RICARDO JORGE

Contra um plagio do prof. Theophilo Braga

1 volume

\$70

REVISTA DE HISTORIA

(PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL)

Orgão da Sociedade Portuguesa de Estudos Portugueses

Louçada pelo Ministro da Instrução Publica em Portaria
de 9 de Dezembro de 1914

7 volumes a 1\$60

10\$60

Numero avulso

\$40

EM PUBLICAÇÃO O 8.º ANO